



Relato de sonhos, conquistas, vivências e sentimentos de economistas domésticas, engenheiros-agrônomo e engenheiros florestais formados em 1970 na UFV. Esperamos que estas experiências sejam úteis para os jovens na busca de uma utopia plausível de um desenvolvimento agrícola para o país com justiça e equidade.



SONHOS, CONQUISTAS e MEMÓRIAS

Jubileu de Ouro da Turma de 1970



SONHOS, CONQUISTAS e MEMÓRIAS

Jubileu de Ouro da Turma de 1970

2ª Edição



Sonhos, Conquistas e Memórias:

Jubileu de Ouro da Turma de 1970

Coordenadores

José Antônio Obeid
Alfredo Kingo Oyama Homma
Aloísio Teixeira Gomes
Jarbas Yukio Shimizu

Editores

José Antônio Obeid
Alfredo Kingo Oyama Homma
Aloísio Teixeira Gomes
Jarbas Yukio Shimizu
José Batuíra de Assis
José Tarcísio Barbosa
Morethson Rezende
Ataíde Jorge de Oliveira
Elza Maria Marques Vieira
Lúcia Aarão Marques
Antônia Presciliana Guedes de Sousa
José Geraldo Fernandes de Araújo
José Rubens Ferreira Fontes

Sonhos, Conquistas e Memórias:

Jubileu de Ouro da Turma de 1970

Edição comemorativa dos 50 anos de formatura de Economistas Domésticas,
Engenheiros-Agrônomos e Engenheiros Florestais da Universidade Federal de Viçosa



Viçosa, MG – 2021

Revisão

José Tarcísio Barbosa

Organização do conteúdo

Mariana Lourenço Silva e José Antônio Obeid

Diagramação

José Roberto da Silva Lana (Beto)

Capa

José Roberto da Silva Lana (Beto)

Fotos

José Antônio Obeid

Apoio bibliográfico

Narjara de Fátima Galiza da Silva Pastana
Luiza de Marillac P. B. Goncalves

1ª edição impressa: 2020

Primeira edição eletrônica revista e ampliada: 2021

S698
2021

Sonhos, Conquistas e Memórias : Jubileu de ouro da turma de 1970 / coordenadores José Antonio Obeid, Alfredo Kingo Oyama Homma, Aloísio Teixeira Gomes, Jarbas Yukio Shimizu. – Viçosa, MG : O Autor, 2021.

499 p. : il. ; 29 cm.

ISBN: 978-65-00-34330-4

1. Memórias. 2. Biografia. 3. História. 4 Agronomia. 5. Economia Doméstica. 6. Engenharia Florestal. I. Obeid, José Antonio. II. Homma, Alfredo Kingo Oyama. III. Gomes, Aloísio Teixeira. IV. Shimizu, Jarbas Yukio. V. Título.

CDD 22. ed. B869.3

Ficha catalográfica preparada por Fábio Jaderson Miguel Reis - CRB6/3030

O CÂNTICO DA TERRA

Cora Coralina (1889-1985)

Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.

Eu sou a fonte original de toda vida.
Sou o chão que se prende à tua casa.
Sou a telha da cobertura de teu lar.
A mina constante de teu poço.
Sou a espiga generosa de teu gado
e certeza tranquila de teu esforço.

Sou a razão de tua vida.
De mim vieste pela mão do Criador,
e a mim tu voltarás no fim da lida.
Só em mim acharás descanso e Paz.

Eu sou a grande Mãe universal.
Tua filha, tua noiva e desposada.
A mulher e o ventre que fecundas.
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.

A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.
Teu arado, tua foice, teu machado.
O berço pequenino de teu filho.
O algodão de tua veste
E o pão de tua casa.

E um dia bem distante
a mim tu voltarás.
E no canteiro materno de meu seio
tranquilo dormirás.

Plantemos a roça.
Lavremos a gleba.
Cuidemos do ninho,
do gado e da tulha.
Fartura teremos
e donos de sítio
felizes seremos.



Reitoria

A Turma do Cavanhaque de Urubu (1967-1970)

ECONOMISTAS DOMÉSTICAS

Alice Rosa de Almeida	Lenina Carvalho Landi Pereira
Ana Maria Siqueira Resck	Lethy Dayssy de Las Mercedes V. Orelana
Antônia P. Guedes de Sousa	Lígia Fideles de Souza
Arinda Caetano Oliveira	Lúcia Aarão Marques
Eliana Maria Carvalho Romeiro	Lycia Amorin Vieira
Eliana Mortimer	Maria Alice Borges
Elza Maria Marques Vieira	Maria Antônia Fialho
Etelvina Fernandes da Rocha	Maria das Graças Almeida de Sena
Geraldina Maria Rosa	Maria José Ferreira da Silva
Gesmair Milagres	Maria Nazareth de Oliveira
Heloísa Helena Batista	Marsinha Vieira
Ilsa Maria Almeida de Sena	Nágila Rocha
Ireny Queiroz Pinto	Sônia Carvalho
Ivone Cardoso Machado	Valdenice Moreira Simões
Lenilce Maria Sá Fortes	

ENGENHEIROS-AGRÔNOMOS

Aido Padoin	Élcio de Abreu e Silva
Alba Luci Machado da Silva Rego	Elto Eugênio Gomes e Gama
Alberto de Vasconcelos Costa	Enio Fernandes da Costa
Alberto Martins de Rezende	Ermiton Botelho dos Santos
Alencar de Campos Valadares	Ernani de Moraes Peloso
Alexandre Aad Neto	Eudaldo Nunes Dourado
Alfredo Kingo Oyama Homma	Eurípedes Barsanulfo de Souza
Aloísio Geraldo Soares Osório	Evode José dos Santos
Aloísio Teixeira Gomes	Francisco de Paula Castro Filho
Alvacir Barbosa Ribeiro	Fredolino Giacomini dos Santos
Antônio Carlos de Freitas	George Henrique Kling de Moraes
Antônio Cloves Fonseca Homem	Geraldo Antônio de Andrade Araújo
Antônio de Bastos Garcia	Geraldo Antônio Ferreira
Antônio Pereira Armondes	Gil Tiago de Souza
Antônio Rodrigues Teixeira	Gilberto Chohaku Sedyama
Ataíde Jorge de Oliveira	Giovani José Carvalho
Aurélio Augusto de Sousa Filho	Hélio Catsumi Matsucuma
Carlos Sigueyuki Sedyama	Hélio Kajiwara
Cheogi Hassui	Hermeval Guerini
Danilo Celso Santana	Humberto de Melo Carneiro
Delson Freitas de Moraes	Ilídio Dyrceu Almeida de Carvalho
Denis Soares de Moraes	Itamar Pereira de Oliveira
Denis Vilela Lemos	Ivan José Ferreira
Deonésio Moreira da Silva	Jaime Rezende do Valle
Derli Prudente Santana	João Batista da Silva
Edson Teixeira Filho	João Bosco de Carvalho
Eduardo Marciano Lopes	Joaquim Resende Pereira

José Aloísio de Carvalho
José Antonio Obeid
José Carlos Cruz
José Domingos Fabris
José Garibalde dos Santos
José Geraldo Fernandes de Araújo
José Joaquim Ferreira
José Leite de Andrade
José Mauro Chagas
José Rodrigues Teixeira Filho
José Rubens Ferreira Fontes
José Tarcísio Barbosa
Júlio da Silva Rocha Júnior
Laércio Zambolim
Lélio de Pinho Tavares
Leodózio Antônio Paste
Leonardo de Britto Giordano
Leôncio Manoel de Oliveira
Lúcio Lívio Fróes de Castro
Lúcio Louzada Cordeiro
Luiz Carlos Peixoto de Oliveira
Luiz Cláudio Gallerani Penedo
Luiz Guilherme Barbosa
Márcio Soyka dos Santos Silva

Marcos Joaquim Matoso
Maurício Landi Pereira
Mendel Guimarães Bernardes
MerciaI Lima de Arruda
Morethson Resende
Níbio Milagres Teixeira
Nicolau Senna Neto
Nilson Milagres Teixeira
Oclécio Rodrigues Ferreira
Paulo César Resende Fontes
Paulo Rogério Canabrava
Pedro Salgado Brandão
Renato Ribeiro de Carvalho
Rodrigo Otávio M. de Sousa Lima
Rolf Puschmann
Ronaldo Pedrosa Gomes
Sebastião de Oliveira
Sílvio Roberto Fereguete
Sinval Neves Miranda
Tarcízio de Andrade Araújo
Vicente Paulo Campos
Wilson Ferreira da Fonseca
Wilson Jesus da Silva

ENGENHEIROS FLORESTAIS

Ademar de Araújo
Antônio Marcos da Silva Araújo
Carlos Antônio Saraiva de Sena
Dansaburo Nishi
Humberto Ribon Neto
Jairo Francisco de Barros
Jarbas Yukio Shimizu
João Álvaro Carneiro
João Moreira Ferreira da Silva

José Alves da Silva
José Batuíra de Assis
José Luiz Pereira Resende
José Reinaldo Maffia
Liésse Alexandre Said
Mauro Vaz de Mello Megale
Renato Ladeira Costa
Sérgio Pereira de Mello

Sumário

Apresentação, *11*

Capítulo 1

Autobiografias, *17*

Economistas Domésticas, *19*

Engenheiros-Agrônomos, *58*

Engenheiros Florestais, *238*

Capítulo 2

Coletânea de Experiências Singulares, *273*

Capítulo 3

O Clube Cavanhaque de Urubu, Histórias e Casos, *311*

Capítulo 4

Crônicas Cavanhaqueanas, *351*

Capítulo 5

O Clube Cavanhaque de Urubu: Uma sinopse histórica, *379*

Capítulo 6

Músicas – Paródias – Sátiras da época da UREMG e UFV, *385*

Capítulo 7

O Discurso que “ainda” não foi proferido..., *394*

Capítulo 8

Galeria de fotos, *403*



Quatro Pilastras – Estudar, Saber, Agir e Vencer

Apresentação

Alfredo Homma e Aloísio Teixeira Gomes

Este livro reúne 124 biografias completas de colegas de um total de 147 que concluíram o curso de agronomia (101), engenharia florestal (17) e economia doméstica (29) em 1970, e foram aprovados no vestibular de 1967 da então Universidade Rural do Estado de Minas Gerais. São basicamente biografias da turma denominada, já no início de 1967, após o vestibular, de “Cavanhaque de Urubu”. Algumas poucas biografias de colegas que foram muito ligados ao convívio com a turma também estão no conjunto. É o caso de colegas que vieram ou foram transferidos de outras escolas, outros que estiveram na turma, mas concluíram o curso no ano seguinte, além de alguns que perderam o curso ou foram transferidos para outro local, até por razões políticas. Os demais resumos biográficos são coletâneas de informações de domínio público, organizadas pelo Obeid, com algumas inserções dele e de outros colegas.

Todos tinham um ponto em comum na época, o curso em regime seriado, que consolidava o convívio e a amizade como grupo único, bastante diferente do atual sistema de matrícula por disciplinas. Na consolidação destas biografias, deve-se destacar o esforço do colega José Antônio Obeid, cobrando, de forma insistente, os seus relatos pessoais. A História será extremamente grata por esta dedicação.

Chegamos à plena juventude, com hormônios à flor da pele, sem problemas de colesterol, pressão sanguínea, PSA, glicose, triglicérides, entre outros, cujos indicadores nem existiam na época. Esta falta de conhecimento médico levou ao falecimento precoce de Clóvis Cardoso Neto, ainda como estudante, e de Luiz Carlos Peixoto de Oliveira (1942-1978) e do Márcio Soyka dos Santos Silva como os primeiros profissionais vindo a falecer.

Constituímos famílias, demos o melhor do nosso conhecimento para nossas atividades, ajudando, de forma direta e indireta, os produtores rurais e a sociedade no sentido mais amplo. Esperançosos, sonhadores, estávamos na alvorada de uma longa e imprevisível jornada. Aonde a vida nos iria conduzir? Que sonhos e projetos seriam alcançados? Primeiro emprego? Comprar um fusquinha? Casar? etc. Que dificuldades iríamos enfrentar? A vida prática é diferente? Toda uma vida, inteiramente nova, se descortinava agora frente a cada jovem profissional.

Uma característica marcante das biografias é a procedência rural e a dedicação às atividades agrícolas da quase totalidade dos familiares dos graduados, o que contrasta com a origem urbana da atualidade. Não se quer com isso menosprezar ou invalidar as novas gerações, pois muitas pessoas provenientes do meio urbano se revelaram grandes profissionais no campo da agricultura. Um preconceito bastante comum está relacionado com a ojeriza para profissões não agrícolas como médicos, dentistas, advogados, jornalistas, empresários, entre outros, que desempenham um papel importante para garantir o desenvolvimento rural no país. Na nossa própria turma, temos três egressos que depois cursaram direito, um cursou medicina, dezenas são empresários, políticos, entre outros exemplos.

Os cursos de agronomia e de engenharia florestal representavam profissões essencialmente masculinas, inversão verificada na atualidade. Tivemos uma exceção com a transferência da colega Alba Luci Machado da Silva Rego, que se tornou a única representante do sexo feminino a integrar a nossa turma de agronomia. Já o curso de ciências domésticas constituía uma profissão essencialmente feminina.

Além da origem rural, a maioria dos estudantes se caracterizava pela pobreza familiar, privilégio não exclusivo dos profissionais das ciências agrárias. O sucesso na graduação dependeu de muitas senhoras Aurora Soares de Abreu e de pequenos produtores como o senhor José Rodrigues Teixeira. Cursar a Universidade e a vinda para Viçosa implicava sacrifícios familiares, acreditando no valor da formação universitária como ascensão socioeconômica, o que se concretizou para todos os egressos. Isto mostra que a educação, associada à dedicação e ao trabalho, funciona como verdadeiro motor para a ascensão social no país.

Para vencer as dificuldades financeiras, muitos dependeram da ação de pessoas e sentiram o tempo fazer uma curva ou parar. Este tipo de relato da Maria de Nazareth de Oliveira está presente em muitas biografias, seja por parte das mãos dos pais, dos parentes, dos amigos, entre outros:

“Como estudar sem deixar o trabalho, que era o meio de sobrevivência para mim e para a minha família? Decidi, então, escrever um ofício ao Magnífico Reitor, Dr. Edson Potsch Magalhães (1914-2008), pedindo autorização para estudar e trabalhar. Ele, prontamente, marcou uma audiência para a semana seguinte. Dias difíceis! Nunca tive tanta dor de barriga! Tremia da cabeça aos pés quando fui a seu encontro. Para minha surpresa, ele veio me receber na porta com a maior simpatia: “Meus parabéns, jovem! Tenho em mãos o seu ofício e já está tudo combinado com a Dona Dorinha. Você vai ter lá o seu cantinho na secretaria para trabalhar, quando não estiver em aula”. Assim, radiante, tornei-me a primeira funcionária-estudante da antiga UREMG”.

O que teria acontecido se o Magnífico Reitor tivesse negado? Em termos atuais, uma decisão desta natureza talvez fosse impensável, pois implicaria aspectos legais, trabalhistas ou políticos. Mas uma ajuda sempre é possível e importante em qualquer circunstância em se tratando de oportunidade de educação!

Nossa Árvore da Turma 1970, uma sapucaia (*Lecythis pisonis* Cambess), uma tenra mudinha plantada em cerimônia com poucos participantes, no dia 16 de dezembro de 1970, é a testemunha silenciosa do nosso desenvolvimento profissional. Quem vai cuidar da nossa árvore nos anos futuros?

Cinquenta anos depois da formatura, juntamos alegria com tristeza. Dos 147 graduados, 41 são de colegas que faleceram ao longo deste trajeto. Cedo ou tarde, também vamos nos despedindo dos nossos colegas, dos nossos familiares, dos amigos, dos profissionais que conosco compartilharam as nossas lutas, enfim, da sociedade.

Esta é a razão maior do presente livro. Com meio século de experiência, não poderíamos ser omissos com relação a esta contribuição final para os mais novos, para aqueles que exercem atividades voltadas ao setor agrícola do país, considerando os rumos a serem tomados. Passamos por treze presidentes da república, a população brasileira passou dos 90 milhões de habitantes da canção do Miguel Gustavo (1922-1972) para mais de 210 milhões de habitantes e a produção de grãos, que era inferior a 40 milhões de toneladas, passou para mais de 250 milhões de toneladas.

Escolhemos para servir profissionalmente, ainda na adolescência, esta maravilha que é a agricultura brasileira. Assim o fazendo, presenciamos e participamos das suas mudanças mais significativas. Não queremos atribuir este acontecimento de forma egoísta apenas aos egressos da Turma do “Cavanhaque de Urubu”, diplomada em 1970 pela Universidade Federal de Viçosa. Temos que compartilhar estas conquistas com todos da nossa geração.

Na nossa turma tivemos um reitor, pró-reitores, deputado estadual, prefeitos, secretário de estado, secretários municipais, presidente de federação de agricultura estadual, presidente de instituições públicas de assistência técnica, chefes adjuntos da Embrapa, diretores de instituições públicas, presidentes de sindicatos, presidentes de associações de engenheiros-agrônomos e de engenheiros florestais, entre outros. Onze colegas receberam títulos de Cidadãos Honorários Municipais e uma, o título de Cidadã Estadual, Comendador, entre outras condecorações, comprovando o reconhecimento por parte da sociedade. Tivemos destaques no campo científico, com colegas professores e pesquisadores de renomadas universidades e de instituições de pesquisa, com penças de premiações nacionais e internacionais. No campo empresarial, destacamo-nos com o pioneirismo de dezenas de empresários com atuação em diversas áreas do setor privado, gerando emprego e renda.

Queremos prestar uma homenagem especial àqueles profissionais que trabalharam em contato direto com os produtores, sentindo suas angústias, procurando levar sonhos e esperança de um futuro de vida melhor. Verdadeiros profissionais do meio rural, hoje em extinção, que fizeram da ajuda aos pequenos produtores o seu sacerdócio.

Em um momento em que o mundo critica a Amazônia, promovem-se seminários mundo afora e se publicam textos nas mais prestigiadas revistas internacionais, o povo da região está querendo oportunidades de emprego e renda. Destaca-se a simplicidade do Jaime Rezende do Valle (1943-2004), responsável pela introdução do cultivo da laranjeira em uma comunidade do interior do estado do Amazonas. Isso teve repercussão estadual, razão da homenagem póstuma 15 anos após o seu falecimento, dando o seu nome a uma escola. Podemos nos orgulhar de que cada colega relatou sobre o esforço e o engajamento de elevar o desenvolvimento rural no local do seu trabalho.

Este livro relata não só as vitórias e lutas. Tivemos também grandes decepções que sentimos, assistimos e vivenciamos ao longo de meio século de jornada. Decepções profissionais, políticas, familiares, tristezas, custo de decisões equivocadas, trágicas perdas de vidas, injustiças, ciúmes, inveja, entre outros. É perceptível, nas entrelinhas das diversas biografias, a sensação de que algo maior poderia ter sido feito em favor do desenvolvimento agrícola do país.

Tivemos grandes ministros da agricultura como Luís Fernando Cirne Lima, Alysson Paolinelli, Marcus Vinicius Pratini de Moraes e Roberto Rodrigues, que merecem os nossos maiores elogios. Esperamos que a atual ministra, Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias, primeira Ministra da Agricultura Pecuária e Abastecimento egressa da UFV, deixe uma marca indelével na agricultura nacional e reduza as nossas decepções com relação ao seu desenvolvimento.

As falhas das políticas agrícolas foram a causa das nossas maiores decepções para um melhor desempenho do nosso trabalho em favor dos produtores rurais. A grandeza da agricultura brasileira teria sido muito maior se não tivesse havido os atropelos das políticas agrícolas brasileiras.

Ao longo destes 50 anos, a cada encontro da turma, as lembranças ficam mais distantes e as recordações passam a ser enevoadas! É nossa alegria mostrar aos genros, noras e netos, além, é claro, de exibir as fotos dos filhos e contar um pouco da história deles. Fizemos tudo por eles para que se tornem bons cidadãos para o país.

Enquanto nos despedimos, a nova geração terá um brilhante futuro pela frente, vencendo as dificuldades que surgirem, pois isto faz parte das nossas vidas. Com o lançamento deste livro, estamos promovendo um reencontro, um momento de alegria e confraternização, pois estamos a nos despedir, compartilhando as reminiscências das

nossas almas, nossas mentes, nossos corações. Serão essas recordações o fio condutor de um breve esvoaçar ao passado já distante! Setentões caminhando para octogenários, a pátina do tempo coloriu de branco nossos cabelos, um pouco ou muito mais ralos, enquanto ocorrem o andar com mais dificuldade, os lapsos de memória, as coleções de medicamentos etc. Aconselhamos os colegas a seguir o exemplo do José Rodrigues Teixeira Filho, que escreveu o livro *Uma História de Vida e Superação*, um relato autobiográfico solo, relatando sua experiência profissional, sobre a qual todos têm uma história a repassar.

Com este relato de vida aprendemos, mesmo tardiamente, que passamos a compreender melhor nossos colegas. Para melhorar o relacionamento e a produtividade entre os colegas de trabalho ou de grupos, é importante conhecer suas origens, suas lutas e os desafios enfrentados, entre outros.

Como ponto final não poderíamos deixar de registrar neste livro por ocasião da sua atualização (09/07/2021) a terrível pandemia da doença COVID 19, causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, identificado pela primeira vez em seres humanos em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, China, e, em 26 de fevereiro de 2020, em São Paulo. Segundo a OMS morreram mais de 4 milhões de pessoas no mundo, mais de 601 mil nos Estados Unidos e mais de 528 mil no Brasil, segundo país mais atingido.

Por infelicidade, um colega foi atingido por esta moléstia cinco dias antes do início da vacinação no país em 17 de janeiro de 2021. Seremos lembrados como a geração de idosos que sobreviveu a esta grande catástrofe mundial. Decorrente da pandemia, a comemoração alusiva aos festejos dos 50 anos de formatura marcados para o período 11 a 13 de dezembro de 2020, foram cancelados.

Esta assustadora pandemia mostrou a fragilidade da Humanidade perante um vírus medido em nanômetros (um milionésimo de milímetro). O recado deste triste episódio é que precisamos melhorar no país a aplicação de recursos para os serviços de saúde pública, segurança alimentar, educação, transporte urbano e políticas sociais em favor dos desfavorecidos.

Esperamos que, no período pós-pandemia, o país adote novas formas de relações de trabalho, melhore o sistema de comunicação digital, prioridade de pesquisa médica para zoonoses, maior controle com relação à corrupção, ações concretas para a Amazônia e um desenvolvimento agrícola mais sustentável.

Fazemos aqui um destaque especial para a família, refúgio sagrado, porto seguro a nos amparar nas tristezas, aconselhar, apoiar e aplaudir nossas ações. Pais, irmãos, esposas, filhos, em suma, aquela família ampliada que nunca nos faltou, à qual agregamos os amigos, verdadeiros irmãos por escolha. Quem não tem passado e amigos não viveu, não serviu, não tem história! Simplesmente passou pela vida! A todos vocês, nosso respeito, nosso agradecimento, nossa homenagem.

Finalizando, gostaríamos de expressar nossos sinceros agradecimentos a todos os colegas que enviaram as biografias, alguns até com dificuldades em razão de enfermidades. Também aos familiares, colegas e amigos dos falecidos que não mediram esforços para enviar as reminiscências, recuperando dados perdidos e esquecidos pelo longo tempo decorrido, mas cuja lembrança é para nós muito cara e útil para os leitores.

Boa leitura para todos!



Plantio da mudinha de sapucaia, marco da nossa jornada profissional. **Da esquerda para a direita:** Roberto da Silva Ramalho, José Carlos Ribeiro (1942-2008), Nairan Felix de Barros, Sebastião Moreira Ferreira da Silva (1938-2013), criança não identificada, José João Junqueira. **Primeiro plano:** Diogo Alves de Mello (1893-1988) (pai do nosso colega de Turma Sérgio Mello), Mauro Vaz de Mello Megale. 16/12/1970. Gentileza: Jarbas Yukio Shimizu



A frondosa sapucaia na comemoração dos 45 anos de formatura em 2015. Da esquerda para a direita: Alfredo Homma, Aloísio Teixeira Gomes, José Tarcísio Barbosa, Eduardo Marciano Lopes e esposa e Carlos Sigueyuki Sedyama. Nossos votos que esteja viva e altaneira em 2070 quando completar um século de existência.



Biblioteca Central

Capítulo 1

Autobiografías



Departamento de Fitotecnia



Economistas Domésticas

Alojamento Feminino

ALICE ROSA DE ALMEIDA - “JUBUBA”



“Manhã de sol, dia 04 de abril, os Almeidas em Inhumas, GO, se acham em regozijo com o nascimento de Jujuba. Só pelo fato de vir ao mundo enrubesceu, o que provocou verdadeiro pânico nos seus, pensando tratar-se de uma brasa.

Esse fato também nos impressionou bastante nos primeiros meses de convivência na UREMG (UFV hoje). Jujuba, muito alegre e faceira, sempre presente em festejos íntimos, se ocupava principalmente no preparo dos comestíveis. Sua elegância era especialmente no todo, quando, às 19 horas, seu futuro próximo, Condé, vinha apanhá-la no bate-papo noturno. Só podíamos contar com

ela depois das 21 horas.

Graças à sua pontualidade, responsabilidade e conhecimentos técnicos, recebeu o codinome de “Manual do Professor Alex”. Mostrou ser grande apreciadora do ritmo moderno quando treinou, incansavelmente, durante quatro horas, os passos de dança de uma só música. Graças a isso, perdeu pelo menos dois quilos em uma noite. Sua maior paixão foi ter ficado de segunda época em estatística, de tanto medir a probabilidade de seus planos e futuros compromissos com a família.

Ainda bem que Alberto não se importou com o fato: mesmo estatística da amada. A prova aí está. Certo é que a maior Esperança Matemática é ser cunhada do professor. Enquanto aguarda o dia do casamento, Alice Rosa de Almeida oferece um cafezinho em Inhumas, GO, na Avenida Domingos Neto, 434”. Essa história foi escrita por Ana Maria Resck, na época da minha graduação.

Atualmente, estou casada com Alberto dos Reis Condé. Tenho três filhos e cinco netas. Moro em Goiânia, GO, em uma casa construída por nós há 44 anos, em um bairro que, no início, só tinha a minha casa na quadra e agora está cercada por prédios por todos os lados. Trabalhei apenas cinco anos depois de casada, mas os filhos chegaram e optei por me dedicar integralmente à família.

Hoje sou aposentada. Meus três filhos se formaram em odontologia. Uma filha trabalha e mora em Franca, SP. Construímos uma clínica odontológica ao lado na nossa casa, a Odonto Condé, onde meus dois filhos trabalham. Um abraço!

Meu endereço é Rua T 64, quadra 147, lote 10, n 654. Setor Bueno. Goiânia, GO. CEP: 74 230 110. Para conhecer a clínica Odonto Condé, visite o site. www.odontoconde.com.br.

ANA MARIA RESCK EXEL PITTA



Apresentação- A pedido do colega e amigo Aloísio Teixeira Gomes, o famoso fogueteiro, escrevo a biografia da Ana, ou melhor **Ana Resck**, que seria a autora de sua **autobiografia**. Confesso que, além de quase impossível descrevê-la por onde ela passou, fica longe da minha realidade encarnar essa figura que viveu com todos muito intensamente não só o percurso de sua vida antes, durante e depois da UFV, mas como minha amiga, parceira, esposa e mãe dos nossos três filhos. Portanto, com saudade imensa, pois ela nos deixou em 8 de junho de 2018.

Tentarei, dentro dos meus limites de conhecimento e principalmente emocionais, discorrer um pouco sobre sua GRANDE HISTÓRIA.

Minhas origens - Nascida em Três Corações, MG, em 25 de novembro de 1943, cresceu com nove irmãos. Os pais Ignácio Resck e Margarida Siqueira Resck, há muito falecidos, são também originários da Região no Sul de Minas. A infância e a adolescência, passou em Três Corações, onde teve a oportunidade de cursar o primário no Grupo Bueno Brandão e, tanto o ginásio como o científico, no Colégio Estadual da Cidade. Durante sua adolescência, participou de atividades ligadas ao Colégio e a eventos sociais e políticos da época, os quais estavam em franco desenvolvimento, não só em Minas, mas como no Brasil, principalmente o movimento estudantil.

O ingresso na UFV - Com a forte e marcante vontade de estudar, principalmente fora da cidade, algo a levou a Viçosa e lá prestou vestibular em fevereiro de 1967, sendo admitida no curso de ciências domésticas em março daquele ano. Na época, quando vestibulanda e, posteriormente, após matrícula na Universidade, residiu no próprio alojamento, agora oficialmente batizada como Pica-Couve. Com o início das aulas, entre outros contrarrazões que por lá passaram, encontrou, fazendo curso de mestrado, o Leo Gambá que, além de “perturbá-la” como caloura, ajudou-a na adaptação à vida universitária.

O curso de economia doméstica - Na época, como um dos três cursos da Universidade, havia encantos e desencantos como todo curso, mas a adaptação à vida universitária foi sem dificuldades. As disciplinas básicas do primeiro ano não deixaram de trazer preocupações, principalmente estatística, dada pelo professor Condé, que quase ficou louco com Ana. O tempo foi passando e as matérias com suas dificuldades peculiares. No segundo ou terceiro ano, como exigência de uma das matérias, teria que preparar um almoço e o convidado foi o Gilson Pitta, já como namorado e também provador-cobaia. Quase um estresse sem precedentes, mas no final deu tudo certo. A habilidade natural de fazer amizades, o refinamento, o senso de humor e a astúcia para a gozação e encenação, como também para críticas, fizeram sua distinção na turma das pica-couves como também entre os meninos.

Vida profissional - Em julho de 1971, Ana e Gilson Pitta, já casados, foram morar em Campo Grande, MS, onde ele já estava trabalhando junto ao Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária do Oeste (IPEAO), do Ministério da Agricultura. Lá, ela trabalhou como “auxiliar de pesquisa” até fevereiro de 1972. Em seguida, mudamos para Piracicaba, SP, e em outubro de 1974/1975, Gilson foi admitido pela EMBRAPA em Sete Lagoas.

Em Sete Lagoas, Ana passou a maior parte como professora de inglês em escola privada. No intervalo entre 1980 e 1983, fomos para Inglaterra para o Ph. D. do Gilson e lá, a Ana não exerceu nenhuma atividade profissional, ocupando-se apenas com cursos de inglês. Ela se aposentou em 2006 e era conhecida por uma grande parte da população estudantil da cidade como **Misses Pitta**.

Minha família - Em razão das andanças do Gilson, saímos de Piracicaba em 1974 com o nosso primeiro filho, André. Em 1975, nasceu Fernanda e, por último, em 1978, nasceu Eleonora, ambas em Sete Lagoas.

André é arquiteto e mora em Belo Horizonte, solteiro. Fernanda é psicóloga, mora em Sete Lagoas e tem três filhos: Davi (11), Isabela (8) e Pedro (2). Eleonora tem uma menina, Ana Beatriz, de sete anos, e temos também uma enteada, neta de coração, a Clara,

de 13 anos. Portanto, Deus nos fez muito felizes por termos cinco netos, que curtimos muito, tamanha é a felicidade.

Esta é e sempre será minha família. **O MEU AMOR AGORA ESTÁ EM OUTRA DIMENSÃO**

Comentários finais - Creio que, dentro das minhas limitações, pude deixar registradas algumas “passagens” da Ana Resck no livro de bodas de ouro do Cavanhaque. Todavia, certo estou de que muitas outras situações e casos mais trabalhados virão através dos colegas de turma da UFV nas figuras de fatos engraçados ou não, que representaram sua vida universitária entre 1967 e 1970.

Agradeço a difícil tarefa, mas uma maravilhosa oportunidade de perpetuar o que Ana Resck foi para todos nós. Muito obrigado!

Gilson Pitta

ANTÔNIA PRESCILIANA GUEDES DE SOUZA



Minhas origens - Num belo amanhecer de 09 de agosto de 1948, nascia em terras capixabas, na fazenda de vô Bernardino, de nome Feliz Destino, em São Pedro do Itabapoana, município de Mimoso do Sul, ES, o segundo filho, na verdade uma filha, de Hugo Monteiro de Souza (1907-1972) e Yolanda Guedes de Souza (1922-1992). Foi batizada, em homenagem a suas avós, com os nomes de ANTONIA (avó materna) **PRESCILIANA** (avó paterna) mas, para a família, amigas e colegas, eu sempre fui apenas a Toninha. Quando eu tinha um ano de idade, minha família se transferiu para Cachoeiro de Itapemirim, onde permaneci até dezembro de 1970. Ingressei

oficialmente no Grupo Escolar Graça Guardiã aos sete anos de idade. Aos dez, já cursava o 1º ano do ginásio no Colégio Cristo Rei. Em 1964, iniciei o curso de “normalista”, curso obrigatório para todas as moças de família da época (curso de professora primária), que iria garantir um trabalho para as jovens portadoras de tal diploma. Lembremo-nos de que, naquela época, as moças eram educadas para se casar cedo. Paralelamente ao curso de professora, frequentei o curso científico, hoje ensino médio, no Liceu Muniz Freire, tendo em vista meu sonho de continuar os estudos para obter uma profissão que não fosse a de professora primária e fazer uma faculdade. Meu sonho era de ser arquiteta!

O ingresso na UFV - Terminava o ano de 1966. Findos os cursos de professora e o científico, veio a grande dúvida: e agora, o que fazer? Ao externar para minha família a vontade de estudar arquitetura, recebi um grande “não” por parte de minha mãe, que se opôs pelo fato de não existir, no Espírito Santo, faculdade de arquitetura. Dessa forma, eu teria de ir para o Rio de Janeiro. Não era comum naquela época as moças saírem de casa para trabalhar ou estudar. Saíam sim, mas pelo braço do marido. Foi aí que apareceu um anjo com o nome de Lúcia (hoje Piu) para me convidar a ir a Viçosa tentar o vestibular para o curso de ciências domésticas. Meu pai, apesar do pouco estudo, era um homem de visão no futuro e sua preocupação era que eu tivesse uma profissão e fosse uma mulher independente, fosse eu solteira ou casada. Um amigo seu havia lhe contado que sua filha era formada em Viçosa, em economia doméstica, e estava empregada na Nestlé, com um bom salário. Esse conhecimento foi suficiente para que ele enfrentasse minha mãe e me

autorizasse a ir para Viçosa. Assim cheguei a Viçosa no início de 1967, em companhia de Lúcia e Elza, sua prima. Nos apresentamos no alojamento feminino, na então UREMG - Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, iniciando a preparação para as provas do vestibular. Vale lembrar que ficamos alojadas no 4º andar, onde já estavam Alexandrina, estudante do 4º ano, e sua irmã Lenina, candidata ao vestibular como nós. Encantadas com a universidade e com a vida no campus, logo nos entrosamos com outras colegas e formamos um grupo sempre unido: Lúcia, Elza, Lenina, Ana Resck e as baianas Graça e Ilsa. Juntas, íamos para aula, para o refeitório e a passear pelo campus. Logo se juntou a nós o Pedrinho e o Chiquinho, estudantes do vestibular para agronomia. Vencido o vestibular, começa nosso sonho da faculdade. Nessa época havia, na universidade, apenas três cursos: agronomia, engenharia florestal e ciências domésticas, carinhosamente apelidados de pica-fumo, pica-pau e pica-couve, respectivamente. Nunca poderíamos imaginar o quanto teríamos que nos esforçar para chegar ao sucesso no fim dos quatro anos. Como foi difícil vencer matérias como a química do Walter Brune, a bioquímica do Zé Lombriga, a microbiologia do Chaer, sem deixar de lembrar a matemática do Condé. Quando cursava o 3º ano, fui convidada pela direção da Escola a ser monitora no curso de administração do lar, mantido pela ESCD, na matéria de têxteis, durante um semestre. Participei do Teatro Universitário em duas peças: *Toda donzela tem um pai que é uma fera* e *Testemunha de acusação*. Os quatro anos vividos no campus da Universidade até hoje me trazem saudades. Foram anos de muito estudo, de viradas de noite a estudar na “semana do cachorro” para conseguir notas que garantissem nossa virada de semestre no azul; em compensação, nas noites, após o jantar, nos reuníamos para bate-papos e paqueras no DAAB e, aos fins de semana, quando não íamos para a cidade, ao cinema ou para o Braseiro dançar, sempre aconteciam noites dançantes no DAOK e DAAB. Lembranças inesquecíveis dos campeonatos de vôlei e basquete no campus da UFV quando as turmas se reuniam para torcer por seu clube. O nosso era o do “Cavanhaque de Urubu”. E a tradicional Festa Junina - um evento à parte, esperado por todos. Na universidade, me acostumei, enfim, a ser chamada por Antônia.

Minha vida profissional - Tudo começou com um convite para uma avaliação feita pela ACAR-ES para selecionar profissionais para a extensão rural no Espírito Santo, em fins de 1970, em Viçosa. Aprovada, em março de 1971 fui designada para a área social do escritório municipal de Colatina, ES. Lá fui eu, de “mala e cuia”, para enfrentar a vida profissional. Em Colatina, o trabalho compreendia orientar as famílias rurais no aspecto SAÚDE e ALIMENTAÇÃO e organizar a liderança adulta em grupos para a promoção do desenvolvimento das comunidades rurais. Os jovens entre 15 e 24 anos eram orientados na formação de liderança em grupos para promoção de cursos voltados ao conhecimento das atividades rurais. Em janeiro de 1973, fui para Nova Venécia, ES, onde assumi o controle do Programa de Desenvolvimento da Juventude Rural, convênio UNICEF-ABCAR-CMD. O Programa tinha como objetivo a fixação do jovem no campo e, para este fim, todo um trabalho de treinamentos e conscientização era feito com a participação das lideranças formais do município, reunidas no CMD - Conselho Municipal de Desenvolvimento. Foram quatro anos de trabalho árduo, mas muito compensador. Em 1976, desliguei-me da EMATER-ES por motivo de casamento. Não eram permitidas mulheres casadas na extensão rural. Afastada do trabalho formal por seis anos, dediquei-me à família. Em 1982, ingressei no BANCO DO BRASIL, na agência de Nova Venécia, e fui viver uma nova experiência. No banco, descobri o quanto me identificava com a área de crédito e financiamento, em especial, o rural. Especializei-me na área de análise de pessoas físicas e jurídicas, com o objetivo de financiar as atividades rurais, comerciais e industriais, ocasião em que fui fazer parte do NUCAC-Vitória, na

superintendência do Banco do Brasil em Vitória, ES. Esta experiência durou até 2007, quando me aposentei.

Minha família - Em abril de 1976, casei-me e, em 2003, me divorciei. Em agosto de 1977, mudei-me para Marabá, PA, só regressando em definitivo para o ES em 1981. Morei de 1981 a 2001 em Nova Venécia. Atualmente, resido em Vitória, ES, desde 2001. Tenho três filhos: Andrea, nascida em 06/07/77, casada com Evandro Ferreira Leite, mãe de Nathan (9 anos) e Felipe (2 anos); Patrícia, nascida em 03/01/1980, mãe de Vinicius (15 anos) e de Gustavo, nascido em 28/12/1983, casado com Helena Lorencini Amorim. Todos residentes em Vitória e Vila Velha.

E-mail:presciliana9@hotmail.com

Telefones: (27) 3324-9544 e (27) 99948-1146

Endereço: Rua Oscar R. Oliveira 575/104, Bairro Jardim da Penha, Vitória (ES).

ARINDA CAETANO DE OLIVEIRA

Fila no restaurante da UFV. A partir da esquerda: Geraldina Maria Rosa, Nara Lobato e Arinda.



Nasci em Alegre, ES, em 03/07/1945, filha de Edgard Rodrigues Oliveira, empresário, e Arinda Gonçalves Oliveira, dona de casa.

Meus irmãos: Ayr Rodrigues Oliveira (arquiteto), Ayr Oliveira Vargas (contadora), Adyr Rodrigues Oliveira (advogado), Anália Gonçalves Oliveira (funcionária pública), Antônia Maria Oliveira

Almeida (professoras de letras/espanhol), Sueli Oliveira Quinones (médica cardiologista) e Solange Oliveira Candal (contadora).

Minha infância transcorreu tranquila no casarão da Rua Francisco Teixeira, em Alegre, frequentando o ensino fundamental e as aulas particulares de piano e artes. Nas férias, havia os passeios à Fazenda São Francisco, do vovô Juca (José Caetano Gonçalves), onde hoje são as aulas práticas da CAUFES, e as brincadeiras pelo campo com os primos e os irmãos. E, no verão, as temporadas na praia.

Frequentei o curso Normal (Curso de Formação de Professores) no Colégio Estadual e Escola Normal Aristeu Aguiar, concomitantemente com o curso técnico em contabilidade na Escola Técnica de Comércio de Alegre, concluindo ambos em 1963.

Em 1964, após prestar concurso para o magistério estadual/ensino fundamental, assumi cadeira no meio rural, onde permaneci até 1967, quando iniciei o curso superior de ciências domésticas.

Na verdade, fui a Viçosa apenas acompanhando minha irmã Sueli, que estava interessada em conhecer a Universidade, mas ela acabou optando por cursar a Faculdade de Medicina em Vitória.

Decidi, então, prestar vestibular em Viçosa, um arroubo que resultou numa experiência extraordinária: a vida no alojamento, em meio a meninas de diferentes origens e valores diversos. Os conhecimentos adquiridos nas variadas disciplinas do curso e o dia a dia do campus foram, sem dúvida, fatores de amadurecimento da minha personalidade.

Concluído o curso superior de ciências domésticas, sem participar dos festejos da formatura, fui trabalhar no ensino agrícola do estado de São Paulo, inicialmente no

Colégio Técnico Agrícola de Presidente Prudente e depois no Colégio Técnico Agrícola de Santa Cruz do Rio Pardo.

Em 1973, contrai nupcias com Augusto Carlos Garcia de Oliveira, engenheiro florestal, também formado em Viçosa, e fomos residir em Santa Maria, RS, onde Augusto lecionava no curso de engenharia florestal da UFSM. Naquela cidade, lecionei economia doméstica no Colégio Sant'Anna, educandário particular.

Passamos a residir em Belo Horizonte em 1975 e, no ano de 1981, fixamos residência em Vitória, ES, onde lecionei em colégios polivalentes e cursei pós-graduação em planejamento educacional.

Posteriormente, prestei novo concurso e tornei-me analista judiciária do TJES. Vale acrescentar que, concluído o curso de direito na Universidade Federal do Espírito Santo, cursei pós-graduação em direito civil e direito processual civil.

Após me aposentar no TJES e cumpridas as exigências legais, filiei-me à OAB/ES.

Tenho um filho, Augusto Carlos Garcia de Oliveira Júnior (engenheiro mecânico), casado com Tatiana Lucindo Palmeira (pedagoga), pais de Pedro e Cecília. E uma filha, Catherine Garcia de Oliveira Moulin (analista judiciária), casada com Felipe Bertrand Sandeberg Moulin (juiz de direito), pais de Valentina e João Felipe.

ELIANA MARIA CARVALHO ROMEIRO



Sou nativa da gema, viçosense de alma e de coração. Minhas escaladas da vida tiveram seu começo no CASB, o famoso grupo da praça, onde concluí o curso primário.

Como para quase todas as meninas da minha época, a Escola Normal N. S. Carmo foi a minha segunda etapa de aprendizado. Minha formação como professora começou no colégio. O curso Normal era totalmente voltado para formar professoras e as Irmãs Carmelitas da Escola Normal me influenciaram na vida profissional.

Em 1967, iniciei o curso de economia doméstica na UREMG, mas a vocação para o magistério estava comigo.

Lecionava à noite numa fazenda, na Escola Rural Dom Bosco, onde desenvolvi o gosto pelo ensino.

Após minha formatura na UFV, fui aprovada no concurso PREMEM e para a Escola Estadual Polivalente na vizinha cidade de Ponte Nova, onde trabalhei até 1974.

Sobre esse projeto, essa escola, eu teria muito a dizer. Sua excelência no ensino era comparável às escolas de primeiro mundo porque, além das disciplinas básicas do currículo, eram também ministradas disciplinas práticas como educação para o lar, técnicas agrícolas, técnicas comerciais e artes industriais. Do Colégio Polivalente, trago boas lembranças e me orgulho de ter participado desse projeto. Nele aprendi a conviver com os jovens e isso me fez bem na arte de ensinar, aprender e praticar. Pena que esse projeto não mais exista!

Em 1975, ingressei na UFV como professora do curso de economia doméstica, através de um concurso para a área de economia familiar, onde permaneci até minha aposentadoria.

Em 1976, casei-me com Reginaldo da Silva Romeiro, nativo de coração desde seu primeiro ano de vida. No início de 1977, fomos para os Estados Unidos, a princípio aperfeiçoando o inglês, em Michigan. Depois, fomos ao estado de Ohio, na Ohio State University, onde cursei o mestrado em *Household Equipment* e *Home Management*.

Reginaldo fazia disciplina para o curso de doutorado em fitopatologia na mesma universidade. Permaneci em Ohio para terminar a minha tese, enquanto que Reginaldo foi para outra universidade, em Missouri, para trabalhar em sua tese.

Finalmente, em julho de 1980, ao terminar nossos cursos, retornamos ao Brasil e, de volta à nossa amada Viçosa, mais um degrau foi alcançado na minha vida de professora.

De volta à UFV, planejei e implementei o Laboratório de Equipamentos Domésticos onde desenvolvi projetos de pesquisas, ministrando aulas e trabalhos de extensão, focando nas áreas de ergonomia, consumo de energia, design, eficiência de desempenho e educação do consumidor.

Construímos a nossa família logo depois. Nossos filhos vieram em seguida: Reginaldo Filho, Sílvia e Pedro. Hoje, já formados e casados. Já tenho um neto, o Francisco.

Reginaldo, infelizmente, faleceu em 2010. Eu, aposentada, os filhos já encaminhados na vida, cuido da minha mãe, também professora aposentada, em quem me inspirei nas diretrizes do saber. Ela completa agora 101 anos de vida.

Ao me aposentar em 1995, pude refletir sobre minha trajetória na UFV, no amor e na alegria que sempre tive de ser uma viçosense bastante orgulhosa de ter, em sua terra natal, a UFV, uma das universidades mais bonitas do mundo.

Este é um pequeno depoimento de uma nativa da gema!

ELIANA MORTIMER (1945-2001)



Suas origens - Eliana nasceu no dia 04 de junho de 1945, na Fazenda São João de Sabinópolis, município de Sabinópolis, MG. Veio à luz pelas mãos de uma parteira, junto com sua irmã gêmea Eliete.

Na cidade de Guanhães, MG, vizinha ao município de Sabinópolis, residiu com os seus pais, Carlos Mortimer (1914-1977) e Rachel Nunes Mortimer (1924-1983), juntamente com seus quatorze irmãos, quando ainda jovem e adolescente. Nessa cidade, estudou e concluiu os cursos denominados, à época, de primário, ginásial e normal, onde foi professora de alfabetização de adultos,

lecionando no Grupo Escolar Padre Café.

A fazenda era o destino certo em todos os períodos de férias escolares da família, sempre acompanhada por outros familiares e amigos. Ali viveu momentos inesquecíveis: os banhos no Rio Guanhães e nas cachoeiras, entremeados com pescarias, passeios a cavalo, passeios em carros de boi, trilhas na mata, tomar leite no curral, entre outros, eram as diversões favoritas. O dia das “quitandas” de D. Rachel, feitas em forno a lenha, com a ajuda de todos os filhos, era um capítulo à parte. Parecia a preparação para uma grande festa que acontecia toda semana. Era na fazenda, também, que se produzia quase a totalidade dos alimentos consumidos pela família. Queijo, cachaça e rapadura eram os produtos mais tradicionais da propriedade.

O ingresso na UFV - No ano de 1966, com o apoio dos pais, seguiu para a cidade de Viçosa, MG, juntamente com sua irmã Eliete, onde prestaram exames e foram aprovadas no vestibular ao curso de ciências domésticas da então Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), depois transformada na atual Universidade Federal de Viçosa (UFV), onde já se encontrava fazendo o curso de agronomia seu irmão Gilberto Mortimer (1943-2004), grande influenciador para a sua opção por essa Universidade.

O curso de ciências domésticas na UFV - Sua vida universitária na UFV também era rica em momentos inesquecíveis, não só no cotidiano da sua condição propriamente de estudante, quando diariamente tinha aulas com professores dedicados e companhia amistosa de colegas de diversos cursos, como, também, pela participação em atividades de interesse da organização estudantil e em eventos sociais extracurriculares. Eliana, ou Brisa, apelido recebido como caloura, sempre foi integrada a essas diversas atividades e esteve sempre presente às programações socioculturais do seu Clube Cavanhaque: festas juninas, jogos olímpicos, apresentações musicais, churrascos, teatro, entre outras. Não dá para esquecer as brincadeiras e a alegria decorrente em momentos como a saída de ônibus para o centro da cidade nos fins de semana, as chacinhas com os colegas, a “semana do cachorro” e a “semana do gambá”. As comemorações do “Dia do Soldado”, em frente ao alojamento feminino, foram momentos que marcaram a memória daquela nossa geração de estudantes!

No dia 15 de dezembro de 1970, Eliana colou grau de bacharela em ciências domésticas na Escola Superior de Ciências Domésticas (ESCD) da UFV.

Vida profissional - Logo após sua formatura, foi morar em Belo Horizonte, onde iniciou sua vida profissional ensinando corte e costura para alunas do “curso de educação para o lar” na escola polivalente do município de Betim, uma unidade de extensão da Universidade Católica de Minas Gerais. Após o nascimento do primeiro filho, em 1974, decidiu dedicar-se à família, enquanto os filhos necessitassem de mais atenção. Mais tarde, retomando suas habilidades em corte e costura, abriu uma confecção onde fabricava desde roupas de cama, mesa, cortina, até uniformes e camisaria feminina e masculina. Posteriormente, a convite de sua irmã Cláudia, foi assumir a direção de um restaurante (Divininha), de comida mineira na cidade de Maceió, AL, onde permaneceu por quatro anos. Era muito querida por todos os clientes e se destacava pelos dotes culinários.

Dados familiares - Foi casada, durante 14 anos, com Celso de Carvalho Guimarães, engenheiro-agrônomo, também formado pela UFV. Morou em Belo Horizonte, onde nasceram seus três filhos: Alexandre Mortimer de Carvalho Guimarães, Celso de Carvalho Guimarães Junior e Raquel Mortimer de Carvalho Guimarães. Teve três netos, um de cada filho: Luiz Cláudio (1994-2015), falecido precocemente em acidente automobilístico, Mateus (2009) e Helena (2012). Conheceu apenas o neto Luiz Cláudio, já que Mateus e Helena nasceram após seu falecimento. Eliana, mãe e avó dedicada, é lembrada com saudades e muito amor por familiares e amigos.

Nota: esta biografia foi escrita por **Eliete Mortimer Jordão**, irmã gêmea de Eliana (Brisa), e por sua filha **Raquel Mortimer de Carvalho Guimarães**, a quem agradecemos o empenho em nos deixar tão ricas recordações de nossa saudosa colega e amiga BRISA.

Lembranças de nossa saudosa colega Brisa - escrita por **Elza Maria Marques Vieira**: Tivemos uma convivência muito próxima nos tempos da UFV. Além de estudarmos sempre juntas, também compartilhamos muitos momentos alegres em festas, passeios em cachoeira, viagem à fazenda de sua família em Guanhões, entre outros. Era uma pessoa extremamente delicada, calma, sorridente e sempre disposta a ouvir e ajudar a quem precisasse.

Em relação ao estudo, eis uma das passagens que me marcaram: Estávamos estudando atrás do DAOK, eis que bate uma fome, quando resolvemos “assaltar” um experimento de plantação de pêssegos que existia nesta redondeza. Nós duas, pé ante pé, segurando o riso, eis que surge o professor (parece que seu nome era Oto) que, muito educadamente,

nos chamou à atenção dizendo: “Meninas, cuidado! Estes pêssegos têm veneno”. Ficamos desarmadas e envergonhadas, mas, ao mesmo tempo, morrendo de rir. Coisas da juventude e dos tempos de Viçosa! Como ia muito a Belo Horizonte, sempre trazia novidades no campo da moda. Aliás, ela tinha grande tendência para a área de vestuário, que chegou a ser o seu campo profissional.

Ficaram muitas saudades dessa querida colega! Senti muito que o percurso da vida de cada uma de nós nos separou. Não tivemos oportunidade de nos reencontrar. Mas, sua presença ficou para sempre! Foi com muita dor que soube de sua doença e posterior falecimento. Saudades, saudades!!! “O passado não reconhece seu lugar: Está sempre presente...” Mário Quintana

Maravilhosas Lembranças da Nossa Querida Colega Brisa

Foi um grande presente recebermos a doce Brisa no nosso primeiro ano na UREMG (UFV). Logo nos identificamos com ela e nos tornamos quase inseparáveis! Éramos Elza, Lenina, Toninha, eu (Lúcia Piu) e ela, Brisa.

Diversão na cidade: lanches, cinema, dança no Braseiro. Jogos Universitários, festas juninas na Vila, cachoeira, viagens, sempre presente em nossos encontros!

Era ótima no vestuário, matéria que eu não dominava nada bem! ELIANA MORTIMER fez jus ao codinome BRISA! Delicada, doce, educada, alegre... Saber da sua passagem desta vida foi triste, mas sabemos, com toda certeza, que está em Paz!

Doce Brisa, doces lembranças, que estarão sempre em nossos corações e nas minhas orações!

Texto escrito por **Lúcia Aarão Marques**.

ELZA MARIA MARQUES VIEIRA



“A lembrança é uma forma de encontro”.

Khalil Gibran

Minhas origens - Nasci na cidade de Castelo, ao sul do estado do Espírito Santo, no dia 07 de setembro de 1947, filha de Júlio Vieira da Cunha e Elza Marques Vieira. Fui a última de uma família de onze irmãos. Na adolescência, perdi meus pais num curto espaço de tempo entre um e outro. Período muito difícil, mas, com a união e o carinho entre as minhas irmãs e irmãos, fui aos poucos superando tamanha perda.

Fui alfabetizada em casa por Vera, uma de minhas irmãs, aos cinco anos de idade. Cresci numa família cuja maioria de minhas irmãs era professora, numa casa onde livros e revistas sempre foram uma constante, de modo que fui muito motivada a desenvolver minhas potencialidades para crescer em busca de uma profissão. Estudei no curso primário do Colégio Nestor Gomes e no curso Normal no Colégio Estadual João Bley na mesma cidade. Após a formatura no curso Normal em 1965, fiz concurso de ingresso para professora primária do estado do ES. Sendo classificada, passei a dar aula na Escola Rural de Patrimônio do Ouro, localizada no município de Castelo. Essa experiência contribuiu para futuros trabalhos profissionais na área de educação. Nesta época, iniciei os primeiros contatos com a extensão rural através da extensionista que trabalhava na área. Durante o ano de 1966, fui amadurecendo a decisão de, no próximo ano, tentar um vestibular e percorrer outros caminhos profissionais.

Como dois de meus irmãos, Armando e Luís, haviam se formado em agronomia e minha irmã Eloísa, em economia doméstica na UREMG e, desde criança, ouvia muitas histórias e “causos” dessa universidade, fui me motivando para, quem sabe um dia, lá também chegar.

O ingresso na UFV - A decisão final de ir estudar em Viçosa se deu com minha ida à formatura de meu irmão Luís no curso de agronomia em 1966. Encantei-me com tudo que vi e senti! Em janeiro de 1966 fui, juntamente com minha prima Lúcia (Piu-Piu), fazer o cursinho para o vestibular do curso de economia doméstica, graduando-me na UFV em 1970.

Outro ciclo se iniciou, levando-me a pedir exoneração do cargo de professora primária do estado do ES. Estudar em Viçosa possibilitaria, por um lado, conseguir uma bolsa de estudo do serviço de extensão rural, ou do SESI-ES; por outro, emprego ao término do curso. Estudei com bolsa do SESI mas, como não trabalhei na instituição, o compromisso era de repor o valor da bolsa, o que foi cumprido.

Os anos em Viçosa foram vividos com muita intensidade! A vida universitária se descortinava com todo esplendor! Novos conhecimentos, novos amores, colegas de diferentes estados e países traziam com elas culturas e hábitos diversos, expressando subjetividades múltiplas. Os professores, por sua vez, eram dos mais compreensivos aos mais exigentes, mas dentro do respeito esperado na relação entre professor-aluno. Sempre mantive bom relacionamento com todos. Com algumas professoras, fortaleci laços de amizade.

Dificuldades? Tive algumas nas disciplinas de matemática e estatística, que não são meu ponto forte, mas superadas com muito estudo. A vida no alojamento foi um verdadeiro aprendizado em termos de respeito ao diferente, disciplina e o compartilhar de alegrias e tristezas, sem contar o compartilhar das comidinhas gostosas que recebíamos da família. Morei no apartamento B1 com colegas de várias turmas. Porém, Ireny (*in memoriam*) e Toninha permaneceram até o fim do curso. Da janela, eram contemplados a beleza dos ipês amarelos e roxos, a famosa “reta”, o trem que ali passava trazendo um clima bucólico à paisagem, fazendo os pensamentos flutuar num gostoso ir e vir. Dentre muitos fatos marcantes, destaco alguns: nas aulas de bioquímica do professor José “Lombriga”, os reagentes nunca davam certo e ele dizia para termos fé!!!! As aulas de vestuário (que dificuldade no corte e costura) e os desfiles que a professora Fialho organizava. Tudo muito hilário!!! As aulas de anatomia do Dr. Raimundo, às 7h da matina, quando respondíamos presença e corríamos para o café no refeitório. O carinho do professor Walter Brune, por nós apelidado de Tio Bruny, que se esmerava para nos ensinar química. Era muito fofo! A Marcha Nico Lopes, as passeatas de 1968, e nós com toda valentia gritando “Abaixo a Ditadura”!!!

Várias foram as colegas de estudo: Piu-Piu, Lenina, Toninha, Ana Resck, Brisa, Ireny, as três últimas (*in memoriam*). Estudos esses que se revezavam com momentos de muitas risadas! Com essas amigas que já partiram, compartilhei, além desses momentos de estudo, sentimentos profundos de amizade.

As festas nos diretórios acadêmicos eram embaladas por um matiz musical, indo dos Beatles, da Jovem Guarda, Simonal, Chico, às músicas protestos. Quem não se lembra: “quem sabe faz a hora não espera acontecer...” (Vandré). “Éramos felizes e não sabíamos...” como diria Bob Marley. Os trotes? Hoje em dia, rimos deles, mas, naquela época, eram um tanto desagradáveis, levando-me a dar umas “engrossadinhas”, tanto que recebi o apelido carinhoso de “MAISENA”.

Minha vida profissional - Em 1971, fui selecionada para o ensino técnico agrícola do estado de São Paulo, indo trabalhar no colégio agrícola da cidade de Jaú, onde fiquei responsável pelo refeitório da escola. Esse trabalho foi um tanto frustrante e tumultuado. O ensino técnico estava sendo estruturado, faltavam recursos para a execução das atividades pertinentes e havia atraso no pagamento, de modo que pedi exoneração dentro de quatro meses.

Após essa experiência, fui trabalhar na cidade de São Paulo como professora num centro de treinamento para professoras da área de educação para o lar. Lá permaneci até o final de 1971. De 1972 ao primeiro semestre de 1975, trabalhei no Colégio Técnico Industrial de Ribeirão Preto, lecionando disciplinas para o curso técnico de economia doméstica. Ensinar para adolescentes me fez reciclar conhecimentos não somente do ponto de vista técnico, como também metodológico. Isso me proporcionou uma experiência significativa na área de educação. Nessa mesma cidade, ministrei aulas na UNAERP para o curso de preparação de professoras para a área de educação para o lar. Viver em Ribeirão Preto foi outra experiência muito rica em termos de amizade, vida social e crescimento profissional. Mas, algumas inquietações começavam a “borbulhar”, pois sentia a necessidade de galgar outros patamares, fazer um curso de mestrado, ir para uma universidade federal. Eis que, de repente, surge uma oportunidade na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Fui selecionada como professora Auxiliar de Ensino para o curso de economia doméstica que se encontrava em fase de reestruturação. Fui escolhida, também, para dirigir o Departamento de Ciências Domésticas.

Sair de Ribeirão Preto para a capital de Pernambuco foi uma mudança radical em vários aspectos, mas válida, porque Recife me descortinou outro mundo não só em termos acadêmicos, mas também no cultural, histórico e político. A vida acadêmica me proporcionou aprofundar conhecimentos sob várias perspectivas, participando de cursos tanto no país como no exterior, seminários, congressos... Entre eles: Curso de *Gender and Development* na University of Saint Mary em Dalhousie-Halifax, Canadá, Palestra sobre *Consumer Education* em Trinidad and Tobago, entre outros. Em 1978, fui selecionada para o curso de mestrado em extensão rural da Universidade Federal de Santa Maria, RS, curso esse que me ampliou muitos conhecimentos na área de estudo escolhida, como também me despertou para a escolha do tema da dissertação de mestrado, “Mulher Rural”, visto que os estudos sobre a mulher, àquela época, eram insignificantes, sem dizer da mulher rural, uma invisível no contexto das políticas agrícolas.

Após o término, voltei para a UFRPE, onde continuei nas atividades de ensino, mesclando com as de pesquisa e extensão. Coordenei algumas pesquisas relacionadas à mulher rural em convênio com a Universidade Guelph, Canadá, tendo como grande suporte técnico a Dra. Eleonora Cebotarev (*in memoriam*), que apoiou também outros cursos de economia doméstica no Brasil. Fui coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher, do Departamento de Ciências Domésticas da UFRPE. Essa experiência contribuiu com reflexões pertinentes para algumas mudanças no currículo do curso. Vida universitária pulsante, surgindo novos aportes teóricos no campo das ciências sociais, abertura política, movimentos sociais se solidificando como feminismo. Participei do Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro, como parte da extensão universitária, desenvolvendo pesquisas com mulheres da periferia urbana de Recife.

Fui presidente da Associação Brasileira de Economia Doméstica, Seção Pernambuco, durante os anos 1984 a 1986. Durante esse mandato, tive a oportunidade de presidir o Congresso Brasileiro de Economia Doméstica, realizado em Recife em 1985. Como parte das atividades da Associação, vários cursos, simpósios e debates foram organizados sobre temas pertinentes à profissão.

Publiquei vários trabalhos na Revista OIKOS, em anais de congressos e em outras produções acadêmicas. Como uma das disciplinas ministradas no curso de economia doméstica foi educação do consumidor, estive presente em vários eventos sobre essa temática no Brasil como também no exterior, conforme já citado.

Eu me aposentei anos atrás, mas continuei trabalhando em projetos de consultoria voltados para mulheres pescadoras e da periferia urbana, na perspectiva de empoderamento e descoberta de alternativas de renda.

Continuo morando em Recife, estudando filosofia na Escola Nova Acrópole, em busca da SABEDORIA. Sigamos em frente na caminhada...!!!!

Elza Maria Marques Vieira
Recife, 08 de abril de 2019

ETELVINA FERNANDES DA ROCHA



Minhas origens - Nasci em Muniz Freire, ES, no dia 22/08/1947, filha de Manoel Fernandes da Rocha e Carly Merçon Fernandes. Somos nove irmãos, sendo que a Cléia também é pica-couve, formada no clube Carcará. Passei minha infância em Muniz Freire até os sete anos e depois me mudei para Cachoeiro de Itapemirim, onde cursei o ensino primário no Colégio Cristo Rei e o ginásial no Liceu Muniz Freire. O ensino médio fiz na Escola Normal Pedro II, em Vitória, ES.

Ingresso na UFV - Meu sonho era ser advogada, mas, influenciada por duas primas e por minha irmã Cléia, que já cursavam economia doméstica na UREMG, resolvi seguir também o caminho delas. Em janeiro de 1967, fui para Viçosa, onde me preparei para o vestibular. Aprovada, iniciei o curso em março de 1967.

Já como caloura, me entusiasmei pela Universidade e pela vida no campus. No decorrer do curso, fiquei meio desanimada com as matérias vestuário e preparo de alimentos. Odiei a matéria de física e, mais ainda o professor, mas, com esforço, fui aprovada como bacharel e licenciada em ciências domésticas.

A vida social era animada e cheia de amizades e paqueras. Bom mesmo eram os fins de semana, quando íamos para a cidade aproveitar os divertimentos: cinema, lanches e dançar no Braseiro ou no campus, nos dançantes do DAAB e DAOK. Lembro-me com saudade dos jogos universitários, quando a turma se unia para prestigiar o clube Cavanhaque de Urubu. Também não posso deixar de me lembrar das Festas Juninas com suas atrações, em especial o Correio Romântico, e da excursão a Patos de Minas e Ouro Preto. Tempo que deixou saudades.

Minha vida profissional - Enfim, o que era bom acabou e a batalha começou!

Fui admitida na ACAR-ES em 02/02/1971 para trabalhar no escritório local de Linhares. Em seguida, prestei serviços em Barracão de Petrópolis e São Mateus, demitindo-me em 24/01/1974. Fui para Brasília, ingressando na COBAL - Companhia Brasileira de Alimentos até 30/06/1974. Em 01/07/1974, fui para o INAN – Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição, saindo em 28/02/1975. Na sequência, fui para a Sociedade de Pesquisa e Desenvolvimento do Planalto em 06/1975, dedicando-me até 10/1975, quando passei para uma nova experiência no convênio INCRA/OCB até 02/1976. A meu pedido,

fui transferida para Vitória, ES, em 21/07/1977. Em 01/11/1981, concursada pelo INCRA, fui admitida como técnica em educação.
Aposentada, a pedido, em 22/08/1995.

Minha família - Minha família, hoje, compõe-se de seis irmãos, cunhados e cunhadas, com seus filhos e netos. Essa é a família que amo, pois vivemos em harmonia e sempre nos dando as mãos em nossas dificuldades.

Por opção, não me casei, mas curti bem minha vida em todas as oportunidades: passei, viajei, namorei e me diverti.

Resido atualmente em Vitória, ES.

Endereço: Rua Dr. João Batista Miranda Amaral, nº 241, Apto. 303, Bairro Jardim Camburi, Vitória, ES

Telefone: (27) 99970-7032; e-mail: etelva@hotmail.com.

GERALDINA MARIA ROSA HASHIMOTO



Todo mundo curioso para conhecer a minha história, não é? Por isso, andaram me procurando como agulha no palheiro. Pois bem, vou relatar como vocês tiveram a oportunidade de um dia me conhecer...

Por vontade e bondade de DEUS, no dia 28 de junho de 1945, neste lindo país Brasil (Terra de Santa Cruz), no estado do Espírito Santo, na cidadezinha de Jerônimo Monteiro (antiga Vale do Souza), lá no bairro Boa Sorte, em um pequeno sítio chamado Santa Rosa, eu nasci, a sétima filha do casal João Gomes da Rosa e Maria Thereza Princisval Rosa.

Ele, carinhosamente conhecido como Jota ou Jotinha, e ela D. Maricota. Meus pais tiveram mais filhos. Em ordem decrescente, Angelina (Luzia, Vitalino, Sebastião, João in memoriam), José Jorge, eu (Geraldina) e Antônio Geraldo.

Meu nome, Geraldina, é uma homenagem à minha avó paterna e tenho muito orgulho em ter esse nome. Crescemos na roça e, desde pequenos, nos foi ensinado a valorizar o trabalho. Tínhamos muitas obrigações a cumprir e isso nunca nos prejudicou. Muito pelo contrário, sempre nos enalteceu e colaborou para a nossa formação familiar e profissional. Nosso lar sempre foi simples, mas muito feliz e, assim, depois de 7 anos, comecei minha vida escolar no antigo primário, nos anos de 1953 a 1956, no Grupo Escolar “Coronel Xavier”.

Tive sempre excelentes professores, mas recordo-me com carinho de D. Alda de Almeida Costa Caiado, minha primeira, sempre comprometida e dedicada à formação dos alunos. Naquela época, era comum para as mulheres estudar pouco; para os meus pais, finalizar o primário já seria suficiente. Por isso, em 1957, não estudei. Passei a aprender a costurar, bordar e afazeres do lar. No entanto, em 1958, resolvi seguir os conselhos de alguns vizinhos e voltei para a escola e cursei o ginásio no Ginásio Vocacional Sabino Pessoa na cidade de Jerônimo Monteiro.

Minha mãe me ajudou a pagar a escola. D. Maricota lavava roupas de três famílias, pois a renda do sítio não era suficiente para os estudos.

No ano de 1961, eu terminei o ginásio. Nos anos de 1962 a 1964 fiz o curso de magistério. O primeiro ano do curso foi no colégio de freiras em Alegre, cidade próxima. Nos dois últimos anos, cursei no Colégio Aristeu Aguiar, também localizado na cidade de Alegre. Formada em magistério, em 1965, recebi o convite para ir cursar administração do lar na cidade de Viçosa, MG. Retornei em 1966 e comecei a trabalhar num curso de formação em economia doméstica.

Eu tinha muitos sonhos e não estava contente. Queria fazer um curso superior. Em 1967, ingressei na UFV (Universidade Federal de Viçosa), na cidade de Viçosa, no curso de economia doméstica, cuja duração foi de quatro anos. Desse período, guardo, com muito carinho e saudades, lembranças dos professores, colegas e amigos. Não poderia deixar de citar, em especial, minha amiga Ana Resck, à qual faço esta homenagem póstuma e agradecimento singelo, pois ela se lembrou de mim e se preocupou comigo em não deixar minha página em aberto. Ana, muito obrigada por tudo! Que DEUS, em sua infinita misericórdia, a tenha em sua glória.

Gostaria ainda de acrescentar que, durante esse período, também fiz parte do coral, fui bolsista da UFV, na qual trabalhava por cerca de duas horas nas dependências da biblioteca e depois no departamento de têxteis e vestuário. Participei, também, do Projeto Rondon no Município de Grão Mongol, MG.

Fiz estágio na ACAR-MG em Uberaba e, também, fiz estágio e algumas visitas, na Nestlé, em São Paulo. Tenho ótimas lembranças dessa época, em especial dos bailes, encontros da turma nos quartos, dos coquetéis etc., do bom humor da Ana que fazia muitas piadas com tudo que nos acontecia. Ela sim, era uma humorista nata!

Muita saudade, também, do saudoso reitor Prof. Dr. Edson Potsch Magalhães que, carinhosamente, me chamava de Rosinha; da Prof^a. Dra. Lígia, nossa diretora, que muito me apoiou e acolheu em momentos de dificuldades familiares. Não poderia deixar de mencionar, também, a Prof^a. Dra. Dorinha, que me incentivou a voltar para Viçosa.

Quero, em especial, agradecer à “Marzinha”, querida amiga, que fez questão de me ajudar, a fim de que eu pudesse participar da festa de formatura, presenteando-me com o tecido do vestido. Foi com muita alegria que confeccionei o meu vestido! E o sapato?! Vocês se lembram?! Eu achei no descarte da escola e usei com muito orgulho nas festividades da formatura da turma do curso de “Pica Couves”.

Depois de formada, para ganhar o pão de cada dia, fui trabalhar numa escola técnica de economia doméstica que funcionava junto com o “Colégio Agrícola Augusto Tortolero Araújo”, na cidade de Paraguaçu Paulista, no interior do estado de São Paulo. Adquiri muita experiência nesse colégio, onde fiquei por dois anos e meio. Depois fui transferida para o curso pluricurricular, lecionando as matérias relacionadas à nossa formação. Fui assistente no departamento de tecnologia de alimentos na ESAPP (Escola Superior de Agronomia de Paraguaçu Paulista), onde fiquei responsável pelas aulas práticas. Exatamente nessa época, eu conheci o pai dos meus filhos, um japonês, conforme informou a Alice, e no ano de 1973 nos casamos.

Deus nos presenteou com quatro lindos e maravilhosos tesouros: Renato Augusto, Geraldine, Takahiko Júnior e Gabriel. Este último não chegou ao final da gestação, tudo de forma natural, assim como Deus quis.

Minha filha Geraldine, aos 28 anos, sofreu um AVC, vindo a falecer após 45 dias de muita luta pela sobrevivência. Faleceu, também, meu primeiro neto, Pedro Rafael, pois estava no sexto mês de gestação. Foi tudo muito doloroso; porém, Nossa Senhora me consolou muito. Um pouco mais tarde, do meu filho mais jovem, nasceu o segundo netinho – Tomás, hoje com cinco aninhos. Uma nova benção de DEUS para a família.

Eu me dediquei aos filhos e à minha casa por dez anos, abdicando-me da vida profissional. Não me arrependo disso, pois foi um período muito bom e prazeroso. Após esses dez

anos, retornei à vida profissional como funcionária da Prefeitura Municipal de Paraguaçu Paulista, coordenando um programa com crianças e adolescentes carentes, chamado de “Plataforma”. Depois disso, fui convidada a coordenar a merenda escolar da cozinha piloto, local onde fiquei até me aposentar.

Hoje, com mais tempo disponível, dedico-me a servir Jesus, levando-o às pessoas idosas e enfermas, pois sou ministra extraordinária da Sagrada Comunhão na minha paróquia.

Também tenho feito longas caminhadas, participando de três peregrinações em anos consecutivos de Paraguaçu Paulista, SP, a Bandeirantes, no Santuário de São Miguel Arcanjo (120 km percorridos durante quatro dias cada).

No corrente ano, dos dias 1º a 11 de outubro, fiz o “Caminho da fé” de Água da Prata até a cidade de Aparecida do Norte. Percorri 318 km. Foi uma experiência maravilhosa e abençoada. Agradeço a DEUS por tudo que Ele me deu no decorrer da minha vida e, em especial, à UFV, pois foi através dessa formação que eu pude me sustentar e ser quem sou hoje. Beijos a todos vocês e até o nosso encontro, onde teremos muito o que nos recordar.

GESMAIR MILAGRES NEVES

Nilson, Gesmair e Níbio, saudades.



Por meio de uma simples, mas valiosa história, também narrada pelos meus pais e outros familiares, eu, **Silvia Amélia** e minha irmã **Simone**, filhas de Gesmair, podemos agora homenagear essa grande mulher, esposa, filha e mãe, que sempre nos norteou com atitudes e palavras sábias. Ficamos realmente felizes com a oportunidade surgida justamente poucos meses após seu falecimento.

Origens - Minha mãe (Gesmair) foi a primeira de treze filhos a nascer “na cidade” e foi em Viçosa, MG, no dia 12 de junho de 1946. Seus pais eram Antônio Rafael Teixeira (1906-2003) e Amélia Milagres Teixeira (1912-1992). Meus avós sempre incentivaram os estudos. Por tal motivo, em meados dos anos 1940, mudaram-se para a cidade, situada a, aproximadamente 7 km da zona rural, onde criaram seus filhos mais velhos. Minha mãe cursou o primário e o ginásial (concluído em 1961) e o normal (1964) na Escola Normal Nossa Senhora do Carmo.

O curso de economia doméstica na UFV - Ainda em Viçosa, Gesmair ingressou, na primeira tentativa, no curso de economia doméstica da universidade federal daquela cidade e veio a concluir a faculdade no ano de 1970. Foi monitora na disciplina administração do lar durante um semestre. Sempre se lembrava com carinho dos colegas e dos professores de todo aquele período. Além disso, emocionava-se ao dizer que se formou no mesmo ano dos irmãos Níbio Milagres Teixeira (1948-1999) e Nilson Milagres Teixeira (1949-2018).

Vida profissional - Gesmair teve experiência em magistério primário nos grupos escolares Edmundo Lins, Presidente Bernardes, e Santa Rita de Cássia, todos na cidade de Viçosa, MG, por seis anos. Lecionou, também, no Ginásio Santa Rita de Cássia, em

Viçosa, durante um ano. Participou de cursos de atualização e aperfeiçoamento nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Entre os anos de 1971 e 1973, foi instrutora e administradora do refeitório do Colégio Técnico Agrícola Estadual de Adamantina, SP. Nessa época, conheceu seu futuro marido, Belmiro Pereira das Neves (1945-2010), meu pai, então colega de trabalho. Em seguida, entre 1973 e 1975, foi responsável pela administração de refeitório de instituições de ensino nos municípios de Jundiá e Cafelândia, ambos no estado de São Paulo.

Em Goiânia, GO, cidade que seria a sua escolhida para construir nossa família, ministrou cursos de alimentação no ano de 1980, na Associação Médica de Goiás. Sempre ativa até o fim de sua vida, realizou ainda vários trabalhos voluntários na capital goiana, em paróquias (em especial, a Paróquia São José), creches e hospitais. Entre 1986 e 1989, residiu em Piracicaba, SP, período em que meu pai concluiu seu doutorado e se dispôs a fazer trabalhos voluntários em pastorais de cunho social para o Seminário daquela cidade paulista.

Vida familiar - Em meados dos anos 1970, viveu alguns anos na cidade de Curitiba, PR, onde nasci, para que meu pai concluísse um mestrado. Na década seguinte, como já citado, moramos por três anos em Piracicaba, SP. Contudo, foi mesmo em Goiânia, onde minha mãe passou a maior parte de sua vida, que fez vários amigos.

O casamento com meu pai, pesquisador da Embrapa, foi em 1974. Eu me formei cirurgiã dentista, e minha irmã, administradora de empresas. Demos, nós duas, três netas à minha mãe: Cecília e Amanda, do meu casamento com Vinícius, e Natália, do casamento de minha irmã com Rafael Gustavo.

Minha mãe Gesa, como era chamada por familiares e amigos, contribuiu bastante com seus conhecimentos e esforços profissionais e voluntários, mas foi à família sua maior entrega. Isto sempre foi motivo de orgulho para ela e, principalmente, para nós.

Agradeço emocionada a oportunidade de relembrar e relatar um pouco da trajetória da minha saudosa mãe!

Com carinho e muito amor,

Filhas, genros e netas.

Goiânia, GO, 06 de abril de 2019



HELOISA HELENA BATISTA FERREIRA

Nascida no dia 04 de abril de 1948, em área rural conhecida como “Morro Seco”, situada no Distrito de Burarama, município de Cachoeiro de Itapemirim, ES.

Filha caçula de uma prole pequena (três irmãos). Meu pai: Pedro Batista, agricultor, filho de imigrantes italianos (12-02-1923 - 06-03-2003); Mãe: Maria da Glória Batista, professora, descendente de português e indígena, natural de Miracema, RJ (01-06-1918 - 30-10-2016).

Precoce, aos sete meses já falava e, aos seis anos, já sabia ler e escrever. Incentivados por minha mãe, mudamo-nos para Vala do Souza, distrito de Alegre (atual Jerônimo Monteiro), onde cursei o ensino preliminar no Grupo Escolar Coronel Xavier. Passando pelo exame de admissão, cursei até a terceira série ginásial no Ginásio Sabino Pessoa, quando nos mudamos para Cachoeiro de Itapemirim, novamente por influência de minha mãe, para continuarmos os estudos. Concluí o ginásio no Ateneu Cachoeirense, onde fui designada oradora da turma. Em

seguida, ingressei no magistério na Escola Normal Elysio Imperial, no colégio estadual “Liceu Muniz Freire” e, simultaneamente, no curso técnico de contabilidade, na Escola de Comércio Ateneu Cachoeirense, cursos estes concluídos em 1965.

Em 1966, nomeada professora primária pela Secretaria Estadual de Educação, fui lecionar em Santo Antônio do Oriente, Distrito de Venda Nova (município de Conceição do Castelo). Neste período, conheci Alcília Peixoto e Paranhos Barros (técnicos da ACARES) que me davam “carona” até Castelo, principalmente no período chuvoso, quando não passava ônibus.

Incentivada, principalmente por Alcília (economista doméstica), supervisora regional da ACARES, fui para Viçosa em 1967, fazer o curso de administração do lar, que tinha duração de um ano, com a pretensão de ingressar também na ACARES.

Incentivada a fazer a segunda chamada do vestibular do curso superior de ciências domésticas, por ter disponibilidade de vagas, peguei algumas aulas particulares de química e matemática e, sem ter nada a perder, fui fazer as provas. Sem criar expectativas, continuei meu curso de administração do lar quando, já no período de provas mensais, fui surpreendida pelas “veteranas” que me retiraram da sala de aulas, no departamento de decoração (aula da Professora Alaúne Amaral), para levar meu primeiro banho como “caloura”. Daí ter sido batizada com o carinhoso nome “ATRASADINHA”.

Entreí em desespero, pois era período de provas mensais e eu, sem ter assistido aula alguma, sem livros ou anotações, estudei com o apoio das novas colegas, virando noites copiando matérias. Tive notas baixas naquele primeiro mês em química, matemática e vestuário (logo eu que sabia costurar desde os 12 anos). Fiquei em apuros, com medo da reprovação. Mais aulas particulares de química e matemática com colegas da agronomia e eng. florestal foram necessárias ao longo do meu primeiro ano do curso de ciências domésticas.

Particpei do Programa de “Bolsa Rotativa”, sendo patrocinada pela Professora Maria Neila Guaquinto (então vereadora de Jerônimo Monteiro), no meu primeiro ano, recurso que eu complementava confeccionando roupas de festa para outras universitárias.

A partir do 2º ano, ingressei no Programa “Bolsa de Trabalho”, onde prestava duas horas de serviço por dia nos diversos departamentos e até na reitoria da universidade, garantindo, assim, alojamento e refeitório.

Sem poder visitar a família fora do período de férias, nas datas comemorativas como Dia das Mães, Semana Santa e outros feriados, era acolhida como filha pela família Barbosa (Sr. Barbosa e D. Maria Eugênia de Castro) que morava logo atrás do alojamento feminino.

Júlio Rocha e Paulo César Lima, ambos cachoeirenses, levavam minhas cartinhas aos meus pais e de lá traziam sempre uma caixinha com alguns agrados enviados por minha mãe. No alojamento, dividia espaço com Sonia, Etelvina e Lenilce, no 3º andar. Frequentava muito o DANA (Diretório Acadêmico Navarro de Andrade), onde passava bons momentos ouvindo música – “Tema de Lara” era a preferida. Tanto que fui presenteada com o disco “As 13 da Sorte”, que guardo até hoje com carinho.

No DAAB (Diretório Acadêmico Arthur Bernardes), era assídua frequentadora da piscina, mesmo sem saber “nadar”, acompanhando Sonia Carvalho. Até estudávamos na orla da piscina, principalmente filosofia, enquanto tomávamos banhos de sol. São boas recordações!...

No DAOK (Diretório Acadêmico Ocília Kümmel) aprendi a jogar “ping-pong” com os pacientes amigos japoneses (Jarbas, Helena, Preto, Sumiko e outros).

Em 1969, fui eleita Rainha da Primavera. Em 1970, época da Copa do Mundo de futebol, fui honrosamente convidada pelo amigo floresteiro José Batuíra de Assis, para ser sua madrinha de batismo, cerimônia realizada na Igreja Matriz Santa Rita de Cássia, no centro

de Viçosa, sendo padrinho José Garibalde dos Santos (Pimentinha). Grata recordação tenho do “Maninho,” Antônio Carlos Nogueira, do “Gato Preto”, que comigo dançou a valsa de formatura, juntamente com meu pai que lá compareceu.

Atividades profissionais - 1971 a 1999: Atuação nos serviços de extensão rural (ACARES/EMATER), desenvolvendo atividades educativas junto a produtores, mulheres, jovens rurais e lideranças comunitárias.

Principais ações: organização rural, educação sanitária, educação alimentar, coordenação e execução de treinamentos de capacitação de mão de obra em processamento de alimentos (conservas vegetais, processamento de frutas, leite e derivados, pescado, embutidos e defumados de carne suína), congelamento de alimentos, artesanato em geral, corte e costura, confecção de roupas íntimas e bolsas), visando a melhorias na qualidade de vida e aumento da renda familiar da comunidade.

Atividade mais intensa e desafiadora foi a coordenação do Programa Experimental de Educação e Organização da Juventude Rural no município de Santa Teresa, onde treinamentos nos setores primário e secundário (pedreiro, pintor, manicure, cabeleireiro e outros) eram realizados, congregando jovens rurais de Santa Teresa, Santa Maria de Jetibá e Santa Leopoldina, além de encontros municipais e regionais, seminários, exposições, convenções (estaduais e nacionais), capacitação de liderança de grupos, tendo acompanhamento permanente de técnicos de extensão rural e líderes de diversas outras unidades da Federação. Nesta fase, foram construídos e instalados mini-postos de saúde, quadras esportivas e centros comunitários em diversas comunidades, além de capacitação de lideranças em modalidades esportivas, em parceria com a escola agrotécnica federal (hoje IFES), Prefeitura Municipal de Santa Teresa, COOPEAVI e comunidades, além de recursos advindos do UNICEF, do PIPMO e LBA.

2000 a 2005: SENAR – Atuação como instrutora em treinamento de formação profissional rural na área de processamento de alimentos (vegetais, frutas e pescado) em diversos municípios do ES.

2005 a 2006: Prefeitura Municipal de Santa Teresa – Atuação junto à Secretaria Municipal de Agricultura e Desenvolvimento de Santa Teresa.

- Implantação do Programa de Qualidade (levantamento de interesses, planejamento, coordenação/execução de treinamentos de capacitação de público nas áreas rural e urbana).

- Identificação de lideranças e capacitação de oficinairos/facilitadores para atuação junto ao público alvo.

- Agroturismo: estudo e viabilização de circuitos e rotas para implantação do projeto no município.

Trabalhos voluntários e comunitários - 1974:

a) Agente de mobilização nos programas MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização, em Santa Teresa);

b) Participação no Projeto Rondon Regional (Santana de Cataguases, MG) e Nacional (São Miguel do Araguaia, GO);

c) Atuação em campanhas nacionais de vacinação antipólio, junto à Secretaria de Saúde de Santa Teresa.

2009:

a) Associação Pestalozzi de Santa Teresa, com assessoria e capacitação na área de processamento de alimentos (Projeto “Mãe Ativa”);

b) Grupo Pastoral da Saúde do distrito de Santo Antônio do Canaã em Santa Teresa, como instrutora de oficinas práticas em alternativas alimentares e alimentos funcionais.

2011 a 2014: Atuação na SALUTARE Comunidade Terapêutica através de oficinas de artesanato, enfatizando atitudes sustentáveis e produção de peças utilitárias e decorativas.

Desde 1979:

- a) Atuação junto ao LIONS CLUBE, como Domadora, em serviços voluntários diversos (ações de acuidade visual de crianças de escolas públicas, prevenção de hipertensão e diabetes);
- b) Reforma de escolas;
- c) Realização de bazar de roupas e eletrodomésticos;
- d) Campanhas de arrecadação de alimentos, plantio de árvores e promoção de eventos;
- e) Secretaria Municipal de Educação: Participação como instrutora em treinamentos de capacitação de merendeiras na área de educação alimentar.

Trabalhos publicados -

- Programa de captação de tecnologias apropriadas ao meio rural (Fichário do PTTA):
 - Artesanato:
 - Agulhas de grupapê (espécie de taquara) para tricô artístico, desenvolvido pela artesã Zelinda Guaitolini Bringhenti. (Fascículo 22, março/85 – Ficha técnica T-513 – EMBRATER-MA);
 - Agulhas circulares de cipó “timbó” ou “imbé”, para tricô artístico (artesã Zelinda Guaitolini Bringhenti - Fascículo 22, março/85 – Ficha técnica T-510 – EMBRATER-MA);
 - Lâmina de aço para calibragem de agulhas de tricô (de taquara e cipó) – pelo artesão Orlando Perini (Fascículo 24, setembro/85 – Ficha técnica T-571 – EMBRATER-MA).
 - Alimentação:
 - Farinha de fruta-pão: produção caseira e preparo de alimentos – Fascículo 31, março/87 – Ficha técnica T-702 – EMBRATER-MA.
- Trabalho publicado nas revistas Manchete Rural (maio 1990), Agro-Campo (fevereiro 1989) e Jornal do Sitiente (março 1989).

Homenagens recebidas -

- Presidente de Honra da Associação “Caixa Beneficente contra Mordeduras de Cobras”: Em 1985, sensibilizados com a elevada ocorrência de acidentes com picadura de cobras e escassez de soro antiofídico na região, mobilizando lideranças comunitárias e formais, incentivamos e orientamos a criação da referida Associação, que permanece ativa até os dias atuais e presta relevantes serviços à população.
- Título de Cidadã Teresense (24/06/1999) pela Câmara Municipal de Santa Teresa, por indicação do vereador Walmir Torezani, por relevantes serviços prestados ao Município.
- Em 26/05/2005: Placa de reconhecimento e homenagem pelos 26 anos como extensionista rural em Santa Teresa, no VIII Encontro de Cafeicultores de Santa Teresa, pelas entidades Sindicato Rural, COOPEAVI, INCAPER, SICOOB e Prefeitura Municipal.
- Em 02/09/2015: Diploma comemorativo (por atividades ligadas à preservação ambiental) – homenagem da Assembleia Legislativa do Estado do Espírito Santo, em comemoração ao Centenário do Patrono da Ecologia no Brasil, Augusto Ruschi, por indicação do Deputado Estadual Padre Honório.

- Premiação recebida do PTTA pela captação de tecnologias apropriadas ao meio rural (Caixa de Ferramentas – 13/05/85).

Família - Casada desde 27/01/1979 com Lacyr André Ferreira, técnico em agropecuária, formado no IFES Santa Teresa, ES. Dois filhos: André Levy Batista Ferreira (engenheiro de controle e automação e técnico em automação industrial) e Mayara Elisa Batista Ferreira (médica dermatologista). Um netinho: Joaquim Felipe Ferreira, com 1 ano e 7 meses de idade, filho de André e Gisele Rosa Felipe (nora).

Referências -

- Meu pai – simplicidade, honestidade, mansidão e fé.
- Minha mãe (eterna musa inspiradora) – amor, coragem, determinação e zelo.

IRENY QUEIROZ LEITE (15/12/1941-17/07/1993)



Minhas origens - A biografia de Ireny Queiroz Leite foi baseada em depoimentos de sua querida irmã Isabel Queiroz, sua grande amiga e madrinha de casamento Elza Vieira, suas amadas filhas Ana Beatriz e Ana Cristina Leite, e por seu grande amor Ivo Ferreira Leite. Nasceu na Fazenda Lageado, município de Itapagipe, interior do Triângulo Mineiro, em 15 de dezembro de 1941. Filha de Agenor Feliciano Queiroz e Guiomar Maria Queiroz, sendo a segunda dos quatro filhos do casal.

Seus primeiros anos de estudo foram em escolas rurais; 5ª e 6ª séries cursou na cidade de Barretos, SP; e 7ª e 8ª séries, no Colégio Triângulo na cidade de Uberaba, MG. Também em Uberaba, na escola Licurgo Leite, cursou o ensino médio/técnico profissionalizante. Logo no ano seguinte, ingressou na Universidade Federal de Viçosa, no curso de economia doméstica. Faleceu em 17 de julho de 1993.

Ingresso na universidade - “Foi um grande prazer colaborar com a família de Ireny na confecção de sua biografia. Compartilhamos por três anos, juntamente com Toninha, o mesmo apartamento. Nele, dividimos alegrias, tristezas e angústias, principalmente no período de provas de estatística e bioquímica. Apesar de temperamentos e personalidades diferentes, nos demos muito bem. Ireny era introspectiva, quieta, demonstrando calma e serenidade em todos os momentos. Falava pouco, mas era uma ouvinte muito atenta.

Sempre nos acolhia em seu ombro amigo nos momentos em que a fragilidade vinha à tona. Suas atitudes sóbrias e elegantes marcaram sua presença entre nós. Era muito estudiosa e aplicada, responsável, organizada e metódica, de modo que não deixava nada para a última hora. Não era dada às badalações, às farras costumeiras da juventude daquela época. Em algumas ocasiões, participava das festas da turma, principalmente no último ano de faculdade, demonstrando muita alegria em compartilhar momentos descontraídos” (Elza Maria Marques Vieira)

Vida profissional - Após a graduação, mudou-se para Foz do Iguaçu, PR, para lecionar numa escola técnica agrícola. Lecionou por cerca de um ano. Em 1972, retornou a Uberaba para organizar seu casamento. Em seguida, mudou-se para Salvador. No período em que morou em Salvador, deixou de lecionar.

Em meados de 1973, retornou a Uberaba, acompanhando Ivo, que havia sido transferido. Logo que chegou, decidiu dar vazão a seus dons culinários – não só de forma intuitiva, mas também por meio de muito estudo. Começou a produzir, de forma caseira, iguarias da culinária mineira e passava grande parte de seu tempo dedicando-se, com carinho e esmero, a confeccionar doces de compota, rosas, bolos e toda variedade de salgados para festas. Como tudo que é feito com carinho tem seu reconhecimento, suas habilidades foram rapidamente se tornando conhecidas, o que alimentou o sonho de um dia abrir um *buffet*.

Mesmo não tendo tempo de ter o sonho realizado, os que experimentaram a sua culinária se lembram com saudosismo da alegria que sua comida trazia ao paladar. Afinal, era a esse propósito que se dedicava: alegrar pessoas através da comida. Nas raras horas vagas, ainda dava consultorias em produtos de beleza.

Minha família - O romance entre Ireny e Ivo teve início nos tempos de faculdade. Foi em 1969, durante a festa do milho em Patos de Minas, MG, que o namoro de Ireny e Ivo se concretizou. Ele se formou pela Universidade Federal de Viçosa no ano de 1968 em agronomia, na turma do Berimbau. Em janeiro de 1969, Ivo foi contratado pela ABCZ e se mudou para Uberaba, MG. No ano seguinte, foi transferido para a filial na capital baiana.

Mas, mesmo com a distância e a saudade, o amor falou mais alto e, em treze de maio de 1972, casaram-se na Catedral Metropolitana na cidade de Uberaba, contando com a presença de queridos amigos da época de faculdade, grandes companheiros de vida, trabalho e seus familiares. Em seguida, os dois partiram para Salvador, BA e, após um ano na capital baiana, retornaram a Uberaba. Foi aí que construiu sua casa e sua família. Tiveram duas filhas: Ana Cristina e Ana Beatriz, suas maiores alegrias e preocupações na vida.

Mãe e esposa dedicada e incansável, Ireny dividia seu tempo entre a culinária, ajudar nas tarefas escolares, levar as filhas às aulas de piano, natação, balé, costurar fantasias para apresentações artísticas e escolares de suas filhas. Mas, acima de tudo, ensinava grandes valores humanos e éticos que fizeram de suas filhas, mesmo em tenra idade, grandes mulheres.

Em 1990, Ireny foi diagnosticada com câncer, mas, bravamente, com apoio de seu marido e familiares, conseguiu a remissão da doença. No início do ano de 1993, foi diagnosticada novamente com câncer, mas, dessa vez, a doença estava em fase avançada. Seu falecimento, em 17 de julho de 1993, abalou profundamente toda a família. Deixava a vida com apenas 50 anos, suas pequenas filhas Ana Cristina com onze anos e Ana Beatriz com seis anos e seu eterno amor e grande companheiro de vida Ivo. Apesar de seu curto tempo, deixou, na vida de todos com quem conviveu, grandes exemplos e memórias - de respeito, elegância, honestidade, sinceridade, carisma, força, determinação, coragem, amizade, companheirismo, solidariedade e, acima de tudo, muito amor.

ILSA MARIA ALMEIDA DE SENA



Nasceu em Itabuna, BA, em 02/02/1947. Filha de Antônio Naziazeno de Sena e Maria Leopoldina Almeida de Sena, concluiu o segundo grau no Colégio São José da Ação Fraternal de Itabuna, Itabuna, BA, e veio para Viçosa, onde ingressou no curso superior de ciências domésticas, tendo concluído em 1970. Atualmente, reside em Salvador, BA.

IVONE CARDOSO MACHADO



Nasci em Viçosa, em 30/05/1945, sempre residi na Rua Gomes Barbosa, 537, Centro, juntamente com minha família. Meus pais, Carlos Vieira Machado, nascido em 04/08/1910, e Anna Cardoso, nascida em 11/10/1912, ambos já falecidos, tiveram 11 filhos. Fiz o primário na Escola Municipal Arthur da Silva Bernardes, o ginásio no Colégio de Viçosa e o segundo grau na Escola Normal Nossa Senhora do

Carmo, hoje Colégio Carmo. Em paralelo ao segundo grau, fiz curso de inglês no ICBEU, onde lecionei por vários anos sob a direção do Sr. David Scofield.

Influenciada pelos meus pais, formei-me em economia doméstica pela UFV, na época, uma excelente formação para mulheres. Curso de grande valor, ele nos deu uma visão geral em todos os aspectos da vida.

Amigas mais próximas na época da UFV foram Nazareth, Lycia e Maria Alice. Hoje me relaciono muito com Arinda, grande amiga.

Na vida profissional, sob grande influência da Prof.^a Esmeralda Tomaz, fui para Avaré, SP, onde lecionei na escola industrial, curso técnico, por alguns anos. Lecionei também no curso técnico, na Escola Estadual Holambra II, em Paranapanema, SP, onde me aposentei em dezembro de 1999.

Na Holambra II, tive várias funções: professora na área de economia doméstica, educação artística e desenho, coordenadora de eventos e acompanhante de alunos em viagens por todo o Brasil. Paralelamente, lecionei em cursos de inglês, artes e decoração.

Holambra, SP, é a cidade das flores, plantas ornamentais e cultivo de frutas como pêssego, nectarina, ameixa, maçãs e outras. Ela promove grandes eventos turísticos anuais incluindo danças típicas e culinária holandesa, conservando raízes e costumes da imigração. Holambra é referência em floricultura no Brasil.

Em Avaré, fiz outros cursos como educação artística e desenho. As oportunidades foram muito valiosas. Os imigrantes querem ser os melhores e fazem tudo para concretizar seus planos. A colaboração dos holandeses foi muito valiosa para minha vida profissional. Foi um período inesquecível.

Minha família Cardoso Machado é grande e muito unida. Sempre em confraternização e, todos os anos, fazemos os encontros da família.

Meus irmãos são José e Sebastião (in memoriam), Jurandy, Luzia, Dirce, Conceição, Ana, Carlos e Iolanda. Hoje, resido em Viçosa, trabalho com confecção de uniformes e modelagens de roupas para várias lojas.

LENILCE MARIA SÁ FORTES



Filha de Amando Sá Fortes e Rosa Théa Pittella Sá Fortes, nasceu em Juiz de Fora, MG, em 06/09/1947. Cursou o segundo grau em Santos Dumont, MG, na Escola Normal São José. Casou-se com nosso colega Mercial e foi morar em Grajaú, MA. Foi eleita para o cargo de prefeita municipal de Grajaú, no período de 1º de janeiro de 1993 a 31 de dezembro de 1996. Em 12/04/2017 a Assembleia Legislativa

do Estado do Maranhão concedeu o título de Cidadã Maranhense, por proposta do deputado Levi Pontes que relatou o projeto de resolução legislativa nº 017/2017, de autoria da deputada Nina Melo (PMDB).

LENINA CARVALHO LANDI PEREIRA



Nasceu em 02/12/1948, na cidade de Colatina, ES. Filha de José Augusto de Carvalho Gama e Maria Augusta Teixeira Reis, concluiu o segundo grau na Escola Normal “Conde de Linhares”, Colatina, ES. É casada com nosso colega Maurício Landi e reside em São Sebastião do Paraíso, MG.

LETHY DAYSSY DE LAS MERCEDES VEGA ORELLANA



Nasceu na cidade de Tumbaco, Equador, em 04/12/1945. Filha de César Alejandro Vega e Carmen Rosa Orellana, Dayssy era estudante de convênio. Houve várias tentativas de contatá-la, inclusive junto às embaixadas do Equador no Brasil e do Brasil no Equador.

LÍGIA FIDELES DE SOUZA



Minha origem - Ao amanhecer de 3 de julho de 1946, nasci no Sítio Bom Jesus, em Limoeiro do Norte, CE, próximo ao Rio Jaguaribe, maior rio seco do mundo. Uma menina, oitava filha de um total de 13, resultado da união de um descendente de negros com índios (Francisco Cândido de Souza, 1908-1989) com uma descendente de portugueses (Ana Fideles de Souza, 1910-1983).

Desde tenra idade, lidava com a terra e com os animais. Aos sete anos, ingressei no Grupo Escolar Padre Joaquim de Meneses (público), já alfabetizada pela mãe. O grupo ficava a 3 km do sítio e o deslocamento era a pé, enfrentando, às vezes, chuva, lama e vaca brava. Em seguida, cursei o ginásio na escola Normal (privado). Depois, fui para Fortaleza cursar o científico, hoje segundo grau, no Liceu do Ceará. Desejava entrar na faculdade, mas, por ser de família pouco abastada, tinha que ingressar numa universidade pública.

O ingresso na UFV - Procurava ingressar numa faculdade gratuita, quando surgiu a ideia de ir para Viçosa, MG, cursar ciências domésticas, através da minha irmã mais velha, que já conhecia a cidade e o curso. A decisão foi imediata. Peguei um ônibus direto para Ubá, MG, e depois outro para Viçosa; lá chegando, uma cearense (Maria Elilce Lima), que morava na cidade, me apanhou na rodoviária e levou-me para o internato da UFV, onde

me hospedei. Isso era véspera do vestibular. Nos dias seguintes, fiz as provas do vestibular e, graças a Deus, passei para o curso de ciências domésticas, que concluí em quatro anos. Consegui uma bolsa de trabalho que deu para sobreviver sem maiores transtornos. Foram os melhores anos da minha adolescência/juventude. Curtia muito as amizades, os passeios pelo campus, as festinhas, as olimpíadas, as paqueras etc.

O curso na UFV – ciências domésticas - Apesar de os conhecimentos serem familiares e do dia a dia, fiquei muito feliz em ter tido a consciência de que sempre há uma técnica para as tarefas domésticas serem executadas com eficiência e ciência, trazendo maior satisfação, bem-estar e economia para as famílias. Até hoje me valorizo por ser essa profissional.

Desde o início do curso, quando tive consciência do seu conteúdo, senti uma atração muito grande pela área de vestuário, na qual trabalhei por toda minha vida profissional, ensinando, desenvolvendo comunidades, culminando com a criação de um curso superior de moda numa universidade federal, o primeiro do país em universidade pública.

A maior dificuldade do curso foi precisar de nota oito para passar em bioquímica, coisa que me fez, pela primeira vez na vida estudantil, virar uma noite estudando.

Minha vida profissional - Logo após a conclusão do curso, fui selecionada pela Secretaria de Educação de São Paulo para implantar e ensinar nos futuros cursos técnicos de economia doméstica a serem criados no interior do Estado. Trabalhei em três cidades, sempre com os mesmos objetivos. Foram elas: Santa Cruz do Rio Pardo, Penápolis e Cafelândia.

Como a Universidade Federal do Ceará criou o curso superior de economia doméstica em 1973 e abriu concurso para professor, candidatei-me, fui aprovada e contratada como docente para implantar e ensinar na área de vestuário, tarefa que desempenhei com bastante eficiência.

Em 1977, afastei-me para o mestrado em educação na cidade de São Paulo. Ao retornar, o Ceará era o 2º polo produtor de confecção do país, estando muito carente em profissionais da moda. Tive a ideia de envolver o governo do estado do Ceará, a Federação das Indústrias do Ceará e a Universidade Federal do Ceará para estabelecer objetivos a fim de formar profissionais para trabalhar com moda. Escrevi o projeto de criação de um curso de moda na UFC e formei uma equipe de criação de moda com estilistas internacionais (Catherine Dievre – francesa e Iet Pleiter – holandesa). O curso foi bem-sucedido.

LÚCIA AARÃO MARQUES



Minhas origens - Pelos idos de 1948, em 08 de agosto, nasceu, na cidade de Cachoeiro de Itapemirim, ES, a sétima filha do casal Orlando Faria Marques (1908-1993) e Carlinda Aarão Marques (1914-2003), numa família de 11 (onze) filhos. Meu pai, filho de português com brasileira, comercializava gado de corte. Homem íntegro e muito trabalhador, deixou essa “herança moral” para os seus filhos.

Minha mãe, filha de libaneses, era a perfeita dona de casa e cuidava de seus filhos com um mix de amor e rigor. A garotada não era nada fácil! Infância e adolescência em Cachoeiro, com a casa sempre cheia de amigos, lá vivi até os meus 18 anos, quando concluí o curso Normal em 1966, no Colégio Cristo Rei.

Ingresso na UFV - Concluído o curso Normal ou de professora, como era chamado, em princípio, desejava seguir uma faculdade de línguas ou de matemática. Porém, por influência e incentivo da minha prima Elza Maria (Maisena) e ainda, por um empurrãozinho das minhas irmãs, resolvi tentar o vestibular de ciências domésticas em Viçosa. Decisão tomada, fui incentivar minha amiga Toninha (Chorona) a ir conosco! Em janeiro de 1967, partimos para o cursinho preparatório, período em que conhecemos o nosso querido e saudoso amigo cavanhaqueano Chiquinho (*in memoriam*), a minha querida amiga-irmã Lenina (Carvalho Landi Pereira), Ana Resck (*in memoriam*), as baianas Graça e Ilsa Sena...que, juntas, formávamos uma turminha sempre unida!

Curso de economia doméstica na UFV - Em 1967, debutei no curso superior de ciências domésticas, na antiga UREMG, hoje UFV, super inexperiente em morar e viver sozinha. Mas a adaptação foi fácil! As amizades foram importantes e a experiência de vida e a autoconfiança aumentaram. Conviver com diferentes raças e culturas nos faz crescer e aumenta em nós o respeito ao próximo.

Chegando ao alojamento feminino, na época sob o comando de duas freiras francesas, fui morar com Lenina e duas de suas irmãs, que lá estudavam: Alexandrina (*in memoriam*), já se formando, e Stalina, do clube Berimbau. No ano seguinte (1968), trocamos de apartamento, indo para o B4, onde recebemos duas calouras do Gato Preto, Marilda Menegás e Maria Aparecida Guimarães, que compartilharam conosco por outros três anos. Um convívio saudável e gratificante!

Doces lembranças me levam à dolorosa “Semana do Cachorro,” logo aliviada pela “Semana do Gambá,” quando íamos felizes e faceiras no ônibus do “Seu Zé aperta o pé” até a cidade. Lanchávamos, íamos ao cinema e depois ao famoso BRASEIRO. Ali encontrávamos os amigos e os amores! Dançávamos muito e bebíamos cuba libre, famosa bebida na época. Descontração e diversão certas! Me levam também à sala de aula para as provas práticas de vestuário, quando minha salvação era a Lenina! Nunca fui boa costureira! E as aulas de bioquímica do professor José Lombriga e seu inseparável cigarro apagado na boca? Como não lembrar do professor Raimundo com suas aulas sempre às 7:00 horas da matina? E a Casa de Prática, quando recebíamos os convidados com deliciosos pratos e onde precisei comer, pela primeira vez, coração de boi? E as incríveis aulas práticas de microbiologia do professor Chaer? Do inesquecível e doce professor Walter Brune, o nosso “Tio Brunny”? Lembro-me, com saudade, de cada professora da nossa ESCD. Da Dorinha, Alaúne, Fernanda, as duas Lúcias, Maffia e Simonini, Fialho e seus desfiles, Esmeralda!

Respeito mútuo entre alunos e professores! Pela minha cabeça passam vários filmes! Os jogos universitários que, mesmo com frio intenso, íamos torcer pelo nosso time, onde Elza levou uma bela bolada no rosto e “engrossou a maisena”!

Dia do Soldado, noite em que ficávamos acordadas ansiosas esperando os recrutas aparecerem, apesar de fingirmos que não gostávamos! Se não tinha Braseiro, logo bailávamos no DAAB (outras vezes no DAOK), ao som dos Beatles e MPB. E os churrascos no Belvedere? O nosso refeitório, lugar de muita conversa onde, certamente, havia alguém interessante! Das maravilhosas Festas Juninas na Vila dos Operários! E tantos outros fatos e acontecimentos marcantes na minha vida universitária!

Em 1969, então presidente do DAOK, passei por um período difícil! Precisei conciliar e coordenar estudo, trabalho e social. Sobrevivi a esse tríduo como também ao Regime Militar. Numa “visita surpresa” dos militares do Exército (salvo engano, da 4ª Região Militar de Juiz de Fora) ao campus, fui convidada a acompanhá-los até a cadeia pública da cidade. Precisava responder a algumas perguntas! Respondi a várias em meio aos homens da lei e, depois, fui levada ao “xilindró,” com direito a música (letra) composta

pela nossa colega cavanhaqueana Nágila Miudinho! Ressalto que fui bem tratada! Por interferência, influência e coragem do então reitor Dr. Edson Potsch Magalhães e sob a responsabilidade da diretora da ESCD, Lygia de Oliveira Vivian, pude deixar aquele lugar em torno da meia noite. Por determinação dos militares, precisei ficar na casa da D. Lygia por alguns (poucos) dias. Esse difícil início de ano foi amenizado por um passeio a Patos de Minas! Sobrevivi e vivi, até que chegou o final de 1970, último ano... um misto de tristeza, por ter que me afastar dos amigos queridos, e de euforia, por ter conseguido chegar ao final do curso! Preparativos para a formatura, solenidade de entrega do diploma, churrasco, baile! Inesquecíveis quatro anos! Tempo bom, que não volta mais...

Minha vida profissional - Meus estudos em Viçosa foram patrocinados por uma bolsa do SESI (Serviço Social da Indústria) que, ao término do curso, eu poderia reembolsar ou trabalhar por um período mínimo de dois anos. Com minha família já residindo em Vitória, ES, optei por trabalhar, tendo ministrado aulas na área de alimentação nos anos de 1971 e 1972. Em meados de 1972, fui convidada pelo SESC (Serviço Social do Comércio) a administrar o Restaurante dos Comerciantes. Em 1974, recebi uma proposta de trabalho, desta vez, para coordenar a montagem e administrar a cozinha de uma empreiteira da Vale do Rio Doce, no Porto de Tubarão. Estava fazendo o trabalho que gostava, apesar de cansativo e de muita responsabilidade. Essa mesma empreiteira venceu a concorrência na Vale para montar e administrar a Cozinha Central no Porto do Tubarão. Continuei nessa empresa até 1978, quando saí para montar a minha própria cozinha industrial, em sociedade com a capixaba economista doméstica Cecília Frechiani. Compramos uma cozinha já montada. Feito isso e apaixonada pelos desafios desse segmento, seguimos juntas. Cecília se desligou da sociedade para se casar e se mudar para o Piauí. A cozinha continuou crescendo, com bons contratos. Após enfrentar vários planos e pacotes econômicos, além de desabastecimento no fornecimento de insumos e hiperinflação, precisei fazer compras com altíssimos ágios para que possível fosse cumprir os contratos de aproximadamente duas mil refeições/dia. Em 1991, cansada e desiludida, tomei a decisão de vender a cozinha industrial. Comprei uma tranquila distribuidora de doces. Permaneci nesta tranquilidade até encerrar as atividades em 1992. Após isso, recebi uma proposta, com um contrato de três anos para administrar o setor de nutrição do Hospital das Clínicas (HUCAM). Ainda trabalhando no Hucam, em 1995, comprei, em sociedade com minha irmã Naly (in memoriam), um restaurante *self-service* e, com ele, ficamos até o início de 2002. Em final de junho desse mesmo ano, fui para os EEUU. Gostei, me adaptei e fiquei por 13 longos anos...retornando em setembro de 2015. Em 2016, entrei em sociedade em um salão de beleza, mas me desliguei após dois anos. Hoje, aposentada, continuo morando em Vitória!

A vida é um eterno recomeço!!

Lúcia Aarão Marques

Vitória, 15 de abril de 2019.

Celular – (27)99950-0854 (para ligações). Tel. Fixo (27)3376-5854.

LYCIA AMORIN VIEIRA



Lycia Amorin Vieira (*in memoriam*), nasceu em Teresina, PI, em 18/02/1946. Filha de Lourival Evelyn Vieira e Teresa Amorim Vieira, Lúcia concluiu o segundo grau no Colégio Estadual “Zacarias de Góis”, Teresina, PI.

MARIA ALICE BORGES



Maria Alice Borges (*in memoriam*), filha de Francisco das Chagas Borges e Neusa Carvalho Borges, nasceu em 12/11/1945, na cidade de Teresina, PI. Concluiu o segundo grau na Colégio “Sagrado Coração de Jesus”, Teresina, PI.

MARIA ANTÔNIA TEIXEIRA FIALHO MOURA



Durante uma aula de nutrição, Dayssy, Toninha, Ilsa e eu

Nasci em Teixeira, MG, em 28 de julho de 1948, e me colocaram o nome de Maria Antônia Fialho. Sou filha de João Fialho de Oliveira (Zico Fialho) e de Conceição Teixeira Fialho (Lia). Ele, de 1908, e minha mãe, de 1913. Pais muito sábios e amigos, que serão sempre exemplos a ser seguidos por mim e meus irmãos.

Tive uma infância gostosa, participando de piqueniques, brincando à noite na porta da casa. Coisas boas de um interior mineiro onde moramos até 1968, quando fomos para Belo Horizonte.

Fiz o curso primário no “Grupo Escolar Antônio Carlos”, indo depois para o “Ginásio Vera Cruz de Teixeira”, onde havia muita disciplina, pontualidade, caderneta de presença e lindos desfiles de Sete de Setembro, o que sempre me comove. Sempre ligada ao meio rural, quer pelos casos que minha mãe contava de sua infância na “Fazenda São José da Pedra Bonita”, quer pela casa da minha avó Corina onde eu, meus irmãos e primos, coríamos dos gansos, dávamos folhas de bambu para os bezerros, colhíamos café e chupávamos manga à vontade!

Viajei de “Maria Fumaça” indo para Viçosa estudar na “Escola Normal Nossa Senhora do Carmo”, onde me formei normalista em 1966. Em 1967, ingressei na UREMG por influência da professora Fialho, minha prima. Tempo bom este de estudante! Lembro-me das aulas do professor Alexandre do Espírito Santo quando Ana Resck fazia perguntas para ouvi-lo esnoar seu português; do professor Raimundo Farias, comparando a turma com um desenho de cachorro: “A cabeça é pequena, o corpo sempre grande e tem o rabo!”; do estágio na “Casa de Prática”, do qual participei com Arinda, Dayssy e Ilsa, e ainda me vejo rindo sozinha; do dia do soldado, quando nosso alojamento se transformava em um quartel cheio de “buchas de canhão”, de “generalíssimas”, e podíamos ouvir as

cornetas tocando do lado de fora, com um frio intenso. Peguei fruta no pomar; tive retrato na porta do refeitório com armas na cintura (fama de teixeirenses); comi banana-da-terra (não conhecia) no apartamento de Nágila; participei, apesar de tímida, de churrascos nas “semanas do gambá”, quando Chochô tirava retratos e depois os expunha; de horas dançantes na ACTA, onde conheci Gilberto, do Carcará.

Gilberto Augusto de Laranjeira Moura nasceu em Guanambi, BA, no dia 26 de maio de 1944 e faleceu em 28 de dezembro de 2017, deixando muita saudade. Com certeza ele está em um bom lugar, pelo homem justo e bom que foi.

Casei-me com quem muito amei e viemos para a Bahia. Moramos, primeiro em fazenda (que conservamos), depois em Guanambi; voltamos a Viçosa por mais três anos, entre 1976 e 1979. Atualmente vivo em Caetité.

Tivemos três filhos e cinco netos. O mais velho, também Gilberto, é cirurgião dentista; o segundo, Marcelo, engenheiro-agrônomo pela UFV; e Elisa, arquiteta.

Trabalhei coordenando o setor de nutrição do Hospital e Maternidade Santana de Caetité, onde me aposentei. Tive o cargo de chefe do setor de informação e RH da 24ª Diretoria Regional de Saúde/Caetité e ainda presto serviço a uma secretaria de saúde de um município vizinho.

Vou continuar rezando por paz, harmonia, saúde, união, alegria e para que continuemos a nossa jornada com muita fé em Deus! Rezando por todos nós, pela minha família, pelo nosso Brasil, procurando fazer a minha parte!

MARIA DAS GRAÇAS ALMEIDA DE SENA



Maria das Graças Almeida de Sena, nascida em 25 de dezembro de 1947, em Itabuna, BA, sétima filha de nove irmãos. Pais Maria Leopoldina e Antônio.

Tive uma infância feliz, brincadeiras na rua, pai rígido na educação, profundo incentivador da leitura e da música clássica; mãe doce, presente, católica fervorosa, sábia com apenas a quarta série, cozinheira de mão cheia, sabia a parte preferida de cada um quando o frango era preparado.

Minha juventude foi maravilhosa. Frequentei as micaretas, carnavais, réveillons e bailes de gala no Grapiuna Tênis Clube

e Itabuna Clube.

A escolha da profissão surgiu com a divulgação da Universidade Federal de Viçosa no Colégio São José da Ação Fraternal de Itabuna, em 1965, ano em que me formei no curso pedagógico. O curso de economia doméstica da Universidade me preparou para a vida, proporcionando toda a bagagem necessária para enfrentar o que viria pela frente.

A cada ano, após o vestibular, era criado um clube em que todos os eventos realizados eram em prol da formatura e do bom convívio entre os discentes. Nesse ano de 1967, o clube ganhou o nome de “CAVANHAQUE DE URUBU”.

Pelo período de duração do curso, a Universidade oferecia alojamento. Foram quatro anos de um feliz convívio com a irmã Ilsa, com a amiga-irmã Ana Maria Siqueira Resck (de quem sinto saudades eternas pelo espírito alegre e brincalhão!) e Maria Helena Maciel (meiga, doce e inteligente!), no alojamento feminino com 250 mulheres de todos os estados brasileiros e alguns países do mundo.

Durante o período da faculdade, o relacionamento com os colegas era maravilhoso. Todos os domingos íamos para o centro comercial de Viçosa para passeios, alimentação (eu e minha irmã Ilsa almoçávamos na casa da Sra. Margarida e Sr. Levindo, pais da Maria do

Carmo Gonçalves, na cidade de Teixeira, durante os quatro anos de faculdade) e cinema com ônibus da Universidade. O Sr. Zé era o motorista oficial, que levava e trazia as alunas em duas opções de horário: às 0h e às 2h da manhã. No Campus, formaram-se três diretórios: engenharia florestal, agrônômica e economia doméstica, onde eram realizados os eventos sociais e os debates políticos.

Em 1971, após a formatura, comecei meu desenvolvimento profissional como professora das matérias específicas do curso de economia doméstica no Colégio Técnico Industrial de Santos. Em 1974, fui transferida para o Colégio Técnico Agrícola de Iguape, como instrutora do Programa Intensivo de Preparação de Mão de Obra.

Trabalhei em São Paulo e Rio de Janeiro, de 1976 a 1982, na área de decoração de interiores. Em 1981, nasceu minha filha Mariana Almeida de Sena, para minha total alegria e realização. Hoje, fisioterapeuta, casada e mãe do meu único neto Henrique Lopine.

Em 1984, voltei para Santos com oportunidade de trabalho em Guarujá, na área de educação especial. De 1997 a 2003, assumi a gerência do Instituto Assistencial de Santos, onde finalizei minha carreira profissional.

Adotei Santos como minha cidade do coração, onde fui acolhida com respeito e grandes oportunidades, que me ajudaram a ser o que sou. A beleza da cidade e a qualidade de vida são o grande atrativo para idosos e aposentados.

“...Tempo bão, não volta mais; Saudade de outros tempos iguais...”

MARIA JOSÉ FERREIRA DA SILVA



Nasci em Viçosa, no dia 30 de dezembro de 1945, filha do médico Sebastião Ferreira da Silva (1902-1989) e da farmacêutica Cora de Araújo Moreira Ferreira da Silva (1904-1998). Um fato interessante que gostaria de relatar é que minha mãe foi colega de turma do poeta Carlos Drummond de Andrade, na Escola de Farmácia de Belo Horizonte.

Sou caçula de nove irmãos, sendo sete homens e duas mulheres. Permaneci em Viçosa até os cinco anos de idade, quando minha família se mudou para a cidade de Rolândia, no norte do Paraná. Lá, meu pai, juntamente com meu tio,

também médico, Dr. Cyro Bolívar, construíram a Casa de Saúde de Rolândia. Permanecemos no Paraná até 1954, quando retornamos a Viçosa.

Meu curso primário foi iniciado no Grupo Escolar de Rolândia e terminando no Grupo Escolar Coronel Antônio da Silva Bernardes em Viçosa. Depois, fiz as duas primeiras séries do curso ginásial no Colégio Sacré Coeur de Marie em Belo Horizonte e as duas últimas na Escola Normal Nossa Senhora do Carmo em Viçosa, onde também concluí o curso de formação de professores primários, no ano de 1964.

Prestei vestibular para o curso de ciências domésticas em 1966, tendo ingressado na UREMG no Clube Carcará, mas fiquei apenas um semestre. Tranquei a matrícula e me mudei para Belo Horizonte. Retornei a Viçosa em 1967 e reingressei na UREMG, onde me tornei uma cavanhaqueana, concluindo o curso de graduação em 1970.

Escolhi o curso de ciências domésticas por ter grande interesse em decoração, área essa contida no currículo do curso. Mas, não tive oportunidade de trabalhar nesta área, pois as chances de trabalho ocorreram na área de alimentação e nutrição.

Iniciei a minha carreira profissional em 1971 como supervisora dos restaurantes universitários da UFMG, pela Fundação Mendes Pimentel em Belo Horizonte. Trabalhei

nos restaurantes da escola de engenharia, direito, arquitetura, farmácia, veterinária e no restaurante setorial do campus da UFMG.

Em 1977, retornei a Viçosa, onde assumi a função de técnica de nível superior do departamento de nutrição e saúde da UFV, onde fiquei até a minha aposentadoria. Nessa função, dediquei-me principalmente à atividade de extensão, acreditando no processo educativo como instrumento para mudança de comportamento das pessoas. Trabalhei muito em integração com os serviços de merenda escolar e o nosso principal público eram as cantineiras.

Nos tempos de estudante, minha maior convivência foi com as nativas Eliana Carvalho, Gesmair Milagres e Conceição Magalhães. Esta última cursou até o segundo ano. Íamos para as aulas, estudávamos juntas e frequentávamos as festinhas da época. Como acompanhante e verdadeiro guardião, contávamos com o colega Níbio Milagres, irmão de Gesmair. Há ainda outra nativa, Nazareth, mas só houve maior aproximação entre nós quando nos tornamos colegas profissionais no departamento de nutrição e saúde na UFV. Dessa aproximação, evoluímos para a consolidação de uma grande amizade e companheirismo, que prevalecem até hoje.

Boas lembranças também ficaram do convívio com as queridas colegas pica-couves que moravam no alojamento. Por diversas ocasiões, convidei-as a almoçar, lanche e participar de festinhas na minha casa. Foram momentos inesquecíveis!

Como *hobby*, sempre gostei de viajar. Tive a oportunidade de conhecer quase todo o Brasil e mais alguns países. Gosto de conhecer novas terras, novas pessoas e novos costumes, ampliando horizontes, e entrando em contato com o novo e diferente.

Sou muito dedicada a meus pais e irmãos, assumindo a responsabilidade de cuidar deles quando necessitam. Dei inteira assistência a alguns que já se foram, oferecendo-lhes cuidados especiais até o fim. Para mim, essa dedicação que dispenso à família, embora difícil e pesada, é gratificante e confortadora, dando aquela sensação gostosa do dever cumprido. Enfim, quero dizer que considero muito relevante esta oportunidade que estamos tendo de resgatar as boas lembranças da nossa turma e dos nossos colegas!

MARIA NAZARETH DE OLIVEIRA



Nasci na zona rural de Paula Cândido, MG, em 21 de agosto de 1945. Meus pais, Gabriel Nicácio de Oliveira (1910-1955) e Belmira de Paula Oliveira (1920-2011), eram agricultores. Comecei o curso primário em uma escola rural e o terminei em Monte Celeste, município de São Geraldo, um pouco mais distante de casa.

Meu pai faleceu, repentinamente, em julho de 1955, e minha mãe, aos 35 anos, teve de assumir a criação dos quatro filhos, sendo eu, com dez anos, a mais velha.

Nesse contexto, restou-me ajudá-la nos trabalhos domésticos e, nessa vida, fiquei por quatro anos. Queria muito continuar os estudos, mas sabia que era um sonho quase impossível. Foi então que tomei conhecimento de um concurso para bolsa de estudos no Colégio de Viçosa. Peguei os cadernos e livros guardados e estudei, estudei muito. Para minha felicidade, fui aprovada em primeiro lugar com bolsa integral. Esse resultado foi a alavanca que impulsionou a mudança de minha família para Viçosa, abrindo para nós um mundo novo, cheio de dificuldades, mas também de esperanças.

Minha mãe tornou-se costureira para nos sustentar. Pude, assim, fazer o ginásio diurno e o curso de contabilidade à noite. Consciente de que o estudo seria o meu porto seguro,

procurei ser sempre ótima aluna, mantendo meu nome no quadro de honra durante todo o tempo de colégio.

Comecei a trabalhar em 1964, quando fiz concurso para auxiliar do laboratório de solos na UREMG (hoje UFV). Mais adiante, o anúncio de um segundo concurso, desta feita para secretária, me encheu os olhos, mas, embora pudesse me garantir em português e matemática, havia para mim uma grande pedra no meio do caminho: a prova de datilografia. Para transpor esse obstáculo, tive de sacrificar meu horário de almoço, dedicando-me com afinco a um curso intensivo dessa técnica. Era meia hora para descer a pé pela Avenida P. H. Rolfs, meia hora no curso e meia hora para “almoçar” o meu pão com mortadela diário, durante o trajeto de volta ao trabalho pela mesma avenida. Dois meses depois, com a pedra removida e a aprovação garantida, fui trabalhar, com satisfação, na Diretoria Geral de Assistência.

Não parei por aí. No pouco tempo livre que me restava, estudei para o vestibular e fui classificada em quarto lugar para o curso de ciências domésticas. Com a aprovação, surgia mais uma pedra a ser transposta: como estudar sem deixar o trabalho, que era o meio de sobrevivência para mim e para a minha família? Decidi, então, escrever um ofício ao Magnífico Reitor, Dr. Edson Potsch Magalhães (1914-2008), pedindo autorização para estudar e trabalhar. Ele prontamente marcou uma audiência para a semana seguinte. Dias difíceis! Nunca tive tanta dor de barriga! Tremia da cabeça aos pés quando fui ao seu encontro. Para minha surpresa, ele veio me receber na porta com a maior simpatia: “meus parabéns, jovem! Tenho em mãos seu ofício e já está tudo combinado com a Dona Dorinha. Você vai ter lá o seu cantinho de secretária para trabalhar, quando não estiver em aula”. Assim, radiante, tornei-me a primeira funcionária-estudante da antiga UREMG. Durante o meu tempo de “pica-couve”, a convivência com as colegas deu-se quase somente em sala de aula. Distante dos encontros festivos por trabalhar demais, não foi à toa que, nas calouradas, me batizaram com o nome de “Dê duro” (e não “dedo-duro!”)! Também pela mesma razão, pouco conheci os rapazes do Cavanhaque, salvo os que tinham sido meus colegas no Colégio de Viçosa, quando eu podia reinar sozinha em uma turma de quarenta jovens do sexo masculino.

O curso de ciências domésticas deu, de fato, direção à minha vida. Desde o início, eu me identifiquei muito com as áreas de conhecimento apresentadas: decoração, vestuário e nutrição. Ao seu término, tornei-me monitora na área de alimentos até ser contratada como auxiliar de ensino no departamento de nutrição, em 1973. Embora tenha desenvolvido vários trabalhos de pesquisa e extensão, meu foco principal foi o ensino, tendo atuado nos cursos de ciências comésticas e de nutrição.

Nos anos de 1974 e 1975, fiz, em Ribeirão Preto, um produtivo curso de especialização em nutrição com o emérito Prof. Dr. José Eduardo Dutra de Oliveira, hoje com 90 anos. Já naquela época, ele era considerado o “Papa” da nutrição no Brasil. Em 1982, tornei-me mestre em ciências e tecnologia de alimentos pela UFV. Tenho prazer em registrar que fiz parte da Comissão de Implantação do Curso de Nutrição da UFV, tendo sido, também, a primeira coordenadora desse destacado curso no “ranking” nacional.

Depois de um longo tempo no exercício de significativas atividades profissionais, posso, com grande satisfação, considerar vitoriosa a minha trajetória pela UFV. Afinal, entrei como operária em 1964 e me aposentei como professora Adjunta desta conceituada universidade, em 1992.

Surpreendentemente, quando pensava ter colocado um ponto final em minha vida ufeviana, após cinco anos de aposentadoria, resolvi voltar aos bancos escolares como estudante de graduação do curso de arquitetura, ao ser aprovada em uma seleção para preenchimento de vagas ociosas na UFV. Só não me tornei arquiteta porque tive de

trancar a minha matrícula depois de dois anos e meio de curso para assumir, por oito anos, a administração de uma pousada da família na Praia dos Castelhanos, no Espírito Santo. Posso, também, falar com orgulho de minha vida pessoal. Fui casada por 27 anos com Mauro Roberto Martinho, com quem tive três excelentes filhos: Yara, Mauro e Karina, que são, respectivamente, profissionais nas áreas de odontologia, engenharia civil e fisioterapia.

Hoje, imensamente grata a Deus por tudo o que a vida me deu, sou uma pessoa feliz e atuante. Adoro viajar, dançar, pintar, jogar cartas, conviver com a família, fazer atividades físicas e gratificantes trabalhos sociais com pessoas carentes. Mas, o melhor de tudo é poder corujar os meus adoráveis netos: Pedro, Sofia, Bruna e Joana!

MARSINHA VIEIRA PACHECO



“Nascer, viver, ser feliz”. Cheguei ao mundo em 05 de julho de 1946, na cidade de Colatina, vulgo “Colataine City” – Princesa do Norte do Espírito Santo. A menina Marsinha, terceira filha da galera de sete filhos de José Bertoldo Vieira e Antônia Colle Vieira.

Lá vivi uma infância muito saudável, não só de maravilhas. Tempos bons estudando no Ginásio Divino Rei e tempos mais conturbados estudando no Colégio Estadual Conde de Linhares. Esta é a vida. Lá terminei meu 2º grau, cursando o normal, na

época, formação para normalista-professora, e o científico à noite, preparação para o curso superior.

Meu primeiro vestibular foi para o curso de educação física. Fiquei feliz e lá fui eu para Vitória, capital do Estado. Cursei um ano e meio e aí veio a dificuldade financeira da família. Parei de estudar e voltei para a casa dos meus pais. Prestei concurso para professor primário e, mais uma vez, fui abençoada. Em 1965, fui ser professora na Primeira Escola Bravim, de Graça Aranha, no Distrito de Sapucaia. Foi uma linda experiência de vida. Morei na casa de um casal de fazendeiros a quem devo muito agradecimento, amor e carinho, Dona Ana Picolle e Senhor Vicente Vermelho. Por lá fiquei por dois anos. No primeiro, dando aulas para turmas de 2ª a 4ª séries, todos juntos. Uma verdadeira loucura! No ano seguinte, alfabetização. Lá reformamos a escola com os pais, fizemos uma horta e, com a ajuda da minha mãe, fizemos uniformes para todas as crianças. Muita alegria e nove afilhados nesta maravilhosa comunidade.

Não é só isso que eu queria! Com duas irmãs formadas em Viçosa e um irmão fazendo o agrotécnico, pensei: “vou estudar em Viçosa”.

Como era professora concursada, meu pai conversou com um deputado amigo, Senhor Edson Machado, e externou meu desejo de estudar em Viçosa. Ele abraçou meu sonho e buscou alternativa. Vá para estudar e para servir ao Estado.

Assim, após o vestibular... Sou universitária da UREMG, hoje UFV!!! Lá fui eu “de mala e cuia”, como costumávamos falar, para a nova e maravilhosa vida.

Mesmo com uma irmã, já casada, morando em Viçosa, fui para o alojamento feminino. Como caloura, recebi o apelido de “Mimosa”, talvez por ser muito pequena. Lembrei-me que o meu avô materno tinha uma vaca com este nome. Não gostei, mas, “sem comentários”. Foi o apelido que recebi e, por sorte, não pegou.

Estava maravilhada com a nova vida! Meu primeiro apartamento com as companheiras, todas colatinenses, foi no 1º andar. Éramos eu, Rosinha Pagani, Cecília e Célia Frechiani.

Célia desistiu no fim do primeiro ano e recebemos Cléo e Cleonice Tibúrcio para completar o quadro.

Toda família tem um ser diferente. Oh! Eu aqui não sou chegada a muitos estudos e nem muito dotada de inteligência. Sou de bem com a vida e amo curtir-la. Estudar o suficiente e viver verdadeiramente cada segundo. Estudo, festa, saudade de casa e da família.

Coisa maravilhosa! Pouco tempo depois de ingressar na universidade, na Marcha Nico Lopes, desfilei com a faixa “Por que pagamos taxa de saúde se não temos assistência médica?”. Só alegria? Para minimizar as despesas de custeio, como o pagamento de refeições, eu comecei a trabalhar como bolsista na secretaria, com a adorável Helena, secretária da ESCD, nos horários pós-almoço e intervalos de aulas. Períodos dedicados à organização, limpeza e sempre com muito aprendizado. Sim, valeu a pena!

Mais coisa boa acontecendo. Ingressei no grupo de teatro da Universidade. Oportunidade de viajar e muita diversão. Se pensam que fui atriz... KKKK, fui figurinista e foi bom demais.

Amigos contemporâneos, foi tudo bom demais, não foi? Não posso me esquecer de amigas como a Aurora, professora de vestuário e Helilse, administradora do RU que, em todos os momentos das crises de asma, me acolhiam em suas casas. Obrigada, obrigada mesmo, amigas!

As pica-couves do Cavanhaque sempre foram muito “ligadas” e eram as mais barulhentas do ônibus do Seu Zé Coisinha, com a velha musiquinha dedicada à lentidão do motorista: “Seu Zé, Seu Zé, desse jeito vou a pé. Seu Zé, Seu Zé, vou contar pra sua mulher!”

O que contar mais? Bagunça, alegria, diversão total nas saídas e voltas do alojamento para a “cidade”. Muita recordação e saudade.

Opa! Conheci um rapaz, kkkkk, um ano mais velho que nossa maravilhosa turma. Namorar foi bom demais, foram por três anos de total dedicação. Até recebi durante este tempo a revista Pais e Filhos. A alegria durou até 1969, formatura do amor curtido. Ai, nada de mais, nem bicicleta! kkkkk. A vida continua e vamos curtir o último ano. Namorar, dançar, estudar... VIVER.

Formatura e ao trabalho. Voltei para Espírito Santo e comecei a trabalhar na ACARES, onde permaneci por quatro anos. Trabalho maravilhoso, especialmente com a juventude rural. Tempo muito bom em que aprendi a conhecer de verdade a vida das pessoas no campo.

Nova etapa de vida.

Em 1973, conheci um homem, com H maiúsculo (coisa de mil novecentos e antigamente), Joel, e aí começou um relacionamento diferente. Amor, companheirismo, vontade de viver juntos... FAMÍLIA. Deixamos tudo o mais do passado e começamos. Em 31 de maio de 1975, casamo-nos. Muita história, muita vida vivida com intensidade.

Daí, deixei a EMATER, antiga ACARES, e entrei no Mobral para trabalhar como agente de profissionalização em março de 1975.

Lá fomos nós, eu e Joel e, em meio à nossa construção de vida, chegou desse amor, em 19 de julho de 1976, a Janaina. Sabe o que é ter uma filha nascida linda? Obrigada, Senhor! Logo logo, uma nova mudança de trabalho. A LBA (Legião Brasileira de Assistência) precisava de um profissional com o meu perfil. Lá fui eu e com muita felicidade fui admitida para trabalhar meio expediente como supervisora de cursos profissionalizantes. Ótimo, vou cuidar melhor da minha pequena. Nova mudança. Fui convidada para trabalhar no PIPMO (Programa Intensivo de Preparação de Mão de Obra), órgão do Ministério do Trabalho, para ser gerente de profissionalização. Foi um tempo de aprendizado diferente, trabalhar com um público diferenciado, formado especialmente por presidiários. Foi muito gratificante. Conseguimos minimizar penas com profissionalização, compreensão e carinho. Com a extinção do PIPMO, fui para o

SENAR como técnica em assuntos educacionais. Em 1989, o SENAR foi extinto pelo Ministério do Trabalho e seus funcionários foram transferidos para outros órgãos do Governo Federal.

Fui trabalhar na DRT - Delegacia Regional do Trabalho e, em 1990, o Governo Collor reuniu a DRT com o INSS. Fui transferida para a área de Recursos Humanos do INSS, onde trabalhei até 1994, quando consegui minha aposentadoria, publicada no Diário Oficial do dia 05 de julho de 1994. Na época, a GEAP passava por uma intervenção e fui convidada para compor a equipe de intervenção. Inicialmente, assumi a gerência de controle de qualidade, posteriormente a gerência de serviços e, finalmente, a gerência administrativa até novembro de 2001. Saí da GEAP com o intuito de apenas curtir a vida. Enfim, fim de carreira!

Mas, criei uma empresa de aluguel de artigos de festas, a MV Artigos de Festas, nova fase como empreendedora, um período maravilhoso. Mas, queria realmente relaxar e passei a gestão da empresa para a minha nora.

Hoje, feliz e casada há 44 anos, três filhos criados e muito bem-sucedidos até o momento. Janaina (1976), a mais velha, é engenheira civil, formada na UFV no ano em que completamos 30 Anos da turma do Cavanhaque, trabalha na Anvisa; Rodrigo (1978), o do meio, é cirurgião dentista implantologista; e a caçula, Mônica (1981), é médica cirurgiã coloproctologista. Cada um nos deu um neto: Isadora com 9 anos, Gabriel com 4 anos e Pedro com 1 ano e 9 meses, da caçula, que nos dará o quarto neto em breve.

Nós vivemos de amor, curtição, viagens e Igreja Católica, onde recuperamos nossas energias e somos abençoados.

Para completar nossa felicidade, só precisamos de vocês, amigos queridos. Assim, esperamos a visita de todos. Não ao mesmo tempo, KKKKK, no seguinte endereço: Rua Dr. José Francisco Monjardim, 88, bairro Santa Cecília, Vitória, ES.

Vamos ser felizes juntos? Estamos aguardando com amor em Cristo. Não faltarão alegria, cerveja, cerveja, cerveja, samba e muito amor.

“Não esperemos que os outros façam aquilo que só nós poderemos fazer. Se queremos um mundo novo, é preciso que o renovemos em nossos gestos mais simples, e que a Oração de São Francisco seja nossa inspiração.”

Estamos bem e com tendência a melhorar! Paz e bem!

NÁGILA ROCHA REBELO



No dia 26/06/1949, na fazenda São Simão, município de Muniz Freire, região sul do Espírito Santo, nasceu eu. Filha caçula de Alexandrina Siqueira Rocha e José Rocha, ambos já falecidos. Mamãe era professora primária, daquelas que exigiam a tabuada “na ponta da língua” etc., e meu pai era produtor rural, dono de uma pequena propriedade, aumentada à custa de muito trabalho e economia por parte dos dois e também de nós todos, os cinco filhos. Fiz o curso primário numa escola próxima à fazenda. Aulas

em classe multisseriada, onde havia a professora do 1º ano e a outra que lecionava para o 2º, 3º e 4º anos na mesma sala e ao mesmo tempo. E, por incrível de possa parecer, a gente aprendia o essencial para prosseguir os estudos. Terminado o primário, fui, como antes meus irmãos, estudar em Alegre, ES, cidade que tinha uma boa escola pública, um

bom ginásio. Nossos pais continuavam na fazenda e nós ficávamos numa pensão. No “Aristeu Aguiar”, colégio estadual, cursei o ginásio e depois o curso normal.

Meu irmão mais velho, o Levi, tinha ido estudar agronomia em Viçosa (muitos anos antes, meu pai tinha participado de uma Semana do Fazendeiro, na UREMG). Formou-se em 1962. No ano seguinte, minha irmã Cerli iniciou o curso de ciências domésticas. Quando ela vinha de férias, contava tanta coisa da universidade, do curso, da vida estudantil e do relacionamento com os colegas, que comecei a ficar empolgada com aqueles relatos e, terminado meu curso normal, decidi estudar em Viçosa. Ela se formou em 1966 e eu comecei meu curso em 1967. De quatro em quatro anos, alguém lá de casa se formava em Viçosa. Éramos agora quatro irmãos. Décio, meu outro irmão, formou-se em agronomia na ENA, no km 47, no Rio. Todos nós nos formamos na área das ciências agrárias e afins.

Em Viçosa, iniciado o curso, vinha o trote. (Veterano nunca foi calouro, não é mesmo?) O trote era para possibilitar a integração dos novos alunos. Depois da quarentena, a marcha Nico Lopes e então o tão esperado Baile dos Calouros. Como era bom.... Acho que mais de 80 por cento dos alunos moravam nos alojamentos. Tínhamos os bate-papos nos apartamentos vizinhos, o chá feito usando o ebulidor, frutas compradas ou roubadas no pomar ... comemorações de aniversário à base de patezinhos, batidinhas, muita alegria e camaradagem. Direito de sair nas noites das quartas, sábados e domingos para ir ao cinema, de ônibus, mas com horário para entrar. O alojamento fechava.

O currículo do curso de CD tinha uma gama enorme de assuntos. Era meio generalista. De tudo a gente estudava um pouco, o que propiciava a versatilidade. As aulas teóricas e práticas nos preparavam para nossa profissão. E a vida estudantil em Viçosa era única. Desde a resolução de que não se colava nas provas, professores que, se necessário, podiam confiar o pacote de provas ao líder de turma na véspera da prova, na certeza de que ele não seria aberto antes da hora da prova em questão, pois havia muita lisura no processo estudantil e até nos relacionamento e amizades que ali se faziam. Que saudades daquelas caminhadas até o Recanto das Cigarras e ao Belvedere após o almoço dos domingos! Rodinhas de violão, serenatas! Música é tudo de bom! Chacrinhas, DAAB, pingue-pongue no DAOK ou na ACTA, “Ordem do Dia” no Dia do Soldado, reuniões do clube, olimpíadas internas. Ah, e ainda havia as freiras francesas do alojamento, o controle de horários de entrada, as idas ao cinema no Janu com Zé Coisinha (quem se lembra?). Porém, nada que impedisse a dedicação aos estudos, o virar a noite estudando para as provas, o aperto na “semana do cachorro”. Depois vinha o refresco, a semana do gambá. A festa junina na quadra a cargo de cada clube era um “must”. Tempo de paquerinhas e até de namoricos que, muitas vezes, viravam compromissos sérios. O estágio da Casa de Prática... oportunidade de exercer a criatividade e mostrar nossa capacidade e poder convidar o namorado para jantar com a gente...

Como morávamos no alojamento, tínhamos nossos grupinhos de companheiras de quarto. Quatro em cada apartamento. Dividi o apartamento com outras colegas, mas minha colega inseparável foi a Lethy Dayssy de las Mercedes Vega Orellana, equatoriana que veio estudar no Brasil. Depois que nos formamos, ela voltou para o Equador, mudou-se e perdemos o contato. Para a festa dos quarenta anos, tentei muito, sem sucesso, encontrá-la para que viesse à nossa comemoração.

A vida já foi muito mais simples! Na nossa formatura, alguns de nós optamos por aguardar pela festa ficando no alojamento. Como tivemos as disciplinas vestuário e têxteis com Fialho e Esmeralda, confeccionamos nossos vestidos de coquetel e de baile. O corredor do alojamento virou um ateliê de alta costura. Como era boa aquela simplicidade...

Terminada a formatura, era hora de procurar trabalho. Fui selecionada pela ACARES. Depois do treinamento no CALIR, fiz estágio em Castelo e Linhares e fui trabalhar em Cachoeiro de Itapemirim. Assistência a famílias, grupos de jovens, treinamento de jovens 4S, tudo que a extensionista devia fazer.

Desde o meio do terceiro ano, eu namorava o Fofão. Nosso namoro resistiu à distância e à dificuldade de contato, pois ele continuou em Viçosa (o serviço telefônico era uma desgraça) e se formou no Gato Preto em 1971. Deixei o trabalho quando ficamos noivos. Casamo-nos em junho de 1973 e viemos morar em Montes Claros, onde vivo até hoje.

Em 1976, comecei a lecionar extensão rural para os cursos de administração rural e bovinocultura, na UFMG, em Montes Claros. Com o encerramento dos cursos superiores pelo MEC, conseguimos reativar o curso de técnico agrícola e me tornei professora de inglês para o ensino médio. Por dez anos, fui a responsável pelo refeitório da unidade. Sofri um bocado, mas acho que o resultado foi satisfatório. Meus colegas professores do colégio agrícola eram, na maioria, egressos de Viçosa. Levamos para o colégio agrícola muito daquilo que só existia na Universidade Federal de Viçosa. Em 1987, resolvi voltar a estudar. Prestei vestibular na UNIMONTES para licenciatura em letras/inglês e me formei em 2001. Fui colega de ex-aluno meu do técnico agrícola e de colegas do curso primário da minha filha caçula. Neste tempo, eu já estava aposentada da UFMG, mas, com sérios problemas familiares. Minha mãe, idosa e com limitações, veio residir conosco; o Jayme, também, estava com sua autonomia comprometida devido ao mal de Parkinson. Assim, não voltei a trabalhar. Fiz, também, quase toda a graduação de letras/espanhol mas abandonei o curso já quase no final.

Eu e o Jayme nos casamos em 1973 e tivemos três filhos. Fabrício, formado em informática pela UFV, Hugo, advogado pela UNIMONTES, e Verônica, zootecnista, formada na FAZU em Uberaba. Hoje estão todos casados. Fabrício mora em Brasília, DF, e Hugo em Unaí, no noroeste de Minas. Verônica mora em Montes Claros, MG, continuando a gerir a nossa fazenda Bela Vista, junto com o esposo, Rodrigo, que é médico veterinário. Jayme era diversificado em zootecnia. Começou uma seleção de nelore PO que se tornou muito valorizada na nossa região, por mais de 30 anos. Como ele sempre foi de muito caráter e honestidade, era muito conceituado como produtor. Hoje não trabalhamos mais com gado PO. Ficou difícil a concorrência com tantos produtores gigantes que há Brasil afora. Estamos focados principalmente em recria e engorda de bovinos. No norte de Minas, as coisas são um pouco mais difíceis. Falta muita chuva.

Acho que posso ser considerada uma heroína para os dias de hoje. Vivi 39 anos com o mesmo marido. O Jayme também conseguiu me aguentar por tanto tempo...KKKK. Mas, em 10 de abril de 2012, a doença de Parkinson ganhou. O Jayme foi tirado de nós. Nossos filhos são casados. O Jayme não teve a chance de conhecer nossos netinhos. São quatro. Hugo e Luciana têm Ana Luisa e Vitor; Verônica e Rodrigo têm Jayme e Elisa. Os do Fabrício e Alexyria ainda estão por vir. Eu sempre digo que somos abençoados. Nossas crianças nasceram perfeitas, normais, sadias, inteligentes e ainda são bonitas. O que mais a gente pode querer da vida?

Hoje dedico-me a ser feliz e relaxar, ainda sentindo muita falta do meu companheiro de tanto tempo, mas escolhendo a opção de não sofrer por pouca coisa! ... Gosto de costurar (“pra dentro”), faço umas coisinhas de artesanato, tento aprender a tocar teclado, embora meu sonho fosse tocar piano bem pra tocar Ernesto Nazaré e Chiquinha Gonzaga. Canto em dois corais. Deus sabia o que estava fazendo quando me fez mulher. Se eu tivesse nascido homem, acho que ia viver em roda de violão... visito parentes e meus dois filhos que moram longe, bem menos do que gostaria. O mesmo vale para ir à praia. Tenho muitas saudades da Guarapari dos meus tempos de mocinha. Ajudo e apoio minha filha

com os netinhos que moram em Montes Claros. De resto, um churrasquinho de vez em quando, uma visita ou outra às amigas e convívio com a família do Jayme.

Bom, arrematando, deixo meu depoimento sobre a importância da UREMG/UFV na minha vida. Foi um tempo de amadurecimento, formação técnica e pessoal, tempo de fortalecer relacionamentos e amizades não só entre os colegas. O que vivemos lá contribuiu para o resultado final da pessoa que nos tornamos e ainda somos. Também fizemos amigos que são como família que lá deixamos. Cabe citar minha amizade com Lucinha Maffia, sempre muito mais que minha professora e, também, com a família do professor Braga, para nós, tio Juca, tia Ana e filhos, que são nossa família que ganhamos em Viçosa. Hoje vejo que deveria ter participado mais das festas de ex-alunos, nos nossos quinquênios. Só fui aos 25 e 40 anos de nossa formatura. A gente acaba deixando de manter e avivar os laços que tínhamos feito nos quatro anos da universidade. E tem ainda a falta daqueles que nos deixaram. Como foi maravilhoso nosso tempo ali! Como também espero que seja maravilhoso o nosso encontro de 50 anos! Nágila (Miudinho)

SONIA CARVALHO



Nasci no dia 25 de maio de 1945, em Alegre, ES, filha de João Carvalho (18/07/1906-02/01/2005) e Maria Moraes de Carvalho (25/06/1913-03/11/84). Estudei o curso preliminar no Grupo Escolar Deocleciano de Oliveira em Guaçuí, ES, entre os anos de 1953 e 1956. Antes, em Itaiçimuniz Freire, meu pai organizou uma escolinha onde Cléia, minha irmã, foi minha primeira professora.

Fiz o curso ginásial no Ginásio São Geraldo, em Guaçuí, de 1958 a 1961. Participei do curso normal colegial na Escola Normal São Geraldo, na época em que a comendadora Jurema Moretzson de Castro Lacerda era diretora ao lado do Monsenhor Miguel de Sanctis, nos anos letivos de 1962 a 1964. Estudei à noite no curso científico

de 1964 a 1966 no Colégio Professor Antônio Carneiro Ribeiro. Como sempre gostei de estudar, fiz inglês com o professor José Viera, que planejou o curso, cujos professores eram americanos.

Trabalhei como professora primária estadual na área rural, na Escola Singular Fazenda do Barulho, em 1965, e na Escola Singular Fazenda da Barra, em 1966, ambas em Guaçuí. Na mesma época, fiz o curso de datilografia na Escola Remington.

Tomei conhecimento sobre o curso superior de economia doméstica através de uma semana de testes vocacionais organizada pelo professor Dr. Renato J. C. Pacheco. Durante um mês, fiz o curso preparatório na UFV e passei no curso de economia doméstica. Colaborei no departamento de vestuário e têxteis, contabilidade, biblioteca e como intérprete e tradutora das técnicas americanas responsáveis pela área de nutrição, em troca da isenção das taxas de alojamento e refeição nos anos de 1968 a 1970.

Fiz o curso de inglês pelo Diretório Acadêmico Arthur Bernardes durante três anos. Cursei italiano por três meses no Diretório Acadêmico Navarro de Andrade, em 1969. Também fiz os cursos de leitura ultrassônica, cooperativismo, uso de biblioteca e o primeiro curso de informática da UFV sobre linguagem Fortran.

Participei do Projeto Rondon, em 1969, em Carira, SE, com elementos do setor socioeconômico, prestando relevantes serviços à integração nacional. No mesmo ano, traduzi o manual de administração para o diretor da biblioteca, Alexandre do Espírito

Santo. Atuei como secretária no Diretório Acadêmico Ocfília Kümmel. Em 1979, ganhei o certificado de gratidão da prefeita de Afonso Cláudio, Leni Alves de Lima, pelos relevantes serviços prestados na extensão rural em prol do desenvolvimento socioeconômico do município, tais como ressocialização de detentos, cursos e palestras na área de saúde e higiene e pela inclusão social dos moradores da área rural, trabalhando na ACARES, de fevereiro de 1971 a agosto de 1973. Nesse período, fiz o curso de treinamento de professor de economia doméstica para o ensino agrícola, diversificado pela CENAFOR. Em janeiro de 1973, iniciei o curso de educação em saúde, administrado pela equipe Pro-XI de Brasília.

Nos anos de 1974 e 1975, sob orientação do suboficial da Marinha Raul Cabral Chaves, dei aulas da arte de servir e arrumação dos camarotes dos navios aos novos taifeiros, em Vitória. No encerramento do curso da Marinha para atualização de pescadores profissionais, falei sobre higiene. O evento aconteceu na Barra do Jucu, Vila Velha, em 1975, e foi matéria do jornal A Gazeta.

Por mais de um ano, atuei na FESBEM - Fundação Espírito Santense do Bem-Estar do Menor, em várias áreas como especialização de funcionários, auxiliar de coordenação pedagógica e administração de palestras. Na ocasião, o presidente da fundação, Ari Lopes Ferreira, recebeu ofício do Capitão dos Portos, Geraldo das Mercês Paes Ferreira Landim, parabenizando-o pelas brilhantes atuações de sua funcionária Sônia Carvalho. Participei dos cursos de oratória e dicção da cantora lírica Natércia Lopes de Farias e Oliveira em 1978. Nesse mesmo ano, participei do curso de prevenção e combate a incêndio, organizado e aplicado pela Brigada de Incêndio.

Trabalhei na Universidade Federal do Espírito Santo como economista doméstica no departamento de nutrição, de 1982 a 1995. Passei dois anos e meio no Campus de Alegre da UFES, auxiliando na reestruturação do restaurante da unidade.

Em 2008, fiz o curso de extensão do ensino religioso no setor de pós-graduação e extensão (SPGE) - Sistema de Ensino Unilinhares, na Faculdade de Ciências Aplicadas "Sagrado Coração". Estudei teologia por três anos na IFTAV - Instituto de Filosofia e Teologia da Arquidiocese de Vitória em 2010.

Fiz curso e atuei, por seis anos, na Pastoral da Sobriedade, resgatando dependentes químicos de 2012 a 2017, e participei do encontro nacional dessa pastoral na Canção Nova. Em 1998, fui homenageada como Mulher do Ano pelo vereador Aloisio Kroling na Câmara Municipal de Vila Velha.

Convivi com meu marido Carlos Alberto Rocha por dez anos, que veio a falecer em 10/11/1995. Com ele tive um filho, João Carlos Carvalho da Rocha, hoje casado com Pollyana Marçal Bastos, pai do Lucas Rocha Bastos, por enquanto meu único neto.

VALDENICE MOREIRA SIMÕES



Nasceu na cidade de Jequié, BA, em 30/12/1945. Filha de Valdemar da Silva Simões e Berenice Moreira Simões, cursou o segundo grau no Colégio São José da Ação Fraternal de Itabuna, Itabuna, BA. Veio para UREMG, Viçosa, MG, onde ingressou no curso superior de ciências domésticas no ano de 1966. Egressa do "Carcará" com quem comemorou o Jubileu de ouro e publicou sua autobiografia. A Val colou grau com o Cavanhaque em dezembro de 1970.

Engenheiros-Agrônomos



Prédio Principal

AIDO PADOIN



Gaúcho de Horizontina, RS, nasci aos 24/11/1942, em Tunas, localidade minifundiária rural desbravada por filhos de italianos, alemães e poloneses. Filho de Frederico Padoin, agricultor, e de Iignes Christ Padoin, professora.

Cursei o primário no Grupo Escolar D. Pedro II com 60 alunos, até 1954. Construção em madeira serrada, sem energia elétrica. Deslocamento a pé ou a cavalo. Todas as famílias com participação ativa na comunidade local em eventos variados. No sistema internato, fiz ginásio e segundo grau em Carazinho

e Canoas, RS, até 1963.

Fui bem aprovado no vestibular da ENA, km 47, Seropédica, RJ, onde cursei o primeiro ano em 1965, bagunçado politicamente. Transferi-me para o incipiente curso de agronomia na UNESP de Botucatu, SP, com professores da ESALQ. A passeio por cidades históricas mineiras, consegui transferência para Viçosa, turma K-70, ênfase em zootecnia, curso almejado.

Por três anos, trabalhei no RS e SC com nutrição animal pela Purina do Brasil, promovendo atividades afins. No oeste do Paraná, por dois anos, trabalhei com rações e sementes Contibrasil, unidade Cascavel. Por mais sete anos, integrei a equipe da Monsanto no Oeste do Paraná. Promovi ações técnicas conjuntas (muitos *players*), objetivando sistemas mais eficientes e sustentáveis para nossa agropecuária: plantio direto, ABC, ILPF etc. Trabalho bem-sucedido, realização profissional!

Fui casado por quase dez anos. Tenho duas filhas e um casal de netos. Estou montando agropecuária no cerrado visando à eficiência, ou seja, produzir mais e melhor em menor área.

ALBA LUCI MACHADO DA SILVA RÊGO



Era a única menina do curso de agronomia. Moreninha, recatada, dedicada aos estudos, era a queridinha do grupo. Nasceu em João Pessoa, PB, em 20/08/1947. Filha de Alberto da Silva Rêgo e Ligia Machado da Silva Machado, graduou-se em agronomia em dezembro de 1970 pela UFV. Residente na Grande Fortaleza, iniciou sua carreira no Instituto de Pesquisa Agropecuária da Amazônia Ocidental, em Manaus, em 1971. Sua biografia completa pode ser acessada em: SILVA, L. de J. de S.; HOMMA, A. K. O. **50 anos IPEAAOc**: Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia

Ocidental. Brasília, DF: Embrapa, 2019. 173 p.

ALBERTO DE VASCONCELOS COSTA



Pensei escrever minha história citando pessoas, passagens e datas. Impossível citar todos os que conviveram e fizeram e ainda fazem parte da minha história.

Minhas origens - Nasci (07/06/1945) na região dos Furtados, a um quilômetro de São Sebastião do Curral, MG (SSC), conhecido como Arraial Novo, então distrito de Itapeçerica, MG. Em 1963, foi emancipado, recebendo o nome de São Sebastião do Oeste. Meu pai, Alberto Alves da Costa (1911-2015), nasceu em Santo Antônio dos Campos, local conhecido como Ermida do Campo, distrito de Divinópolis, MG. Meu avô paterno era originário da mesma região, enquanto minha avó paterna era originária da Bahia. Minha mãe, Ligia Vasconcelos Costa (1915-2005), nasceu em Passa-Tempo, MG. Os avós maternos vieram de Carmo da Mata. Sou o terceiro filho de uma família de quatro irmãs e cinco irmãos. Em 1949, do pequeno sítio, a família retornou para Arraial Novo (SSC), em um carro de boi, voltando, em 1955, a residir em uma pequena fazenda vizinha ao sítio onde nasci. Nosso pai, um trabalhador ferrenho, não poupou seus filhos. Aos oito anos de idade, fui guia de boi, puxando lenha seca do cerrado para caieiras no fabrico do carvão vegetal, apartando poucas vacas, tratando de porcos e galinhas, e arriando cavalos. Minha mãe, experiente, percebeu que eu deveria ter acesso a um estudo primário, saindo em 1956 (SSC) da escola da professora Aurora Amorim, para um pequeno grupo escolar às margens da linha férrea em Divinópolis, MG. Ali fiquei residindo com a saudosa Tia Magela Vasconcelos (1911-2005) a quem devo gratidão. Também, foi ali que alcancei o privilégio de ser aluno da reconhecida poetisa Adélia Prado (1935). Voltei (1957) e fui aluno de Mirna Loy Alves (1938), minha primeira irmã recém-formada do curso normal. Retornei a Divinópolis em 1958 para completar o primário no grupo escolar Padre Matias Lobato. Meu destino foi a casa de meus bondosos tios Hamilton Vasconcelos (1925) e sua esposa Elza (1935). No ano seguinte, 1959, ingressei no curso de admissão no colégio São Geraldo. Em 1960, fui selecionado para a Escola Agrotécnica de Muzambinho, curso de iniciação agrícola, graças à indicação do escritório da ACAR-MG em Itapeçerica. Permaneci em Muzambinho durante sete anos onde passei minha juventude. Com certeza, foram os melhores anos de minha vida. Não poderia esquecer de mencionar os grandiosos bailes em dois clubes existentes e do cinema folclórico do nosso tempo, pertencente ao pai do saudoso professor Hugo Bengston (1934-2016). No final do ano de 1966, meus pais e irmãos, através do meu cunhado Januário Faria (1940) e sua esposa irmã Maria Geralda (Zizi, 1943), foram até Muzambinho prestigiar minha formatura de técnico agrícola. Meu desejo seria ingressar na UREMG em Viçosa por influência do professor José Osório Freire (1936), ex-aluno daquela instituição.

O ingresso na UFV - No início de 1967, cheguei a Viçosa, hospedei-me em uma casa de família na praça da cidade. Posteriormente, instalei-me no alojamento principal da UREMG, onde ingressei em um cursinho relâmpago. Assim, no apartamento, fui sabedor que, no armário, o anfitrião guardava rico acervo de cadernos de anotações de aulas a que tivemos acesso. Tive sucesso no vestibular e regressei à minha terra de cabeça raspada. Uma novidade, ser considerado o primeiro vestibulando nascido e residente naquela pequena cidade.

O curso de agronomia na UREMG/UFV - O início de minha vida estudantil em Viçosa foi difícil e tumultuado. Viçosa é uma região de clima frio e úmido. Nosso alojamento era uma acomodação improvisada, que ficava próxima ao alojamento feminino e foi destruída por um rápido incêndio. Após isso, fomos transferidos para uma instalação nova do curso de florestas, ao lado esquerdo do Córrego São Bartolomeu. Acredito ser eu integrante daqueles calouros escondidos, de poucos recursos, salvos por uma bolsa de trabalho. No meu caso, o trabalho era dirigido a atividades no setor de parques e jardins da UFV, sob orientação do professor Luiz Carlos Lopes. Na época, era o recurso disponível àqueles dotados de alguma dificuldade de acesso a alojamentos e bandejões. Com certeza, grande ajuda, prevista e destituída ao alcançarmos o quarto ano da graduação. No início de 1967, o goiano Walter Manuel Cabral, apelidado de Cambão, pertencente ao Clube Pinguim, foi assassinado. A imagem do seu corpo, exposto no salão principal, jamais se apagou da minha memória. Mais dois estudantes, envolvidos no conflito, foram atingidos, mas salvos pelo médico Dr. Ari Teixeira daquele trágico e criminoso acidente. Já em 1968, fui transferido para o térreo do alojamento novo, apartamento junto aos colegas José Leite de Andrade (1945), Leôncio e Álvaro de Almeida. Neste ano de 1968, o ambiente se renovou. Tive o privilégio de conhecer Dalva Maria Fraga (1948), estudante capixaba, caloura do curso de economia doméstica. Este relacionamento persiste até que o destino nos separe.

Naquela época, ingressar na UFV não era tão difícil, mas, permanecer exigia estudar, estudar muito. Por convenções tradicionais, cola não era permitida. Quem se aventurasse a colar era repreendido pelos próprios colegas. A tradição da UFV no cumprimento dos deveres em muito contribuiu para moldar nosso perfil, reconhecimento da Universidade que retrata fielmente esta digna referência. Não poderia deixar de mencionar os encontros festivos nos salões dos diretórios acadêmicos, refeitórios e outros. Não me esqueço também do confronto de 1968, levado para uma passeata na praça da matriz contra o cerco de policiais. Lembro-me de outro caso em que foi servida uma torta de carne no refeitório e alguns recusaram seu consumo. Rapidamente, uma enorme quantidade de tortas foi depositada em uma mesa envolvida por uma toalha, dando início a uma procissão daquele amontoado, em forma de protesto. O Cavanhaque estava sempre presente nesses atos, época expressiva dos anos rebeldes. Não me esqueço do Humberto de Melo Carneiro, simulando desmaio frente ao cantor Jerry Adriani (1947-2017) no saguão de refeitório. Bons tempos! Entre tantas disciplinas, a que mais me chamou atenção foi a de avicultura, no terceiro ano de agronomia (1969), ministrada pelo professor José Brandão Fonseca. Sugeri esta ideia de frango de granja para o irmão José Magela da Costa (1948), hoje fundador da Avivar alimentos. O mesmo professor, quando diretor da ESA/UFV, em 1973, autorizou a doação de 19 kg de sementes de soja para compor os ensaios de soja pela Secretaria de Agricultura de Goiás. Isso possibilitou, após oito anos, desenvolver e lançar a EMGOPA 301, primeira variedade de soja criada no Estado.

Minha vida profissional - Ao completar a graduação, não consegui aptidão para uma vaga na extensão rural. Isso me levou a pleitear uma bolsa de estudos ao CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa) e ser aceito em um curso de pós-graduação em fitotecnia. Fui orientado pelo professor Luiz Antônio Nogueira Fontes, em colaboração com o professor Tuneo Sedyama e Clibas Vieira (1926-2004). Permaneci residindo na cidade de Viçosa de 1971 a 1972, período de plena expansão do programa de pesquisa agrícola em Minas Gerais (PIPAEMG). Da mesma forma, não consegui ingressar no programa em questão. Aconteceu que a Secretaria de Agricultura do Estado de Goiás, através do secretário Josias Luiz Guimarães (1935-2018), presente na Universidade, estava à procura de profissionais com mestrado para trabalhar no seu Estado. Apresentei-me no final de 1972,

tendo sido efetivado no ano seguinte e participado da criação da EMGOPA (Empresa Goiana de Pesquisa Agropecuária) em 1974, após a criação da EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) em 1973. Fui designado coordenador de pesquisa do projeto soja, cujo foco era dirigido a produtos, à semelhança aos centros de pesquisas da EMBRAPA. O interessante é que o projeto soja foi iniciado em 1974, somente com minha participação, acompanhado de um motorista. Em 1975, publiquei o primeiro boletim técnico da instituição, ano em que foi contratado o eng. agrônomo Pedro Moraes Jardim, permanecendo até 1977. Em 1976, foi contratado o pesquisador Pedro Manoel de Oliveira Monteiro, em treinamento no CPAC, junto ao extensionista pesquisador Renato Barboza Rolim. Este último foi conduzido ao mestrado na UFV, reforçando a equipe de técnicos agrícolas oriundos de Muzambinho, entre eles, o técnico Francisco de Paula Resende e Antônio Alves Moreira. Outrossim, colaboramos, em associação com o Centro de Pesquisa do Cerrado (1975), para a criação do Centro Nacional de Pesquisa do Arroz e Feijão em Goiânia (1976), Soja em Londrina (1976), Milho e Sorgo em Sete Lagoas e muitos outros. Os anos 1970 foram, sem dúvida, um marco da revolução verde nos cerrados brasileiros. Arroz de sequeiro, desde tempos idos considerado cultura desbravante, foi substituído pela cultura da soja e das forrageiras do gênero *Brachiaria*, espécies revolucionárias da agropecuária dos cerrados. Quando conheci a cultura da soja no departamento de fitotecnia, foi empatia à primeira vista, sem dúvida, tendo percebido, nos anos seguintes, que a expansão desta leguminosa era questão de tempo. Desde então, já estava configurada a quebra da barreira que impedia o florescimento tardio da soja pelo rompimento de seu período juvenil. Assim, por meio de um arrojado programa de melhoramento genético em instituições de pesquisa, incluindo a UFV, o Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), a EMBRAPA e coligadas, foi possível expandir a cultura da soja nas baixas latitudes. Outrossim, confirmou-se, então que, em terras onde se implantava a cultura da soja, abriam-se espaços para a cultura do milho, sorgo, milheto e algodão em sucessão, ou para a moderna pecuária. Por outro lado, os bovinos ocuparam o cerrado pela introdução das novas forrageiras associadas ao melhoramento do gado nelore, posicionando o Brasil como um dos principais produtores de carne bovina no mundo. A grande oferta de milho, sorgo e soja, matéria-prima das rações de aves, suínos e rebanho leiteiro, foi responsável pelos avanços na criação destes animais, mais uma vez, posicionando o país como referência na produção de proteína animal.

O início das pesquisas na EMGOPA ocorreu com a união do departamento de pesquisa da Secretaria da Agricultura com pesquisadores recém-contratados. Herdamos uma fazenda em Senador Canedo, distrito de Goiânia, além da Estação Experimental de Anápolis, pertencente ao antigo IPEACO. A EMGOPA se expandiu com a criação de campos experimentais em Jataí, Serranópolis e Morrinhos. Assim, junto aos centros da EMBRAPA em Goiás e Distrito Federal, foi construída uma das maiores instituições de pesquisa agrícola em regiões tropicais no mundo. Depois de oito anos de pesquisas de soja no estado de Goiás, retornei à UFV para o curso de doutorado, orientado pelo Prof. Tuneo Sedyama, em colaboração com Carlos Sedyama e Roberto Ferreira. Apresentei uma proposta de disciplinas abrangendo melhoramento genético, nutrição de plantas e fisiologia vegetal, em concordância com a equipe orientadora. Apresentei, também, outra proposta de defesa de tese, em direção aos problemas de produção de sementes de soja nos trópicos, em regiões com presença de chuvas e altas temperaturas. Foram quatro anos de atividade acadêmica, associada a trabalhos de campo e laboratório, envolvendo ensaios nas regiões de Capinópolis (CEPET/UFV), estações experimentais de Goiânia e Anápolis (EMGOPA). A junção destes resultados da tese de doutorado consolidou a recomendação de regiões de altitude do Centro-oeste brasileiro, apropriadas à produção de sementes de soja de boa qualidade. Atualmente, a maior parte das sementes de soja plantadas na região

do MATOPIBA (Estados do MA, TO, PI e BA), além de parte do Centro-oeste e Pará, são originárias de regiões de altitude e plantio em várzeas irrigadas na entressafra do Tocantins, Goiás e outros.

Ao voltar do doutorado, mudanças efetivas foram introduzidas, tendo conseguido transferência para o Norte de Goiás onde, no ano 1988, foi criado o Estado do Tocantins pela promulgação da nova constituinte. Permaneci por dez anos à disposição do estado do Tocantins até que, em 1998, aderi a um plano de demissão voluntária, levando à extinção da EMGOPA. Todos seus segmentos foram englobados em uma agência rural ligada à Secretaria de Agricultura do Estado de Goiás.

No Tocantins, a pesquisa agropecuária aderiu à extensão rural, Serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Tocantins, RURALTINS, em 1989. Então, a pesquisa agropecuária junto a este órgão logo foi absorvida pela Secretaria da Educação, compondo os quadros da Universidade do Tocantins, UNITINS.

Meu período de trabalho não atingiu o mesmo nível de Goiás, provavelmente em razão das prioridades mais urgentes inerentes à criação e estabelecimento do novo estado do Tocantins.

A partir de 1998, dediquei a totalidade de meu tempo à atividade rural, cultivando arroz de sequeiro, na lida de criação de gado de corte, em um período de oito anos. Nunca alcancei sucesso nesta atividade, tanto assim que, uma parte de nossas terras foi desapropriada em atendimento ao programa de reforma agrária. Isso me levou a entrar no ramo de beneficiamento de arroz, no qual, mais uma vez, fui malsucedido. Em 2010, segui para a atividade de incorporação de terrenos urbanos, em que permaneço até os dias atuais. Ainda não me aposentei pelo regime do INSS, sendo considerado por todos um dos idiotas úteis ao sistema de aposentadoria governamental.

Minha família - Resido em Paraíso do Tocantins, TO, desde 1988, quando era denominado Paraíso do Norte, então no estado de Goiás. Sou casado com Dalva Maria Fraga Costa, economista doméstica (1971) e nutricionista pela UFV (1983), aposentada pelo RURALTINS, onde respondeu pelo escritório regional desta instituição durante 16 anos. Atualmente, ela trabalha na empresa familiar Imobiliária Vasconcelos. Tenho um filho, empresário, diretor sócio da Vasconcelos, pai dos meus três netos, um com 17, uma neta com 3 e um netinho com 1,5 ano de idade. Todos nós temos residência fixa em Paraíso do Tocantins, com extensão a Palmas, capital do Estado.

Seria injusto reclamar daquilo que não alcancei. Agradeço a Deus pela saúde e pela vida dadas a mim, à minha família, a todos os parentes, aos colegas, amigos e conhecidos, sendo também grato por tudo aquilo que consegui alcançar nesta breve passagem pela vida.

ALBERTO MARTINS REZENDE



Nasci no vilarejo de Cristiano Otoni, MG, em 22 de setembro de 1946. Famílias, à época numerosas, levaram meus pais a terem 11 filhos. Fui o penúltimo.

Diferentemente dos pais da maioria dos meus contemporâneos, meu pai era um industrial do que hoje se chama agronegócio. Tinha um frigorífico de abate de porcos onde produzia “toucinho” e banha enlatada. A banha, que hoje é substituída pelo óleo vegetal, era remetida, via férrea, para Rio de Janeiro e outras cidades de Minas. Também

produzia queijos, manteiga e doce de leite, igualmente remetidos para Rio de Janeiro e outras localidades.

Embora sendo tipicamente de origem rural, a visão industrial do meu pai me arremetia para fora daquele ambiente pacato, em busca de mais conhecimento e oportunidades, o que de fato veio a acontecer. Assim, tendo concluído o então curso primário em Cristiano Otoni, fui levado, por falta de colégio no município e por dificuldades financeiras, ocasionadas pela falência nos empreendimentos de meu pai, para estudar o ginásial e colegial em diversas cidades do país. Inicialmente, fui para o Colégio Municipal de Ouro Preto, MG. Posteriormente, para o Colégio Estadual de Barbacena, MG, um curto período em Brasília, DF, e para a Escola Agrícola de Jaboticabal, SP. Naquele período relativamente tumultuoso, vivi a época dourada dos Beatles, que marcou fortemente a minha juventude e, ainda, a dos famosos políticos como Carlos Lacerda (1914-1977), Jânio Quadros (1917-1992), Juscelino Kubitschek (1902-1976), entre outros, que enriqueceram o debate político com amigos e fizeram crescer a preocupação com meu progresso econômico e, sem dúvida, com o do nosso país. Foi um tempo de grandes amizades e de lembranças memoráveis. Destacaria como grandes mestres, os professores de história, Fernando Henrique, e de física, Elfani, ambos do Colégio Estadual de Barbacena.

Em 1967, ingressei na UFV, antiga UREMG, prestando vestibular na Escola Agrotécnica de Barbacena, juntamente com vários outros colegas que moravam em Barbacena e região. Entre eles, figuram o Antônio Clovis Fonseca, Ênio Fernandes da Costa, Carlos Magno (Aloprado) e Morethson Resende. Na UFV, tive professores e amigos, também inesquecíveis, e alguns com os quais convivo até hoje. Colega de trabalho, como Alexandre Aad Neto e companheiros de quarto, como Rolf Puschmann e George Henrique. Nessa lista, estão ainda o saudoso Níbio Milagres e os Sediymas, Carlos e Gilberto. Companheiro de república, como Ataíde Jorge e outros. Tampouco posso esquecer dos professores que tiveram grande influência na minha formação acadêmica, profissional e moral: prof. Sérvulo (solos), Prof. Brandão (zootecnia), Prof. Freire (entomologia) e Prof. Nonato (matemática).

Após a graduação, fiz a pós-graduação, parte na UFV (Viçosa) e parte na Oklahoma State University, EUA. Fiz carreira profissional trabalhando na UFV desde Auxiliar de Ensino até Titular, como professor de comercialização agrícola, no departamento de economia rural, por 37 anos. Não posso deixar de destacar a convivência com o grande amigo e colega Alexandre Aad Neto, como professor atuando na mesma área e departamento.

Casei-me com Rute Marins Rezende, com quem tenho três belos e inteligentes filhos, Rafael, Rodolfo e Aline. Sou avô de quatro netos: Davi, Lucas, Iago e Pedro.

Sou membro da Igreja Presbiteriana de Viçosa, a qual frequento desde que chequei a Viçosa em 1967.

Atualmente, aposentado, invisto parte do meu tempo curtindo mais a família e amigos e me divertindo no sítio onde cultivei café por muitos anos. Hoje atuo como empresário do ramo de hotelaria e turismo rural.

Dou graças a Deus por tudo que me deu. Não foram poucas as frustrações e decepções, mas as bênçãos e vitórias superaram, em muito, tudo que tenho vivido.

ALENCAR DE CAMPOS VALADARES



Natural de Felixlândia, MG, filho de Sebastião de Campos Valadares e Maria Gonçalves Pereira Valadares, nasceu em 27/08/1944. Concluiu o segundo grau no Colégio Universitário, em Viçosa, MG, em dezembro de 1966, tendo ingressado no curso superior de agronomia em 1967, colando

grau em dezembro de 1970. Pessoa alegre e amiga, teve uma convivência harmoniosa com os colegas. Atualmente, é agropecuarista e reside em Curvelo, MG.

ALEXANDRE AAD NETO

Uma vida, uma agradável vida!



Origem - Nasci em 21/05/1946. Filho de Aziz Alexandre Aad e Amalin Said Aad. Meu pai veio do Líbano aos quatro anos de idade junto com meu avô Alexandre Aad e minha avó Adla Marum Aad. Vale ressaltar que meu pai nasceu em 1914, início da Primeira Guerra Mundial. Daí meus avós tiveram que ficar no Líbano até seu término, o que só ocorreu em 1918, quando voltaram para o Brasil. Meu avô já estava no Brasil quando voltou ao Líbano para se casar.

Minha mãe, filha de libaneses, nasceu no Brasil, filha de Miguel Said e Bahia Zaram Said. Nós somos oito irmãos: cinco homens e três mulheres, dois irmãos já falecidos. Tenho um montão de

sobrinhos.

Família - Casei-me com Maria Kaína Said Aad e tivemos dois filhos: Alexandre Miguel Said Aad, que faleceu aos 21 anos de acidente de carro, e Soraya Said Aad, casada com Fabrício Fernandez da Silva e Santos, que me deram dois netos, Artur, de seis anos, e Alice, de um ano e sete meses. Adotamos uma linda menina que mora conosco e se chama Nathane Luísa Said Aad, atualmente com 14 anos.

Estudante - Fiz o primário em Cachoeirinha, distrito de Viçosa, e o ginásio estudei um ano em Visconde do Rio Branco e o restante em Ponte Nova, no Colégio Dom Elvécio. Meu pai era pequeno comerciante em Cachoeirinha e minha mãe, professora primária. Eles tinham dificuldades para sustentar e dar estudo aos oito filhos. Vale lembrar que estudar, naquela época, era difícil. Assim, resolvi fazer vestibular para o agrotécnico da UREMG, em Viçosa, diga-se de passagem, perto de Cachoeirinha. Passei bem colocado (1964) e, durante os três anos do curso, tive uma convivência memorável com os nobres colegas. Inesquecível!

Meu pai me deu uma bicicleta. Cansei de ir para Cachoeirinha nela, empurrando quando chovia, pois a estrada era de terra. Fui orador da turma em 1966.

Passei no vestibular de agronomia no qual também fui bem classificado. Foi “moleza”, pois o agrotécnico era um “senhor curso”.

Quatro anos se passaram, com uma convivência maravilhosa com os nobres colegas Cavanhaqueanos. Morava no 833 com o Wilson Ferreira da Fonseca, Lúcio Louzada Cordeiro e o Mendel Guimarães Bernardes.

Em 1968, o Edmundo Magela Carneiro, nosso colega, foi eleito presidente do DAAB. Convidou-me para ser o diretor comercial (tinha sob seu controle os barezinhos na UREMG). Assumimos eu e o Wilson a meu convite. Barezinhos que davam prejuízo (desvios) mas, a partir da nossa administração, geramos 17 bolsas rotativas mensais (ajuda a estudantes carentes), que eram administradas pela UREMG.

Formado, tinha opções várias de emprego. Optei por fazer mestrado em economia rural na UFV, antiga UREMG. Fiz concurso para ganhar uma bolsa de estudos da Fundação Ford e passei. O nobre colega Ataíde Jorge de Oliveira também fez o concurso e passou. Recebíamos em dólares. Ao terminar o mestrado, recebi proposta para trabalhar em

Brasília. O Ataíde foi. Eu fui convidado para ficar na UFV. Fiz concurso para professor e lecionei até me aposentar.

Professor - Logo que comecei a fazer mestrado, incumbiram-me de dar aulas. Substituí o professor Antônio Souza, que tinha sido indicado para reitor. As matérias que eu lecionava eram comercialização agrícola e análise de preços agrícolas. Nesta mesma área, lecionava também o nosso nobre colega cavanhaqueano Alberto Martins Resende (Didi), meu caro amigo.

Detalhe importante de minha carreira como professor é que eu era dos poucos que estimulavam os alunos a ser empreendedores, porque dizia a eles que eram uma elite, apesar de muitos deles serem de baixa renda na pirâmide social do país. Insistia que deveriam ser ofertadores de empregos, não demandadores. Valeu! Hoje encontro muitos ex-alunos empresários.

No Brasil de hoje, é muito difícil empreender em decorrência da burocracia, custo Brasil, leis trabalhistas inadequadas ao mundo de hoje, excesso de carga tributária e outros.

Como professor de pós-graduação, orientei poucas teses. Nunca solicitei bolsa ao CNPq ou à Capes. Escrevi inúmeros artigos científicos, várias apostilas e participei de vários congressos.

Empresário - De origem humilde como muitos nobres colegas, sempre pensei em conseguir recursos para evitar pedir ajuda ao meu pai, sabedor que era de suas dificuldades. Comecei comprando bicicletas usadas dos formandos em novembro e, em março, vendia aos calouros. Na agronomia, já instalado no 833, também vendia mel.

No terceiro ano, ganhei, através de uma comissão de professores brasileiros e americanos, uma bolsa para ir aos Estados Unidos. Lembro-me de que um contemporâneo me deu dinheiro para comprar dólares para quando eu voltasse e vendesse no paralelo, que valeria muito mais que no oficial. Partimos o lucro. Ganhei algum dinheiro com as diárias do governo americano.

A partir do terceiro ano, minha vida melhorou: negociava bicicletas, vendia mel, lecionava no cursinho e ainda coletava dados para pesquisas no departamento de economia rural da UFV. No quarto ano, tive a honra de ser o presidente da comissão da formatura. Lembro-me de que o dinheiro que sobrou usamos para ajudar o Ataíde, que machucara feio a mão quando da queima de fogos - tradição naquela época.

Não posso me alongar. Comprei fazendas. Fui um dos maiores produtores de café da região, produzindo muito e com qualidade. Fui o maior fornecedor de café da região para a ILLY, onde ganhei vários prêmios.

Empresário da construção civil, sócio da Concreta, construí dois prédios em Viçosa: Edifício Portinari e Edifício Millenium, ambos de 11 andares.

Aposentado, administro as fazendas que hoje são de eucalipto e pecuária. Menos trabalho.

ALFREDO KINGO OYAMA HOMMA



Nasci em 1947, em Parintins, Amazonas, onde meu pai Takeshiro Homma (1910-1988) imigrou em 1933, da Província de Niigata, norte do Japão. Minha mãe Yoshime Oyama Homma (1913-2008) chegou com seus pais, também, em 1933, da Província de Okayama, sul do Japão, mas em navios diferentes, e se casaram no Brasil. Tiveram três filhos, sendo dois homens e uma mulher. O navio, a

Província de origem e o ano de chegada passam a ser o ponto de identificação entre os imigrantes japoneses.

O meu avô materno Ryota Oyama (1882-1972) foi quem fez a aclimatação da juta. No seu auge, na década de 1960, chegou a contribuir com um terço do PIB do estado do Amazonas e com mais de 60 mil famílias envolvidas no seu cultivo. A produção de fibra de juta na Amazônia levou o Brasil à autossuficiência em 1953 e, com o declínio, o reinício das importações em 1970 e o seu desaparecimento a partir da década de 1990. Meu avô é cidadão do Amazonas e Pará, tem escola e praça com seu nome, condecorações do governo brasileiro e japonês, mas vivíamos em extrema pobreza.

Em 1948, meus pais saíram de Parintins para o município de Jatinã, atual município de Belém do São Francisco, Pernambuco, às margens do Rio São Francisco, para plantar juta. O agrônomo Eudes Souza Leão Pinto (1920), que em 1965 se tornou o primeiro presidente do Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário (INDA), achava que a juta poderia ser uma alternativa para as margens do Rio São Francisco.

Do insucesso em Pernambuco, a família mudou-se para Ilhéus, BA, onde nasceu a minha irmã Maria (1950). A partir de Ilhéus, começo ter recordações dos locais de moradia. Em Ilhéus também não deu certo trabalhando em terra arrendada no plantio de hortaliças, e nos mudamos para Cariacica, ES, adotando o mesmo procedimento. Em seguida, nos mudamos para o centro do Maranhão, atual município de Lima Campos, até nos fixarmos em São Luís.

Fiz somente o quarto ano primário, por não ter escola, estudando em casa e passei no exame de admissão para o ginásio. Em São Luís, nasceu meu irmão Rui (1955). Todo o sacrifício foi dedicado para a educação dos filhos, com punições severas, pois meu pai acreditava que a única forma de melhorar de vida seria pela educação. Meu pai era muito rígido. Era faixa preta de judô, segundo *dan*, da melhor escola de judô no Japão, e a gente apanhava muito. Não admitia nota baixa. Morávamos em casa coberta de palha, com parede de pau a pique com enchimento de barro e, para ir à escola, eu caminhava oito quilômetros. Na volta trabalhava na horta e estudava à noite com luz de lamparina. Meu pai achava que o Brasil estava 50 anos atrasado em relação ao Japão em termos de transporte, educação, organização pública etc. Todos os filhos passaram em primeiro lugar nos vestibulares. Passei em Viçosa, minha irmã em medicina em São Luís e meu irmão caçula em Ouro Preto, MG, em metalurgia.

A razão de ter ido para Viçosa foi por conta do Prof. Chotaro Shimoya (1912-1977), que veio fazer um estudo no Maranhão, a convite da SUDENE e falou da qualidade do curso e do baixo custo de vida na então UREMGE. Foi uma viagem bem atribulada de ônibus, partindo de São Luís (10/12/1966), na viação Princesa do Agreste que, naquele tempo, só rodava de dia. Levou uma semana para chegar a Viçosa, atravessando Maranhão, Piauí, Pernambuco Bahia e Minas Gerais. Lembro-me que dormi em Picos, PI, Garanhuns, PE, Jeremoabo, BA, e o motorista mandou-me descer, à noite, em Leopoldina, MG, e o ônibus prosseguiu viagem para o Rio de Janeiro. De manhã cedinho, o dia ainda escuro, peguei um ônibus de Leopoldina para Ubá e depois outro até Viçosa. Cheguei por volta das 16:00 horas, numa tarde de sábado, no dia 17/12/1966, depois de o ônibus deslizar até Viçosa, pois tinha chovido na véspera. Tinha 19 anos e foi a primeira viagem que fazia sozinho. Adão Antunes Queiroz foi o primeiro colega que conheci, em 18/12/1966, assim que cheguei a Viçosa. O Prof. Shimoya tinha um carinho muito grande para com os matogrossenses, pois o filho dele trabalhava na ACAR-MT. A seu pedido, Adão Antunes Queiroz levou minha mala do hotel (este hotel não existe mais, parece haver um açougue em seu lugar) perto da antiga rodoviária, para a casa da Dona Mulata, na Rua Padre Serafim. Apareceu com uma bicicleta. Durante as férias de julho de 1967, fui para a fazenda do pai dele, em Três Lagoas, MS. Na casa da Dona Mulata, conheci o Elto

Eugênio Gomes e Gama, Roberto Miranda (- 2015) e George Henrique Kling de Moraes, que ficavam no alto da casa e haviam chegado no início de 1967.

Durante a graduação, morei na 4ª Seção, no primeiro andar: eu, Rolf Puschmann, Fábio Marcial Andrade Cunha e Giovani José Carvalho. Depois, com a saída do Puschmann e do Fábio, entraram Deonésio Moreira da Silva, Wilson Jesus da Silva e Hilton Ney Gaiva (1971). O Giovani mudou-se para um apartamento do prédio novo. Com a diversificação em economia, mudamo-nos para a 6ª Seção, no segundo pavimento: eu, Mercial Lima de Arruda, Deonésio, Donato Pereira da Luz e Alvacir Barbosa Ribeiro. Havia uma turma do Norte, Nordeste e Centro-Oeste que, por dificuldades financeiras, permanecia em Viçosa durante as férias de julho e de final de ano. Essa turma era chamada de pessoal do “Terceiro Mundo”, em alusão ao jornalista *Jean Jacques Servan Schreiber* (1924-2006), que cunhou esta denominação para os países subdesenvolvidos. Este pessoal ficava alojado na biblioteca do DAAB, local lúgubre, totalmente escuro, sem água quente. As férias eram a pior época, pois eram fechados o alojamento e o refeitório. Fiquei nesta situação durante três anos. Durante a graduação, vendia artigos sobre a Amazônia para o Correio Agropecuário que, quando aceitava, pagava o equivalente a meio salário mínimo. Quando podia, nadava com Rosival Gonçalves de Albuquerque, oito a doze quilômetros, na piscina do DAAB, pela manhã ou à tarde.

Por falta de recursos, não participei da festa de formatura. Com a prova do Prof. Teotônio Dias Teixeira, o curso foi encerrado e agora era o desafio da vida profissional. Na primeira semana de dezembro, quando o táxi cedinho parou na 6ª Seção, despedi-me da UFV e peguei um ônibus para Belo Horizonte, depois para Brasília e, sem descansar, outro ônibus para Belém.

A rodoviária era o local de sonhos e esperanças. Em Belém (09/12/1970), comprei a passagem da Cruzeiro do Sul, de avião a hélice, em direção a Manaus (12/12/1970), que era a mais barata. Ainda tenho os canhotos desta passagem. No dia 14/12/1970, eu me apresentei para trabalhar na extinta Comissão de Desenvolvimento Econômico e Social do Amazonas (CODEAMA), presidida por Ozias Monteiro Rodrigues (1933-2006), que tinha feito o convite do emprego. Foi uma decepção.

Naquela época, com graduação em Viçosa, eu tinha várias opções de emprego. Houve uma grande migração do pessoal formado em Viçosa para trabalhar na ACAR-Amazonas, que pagava muito bem. Vários colegas foram trabalhar alí (Aurélio Augusto de Sousa Filho, Ernani de Moraes Peloso, Jaime Rezende do Valle, João Batista da Silva, Pedro Salgado Brandão, Roberto Moraes de Miranda e Rosival Gonçalves de Albuquerque). Recebi convite para trabalhar na ACAR-Amazonas, mas não aceitei por vocação e fiquei com a pior opção em termos salariais. Durante parte do período em Manaus, moramos juntos, eu e o Aurélio.

Permaneci apenas sete meses na CODEAMA e consegui ser contratado pelo antigo Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAOc), fundado em 1969, na época, em plena selva, localizado no km 30 da estrada Manaus-Itacoatiara e chefiado por Fernando Burlamaqui Monteiro, irmão do famoso escritor paraense Benedito Monteiro (1924-2008). Dessa forma, entrei para o serviço público federal sem fazer concurso, o que era comum na época. Nesta mesma Instituição, mais tarde foi contratada a colega Alba Luci Machado Rego, que havia se casado com Ernani de Moraes Peloso. Esta instituição, fundada pelo Ministro da Agricultura Ivo Arzua Pereira (1925-2012) em 1969, era bastante precária. Seria o embrião da atual EMBRAPA Amazônia Ocidental, onde foi trabalhar, mais tarde, Roberto Moraes de Miranda até seu falecimento.

Com a criação da EMBRAPA (1973), tive a oportunidade de cursar o mestrado em Viçosa, em 1974. Este curso provocou uma grande mudança, pois aprendi a fazer

pesquisa sob a orientação do Prof. Antônio Raphael Teixeira Filho (1941) e dos professores do departamento de economia rural. Fiz a minha pesquisa de dissertação na Transamazônica, onde se concentrava o interesse dos *brazilianists*, interessados no grande projeto de colonização em plena selva. Entre 1984 e 1988, retornei a Viçosa para fazer o doutorado sobre extrativismo vegetal, já casado com Liete (1953) e com a filha Erika (1981, odontóloga) e a Thais (1986, médica), esta nascida durante o período do curso, novamente com a orientação do Prof. Antônio Raphael Teixeira Filho. Durante o curso, meu pai faleceu, mas não tive condições de participar do enterro. Tenho uma neta, Amanda, e dois genros: o desembargador Walter Roberto Paro (Belém, PA) e o médico Rafael Balceiro (Barretos, SP). Participei das festividades de formatura dos 5 e 15 anos quando estava em Viçosa e, depois, somente em 2015.

Minha tese foi sobre economia extrativa, antes da eclosão mundial sobre esse assunto, decorrente do assassinato de Chico Mendes em 22/12/1988. A mídia mundial, artistas e personalidades globais falavam como se Chico Mendes tivesse descoberto o extrativismo vegetal como a melhor forma para acabar com os desmatamentos e queimadas na Amazônia. Os resultados da minha tese mostravam o contrário. Desde quando Adão e Eva provaram a primeira maçã extrativa no Paraíso, a Humanidade domesticou mais de três mil plantas e centenas de animais que constituem a base da agricultura mundial. Publiquei um artigo em 1990 na revista *Veja* e isso canalizou o ódio dos ambientalistas que, passados mais de 30 anos, permanece a mesma coisa. Mantive-me firme na minha posição de que a opção de *colher sem plantar* não tinha futuro na Amazônia. Recebi muitas pressões, mas também consegui muito amigos.

Pelos meus trabalhos de pesquisa, fui muito premiado. Ganhei o Prêmio Nacional de Ecologia (1989), Prêmio Edson Potsch Magalhães (1989), Prêmio Frederico de Menezes da Veiga (1997), Prêmio Jabuti (1999), Prêmio Samuel Benchimol (2004, 2010), 50 anos do Curso de Mestrado em Economia Rural da UFV (2011), Membro Correspondente da Academia Amazonense de Letras (2011), Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social 2013, Homenagem Especial a Personalidades Nipo-Brasileiras pela Assembleia Legislativa do Estado do Pará (2015), Membro Legendário da SOBER (2015) e Medalha do Mérito 2015 CONFEA, entre outras premiações.

Após o assassinato de Chico Mendes, criou-se na Amazônia uma visão antiagronegócio, antidesenvolvimento e em favor de um subdesenvolvimento sustentado. Tenho batido fortemente contra esta posição em palestras, artigos, livros, entre outros. Publiquei mais de 20 livros e mais de 300 artigos, capítulos de livros e anais completos em congressos. Nestes quase 30 anos após a defesa, já proferi 112 palestras sobre minha tese, que tem sido motivo de críticas e concordância em diversas dissertações e teses no país e no exterior.

As palavras finais são de agradecimentos. Aos meus pais, que conseguiram vencer as dificuldades. À EMBRAPA, razão da minha vida. Aos professores e colegas na UFV, que foram importantes na minha formação, aos mais de dois mil agricultores entrevistados em duas dezenas de levantamentos de campo, às instituições e às centenas de pessoas que confiaram em mim nestas últimas cinco décadas. O recado para os jovens, tendo como base minha experiência, é que estudem bastante, não sigam o caminho dos atalhos fáceis, aproveitem ao máximo o tempo de graduação e evitem as brigas profissionais, que são de difícil *reconciliação*. Procurem focar em suas atividades. O tempo passa rápido.

ALOISIO GERALDO SOARES OSÓRIO



Minhas origens - Nasci em Viçosa em 18/01/46, único filho homem de uma família humilde de mais três irmãs. Meu pai, Geraldo Magela de Abreu Osório, era agricultor e minha mãe, Aurora Soares de Abreu, muito conhecida por vários alunos da antiga ESAV/UREMG, tinha uma pequena pensão, conhecida como pensão da Dona Aurora para estudantes, na Rua do Cruzeiro, próximo ao cemitério.

Tive uma criação rígida. Minha mãe era muito enérgica e mantinha sempre ao alcance da mão uma vara fina de marmelo, untada com banha de porco, que deixava no canto do fogão de lenha para curtir e servia para me manter na linha. Era raro o dia em que eu não saía da linha.

Foi ela, na sua luta incansável, que praticamente sustentou toda família, já que a renda de produtor rural do meu pai era insuficiente para criar e educar quatro filhos. Desde os oito/dez anos de idade, eu e minhas irmãs ajudávamos nossa mãe na lida diária de servir o almoço e jantar aos estudantes pensionistas que faziam uma grande fila na porta de casa, esperando para terem acesso a um pequeno refeitório onde cabiam, aproximadamente, 15 pessoas. Com o fruto deste trabalho diário, praticamente sem descanso, de segunda a domingo, ela criou, educou e formou todos os filhos. Esse aprendizado de trabalhar desde pequeno foi de suma importância para o crescimento futuro da minha vida profissional.

Cursei o primeiro ano primário na escola particular de Dona Célia Pacheco, ali ao lado do cemitério, próximo à nossa casa. No ano seguinte, fui matriculado no grupo escolar Cel. Antônio da Silva Bernardes, na Rua Benjamim Araújo, mais conhecida antigamente como Rua do Comércio. Ao completar o primário, fui fazer “Admissão ao Ginásio” no Colégio de Viçosa, onde estudei até o segundo ano científico. Este período foi preponderante na formação do meu caráter e grandes amizades de infância foram aí solidificadas e permanecem até hoje. Muitos destes amigos foram companheiros de caminhada do vestibular à formatura na UFV.

Em 1965, em plena ditadura, fui prestar o serviço militar no “Tiro de Guerra 162” aqui em Viçosa. Vários colegas do Cavanhaque que, na época, faziam o agrotécnico, foram também cumprir seu dever cívico de servir à pátria. Dentre eles, lembro-me de Alexandre Aad Neto, Ronaldo Pedrosa Gomes, Edson Teixeira Filho, José Rubens Ferreira Fontes e do Kajiwara. Perdoem-me os outros colegas, mas gostaria de relembrar aos que fizeram parte deste grupo, um dos momentos mais hilários que ficaram na minha lembrança. Estávamos todos perfilados em formação quando o sargento Wilson, que era aluno do primeiro ano de agronomia, disse: “Alexandre, você vai ficar responsável pela tropa até eu voltar. Tenho uma prova oral de agronomia para fazer e, dentro de 40 minutos, estarei de volta”. Daí a mais ou menos meia hora, chegou o sargento, todo suado, esbaforido, jogou sua bicicleta contra a parede e desabafou: “vejam só se pode uma merda dessa. Sabe o que me foi perguntado? Qual variedade de trigo se cultivava em Viçosa, qual? Qual? Alguém pode me dizer”? Neste silêncio sepulcral, ouve-se uma voz bem baixa, quase sussurrando, temendo ser descoberto, que diz: “trigonometria”. O sargento ouviu e não é preciso dizer que o infeliz atirador (Verano) foi devidamente enquadrado. No ano seguinte, em 1966, com a criação do Colégio Universitário na UREMG (COLUNI), fui aí completar o secundário e, no final do ano, passei no vestibular para agronomia, iniciando minha vida acadêmica.

Posso afirmar com certeza que, apesar dos apertos virando noites estudando, várias segundas-époas etc., este foi um dos períodos mais marcantes e apaixonantes da minha vida, de que tenho muitas saudades. Durante estes quatro anos que passamos juntos, fiz grandes amizades e, sem desmerecer outros colegas, um em especial era Jaime Resende do Valle, carinhosamente apelidado de (entre outros apelidos) Nhô Cascora. Meu grande amigo, companheiro nas caçadas de rãs, nas pescarias, nas serenatas no alojamento das pica-couves, nas cachaçadas dos churrascos, meu companheiro de gole e boteco. Fomos nós que capturamos e embalsamamos nosso simbólico e inesquecível Romualdo. Não me esqueço de uma vez que eu, ele e Sérgio Mello (Gambá, outro grande amigo), após uma virada de noite estudando para uma prova de bioquímica (Deus me livre!), fomos relaxar, dando um rolê pelo Muzungu (antiga zona boêmia de Viçosa) e, depois de umas e outras, quando estávamos dançando com as ‘meninas’, fomos “educadamente” postos para fora do recinto pelo leão de chácara, pois que, nas suas próprias palavras, nosso comportamento era desrespeitoso e “incompatível com o ambiente familiar do local”. Outra passagem inesquecível aconteceu na passeata de 1968, quando um policial perdeu os dedos da mão ao tentar retirar uma bomba que caiu debaixo de um táxi. Nesse momento, nós e mais alguns colegas fomos encurralados na porta de entrada do antigo fórum por um grupo de policiais sedentos de vingança, que nos ameaçavam de morte com suas baionetas encostadas em nosso peito. Se não fosse a intervenção do Dr. Januário Fontes, que era muito respeitado, com certeza poderia ter ocorrido uma grande tragédia. Não poderia deixar de prestar minha homenagem a este grande amigo, Jaime Resende do Valle que, infelizmente, partiu prematuramente, deixando um enorme vazio em nossas vidas.

Iniciei minha vida profissional ao aceitar uma oferta de emprego na ACARES, serviço de extensão rural do Espírito Santo que, na época, era financeiramente mais atrativo porque pagava um pouco mais que os outros estados. Ao terminar o pré-serviço, fui designado para reabrir o escritório na cidade de Itaguaçu, onde permaneci até 1974. Foi neste período que, com muito esforço e economia, realizei meu sonho e comprei, financiado, meu primeiro carro, um fusca 1971.

No final de 1972, em sociedade com um amigo, adquirimos uma propriedade rural, onde tivemos a sorte de ganhar um bom dinheiro plantando café, com a elevação dos preços devido à geada de 1975. Em 1974, fui promovido para o escritório regional na cidade de Nova Venécia, no norte do Estado, como assessor técnico. Alí trabalhei por três anos e tive a felicidade de conhecer minha futura esposa Cecília, com quem me casei em 1977, estando juntos até hoje.

Tivemos três filhos: Sabrina que, infelizmente, veio a falecer aos 15 anos devido a um problema cardíaco; Frederico, formado na UFV em gestão de agronegócio e trabalha na EMBRAPA de Rio Branco, AC; e André, formado em agronomia e engenharia de segurança do trabalho, atualmente auxiliando-me na produção de café.

Em 1976, fui promovido a assessor técnico estadual na cultura do café, sendo transferido para o escritório central da EMATER. Trabalhei, também, com outras culturas. Fui um dos responsáveis pela implantação da soja e da seringueira no Espírito Santo e pelo desenvolvimento da pimenta-do-reino no norte do Estado.

Em 1982, fui designado para fazer um curso de mestrado em engenharia agrícola na UFV, onde desenvolvi um protótipo de secador de café. De volta ao escritório central da EMATER, fiquei aí trabalhando por mais dois anos. Infelizmente, a grande poluição do ar em Vitória, em virtude da emissão de poeira tóxica de resíduo de minério no Porto de Tubarão, agravava muito a delicada saúde da nossa filha. Pedi demissão da empresa e retornamos a Viçosa, onde residimos atualmente.

ALOISIO TEIXEIRA GOMES



Pensando em fazer minha autobiografia, vêm-me à mente alguns fatos que considero relevantes da minha infância, da época de estudante e da vida profissional.

Minhas origens - Nasci no meio rural (06/03/1948) na propriedade “batizada” por meu pai como “Granja Diamante”, no distrito de Diamante, município de Ubá, MG. Lá, os meus pais, Boaventura Alvares Gomes (1914 - 2005) e Julia Teixeira Gomes (1923 – 2018), tiveram sete filhos. Foi naquele lugar que tive minha infância e fiz o curso primário na Escola Municipal Teixeira Ervilha, em Diamante, e na Escola da D. Guiomar, numa fazenda vizinha. Até aos 11 anos de idade, lá morei, estudando e

ajudando meu pai na lida com a pecuária leiteira, uma paixão que ele teve durante toda sua vida. Não me esqueço de tê-lo ajudado na ordenha e no trato das vacas por quase um ano quando ficamos sem retireiro na propriedade.

Em 1959, fui para Ubá para seguir com os estudos, ingressando na escola da D. Nedir (curso de admissão), depois no Ginásio São José, primeiro ano ginásial, posteriormente no Colégio Estadual Raul Soares, onde estudei até o segundo ano colegial/científico (1965), hoje chamado segundo grau. Ressalto que, já naquela época, por três anos, nos meses de dezembro e janeiro, dei muitas aulas particulares de matemática para alunos, muitos deles colegas do colégio, que ficavam de “segunda época” (recuperação). Isso consolidava meus conhecimentos na matéria e me ajudava a ganhar uns “trocados”. Durante todos esses anos, viver com muito pouco recurso exigia fazer muita economia. Tivemos a oportunidade de ser guiados por princípios da ética, disciplina e responsabilidade, que foram transmitidos pelo bravo e belo casal, meus pais, Julia e Boaventura.

Registro que minha mãe, em algumas ocasiões, mencionava ao meu pai que deveríamos procurar emprego, fazer um concurso para ingressar no Banco do Brasil, a fim de folgar um pouco o apertado orçamento familiar. Nessas ocasiões, meu pai sempre foi taxativo, apontando que o caminho seria o ingresso numa universidade para ter uma formação superior. Então pensei fazer o curso de direito e ser advogado. Porém, a escassez de recursos me impediu de mudar para Juiz de Fora, naquela época, a única cidade da Zona da Mata Mineira onde eu poderia fazer o curso. Foi quando surgiu a ideia de ir para Viçosa estudar agronomia numa universidade já de bom nome, vizinha a Ubá, e com possibilidades de ter alimentação e alojamento quase de graça. Por lá já tinha passado meu pai, muito antigamente, no chamado curso “Médio”, e estava estudando agronomia o meu irmão mais velho, Sebastião. Com certeza, esses fatos tiveram influência na minha ida para Viçosa.

O ingresso na UFV - Por exclusão e não por opção, fui para Viçosa e lá cheguei em 1966. Naquele ano, estava sendo inaugurado o Colégio Universitário (COLUNI), dando a oportunidade ímpar para fazer um curso muito apertado, concluir o terceiro ano científico/colegial e já se preparar para o vestibular, tendo aulas com professores de gabarito da própria universidade. Chegando a Viçosa, fui morar na casa/república da D. Virgínia Chaves, vizinha da Escola Normal, onde conheci os primeiros colegas. Lembrome de que lá estavam também, entre outros, Sinval, Gildásio, Paulo Fonseca e Francisco de Paula Castro, o Chico que, mais tarde, se tornou um de meus amigos mais próximos

nos tempos de Viçosa. A gente estudava muito para dar conta do arrocho a que éramos submetidos no COLUNI e, também, pelo medo do vestibular. Minha boa base adquirida em Ubá ajudou e muito a vencer aquela difícil etapa e ingressar no curso de agronomia, com início em 1967.

O curso de agronomia na UFV - Este foi um período inesquecível em toda a minha vida. Foram quatro anos, de 1967 a 1970, marcados por importantes exposições no campo acadêmico, resultando em uma formação técnico-científica invejável, séria, responsável e apertada, bem como pelo convívio social e pelas sólidas amizades que foram adquiridas. Logo no início do curso, consegui um lugar para morar no alojamento da Universidade, no chamado “prédio velho”, sexta seção, quarto 38. Lá, já moravam meu irmão Sebastião e seu colega de turma Antônio Jorge, ambos cursando o terceiro ano de agronomia. Entramos eu e o colega Ataíde, irmão do Antônio Jorge, completando as duas duplas de irmãos morando no 38. Por lá permanecemos eu e Ataíde, os quatro anos, alternando com outros colegas que chegavam e ocupavam o lugar daqueles que iam terminando seu curso. Durante todo aquele período, tivemos momentos de muita tensão com os compromissos acadêmicos, alternados com momentos de tranquilidade e muita alegria nos eventos sociais e esportivos dentro e fora do âmbito da Universidade. Felizmente, consegui equilibrar, satisfatoriamente, o lado acadêmico com o social, obtendo aprovação em primeiro turno nas disciplinas cursadas, com exceção da química analítica II, que me levou ao segundo turno. No último ano do curso, optei pela diversificação em economia rural, uma alternativa de me aproximar das ciências sociais, com abordagens de métodos quantitativos aplicados a segmentos do agronegócio. Esta foi a melhor escolha para minha vida futura como profissional. Na diversificação em economia rural, éramos 15. Aproximei-me de todos, especialmente do Ataíde, meu companheiro de quarto, Homma, Matoso, Ronaldo, Rodrigo, Alexandre Aad, Pedro Salgado, entre outros.

Minha vida profissional - Na época, com o diploma de agrônomo da UFV, havia opções várias de emprego. Mas eu queria mesmo era fazer, de imediato, o mestrado em economia rural. Por restrições de vagas para recém-formados, não consegui iniciar o mestrado em 1971. Aceitei, então, a proposta de emprego da antiga ACAR-MG, hoje EMATER-MG, e fui trabalhar em Teófilo Otoni, MG, elaborando projetos e prestando assistência técnica a produtores da região, com foco em pecuária de grandes e pequenos animais, bovinos, suínos e aves. Lá permaneci por dois anos.

Em 1973, transferi-me para Cataguases, MG, continuando o mesmo trabalho de assistência técnica aos produtores. Sempre determinado em fazer o mestrado em economia rural, tentei o meu retorno à UFV nos três anos em que estive na EMATER-MG. Pela falta de uma indicação e apoio institucional, disputando como “franco atirador”, não consegui ingressar no departamento de economia rural da UFV. Foi quando, então, no final de 1973, recebi um convite da recém-criada EMBRAPA, assinado por um de seus criadores, o nosso guru Dr. Eliseu Alves, para ser contratado como pesquisador e ir direto fazer o mestrado em economia rural. Era tudo o que eu queria. Deixei a EMATER e fui para a EMBRAPA no início de 1974, já com o objetivo predeterminado de iniciar o curso no Instituto de Estudos e Pesquisas Econômicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - IEPE/URGS, morando em Porto Alegre, RS.

No final de 1975, já com o mestrado, fui lotado na EMBRAPA Gado de Leite, com sede em Coronel Pacheco, região de Juiz de Fora. Em 1979, a EMBRAPA me deu mais uma oportunidade e saí para fazer o doutorado nos Estados Unidos, iniciado em East Lansing, na Michigan State University, onde cumpri parte dos créditos. A convite do professor Harold Evan Drummond, um professor-visitante em Viçosa nos anos 1970, com quem

trabalhei como seu estagiário no departamento de economia rural da UFV, decidi, então, transferir-me para a University of Florida, em Gainesville. Na Flórida, terminei os créditos e fiz minha tese sob a orientação do professor Drummond.

Foram muitos os desafios durante o curso de doutorado, compartilhando momentos de muita ansiedade e momentos de muita alegria com vários colegas brasileiros que lá estavam, especialmente da EMBRAPA e de universidades. Destaco minhas grandes amizades construídas naquele período com o colega e grande amigo Guarany Carlos Gomes, também embrapiano, e com Ivan Castelar, da Universidade Federal do Ceará. No final de 1984, retornei à EMBRAPA Gado Leite em Coronel Pacheco, onde construí toda a minha carreira de pesquisador na área de economia, com foco na pecuária de leite. Neste centro de pesquisas, atuei até me aposentar em 2006. Durante todo esse tempo, esforcei-me muito para dar o meu máximo pela EMBRAPA. Como destaques, participei da estruturação da Unidade, publiquei centenas de artigos em periódicos nacionais, internacionais, revistas técnicas e suplementos agropecuários, coordenei a editoração e publicação de dois livros e vários capítulos de livros tratando da cadeia do leite, orientei estudantes de mestrado e doutorado, além de ter proferido dezenas de palestras para técnicos e produtores, entre outras atividades. Ressalto que tive a oportunidade de participar, de forma bastante intensa, de reuniões e eventos técnicos, discutindo ações técnicas e políticas voltadas para o setor leiteiro. Também destaco a minha participação nos trabalhos de elaboração e atualização das planilhas de custo de produção de leite em várias regiões do Brasil, as quais foram de grande importância na definição de políticas para o setor. Este foi um trabalho originalmente estruturado e coordenado pelo respeitado professor Sebastião Teixeira Gomes, da UFV, mas atuando como consultor na EMBRAPA Gado de Leite. Isto na segunda metade da década de 1980 e início dos anos 1990. Outro trabalho de grande importância, visando a melhorar a profissionalização no setor leiteiro, foram as discussões, publicações e criação de modelos de contratos de compra e venda de leite. Esta foi uma ideia original que tive, envolvendo a criação de um instrumento jurídico próprio para normatizar a venda do leite produzido no campo experimental de Coronel Pacheco. Procurei dar muita publicidade, disponibilizar e incentivar sua utilização nas relações produtor-indústria pelo Brasil afora.

Minha contribuição na história da EMBRAPA Gado de Leite foi, também, marcada pela participação na chefia da Unidade por cerca de nove anos, em dois mandatos, nos anos de 1986-1990 e de 1996 a 2000. Nessa posição, atuei como chefe adjunto de administração em duas gestões sob o comando do colega e grande amigo Airdem Gonçalves de Assis, que era o chefe geral da Unidade. Este foi um período também muito rico para mim, tanto na lida com a gestão de pessoas, como na administração de recursos físicos e financeiros, buscando sempre sua melhor alocação para atender às demandas da Unidade. Registro aqui a nossa luta para obter o terreno, construir e transferir a sede da Unidade para junto ao campus da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Isso ocorreu no final de 1997.

Finalizando, preciso falar do meu curso de direito, um sonho sempre adiado, mas nunca esquecido. Em 1994, já completando meus 46 anos, decidi prestar um novo vestibular, agora para estudar direito, curso que me ocorria fazer desde os tempos de colégio em Ubá quando eu tinha 16 ou 17 anos. Prestei o vestibular e ingressei no conhecido e respeitado Instituto Vianna Junior, de Juiz de Fora. Embora tendo que cumprir uma carga pesada na EMBRAPA, o que me levou a trancar a matrícula por dois anos, sacrificar o convívio com a família em quase todos os fins de semanas e feriados, consegui me formar em direito no final de 2000. Minha ideia era montar um escritório quando me aposentasse. Foi o que aconteceu em 2006. Contando inicialmente com orientação e expertise de minhas ex-professoras do Vianna Junior, Vera Carmem, Celia Fasseheber e,

posteriormente, com jovens estagiários egressos daquela faculdade, abrimos o escritório de advocacia. Destaco os ex-estagiários Leandro Borges e Hugo Leonardo, hoje advogados em nosso escritório, já bem conhecido em Juiz de Fora, realizando meu grande e antigo sonho.

Minha família - Moro em Juiz de Fora, MG. Sou casado com Rosângela Zoccal, zootecnista e, também, pesquisadora da EMBRAPA. Tenho três filhos: Alexandre, professor da Universidade Federal de São Carlos/Campus de Sorocaba, SP; Renato, arquiteto, residindo também em Sorocaba; e Geovana, com doutorado em relações internacionais, atualmente trabalhando em Bonn, Alemanha. Tenho três lindos netos (trigêmeos): Maria, Vitor e João, filhos do Alexandre com minha nora Carla. Por tudo isso que escrevi, só me resta agradecer a Deus por ter me dado tantas coisas boas nesta vida!

ALVACIR BARBOSA RIBEIRO



Minhas origens - Nasci no centro urbano do Distrito de Vilas Boas, município de Guiricema, em 19/07/1947. Sou o mais novo de uma família de cinco irmãos: Heitor, Arlindo (20/12/1937-25/03/2002), Cleusa e Neusa. Meus pais, Joaquim Custódio Ribeiro (01/05/1911-21/04/1955) e Maria Barbosa Ribeiro (03/03/1914-07/09/2006), tinham duas propriedades rurais: a maior, a “Fazenda Retiro”, situava-se em Crindiúbas, zona rural; e a menor, na zona urbana de Guiricema, onde me criei e tive os primeiros contatos com a atividade de produção leiteira. Esta propriedade, onde morei na minha adolescência, tinha duas partes interligadas por um túnel que comunicava com as instalações do curral e ordenha, bem como com nossa residência. Considero esta fase a melhor e a mais bem vivida, período de muitas diversões, muito trabalho, ajuda efetiva na exploração da atividade pecuária leiteira. Nessa ocasião, pude fazer o meu curso primário no Grupo Escolar Coronel Luiz Coutinho, situado no centro urbano de Guiricema. Após o término desta fase, fomos morar na região central da cidade onde, através de concurso, ingressei no Ginásio Guiricemense e terminei a segunda série ginásial. Esses dois anos foram fundamentais na minha vida estudantil pela competência e dedicação dos professores, principalmente de matemática e de português. Em 1962, fomos morar em Visconde do Rio Branco, próximo a Guiricema, cerca de 18 a 20 km. Graças à base adquirida nos primeiros dois anos de ginásio em Guiricema, participei de um concurso onde havia apenas uma vaga para ingressar no ginásio estadual, anexo à escola normal oficial de Visconde do Rio Branco, MG, vindo a concluir nessa escola o curso ginásial. Ainda cursando o ginásio, comecei a trabalhar em um escritório de contabilidade que me ajudou a custear os estudos e fazer poupança para o futuro, pois passei a ser o gerente do escritório. Em 1966, concluí o curso científico no Colégio Rio Branco, em Visconde do Rio Branco.

O ingresso na UFV - Diante das facilidades diversas que Viçosa (UFV) me oferecia, como a proximidade de Visconde do Rio Branco, o convite de meu tio, que residia em Viçosa, para que eu fosse prestar vestibular na UFV, além de informações seguras sobre a qualidade e a garantia de emprego que o curso de agronomia prometia, decidi prestar vestibular para agronomia em Viçosa. Assim, em dezembro de 1966, convencido por tudo

isso, meu tio me levou para sua casa em Viçosa para fazer um cursinho preparatório ao vestibular de agronomia. Registro, na oportunidade, a ótima qualidade deste curso preparatório, feito integralmente pela Universidade, no que se refere à estrutura logística e aos professores. Após esse curso preparatório, iniciou-se a fase do vestibular. Confesso que estava seguro, tendo em vista a base que carregava do ensino primário ao científico. Mas, quando começaram a chegar a Viçosa os candidatos para as provas, confesso que me assustei. Não imaginava que seria tão grande o número de concorrentes. Consegui vencer essa etapa, passando bem colocado no tão temido vestibular. A informação do resultado foi prestada pessoalmente por meu tio que residia em Viçosa, tio Geraldo Barbosa, irmão de minha mãe. Ao saber que eu tinha sido aprovado, ele ficou muito satisfeito e resolveu dar a informação pessoalmente em minha casa, em Visconde do Rio Branco.

O curso de agronomia na UFV - Foi um período que me marcou muito pela falta de experiência no convívio universitário em relação àqueles colegas que eram originários do curso técnico agrícola na UFV, bem como do Colégio Universitário. Logo no início do curso, consegui uma vaga para residir no alojamento antigo da Universidade com alguns veteranos do terceiro e quarto anos de agronomia e engenharia florestal. Após alguns meses, fui morar no alojamento novo com três colegas maravilhosos que cursavam o segundo ano de engenharia: Wilson, natural do Sul de Minas, Tarcísio, do município de Muriaé, que cursava o segundo ano de engenharia florestal, e Manoel Xavier, natural da Zona da Mata de Minas Gerais. Esses três colegas, além do bom relacionamento que tivemos durante todo o período, deram-me força para vencer todos os obstáculos acadêmicos, tendo tido aprovação acima da média em todas as disciplinas durante todo o período universitário. Em função de minha vocação, optei pela diversificação em economia rural no último ano do curso. Neste último ano, além do prazer de estudar aquilo que era a minha vocação, tive a felicidade de conviver com colegas que também tinham o mesmo interesse. Nessa ocasião, conseguimos reunir três colegas da diversificação para morar em um mesmo quarto da última seção do “alojamento velho”: Mercial Lima de Arruda, Alfredo Kingo Oyama Homma e Deonésio Moreira.

Minha vida profissional - Em dezembro de 1970, ano de formatura, havia diversas propostas de emprego para todos os colegas, principalmente para os diversificados em economia rural. Então, abracei a proposta da antiga ACAR-MG. Fiz o pré-serviço e fui convidado pela direção para ser extensionista rural do escritório local de Belo Horizonte. Nesse período de trabalho, elaborei diversos projetos de avicultura, suinocultura e pecuária leiteira. Foi uma experiência muito grande, tendo em vista que prestava assistência técnica e assessoria na área social em diversos municípios da grande Belo Horizonte como Sabará, Nova Lima, Ribeirão das Neves, Betim e Contagem. Tive também grande experiência de trabalho de assistência à produção de café no Triângulo Mineiro, no escritório local de Araxá, MG. No final de 1972, fui convidado para ser o chefe do escritório local de Viçosa, MG. Durante os primeiros meses de trabalho como extensionista rural em Viçosa, mantive contato com os professores do departamento de economia rural, Euter Paniago, Antônio Raphael Teixeira Filho e Antônio Fagundes de Souza. Recebi orientação e convite deles para fazer o mestrado em economia rural. Solicitei o desligamento da ACAR-MG e iniciei o mestrado com a orientação específica do Professor Antônio Raphael Teixeira Filho, que aprovou meu projeto de pesquisa. Em seguida, viajei para o Rio de Janeiro a fim de solicitar uma bolsa de estudos ao Conselho Nacional de Pesquisa - CNPq e sua aprovação foi imediata.

Com a saída do Professor Antônio Raphael Teixeira Filho para Brasília, convidei o Professor Sérgio Alberto Brandt para ser meu orientador no desenvolvimento do projeto de pesquisa e defesa de tese. Após o término do mestrado, com tese defendida em outubro de 1974, recebi convite do Secretário de Agricultura e Abastecimento de Goiás, Dr. Marco Antônio Machado Arantes, por intermédio de um contemporâneo de mestrado Francisco Guilhén Quinoz, para trabalhar em sua assessoria especial no Núcleo de Planejamento da Secretaria. Em 1975, fui convidado, juntamente com outros colegas, para instalar a Comissão Estadual de Planejamento Agrícola de Goiás - CEPA/GO. Na CEPA/GO, ocupei diversos cargos de coordenação, inclusive o de coordenador de vários programas que compunham o Plano de Desenvolvimento de Goiás 1979/82 do Governador Ary Ribeiro Valadão. Trabalhei em outros órgãos de Goiás como CODEG - Cia. de Desenvolvimento do Estado de Goiás, Secretaria Estadual de Planejamento, Sociedade Goiana de Agricultura e Pecuária e, finalmente, na EMATER-GOÍÁS, onde fui Coordenador de Planejamento - CPLAN no Governo de Maguito Vilela, sendo que continuo exercendo atividades de assessoria em economia agrícola e planejamento.

Minha família - Resido em Goiânia desde 1974. Sou casado com Zélia Aparecida Faria Ribeiro, arquiteta. Temos dois filhos muito amados: Leonardo, médico pediatra, especialista em UTI neonatal, e Fernanda, médica endocrinologista, ambos residentes em Goiânia. Tenho dois lindos netos, João Pedro e Eduardo, filhos de Leonardo e minha nora Marcele, também médica pediatra.
Goiânia, 27 de junho de 2019.

ANTÔNIO CARLOS DE FREITAS



Antônio Carlos de Freitas (*in memoriam*), nascido em 02/07/1946, em Petrópolis, RJ, era filho de Antônio da Costa Freitas e Edilva Viana de Freitas. cursou o segundo grau no Colégio Carlos A. Werneck, Petrópolis, RJ, e iniciou sua graduação em 1966. Pessoa educadíssima e de fino trato, recebeu o apelido carinhoso de “Macio” que retratava bem a sua índole.

ANTÔNIO CLOVES FONSECA HOMEM



Suas origens - Antônio Cloves Fonseca Homem nasceu no dia 16 de março de 1943, na pequena cidade de Alto do Rio Doce, MG. Era filho de Oscavo Homem de Faria e de Maria Dias Fonseca, já falecidos. Era o mais velho de nove irmãos, sendo quatro homens e cinco mulheres. Foi criado na zona rural deste município, mais precisamente, na propriedade conhecida como “Borges”.

Sua infância foi tranquila, pois era pacato e introvertido. Neste período, desenvolveu profundo interesse pelo ambiente rural, traço que o acompanhou por toda sua vida. Em Alto do Rio Doce, estudou até a 5ª série, dando continuidade a seus estudos na antiga

Escola Agrotécnica de Barbacena, hoje Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais, onde concluiu o científico. O ingresso na agrotécnica foi um grande divisor de águas, dadas as suas dificuldades financeiras, tendo em vista que seus pais viviam do que produziam na zona rural.

O ingresso na UFV - Na Agrotécnica, Cloves vislumbrou a possibilidade de fazer o curso de agronomia em Viçosa, considerando as facilidades de moradia e alimentação oferecidas pela universidade. Sua mãe também o incentivou a buscar os estudos de nível superior, o que serviu de exemplo para seu irmão José Assis de Faria. Assim, fez vestibular para Universidade Federal de Viçosa e foi aprovado para o curso de agronomia, diversificado para engenharia agrícola.

O curso de agronomia na UFV - Sua chegada a Viçosa foi muito marcante pois, ao contrário do que imaginava, não havia disponibilidade de alojamento para ele. Apesar deste contratempo, ele não se abateu e, por iniciativa própria, encontrou um cômodo localizado no alojamento velho que não era utilizado como dormitório. Este “novo” quarto passou a se chamar “Quarto nº 0”, onde morou durante todo o curso.

A passagem pela UFV foi um período muito feliz de sua vida. Embora fosse reservado, era bem relacionado com todos os colegas. Durante o curso, seu apelido era “Sanfona”, dado seu gosto pelo instrumento expresso nos bailes que frequentava na cidade, nem sempre como convidado. Em um destes bailes, ganhou também o apelido de “Homem de Deus”, em virtude de ter tirado para dançar uma americana muito mais alta que ele. Entre seus grandes amigos, destacaram-se o Ênio, o Alberto Rezende, o José Antônio Obeid, George Kling e Wilson Denicoli. A amizade com estes colegas perdurou mesmo depois da formatura, aprofundando-se tanto no âmbito pessoal, quanto no desenvolvimento de suas atividades profissionais.

Sua vida profissional - O início de sua vida profissional foi tranquilo, pois já saiu da UFV com emprego garantido na EMATER. Trabalhou nas cidades de Coromandel e Montes Claros com extensão rural e desenvolvimento de projetos agrícolas, tendo adquirido muita experiência. Logo depois, teve uma passagem pela CODEVASF, continuando sua atuação com projetos de engenharia agrícola. Depois de sua passagem pela CODEVASF, foi trabalhar no Campus da UFMG em Montes Claros como professor de construções rurais.

Em 1978, fez concurso e ingressou como professor efetivo da UFV, atuando no departamento de engenharia agrícola como professor de construções rurais. Neste período, teve a oportunidade de cursar o mestrado em engenharia agrícola, sendo orientado pelo Professor Liovando Marciano da Costa. A partir de 1987, Cloves passou a ser, de fato, um “Homem de Deus” com seu batismo na Igreja Presbiteriana de Viçosa. Em 1996, aposentou-se.

Alguns anos após sua aposentadoria, iniciou trabalhos de consultoria ambiental juntamente com o Professor João Tinoco, no LESA e, posteriormente, na empresa TECSAN, incubada na UFV. Ao mesmo tempo, passou a atuar como evangelista na Microrregião de Paula Cândido, evangelizando no meio rural e plantando igrejas evangélicas de denominação presbiteriana nas cidades de Senador Firmino e Paula Cândido.

Sua família - Casou-se com Maria José, em 07 de janeiro de 1977, no município de Montes Claros, MG. O casal viveu nesta cidade por um ano, mudando-se, posteriormente, para Viçosa, de onde não mais saíram. Tiveram três filhos: Laura, Igor e Vitor. Laura é

administradora, casada com André (também agrônomo), e reside atualmente em Juiz de Fora, MG. Igor é engenheiro civil, casado com Mariana, mora em São Paulo, SP. Igor é pai de duas lindas meninas, Letícia (5 anos) e Larissa (3 anos), e um belo rapaz, Rafael (5 meses). Vitor é gestor ambiental, casado com Paulina, mora em Pará de Minas, MG. Cloves, mesmo com todas as lutas, finalizou sua carreira como servo do Senhor Jesus Cristo, deixando um grande legado em inúmeras vidas, vindo a falecer em 10 de agosto de 2018, com 75 anos.

Viçosa, 28 de abril de 2019.

ANTÔNIO DE BASTOS GARCIA



Nasceu em Campo Belo, MG, em 08/07/1945. Era filho de José de Bastos Garcia e Sada Abrão Garcia, o que o torna um 1/2 sangue libanobrasileiro. Primogênito de 5 filhos, foi criado no meio rural. Seu pai cultivava café e, mais tarde, trabalhou com avicultura. Estudou no Colégio Dom Cabral em Campo Belo onde seu professor, Padre Justino, observando sua inteligência, previu que viria a ser engenheiro. Iniciou o segundo grau em Belo Horizonte, no Colégio Afonso Celso, concluindo-o no COLUNI-UREMG, em 1966.

Colega observador e gozador, o Curiango (era esse o seu apelido) era um ser de alma nobre. O depoimento colhido com seus amigos Ilídio, Canabrava, Itamar e João Bosco demonstra seu caráter e a sua nobreza de alma: “No apartamento 5 da 2ª Seção, funcionava, clandestinamente, um cassino. A turma era grande: Eudaldo, João Bosco, Esaó, Margô, Curiango e muitos outros que, mais pobres, apostavam de leve. Havia um outro grupo de estudantes mais abastados, liderados pelo Nelore, que apostava alto. O Curiango jogava nos dois grupos. Pobre, sem eira nem beira, era bom jogador e muito sortudo. Ganhava quase sempre. Alma desprendida e amiga, pagava, para os menos afeitos à contravenção, um PF domingo à noite no Tião Milagres. É que na Universidade não havia jantar aos domingos e, durinhos da Silva, dependiam do Curiango para conseguir acalmar o estômago e dormir de domingo à noite até o café da manhã do dia seguinte. Em Brumadinho, o Véia me disse que o PF era acompanhado, religiosamente, por uma cervejinha. Isto não era amizade, era uma irmandade. Nobre Garcia. Gozador contumaz, sou testemunha viva de outras duas passagens hilárias. O Prof. Paulo Cambota vibrava com a avicultura comercial que, à época, engatinhava. Ao terminar a aula, lá vai o Garcia, compenetrado e sério, informar ao professor que a família dele tinha uma criação de curiangos e que esta era muito mais lucrativa que a criação de frangos. O professor, muito ingênuo e crédulo, escutou com atenção e paciência a explanação do Garcia. Certamente não acreditou, mas, humilde, não quis contestá-lo. Outro fato hilário aconteceu numa aula de piscicultura: o Curiango, em tom professoral, aconselhava o Prof. José Rodrigues a cruzar Cascudo com Tilápia pois, apesar de muito prolíficas, as tilápias possuíam muitas espinhas e o cascudo não tinha espinhas, mas reproduzia muito pouco. O Professor, humilde e paciente, ouviu até o fim a sandice do Garcia para, ao final, lhe dizer que a intenção era muito boa, mas impossível de ser realizada, por se tratar de seres de diferentes “ordens” e “famílias”. O Curiango, sem perder a pose, insistia, agora, mas com menos entusiasmo”.

Terminado o curso, ingressou na ACAR, hoje EMATER-MG, onde prestou seus serviços por 30 anos. Nesse período, trabalhou em Montes Claros, Sete Lagoas e Lavras como extensionista local até setembro de 1983. Entre março de 1980 e setembro de 1982, foi

liberado para fazer o mestrado na UFV, onde defendeu tese na área de “nutrição de ruminantes”. Em setembro de 1983, foi promovido a Coordenador Regional de Pecuária em Uberaba. Em fevereiro de 1989, solicitou licença sem remuneração, retornando à mesma função em janeiro de 1990. Em fevereiro de 1990, assumiu a Superintendência Regional de Patos de Minas.

Em 1988, recebeu o título de Cidadão Uberabense. Em 1997, foi escolhido, dentre vários nomes, para ocupar uma secretaria na gestão do Dr. Marcos Montes Cordeiro. Foi Secretário Municipal de Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Uberaba, MG, atualmente, Secretaria Municipal de Desenvolvimento do Agronegócio, no período de 1997 a 2002. Em fevereiro de 2002, desligou-se da EMATER, fixando residência em Uberaba, onde viveu até o final de sua vida. Após este período, continuou nos quadros da prefeitura, sendo inúmeras vezes secretário adjunto e diretor de departamento. É considerado um dos melhores secretários que já passaram pela pasta da agricultura do município de Uberaba.

Em 1998, entrou para o quadro de grandes homens que fazem a história da Cooperativa dos Empresários Rurais do Triângulo Mineiro - CERTRIM, onde trabalhou até o seu falecimento. A seguir, trechos do Informativo CERTRIM: “No dia 05 de dezembro o setor do agronegócio mineiro amanheceu mais triste. Faleceu Antônio de Bastos Garcia, mestre em nutrição animal e responsável pela fábrica de rações da CERTRIM. Garcia vinha tratando de um câncer no intestino há mais de um ano e no último dia 29 de novembro precisou ser internado no hospital Regional Asa Norte (HRAN), em Brasília, onde veio a falecer no dia 05/12/2013. Garcia deixou a esposa Maria das Graças Santiago Garcia com quem casou-se em 1972 e duas filhas: Alessandra Bastos Garcia, Cirurgiã Dentista, e Patrícia Santiago Garcia, Médica Dermatologista.

Foram mais de quatro décadas dedicadas ao agronegócio. Sua vasta experiência técnica e administrativa muito contribuiu para a implantação da fábrica de rações e suas formulações na Cooperativa até o final de sua vida.Grande defensor do cooperativismo, Garcia foi um exemplo de dedicação, competência e comprometimento com todas as entidades por onde e passou. Sempre humilde e companheiro, era respeitado em seu ciclo, e rico em conhecimento no ramo de nutrição animal, onde contribuiu com palestras e consultorias. Conseguia transferir a credibilidade que tinha, aos produtos que formulava os quais são comercializados na CERTRIM”. Sobre ele, expressa o Vice-presidente da Cooperativa: “Ao falar do Garcia não se sabe se foi filho ou pai da CERTRIM. O amor que ele tinha pela casa ultrapassava sua capacidade, seu trabalho, sua dedicação. Deixou uma história, um exemplo de credibilidade, sempre nos guiando para um futuro promissor. Que Deus o conduza. O que ele plantou há de colher na vida eterna”, se emociona Luiz Henrique Borges, presidente da CERTIM. Diretores, conselheiros e funcionários sentirão a falta deste grande companheiro. Prestativo, atencioso e que sabia se relacionar com todos. Nossa eterna gratidão”.

Nota: Biografia escrita por **José Antônio Obeid** e **João Bosco de Carvalho**, com depoimentos de Alessandra B. Garcia e informações fornecidas por colegas. A maior parte deste conteúdo foi extraída do Informativo da CERTRIM, Ed. 21, ano VII, n. 39, de 12/2013, cedido gentilmente pela Jornalista Milene Borges, assessora de Imprensa da Cooperativa, complementada por informações da Secretaria da Agricultura de Uberaba, MG, repassadas por Ângelo Borelli.

ANTÔNIO PEREIRA ARMONDES



Antes de qualquer outra coisa, gostaria de agradecer a oportunidade de escrever sobre a vida do meu pai e em seu nome. Sou a Kézia, uma de suas filhas. Falar dele é uma tarefa difícil, uma vez que convivemos somente onze anos, mas, ao mesmo tempo, fácil e gratificante, pois só tenho coisas boas a contar e lembranças maravilhosas para recordar. Meu pai nasceu em Patos de Minas, sendo o segundo filho de uma família de dezesseis irmãos, em 08 de janeiro de 1941 e estudou no Colégio Estadual Professor Zama Maciel. Serviu o Tiro de Guerra e

depois foi continuar os estudos. Eu não estava lá, mas posso dizer com convicção que a opção pela agronomia em Viçosa foi por vocação e amor. Lembro-me do papai sentindo o cheiro da chuva na varanda de casa e se enchendo de alegria por ver a plantação começar a brotar.

O papai sempre morou na fazenda, como todos os seus irmãos, até a época de ir para a escola, quando iam morar com a minha bisavó materna na cidade, mas nunca se desligou do campo. Na época de Viçosa, além de se dedicar aos estudos, Armondes fez muitos amigos e, também, teve muitas namoradas. Imagino que as pica-couves, meninas do curso de economia doméstica, não tinham muito a reclamar dele. As fotos da época não deixam nenhuma dúvida quanto a isso.

Tenho certeza de que foram anos muito especiais. Tanto que, ao iniciar sua vida profissional, meu pai contou com dois dos amigos de Viçosa como sócios. Ao terminar os estudos, meu pai foi para o norte do estado de Goiás, hoje estado do Tocantins, com o Danilo Celso Santana e o Humberto de Melo Carneiro, e formaram a PLANTAN. Trabalharam juntos nas fazendas da região com o conhecimento que tinham e meu pai acabou ficando por lá, mesmo depois do encerramento da empresa.

À essa época, alguns dos seus irmãos e o meu avô já haviam se juntado a ele para investir no norte do país. Meu avô vendeu a fazenda de Minas Gerais e, juntos, compraram outra no município de Guaraí que, mais tarde, também foi vendida para que fosse comprada a Fazenda São José, no Município de Miracema do Norte, GO, cidade que foi escolhida como capital provisória do estado do Tocantins, quando da sua criação com a Constituição de 1988, e passou a se chamar Miracema do Tocantins. Era de lá que meu pai tirava o nosso sustento e, também a renda do meu avô, que sustentava os irmãos que ainda estudavam e moravam em Goiânia com a minha avó paterna, numa casa que meu avô havia comprado quando todos vieram para Goiás.

Dessa época, eu me lembro bem porque já era nascida. O meu pai trabalhava plantando principalmente arroz e criando gado. Ele sempre foi um agricultor, em menor ou maior escala. Era um homem muito simples, amável, culto, generoso e muito querido por todos lá de Miracema, que o chamavam de “Pereira”. Esse era seu apelido. Na família, era o “Tio Toim”.

Meu pai teve três filhos: o Vítor, de um relacionamento anterior à minha mãe, eu e a Kássia. Ele se casou com a minha mãe, Maria do Carmo Monteiro de Assis, que era enfermeira e trabalhava em Miracema. Eu e a Kássia, a caçula, somos fruto desse casamento.

Os meus irmãos são casados e, até o momento, o meu pai já tem três netos: o Francisco e o Samuel, filhos do Vítor e da Cícera; e a Stella, filha da Kássia e do Jacson, que nasceu dia 19 de outubro de 2019.

Infelizmente, meus pais se foram muito cedo em razão de um acidente de carro no dia 08 de outubro de 1989. Ele estava com apenas 48 anos e minha mãe com 36. Eram ainda muito jovens.

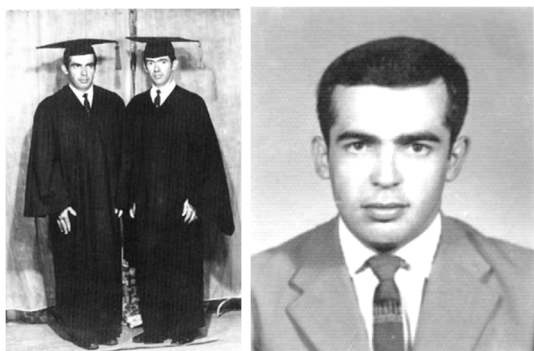
Dos três filhos, eu fui a que mais convivi com o meu pai e posso dizer que se ter o Armondos como amigo foi bom, tê-lo como pai foi um dos melhores presentes que a vida poderia me dar. Nunca vou me esquecer do quanto ele era carinhoso, próximo, inteligente, um homem simples e, ao mesmo tempo, tão doce, de uma elegância sutil e natural, que vinha de seu porte, da sua forma de tratar as pessoas. Não havia quem não gostasse de estar ao lado dele, quem não ficasse à vontade ao seu lado. Mesmo com tão pouco tempo de convívio, meu pai nos deixou uma herança que nunca vamos nos esquecer: o caráter, o coração e o sorriso lindo e sempre disponível que ele tinha, além da mais importante de todas, o amor pelo glorioso Clube Atlético Mineiro!

Mais uma vez, gostaria de agradecer pela lembrança e por essa turma ter feito questão do registro da vida do meu pai, mesmo depois de tanto tempo. Ele realmente merece essa homenagem. Tenho certeza de que, onde ele estiver, estará sorrindo e agradecido, relembando os momentos que passou com cada um de vocês.

Muito obrigada, em nome de toda a minha família!

Kézia de Assis Pereira Armondos

ANTÔNIO RODRIGUES TEIXEIRA



Antônio Rodrigues Teixeira, filho de José Rodrigues Teixeira (1912-1995) e Maria do Espírito Santo Teixeira (1921-2011). Nasci em 06/03/1942, no meio rural, no atual município de São Miguel do Anta, MG, comarca de Viçosa, onde residi até a idade adulta. Como não havia escola próxima da propriedade, eu e José começamos a aprender com nossos pais, que não tinham o curso fundamental. Em maio de 1952, foi iniciada

nossa primeira participação escolar na Escola Rural Dom Viçoso, a quatro quilômetros de distância de nossa casa. No nosso primeiro dia de aula, já conseguíamos ler e fazer as quatro operações corretamente. Para completar o então curso primário, tivemos que estudar em São Miguel do Anta, percorrendo uma distância de 18 km a cavalo, no “sistema dois em um”, sendo que eu ia na “garupa”.

Terminando o curso primário em 1954, não havia como continuar estudando, visto que o então curso ginásial era de custo elevado, tornando impossível minha participação, devido às condições econômicas da família. A renda familiar era de atividades agrícolas em uma pequena propriedade que mal dava para sustentar a família com sete filhos.

No final do ano de 1959, o grande educador Padre Antônio Mendes criou o “*Ginásio São Miguel*”, em São Miguel do Anta. Era particular, mas as mensalidades eram simbólicas. Nesse ano, minha mãe já morava em São Miguel do Anta, para que meus irmãos pudessem frequentar o curso primário. Eu e José ficamos na roça com meu pai. Desejávamos estudar, mas, como deixar nosso pai sozinho no sítio? Meu pai, incentivado pelo Senhor Octacílio Fonseca (1926-2000), sabendo de nossas pretensões, mostrou-se favorável a que nós também fôssemos estudar. Quase nos dias das provas do exame de admissão, em fevereiro de 1960, fomos para São Miguel, fizemos as provas e iniciamos o curso ginásial no “Ginásio São Miguel”.

Em agosto de 1962, no Dia dos Pais, José Rodrigues Teixeira (1912-1995) foi homenageado por ser o pai com mais filhos matriculados no “Ginásio São Miguel”: José, Antônio, Jesus, Maria do Carmo e Cor Maria (1950-1963). Foi um reconhecimento de seu esforço em prol da educação de seus filhos. Terminando o curso ginásial, no final de 1963, surgiram novos desafios: como continuar estudando?

Em fevereiro de 1964, participei do cursinho para a realização do exame de seleção para o curso técnico em agricultura, na então Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), em Viçosa. Era minha única oportunidade de continuar estudando. Estava bem preparado, mas fui infeliz na prova de matemática, pois interpretei de maneira equivocada o enunciado de um problema do qual tinha pleno conhecimento. Mesmo assim, fui classificado em quadragésimo quinto lugar, com um número elevado de fortes concorrentes. Entretanto, só havia 40 vagas. Felizmente, houve um pedido ao Dr. Anibal, diretor do curso, por mais dez vagas que, posteriormente, foi aprovado. Assim, eu e mais nove colegas fomos beneficiados.

Finalizando o curso técnico em agricultura, em 1966, não tive dúvida na escolha do curso de agronomia na UFV, iniciado em fevereiro de 1967 e terminando em dezembro de 1970. Dos sete anos que estudei na UFV, por seis anos consegui bolsa de estudo. No curso técnico em agricultura consegui, através do professor Onofre Brumano Pinto, uma bolsa de trabalho em seu laboratório por dois anos. Durante o curso de agronomia, fui contemplado com uma bolsa do “Fundo de Bolsas Rotativas”. Para ajudar nas despesas, trabalhava de garçom em bailes realizados na Universidade.

Como estudante de agronomia, participava de eventos promovidos pelos escritórios da ACAR em São Miguel do Anta, Teixeiras e no Centro de Ensino e Extensão (CEE), em Viçosa. Após a formatura, iniciei minhas atividades profissionais na ACAR em 1971, no escritório local de Lima Duarte, MG, do qual recebi o título de Cidadão Honorário, em 1982. Com isso, estava trabalhando em um ambiente rural, no qual nasci e permaneci por toda minha infância. Nunca almejei ocupar outros cargos na Empresa. Achava melhor trabalhar no campo, diretamente com os produtores. Sempre fui recebido pela “porta da cozinha”. Sentia-me acolhido, reconhecido e valorizado pelos agricultores e autoridades, sendo homenageado por prefeituras, câmaras municipais e associações, pelos serviços prestados. Em todos os municípios onde trabalhei, recebi o sobrenome “EMATER”, título de que tenho muito orgulho. Mantive bom relacionamento com os colegas de trabalho, produtores rurais e autoridades, conquistando muitos amigos.

Sou casado com Suely, irmã de Geraldo Guedes, contemporâneo na UFV. Deste relacionamento, tivemos duas filhas: Cristiane, pedagoga, mãe de Marina, e Liliane, farmacêutica, mãe de Caio, pelos quais tenho grande admiração e carinho.

Após trabalhar vinte e sete anos em Lima Duarte e três em Barbacena, aposentei-me em 2011. Em 1980, trouxe meus pais para Lima Duarte, com o intuito de lhes repor um pouco do muito que fizeram por mim. Com eles vieram meus irmãos Vicente de Paula (1952-1985) e Paulo e, posteriormente, José e Jesus.

Agradeço a Deus pela família com que me presenteou e por tudo que consegui na vida: foi muito mais que esperava e merecia. Aos meus pais (*in memoriam*), que fizeram o IMPOSSÍVEL para que eu pudesse chegar até onde cheguei. À minha esposa e filhas, pelo apoio e dedicação. Ao professor Onofre Brumano Pinto, pela ajuda e estímulo quando era estudante em Viçosa. Ao Senhor Octacílio Fonseca (*in memoriam*), amigo da família, que muito nos incentivou para que nós retornássemos aos estudos, sem o qual muitas dessas conquistas não teriam sido possíveis.

Contatos: crisinfojf@gmail.com. Fones: (32) 32322210; (32) 991482102.

ATAÍDE JORGÊ DE OLIVEIRA



Filósofo, lá de Jacuí, ainda sem o anel de grau conquistado, mas com o diploma que me é devido de fato e de direito encontrando-se muito bem afixado que está, lá pelas paredes da nova casa (UnB, 2.014).

Também, como di-lo-ia eu, já fui, com a devida vênia dos caríssimos colegas que tenho por concedida, agrônomo, eng.º agrônomo de CREA de nº 722-D. Isso mesmo, agrônomo! E com iniciação e mestria pela Escola Agrotécnica de Muzambinho (1.959/1.962).

Viçosa ainda parecia longe, bem longe. Ainda que sem nada a ver com as coisas do campo, entretanto, menos por precisão que por sorte ou azar, o caminho da roça parecia ser mesmo o caso. Destino?

A esperança, assim como as sogras, é sempre a última a morrer, ou não? Triste, com o caminhar repentinamente obstruído justo na encruzilhada da 9ª série do ensino fundamental, por obra & graça da corrupção federal na SEAV, vulgo Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinário (Ministério da Agricultura), Muzambinho ficará para trás, mas com a força do mano Antônio Jorge de Oliveira, companheiro inseparável e amigo fiel, eis que mais uma porta se abre de novo no horizonte rumo ao Agro! Vida nova, no conceituado Agrotécnico de Pinhal, espécie de “Pronatec à paulista”, bem distinto da barafunda federal lá de Muzambinho, de raízes na decadente Era Vargas (Espírito Santo do Pinhal, 1.963/1965).

Viçosa

Enfim, Viçosa. Aqui estamos. Onde tudo, ou quase tudo, são flores. A primeira carteira assinada para as aulas da noite no Colégio de Viçosa do Doutor Januário (1º de abril de 1.968). Duas turmas de física para 1º e 2º científico. De boa, lá vai o professor. Noite escura; chuva fria... Bicicleta, pra que te quero? Onde andar a Kombi-lotação da maninha da Aninha Resck dos Três Corações... A gente nunca esquece, todavia.

Todavia, faz um bem danado lembrar os passos perdidos entre o DAAB do meio-dia e o aconchegante Quarto 38, quando, de repente, por obra e graça do augustíssimo coordenador do cursinho UREMG, o pleito do calouro candidato único à vaga de trigonometria foi então devidamente deferido, mais ou menos nos termos seguintes:

Não apareceu um outro candidato; você é o único! O professor Arno Bruno não quer mais. Está se formando, vai casar. Eu fico com a Trigonometria & você fica com a Física...

Abril de 1967

Negócio fechado, e a carreira nem bem iniciada do professor de física, desde sempre mais metafísica do que qualquer outra coisa, estava justo ali a se descortinar até sabe-se lá quando, como, enquanto...

Nem tudo são flores na linha do horizonte, e uma aluna muito bem determinada foi na mesma época abordada logo ali (na pérgola do DAAB), pelo diretor-geral de assistência e/ou assuntos aleatórios? -- despropositadamente, assim:

O quê que a moça veio fazer aqui...?

Ora, não era mesmo para deixar barato implicância assim gratuita. Bem na lata, recolheu, o professor-diretor impertinente, a resposta que lhe cabia, a calhar:

“Caçar marido”!

Ponto. Ponto para Maria Helena, mãe de João Manoel e Maria Clara, meus dois filhos. As flores no caminho não se cansam nunca de aparecer. Vencido o desafio de coordenar e ao mesmo tempo preparar os vestibulandos para a prova de física, logo no primeiro cursinho intensivo de janeiro de 1.968, sem mais nem menos, o mesmo professor-diretor, com a doçura que o caracterizava, veio com esta:

“A turma está gostando”...

Ora, convenham comigo todos, com a imparcialidade que o caso requer. O que responder diante do instigante senão calar? Mas o topetudo ali estava com tudo:

“Não faça nada para que riam de mim”!

Espantado, não sem razão, o intrigante ressentiu-se da carinhosa ferroadada de aproximação, para de pronto resmungar algo ininteligível tipo-assim:

“Tá me estranhando?”

Era o fim de linha, de forma gratuita, para não dizer tragicômica, para aquela que tinha tudo para ser uma das mais promissoras das docências inimagináveis no C.U. e adjacências. Bem-feito. Ainda bem. Estranhamentos à parte, o professor de bioquímica para a gloriosa Turma D era um outro professor: a queridíssima e gentil a toda prova Professora Marly.

Caminhando e cantando, e lá vamos os abestados da hora (com Jasmim Edmundo Magela na presidência do DAAB), ao preparatório Congresso dos Estudantes de Agronomia (Pelotas/1.968). O rumo era ao fatídico *refazimento* nada clandestino da UNE. Genial ideia do herói Zé Dirceu (Ibiúna/1.969). Zé Dirceu, aliás, dispensa comentários, a não ser o que todo mundo sabe e se diz por aí aos quatro cantos (esse Zé nunca deu uma dentro). Como dizia o conselheiro Acácio, as consequências vêm sempre depois. Senão, vejamos: Nota: *Conforme rádio de Porto Alegre, existente em seu prontuário – foi desbaratada em data de maio de 1.970, organização subversiva Partido Operário Revolucionário, com várias prisões, sendo Fração Bolchevista agia meio estudantil, quando houve a apreensão de farto material subversivo. Documentos apreendidos citam, entre outros, o nome de ATAÍDE JORGE DE OLIVEIRA (sem dados qualificativos), todos de Viçosa-MG (...)*

Transformar meros colegas em amigos é o comum da vida universitária. Mais que isso, o nosso Kavanhas operou o milagre da transfiguração: mais que amigos, recebemos como dádiva uma legião de irmãos. Só assim é que se pode compreender o que fizeram por mim os pais do Inflação. Acionou ele a maior autoridade judiciária do Estado para pôr fim a essa hedionda imputação, aí acima transcrita. E, assim se fez: o excelentíssimo Desembargador-corregedor determinou que o diretor do DOPS recebesse o indigitado subversivo. Cartas na mesa, desfez-se a confusão. Aleluia!

Publicado no “Minas” (18/8/1.971), o “Cancelamento da nota”, pude finalmente receber a carteira de motorista que estava arbitrariamente retida na Secretaria de Segurança. A mesma bronca ainda voltou mais duas vezes, anos e anos depois. Marcos Matoso sabe o quanto foi difícil pedir assinatura de dois professores de cada ano letivo para limpar a barra de quem nada devia. Para o tal cancelamento, a repressão exigiu nada-consta de toda a minha vida na universidade, especificamente quanto à “Ordem Social e Política”. Amigo é pressas coisas, não? O professor-diretor agora era o querido Fernando Bicho-Pau, que, depois de muito “estranhamento”, acabou por deferir o competente requerimento de nada-consta, grifando malandramente para não se comprometer “Social e Moral” no lugar onde se pedia “Social & Político”, como na sigla do famigerado DOPS. Tanta coragem, não sem antes de o Secretário Geral sair correndo atrás do requerente até o gramado da praça para breve e sumária inquisição. Candidamente, a pergunta se não sabia eu que entre “professores” havia um e outro que não era apenas professor

propriamente dito. Durma-se com um barulho desse! Faz lembrar a sentença do ministro Baleeiro para os idiotas dos anos de chumbo: “Saíam para caçar elefante e foram esmagando formiguinhas pelo caminho”.

Imbatível, a Viçosa do Cavanhaque-70 se faz presente para sempre. Jacuí, por sua vez, não me fez por menos. Pudera! A infância feliz, na praça e nas ruas, dos 10 aos 12 anos na mais pura molecagem, é o tudo de bom que alimenta a alma deste errante que não para nunca de fazer das suas nas clareiras da vida, onde quer que esteja, irresponsavelmente, a tal ponto que parece até coragem o seu caminhar, caminhando...

Advogado por vocação tardia (UnB, 1997). Tomado desde sempre por tudo que é humano, sem estranhamento ou mágoa nenhuma. Acabo de saber, agora, com santo Agostinho, que o tempo é uma irrealdade, um nada! Pois então, como é fazer tudo, sempre no Tempo, sem fugir do Espaço.... Fazendo; contando, até mais não poder, justamente por causa e na conta de um nada?

AURÉLIO AUGUSTO DE SOUSA FILHO

(05/07/1948 - 07/09/2015)



Aurélio nasceu em Cataguases, MG, em 05 de julho de 1948, dez anos antes da Seleção Brasileira de Futebol vencer sua primeira Copa do Mundo, na Suécia, data que gostava sempre de lembrar (contava, saboreando cada detalhe, os lances dos quais se lembrava de ter acompanhado no rádio, ainda menino). Filho de Aurélio Augusto de Sousa (*in memoriam*) e Hórnica Mendes de Sousa (*in memoriam*), Aurélio viveu sua infância e adolescência na cidade de origem, tendo como ponto marcante em sua formação o trânsito nas fazendas de cana

da família. Filho temporão, Aurélio cresceu cercado por seis irmãos: Maurílio (*in memoriam*), Zilca (*in memoriam*), Maria da Penha, Celma (*in memoriam*), Cirene e Mariza.

Ao longo de sua trajetória educacional, ele estudou no famoso Colégio Cataguases - Escola Estadual Manuel Inácio Peixoto - projeto de Oscar Niemeyer, importante para a paisagem cultural da pequena cidade mineira. Aurélio gostava de reforçar uma distinção muito significativa entre o “professor” (aquele que apenas transmite alguns conteúdos) e o “mestre” (aquele que forma, ensina). Foi na modernista Cataguases, berço de Humberto Mauro e da Revista Verde, que Aurélio conheceu a amizade, a cultura, o cinema, a música. Guardou com ele lembranças de festivais e sessões no Cine Edgard, bem como amigos para a vida. Ao longo dos anos, sempre retornou e fez questão de reencontrar os colegas. Contava com sabor cada história que, ao ser repetida, ganhava um detalhe adicional, enriquecendo a memória.

Aurélio ingressou na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais em 1967. Sobre o fato, lembrava que não havia sido “o melhor da turma” na escola, tendo sido beneficiado, à época, por ser filho de produtor rural. Ele dizia, fazendo graça: “fui o penúltimo colocado no vestibular, mas, como o último desistiu, fui o último da turma”. A despeito disso, o jornal “Cataguases”, órgão dos poderes municipais, noticiou, em 12 de março de 1967, esse importante passo de sua vida de forma elogiosa: “*Êste nosso jovem conterrâneo, filho do distinto casal Aurélio Augusto de Souza e Hórnica Mendes de Souza,*

acaba de ingressar na Escola de Agronomia da Universidade Rural de Minas Gerais, sediada em Viçosa, após prestar, com as melhores notas, o respectivo exame vestibular” (Cataguases, Ano LXI, no. 659, p. 1).

A decisão pelo curso de agronomia na antiga UREMG trazia, ao mesmo tempo, motivações e constrangimentos: a vida rural, com suas boas lembranças, o pai, as fazendas de cana por um lado e as limitações financeiras, por outro. Viçosa acabava sendo uma possibilidade pela proximidade e por ofertar moradia para os seus estudantes. A manutenção de um filho estudando fora de casa era difícil e o esforço da mãe, que providenciava mantimentos e roupas, foi decisivo. O ingresso foi, sem dúvida, transformador. Foi um dos coordenadores do programa Universitários no Ar, em colaboração com a Rádio Montanha de Viçosa, que durou curto período, mas de alta audiência.

Aurélio sempre lembrou da turma com um sorriso no rosto. Os casos eram muitos: as aulas sobre a formação das nuvens com fotos de mulheres em trajes de banho entre os slides para reter a atenção da turma; as partidas de polo aquático; a chegada das correspondências na antiga estação de trem; as aulas de campo nas manhãs geladas de Viçosa; os anos de chumbo do regime militar, que cobravam engajamento; a vida no campus em torno do alojamento estudantil. A UFV foi decisiva em sua vida afetiva e profissional. Não por acaso, Aurélio fazia questão de comparecer nas festividades de ex-alunos.

Em 1971, o Aurélio iniciou seus trabalhos na ACAR-Amazonas, atendendo produtores rurais no município de Parintins, AM. Depois de um ano e pouco, foi transferido para o escritório central da ACAR-Amazonas em Manaus, onde passou a atuar na área de planejamento. Havia muitos colegas da turma de 1970 trabalhando no estado do Amazonas, como Alba Luci Machado da Silva Rego, Ernani de Moraes Peloso, Roberto de Moraes Miranda, João Batista da Silva, Rosival Gonçalves Albuquerque, Jaime Rezende do Valle, Pedro Salgado Brandão, além de formandos de outros anos. Durante a sua permanência em Manaus, recordo (Alfredo Homma) da visita da sua irmã Maria da Penha, que morava no Rio de Janeiro, quando tive a oportunidade de ficar hospedado no seu apartamento. Em Manaus, tivemos oportunidade de dividir uma casa próximo ao Atlético Rio Negro Clube, um dos clubes chiques de Manaus, onde passávamos as manhãs e tardes de sábado nadando, e ele gostava muito de whisky. Fiquei morando lá até o final de 1973, quando fui designado pela recém-criada Embrapa para fazer o curso de mestrado em Viçosa.

Findo esse período, ele retornou para a região Sudeste, agora motivado por um novo desafio: dar prosseguimento aos estudos. A ajuda da irmã Maria da Penha, incentivadora do crescimento dele, foi importante nesta fase. Na segunda metade da década de 1970, Aurélio ingressou no curso de mestrado em administração rural, na Universidade Federal de Lavras. Foi nesta nova cidade que ele conheceu sua primeira esposa, Beatriz, com quem se casou em março de 1978. Em setembro de 1979, nasceu sua primeira filha, Camilla. Em 1980, ele iniciou uma jornada profissional em Brasília, DF, que duraria duas décadas.

Aurélio trabalhou primeiro na Superintendência da Borracha (SUDHEVEA) e, posteriormente, no Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), órgão no qual ocupou várias posições até se aposentar, em 2014. Durante a sua permanência na SUDHEVEA, tive (Alfredo Homma) oportunidade de participar de uma reunião de trabalho em Belém, onde passei a residir e jantamos com o ex-presidente da Federação de Agricultura do Estado do Pará, José Maria Pinheiro Conduru (1929-1987), formado em Viçosa em 1952, colega do Clibas Vieira (1927-2004). Falou do seu casamento e disse que a esposa era muito brava. Foi a última vez que

o vi em vida. Creio que ainda tenho as cartas que ele me enviou. Certamente, foi sua atuação junto ao setor da borracha o feito sobre o qual sempre se lembrou com relevância. Eram anos dedicados, o país passava por transformações políticas e econômicas ainda imprevisíveis, e as definições sobre importação e exportação da borracha exigiram empenho e atenção. Em julho de 1981, nasceu Diogo, seu segundo filho.

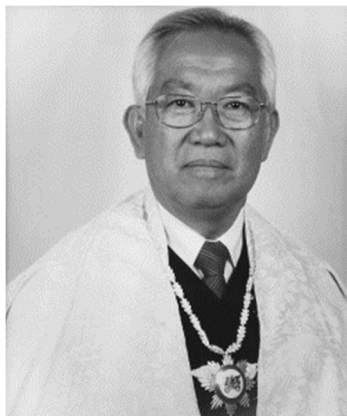
No final dos anos 1980, ele se separou da sua primeira esposa, tendo continuado a residir em Brasília. Em 1992, Aurélio conheceu sua segunda esposa, Fernanda. Foi ao lado dela que viveu outra importante experiência profissional, atuando como consultor da Organização dos Estados Americanos (OEA), em 1993, após ser cedido pelo IBAMA. Nesse período, ele morou em Florianópolis, SC, cidade pela qual se apaixonou. Em 1994, ele regressou a Brasília, onde permaneceu até 1996, quando se mudou novamente para Cataguases, sua cidade de nascimento. Aurélio se transferiu para o escritório regional do IBAMA em Leopoldina, MG, cidade próxima a Cataguases. Essa mudança significou uma nova fase na vida: a proximidade da família e a possibilidade de viver perto da zona rural que o formou. Ao lado de Fernanda, ele teve seu terceiro filho, Pedro Augusto, nascido em setembro de 1999. A vida profissional, porém, ainda sofreria uma última transformação: com o fechamento do escritório regional de Leopoldina, Aurélio foi transferido, em 2001, para Juiz de Fora, MG. Na ocasião, ele se tornou chefe do escritório regional do IBAMA na cidade, cargo que ocupou até sua aposentadoria.

Em abril de 2014, pouco antes de se aposentar, ele se tornou avô: nasceu a pequena Sofia. O nascimento da neta foi determinante para a sua decisão de se aposentar. Ele dizia que, a partir de então, queria ser apenas avô. Porém, pelas surpresas que a vida nos traz, algumas felizes, outras tristes, Aurélio Augusto de Sousa Filho faleceu em setembro de 2015, vitimado, ainda jovem, por um câncer, às vésperas de comemorar 45 anos de formado. Em seus últimos meses, já lutando contra a doença, ele nos mostrou que era exatamente a mesma pessoa que foi ao longo da vida: educado, gentil, ele era alguém que escutava o que os outros diziam; gostava de rir, fazia graça como forma de viver; adorava conhecer, respeitava os saberes; estava sempre disposto a aprender alguma coisa e, o que é importante, de explicar depois o que havia aprendido; torcia, de forma penosa, pelo Vasco da Gama, do Rio de Janeiro; amava a família; tinha pouca esportiva para jogos (apelava quando perdia); era honesto na conduta pública, valor ao qual se aferrava; era agregador, queria todo mundo por perto, gostava da casa cheia; lembrava com saudade da UFV, sobretudo da turma (em junho de 2015, três meses antes de morrer, ele planejava comemorar não os 45, mas sim os 50 anos de formado). Aurélio amou a vida que teve.

PS1: Em 2010, no último aniversário de ex-alunos de que participou, Aurélio compareceu com Fernanda e Pedro, seu filho mais novo, então com 10 anos. Pedro comentou à época, sorrindo: “todo mundo parece com meu pai: tem cabelo branco”; e disse, ao ver o pai entoando o grito da turma “papai parece garoto”.

PS2: Seu segundo filho, Diogo, tornou-se, em 2010, professor da UFV, fato do qual ele muito se orgulhou; em 2018, Pedro, seu terceiro filho, iniciou o curso de agronomia, também na UFV; e em 2019, nasceu Dante, seu segundo neto, filho de Camilla, sua primogênita. Aurélio, onde estiver, deve estar sorrindo, com a mão sobre a barriga, num gesto característico e satisfeito. **Diogo Tourino de Sousa** - janeiro/2020.

CARLOS SIGUEYUKI SEDIYAMA



Filho de Yuto Sedyama e Sumie Sedyama, nasceu em Maria da Fé, MG, aos 09 de dezembro de 1947. É casado com Elizabete Zanuncio Sedyama, com quem tem três filhos: André Kiyomitsu, Ricardo Yukihiro e Camilla Atsumi, casados, respectivamente, com Catarina, Bárbara e Bruno. Tem seis netos: Antônio Yuto, Miguel Hiro, Arthur Mitsuo, Daniel Akio, Mateus Yuji e João Antônio Asechi.

Um pouco de história - A presença de japoneses nas universidades brasileiras é bastante recente, tal como acontece com as próprias instituições universitárias. Poucas têm mais de cem anos – a ESALQ, inaugurada em 1901, e a

UFLA, inaugurada em 1908. Depois, veio a UFPR, em 1912. A UFV foi inaugurada em 1926. Lembremo-nos de que a presença de japoneses no Brasil antecede o fluxo organizado da imigração. Ela é relativamente recente e tem como marco a chegada do navio Kasato Maru, em Santos, no dia 18 de junho de 1908. Passados cem anos, mais de um milhão e meio de nikkeis formam a maior comunidade nipônica fora do Japão: 75 % concentrados no estado de São Paulo; 15 % no Sul do Brasil e 10 % nos demais estados. Os japoneses recém-chegados destinavam-se aos trabalhos nas fazendas paulistas. Enfrentaram duros períodos de adaptação. Seguiram-se outras levas de imigrantes e, aos poucos, os problemas vividos pelos pioneiros foram sendo resolvidos. Com isso, se, no início, a permanência dos imigrantes em uma fazenda era efêmera, a permanência nos locais de trabalho tornou-se mais duradoura.

Muitos dos trabalhadores que abandonaram as fazendas foram trabalhar no cultivo de verduras e batatas em outras cidades, na capital e no interior paulista. Outros tentaram a sorte às margens das estradas de ferro da Noroeste, formando comunidades no Paraná e Mato Grosso ou trocaram o Brasil pela Argentina.

Para incluir alguma coisa sobre imigrantes em Minas Gerais, tomo como exemplo a história de meus pais, Yuto Sedyama e Sumie Sedyama. No passaporte do casal (era emitido um passaporte por família) consta o sobrenome Sejiyama (grafado com jota). Meu pai nasceu em Kagoshima, no dia 15 de setembro de 1910. Filho da família Asechi (ou Azeti). Porém, foi registrado como filho do casal Segio e Natsuino Sejiyama para preservar esse sobrenome que estava se tornando raro. Minha mãe nasceu em Kumamoto, no dia 20 de dezembro de 1913. Filha do casal Kumazo e Hatsu Nasu. Casaram-se no Japão. O passaporte informa a data de embarque, 17 de dezembro de 1932, no navio Buenos Aires Maru, no porto de Kobe, e desembarque no dia 3 de fevereiro de 1933, no porto de Santos. Informa ainda: “Os quais se dirigem ao Brasil para trabalhar na agricultura”. Então, de 1933 a 1946, permaneceram na região de Itápolis, no estado de São Paulo, trabalhando nos cafezais, como todo imigrante da época.

Lembro-me de minha mãe comentando que meu pai viajava muito, na busca de soluções para seu trabalho na roça e, também, de seus compatriotas, inclusive formando certo tipo de associação para aquisição de insumos agrícolas em conjunto, quando se livraram do trabalho nas fazendas de café e iniciaram seus próprios empreendimentos, com enfoque na produção de hortaliças ou mesmo de seus próprios cafezais. Diálogos entre meu pai e minha mãe deixaram a informação de que o casal se correspondia, com certa frequência, com os amigos e parentes de ambos - pais, irmãos, primos e sobrinhos, que haviam permanecido no Japão. Finda a Segunda Guerra Mundial, em 1945, meu pai recebeu carta de um irmão, informando que o Japão havia perdido a guerra. Passando adiante essa

informação aos demais membros da colônia, percebeu certo clima de hostilidade, pois o identificavam como um integrante do *makegumi*, ou seja, “grupo derrotista”. Em razão da existência do *Shindo Renmei*, ou “Liga do Caminho dos Súditos”, organização de fanáticos da colônia nipo-brasileira, que se recusavam a aceitar as notícias da rendição japonesa, da ocupação americana e da renúncia pelo imperador de sua condição divina, meus pais emigraram para o Sul de Minas. Por essa casualidade, eu e meu irmão mais novo, Toco, nascemos em Minas Gerais: eu em Maria da Fé e ele em Pouso Alegre, enquanto minhas irmãs Julieta e Jacy e os dois irmãos mais velhos Tuneo e Gilberto nasceram em Itápolis. Figurativamente, pode-se dizer que nós mineiros fomos criados dentro das caixas de tomate, entre os sacos de batata colhida nas montanhas do Sul de Minas; os paulistas, sob os pés de café, às margens do Ribeirão das Onças, em Itápolis, no Centro-Oeste de São Paulo.

Ainda durante sua estada em Itápolis, meu pai procurou aprimorar seus conhecimentos sobre a agricultura e buscou assessoramento nos órgãos governamentais do estado de São Paulo, destacando-se o Instituto Agrônomo de Campinas - IAC. No IAC, foi buscar sementes de melhor qualidade de tomateiros, batata inglesa e de outras hortaliças, até mesmo de soja, para fazer tofu, shoyu e missô. Já em Pouso Alegre, enquanto conduzia seus plantios de tomate e de batata, sua capacidade administrativa chamou a atenção dos proprietários da fazenda em que arrendava as terras para os plantios, a Fazenda Boa Vista. Com isso, ele tornou-se administrador daquela propriedade de quatrocentos alqueires. Nela, eram exploradas as culturas de café, milho, feijão, arroz irrigado por inundação, cana-de-açúcar e gado de leite holandês preto-e-branco. Em sua administração da Fazenda Boa Vista, meu pai fazia questão de que todos os filhos dos colonos estudassem. Assim é que, juntamente com os demais filhos de colonos, nós, meninos, fazíamos nossa caminhada diária de alguns quilômetros em direção à Escola Municipal “Manoel Matias”. As aulas ocorriam em uma pequena sala, porém muito bem cuidada, limpa e arejada, em que as três primeiras séries do “primário” eram oferecidas simultaneamente. Se não me engano, hoje em dia isso recebe a denominação de “classe multisseriada”, muito chique! Lá, aprendemos muito. Aprendemos a ler, dizer os números da tabuada, estudamos a história do bairro em que se localizava a escola e a da cidade de Pouso Alegre. Aprendemos, também, um pouco sobre Minas Gerais e o Brasil. Outras coisas aprendíamos no cotidiano de uma fazenda, com sua oficina mecânica, serraria, máquinas de beneficiar arroz, café, moinho de fubá com sua roda d’água, plantações, galinhas, peixes, arapucas, cavalgadas a pelo etc. Não era preciso mais nada! Todos os meus colegas daquela escola conseguiram bons empregos quando se tornaram adultos. Para manter-se atualizado, meu pai assinava dois jornais muito comuns nas comunidades japonesas – o *São Paulo Shimbun* e o *Nippaku Mainichi Shimbun* (Diário Nippak). Numa das edições desses jornais, encontrou o Colégio Agrícola Estadual “Dr. Carolino da Motta e Silva”, localizado em Espírito Santo do Pinhal, no estado de São Paulo. Então, Gilberto e eu fomos fazer vestibular para ingressar no curso de iniciação agrícola, em 1960. O curso, com duração de dois anos, destinava-se a formar o que se denominava capataz agrícola e era equivalente ao sexto e sétimo anos do ensino fundamental de hoje. Dois anos depois, em 1962, o Tuneo fez vestibular e ingressou no curso de “Técnico em Agricultura” naquele colégio. Tendo decorridos dois anos, Gilberto e eu fizemos vestibular para ingresso no “Mestrado Agrícola”, correspondente ao oitavo e nono anos. Obtivemos nosso primeiro “mestrado”, uma vez que o curso formava Mestres Agrícolas. Mais dois anos, fizemos vestibular para ingresso no “Técnico em Agricultura”, correspondente ao ensino médio. Tivemos excelentes professores naquele colégio. Professores gabaritados, técnicos e engenheiros que eram, nos submeteram a

ensinamentos fundamentais que nos orientaram no aprender e na aplicação dos conhecimentos.

Nossa turma, já no curso técnico, raramente fazia uma prova dessas tradicionais. Lembro-me bem de que, no final do terceiro ano do curso técnico, os professores nos perguntaram quais notas merecíamos. Cada aluno apresentou sua própria avaliação. Essas notas foram assentadas em nossos históricos escolares. Foram assentadas boas notas, bem merecidas. Prova disso é que todos os alunos que desejavam ingressar em algum curso superior o fizeram magistralmente, obtendo excelentes classificações nos exames vestibulares, incluindo universidades federais e estaduais de grande conceito nacional.

Como viemos para Viçosa? Meu pai, como sempre, atento às informações de interesse, teve conhecimento, por um dos jornais acima mencionados, da qualidade do ensino de agronomia da Escola de Viçosa, a UREMG. Coincidentemente, a UREMG organizava vestibulares, além de Viçosa, também em algumas cidades de Minas Gerais. Calhou que Pouso Alegre era uma delas. Tuneo, então, prestou vestibular em Pouso Alegre e foi aprovado, vindo para Viçosa no início de 1965 para fazer agronomia. Por efeito colateral, viemos para Viçosa, Gilberto e eu, para fazer cursinho para o vestibular da UREMG. Chegamos aqui no dia três de janeiro de 1967. Inicialmente, ficamos alojados na pensão que chamávamos de Quebra Galho. Ficava ao lado da Igreja Matriz de Santa Rita. Hoje, em seu lugar, há um edifício de cinco andares, em cujo térreo se aloja um mercado de hortaliças. Dois ou três dias depois, fomos morar no alojamento masculino da UREMG. Ficamos um mês estudando no cursinho do DAAB, Diretório Acadêmico Arthur Bernardes, o diretório do curso de agronomia. Todos os professores eram estudantes ou de agronomia ou de engenharia florestal. Eram excelentes professores.

No final do cursinho, chegaram os exames vestibulares. Fizemos os exames e deixamos as malas no apartamento em que o Tuneo se alojava, como estudante de agronomia que era. Naquela época, a comunicação era bastante precária. Uma correspondência demorava dias, semanas ou meses para chegar ao seu destino. Mas isso não era de muita preocupação para os jovens. Então, no período da matrícula para início do curso de agronomia, Gilberto e eu tomamos novamente o caminho para Viçosa, de ônibus: Pouso Alegre - São Paulo - Juiz de Fora - Ubá - Divinésia - Paula Cândido - Viçosa. Viagem com três baldeações e mais de 24 horas! De Ubá a Viçosa, a estrada era de terra. Fomos ao prédio principal, hoje Edifício Arthur Bernardes, conferir nossa classificação. Começamos a pesquisar nossos nomes de baixo para cima na lista. Ficamos muito preocupados, pois não víamos nossos nomes. Finalmente, lá no começo da tabela, surgiram, primeiramente, o nome do Gilberto, na sexta posição e, mais tarde, o meu, na segunda. Lembro-me de que no primeiro estava o nome do Alfredo Kingo Oyama Homma. Passado o susto, fomos ao serviço de registro escolar fazer a matrícula e depois ao serviço de alojamentos, em razão de nossa boa classificação (ótimo critério, por sinal). Fomos designados para o alojamento de número 30, na quinta seção, onde permaneceríamos até a graduação.

Por motivo de uma forte gripe, não participei da solenidade de formatura, tampouco do baile. Foi-me conferido o grau de engenheiro-agrônomo na quarta-feira de Cinzas, em 1971.

Ainda como estudante de agronomia, fui orientado pelo Prof. Otto Andersen, com bolsa de iniciação científica do CNPq. Acabei por optar pela diversificação em fitotecnia. Por sua vez, o Gilberto se diversificou em engenharia agrícola, iniciando-se nas questões do clima. No quarto ano de agronomia, sob a orientação do Professor Tuneo, que havia sido contratado como professor do departamento de fitotecnia, para conduzir as pesquisas de melhoramento da soja, iniciei as pesquisas com a cultura da soja, cujos resultados foram aproveitados para minha tese de mestrado, defendida em julho de 1972.

O meu mestrado durou dezoito meses. Durante esse período, tive oportunidade de utilizar os equipamentos de computação da central de processamento de dados da UFV, no prédio da química, hoje Edifício Prof. Fábio Ribeiro Gomes. Meu orientador no mestrado foi o Prof. Clibas Vieira e, como conselheiros, os Profs. Tuneo Sedyama, Fábio Ribeiro Gomes e Antônio Américo Cardoso. Os trabalhos de computação eram realizados tarde da noite, ou de madrugada, pela baixa potência do sistema elétrico da cidade. Era necessário aguardar que os chuveiros parassem de ser utilizados e as lâmpadas (eram verdadeiros “tomates”) fossem desligadas para que houvesse energia para o funcionamento adequado do computador. Ficávamos vigiando o medidor de energia, colocado no alto da parede da sala do computador e, apenas quando o ponteiro indicava que o computador poderia ser ligado, começávamos a processar os dados. Boa época aquela: muito trabalho e pouca reclamação.

Por causa do bom desempenho no mestrado, fui convidado a participar do corpo docente do departamento de fitotecnia. Nos meus guardados, encontro documentos que mencionam o seguinte: “O Departamento de Fitotecnia, em 16 de junho de 1972, por meio do ofício 90/TCAS/mem, encaminha arrazoado ao Senhor Diretor da Escola Superior de Agricultura da Universidade Federal de Viçosa,... solicitando suas melhores gestões no sentido de se efetivar a contratação do Engenheiro-Agrônomo Carlos Sedyama, na categoria de auxiliar de ensino, junto ao Departamento de Fitotecnia”.

No ofício, estavam enumeradas as principais razões que motivaram a solicitação, entre elas, a inexistência de técnico dedicado ao setor de melhoramento de algumas culturas importantes para o Estado e para o País e a necessidade de o departamento ter um técnico voltado para a área de estatística experimental, desempenhando suas funções não só como docente, mas também como assessor em trabalhos de pesquisa, principalmente pela iminente saída do Professor Tuneo Sedyama e do professor Américo José da Silveira para o exterior, para o curso de doutorado.

Na proposta de contratação, o plano de trabalho incluía, além dos itens mencionados, “colaborar no programa de pesquisas com a soja” e “auxiliar o ensino da Agricultura III, VI e VII, no curso de agronomia”. Essas disciplinas abordavam diversas culturas arvenses, entre elas, as de arroz, cana-de-açúcar, milho, feijão e soja. No dia 04 de setembro de 1972, foi assinado o contrato de trabalho do auxiliar de ensino Carlos Sigueyuki Sedyama, em regime de 24 horas semanais.

De acordo com cópias de relatórios da Comissão Permanente de Tempo Integral e Dedicção Exclusiva - COPERTIDE, naquele ano de 1972, ofereci a disciplina estatística experimental no curso de iniciação à pesquisa, patrocinado pelo Ministério da Agricultura. Sob a liderança dos professores Tuneo Sedyama e Clibas Vieira, participava de dois grandes projetos departamentais de pesquisa com soja, denominados “Estudos Experimentais com a Soja” e “Melhoramento de Soja”, como responsável pela instalação, avaliação de características e análises dos experimentos. O primeiro projeto visava a verificar a época de maior competição das plantas daninhas com a soja, o que permitiria recomendar o melhor manejo das invasoras para possibilitar a expansão da cultura da soja, “que ora se acha em fase de introdução em Minas Gerais, pois a soja em Minas encontra condições favoráveis de clima e solo e há grande interesse de incrementar-lhe o cultivo”. Concomitantemente, iniciava-me na pós-graduação, como conselheiro de estudante de mestrado em fitotecnia, que conduzia experimento de avaliação da resposta diferencial de variedades à adubação P K da soja - era minha primeira incursão no estudo da interação genótipo-ambiente. O segundo projeto, o de melhoramento, visava à “obtenção de novas variedades através de introdução, seleção e hibridação, sendo a seleção baseada no método genealógico (*pedigree* clássico) e método *bulk*”. Procuravam-se novas variedades adaptadas às condições do cerrado e região central do Brasil. Esse

projeto visava ao aumento do cultivo da soja em Minas e estados vizinhos - consolidava-se a contribuição de Viçosa ao grande *boom* da soja no Brasil, da década de 1970.

Meu envolvimento na pesquisa da soja ocorria de modo bastante intenso. Utilizando os recursos do Projeto Purdue e do Programa Integrado de Pesquisas Agropecuárias do Estado de Minas Gerais - PIPAEMG, integrava a equipe responsável pela instalação de experimentos de competição de linhagens e variedades de soja em Viçosa, Guidoal, São Pedro dos Ferros e Porto Firme. Com recursos da SUVALE, desenvolvia pesquisas com a soja em Pirapora. Paralelamente, conduzia experimentos com a cultura de feijão, instalando experimentos de adubação e de competição de linhagens e variedades em Senador Firmino, Ubá e São José do Goiabal, com patrocínio do Programa Nacional do Feijão. Em convênio com a Secretaria da Agricultura do Estado do Espírito Santo, auxiliei na condução de várias pesquisas com a soja, cujos resultados permitiram a publicação do boletim técnico “A soja no Espírito Santo” - início dos meus trabalhos de extensão universitária, fora dos limites da Zona da Mata Mineira e do Estado.

No ano de 1973, fui coautor do lançamento da variedade de soja UFV-1, que se tornou uma das variedades mais cultivadas no Brasil Central. Suas sementes foram também exportadas para os países do Istmo Centro-Americano para plantio, alcançando grande popularidade entre os agricultores, conforme pude constatar por ocasião de visita àqueles países em 1990 como membro da caravana diplomática da Agência Brasileira de Cooperação, do Itamarati.

Hoje, inúmeras variedades de soja estão colocadas à disposição dos agricultores brasileiros, criadas ou desenvolvidas sob minha autoria ou coautoria. Com características diferenciadas quanto à adaptabilidade aos diversos ambientes das várias regiões produtoras brasileiras, à melhoria do sabor de suas sementes, à resistência a fatores bióticos e abióticos e outras, garantem a produtividade e estabilidade desejada pelos agricultores e constituem significativa fonte de divisas para o País.

Ainda em 1973, apoiado e indicado pelos colegas pesquisadores, tornei-me membro da Comissão Nacional da Soja, que visava a estabelecer política de pesquisa da soja e fomentar seu cultivo em novas fronteiras agrícolas. Durante as reuniões da comissão, solidificou-se minha convicção da necessidade de desenvolver estudos da qualidade fisiológica das sementes de soja, assunto que veio a constituir uma das minhas áreas de atuação nos anos posteriores.

Naquele mesmo ano de 1973, tornei-me orientador de dois estudantes de mestrado em fitotecnia. Uma das teses baseou-se em observações de pesquisadores e agricultores de que, em solos de baixa fertilidade, nos primeiros anos de plantios comerciais de soja, mesmo com o emprego de boa técnica de inoculação, havia formação de pequeno número de nódulos por planta ou mesmo sua ausência. A segunda tese baseou-se no efeito da época de plantio na planta de soja e sua ação diferenciada nas variedades de ciclos e hábitos de crescimento diferentes. Em anos subsequentes, com o andamento das pesquisas, meu interesse se voltou para a elucidação da ação do ambiente e dos genes nos teores e composição do óleo e da proteína nos grãos da soja, focado nos componentes bioquímicos que influenciam a qualidade fisiológica da soja, tanto para uso como semente, quanto para sua utilização como alimento humano ou animal, sem esquecer a aceitabilidade pelo mercado consumidor nacional e internacional.

Com a saída do Prof. Tuneo Sedyama para o curso de doutorado nos Estados Unidos da América, no ocaso de 1973, tornei-me responsável pelo programa de melhoramento de soja da UFV, contando com a decisiva colaboração do engenheiro-agrônomo Múcio Silva Reis, sediado no Centro de Pesquisa, Experimentação e Extensão do Triângulo Mineiro - CEPET, em Capinópolis, e com a orientação, por correspondência, do Prof. Tuneo e do

Dr. Kirk L. Athow, de West Lafayette, EUA, até meu afastamento para o curso de doutorado na North Carolina State University, nos EUA, no período de 1976 a 1979.

Mil novecentos e setenta e três foi um ano sem igual. Elizabete, uma jovem de Castelo, ES, irmã do Prof. José Cola Zanuncio, o qual residia no apartamento em que morávamos no início de nossa carreira docente, veio estudar em Viçosa, primeiro para fazer cursinho e depois para cursar economia doméstica. Ela veio a se tornar minha esposa, num casamento realizado em uma simpática capela da Igreja Católica, em Castelo, no dia 03 de janeiro de 1976. Tivemos três filhos: André Kiyomitsu, médico cirurgião, casado com Catarina, médica oncologista; Ricardo Yukihiro, engenheiro eletricitista com ênfase em engenharia da computação, casado com Bárbara, turismóloga; e Camilla Atsumi, engenheira agrônoma, doutora em fitotecnia e advogada, casada com Bruno, também advogado. Eles nos deram seis netos: Antônio Yuto, Miguel Hiro, Arthur Mitsuo, Daniel Akio, Mateus Yuji e João Antônio Asechi.

Em 1974, fui promovido a professor Assistente; em 1980, passei a professor Adjunto. Em 1992, fui aprovado no processo de avaliação para promoção para professor Titular da UFV, alcançando o maior nível acadêmico da universidade.

Influenciado pelo Prof. Carlos Floriano de Moraes, que havia retornado há poucos anos com seu título de Ph. D., obtido na Universidade da Califórnia, em Davis, por sua disciplina Evolução de Plantas e discussões de matérias de genética quantitativa, em agosto de 1976, embarquei com a Elizabete para a Carolina do Norte para cursar doutorado em genética-estatística. Substituíram em minhas funções os professores Múcio Silva Reis (já em Viçosa) e Antônio Américo Cardoso. O Prof. Múcio, na coordenação do programa de melhoramento da soja e nas aulas de agricultura II e IV dos cursos de graduação e de melhoramento de grandes culturas do curso de pós-graduação. O Prof. Cardoso, no oferecimento da disciplina técnicas experimentais em fitotecnia, da pós-graduação. Sem a colaboração desses professores, não poderia ter-me afastado para treinamento.

Aliás, rememoro que minha saída para os Estados Unidos foi “meio à força”. Em razão de minha dedicação e grande acúmulo de trabalho em ensino, pesquisa e extensão, o departamento se sentia em “dificuldade” para autorizar minha saída para o doutorado no exterior. Entretanto, naqueles dias, um arrojado programa de treinamento nos Estados Unidos, de pesquisadores e professores, elaborado pelo governo brasileiro estava em andamento, mas em fase final de execução. Em razão da escassez de candidatos nas outras instituições brasileiras e sabedor do desejo de muitos professores da UFV em fazer cursos de pós-graduação nos Estados Unidos, o Prof. Antônio Fagundes de Souza, reitor da UFV, reivindicou quantidade substantiva de vagas para nossa universidade. Dezenas de colegas foram fazer mestrado ou doutorado naquele país. Tendo conhecimento da proximidade do final do Programa, fui conversar com o Prof. Fagundes que, imediatamente, acionou o departamento para minha liberação. Naqueles dias, para restringir o enorme fluxo de turistas em direção ao exterior, o governo brasileiro havia produzido um decreto que exigia o depósito de alguns milhares de dólares em uma conta no Banco Central, para a concessão do passaporte. Fui então para Brasília, subi até o gabinete do Ministro da Educação e consegui a autorização para a obtenção de passaporte, isento do depósito compulsório junto ao Banco Central. Para isso, contei com o pronto e atencioso atendimento da secretária do ministro que, me lembro, chamava-se Gislaíne. Mais tarde, já como vice-reitor da UFV, encontrei-me com ela no MEC e lhe agradei pela sua presteza.

Orientado pelo Prof. Dale F. Matzinger e aconselhado pelos Profs. Charles C. Cockerham, Robert H. Moll e Earl A. Wersman, defendi a tese de doutorado intitulada *Relationship of leaf shape genes to physical and chemical properties of tobacco*. Nessa

tese, foi utilizada a técnica multivariada da função discriminante de Fisher, 1936, para identificar indivíduos com maiores probabilidades de estarem carregando determinados genes em seu genoma. A defesa da tese, ocorrida em novembro de 1979, durou em torno de 45 minutos. Como de praxe, solicitaram-me para me ausentar da sala e, depois de uns cinco minutos, fui chamado de volta e recebi o veredicto da aprovação. Logo que saí da sala, telefonei para minha esposa, que se assustou porque foi rápido demais, mas a tranquilizei com a boa nova – acabara de cumprir a última etapa para a obtenção do título de *Philosophy Doctor*, com foco na genética-estatística, pela North Carolina State University at Raleigh, NC, EUA, cujo diploma foi conferido, acompanhando o calendário oficial daquela Instituição, em 10 de maio de 1980. No último ano do doutoramento, 1979, fui eleito para pertencer à Sociedade Científica Honorária *Phi Kappa Phi*, que congrega estudantes que se destacam em suas atividades acadêmicas, fundada em 1897, nos Estados Unidos, destinada ao reconhecimento dos elevados níveis acadêmicos e à democratização da educação. Sou membro vitalício daquela Sociedade.

Em janeiro de 1980, retomei minhas atividades na UFV, reintegrando-me à equipe de pesquisadores do Programa Soja da UFV, voltando a instalar experimentos em diversas localidades mineiras (Capinópolis, Florestal, Cordisburgo, Lavras, Coromandel, Unaí, São Gotardo, Serra do Salitre, Ibiá, Iraí de Minas, Tupaciguara, Monte Alegre de Minas, Uberlândia, Uberaba, Grão Mogol, Paracatu, Conquista, Conceição das Alagoas, Centralina, Ipiaçú e Cachoeira Dourada). Em outros estados, instalei e acompanhei ensaios com soja na Bahia (Posse), no Distrito Federal (PADAP-DF), no Espírito Santo (Linhares, São Mateus e Rive), no Mato Grosso (Rondonópolis, Jaciara, Santo Antônio do Leverger, Chapada dos Guimarães e Parecis), no Mato Grosso do Sul (Ponta Porã, Dourados, Sidrolândia, Bandeirantes, São Gabriel do Oeste, Coxim e Cassilândia) e no Paraná (Cascavel e Palotina). Formulei mais duas disciplinas, denominadas genética-estatística no melhoramento de plantas e genética quantitativa-molecular no melhoramento de plantas, ambas dirigidas aos alunos de mestrado e doutorado.

Depois do meu retorno do doutoramento, além da realização intensa de pesquisa e extensão, participei ativamente da administração universitária. Fui o mais votado para a composição de lista tríplice para chefe de departamento, mas não fui nomeado pelo reitor da época. Fui coordenador do curso de pós-graduação em fitotecnia e diretor técnico da Fundação Arthur Bernardes – Funarbe, uma fundação de apoio à UFV, de 1988 a 1989, bem como diretor do Centro de Ciências Agrárias de 1988 a 1993, vice-reitor de 1996 a 2000 e reitor da UFV de 2004 a 2008, tendo sido eleito nos pleitos respectivos. Nesse período, atuei ativamente na produção dos instrumentos legais que passaram a vigor na UFV, tais como os de prestação de serviços pelo pessoal docente e técnico administrativo, o de propriedade intelectual, o Estatuto e o Regimento Geral da UFV, as políticas de pessoal docente, as políticas de ensino, de pesquisa, de extensão e de cultura, as de capacitação e promoção do pessoal técnico-administrativo, entre outros.

Juntamente com o saudoso Prof. Maurílio Alves Moreira, do departamento de bioquímica da UFV, coordenei a construção do prédio do Instituto de Biotecnologia Aplicada à Agropecuária da UFV – Bioagro e um arrojado programa de bolsas de estudos do RHAEC/CNPq, que incluiu desde a iniciação científica (ITI) até bolsas de mestrado, doutorado e pós-doutorado no exterior, totalizando mais de três centenas de bolsas de estudos, envolvendo os melhores candidatos, o que garantiu seu pleno sucesso.

Atuação no ensino, na pesquisa e na extensão - Tendo sido contratado para “auxiliar o ensino da agricultura III, VI e VII no curso de agronomia” e “ajuda e/ou orientação da análise estatística das pesquisas para tese dos estudantes pós-graduados do departamento de fitotecnia”, ingressei nas salas de aula lecionando sobre milho, feijão, arroz e soja, na

agricultura II e IV. Colaborei nas aulas de melhoramento de plantas e, já em 1973, lecionei, para estudantes de pós-graduação, parte das disciplinas genética quantitativa aplicada ao melhoramento de plantas, melhoramento das grandes culturas e agricultura I que, mais tarde, teria o nome de produção de grandes culturas I.

Após meu retorno do doutorado, assumi partes das disciplinas métodos de melhoramento de plantas, técnicas experimentais em fitotecnia e melhoramento de plantas, da pós-graduação, e agricultura VIII (capítulo referente à cultura da soja) e melhoramento de plantas, da graduação. Em 1973, iniciei o oferecimento da disciplina teoria do melhoramento de plantas, que discute os conceitos estatísticos aplicados à genética. Posteriormente, criei a disciplina genética quantitativo-molecular no melhoramento de plantas, no contexto de sua inserção no campo da biotecnologia. Orientei centenas de estudantes de graduação e de pós-graduação em nível de mestrado, doutorado e pós-doutorado, brasileiros e estrangeiros, o que resultou em centenas de teses de mestrado e de doutorado. Vários ex-alunos ocupam ou ocuparam posições de destaque nas instituições de ensino, pesquisa e extensão e em empresas privadas no Brasil e no exterior.

Desenvolvi pesquisas que possibilitaram o desenvolvimento da agricultura nos cerrados do Brasil Central, principalmente pelo desenvolvimento de importantes variedades de soja. Minhas pesquisas, com tronco no melhoramento de plantas, ramificaram-se basicamente nas linhas: estudos básicos de genética quantitativa; interação genótipo x ambiente; resistência da soja à toxidez de alumínio e manganês e enfermidades fúngicas, bacterianas e virosas; qualidade fisiológica das sementes; aplicação de análises quantitativo-moleculares no melhoramento da soja; e melhoramento genético da soja para alimentação humana e animal.

Em cada uma dessas linhas, foram defendidas teses e publicados artigos em periódicos científicos nacionais e internacionais, envolvendo assuntos variados, tais como contribuição dos genes à resistência a patógenos, identificação e utilização de marcadores moleculares, contribuição do ambiente na expressão gênica, modelos estatísticos aplicados à seleção de genótipos, estudos sobre a tolerância da soja ao alumínio e ao manganês, que possibilitaram a revisão das recomendações das práticas agrícolas aplicadas à cultura da soja, utilização de variáveis climáticas no estudo da estabilidade e adaptabilidade dos cultivares, sistemas isozimáticos, melhoria do sabor da soja e das características nutricionais relacionadas à composição de aminoácidos das proteínas e dos ácidos graxos do óleo de soja, entre outros. Centenas de cruzamentos foram feitos para o aprimoramento do mapeamento do genoma da soja, com recursos de projetos financiados pelo PADCT/FINEP, CNPq e FAPEMIG.

No que se refere à extensão universitária, participei ativamente na divulgação da UFV e dos conhecimentos gerados pelas pesquisas. Participei da elaboração de pacotes tecnológicos para a cultura da soja, fui autor ou coautor de capítulos de livros, de boletins técnicos e de centenas de artigos em revistas científicas nacionais e internacionais e em revistas de divulgação técnica. Atuei como consultor de empresas públicas e privadas, principalmente dos estados em que conduzi pesquisas com a soja. Contribuí, decisivamente, para que a UFV tivesse reconhecimento nacional e internacional pelas pesquisas que desenvolveu com a soja.

Participei, ativamente, nas comissões e colegiados no âmbito da UFV, alguns já mencionados acima, tendo sido membro da Comissão de Sementes do DFT/UFV (1980 a 1989); membro do Conselho de Pesquisa da UFV (1983 a 1989); membro do Conselho de Pós-Graduação da UFV (1985 a 1989); membro do Comitê de Informática da UFV (1985 a 1989); membro da Câmara Curricular do Curso de Zootecnia da UFV (1985 a 1989); membro do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFV-CEPE (1986 a 1989); e membro do Conselho Universitário da UFV (1986 a 1989). De 1985 a 1989, coordenei o

programa de pós-graduação - mestrado e doutorado, em fitotecnia da UFV, colocando-o entre os melhores do País. Fui diretor técnico da Fundação de Apoio à Pesquisa da UFV – Funarbe (1988 a 1989); membro do Conselho de Administração da Funarbe (1991 a 1998) e seu presidente (1994 a 1996); membro do Colegiado do Instituto de Biotecnologia Aplicada à Agropecuária da UFV – Bioagro (1988 a 2010); diretor do Centro de Ciências Agrárias da UFV (1989-1993); secretário adjunto da Comissão Executiva do Programa de Avaliação Institucional da UFV (1993 a 1997); vice-reitor da UFV (1996 a 2000); membro do Conselho de Administração do Centro Tecnológico de Desenvolvimento de Viçosa (2002 a 2004); e reitor da UFV (2004 a 2008).

Em entidades fora do âmbito da UFV, também com algumas delas já mencionadas, fui membro da Comissão Nacional da Soja, DNPEA-MA (1973 a 1974); membro da Subcomissão da Cultura da Soja da Comissão Estadual de Sementes e Mudanças de Minas Gerais (1974 a 1987); membro do Comitê Central de Pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais - Epamig (1985 a 1987); e membro da Câmara de Ciências Agrárias da Comissão de Assessoramento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - Fapemig (1990 a 1994). Como Diretor Técnico da Fundação Arthur Bernardes (1988 a 1989), tornei-me membro do Conselho Nacional das Fundações das Instituições de Ensino Superior - Confies e presidente do seu Conselho Fiscal (1988 e 1989). Fui membro da Comissão Técnica de Agronomia da Associação Brasileira do Ensino Agrícola Superior - ABEAS (1990 a 1996), sendo seu presidente por três mandatos (1992-1993, 1994-1995 e 1995-1996); membro do Conselho Técnico da ABEAS em dois mandatos (1993-1993 e 1994-1996); vice-presidente da ABEAS (1999 a 2002); membro da Comissão Verificadora para Reconhecimento do Curso de Agronomia da Universidade do Oeste Paulista, de Presidente Prudente, SP, Portaria 103/92-SENESU/MEC, de 08/09/92; presidente da Comissão Verificadora para Funcionamento do Curso de Agronomia das Faculdades Metropolitanas Unidas, São Paulo, SP. Portaria 383/94-SESu/MEC, de 21/09/94; presidente da Comissão Verificadora para Reconhecimento de Curso de Agronomia do Centro de Ensino Superior “Prof. Plínio Mendes dos Santos”, Campo Grande, MS. Portaria 149/96-SESu/MEC, de 19/08/96; presidente do Comitê Técnico do Programa de Suporte à Gestão de Recursos Hídricos, da Secretaria Nacional de Recursos Hídricos do Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal (1995 a 1998); conselheiro do CREA/MG, representando a UFV, instituição de ensino superior, modalidade agronomia (1996 a 1997); membro da Comissão Diretiva para a implementação da Associação do Ensino Superior em Ciências Agrárias dos Países de Língua Portuguesa - ASSESCA-PLP, 1998-2000; presidente do Conselho Fiscal da ASSESCA-PLP, 2000-2005; vice-presidente da ASSESCA-PLP, de 2007 a 2009; e tesoureiro da Sociedade Brasileira de Melhoramento de Plantas - SBMP (2011 a 2013).

Atuei como consultor da Finep, CNPq, Fapemig, Fapesp, Capes, Comissão do Ensino de Ciências Agrárias/SESu/MEC, do Conselho Federal de Educação, do Itamarati/Ministério das Relações Exteriores. Coordenei ou participei de trabalhos em convênios da UFV com entidades públicas e privadas, entre elas a Florestas Rio Doce, Sociedade de Investigações Florestais, Fipec, Ministério da Educação, Finep, CNPq, Fapemig, Monsanto, Bid, Caramuru Alimentos, Fazenda Itamarati, Ocepar, Fazenda Pherla, Fazenda Farroupilha, Projeto Campo, Cosuel, Agromen, Ma Shou Tao, Coopercotia, HMS, Gessy-Lever, CVRD, ABC A&P, Agrisan, Nestlé e Coodetec.

Destaco as consultorias prestadas à Comissão Estadual de Sementes e Mudanças do Estado de Minas Gerais - COESEMIG para definir normas de produção de sementes fiscalizadas de soja em Minas Gerais (1974) e examinar problemas de suprimento de sementes básicas de soja em Minas Gerais (1975); ao FIPEC/Banco do Brasil/CNPq, sobre projeto financiado

pelo Fundo (1985); à CAPES, sobre curso de doutorado em agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1987); à FINEP, relativo a pareceres sobre projetos de pesquisa (1987 e 1996); à CAPES, para recredenciamento do Curso de Pós-Graduação em Fitotecnia da ESALQ/USP (1989); ao CNPq, para parecer sobre projetos a serem financiados (1991 a 2003); à Comissão do Ensino Superior de Ciências Agrárias do MEC, sobre padrões mínimos para funcionamento de cursos de agronomia no País (1994); à Editora UFV, para parecer técnico sobre livros a serem publicados (1998); à FAPESP, para parecer sobre projetos a serem financiados (2000 e 2001); e à CAPES, para avaliação de propostas e demandas encaminhadas àquela agência (2000 a 2001).

Fui membro da Sociedade Brasileira de Genética, da Sociedade Brasileira de Melhoramento de Plantas e da Sociedade Científica Honorária *Phi Kappa Phi*, sendo esta nos Estados Unidos. Fui membro do Rotary Club de Viçosa e sou membro fundador do Rotary Club Albert Sabin. Minha experiência internacional inclui viagens à Argentina, aos Estados Unidos e ao Japão para estabelecer convênios de intercâmbio com universidades e institutos de pesquisas desses países. Participei de viagem aos países do Istmo Centro-Americano (Panamá, Costa Rica, Nicarágua, Honduras, El Salvador e Guatemala), a serviço do Ministério das Relações Exteriores (1990); e a Portugal, Macau, Cabo Verde e Angola, como diretor da Associação do Ensino de Ciências Agrárias dos Países de Língua Portuguesa – Assesca-PLP. Em 2008, representei as universidades federais do Brasil em Tokyo, a convite do governo japonês, para o incremento das relações acadêmicas entre as instituições brasileiras e japonesas.

Durante minha permanência na UFV, orientei e aconselhei centenas de teses de mestrado e de doutorado e orientei vários estudantes de iniciação científica, de especialização e de pós-doutorado, bem como participei de centenas de bancas de tese de mestrado, de doutorado e de exame de qualificação e de bancas de concurso público para contratação de servidores técnico-administrativos e docentes. Publiquei 242 artigos científicos em revistas científicas nacionais e internacionais e 435 artigos de divulgação técnica. Apresentei 194 comunicações e 29 palestras em congressos no País e no exterior. Publiquei 21 apostilas e boletins técnicos e seis capítulos de livros. Como bolsista pesquisador do CNPq de 1985 a 2013, atingi o seu maior grau, A1.

Fui eleito, por pesquisadores da EMBRAPA, como um dos maiores especialistas brasileiros em genética-estatística. Fui membro da comissão editorial das revistas científicas *Revista Ceres* e *Experientiae* e consultor *ad hoc* das revistas *Acta Scientiarum*, *Boletim de Pesquisa do CPAC*, *Bragantia*, *Ciência e Prática*, *Ciência Rural*, *Informe Agropecuário*, *Revista Árvore*, *Revista Ciência e Agrotecnologia*, *Revista de Pesquisa Agropecuária Brasileira*, *Revista Theobroma* e *Revista Unimar*.

Recebi homenagem da Comissão Editorial da *Revista Ceres* pela contribuição como consultor da revista (1987); voto de louvor do Conselho Universitário da UFV, pelos relevantes serviços não só ao País como também ao exterior, como integrante da equipe de pesquisadores da soja (1988); moção de congratulações do Conselho Departamental de Centro de Ciências Agrárias da UFV, pelos inestimáveis serviços prestados ao Centro (1993); Comenda Antônio Secundino de São José, do Governador do Estado de Minas Gerais, de acordo com a Lei 10573, de 30/12/91, e Decreto 33473, de 01/04/92, por serviços prestados ao Estado e ao País, em Patos de Minas (1997); Medalha Bello Lisboa, da Universidade Federal de Viçosa, pelos méritos provados em 25 anos de devotamento e relevantes serviços prestados à Instituição (1998); Medalha de Honra Presidente Juscelino Kubistchek, do Governo de Minas Gerais, por relevantes serviços ao Estado de Minas Gerais (2005); e Medalha Tancredo Neves, da Universidade Federal de São João del Rei, pelos relevantes serviços prestados à sociedade (2005). Em 2008, recebi o título de Cidadão Honorário de Rio Paranaíba e a Comenda do Mérito Legislativo Maçônico de Minas Gerais.

Quando na reitoria da UFV, tendo como vice-reitor o Prof. Cláudio Furtado Soares, promovi intenso crescimento e desenvolvimento da Instituição. Criamos os *campi* de Florestal e de Rio Paranaíba e dezenas de novos cursos, entre eles o de medicina, no *campus* de Viçosa; triplicamos o número de estudantes de graduação no *campus* de Viçosa. Sou colaborador dos dois hospitais da cidade de Viçosa.

Quando do recebimento da Comenda Arthur Bernardes, em sessão solene no dia 10 de agosto de 2013, conferida pela Associação Comercial de Viçosa, proferi um pequeno discurso do qual tomo a liberdade de transcrever alguns trechos:

Em primeiro lugar, quero lhes dizer que me sinto honrado por ter sido escolhido para receber a comenda que leva o nome de um grande viçosense e ilustre figura da política nacional. Considero esta homenagem uma demonstração da generosidade das pessoas com quem convivo nesta comunidade.

Esta homenagem estará indelevelmente gravada em minha memória, ainda mais quando, olhando o rol dos que já a receberam, deparamo-nos com os nomes dos ex-reitores de nossa Universidade Federal de Viçosa, Prof. Edson Potsch Magalhães – o reitor da Federalização da Universidade, e Prof. Antônio Fagundes de Sousa, promotor da expansão da UFV na década de 1970, os quais marcaram épocas de nossa Universidade. É realmente grande honra ter sido escolhido como um dos agraciados deste ano com a Comenda do Mérito Arthur Bernardes. Esta comenda é especialmente valorosa, porque é outorgada pelas forças-vivas do empresariado de nossa comunidade e porque homenageia Arthur da Silva Bernardes. Arthur Bernardes, quando presidente do Estado de Minas Gerais, queria fundar uma instituição para resolver os problemas da agricultura mineira. Para tanto, trouxe dos Estados Unidos o Prof. Peter Henry Rolfs, o qual plantou a filosofia do ensinar fazendo, enquanto semeava a ideia da inovação e da resolução de problemas, por meio dos primeiros experimentos agrícolas em Viçosa.

Como já ensinava Comenius, reformulador da teoria do ensino-aprendizagem, em seu livro “Didática Magna”, de 1627, portanto, trezentos anos antes da inauguração de nossa ESAV, em 1926 – a educação deve ser realista e permanente, em contraposição ao “trivium”, do adquirir informações para embasar o juízo crítico, e ao “quadrivium”, da compreensão do espaço físico, clássicos.

Esta premiação que hoje recebo, imagino dever-se a alguns motivos, uma vez que não conheço os critérios em seus detalhes. Em primeiro lugar, como já dito, recebo a comenda em razão da generosidade das pessoas que me rodeiam. Em segundo, talvez por alguns trabalhos realizados aqui em nossa cidade, tais como o apoio à criação da UTI Neonatal do Hospital São Sebastião ou à implantação do Serviço de Hemodinâmica no Hospital São João Batista. Talvez pelos trabalhos pelo Brasil afora, levando e gerando tecnologia para os agricultores brasileiros, principalmente pela produção das variedades de soja, as quais permitiram a exploração econômica dos cerrados brasileiros. A esse respeito, vêm-me à memória todos aqueles que estiveram conosco na realização desse apaixonante trabalho, que são os colegas de trabalho, professores, servidores e estudantes da universidade. Penso também nos milhares de empresários rurais que adotaram as novas tecnologias. A eles a minha gratidão.

Talvez esteja recebendo esta homenagem porque temos hoje uma verdadeira revolução de desenvolvimento em Florestal e em Rio Paranaíba, em razão dos campi que lá criamos. Talvez porque contribuímos para aumentar o número de alunos em nossa universidade, com reflexos altamente positivos para os jovens viçosenses e para a economia local. Enquanto na vice-reitoria da universidade, trabalhamos para criar novos cursos e ampliar o número de vagas no vestibular. Como resultado, vimos saltar de cinco mil para dez mil alunos de graduação. Depois, enquanto na reitoria, ensejamos um novo salto, saindo de dez mil para quinze mil alunos. Além da federalização e da

expansão da década de 1970, este crescimento se constitui em um novo marco para a nossa universidade. Temos agora uma Universidade multicampi. O aumento de alunos causa problemas, porém os benefícios são muito maiores. Apenas considerando o orçamento anual da UFV, estimo que, em moeda atual, passamos de pouco mais de cem milhões de reais, para mais de quatrocentos milhões, o montante de recursos aportados pelo governo federal em nossa cidade.

O curso de medicina, criado em nossa gestão na reitoria da UFV, já mostra os reflexos positivos no sistema de saúde da cidade. Os hospitais se modernizaram com equipamentos de última geração, melhoraram seus corpos clínicos e, agora, preparam-se, tal como planejamos na época da criação do curso, para se tornar hospitais de ensino, instrumentos importantes na oferta de um melhor atendimento ao público. Nesse contexto, mais do que uma deferência pessoal, encaro a comenda como um reconhecimento à UFV e a todos os seus docentes, servidores técnico-administrativos e estudantes, que, com competência e férrea obstinação, contribuíram para a excelência da Universidade e, por conseguinte, para o orgulho de nossa comunidade.

Externo meu carinho à minha esposa e filhos, aos meus irmãos e seus familiares e especiais agradecimentos aos colegas de trabalho na Universidade, cujas competência e solidariedade tornaram possível a outorga desta Comenda, bem como àqueles, cujas congratulações e manifestações de apreço valorizaram ainda mais a homenagem que ora recebo. Gostaria de agradecer a presença maciça dos companheiros do Rotary Club de Viçosa e do Rotary Club Albert Sabin, bem como dos amigos das lojas maçônicas Acácia Viçosense, Solidários da Liberdade e Mahatma Shimoya. Finalizando, reitero minha gratidão aos que me honraram com esta distinção que, não tenham dúvidas, terá destaque em meu currículo e fará este cidadão de Maria da Fé, que há 46 anos aqui aportou, sentir-se ainda mais viçosense e comprometido com as causas desta comunidade.

No dia 04 de setembro de 2018, exatamente após 46 anos de dedicação à UFV, me aposentei para dedicar-me exclusivamente à família, principalmente aos netos. Afinal, se trabalhamos para termos um Brasil melhor, o fizemos tentando tornar Minas Gerais melhor. Para termos uma Minas Gerais melhor, tivemos que, como anteviu Arthur Bernardes, trabalhar para o engrandecimento da Universidade, para torná-la útil na solução de problemas. Assim, continuo a laborar para que tenhamos um Brasil melhor para nossas presentes e futuras gerações.

Viçosa, 16 de agosto de 2019

Carlos Sigueyuki Sedyama

CHEOGI HASSUI



Consta na minha certidão de nascimento que nasci no dia 16 de outubro de 1942 às 4:30 horas, numa sexta-feira, em uma pequena propriedade rural localizada no distrito de Braúna, município de Glicério, pertencente à comarca de Penápolis, SP. Ao completar sete anos de idade, meu pai vendeu o sítio e arrendou uma granja pertencente à fazenda Vale Formoso, além da terra para o plantio de milho para o consumo da granja, batata e amendoim. Ficamos nessa fazenda por dois anos e nos mudamos para Penápolis porque, na escolinha da fazenda, não havia vaga para mim e meus irmãos. Aí, meu pai adquiriu uma chácara em que

uma parte pertencia à zona urbana e outra, à zona rural, dando condições para emitir nota de produtor de ovo e hortaliças.

Em 1952, comecei minha vida de estudante, sendo matriculado no Primeiro Grupo Escolar Luiz Chrisóstomo de Oliveira, de Penápolis, onde concluí o primário em 1954.

No ano seguinte, comecei fazendo quinto ano e, no meio do ano, troquei pelo curso preparatório para exame de admissão. Prestei, em 1956, o exame de admissão no Instituto de Educ. Dr. Carlos Sampaio Filho, de Penápolis, terminando o curso ginásial em 1960. No ano seguinte, comecei a frequentar o primeiro científico, mas tive que abandonar o curso em setembro para ajudar a família, em razão de uma crise provocada pela alta do preço de milho, que atingiu todos os granjeiros, deixando muitos deles inadimplentes.

Em 1962, já superado o problema financeiro, voltei para concluir o científico em 1964 e parti para fazer o cursinho em Piracicaba. Como meus pais não tinham condições de me manter, eu tive de procurar serviço para pagar a mensalidade do curso, pensão, roupas, enfim, sem depender da família.

Procurando trabalho, encontrei, na empresa Metalúrgica Dedini Máquinas e Implementos Agrícolas, trabalho de desenhista técnico na vila Resende, em Piracicaba. A próxima etapa foi procurar uma pensão para morar perto do ponto de ônibus para trabalhar e ir para a ESALQ onde funcionava o cursinho. Depois de procurar, achei uma pensão no centro da cidade, que cabia no meu orçamento, de acordo com o salário que iria receber (um e meio salário mínimo). Nada de extravagância, só trabalhar durante o dia, à noite frequentar o cursinho e, no final de semana, estudar.

Foi uma vida de sacrifícios! Até hoje, quando me lembro, não penso que tenha sido, porque o objetivo era me preparar para passar no vestibular de agronomia - um sonho desde criança.

No começo do ano, comecei prestando vestibular na ESALQ onde fiquei em português, que era a bola da vez para peneirar. Em seguida, prestei em Pouso Alegre para a UREMG, concorrendo a uma vaga entre mais de quinhentos candidatos, tendo conquistado o vigésimo oitavo lugar. Como havia inscrito, também, para a Faculdade de Medicina e Agronomia de Botucatu, acabei fazendo a prova porque não sabia do resultado de Viçosa. Fui aprovado em oitavo lugar num universo de quatrocentos e poucos vestibulandos. Escolhi a UREMG, apesar de não a conhecer. Mas, tinha conhecimento, na época, de que, entre as três melhores escolas em ciências agrônômicas do Brasil, ela era uma delas.

Cheguei no começo de março 1966 a Viçosa para fazer minha matrícula no curso de agronomia. Na secretaria, após uma breve entrevista, indicaram-me procurar o DGA (Departamento Geral de Assistência ao Alunos), responsável pelo alojamento. Indicaram um alojamento no prédio velho onde fiquei por um ano. Posteriormente, mudei-me para o alojamento novo, apartamento 721, dividindo com os colegas de classe Cairo, Chochô e Cabeção.

Em 1968, fui atrás de bolsa de trabalho porque, no primeiro ano, a economia que tinha feito com o meu trabalho deu para me manter. Consegui uma bolsa no departamento de engenharia, aliviando, dessa forma, as despesas com refeições e moradia.

Para melhorar a questão financeira, aceitei uma sociedade com o Chochô para tocar a Foto Síntese, que deu até suporte para a aquisição de livros.

A vida de estudante estava indo razoavelmente bem, até que uma disciplina me deixou de dependência e fui reprovado, impossibilitando-me de prosseguir no curso, porque esta era pré-requisito para outras. Assim, no segundo semestre, só fiz essa disciplina e matemática. Foi uma experiência amarga porque nunca tinha sido reprovado.

Perdi a turma em que comecei o curso, Carcará, e ganhei acolhida da outra turma, que se formou em 1970 - Cavanhaque do Urubu.

Formado, ávido em procurar trabalho, encontrei, num edital da ESALQ, em caráter excepcional para engenheiro-agrônomo, curso para formação de professores para as escolas técnicas agrícolas, pelo qual me interessei. Fiz minha inscrição e, no segundo semestre, terminei a licenciatura em ciências agrárias. Metade do pessoal desistiu por não ter afinidade com o magistério.

Ingressei no Departamento do Ensino Técnico Agrícola, vinculado à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, no dia 22 de fevereiro de 1972. Iniciei meu trabalho no campo como monitor do PIPMOA - Programa Intensivo de Preparação de Mão de Obra Agrícola, na região noroeste do Estado, tendo como sede o Colégio Técnico de Penápolis, onde permaneci por dois anos. Depois, fui designado para exercer a função de professor orientador da cooperativa dos alunos, funcionários e professores de algumas disciplinas de zootecnia na escola sede. No final do primeiro semestre, pedi minha exoneração e parti para a prestação de serviços como autônomo em empresas de reflorestamento e agropecuária durante quatro anos, que foi a vigência do contrato. Após isso, retornei ao Colégio Técnico Agrícola de Penápolis como professor da área técnica.

Em 1990, as escolas técnicas foram passadas para a Secretaria de Ciência e Tecnologia, ficando, durante quatro anos, sob sua administração e, em seguida, para a Fundação Centro Paula Souza. Posteriormente, submeti-me ao concurso público para formação do corpo docente para cada disciplina. Permaneci ocupando a função de orientador da Cooperativa Escolar, coordenador da área técnica, lecionando algumas disciplinas para completar a carga horária. Em dezembro de 2007, eu me aposentei. Fatos relevantes foram a elaboração e a execução de projeto de piscicultura, implantação do sistema de plantio direto de soja e milho, manejo integrado de pragas e produção de silagem. Quanto à avaliação profissional, acredito que tenha dado minha parcela de contribuição para alavancar a agropecuária brasileira, pela preparação e formação de jovens profissionais, melhorando o contingente de recurso humano.

Quanto à minha família, meu pai veio do Japão com 21 anos e se casou, em 1933, com minha mãe, natural de Brodosqui, SP. Tiveram nove filhos, dos quais dois faleceram antes de atingir dois anos de idade e os sete estão vivos até a presente data. Os seis irmãos concluíram curso superior, mas a irmã mais velha concluiu apenas o quarto ano primário. Eu sou o terceiro dos irmãos vivos. Sou casado com Elza. Tivemos três filhos, todos com formação universitária. O primogênito, casado, tem uma filha de dez anos e trabalha em São José do Rio Preto. O segundo, solteiro, autônomo, mora conosco. Tenho uma filha, casada, que tem um casal de filhos, um menino de dez anos e uma menina de cinco anos, residentes em Campinas. Todos moram no estado de São Paulo.

Meu pai faleceu no dia nove de outubro de 1975 e minha mãe, em dois de junho de 2009.

DANILO CELSO SANTANA



Veio ao mundo em Itumirim, MG, em 18/06/1945. Filho de José Santana e Delfina Henriques, concluiu o segundo grau em 1976 no Colégio Universitário, Viçosa, MG. Iniciou sua graduação em 1966, tendo concluído o curso de engenharia agrônoma em dezembro de 1970. Aventureiro, sempre dizia querer ir para o interior do país. E assim o fez. Virou fazendeiro no norte do Brasil, em Vila Nova dos Martírios, MA.

DELSON FREITAS DE MORAIS



Delson nasceu em 26 de julho de 1944, na Fazenda Independência, distrito de Vai e Volta, Município de Tarumirim. Filho de José Pereira de Moraes e Odília Freitas de Moraes, foi o quarto entre os dez filhos. Estudou o primário na Escola do Vai e Volta. Já o ginásio e o científico, em Caratinga. Seu pai, um trabalhador da roça, mas muito sábio, incentivava os filhos a estudar, pois acreditava que só com os estudos melhorariam de vida. Chegou a desativar um paiol e transformá-lo em sala de aula, arrumando um professor para dar aula para seus filhos e vizinhos. Dizia que seus filhos seriam doutores: médicos, advogados e engenheiros. E assim começou a epopeia dos estudos na família. Sua irmã mais velha casou-se logo que completou 16 anos, parando de estudar. O segundo filho seguiu para Belo Horizonte com a intenção de estudar medicina, mas, diante da realidade, teve que mudar os planos, pois precisava trabalhar para ajudar nos gastos fora de casa. Então, cursou direito na UFMG, podendo trabalhar em um banco no período que não estava na faculdade. O terceiro filho foi com a finalidade de fazer medicina, já que o primeiro estudava direito e assim o fez. Então, Delson, vocacionado para o campo e incentivado pelos irmãos mais velhos, resolveu estudar agronomia em Viçosa.

Em 1966, perdeu o vestibular por problemas de saúde, retornando para Tarumirim, onde lecionou matemática por um ano enquanto se preparava novamente para o vestibular. Neste período, enquanto lecionava, conheceu sua futura esposa, Sônia, que, então, era sua aluna.

Em 1967, prestou novamente o vestibular e ingressou na UFV. Foram quatro anos de muita dedicação à vida acadêmica, novas amizades e muitos sonhos a serem realizados.

Em 1971, já formado, mudou-se para Teófilo Otoni, onde trabalhou na ACAR/EMATER. Em 1973, recebeu uma proposta para administrar uma fazenda em Carlos Chagas, trabalhando nela até 1975. Neste mesmo ano, mudou-se para Caratinga, retornando também para Emater, onde trabalhou até se aposentar em 2007. Durante um tempo, foi responsável pelo Departamento de Agropecuária da Secretaria de Agricultura de Caratinga. Todos esses anos, além de trabalhar na Emater, aos finais de semana, era sagrada sua ida para a fazenda, a mesma em que nasceu e que administrava. Assim vivia e convivia com a simplicidade do homem de campo no seu dia a dia, que se complementava aos finais de semana na fazenda ao lado de seus familiares.

Em fevereiro de 1972, casou-se com sua amada Sônia e foram residir em Teófilo Otoni onde já trabalhava. Lá nasceu a primeira filha do casal, Cláudia, hoje com 47 anos. Em Caratinga, nasceram Carine e Bruna. E assim, suas filhas, sempre conhecidas como as meninas do Delson, foram crescendo e alçando novos voos. Cláudia, assistente social e bacharel em direito, é casada e lhe proporcionou o imensurável prazer de ser avô. Camila chegou em 2002 e encantava o avô com seu sorriso e carinho. Mais tarde, veio Eduardo, nove anos, o primeiro menino da família, que herdou do avô o gosto pela fazenda. Apesar da pouca idade e do pouco tempo em que estiveram juntos, foram grandes parceiros. Carine, 43 anos, é administradora e enveredou pelo mundo do comércio, morando hoje em Eunápolis, BA. Bruna, 38 anos, é médica em Juiz de Fora e o surpreendeu com a terceira neta, Manoela, quatro anos, xodó do vovô. Recentemente, Bruna presenteou-o com o nascimento de Helena. Delson, com certeza, já a abençoou lá do céu.

Durante todos esses anos, pode-se afirmar que Delson realizou seus sonhos e construiu uma família muito amada e feliz. Este, sem dúvida, foi o seu legado sempre pautado pela

honestidade, humildade e trabalho. Em março de 2016, sofreu um acidente automobilístico, permanecendo internado por vários dias, vindo a falecer em 17 de abril do mesmo ano. São três anos de muita saudade... Deus o abençoe!

Obs: Este texto foi escrito pela sua filha primogênita **Cláudia**, nascida em Teófilo Otoni.

DÊNIS SOARES DE MORAIS



Minhas origens - Nasci na pequena cidade de Piumhi, localizada no oeste de Minas (25-07-1946) onde meus pais sempre moraram. Somos uma família de 4 irmãos sendo eu o terceiro. Meu pai, Adalberto Seabra de Moraes (1912–1988), era oficial de justiça e minha mãe, Deusmira Soares de Moraes (1919–2016), era do lar. A vida para nós, durante minha infância, não era nada fácil, pois o que meu pai ganhava era insuficiente para as despesas, apesar da vida simples que vivíamos. Minha mãe, conosco catava café para uma máquina de beneficiar pois, naquela época, não existiam máquinas eletrônicas para selecionar os grãos. Estudei sempre em escolas públicas e fiz o curso primário no Grupo Escolar Josino Alvim. Piumhi, naquela época, não contava com escola pública para a sequência dos estudos. Havia apenas um

colégio particular onde fiz o curso de admissão. Contudo, para cursar o ginásial, a situação financeira de minha família não permitiu que eu ingressasse no colégio. No ano de 1959, o supervisor da antiga ACAR organizou uma caravana de estudantes para fazer provas na Escola Agrícola de Machado, totalmente gratuita. Fomos em 25 estudantes e foram aprovados cerca de 18. Foi o meu primeiro vestibular. Assim, com 12 anos, saí de casa para só voltar em períodos de férias. Mas a escola de Machado ofertava o 1º e 2º ano ginásial agrícola e, ao final deste, me transferi para a Escola Agrotécnica de Muzambinho (1961–1966). Como se vê, só não cursei o primário agrícola.

O ingresso na UFV- Após a conclusão do curso técnico, veio o primeiro dilema: trabalhar ou continuar a estudar. Um professor que tive no terceiro ano técnico, chamado José Osório, formado em Viçosa, muito me incentivou a fazer provas na UREMG. Assim, logo no início do mês de janeiro de 1967, juntamente com outros três colegas recém-formados em Muzambinho (Alberto, José Leite e Roosevelt), viajamos para Viçosa para frequentar um cursinho pré-vestibular ministrado por alunos do 3º e 4º ano. O aprendizado no cursinho foi excelente, pois conseguimos três aprovações: eu, o Alberto Doidão e o José Leite. Recordo-me apenas do professor Flávio Pompei que era responsável pela matéria de química que, por sinal, era a que mais dificuldade eu encontrava. Neste período, a dedicação aos estudos foi muito grande, pois eu era egresso de uma escola que não possuía uma boa estrutura de ensino. Após o término das provas, regressei à minha terra e fiquei no aguardo de um resultado positivo. Depois de alguns dias, recebi um telegrama dizendo “aprovado e classificado, providenciar matrícula”. Quando recebi a notícia da aprovação, foi uma alegria imensa de todos os familiares. Não tive muito tempo de comemorar com a família e amigos, pois, no dia seguinte, viajei para Viçosa para iniciar uma nova etapa vitoriosa que se consumou.

Como a minha classificação no vestibular não foi muito boa (147º), não consegui vaga nos alojamentos da escola e fui morar em uma pensão na cidade perto da linha férrea (não me recordo o nome da proprietária que, por sinal, era gente muito fina). Tão logo a LUVE

começou a treinar o time de futebol que representaria a Universidade nas competições daquele ano, eu me apresentei com o objetivo de fazer parte do grupo de atletas. Foi a partir deste momento que tudo começou a ficar mais fácil para mim. Por meio do professor Cid, com interveniência do Rubinho (técnico), consegui uma bolsa alimentação e moradia que muito me ajudou até me formar. Morei, inicialmente, no prédio do Agro, mas, logo em seguida, como excedente, mudei-me para o quarto na segunda sessão do prédio velho.

No primeiro jogo que a LUVE fez na temporada de 1967, eu ainda era reserva do time. Foi contra a Pontenovense. Entrei no segundo tempo, no lugar do Sílvio José, irmão do professor Cid. Vencemos por 7 x 1 e o último gol foi meu. A partir daí, assumi a titularidade e tivemos jornadas memoráveis.

A minha relação com o futebol me favoreceu até nos trotes, pois sempre era protegido por algum veterano que fazia parte do grupo da LUVE ou por admiradores do bom futebol. No ano de 1969, a LUVE ganhou todas as competições que disputou e o nosso time do Cavanhaque de futebol de salão foi campeão da cidade, vencendo a grande final contra o Carcará por 1 x 0, com gol meu. Naquele ano, a rádio Montanhesa me elegeu o “atleta do ano”, ofertando-me um troféu que guardo com muito carinho até hoje.

Durante o curso, sempre me dei bem com todos os colegas, inclusive de outras turmas. Posso citar, de minha turma, os colegas Derli, Wilson Jesus, Hemerval Guerini, Eurípedes Barsanulfo, José Carlos Cruz, Peloso, Garibalde, Alberto de Vasconcelos e José Leite, alguns dentre muitos com quem tivemos uma convivência mais estreita.

O curso de agronomia na UFV - O período de 1967 a 1970 foi marcado por acontecimentos extracurriculares trágicos, especialmente no primeiro ano, que até hoje estão presentes em minha memória. Logo no início do ano, aconteceu a morte do Cambão (4º ano), assassinado em uma noite que muito chocou a comunidade universitária. Depois, aconteceu o incêndio no prédio Agro, mas, felizmente eu já não morava mais lá. Além disso, as constantes manifestações do regime ditatorial que culminou com o desaparecimento dos nossos colegas de turma, Jasmim e Cosenza. Durante todo o curso, morei em quartos da segunda, quinta e sexta seção do prédio velho. Dos colegas de turma com quem compartilhei quarto, recordo-me apenas do Afogador e Araguari, isto já no 4º ano. O primeiro semestre de estudos na Universidade foi, para mim, o mais difícil, pois era um período de adaptação e encontrei muitas dificuldades na aprendizagem em química I (Professor Márcio) e, em razão disto, fiquei de dependência na referida matéria. No segundo semestre, paguei a dependência com o professor Fontes e consegui vencer o primeiro ano. Assim que os anos iam seguindo, o curso de agronomia se tornava cada vez mais interessante, com a entrada na grade curricular de matérias técnicas. Como era oriundo de colégio agrícola e possuía já conhecimentos, não encontrava dificuldades na aprendizagem, apesar do conteúdo apresentado pelos professores abordar o assunto com profundidade. Quando atingimos o quarto ano e foram apresentadas as opções de diversificação, não tive dúvidas em escolher fitotecnia–grandes culturas, pois entendia que era o segmento em que mais me identificava.

Minha vida profissional - Tão logo aconteceu a colação de grau, já estava selecionado para iniciar, no ano de 1971, o trabalho na ACAR. Após o treinamento em fevereiro de 1971, fui designado para o escritório local na cidade de Bom Despacho, cuja função se resumia na elaboração de projetos assistindo produtores e famílias nas atividades de bovinocultura de leite, avicultura de corte e postura e culturas de milho, arroz, feijão e mandioca. Em 1974, fui convidado para coordenar, na Região Leste do Estado, a implantação de campos de demonstração de milho e ficamos sediados no escritório da

ACAR de Caratinga. O programa fornecia aos produtores todos os insumos para o plantio de uma área de 10 ha de milho que era utilizada segundo as metodologias de extensão rural para divulgação de pacotes tecnológicos. Em 1976, com o fim do programa, transferi-me para o escritório da EMATER de Luz, para trabalhar com crédito rural do programa Polocentro que visava à incorporação de áreas de Cerrado ao processo produtivo. Em 1981, o Banco do Brasil promoveu um concurso para contratação de agrônomos para trabalhar como assessores técnicos em agências. A finalidade era de estreitar a relação Banco–assistência técnica, sugerir linhas de créditos mais aplicáveis à região, analisar projetos técnicos e processos de PROAGRO, e acompanhar a aplicação dos créditos. Em 1982, tomei posse na agência de Pirapora que tinha sob a sua jurisdição os municípios de Jequitaiá, Várzea da Palma, Buritizeiro, São Romão e Santa Fé. Em 1988, o Banco do Brasil criou superintendências no interior e fui promovido à superintendência de Montes Claros, com atuação em todo o Norte de Minas, Jequitinhonha e Mucuri. Em agosto de 1989, as superintendências do interior foram extintas e fui transferido para a agência de Passos, Sudoeste de Minas. Em 1995, pedi demissão no primeiro PDV (Programa de Demissão Voluntária) do Banco e fui ser empresário no ramo do comércio de hortifrutigranjeiro (sacolão) na cidade de Bom Despacho. Não foi uma experiência vitoriosa, mas ensinou-me muitas coisas para a vida. Em 2005, retornei aos quadros da EMATER por meio de concurso público, assumindo o escritório de Sabará até o ano de 2016. Nesse período, o trabalho se desenvolveu, basicamente, com agricultores familiares, assistindo-os na cultura da banana, aves, organização social e saneamento. Nessa área, implantamos, em 2014, cerca de 190 fossas sépticas na área rural para famílias carentes, com recursos fornecidos pela Anglo Gold Ashant. Esse trabalho nos proporcionou o prêmio instituído pela empresa de “Melhor Ação do Ano”. Em agosto de 2016, após 45 anos de trabalho, decidi aposentar-me e dedicar-me inteiramente à família.

Minha família - Conheci minha esposa Neide na primeira cidade onde trabalhei (Bom Despacho, MG). Namoramos durante 18 meses e, em dezembro de 1972, nos casamos. Temos dois filhos maravilhosos que nos enchem de muito orgulho e completam a nossa felicidade. O Gustavo concluiu o terceiro grau cursando ciências biológicas na PUC Minas e hoje trabalha, com muita competência, em uma empresa de consultoria ambiental. O Vinícius não chegou a cursar o terceiro grau, mas é o meu braço direito do dia a dia. A minha esposa Neide, dispensa comentários, pois é minha parceira e conselheira nas horas alegres e tristes e me acompanha há 48 anos, em todas as mudanças por onde passei, que não foram poucas (Bom Despacho, Caratinga, Luz, Pirapora, Montes Claros, Passos, Sabará e Belo Horizonte). Somos, pois, uma família muito feliz na graça de Deus.

DENIS VILELA LEMOS



Nome - Denis Vilela Lemos, brasileiro, casado, portador do CPF 096.615.496-72 e da Carteira de Identidade Profissional nº 7708/D do CREA-MG.

Filiação - Juvenal Vilela Lemos e Inês Silveira Lemos, nascido em 28 de fevereiro de 1949.

Estado civil - casado com Romilda Maria Teixeira Lemos, formando uma família com três filhas: Bethânia (casada com Adriano, residentes em Alfenas), Natália (casada com Rondinelli e residentes em BH e com uma filha chamada Luíza) e Renata (casada com Fábio, residentes em Alfenas, com duas filhas de nomes Maria

Fernanda e Laura). Sendo assim, tem três lindas netinhas.

Endereço atual - Rua Vicente Lomonte, 45 – Centro - CEP 37130-133 – Alfenas, MG. Telefones: (35) 3291-1797; 3292.1120 e 99945-1120 E-mail: denisvlemos@hotmail.com

Escolaridade - 1º e 2º graus foram feitos em Passos, MG, sua cidade natal; o 1º no Grupo Escolar Abraão Lincoln e o 2º no Colégio Estadual de Passos. Para o 3º grau (superior), foi aprovado, em fevereiro de 1967, no vestibular da então UREMG (Universidade Rural do Estado de Minas Gerais). Iniciou o curso de agronomia, sendo graduado como engenheiro-agrônomo em dezembro de 1970 pela atual UFV (Universidade Federal de Viçosa). No último ano do curso, em 1970, optou pela diversificação em fitotecnia. Em janeiro e fevereiro de 1970, atuou como estagiário na empresa Ultrafertil S/A, trabalhando em diversas cidades do Triângulo Mineiro, Sul de Minas e Nordeste de São Paulo. Em julho de 1970, atuou também como estagiário no IBC/Serac-Caratinga, onde foram detectados os primeiros casos da ferrugem do café no Brasil, em cafezais do município de Piranga, MG.

Atividades profissionais - No período de 1971 a 1982, atuou como engenheiro-agrônomo da empresa COUAL (Construtora e Urbanizadora Araújo Ltda.), nos setores de agricultura, reflorestamento e paisagismo da empresa, nos estados de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Goiás. Em 1974, passou a residir em Alfenas, sede central da empresa, onde atuou como gerente comercial e procurador geral da empresa.

No período de 1985 a 1995, atuou como engenheiro-agrônomo da empresa DIFASA S/A, sediada em São Paulo, responsável pelos serviços de reflorestamento e paisagismo nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Em 1973, fundou, em sua cidade natal, Passos, a indústria Óleos Alimentícios NUTRIM S/A, da qual foi o primeiro diretor presidente. Nessa oportunidade, levou o então Secretário de Agricultura do Estado de Minas Gerais, Prof. Alysson Paolinelli, para lançar a “cultura da soja” na região, fomentando, ali, o processo de colheita por meio de colhedoras mecânicas.

Em 1984, fundou, em Alfenas, a empresa BETTER JEANS, da qual foi sócio proprietário até 2014, quando ela encerrou suas atividades, sendo vendida para outro grupo. Desde 1997, participa, com sua esposa Romilda, da empresa LOK FESTAS, sediada em Alfenas, atuando no ramo de locação de equipamentos para festas e eventos. Após se aposentar no ano de 2006, dedica-se, entre outras coisas, a uma pequena chácara que

possui em Alfenas, onde, também, desfruta de uma boa área de lazer à beira da represa de Furnas.

Atividades comunitárias - Em 1976, tornou-se membro do Rotary Club de Alfenas, tendo sido presidente em duas gestões e secretário em oito gestões, além de outros cargos da diretoria. É associado da ACIA (Associação Comercial e Industrial de Alfenas), da qual já foi secretário por dois mandatos e tesoureiro em um mandato. Como representante da ACIA, foi nomeado membro da Comissão Municipal de Licitações da Prefeitura de Alfenas nos governos 1989/92 (Dagoberto Engel) e 1993/96 (Antônio Munhoz Leite). É conselheiro fundador do Conselho Municipal de Saúde de Alfenas desde 1993, tendo sido presidente por duas gestões e secretário por seis gestões, onde permanece até hoje. Também foi conselheiro fundador do Conselho Municipal do Idoso de Alfenas, no ano de 2005, do qual foi o primeiro presidente e depois reeleito para outra gestão bianual, tendo sido, também secretário por mais duas gestões.

Como representante do Conselho Municipal de Saúde, foi membro do CEP (Comitê de Ética em Pesquisas) da Universidade Federal de Alfenas, no ano de 2014, também em 2019.

Em dezembro de 2016, recebeu, com muita honra, da Câmara Municipal de Alfenas, o título de Cidadão Honorário de Alfenas. Católico praticante, participa da Paróquia São José e Dores, de Alfenas, tendo atuado nos movimentos de Encontro de Casais, Curso Preparatório para Noivos, Coral Santa Mônica, Equipe de Nossa Senhora, Liturgia da Palavra e Pastoral da Família.

Alfenas (MG), 24 de julho de 2019.

DEONÉSIO MOREIRA DA SILVA



Minha origem - Nasci em Chapada dos Guimarães, cidade turística a 68 km de Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso, em 23/03/1947. Meu pai, Antenor Moreira da Silva e minha mãe, Azemira Quintina da Silva, *in memoriam*, ambos de tradição rural, eram proprietários ligados ao plantio e processamento de cana-de-açúcar, plantio de arroz, milho, banana, no sistema de agricultura

de toco, aliado à criação de gado e outros animais domésticos em pequena escala. Sou o 5º filho de um total de seis, o único que decidiu pela continuidade dos estudos. Concluí o curso primário nas Escolas Reunidas D. Wunibaldo na cidade local. Para frequentar a escola, caminhava todos os dias 12 km, partindo da fazenda, às vezes sob frio intenso, para estudar e conseguir melhores condições de vida. Terminada esta fase, fui levado a prosseguir os estudos secundários em Anápolis, GO, Botucatu, SP e, finalmente, em Cuiabá, onde terminei o 2º científico. Vali-me de oportunidades oferecidas pelos padres franciscanos que prestavam atendimento à Prelazia de Chapada, considerada, na época, o maior município do mundo, com 240.000 km² de extensão territorial, fazendo divisa ao norte com o estado do Pará.

O ingresso na UFV - Aos 17 anos, já trabalhava como mensageiro junto ao escritório central da ACARMT - Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado de Mato Grosso. Na avaliação do meu superintendente, que notara meu interesse e, por questões

meramente circunstanciais, fui incentivado pelo Eng. Agr. Bento Machado Lobo, ex-aluno da UREMG, a me dirigir a Viçosa. Apresentei-me como um dos alunos da 1ª turma do curso pré-universitário da UREMG, no ano de 1966.

Graduação universitária - Concluído o pré-universitário, prestei vestibular e, em 1967, era aluno matriculado no 1º ano do curso de agronomia da UREMG. Morei na Quarta Seção do prédio velho, juntamente com Alfredo Homma, Mercial Lima de Arruda, Alvacir Barbosa, Wilson Jesus da Silva e outros colegas temporários. Estive sempre ligado aos companheiros de futebol como Eurípedes Barsanulfo, José Batuíra, Dênis Soares de Moraes, Eudaldo Nunes Dourado e outros. Para me sustentar e para minha satisfação, jogava futebol na LUVE - Liga Universitária Viçosense de Esportes, com apelido de Zulu. Modéstia à parte, batia bola com os dois pés, deslocamento rápido, chutes potentes, às vezes não tão bem direcionados. Por fim, bom porte físico. Numa daquelas oportunidades, fui convidado a representar a UFV nas Quartas Olimpíadas Internas das Universidades de Minas Gerais, disputadas na cidade de Lavras, em 1969, correndo 100 e 400 metros sem barreiras. Os resultados não foram bons, mas a participação foi sem vexame. Tudo isso porque Fernandinho, o nosso representante oficial, estava lesionado. Como incentivo à prática desportiva, ganhava da UFV, via Rubinho, um talão de alimentação mensal: café/almoço/jantar. Isso durou mais de dois anos. Depois disso, passei a trabalhar na gráfica. Posteriormente, já participava como entrevistador de produtores como parte de projetos de pesquisa de professores e ou pesquisadores na área de economia rural. Participei, também, do coral da Universidade e do Clube de Oratória Unidos num Ideal. Colei grau como engenheiro-agrônomo diversificado em economia rural em 1970 – integrante do Clube “Cavanhaque de Urubu”. Nós, os economistas rurais, constituímos a menor equipe, entre as outras diversificações técnicas da Universidade. Nosso grupo era formado pelos colegas como Alexandre Aad Neto, Alfredo Homma, Alvacir Barbosa Ribeiro, Marcos Joaquim Matoso, Ataíde Jorge de Oliveira, Níbio Milagres Teixeira, Ronaldo Pedrosa Gomes, Rodrigo Otávio M. de Sousa Lima, Pedro Salgado Brandão, José Rodrigues Teixeira Filho e mais algum outro de que ora não me recordo. Tudo isso foi proporcionado por Deus, pela orientação e apoio incondicional do inesquecível e já falecido Bento Machado Lobo, pela tenacidade dos meus queridos pais e, por fim, por uma pequena parcela da minha determinação. Findas as festas da graduação, aproveitando a presença do meu pai e de minha irmã em Viçosa, fiquei noivo de uma nativa, hoje minha esposa, com quem me casei um ano depois.

Minha vida profissional - Terminada a formatura, retornei imediatamente ao estado de Mato Grosso, atendendo à convocação do Dr. Bento para trabalhar no serviço de extensão rural, ACARMAT-MT, agora como profissional, não mais como mensageiro da Empresa. Exerci atividade de extensionista rural, supervisor regional de Dourados, MS, maior região administrativa na época; na sequência, como assessor de planejamento do escritório central de Cuiabá, compreendendo um período de sete anos na extensão rural. Entre 1978 e 1979, estive trabalhando como proprietário de uma pequena fazenda nas proximidades de Chapada, denominada Fazenda Monte Rei, como agropecuarista autônomo. De 1981 a 1982, estive envolvido com a elaboração de projetos de financiamentos a empresários no programa PROBOR, devidamente credenciado pela EMBRATER/ABCAR como profissional autônomo. Em 1982, fui convidado a compor a equipe da gerência e coordenação estadual do programa POLONOROESTE/PDRI-MT, financiado pelo Banco Mundial. Ao longo de 14 anos, estive ligado a esse programa, assumindo as funções de monitoramento de diferentes subprojetos e, por longo tempo, a função de gerente adjunto de operações e planejamento da equipe técnica. Em

continuação, assumi a coordenação técnica do projeto estadual de uso e conservação de recursos naturais (PRODEAGRO - Projeto de Desenvolvimento Agroambiental do Estado de Mato Grosso). Em 1996, assumi o cargo de Secretário Especial de Agricultura e Abastecimento do Município de Cuiabá, MT. Em seguida, assumi o cargo de coordenador de planejamento da Secretaria de Estado de Agricultura, Abastecimento e Assuntos Fundiários - SAAF/MT, hoje Secretaria de Estado de Abastecimento Pesquisa e Agricultura Familiar. Em 1997, prestei serviços como técnico avaliador de projetos agrícolas financiados pela Caixa Econômica Federal no Estado de Mato Grosso. De 2003 a 2008, exerci atividades de elaboração de projetos de FCO/BNDES, para o Banco do Brasil e elaboração de laudos periciais, avaliação VTN (Valor da Terra Nua), atendendo notificações da secretaria da Receita Federal e latifundiários rurais. Atualmente, já aposentado, atendo ainda a solicitações de laudos e avaliações de propriedades rurais e levantamento específicos de explorações agrícolas e agroflorestais, em conformidade com os requisitos da Portaria 12/INCRA e atividades de cadastramentos ambientais rurais – CAR.

Cursos, estudos e participações extracurriculares - Ao longo dos anos, estive participando de estudos e especializações em diferentes assuntos como:

- a) especialização em elaboração e análise de projetos no CENDEC/IPEA, Brasília, DF;
- b) coordenação de projetos de desenvolvimento rural integrado (PDRI), promoção do IDE - Instituto de Desenvolvimento Econômico e BIRD - Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento;
- c) curso avançado de crédito rural - FEBRABAN, Brasília, DF;
- d) coordenação de projetos de desenvolvimento rural integrado - IDE/BIRD; e
- e) avaliação de propriedades rurais, segundo normas técnicas da ABNT.

Cargos e missões honrosas -

- a) inspetor regional do CREA/Seccional Sul, Dourados, MS;
- b) membro da equipe técnica de pesquisa agropecuária, MS;
- c) gerente adjunto de operações e planejamento da gerência estadual do POLONOROESTE, SEPLAN/MT;
- d) sub-coordenador do PCR (Project Completion Report / Contrato 2116/BIRD);
- e) gerente técnico do PRODEAGRO/GPC-SEPLAN/MT;
- f) Secretário Municipal de Agricultura e Abastecimento de Cuiabá, MT;
- g) coordenador de planejamento da Secretaria de Estado de Agricultura e Desenvolvimento Rural do Estado de Mato Grosso - SEDER, MT; e
- h) técnico de avaliação de projetos agrícolas, Caixa Econômica Federal, MT.

Minha família - Sou casado com a nativa de Viçosa, Ilda dos Reis Silva, há 48 anos. Temos três filhos: dois homens, Andrey e Endrigo, e uma mulher, Dyane. O primeiro é administrador de empresas; o segundo não tem formação superior mas, graças a Deus, trabalha com anúncios e transações imobiliárias na televisão; e a terceira é advogada. Tenho três netos: uma acadêmica de psicologia terapêutica na Universidade de Birmingham, na Inglaterra. Trata-se de Victoria, filha de Andrey com sua ex-companheira, que hoje residem juntas em Cardiff na Inglaterra. Outros dois netos, Carolina e João Lucas, são filhos de Endrigo. Toda a família é domiciliada e residente na cidade de Cuiabá. Somos todos católicos, amantes de uma boa música, bom churrasco ou peixada, regada a umas boas taças de cerveja ou chope. Particularmente, já quase não consumo bebida alcoólica, mas estamos sempre reunidos com amigos que amam essas programações, combinando carne assada, bebida gelada, piscina ou cachoeira, como meio

de suportar o convívio com o alto calor de Cuiabá. Agradeço a Deus a dádiva de todas essas oportunidades de estudos e oportunidades de trabalhos e, em especial, os inesquecíveis momentos de convivência fraterna entre alunos, professores e colaboradores, em tudo solidários. Um abraço muito sincero a todos os Cavanhaqueanos vivos e que Deus tenha compaixão e misericórdia daqueles que já foram por Ele chamados. A todos, sejam dadas à luz e a glória do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Deonésio faleceu vítima de COVID 19 em 12 de janeiro de 2021, em Brasília, no Hospital Militar de Brasília.

DERLI PRUDENTE SANTANA



Minhas origens: produto do cerrado - Nasci na Fazenda Olhos D'Água, em 21 de outubro de 1948, no município de Tupaciguara, região do Triângulo Mineiro. Morei na fazenda até os sete anos quando nos mudamos para Tupaciguara. Estudei no ginásio dos Padres Estigmatinos, onde fiz o primário e o ginásio.

Do cerrado para as alterosas - Concluído o ginásio, como não havia curso secundário em Tupaciguara, em 1964 fui para Belo Horizonte. Egresso de região do cerrado, sentia-me oprimido por aquelas montanhas limitando meu horizonte. Foi um choque cultural muito grande sair da “roça para a capital”. Conheci televisão, ônibus elétrico, leite em garrafa e várias outras novidades. Estudei no Colégio Estadual Central, onde fui colega do Gildásio Cosenza. Uma pausa para chamar atenção porque foi com ele que ouvi falar da UREMG (hoje UFV).

Decisão pelo curso de agronomia - Numa família de oito filhos, sendo o único filho homem, foi feito um esforço extra para formar o menino. Assim, fui enviado para Belo Horizonte para estudar medicina, direito ou engenharia, que eram os cursos de referência na época. Influenciado pelo Gildásio e por leituras, decidi fazer agronomia. Quando reportei à minha família esta decisão, foi um deus nos acuda. Segundo relatos de meu próprio pai, “teve procissão de parentes aqui em casa para dizer que ele não podia desperdiçar um menino inteligente como aquele em um curso que ninguém conhecia!”. Meu pai, com a sinceridade que lhe era peculiar me disse: “escute a voz da experiência, faça medicina que aí você poderá comprar várias fazendas e contratar muitos agrônomos para trabalhar para você. Contudo, mesmo assim, se você quiser fazer esta besteira, vá em frente, pois a vida é sua e o dinheiro é meu!”. Fiz a besteira, formei-me em agronomia! Vale ressaltar que nunca me arrependi e meu pai sempre teve orgulho de minha vida profissional.

Minha vida, na UFV: vestibular no hotel - Em 1967, o vestibular de Viçosa foi descentralizado, havendo provas em diferentes regiões. Um dos locais selecionados foi Uberlândia, próximo à minha terra natal. No dia do vestibular, apareci no Colégio Cristo Rei, local indicado para as provas. Embora houvesse quatro inscritos, fui o único a aparecer. Finda a primeira prova, os professores Márcio de Moura Estevão e Euter Paniago, responsáveis pelo vestibular em Uberlândia, me perguntaram se teria algum problema fazer as outras provas no hotel. Assim, para facilitar o operacional dos professores, concluí as provas do vestibular no hotel.

Nasceu o Afogador - Cheguei a Viçosa uma semana após o início das aulas. Todos os veteranos queriam conhecer o retardatário. Quando me conheceram e viram que eu era muito gago, o apelido veio na hora: Afogador. A justificativa era porque já havia o Embreagem (falava aos arrancos) e, para completar as peças do carro, tinha que ser Afogador (afogava quando tentava falar). Todos queriam dar trote no Afogador. Quase todos os trotes eram relacionados à dificuldade de falar: fazer declaração de amor para uma pica-couve, irradiar pelada de futebol de salão, fazer sermão para colegas bêbados e coisas similares. Vale ressaltar que, nestes trotes sadios, nunca senti intenção de me diminuir ou me menosprezar. Na realidade, foram de grande ajuda para resolver aquela minha dificuldade de falar.

4ª Seção – reduto de kavanhaqueanos - Fui morar na 4ª seção, quarto 24, onde tinha, como vizinhos, vários colegas: Batuira, Barsanulfo, João Batista da Silva, Danilo, Homma, Deonésio, Guerini, João Carlos Cruz, Peloso, Garibalde e Ermiton. O convívio foi muito profícuo, pois havia colegas de diferentes regiões e situações, com experiências e visões as mais variadas possíveis.

O curso era intensivo e exigia dedicação total. Foi um tempo de sacrifício, mas de muito aprendizado intelectual e pessoal. Fiz diversificação em fitotecnia, que era a que mais me aproximava da área de solos, meu futuro foco profissional.

LUMBO - Uma das características do Cavanhaque era o bom humor de seus componentes. Dentro deste foco, para contrabalançar a LUVE - Liga Universitária Viçosense de Esportes, onde se agregavam os craques, foi criada a LUMBO - Liga Universitária dos Menos Bons, para agregar os menos agraciados com as habilidades esportivas. Na LUMBO, as regras eram reversas: quem jogasse bem tinha que ser substituído. Participei do campeonato de futebol de salão e sempre fui titular, nunca fui substituído!

Mestrado em solos - Concluído o curso superior, decidi encarar a disputa por uma vaga no mestrado. Naquela época, não era comum emendar o curso superior com o mestrado, pois as prioridades eram para candidatos com alguns anos de experiência profissional. Apesar disso, consegui uma vaga para o mestrado de fitotecnia, área de concentração em solos. O foco foi a área de gênese, morfologia e classificação de solos, com os professores Waldemar de Moura Filho e Mauro Resende. Este foi um período (1971/72) muito desafiador, mas de muito crescimento.

Minha vida profissional - Pipaemg – Com o MS em solos, em 1973, fui trabalhar no Programa Integrado de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais - PIPAEMG, criado pelo futuro Ministro da Agricultura Alysson Paolinelli. O PIPAEMG foi o precursor da Epamig e da Embrapa. O foco de minha atuação foi completar o levantamento de solos no Estado – Carta de Solos de Minas Gerais.

Epamig – Em 1975, o PIPAEMG tornou-se Epamig, a melhor empresa estadual de pesquisa do país. Seu sucesso foi tão grande que serviu de modelo para a Embrapa. Sua publicação “Informe Agropecuário” até hoje é referência.

Na Epamig, posso citar algumas contribuições:

- Levantamento de reconhecimento dos solos do Distrito Agroindustrial de Jaíba. Estudo básico para todos os programas de desenvolvimento para aquela região;
- Levantamento de reconhecimento dos solos da Área de Influência do Reservatório de Três Marias. Trabalho básico para o planejamento da região;

- Levantamento de reconhecimento dos solos do Noroeste Mineiro. Trabalho referência para vários programas de desenvolvimento daquela região;
- Levantamento de reconhecimento dos solos do Triângulo Mineiro. Trabalho básico para aquela importante região do Estado;
- Zoneamento climático para as principais culturas de Minas Gerais. Este estudo compreende um atlas com as isolinhas e os mapas específicos para cada cultura.

Purdue - Em janeiro de 1980, com bolsa da Embrapa, fui cursar o Ph. D. na Universidade Purdue. Fomos para os Estados Unidos eu, minha esposa Maria Célia e nosso primogênito Arthur, onde ficamos de janeiro de 1980 a março de 1984. Neste período, tivemos mais dois filhos: Cecília e Lucas, que vieram completar nossa felicidade. Não posso deixar de registrar a grande dedicação de minha esposa que, além de cuidar de três filhos, ainda era a grande motivadora para a dura luta nos cursos. Foi um período difícil, mas muito rico para a nossa família. Nessa época havia muitos brasileiros em Purdue, principalmente egressos da UFV. O convívio era grande, principalmente nas peladas e nos churrascos. Foi uma época de muito trabalho, dificuldade com a língua e família em expansão. Voltamos para o Brasil em março de 1984, cheios de experiências e muito motivados a ajudar o Brasil a crescer.

No início de 1987, o novo governador de Minas, desde suas primeiras declarações, deixou claro que não acreditava na pesquisa e tirou todo o apoio possível à já combatida Epamig. A situação foi de mal a pior e, em junho de 1987, juntei-me ao time dos que, mesmo cortando o coração, tiveram que deixar a instituição que vimos nascer e ajudamos a crescer. Foi realmente muito doloroso deixar toda uma vida profissional, todo um planejamento de vida para trás. Saindo da Epamig, ingressei na Embrapa.

Embrapa - Em julho de 1987, entrei para a Embrapa Milho e Sorgo, em Sete Lagoas. O foco de meu trabalho foi utilizar os conhecimentos de pedologia para a sistematização e extrapolação de informações. Em Sete Lagoas, havia um verdadeiro reduto de kavanqueanos com os quais tive o prazer de trabalhar em áreas como óxidos de ferro nos solos, com o colega José Domingos Fabris; manejo e conservação de solos, com o José Carlos Cruz; irrigação, com Ênio e Morethson; e melhoramento de milho e sorgo com Elto e Fredolino, respectivamente.

Pós-Doc - No período de 1995/1996, estive em Lincoln, na Universidade de Nebraska para fazer o que chamamos de pós-doc. No entanto, para eles não existe essa denominação, mas sim, de cientista visitante. Assim, como cientista visitante, fiz parte de um programa de “qualidade de solo e indicadores de sustentabilidade agrícola”.

De Afogador a chefe de comunicações - Em 2006, assumi a chefia adjunta de comunicações e negócios da Embrapa Milho e Sorgo. Uma verdadeira ironia para quem um dia foi “o Afogador”. Permaneci nesta função até dezembro de 2011. Como destaques nesse período, posso citar:

1. Programa de capacitação continuada em boas práticas agrícolas, envolvendo cooperativas, associações e instituições públicas nas diferentes regiões do país;
2. Criação da Semana de Integração Tecnológica - SIT, evento anual realizado na Embrapa Milho e Sorgo, em parceria com a Emater, Epamig e UFSJ. Este evento já está na 12ª edição e virou referência na região;
3. Apoio a políticas públicas como o Programa Brasil Sem Miséria, de apoio à agricultura familiar de grande sucesso no Norte de Minas;

4. Caravana Embrapa para controle da *Helicoverpa* e caravana Embrapa para o manejo integrado de pragas, programas de ênfase no controle biológico para o manejo de pragas de milho, visando à redução do uso de agroquímicos;
5. Fortalecimento da presença da Embrapa no setor produtivo, aproximando a Unidade do produtor rural por meio de ações de comunicação e transferência de tecnologia;
6. Circuito tecnológico etapa milho 2016 - O raio X da produção.

No período de 2011 a 2016, fiz parte da equipe de transferência de tecnologia, cuja ênfase eram tecnologias voltadas ao manejo e conservação do solo e da água e à sustentabilidade agrícola. Posso destacar, nesse período, algumas contribuições:

1. Participar como autor e na organização do curso de ensino à distância sobre irrigação - Irrigaweb, curso de grande sucesso;
2. Coordenação do projeto de transferência de tecnologia em Sistemas de Integração de Lavoura Pecuária Floresta - ILPF para a região Sudeste;
3. Zoneamento de Risco Climático - ZARC, para a cultura do milho;
4. Membro de equipe internacional que discutiu, na FAO, em Roma, tecnologias sobre o cultivo sustentável do milho no mundo. O resultado foi objeto de publicação de um livro.

Chefe de transferência de tecnologia - Em fevereiro de 2017, assumi a chefia de transferência de tecnologia, com a responsabilidade de levar ao usuário final o resultado das pesquisas, dentro de uma visão mercadológica. A ênfase tem sido em:

1. desenvolvimento de modelo de negócios para parceria público-privada, envolvendo ativos da unidade (insumos biológicos, produtos e serviços/conhecimentos) em sistemas de inovação aberta com empresas privadas;
2. educação à distância como estratégia de transferência de tecnologia. Destaques para os cursos IrrigaWeb, com foco em irrigação, e ABC Web, com ênfase em tecnologia do Plano ABC (Agricultura de Baixo Carbono);
3. aplicativo móvel “Doutor Milho”, que permite acompanhar os estádios fenológicos da planta com o intuito de tornar o manejo mais sustentável e lucrativo;
4. programas de inovação social envolvendo capacitação de multiplicadores de instituições públicas como ANATER, EMATER, OCB, SEBRAE, SENAR, associações de municípios, consórcio de município, cooperativas, sindicatos e instituições de ensino;
5. parcerias e cooperação internacionais. Destaque para a missão de caracterização de solos nos diferentes ambientes de produção de milho no Quênia (30 dias).

Futuro - Os planos atuais consistem em continuar na Embrapa onde pretendo deixar de vez o envolvimento com gestão e retornar às atividades de pesquisa, dando ênfase à qualidade do solo e à sustentabilidade agrícola. Aliás, diga-se de passagem, minha vida profissional sempre seguiu aquele mantra escrito em algum lugar na UFV (cartaz no DAAB?) **“Ama a terra com carinho e o futuro terá como recompensa”**.

Avaliando minha vida, vejo a importância de: a) ter vindo de uma família de bons princípios; b) ter estudado numa instituição de ensino como a UFV, referência nacional e internacional; c) ter convivido com colegas que sempre me incentivaram; d) trabalhar numa instituição de renome internacional como a Embrapa; e e) acima de tudo, ter constituído uma família com minha esposa Maria Célia e os filhos Arthur, Cecília e Lucas, que sempre me apoiaram e são minhas referências. Sem dúvida, posso afirmar, com segurança, que **“na minha vida há muito a agradecer e pouco a pedir, mas sou exigente e acredito que sempre há espaço para melhorar”!!!**

Sete Lagoas, 30 de julho de 2019

EDSON TEIXEIRA FILHO



Nasci em Tocantins, MG, em 18 de março de 1948, na última casa da rua sem calçamento, antiga saída para Juiz de Fora, no sítio dos meus pais. Meu pai, Edson Teixeira de Siqueira (1919-2016), agricultor desde jovem, e minha mãe, Elza Chartune Teixeira de Siqueira (1926-2018), professora, tiveram dez filhos, sendo que minha irmã mais velha, Elza Maria Chartune Teixeira (1947-1999), engenheira aposentada do DER MG, faleceu em 1999. Os outros oito irmãos seguiram carreiras como medicina (4), engenharia (1), odontologia (1), artes plásticas (1) e licenciatura em português e francês (1).

Cursei o primário em Tocantins, entre 1955 e 1959: os dois primeiros anos do ginásial no Ginásio São José, de Tocantins, em 1960 e 1961; os dois últimos anos em Ubá, no Colégio Raul Soares. Neste período, nos intervalos das aulas e dos estudos em casa, ajudávamos nas tarefas do sítio, no trato do gado de leite, inclusive com entrega de leite nas residências, colheita e venda de frutas, especialmente banana e ainda nos serviços auxiliares nas culturas de fumo e milho para semente da Agrocerec (meu pai sempre foi um dos grandes e bons produtores destas culturas). Nossa rua era, na prática, uma estrada de terra e aproveitávamos o pouco trânsito para animadas peladas de futebol à tarde. Como morávamos em frente ao campo do Itararé Futebol Clube, em alguns dias da semana, participávamos de treinos e jogos nesse campo. Quando nos mudamos para Ubá, fomos morar na Fazenda da Pedra Redonda, adquirida por meu pai com a venda de outras duas propriedades em Tocantins. Nessa época, já éramos oito irmãos e todos foram transferidos ou iniciaram seus estudos em Ubá. Andávamos todos os dias num trecho de quatro quilômetros de estrada de terra para assistir as aulas. Mais tarde, pela própria dificuldade de trajeto, alugamos uma casa na cidade, onde ficávamos durante a semana, voltando à fazenda aos sábados e domingos, quando continuávamos ajudando nas tarefas agrícolas e pecuárias. Em Ubá, nasceram o irmão e a irmã mais novos.

Em 1963, mudamo-nos em definitivo para a cidade, indo à fazenda sempre que estávamos de folga no colégio. Entre as aulas, a educação física na praça de esportes e achava ainda um tempo para treinar e jogar no Juvenil do Bandeirantes, um dos times tradicionais de Ubá. Terminado o ginásial, consegui convencer meus pais a prestar vestibular para o curso agrotécnico em Viçosa. Minha tia Edy Mantovani, esposa do Professor Mantovani, sempre falava da Universidade conosco nas viagens a Tocantins quando visitava minha avó. Tive oportunidade de passar uns dias de férias durante a Semana do Fazendeiro e achei que seria uma boa oportunidade fazer o curso técnico, não o científico. Consegui passar no vestibular. Chegando a Viçosa, fomos levados ao Colégio de Viçosa, que seria nosso alojamento por alguns meses. Quartos apertados, sem ventilação, com beliches e o ônibus “moderno” (creio que da década de 1950), que nos levava diariamente para a UREMG, foram os nossos primeiros passos no Agro. Mais tarde, fomos transferidos para o alojamento antigo das pica-couves, onde fiquei alojado no Maracanã. Para quem não se lembra, eram 12 beliches, 24 guarda-roupas e o mesmo número de mesas de estudo, num único ambiente. O prédio foi destruído em um grande incêndio em 1967.

O refeitório, naquele tempo, ficava embaixo da 6ª Seção e era bem barato, permitindo que gastássemos pouco para nossa manutenção. Neste meio tempo, a crise das lavouras de fumo em Ubá e região quebrou a maior parte dos agricultores locais e meu pai foi obrigado a vender a casa, a fazenda e o carro para pagar as dívidas. Com a construção do novo restaurante universitário, houve aumento muito grande no valor das refeições e não pude continuar em Viçosa. Voltei para fazer o segundo científico em Ubá, em 1965. Nesse

mesmo ano, ganhei o meu primeiro ordenado, trabalhando no cadastramento do IBRA, no Distrito de Diamante. Voltei a Viçosa em 1966, para cursar o Coluni, que estava iniciando, contando com o auxílio financeiro da irmã que tinha terminado o Normal e estava lecionando no Estado. Conseguimos um quarto na pensão apelidada de “quebragalho”, ao lado da casa do Arthur Bernardes, dividindo este quarto com o colega Arlindo Damiano e fazendo as refeições na Universidade. Curso apertado mas, ao final, optei pela agronomia. Com os ensinamentos dos bons professores que tivemos, passei até com facilidade no vestibular. No pré-universitário, éramos a primeira turma. Não havia veteranos mas, mesmo assim, não escapamos do corte de cabelo e de pequenos trotes.

O 1º ano do curso de agronomia começou com muita dificuldade para mim. Não consegui baixa do Tiro de Guerra e, como tinha feito a inscrição em Ubá, quando passei no vestibular, solicitei a transferência para Viçosa e foi um drama para conseguir. Meu pai teve que ir a Juiz de Fora e insistir muito com o Exército para conseguir a transferência. Com isso, perdi 15 dias de aula e cheguei na véspera da primeira prova de química com o Professor Fontes. Foi um desastre completo a minha nota, pois mal tive tempo de saber qual era a matéria. O nosso grupo de atiradores era bem grande e, com certeza, todos tiveram algum prejuízo, fosse com o tempo passado no TG, fosse com as constantes faltas nas aulas para os exercícios militares. As aulas a partir do 2º ano foram bem mais tranquilas (exceto a recuperação de química, iniciada com o Márcio Estevão, finalizada com o Renato Santana). Nesse ano, trabalhei com pesquisa bibliográfica sobre a cultura de arroz para o professor Galvão no intervalo das aulas após o almoço, obtendo isenção das taxas de alimentação e alojamento. No 3º ano, comecei a lecionar no Colégio Raul de Leoni, com aulas de História no período noturno. No 4º ano, optei pela engenharia rural e consegui outras aulas na Escola Normal, lecionando estatística para o 3º ano, manhã e noite, e ainda geografia para a 4ª Série. Estas aulas, além de me ajudarem nas despesas do curso, permitiram que bancasse parte do valor para a formatura. O restante dos recursos necessários foi na base de um empréstimo na Caixa, já com o compromisso assumido para trabalhar na ACAR-MG.

Como dito acima, a primeira experiência profissional foi na ACAR, atual EMATER, com o curso preparatório em Viçosa, no SESC em Venda Nova e estágio de campo em Ipatinga. Fui nomeado supervisor local em Viçosa, onde fiquei até julho de 1972. Nesse período, fui contratado pela Cargill Agrícola S/A, a qual estava iniciando uma operação comercial em Capinópolis, MG, Triângulo Mineiro, onde assumi a responsabilidade técnica da produção de sementes de milho e, um pouco mais tarde, a gerência da unidade ali construída. Nessa empresa, recebi a incumbência de fazer a primeira multiplicação comercial da Soja UFV 2, variedade desenvolvida pela equipe do Professor Tuneo Sedyama, a primeira realmente adaptada para o Cerrado. Com a transferência do gerente da Agrocere em Ubá, candidatei-me à vaga e fui contratado em 1975, voltando à região. Na Agrocere, conseguimos recuperar a unidade que produzia muito pouco, pela dificuldade no uso intensivo de tecnologia, principalmente a mecanização. Mas, com novas áreas de produção, conseguimos quadruplicar a produção local, distribuindo sementes ali produzidas do Rio Grande do Sul até o Nordeste. Fiquei até 1991 nessa empresa que foi fundada, entre outros, pelo Dr. Secundino, quando ela encerrou suas atividades em Ubá e fui transferido para a gerência de Patos de Minas. Optei por me demitir e voltei a Ubá, indo trabalhar como gerente agropecuário na PIF PAF S/A, quando lançamos uma campanha de sucesso para produção local de milho. Continuei na empresa até 2001 nas demais atividades pelas quais eu era responsável, como a lavoura de 450.000 pés de café em Rio Pomba, confinamento de gado em Rio Pomba e Pitangui, gerente das fazendas de produção de frango em Rio Pomba e Paula Cândido (1.200.000 frangos de

capacidade instalada) e, finalmente, na nova fábrica de ração, responsável pela implementação da produção de 960 toneladas diárias.

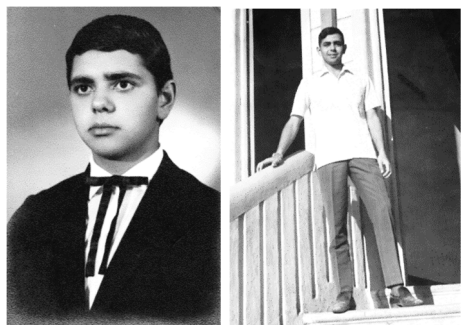
Em 2001, fundei, com sócios, uma pequena empresa de produção de sementes de milho e feijão em Ubá, a Boa Esperança, multiplicando variedades e híbridos da EMBRAPA e da UFV. Encerramos mais tarde a produção de sementes, dada a grande dificuldade de concorrer com transgênicos e continuamos produzindo alimentos à base de milho até hoje. Nesse período, assumi a responsabilidade técnica da Adubos Marisa, em Ubá, durante alguns anos. Fui Secretário de Planejamento da Prefeitura de Ubá entre 2002 e 2004 e Secretário de Obras e, novamente, Secretário de Planejamento, de 2006 a 2008. Nessa época, fui eleito conselheiro de administração da Cooperativa de Crédito de Muriaé e diretor administrativo, tendo atuado até o encerramento do mandato e a fusão com a Cooperativa de Espera Feliz. Nesse período, cursei MBA em direção executiva na UNIBAHIA. Assumi, também, a coordenação da Unidade Administrativa Regional Zona da Mata, da Central Crediminas, com atuação nas nove cooperativas da região. Após a fusão, fui contratado como assessor da diretoria e do conselho de administração, ainda em Muriaé, tendo me demitido em 2015. Coordenei, em seguida, o setor financeiro e administrativo da J. Xavier Imóveis Ltda., em Ubá, saindo em 2016, após a minha eleição para prefeito de Ubá.

Nestes quase 50 anos de exercício profissional, atuei, também voluntariamente, em diversas entidades sindicais, empresariais e filantrópicas e em outras de cunho ambiental. Citando algumas, fui presidente da Associação dos Produtores de Sementes de Minas Gerais, em Belo Horizonte, por um mandato, e seu tesoureiro por três mandatos, no período em que trabalhei na Agroceres; presidente da Associação Beneficente Católica (ABC); por dois mandatos, provedor do principal hospital da região, o Santa Isabel, pertencente à ABC, tendo sido ainda vice-provedor por dois mandatos e conselheiro por mais de 30 anos; conselheiro, por mais de 40 anos e vice-provedor do Asilo São Vicente de Paulo; conselheiro fiscal do Patronato São José; vice-presidente e presidente no Sindicato dos Produtores Rurais de Ubá, em dois mandatos; presidente do Centro dos Lavradores de Ubá (instituição fundada em 1931) - nesse período, elaborei e consegui aprovar, junto à Fundação Banco do Brasil, um projeto de construção de barraginhas, tendo administrado o programa e construído 525 barraginhas em Ubá, Rodeiro e Guidoal; integrante do primeiro Conselho Ambiental da Zona da Mata (COPAM ZM), representando a FAEMG em vários anos como titular; um dos fundadores e presidente do Mangueira's Country Club; primeiro presidente do Centro Regional de Fruticultura da Zona da Mata e da Comissão Interinstitucional da Zona da Mata (CIEA ZM); jogador do Bonsucesso Futebol Clube, tradicional em Ubá, disputando campeonatos municipais e regionais.

Entre outras homenagens que recebi nestes anos trabalhando na região, destaco a de Cidadão Honorário de Ubá e Guidoal, a Comenda de Mérito Legislativo da Assembleia Legislativa de Minas e a Comenda Procurador Dr. José Campomizzi Filho, da OAB.

No capítulo da família, destaco o casamento, em 1974, com Isolina Ribeiro, de Guidoal, resultando, desta união, o filho André. Hoje, com 42 anos. Ele é formado em agronomia em Viçosa e trabalha em Ubá, casado com Rogéria, chefe do Cartório Eleitoral de Ubá. Eles são pais do Gabriel, com quatro anos, e da Laura, com três meses. O filho mais novo, Guilherme, com 37 anos, chegou a estudar agronomia na UFV, mas preferiu fazer direito. Ele trabalha em diversas empresas de Ubá e região e é casado com Samantha, empresária do ramo da moda, também em Ubá, ainda sem filhos.

EDUARDO MARCIANO LOPES



Nasci na Fazenda São José, localizada no Córrego da Pedra Branca, zona rural de Tocantins, MG, em 15 de maio de 1948. A fazenda era de propriedade de meu avô, mas era explorada por meu pai, João Marciano Lopes, que nela plantava fumo, cana e produzia cachaça – daí a minha precoce queda pela branquinha. Minha mãe, Geny Alves Pereira Lopes, cuidava da casa, cozinhava, fazia doces e criava os filhos (nove ao todo, sendo eu o mais velho). São

dessa fazenda minhas mais remotas lembranças da infância, onde imagens de bois, cavalos e cachorros se misturam a correrias pelo enorme quintal. Foi nesse ambiente que fui alfabetizado pela minha tia Geci, aos cinco anos de idade.

No ano em que completaria sete anos, fui matriculado no 2º ano do curso primário, no Grupo Escolar Capitão Antônio Pinto de Miranda. Pouco tempo depois, meus pais se mudaram para a cidade, na verdade, pouco mais que uma vila, elevada à categoria de município no mesmo ano em que nasci.

Os dois primeiros anos do curso ginásial foram cumpridos no Ginásio São José, de Tocantins, dirigido pelo emérito educador Prof. Francisco Arthidoro da Costa, conhecido de todos por “Sô Chiquinho”, e pelos alunos – longe dele, é claro -, como “Chico Boia”. Foi naquela ocasião que recebi aulas de latim, iniciação musical e trabalhos manuais, assuntos hoje inalcançáveis para alunos de séries equivalentes.

Ao final do 2º ano ginásial, prestei concurso para a então denominada Escola Agrotécnica Diaulas Abreu, em Barbacena, MG, atual Instituto Federal, onde ingressei como aluno interno no curso de iniciação agrícola que, na época, correspondia aos 3º e 4º anos de ginásio. Tornei-me um técnico agrícola em 1966, aos 18 anos de idade.

Não entrei para a UFV de caso pensado. Aliás, nem era UFV, era UREMG (Universidade Rural do Estado de Minas Gerais). Minha intenção era fazer o vestibular para o ITA, para o qual me sentia bem preparado em física, matemática, português e, inclusive em desenho técnico, que era uma das matérias do vestibular. Podem acreditar! Me inscrevi, fiz as provas e fui sumariamente eliminado em inglês, idioma do qual eu conhecia apenas algumas palavras extraídas de filmes de faroeste. Se fosse francês, eu seria eliminado de qualquer forma, pois era péssimo aluno da matéria.

Acontece que, naquele ano, pela primeira vez, o vestibular de agronomia de Viçosa e de outros cursos, creio eu, seria feito simultaneamente em várias cidades, entre elas Barbacena, nas dependências da Diaulas Abreu. Eu não me havia inscrito para o concurso, aliás, nem sabia de sua ocorrência. Era período de férias, mas eu estava lá na condição de ex-aluno interno para pegar o diploma e o histórico escolar. Ao passar por uma das salas de aula, deparei-me com uma movimentação extraordinária: eram os candidatos se acomodando para a prova que se iniciaria dali a instantes. Entre eles, para a minha surpresa, estavam o Sanfona e o Caixote, meus colegas de turma. Quem coordenava o certame era o “Chico das Duas”, professor de desenho técnico, agrônomo egresso de Viçosa, assim chamado por suas aulas com duas horas de duração. Pedi a ele para fazer a prova, só para ver como era, e ele concordou. Fiz a prova, preenchi a identificação com os meus dados, como solicitado, deixei-a sobre a mesa e saí de férias. Cerca de 15 dias depois, recebi um telegrama da Universidade solicitando meus documentos, com urgência, pois eu havia sido aprovado para o curso de agronomia. De início eu pensei: “faço o 1º ano de agronomia, estudo inglês feito um doido, e tento novamente o vestibular para o ITA”. Deu tudo errado. O novo ambiente universitário, a sensação de liberdade,

os novos colegas e o relevante fato de morar em uma república bem no “Muzungu”, fizeram-me esquecer do sonho de me tornar engenheiro aeroespacial ou até mesmo astronauta.

Ao ingressar na Universidade, no tradicional trote, um dos veteranos que me atormentavam, ao me entregar solenemente a “santa cabeluda”, olhou fixamente para mim e, como se tivesse uma súbita iluminação, exclamou: **É MOCOCA!!!** Assim, levei um tremendo susto e ganhei meu segundo apelido, devidamente registrado em uma placa de papelão que ficou pendurada em meu pescoço por muito tempo. Mas, apesar da convicção do veterano e da placa de identificação, muitos colegas acreditavam que o meu sobrenome – *Marciano* – era, na verdade, meu apelido, talvez devido à minha aparência. Minhas lembranças do 1º ano são confusas: morei numa república no Muzungu com dois nativos que não estudavam na Universidade. Estudava química 10 horas por dia, locomovia-me numa “magrela” que nem sei se era minha. Nas horas de folga, praticava etilismo com os nativos, que me apresentaram ao esporte. No segundo ano, as coisas ficaram mais claras: mudei-me para o alojamento velho (7ª seção, eu acho), onde compartilhei um espaço com os saudosos Sinval, o Gasparzinho e o sonolento Noel Schitini. A dependência em química foi um rito de passagem que me dava a sensação de pertencer a uma confraria dominante.

Durante a graduação, envolvi-me com diversas atividades extracurriculares: fiz curso de inglês, participei do clube de oratória e, juntamente com o Esquisito – amigos desde sempre –, integrei a equipe da *Gazeta Universitária*, na qual ocupei todos os cargos, inclusive o de astrólogo. Aliás, a equipe da GU, no último ano, se resumia a mim e ao Tarcísio. Ah, e nas horas vagas, continuei praticando etilismo, agora com a participação assídua e entusiástica do Tarcísio e do Jaime. Naquele ano, na diversificação, optei pela engenharia, curso que dividi com o *Tiro de Guerra*, na condição de refratário. Pedro Salgado também era portador dessa condição.

Recém-formado, fui à luta. Inscrevi-me em todas as “ACAR” disponíveis, sendo chamado pela ACAR-AM, ACAR-ES e ACAR-MG. Cheguei a iniciar meu treinamento pela ACAR-ES, quando veio o convite para a ACAR-MG, pela qual reiniciei meu treinamento. Em maio de 1971, fui designado supervisor local para o escritório de Paraopeba, MG, onde permaneci até me desligar da empresa, em 30 de janeiro de 1975, para trabalhar em um projeto de suinocultura em Cordisburgo, MG. Em junho de 1976, entrei para o Banco Mercantil do Brasil, no qual permaneci até março de 1986, ocupando o cargo de assessor técnico. Por um breve período, atuei na IOB como “supervisor de mercado”, ocupação que deixei em fevereiro de 1984 para me dedicar a empreendimentos familiares.

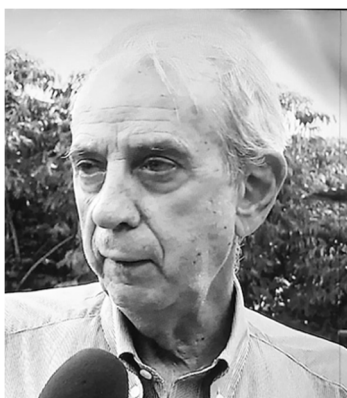
Casei-me com Eliane assim que consegui ganhar uns trocados e tive três filhos: Christie, Bruno e Eduardo. Christie, formada em publicidade & propaganda, está casada com Gerson e mora em São Caetano do Sul, SP. Bruno, casado com Luciene, formou-se em engenharia elétrica e trabalha na CEMIG. Está, atualmente, concluindo o doutorado em BH, onde reside. Eduardo, casado com Cíntia, também reside em BH, formou-se em administração de empresas e é empreendedor na área de construção civil. Tenho cinco netos. Hoje resido com minha atual esposa, Carmem, no Sítio Santa Felicidade, na zona rural de Tocantins. Em julho de 2007, aposentei-me por tempo de contribuição, posição que espero ocupar por muitos anos.

ELCIO DE ABREU E SILVA



Élcio de Abreu e Silva (in memoriam) nasceu em Abre Campo, MG, em 01/08/1945. Pessoa educada, de fino trato e de fácil convivência, era querido por todos. Filho de Gualter Geraldo de Abreu e Olívia de Araújo Abreu, concluiu o segundo grau no Colégio Universitário - COLUNI, Viçosa, MG, em 1966. Graduiu-se em agronomia em dezembro de 1970, UFV, Viçosa, MG.

ELTO EUGÊNIO GOMES E GAMA



Minha origem - Nasci na fazenda no meu avô paterno, Fazenda São Luiz, situada no sul do município de Alegre, ES. Nesta fazenda, havia criação de gado leiteiro e plantações de café arábica. Criado por meus pais, Djalma Paiva Gama (1915-1990), engenheiro-agrônomo formado na UREMG em 1939, e Yvette Gomes Gama (1920-2000), dona de casa, que tiveram oito filhos. Eles viveram nessa fazenda no município de Alegre, participando dos trabalhos e ajudando na administração por um curto período.

Em seguida, mudaram-se para o município de Linhares, ES, onde ele foi administrador da Fazenda Goytacazes, às margens do Rio Doce. Posteriormente, mudaram-se para o município de São Mateus, ES, onde ele trabalhou por alguns anos como chefe de uma estação experimental do Estado, que era vinculada à Secretaria de Agricultura do Espírito Santo, objetivando a introdução, adaptação e distribuição de animais e plantas para as diferentes regiões no Estado. Após algumas mudanças administrativas normais no Estado, meus pais foram transferidos e se mudaram para Colatina, onde ele, por concurso, foi contratado para trabalhar no Instituto Brasileiro do Café - IBC, onde permaneceu até sua aposentadoria.

Passei parte de minha infância, até os nove anos, na cidade de São Mateus e, em maior parte, na cidade de Colatina, onde fiz o curso primário no Colégio Estadual e Escola Normal Conde de Linhares (CENCL) e o curso ginásial no Ginásio Nossa Senhora do Brasil, pertencentes aos irmãos Maristas. Os dois primeiros anos do científico/colegial fiz no CENCL. O terceiro ano científico, meu pai me mandou fazê-lo no Colégio de Viçosa, MG, já pensando no meu preparo para o vestibular de agronomia. Durante todos esses anos de mudanças de locais e atividades, nós, os oito irmãos, fomos sempre guiados pelos nossos saudosos pais Djalma e Yvette, com ensinamentos básicos de moralidade, disciplina e responsabilidade.

Ingresso na UFV - Antes de ir morar nos alojamentos da UFV, passei por um período de estudos preparatórios para o vestibular fazendo cursinho com professores gabaritados, alunos da própria Universidade. A princípio, fui pensionista, como era o normal para os novos estudantes que chegavam a Viçosa com o propósito de prestar vestibular. Assim, fiquei um ano morando em um quarto alugado na pensão da Dona Mulata. Lá, pude ter a convivência de outros amigos estudantes provenientes de outras regiões do país que também estavam no preparo para o vestibular. Foi um ano com muita disputa e divisão de conhecimentos gerados pelas atividades oriundas das aulas noturnas dadas pelos

professores do cursinho da Universidade. Prestei vestibular para agronomia e ingressei em 1967, com um grupo de várias dezenas de colegas.

O curso de agronomia na UFV - Por influência de meu pai, por ele ter conhecido na Universidade, poderia ter ido para outra Universidade, onde também havia passado no vestibular, mas dei preferência, seguindo seu sábio conselho, à UREMG/UFV. Foi um período de muitas realizações e aprendizados úteis para minha vida profissional. Quanto aos professores, foram os melhores possíveis, todos empenhados em nos transmitir aquilo que era importante em suas áreas de especialização.

No início de meus estudos, tínhamos aprendizados em conhecimentos gerais em diversos cursos nas diferentes áreas de agronomia que, depois, foi mudado para o sistema de créditos. O curso passou a ser dividido em especialidades de pequenas e grandes culturas. Escolhi, então, direcionar meus estudos para grandes culturas (fitão). Tive, nesse período de estudos, muitos bons amigos e companheiros de estudo. Não desmerecendo os demais colegas da época, cito, como exemplo, o Leonardo Giordano, que veio escolher a diversificação em pequenas culturas.

Eu não era de praticar esportes coletivos e até que tentei em algumas áreas, mas não fui adiante. Entretanto, estive sempre presente para incentivar os colegas que disputavam esportes, a exemplo de futebol de salão e basquete do nosso clube Cavanhaque.

Minha vida profissional - Em final do ano de 1970, fui contratado como recibado para trabalhar na Estação Experimental de Linhares (IPEACS). Trabalhava como responsável técnico de campo de ensaios experimentais com abacaxi, banana e citrus. Os experimentos eram coordenados por pesquisadores do IPEACS/ RJ.

Em 1972, passei a ocupar o cargo de assessor técnico do AGIPLAN, estando incumbido na multiplicação genética de sementes, a exemplo da cultura do arroz mais adaptado às regiões do Espírito Santo. Esse programa contemplava bolsas de estudos para o exterior. A princípio, aqueles selecionados deveriam ir cursar produção de sementes na Universidade do Mississippi, USA. Após minha insistência em optar por melhoramento de plantas, foi aceito meu pedido em 1974, para o curso de melhoramento de plantas no estado de Iowa, na ISU – Iowa State University -, sob orientação do professor Dr. Arnel R. Hallauer. Nos quatro anos que lá estudei, tive a oportunidade de ter como companheiro o professor Dr. José Branco de Miranda Filho, da ESALQ.

Em 1976, terminei o mestrado com a tese cujo título foi *Relationship between inbreds and hybrids performance in maize*. Ao término do mestrado (2 anos), solicitei à EMBRAPA, em Brasília, continuação dos meus estudos no curso de doutorado.

Em 1978, finalizei o meu curso de doutorado com a tese *Stability analysis of single cross hybrids of maize (*Zea mays*) produced from selected and unselected inbred lines*.

Foi um período de quatro anos bem puxado, com muita dedicação aos estudos, coroado com muito bons resultados para meu futuro profissional.

De volta ao Brasil em 1979, fui morar em BH e Sete Lagoas. Fui lotado para trabalhar como pesquisador melhorista de milho em Sete Lagoas, MG, no então CNPMS/EMBRAPA.

De 1980 em diante, junto a uma equipe multidisciplinar de pesquisadores, desenvolvemos trabalhos de melhoramento genético com diferentes objetivos. Assim que cheguei, fizemos a introdução de uma coleção de populações/cultivares de milho de porte baixo, da coleção do programa do CIMMYT/México. Dessa coleção, avaliada em diferentes regiões do País, foi selecionado um grupo das melhores cultivares para trabalho de melhoramento em âmbito brasileiro. A princípio, nos primeiros anos de 1980, fizemos o desenvolvimento e o lançamento de variedades melhoradas para diferentes regiões do

Brasil, onde havia necessidade de novas cultivares de milho. O passo seguinte foi o desenvolvimento e lançamos híbridos intervarietais. Nesse período, foi iniciada uma exigência no mercado de sementes pelas empresas multinacionais, para o uso de híbridos oriundos de cruzamentos de linhagens. Então, direcionamos nossos trabalhos no CNPMS para o desenvolvimento de linhagens de milho. Foi nesse período (1980/90) que iniciamos o desenvolvimento e lançamos híbridos duplos, triplos e, finalmente, os híbridos simples.

Demos início a uma atividade mais intensa nos trabalhos de seleção e desenvolvimento de linhagens endogâmicas com características agronômicas desejáveis como produtividade, resistência a doenças, tolerância aos estresses ambientais etc. Implementamos projetos e programas interativos para o desenvolvimento de cultivares tolerantes ao encharcamento (Saracura), altas temperaturas, eficiência na absorção de fósforo, tolerância ao Al tóxico, tolerância a pragas e doenças. Durante esse período, atuei, também, como coordenador brasileiro dos programas de melhoramento de milho das regiões do CONOSUR (Paraguai, Uruguai, Chile, Bolívia e Argentina). Também desenvolvemos trabalhos em outros projetos no exterior, por exemplo, com a Universidade de Moi, no Quênia, África.

Fui autor e coautor de vários trabalhos de genética e genética quantitativa com milho. Participei, com apresentação de trabalhos, em congressos anuais de milho e sorgo, e em bancas de teses em universidades de agronomia no Brasil.

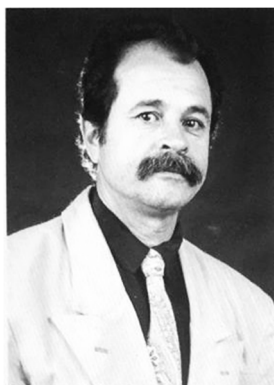
Continuei, até o ano 2006, meus trabalhos no desenvolvimento de linhagens e híbridos do milho comum, pipoca, milho doce e milho forrageiro/verde. Em 1994, saí para cursar o meu pós-doutorado em genética de plantas na ISU/IOWA, vindo a concluir em 1995.

Em 2007, pedi minha aposentadoria, influenciado pelos descasos e excesso de burocracias do governo petista pela pesquisa agrícola propriamente dita. Nesse ano, retornei a Linhares para trabalhar como produtor rural em uma pequena propriedade herdada de meus pais. Foi ali, então, que iniciei a atividade de produtor rural com o plantio de uma área de café Conilon, através de minha própria produção de mudas clonais, obtidas da estação experimental da EMCAPA em Marilândia, ES.

Minha família - Estou casado pela segunda vez com Maria da Penha Waichert (09/09/1952) há 30 anos. Tive dois filhos, frutos do primeiro casamento: o mais velho, André Couto e Gama (22/02/1976), nascido em Ames, no estado de Iowa, formou-se em direito na cidade de Belo Horizonte, MG; e o Daniel Couto e Gama, nascido em BH, também formado em direito, exercendo a função de delegado civil. Ambos estão residindo em BH.

André é casado com Luana Vitor (advogada) e o Daniel, com Larissa Lovatto (nutricionista, professora concursada da UFMG).

ENIO FERNADES DA COSTA



Nasceu no dia 22 de dezembro de 1944, na cidade de São João do Oriente, MG, filho de João Fernandes da Costa e de Jovina Ângela da Costa. Foi o quinto de oito filhos. Concluiu o curso técnico na Escola Agropecuária de Barbacena, MG, graduou-se na Universidade Federal de Viçosa em agronomia, em 1970. Trabalhou, inicialmente, como extensionista da ACAR em Coronel Fabriciano, MG. Foi projetista na Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (CODEVASF), em Montes Claros, MG. Iniciou carreira na Embrapa no ano de 1975, em Sete Lagoas, MG, destacando-se como pesquisador na área de irrigação. Concluiu o mestrado em Davis, na University of

California, Estados Unidos, em 1978. Especializou-se em irrigação e drenagem em Wageningen, na Holanda, no ano de 1982. Foi agraciado com menção honrosa no Concurso Nacional do Invento Brasileiro, pela Secretaria de Ciência e Tecnologia de São Paulo, pelo mérito de seu invento, um dispositivo que permite a aplicação de produtos químicos via água de irrigação, em março de 1991. Há um livro clássico intitulado “Quimigação” de autoria do Enio Fernandes da Costa, Rogério Faria Vieira e Paulo Afonso Viana, publicado pela EMBRAPA.

Publicou várias obras sobre aplicação de produtos químicos e biológicos via irrigação, orientou trabalhos de cunho acadêmico e proferiu palestras em diversas localidades. Lecionou na Universidade do Trabalho em Coronel Fabriciano e foi presidente da Associação Setelagoana de Engenheiros, além de ter sido secretário municipal de agricultura e meio ambiente em Sete Lagoas.

Historicamente, sempre esteve envolvido com a comunidade por meio do esporte em sua cidade natal, tendo-se destacado, também, como líder estudantil em diretórios acadêmicos.

Casou-se com Maria Nilma Nassau, em 1976, com quem teve três filhos: Emiliano, Graziella e Mayara. Faleceu em Sete Lagoas, cidade onde morava, em 1998. Há uma na cidade de São João do Oriente, onde nasceu, que recebeu o nome de Escola Pública Municipal “Enio Fernandes Costa” em sua homenagem.

Texto redigido por **Evode José dos Santos**, digitalizado e ampliado por Alfredo Homma, em 20/07/2019.

ERMITON BOTELHO DOS SANTOS



Ermiton Botelho dos Santos (*in memoriam*), nasceu em Rubim, MG, mas falava a boca pequena que era de Almenara, mais importante e conhecida. Filho de Manoel Botelho dos Santos e Alzira Botelho de Aguiar, veio ao mundo em 11/11/1944. Concluiu o segundo grau no Colégio Estadual Alfredo Sá, em Teófilo Otoni, MG. Veio para Viçosa em função de seus parentes que aqui estudaram. O Gatão foi um deles, seu veterano. Meio maluco, recebeu o apelido de Cientista. Cara alegre, extrovertido, amigo de todos.

ERNANI DE MORAIS PELOSO



Minhas origens - Meus avós paternos e maternos vieram da Itália, ainda crianças, por volta do ano de 1880. Os quatro nasceram na Itália. Meu avô paterno era veneziano, o qual não conheci, assassinado que foi, covardemente, em 1938, a mando de um latifundiário de Coqueiral que, provavelmente, não queria que estrangeiros passassem por suas terras. Meu avô materno era de Pádua. Portanto, nenhum deles veio da Calábria e nem da Sicília. Minhas bisavós e meus bisavôs se estabeleceram no estado de Minas Gerais, nos

municípios de Coqueiral e Nepomuceno, Sul do Estado, por volta do ano de 1880, onde começaram a sua vida trabalhando como parceiros nas fazendas de café. Conseguiram sobreviver às explorações e às tentativas de escravização feitas pelos latifundiários para quem trabalhavam.

Meu pai, Primo Battista Muraro, nasceu em 1901, em Coqueiral, e minha mãe, Ana Peloso, em 1906, em Nepomuceno. Em 1924, casaram-se em Nepomuceno e foram morar na fazenda Santa Clara, em Coqueiral, de propriedade do meu avô materno Amadeu Peloso. Ele era homem de grande talento empreendedor que conseguiu, como o meu avô paterno, se livrar das garras dos latifundiários exploradores e opressores da sua época.

Amadeu Peloso fez expandir seus negócios rapidamente e, com isto, conseguiu adquirir uma fazenda no município de Campo do Meio, a qual denominou de Mata de Santa Catarina, ali se estabelecendo por volta de 1930. Para lá levou a maioria dos seus filhos, noras, genros e netos, dando a cada um dos filhos uma gleba de terras equivalente a 20 hectares. Realizou seu sonho de trabalhar em cooperação com os filhos, filhas e agregados. Até os dias de hoje, lá vivem alguns de seus descendentes com a produção agropecuária, principalmente de café. Uma parte pequena de seus descendentes ainda mora em Coqueiral.

Em 1938, houve três acontecimentos que marcaram profundamente a família Muraro Peloso. Primeiramente, faleceu minha avó materna Maria Panizzi, a qual não conheci. Com a morte dela, meus pais se mudaram definitivamente para a Mata da Catarina para administrarem sua gleba de terras recebida como herança de minha avó falecida. Este o segundo acontecimento. O terceiro acontecimento foi o brutal assassinato de meu avô paterno, homem de espírito comunitário, prestador de serviços de saúde para a comunidade onde vivia, o Espraiado e adjacências, em Coqueiral, e conhecedor da fitoterapia local e regional, de primeiros socorros e da própria farmacologia da época.

O assassinato de Giovanni Battista Muraro desmantelou sua família, deixando viúva minha avó Genoveva Piva que não conseguiu superar o golpe covarde. Vendeu sua bela fazenda, o Espraiado, por pouco mais que nada, tendo que viver de casa em casa dos filhos, até que veio a falecer em 1952 na casa de meu pai em Campos Gerais.

Em 06/08/1946, nasceu o décimo e último filho do casal Primo e Ana, Ernani de Moraes Peloso, depois Ernani Muraro Peloso, por força de ter conquistado a cidadania italiana. O sobrenome Moraes foi mudado para Muraro. Em 2009, eu e meus filhos também adquirimos a cidadania italiana. Ernani Rego Muraro, Ranulpho Rego Muraro e Ana Lígia Rego Muraro, filhos de meu primeiro casamento, e Milena Fernandes Muraro, Lucas Primo Fernandes Muraro e Mariana Fernandes Muraro, filhos de meu segundo casamento com Maria Elizabete Fernandes Peloso.

Minha formação - Em 1953, iniciei meus estudos no Grupo Escolar Carlos Góis, em Campos Gerais. Depois, fui para o Seminário Diocesano da Campanha por influência de minha mãe que queria ter um padre na família. Em Campanha, estudei de janeiro de 1958 a julho de 1963. Fui para o Colégio Montfort, em Carmo do Rio Claro, terminar o ginásio. Lá moravam minhas irmãs Sebastiana e Maria e suas famílias. Fui estudar o ensino médio em Viçosa, no curso técnico de agricultura, onde também me graduei em 1970 com o título de engenheiro agrônomo.

Minha vida profissional - Atraído pela vontade de conhecer a Amazônia, desembarquei em Manaus em janeiro de 1971, contratado pela ACAR-Amazonas como engenheiro agrônomo, permanecendo ali até 1976. Dalí, fui para o Ceará, onde permaneço até os dias de hoje.

No Ceará, trabalhei inicialmente no ESPLAR - Escritório de Pesquisa, Planejamento e Assessoria para o Desenvolvimento Rural, tendo me mudado para o Rio de Janeiro para fazer o mestrado em planejamento agrícola no CPDA - Centro de Pós-Graduação em Desenvolvimento Agrícola da UFRRJ. Ingressei no serviço público, onde ocupei o cargo de TPA - Técnico em Planejamento Agrícola, na Fundação Comissão de Planejamento Agrícola do Estado do Ceará, órgão extinto pelos políticos obtusos que estavam de plantão no governo estadual. Estes mesmos políticos extinguiram também a EPACE - Empresa de Pesquisa Agropecuária do Ceará, dando dois golpes profundos na agropecuária do Estado, principalmente afetando os agricultores familiares, responsáveis pela produção de boa parte dos produtos agrícolas do Estado.

Penso ter desempenhado bem a minha vida profissional, pois ocupei vários cargos de confiança em vários governos, sem usar dos métodos asquerosos da bajulação, do compadrio político ou do tráfico de influência, métodos presentes em toda a estrutura político-administrativa da União, dos estados e dos municípios e em todos os poderes.

Cargos ocupados - Fui presidente da Associação de Engenheiros Agrônomos do Ceará; conselheiro e tesoureiro do CREA; secretário e coordenador da Câmara de Agronomia do CREA Ceará; membro do Diretório Estadual do Partido dos Trabalhadores; coordenador das zonais do PT em Fortaleza; secretário de administração do município de Fortaleza e assessor técnico do gabinete da Prefeitura de Fortaleza. Professor de português do Colégio São Miguel, na cidade de São Miguel do Anta; supervisor local da ACAR-Amazonas no município de Manaus; coordenador regional da ACAR-Amazonas nos municípios de Manaus, Careiro e Autazes; coordenador de projetos da unidade de elaboração de projetos da ACAR-Amazonas; assessor técnico do Escritório de Pesquisa, Planejamento e Assessoria para o Desenvolvimento Rural Ltda (ESPLAR) Fortaleza; técnico em planejamento agrícola da Fundação Comissão Estadual de Planejamento Agrícola do Estado do Ceará - CEPA; chefe da Divisão de Monitoramento e Avaliação de Projetos de CEPA - CE; assessor técnico de CEPA - CE; chefe do Departamento de Estudos e Pesquisas da CEPA - CE; técnico em planejamento do Instituto de Planejamento do Estado do Ceará - IPLANCE; coordenador de planejamento do Instituto de Desenvolvimento Agrário do Ceará - IDACE; diretor técnico do IDACE; gerente do Departamento de Redistribuição Fundiária - IDACE; consultor do IICA - Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas; orientador da Célula de Formação Humana da Coordenadoria de Desenvolvimento Territorial da Secretaria do Desenvolvimento Agrário do Ceará; assistente técnico da SDE - Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Prefeitura de Fortaleza.

Minha vida profissional foi dedicada a combater a injustiça, a opressão, a mentira, o charlatanismo, a preguiça, a má vontade, a má fé, a incompetência, a hipocrisia e tantas

outras mazelas presentes em todos nós humanos e nas sociedades humanas que apareceram na face da Terra, incluindo a sociedade brasileira como um todo e as partes que a formam nas suas diversas províncias de norte a sul e de leste a oeste.

Em 2003, apesar das barreiras quase intransponíveis colocadas por diversos governos, federais, estaduais e municipais, consegui me aposentar como funcionário público do Estado pela SEPLAN – Secretaria de Planejamento do Estado do Ceará, depois de mais de 36 anos de trabalho como profissional e como engenheiro agrônomo.

EUDALDO NUNES DOURADO



Nasci em 25 de abril de 1945, no município de João Dourado, BA, daí a razão de ter ficado conhecido como Baiano. Vivi na fazenda que meu avô adquiriu logo depois que se casou. Lá viviam meu pai, minha mãe e mais sete filhos. Nesta localidade, viviam também, mais quatro tios meus, na fazenda chamada Lagoa Nova. Estudávamos no Povoado de Canal, hoje cidade de João Dourado, que ficava a três quilômetros de distância. Naquele tempo, não existia transporte escolar. Íamos a pé ou a cavalo. Aos treze anos de idade, no ano de 1958, no segundo semestre, fui para a cidade grande fazer o preparatório para iniciar o curso ginásial na cidade de Campo Formoso, BA, indo terminar o

curso ginásial no Colégio de Viçosa, MG, no ano de 1963. Continuei estudando no mesmo colégio, cursando o primeiro e o segundo científico. No ano de 1966, ingressei no Colégio Universitário da Universidade de Viçosa. Enquanto estudava no Colégio de Viçosa, servi o Tiro de Guerra no ano de 1964. Nessa época, estourou o movimento da intervenção militar no Brasil. Aí, a Polícia Militar da Cidade de Viçosa foi requisitada para a capital do Estado, Belo Horizonte, ficando a cidade de Viçosa sob a responsabilidade do Tiro de Guerra. Fiquei responsável pela guarda de parte da Universidade, juntamente com mais sete colegas do Tiro de Guerra, sendo eu o responsável pelo grupo.

No ano de 1967, ingressei na Universidade Federal de Viçosa para cursar agronomia, graduando-me no ano de 1970. Depois de formado, voltei à Bahia e fui trabalhar como autônomo em uma propriedade que minha mãe tinha comprado para mim. Então, usando os conhecimentos adquiridos na Universidade, elaborei um projeto de melhoramento junto ao Banco do Brasil de Irecê. Na época, a Microrregião de Irecê, que era composta por 20 municípios, só tinha o Banco do Brasil de Irecê. Para atender o seu entorno de dezoito mil produtores, não havia empresas para fazer projetos de financiamento. O banco, vendo meu projeto, fez um formulário baseado nele, para que tivesse mais agilidade de atender a todos os produtores da microrregião com mais rapidez. Na época, no mês de agosto, eram iniciados os custeios de financiamentos agrícola e o Banco pediu que eu fizesse esse trabalho. Meu projeto de custeio para o Banco serviu para fazer o formulário básico e poder atender com rapidez a todos os produtores da microrregião. Isso me favoreceu por muitos anos e eu era o primeiro a ser atendido no Banco.

De 1970 até meados de 1985, chovia regularmente na região e não se perdia safra. No ano 1973, a microrregião de Irecê foi beneficiada pelo projeto do Pró-Feijão, quando os sete primos da família Nunes Dourado receberam da Massey-Ferguson a concessão para vender tratores e máquinas na microrregião. Ficamos com essa concessão até 1976.

Conseguimos vender cerca de trezentos tratores, mas, aí a política entrou pelo meio e surgiram dois candidatos dos Nunes para prefeito de Irecê e a Massey-Ferguson, não

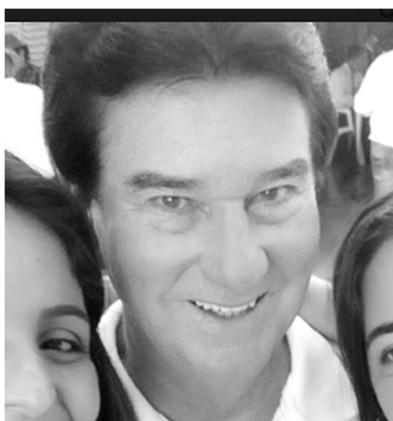
concordando, deu um ultimato: ou a política ou a Massey-Ferguson. A ignorância falou mais alto e perdemos a concessão.

Trabalhei como autônomo até me aposentar no ano de 2010. Casei-me no ano de 1975 e, deste casamento, nasceram quatro filhos: duas mulheres e dois homens. Os filhos homens se formaram em engenharia civil e medicina e as filhas se formaram em direito e enfermagem. Hoje nada faço. Só jogo conversa fora e, como sempre, jogando meu pife, poker, bingo e nada mais!

João Dourado, 26 de junho de 2019.

E-mail: eudaldodourado25@gmail.com. Tel: 74-999948-5788

EURÍPEDES BARSANULFO DE SOUZA



Aportei ao mundo, via parteira, em 05 de abril de 1947, no lar humilde e generoso de meus pais, o lavrador e pequeno produtor rural Angelino Vilela de Moraes e a exímia dona de casa Maria Joaquina de Jesus. Os “céus proclamam a glória de Deus” naquela tempestuosa noite de Sexta-feira da Paixão e “o firmamento anunciava as obras das suas mãos,” através da generosa mãe Natureza que brindava nossa chegada através de ventos fortes, relâmpagos e trovoadas. Ao deixar o leito materno, meu primeiro e virginal abrigo, despertei-me ao influxo das sublimes energias de amor de meus familiares, na zona rural, às margens então frondosas do caudaloso Rio

Verdinho, no município de Jataí, estado de Goiás.

Envolto naquele ambiente fraternal e emulado por suaves vibrações de amor e luz emanadas pelo meu clã parental, não tardei a perceber as enormes dificuldades que meus pais enfrentavam para criar e educar aquela prole numerosa, constituída dos seguintes filhos: Diomar, Mozart, Maria Izabel, Vilmar, Ana Esméria, Lázaro, eu e Alice.

Como garoto campesino, vivi os primeiros anos de minha infância na roça e na amorável companhia de meus pais e meus irmãos, saboreando os afagos da Natureza.

Em tenra idade, meus irmãos e eu fomos matriculados na escola do professor Chiquinho, lá mesmo na zona rural, anelando ser alfabetizado e aprender a ler, escrever e fazer as quatro operações. Aos oito anos, vi meus pais enfrentar o gosto amargo da separação. Envolta nas densas energias deste incidente parental, minha mãe, meus irmãos e eu nos mudamos para Jataí, em busca de melhores dias, ávidos por encontrar as luzes do saber e do conhecimento.

Enquanto o tempo passava celeremente, fui agraciado com a honra de ser matriculado no Instituto Samuel Graham, onde fiz o curso primário naquela conceituadíssima instituição educacional. Em seguida, migrei para o não menos renomado Colégio Estadual Nestório Ribeiro, onde fiz o curso ginásial.

Os poucos recursos financeiros não impediram minha mãe, alma boa e generosa, de manter a sobrevivência e sustentar os filhos com os proventos dos salgados, doces e bolos por ela confeccionados e que nós, os filhos, vendíamos na rua batendo de casa em casa. Minha infância foi normal, permeada pelo gosto incontrolável de jogar futebol, tomar banho nos córregos da periferia, soltar pipa e fazer estripulia. José Batuira, amigo dileto do meu coração, era meu companheiro ou meu cúmplice na arte de bem fazer as peripécias que nos proporcionavam prazer e alegria, sem acrescentar uma gota de simpatia aos olhos dos nossos pais.

Estudava apenas o necessário para passar de ano e garantir o presente de Natal condicionado à aprovação no colégio. Ao findar o curso ginasial em 1963, aflito por não saber o que fazer, encontrei refúgio e força de viver no colo aconchegante de minha mãe. Sua mente sábia, humilde e prodigiosa, arrimada nos postulados da Doutrina Espírita que ela professava, e em sua fé fervorosa e inquebrantável, prenunciava que algo de bom iria acontecer comigo.

Oriundo de uma tradicional e materialmente abastada família de Jataí, o jovem Mateus Barbosa Garcia estudava o segundo ano de agronomia na UREMG, hoje Universidade Federal de Viçosa. Afeito à sublime e fraternal arte de ajudar e bem servir o próximo e conhecedor das minhas dificuldades financeiras, propôs à minha mãe levar-me para Viçosa para tentar o vestibular do Agrotécnico, informando que não seria difícil passar e que o curso era totalmente gratuito. A empreitada parecia extremamente difícil para um adolescente de 16 anos que nunca tinha saído de casa. Fiquei maravilhado com a ideia e contagiado por uma indizível alegria, enquanto, à minha mãe, não restava alternativa senão aceitar, com os olhos cheios de lágrimas, o gesto generoso daquele que passou a ser um amigo dileto do meu coração.

Aportei à bela e encantadora Viçosa dois meses antes do vestibular e me hospedei em uma república de estudantes situada na Praça do Rosário e, de imediato, iniciei o cursinho pré-vestibular. Um mês depois, agraciado pela força magistral do destino que eu mesmo esculpi, tive a grata surpresa e a honra de receber o amigo de infância José Batuíra que, também, foi tentar a sorte nas longínquas terras do portentoso estado das Minas Gerais.

Estudávamos 16 a 18 horas por dia e, apesar da grande concorrência, logramos pleno êxito e, graças a Deus, consolidamos nossa primeira conquista. Fomos morar no Maracanãzinho, um alojamento em que cabiam 12 beliches em cada quarto e bem próximo ao pomar onde alguns colegas, ludibriando os guardas, gostavam de colher deliciosas frutas na calada da noite. E o armário individual onde cada um guardava os seus pertences e os doces de goiaba enviados pela mãe do “Corujão”, embora tivesse tranca, permanecia sempre aberto à disposição de quem eventualmente precisasse de algum objeto, vestimentas ou remédios para aliviar uma dor.

Aquele foi, para mim, um proveitoso estágio de três anos de curta permanência e de enorme felicidade, onde hauri novos conhecimentos que procurei agregar ao patrimônio de minha personalidade em formação.

O curso de agronomia na UFV - Trago, do memorável período vivenciado no curso de agronomia, de 1967 a 1970, uma doce lembrança, apesar das dificuldades financeira que tive que enfrentar, combater e vencer. Durante quatro anos, residi no alojamento do prédio velho e escolhi a diversificação em zootecnia, apesar de nunca ter militado na área. A dificuldade de acompanhar as aulas e fazer anotações ao mesmo tempo compelia-me a simplesmente ouvir com atenção e depois copiar as anotações dos cadernos dos colegas, com preferência para Kajiwara e os irmãos Sedyama, de belas caligrafias e clareza no conteúdo.

Gostava muito de jogar futebol e adorava as olimpíadas internas e os jogos da LUVE. A prioridade dos compromissos acadêmicos não impedia os saudosos momentos de tranquilidade e de indizível contentamento nos eventos sociais e esportivos dentro e fora da Universidade.

Minha vida profissional - Com o diploma na mão, feliz mas bastante ansioso, saí a campo em busca de emprego e me candidatei para trabalhar na ACAR-MG, hoje EMATER, mas quase perdi a vaga por não ter carteira de motorista. Treinei num jipinho velho da UFV e fui tentar a sorte na bela e encantadora cidade de Ubá, MG, onde fiz

exame debaixo de uma chuva torrencial que, ao cair sobre a lona furada da capota do jipe, molhou-nos a todos.

O examinador, com cara de poucos amigos, ordenou-me que retornasse à base e eu me vali daquela oportunidade para relatar a ele as dificuldades por mim enfrentadas sem a carteira de habilitação. Sem dizer nada, ele desceu do veículo e me deu cartão vermelho, isto é, me dispensou. Inseguro, nervoso e persistente, fui aprovado, conseguindo a tão sonhada vaga e imediatamente fui fazer treinamento em Monte Alegre, onde permaneci por dois meses antes de ser transferido para Monte Carmelo, onde fiquei por três anos para, depois, ir para Ituiutaba, por mais dois anos trabalhando com projetos do POLOCENTRO.

Agraciado pelas bênçãos da Divina Misericórdia e convidado a participar de uma empresa de planejamento agropecuário em 1976, retornei a Jataí, minha amorável e querida “Cidade Abelha”, que escolhi para nascer, crescer, criar minha família e estabelecer definitiva morada, onde permaneço até hoje. Aqui exerci, com carinho e desvelado amor, minha profissão, trabalhando na CASEGO - Companhia de Armazéns e Silos do Estado de Goiás, Secretaria da Agricultura. Atualmente, atuo na prestação de serviço como perito judicial e como assessor e assistente técnico das empresas do Grupo Paraíso.

Minha família - Minha família foi constituída com arrimo na base sólida da formação moral haurida de meus pais mas, sobretudo, da enorme generosidade de minha mãe. Já levei tombos na vida mas, altaneiro e soberano, levantei-me, ergui a cabeça, juntei os cacos e, arrimado na força de uma fé fervorosa e inquebrantável, segui meu caminho certo de que Deus está e estará sempre comigo!

Hoje estou no meu segundo casamento. Do meu primeiro relacionamento, com Camélia Rosana de Souza, iniciado em 1986 na cidade mineira de Ituiutaba, adveio o nascimento de três filhos maravilhosos: Karolina de Souza, Ígor de Souza e Rômulo de Souza, além dos netos Beatriz, Miguel, Lucas, Maria Eduarda e Angelina.

Como eu nunca tive vocação para ser ilha, casei-me novamente em 1998 com a bela e encantadora jataiense Renata Sales dos Santos Souza que, àquela época, era um pouquinho mais nova do que eu, que tinha apenas o triplo da sua idade. Desta união harmoniosa, duradora e feliz, adveio, para nossa alegria, o jovem estudante Gabriel Sales Vilela de Souza, hoje com 14 anos, que nos alegra encantando nossas vidas ornamentadas com as doces e sublimes energias de um ambiente relacional de fraterna convivência.

Hoje, passados 21 anos de amorável vida conjugal, harmoniosa e equilibrada, com 72 anos, tenho apenas o dobro da idade dela, que tem 36. Resta comprovado que, para o amor verdadeiro, não existem barreiras, muito menos limite de idade!

EVODE JOSÉ DOS SANTOS



Filho de Djalma Victor dos Santos (1912-1984), alfaiate, agricultor familiar, habilidoso, muito conhecido na comunidade, vereador, prefeito, e Laura Ferreira dos Santos (1916-2003), do lar, mãe de treze filhos, nasci em São José do Barroso, distrito de Visconde do Rio Branco, em 07/07/1946. Em 1954, o distrito foi emancipado, recebendo o nome de Paula Cândido, em homenagem ao seu filho ilustre Francisco de Paula Cândido, formado na França, médico do imperador Dom Pedro II. Ainda em 1954, portanto, aos oito anos de idade, sem conhecer as vogais, fui matriculado no Grupo Escolar Prof. Samuel João

de Deus. Aprendi a ler no único livro que existia na época intitulado “Contos da Carochinha”, história de uma galinha que punha ovos de ouro. Não havia, naquela época, qualquer espécie de merenda durante as horas em que permanecíamos no estabelecimento escolar. Muitos vinham a pé de fazendas distantes da cidade. Trajavam calças curtas e os pés descalços. Aliás, esta era uma regra geral daquela época de pobreza e atraso dos brasileiros. A escola tinha cinco salas e eram dez as turmas. Cinco pela manhã e cinco no turno da tarde. Penso que, ao todo, somaríamos trezentos alunos.

Aos doze anos, tive uma oportunidade através de um grande amigo da família, de estudar num colégio de padres em Petrópolis, RJ. Para lá fui eu fazer um ano de admissão. A seguir, fiz o ginásio. Esta etapa de minha vida foi-me muito marcante e proveitosa. Estudei cinco línguas. Em 1963, regressei a Paula Cândido, com a intenção de abandonar os livros. Chamei o meu pai e lhe disse: “Pai, não quero voltar para Petrópolis”, mas meu pai nada me respondeu naquele momento. Imagino que ele ficou a meditar sobre minhas palavras, abalado com o que ouvira de mim. Caladamente, ele viajou a Viçosa. Fez minha matrícula no Colégio de Viçosa, reservou uma pensão que pudesse me acolher e voltou à nossa casa. Chamou-me em particular e disse: “Tal dia você toma a sua malinha e vai para Viçosa”. Esta foi, sem dúvida, uma grande decisão de meu pai, no sentido de me propiciar um novo horizonte e um recomeço. Em Viçosa, lecionei francês no ginásio Raul de Leoni, enquanto cursava o colegial.

Em 1966, após cursar o primeiro e segundo anos do científico, ingressei no Colégio Universitário (COLUNI), em seu primeiro ano de funcionamento. Ao final daquele ano, ao classificar-me entre os quarenta primeiros aprovados no vestibular de agronomia, consegui uma vaga nos alojamentos da Universidade Federal de Viçosa. Eu procedia de uma família de treze filhos e a nossa vida não era nada fácil. Meus pais foram verdadeiros heróis por nos ter criado bem nutridos e nos ter propiciado estudos. Pela força de vontade deles, seis irmãos se graduaram na UFV e um no km 47, no Rio de Janeiro. Os demais concluíram pelo menos o ensino médio.

Frequentei o primeiro ano de Universidade ao mesmo tempo em que fazia o Tiro de Guerra 162, na cidade de Viçosa. Muitos colegas, também universitários, serviram no TG na mesma época. Este fato foi muito marcante em nossas vidas. Estávamos vivenciando o regime militar brasileiro. Durante o segundo e terceiro anos do curso superior, lecionei latim no Ginásio Padre Antônio Mendes, em Paula Cândido. As coisas foram dando certo e, assim, em 1970, terminei o curso de agronomia, com diversificação em zootecnia. Éramos em torno de 150 formandos. Apenas uma mulher como colega de turma. O nome dela traduz-se em candura, de vez que se chama Alba. De minha formatura, recordo-me bem de um trecho do discurso do reitor Dr. Édson Potsch Magalhães, quando disse: “É preciso rezar como se todas as coisas dependessem de Deus e trabalhar como se todas as coisas dependessem de nós mesmos.” Potsch citou um bispo de Nova Iorque como autor do lema epigrafado. Com este pensamento, parti para a minha luta, após fazer os testes na ACAR-Minas. Fui designado para trabalhar na região de Governador Valadares. Atendi produtores de gado de corte através de um programa então chamado de ACAR/CONDEPE, com recursos do BIRD. Em setembro de 1974, desliguei-me da ACAR, quando fui contratado como executor de programas pecuários pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento da Pecuária, indo para Teófilo Otoni, atendendo Nanuque, Pedra Azul e Araçuaí. Após sete meses, fui designado para Curvelo, no mesmo programa. Porém, com a missão de trabalhar os cerrados do Centro de Minas. Formar pastagens com técnicas modernas e avaliá-las sob o aspecto de produtividade eram os objetivos. Assim foi que, em parceria com os demais participantes, pudemos publicar, na Revista da Sociedade Brasileira de Zootecnia, 19 trabalhos sobre o desenvolvimento de pastagens no Cerrado. Em outubro de 1976, após a extinção do CONDEPE, reingressei no serviço

de extensão rural, contratado pela EMATER/MG, indo para Sete Lagoas. Aqui, fui trabalhar no programa denominado POLOCENTRO, que também beneficiava os Cerrados.

Em Sete Lagoas, casei-me com Aurelita Figueiredo, natural de Jordânia, MG, em 20 de janeiro de 1979. Dessa união, nasceram Thalles Eduardo, Lucianna dos Anjos e Djalma Victor. Em maio de 1980, fui designado para atender Matozinhos e Capim Branco, vindo a trabalhar com milho, feijão, arroz, ervilha, tomate, alho, cebola, quiabo, cana-de-açúcar, trigo, pecuária suína e bovina. Nessas alturas, passei a ser, como dizia o ambientalista Mário Sérgio Regina, “casca de tudo e miolo de nada”. Fui obrigado a estudar mais. Fiz o curso de engenharia de segurança do trabalho na FUMEC, em Belo Horizonte; fruticultura comercial e metodologia do ensino superior, em Lavras; curso de bovinos no IRI, em Matão; e outros de curta duração. Mantive um bom relacionamento com os colegas do CNPMS e da EPAMIG, em Sete Lagoas.

Em Matozinhos, publiquei, juntamente com os colegas de trabalho, uma revista sobre o Ribeirão da Mata, que banha dez municípios antes de desaguar no Rio das Velhas. Colocamos mil exemplares da mesma revista em cada um desses municípios, com prioridade para escolas, prefeituras e câmaras municipais. Implantei a horta de aprendizado e produção, onde trinta garotos estudantes carentes trabalhavam quatro horas diárias e recebiam verduras e meio salário mínimo. Esse trabalho durou dezessete anos e pelos menos cento e oitenta jovens foram alvo dessa oportunidade de aprendizado, fugindo da ociosidade, uma vez que tinham de frequentar a escola. As verduras eram destinadas às escolas municipais. Trabalhamos ainda com as questões ambientais da APA Cárste, de Lagoa Santa, de vez que a região é contemplada com centenas de grutas calcárias, onde os estudos de arqueologia, paleontologia e espeleologia são de relevante importância. Peças como a preguiça gigante e o crânio de Luzia foram descobertos em tais grutas. Passados alguns anos de trabalhos em Matozinhos, fui agraciado com o título de cidadão honorário, que muito me honra. Exerci o cargo de Secretário Municipal de Agricultura, sem remuneração. Tive a oportunidade de fundar a Feira Livre de Matozinhos, que funciona há mais de trinta anos, gerando renda para os agricultores familiares e artesãos locais. Trabalhei, também, junto ao poder público e comunidades locais para implantação da estação de tratamento de esgotos (ETE) da cidade.

Em 2005, ganhei o prêmio produtividade de milho da Monsanto, indo recebê-lo em Ribeirão Preto, SP. Visitei a região turística do cinturão do milho, *Corn Belt Tour*, no Mississippi, USA, e ainda o laboratório e fazenda da Monsanto, no estado de Missouri. Em Chicago, visitei a bolsa de valores e o museu de botânica.

Em 17 de março de 2016, desliguei-me da EMATER/MG após 45 anos de trabalho. Atualmente, faço parte de uma equipe da CSC Engenharia & Geologia, onde respondo por projetos agropecuários. Assim, irei tocando a vida até que a gente esteja impossibilitado ou vá embora definitivamente. Nossa vontade atual é de implantar uma fruticultura de exportação na região central de Minas Gerais, como alternativa ao gado de leite, cujo produto acabará por ficar em mãos de grandes produtores. Pressinto a necessidade de melhores incentivos para a produção de alimentos demandados pelo consumidor interno, bem como de alguma vantagem atrativa para o trabalhador rural que está desaparecendo do campo. Tais fatos vêm determinando menos oferta de produtos alimentícios no comércio, com conseqüente elevação de seus preços.

Engº Agrônomo/UFV/Viçosa/MG/1970. CREA-MG 7738/D,

E-mail: evode7@hotmail.com.

Engº de Segurança do Trabalho/FUMEC/Belo Horizonte/MG

FRANCISCO DE PAULA CASTRO FILHO



Chico, como fazia questão de se apresentar, nasceu em 25 de agosto de 1945, em Caeté, MG, cidade com a qual manteve fortes laços por toda a sua vida. Filho de Francisco de Paula Castro e Carmem de Lima Ferreira Castro, foi o 7º a nascer de uma família de 12 irmãos. Viveu toda sua infância em Caeté, onde cursou parte do denominado ginásial no Colégio Estadual José Brandão. Posteriormente, mudou-se para Belo Horizonte, onde concluiu o ginásial e o científico no colégio Padre Machado. Em meados de 1965, mudou-se para Viçosa, onde cursou agronomia, graduando-se em 1970, na Universidade Federal de Viçosa. Durante o curso, conquistou amigos de toda uma vida. Segundo seu colega Ronaldo

Pedrosa Gomes, no apartamento 713 da UFV, junto com Oclécio Rodrigues Ferreira e Rodrigo Otávio M. de Sousa Lima, Chico era um colega agregador que sempre liderava os encontros da turma.

Em 1971, casou-se com Efigênia Dias de Paula Castro, com quem teve quatro filhos: Eduardo, Cristiano, Juliana e Ricardo, este o mais bonito. Durante toda a vida, atuou na área ambiental, tendo trabalhado e atuado em várias empresas e órgãos públicos. Iniciou sua carreira na EMATER/MG em janeiro de 1971 e, em poucos meses, mudou-se para a Mannesman, atuando como engenheiro florestal, de maio de 1971 a março de 1973. Em seguida, foi trabalhar na Cia. Agrícola e Pecuária Três Marias, como engenheiro-agrônomo, pelo período de março de 1973 a março 1985. Em julho de 1985, assumiu a cadeira de delegado estadual do IBDF em MG até março de 1989 quando, em maio de 1990, assumiu o posto de diretor geral do IEF, pelo período de maio de 1990 a julho de 1991. Após esse período, com passagens pelos órgãos estaduais, atuou como engenheiro-agrônomo na Replasa Reflorestadora S/A, pelo período de agosto de 1995 a janeiro de 1999.

Não ciente de todos os seus passos entre 1991 e 1995 e nos demais anos, relatam-se aqui os locais onde trabalhou e/ou prestou consultoria:

- Grupo Itaminas
- Grupo Ferroeste
- Grupo Rio Rancho
- Secretário na prefeitura de Caeté, MG
- Proprietário de uma laminação de vergalhões para construção civil em Caeté
- Secretário Adjunto de Obras no governo do estado de MG.

Seu Chico faleceu em 2012, deixando grandes saudades em sua família e amigos. Seu apelido traduz a forma como viu e viveu a vida, simples e genuinamente!

Os que estão vivos e os mortos

Francisco de Paula Castro Filho

No fundo, estamos condenados ao mistério. As pessoas dizem “eu gostaria de sobreviver além da minha materialidade” ... Eu não acredito que vá sobreviver, mas, pelo menos na memória dos outros, você sobrevive. Vivi intensamente isto com a perda de meu pai e de meu irmão Luís. A gente sabe que um dia vai morrer e, no entanto, vive como se fosse eterno.

Depois da morte de papai, há quase 45 anos e, mais recentemente, de meu irmão Luís e de meu amigo Rodrigo Souza Lima, eu me habituei a conversar com os que já morreram. Não estou delirando. Os mortos queridos estão dentro da gente. A memória que temos deles é real.

À medida que vamos ficando mais velhos, convivemos cada vez mais com a memória. Conversamos com os mortos. Por intermédio de papai, passei a me lembrar mais dos outros que morreram, de meu irmão, de minha avó, de meus tios, de meus amigos. Os que morreram e nos foram queridos, continuam a nos influenciar. O que não há mais é o contrário. Não podemos mais influenciá-los.

Eu não penso na morte. Sei que ela vem. Já senti a morte de perto quando, em 2006/2007, tive uma diverticulite aguda que me deixou 30 dias na UTI, no bico do urubu durante muitos dias, podendo morrer a qualquer hora. Dou graças à ciência da medicina e à dedicação dos médicos, em especial, à médica minha cunhada, Dra. Miriam Cabral de Castro.

Os que se foram continuam na minha memória e eu converso com eles. Meu pai, meu irmão, minha avó e meus amigos que se foram são meus referentes íntimos. Tudo isto constitui uma comunidade espiritual que transcende o dia a dia.

Então, a morte existe, ela é parte da vida, é angustiante, não se sabe nunca quando ela vai ocorrer. Eu só peço que ela seja indolor. Tenho certeza de que ela será porque irei antes de isto acontecer.

Ninguém sabe como e quando vai morrer. Pessoalmente, tenho mais medo do sofrimento que leva à morte do que da morte propriamente dita. Se não é possível ter a pretensão utópica de sobreviver como pessoa física, é possível ter a aspiração de viver na memória, começando por conviver com a memória dos que se foram. Isso tem alguma materialidade? Nenhuma. Isso é científico? Não é, mas é uma maneira de você acalmar sua angústia existencial.

Escrito em 07/04/2012. Francisco faleceu em 13/05/2012 às 20h15min.

FREDOLINO GIACOMINI DOS SANTOS



Revelar minha biografia significa para mim um ato histórico de construção de um olhar, ao mesmo tempo retrospectivo e prospectivo de um menino, igual a tantos milhares de meninos brasileiros e do mundo inteiro, que nascem pobres e sonham vencer na vida. Era 27 de agosto de 1947. Tinoim e Dalila, meus pais, me tomaram em suas mãos, das mãos de uma parteira, na casa que haviam construído para constituir sua família, na cidade de Linhares, ES, na mesma rua em que nasceram e viveram meu pai, minha avó e meu bisavô. De outra parte, minha mãe, filha de imigrantes aventureiros, vindos da Itália e da Espanha, que plantaram raízes em solo brasileiro, no norte do Espírito Santo. Daí meu sobrenome Giacomini dos Santos, compondo com Fredolino, nome de imigrante alemão. Cresci acompanhando meu pai no trabalho duro da construção civil. Mãos na massa, literalmente. Quando reclamava, ouvia-o, com voz firme, convencer-me de que, para sair dessa vida difícil, o caminho era estudar. Nessa direção, contei com a dedicação e o sacrifício imponderável da minha mãe, cuidando para que eu, meus três irmãos e três irmãs crescêssemos saudáveis e inteligentes, cultivando a certeza de que poderíamos sobreviver às limitações e às dificuldades para “vencer na vida”.

Entre o lusco-fusco de lampiões e a luz elétrica incipiente, ao término do curso ginásial, a sorte me presenteou com um convite dos meus padrinhos Alcino e Diva, para morar com eles em Vitória, ES, para cursar o científico e me preparar para a faculdade. Um ano no Colégio Salesiano e dois no Estadual, meu passaporte para o curso superior. A Universidade veio até mim quando, a ainda UREMG, pela primeira vez, aplicou provas de vestibular fora do campus de Viçosa. A agronomia me escolheu. Mal sabia eu que profissão teria; era o desconhecido que me aparecia como a chance de alcançar o prometido: “estudar para vencer na vida”.

Cheguei a Viçosa em março de 1967. Aqui conheci as peculiaridades de uma cidade do interior de Minas, com sua gente amiga e acolhedora. Longe do tumulto de uma capital, com um Brasil convulsionado pela ditadura militar, ainda que já imbuído do espírito de luta pelas liberdades, não tinha muita escolha: era estudar e trabalhar para garantir minha sobrevivência. Meu desempenho acadêmico foi resultado de superação, muito estudo, ajuda da minha família, de colegas e abnegação de muitos professores comprometidos com a formação integral de seus alunos.

Terminei a graduação em dezembro de 1970 na UFV e, entre as alternativas de trabalho, optei pela carreira de pesquisador, iniciando minhas atividades no DNPEA (Departamento Nacional de Pesquisa Agropecuária) do Ministério da Agricultura, lotado no IPEACS (Instituto de Pesquisa Agropecuária do Centro Sul), executando trabalhos com as culturas da cana-de-açúcar, arroz e batata, na Estação Experimental de Linhares, até 1973. Em 1974, fui admitido como pesquisador da EMBRAPA. Em 1977, concluí o mestrado em melhoramento da cultura do trigo pela UFRGS e fui lotado na EMBRAPA Milho e Sorgo, em Sete Lagoas, MG, para desenvolvimento de pesquisa no melhoramento de sorgo (granífero, forrageiro, sacarino) e de milheto. Em 1994, concluí o doutorado na UFV, em genética e melhoramento. Continuei minhas pesquisas na referida área e na mesma instituição até novembro de 2007, quando solicitei minha aposentadoria.

No meio desse percurso, tive a sorte de me apaixonar por uma morena bonita do “Cantinho do Céu”, que trabalhava na Biblioteca Central, minha ainda menina Ana Maria. Enamorados, nos casamos em 1974 e seguimos juntos, vivendo os percalços dessa caminhada, plantando amor em cada passo. Desse amor, nasceram Giovani, Fernanda, Henrique e Marcelo, (os “Corrêa Giacomini”) meninos e menina que cresceram preenchendo nossa vida com momentos alegres, pelo que foram se tornando pessoas íntegras, profissionais competentes, cidadãos comprometidos com uma sociedade menos excludente, mais justa e mais feliz! Filhos e filha que, para além da formação acadêmica progressiva, até os mais altos níveis de graduação, preservam os princípios e as virtudes que fazem deles pessoas de caráter exemplar, razão maior do nosso orgulho e felicidade. E a família continua crescendo com a chegada do neto Rafael, filho da Fernanda, menino esperto que nos renova a vida! Enfim, a certeza de ter contribuído com meu trabalho profissional para o desenvolvimento da agricultura, melhorando plantas e criando cultivares com minha atuação pessoal, vivendo honestamente e construindo espaços de cidadania, hoje me faz sentir pleno, realizado, disponível para continuar feliz!

GEORGE HENRIQUE KLING DE MORAES



Nascido em Juiz de Fora, MG, em 01/04/1948, filho de Wilfrido de Moraes e Yvonne Kling de Moraes. Wilfrido, natural de Lambari, MG, presbiteriano, e Yvonne, natural de Petrópolis, RJ, luterana. Eu fui batizado na Igreja Metodista Central de Juiz de Fora. Após dois anos de residência em Juiz de Fora, fomos morar no Rio de Janeiro, um caminho lógico para quem morava na *issssquina* do Rio, *Gizzzz di Fora*, puxando o sotaque carioca. Todavia, segundo meu pai, houve, durante algum tempo, um anseio de ser criado o estado da Paraíba do Sul, desmembrando o estado de Minas

Gerais e, neste caso, Juiz de Fora seria a capital. História ou estória?

Rio de Janeiro, capital do Brasil, moramos no Bairro Brás de Pina, também denominado um dos bairros do subúrbio da Leopoldina (antiga Leopoldina Railways). Por pouco tempo. Dali, fomos morar em Botafogo, na Rua Marquês de Abrantes com Marquês de Paraná. Lembro-me de quando, em 1954, houve o fatídico dia do suicídio do então presidente Getúlio Dornelles Vargas e meus pais me conservando em casa, pois o povo nas ruas estava muito agitado. Desde que fomos morar na capital Rio de Janeiro, meu pai voltou a trabalhar no Banco Boavista, numa agência situada na Avenida Rio Branco, centro da cidade. Minha mãe trabalhava em casa como costureira. Ambos faziam uma dupla de trabalhadores formidáveis mesmo. Meu pai, como bancário, pertencia ao Instituto dos Aposentados e Pensionistas Bancários - IAPB. Excelente no que se refere à saúde dos associados. Algo excelente. Consultas, pequenas cirurgias, grandes cirurgias, tratamentos os mais diversos.

Em 1955, fomos morar no chamado Bairro Peixoto, encravado em Copacabana, entre a Rua Figueiredo Magalhães e a Rua Santa Clara. Um lugar paradisíaco. Duas ruas, uma praça, tudo muito arborizado. Toda minha meninice foi neste local. Moramos lá até 1960. Nesse período, minha mãe teve um encontro com uma ex-professora de piano, do tempo em que ela estudava no Carlota Kemper que pertencia ao Instituto Gammon, em Lavras. Em conversa com esta senhora, foram-lhe oferecidas “terras” que o marido estava vendendo num local chamado Pacau, município de Bom Jardim de Minas, MG. Houve uma evolução do assunto e, após uma viagem a Pacau com o casal ofertante, meus pais resolveram comprar uma gleba de terra equivalente a uns 45 alqueires. Após essa compra, quase todas as nossas férias escolares eram feitas em Pacau. Viagens interessantes para chegar até Pacau. Rio de Janeiro, de trem pela Central do Brasil até Barra do Piraí, RJ. Bitola larga, rede eletrificada. Em Barra do Piraí, pegávamos o trem da Rede Mineira de Viação (RMV) para Bom Jardim de Minas. Contraste muito grande. Bitola de um metro, locomotiva a vapor, combustível lenha. Em todas as estações, havia depósitos de lenha ao longo da ferrovia. Os proprietários de terras e/ou os arrendatários produziam as lenhas para a RMV. A penúltima estação antes de Bom Jardim de Minas era a de Pacau, que ficava a 1.200 m de altitude. Desde Barra do Piraí até Bom Jardim de Minas é uma região extremamente montanhosa, um solo ácido e pouco adequado para lavoura. Mas, hoje em dia tem sido utilizado para produção de eucalipto ou de pinus. Com um clima bem frio, vacas leiteiras têm tido alguma chance como forma de produção agrícola. Alguns laticínios têm prosperado hoje em dia. Havia uma outra via para Pacau: Rio de Janeiro até Barra Mansa, RJ, de ônibus e, depois, trem até uma estação chamada Rutilo. Curiosamente, duas máquinas distintas. Uma de origem alemã, 1.500 volts, conduzia a composição até uma estação chamada Augusto Pestana, MG, que fica a 1.600 m de altitude. Desta estação até Rutilo e depois até Lavras, uma outra máquina conduzia a

composição. Era inglesa, marca Vickers, 3.000 volts, bem mais veloz e mais silenciosa. De Rutilo até Pacau, passando por Bom Jardim de Minas, pegávamos um outro trem similar àquele que nos servia a partir de Barra do Piraí. Com o passar dos anos, estas locomotivas movidas a lenha passaram a utilizar um tipo de óleo próprio, mas continuavam a ser locomotivas a vapor. Aventuras e mais aventuras com trens para chegar a Pacau! Chegando, era uma alegria constante aproveitar o clima frio, a natureza, as águas, passeios ora a pé ora a cavalo e todas as maravilhas da roça. Durante este período, fiz o primário até a quinta série na Escola Dr. Cócio Barcellos.

Em 1960, mudamo-nos para o bairro Copacabana, propriamente dito. Todas as aventuras para chegarmos a Pacau continuavam. Agora, além das terras, meus pais compraram um apartamento na Rua Barata Ribeiro. Eu passei a fazer o ginásio no Colégio Mallet Soares, concluindo em 1963. Os dois primeiros anos do científico foram feitos no Colégio Pedro II, no centro do Rio. Ao término da meninice e início da adolescência, passei a frequentar com um pouco mais de dedicação a Igreja Presbiteriana de Copacabana, situada também na Rua Barata Ribeiro. Em 1964, veio a chamada revolução ou golpe de 1964, ou outra denominação que a história irá fazer ou definir. Estava eu no então Hospital da Lagoa, Lagoa Rodrigo de Freitas, pertencente ao IAPB, internado com uma febre que não esmorecia, quando ocorreu o movimento. A coisa foi rápida e logo os acontecimentos encerraram a tentativa da esquerda política no Brasil. Interessante que ainda fica uma discussão sobre esse assunto. Mas, voltando ao Hospital da Lagoa, era um belíssimo hospital. Algo fenomenal. Primeiro mundo, pelo que me lembro.

Ao término de 1965, uma tia, Célia Kling, sugeriu que eu visitasse a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais ou UREMG, em Viçosa, MG, pois estava para ser aberto um terceiro ano do científico, denominado Colégio Universitário ou COLUNI. Ela havia estudado na Rural que hoje é a UFRRJ. Isto foi determinante para que eu viajasse para Viçosa, MG, em dezembro de 1965 e verificasse, *in loco*, aquela situação. Dito e feito. Vim a Viçosa, hospedei-me no Hotel Virgínia, onde hoje é uma agência do Banco do Brasil. Fui à secretaria da UREMG e me matriculei no Colégio Universitário, que não teria exame de seleção. Paguei a taxa de inscrição e tive o prazer de ser orientado pela Dona Vidinha, uma das funcionárias da secretaria, de me alojar em casas de senhoras de respeito, evitando outras não recomendadas. Até hoje, tenho isto registrado na minha memória. À noite, fui até a Praça Silviano Brandão, acredito que a única naquela ocasião em Viçosa, e fiz as tradicionais voltas ao redor dela. Voltei ao Rio de Janeiro no dia seguinte. Tudo resolvido simples e rápido.

1966 foi um ano bem puxado. Claro que ouvi Dona Vidinha. No primeiro semestre, morei na casa de Dona Lourdes, que ficava na Praça Silviano Brandão. Se não estou enganado, com Wilson ou “Araguari”, ocupamos o mesmo quarto. No segundo semestre, fui morar na casa da Dona Mulata, cujo nome não sei, que ficava na Rua do Cruzeiro, hoje Padre Serafim. Eram dois quartos separados ou isolados no topo da casa de onde víamos a rua. Impressionantes eram os cortejos fúnebres que víamos lá de cima. Alguns de pessoas mais humildes, cujos caixões eram de panos quase transparentes. Como éramos calouros na UREMG, fomos “batizados” com cortes nos cabelos que deixavam um triângulo na parte dianteira e raspavam o resto da cabeça. E claro, recebemos um diploma com nosso apelido que, no meu caso, foi “Bolacha”. Esse apelido permaneceu até o término do curso superior e posteriormente. Mas, voltando às aulas no COLUNI, elas eram bem puxadas! Eram para completar o terceiro científico e preparar para o vestibular, que seria no próximo ano. Os professores eram os mesmos do curso de agronomia ou de engenharia florestal. Excelentes, preparando-nos para os objetivos do COLUNI. Nesse ano, completei 18 anos e, claro, tive que me alistar para prestação do serviço militar obrigatório. Alguns colegas do COLUNI também fizeram o mesmo. Em julho, fui para

casa, no Rio de Janeiro, por uma semana por umas férias bem curtas. O segundo semestre correu rápido e, novamente, fui para casa passar as férias natalinas. Beleza! Novamente férias bem curtas. Adivinhem, meus pais haviam se mudado para Pacau, para tentar construir uma nova vida na “roça”. Incrível, não? Lá fui eu para o agora bem famoso Pacau para a família. Em lá chegando, foi um belo encontro. Tudo diferente. Roça. Nada de grande cidade. Nada de Copacabana. Esta, dos anos 1960.

Em janeiro de 1967, estava de volta a Viçosa fazendo cursinho rápido para o vestibular. Pronto, vestibular feito! Fatura paga! Ingresso no curso de agronomia. Só que, na sequência, serviço militar. Pronto, aceito no Tiro de Guerra 0162. Portanto, nada de ir para casa gozar a vitória. Nestas alturas, meus pais estavam sem notícias minhas. Um clique e enviei um telegrama. “Vitória em tudo”. Parece até que foi uma guerra. Mas não deixou de ser. Claro que sob o efeito do ingresso no TG.

1967, o ano de ingresso no curso chamado superior e de cumprir minha obrigação com a pátria. Não foi muito fácil não. As atividades no TG eram das 5h às 6h:30min. E as aulas começavam às 7 horas. E não era fácil não. TG durante quase ano todo até novembro. Aos sábados, as atividades no TG eram pela manhã toda. Muita atividade física, mas muita atividade física mesmo. Pronto, o regime na UREMG era seriado e as aulas eram práticas das 7 às 9 e das 14 às 16 horas. E as aulas teóricas das 9 às 11 ou às 12 horas. De segunda a sexta. Havia uma Reunião Geral aos sábados de 11 às 12 horas para todos os alunos e a maioria dos professores, no chamado Salão Nobre. Havia sempre um prelecionista que apresentava um assunto distinto da área agrícola. Algumas disciplinas mais específicas foram agrogeologia, que incluía geomorfologia, agrometeorologia, anatomia e fisiologia de animais domésticos. Na disciplina botânica, as famílias das plantas em geral terminam com “aceae” e um dos nossos colegas, ao observar pelas informações do professor que as folhas daquela planta se apresentavam ou se dispunham em forma de cruz, imediatamente lascou o nome da família cruceae. Claro que, educadamente, o professor corrigiu dizendo crucifera!

Chegou o ano de 1968, de muita confusão na Europa e no mundo em geral. Hoje é que vejo isso através de vários documentários. Os jovens estavam bem complicados mesmo. Muitos protestos contra a Guerra do Vietnam, notadamente nos EUA. No nosso curso de agronomia, disciplinas distintas nos foram dadas. Entomologia, com sua surpreendente gama de informações sobre os insetos. Como são fenomenais mesmo. Um senhor que trabalhava na área, de nome Jesus, sabia de cor os gêneros e as respectivas famílias, descrevendo-os minuciosamente. Lógico, duas disciplinas me chamavam a atenção: a física do solo, no primeiro semestre, e a química do solo, no segundo semestre. A palavra “situação” era intensivamente usada nas aulas, tentando mostrar aos alunos os vários tipos de solo e sua utilização. E aí íamos “amarrando” solo, clima, com eventuais usos para agricultura. Além disso, tivemos uma bela disciplina no primeiro semestre, que foi a estatística.

O ano de 1969 foi mais tranquilo, internacionalmente. Mais ou menos. Mas, nas salas de aula, tínhamos, como sempre, uma disciplina “difícil” por semestre. No primeiro, foi microbiologia; no segundo, foi fitopatologia. Tivemos algumas disciplinas bem voltadas para a área de agronomia propriamente dita. Olericultura, fruticultura, avicultura etc. Ao término desse ano, depois de muita insistência, consegui um estágio numa granja de pintos de um dia em Campinas, SP. Matrizes Garrison. Eles produziam pintos de um dia e, lógico, vendiam para diversos produtores de frangos de corte. Havia três áreas produtoras de ovos, que eram levados para um incubatório central muito grande. Pude contribuir com os conhecimentos adquiridos na disciplina avicultura.

Em 1970, último ano, tivemos que optar por uma diversificação. Era o prenúncio de novos cursos que haveriam de vir dentro da área de agronomia ou agricultura. Cinco opções:

economia rural, engenharia agrícola, fitotecnia, tecnologia de alimentos e zootecnia. Em todas as diversificações, teríamos todas as disciplinas que nos dariam o título de agrônomo. Só que sem o detalhamento daqueles que fizessem a opção pela diversificação fitotecnia. Minha escolha foi zootecnia. Creio que o estágio que fiz no início do ano em Campinas, SP, tenha sido um fator determinante por esta escolha. Novamente, tivemos disciplinas específicas desta diversificação, tais como avicultura, bovinocultura de corte, bovinocultura de leite, suinocultura, pastagens etc. Todavia, durante esse ano, houve um acontecimento que acabou causando um desvio de percurso na minha vida profissional futura. Os professores de química, José Cambraia e Walter Brune, orientaram-nos, a mim e ao colega Rolf Puschmann, na elaboração de um projeto sobre vitamina C em tomate. Este projeto foi submetido ao CNPq. E não é que rendeu duas bolsas de iniciação científica: uma para mim e outra para o Rolf? A matéria-prima, tomate, para as análises da vitamina C, foi fornecida pelo professor Vicente Wagner Casali, que trabalhava com melhoramento de tomate. Os dados produzidos resultaram no primeiro trabalho científico publicado na minha futura carreira.

Em primeiro de abril de 1971, fui oficialmente contratado pela Universidade Federal de Viçosa como auxiliar de ensino, lotado no departamento de química, para ministrar disciplinas de bioquímica. Além de disciplina de laboratório de bioquímica, fui designado para ministrar aulas de química orgânica no COLUNI. Foi um excelente treinamento, pois não tinha nenhuma vivência didática até então. Curiosidade um tanto estranha: em minha primeira aula no COLUNI, escrevi no quadro a palavra “fenol” que seria a função orgânica que iria ministrar doravante. Em geral, hoje em dia, o professor se apresenta dizendo seu nome ou até escreve seu nome na lousa. Eu, simplesmente escrevi a função orgânica fenol, assunto da aula. Pronto, um dos meus apelidos passou a ser doravante “fenol”. Claro que, com o tempo, acabou. Espero que sim.

De 1971 em diante, trilhei a carreira de professor como Auxiliar de Ensino. Além de ministrar laboratório de bioquímica para alunos dos cursos superiores e química orgânica para alunos do COLUNI, fui fazendo disciplinas de pós-graduação no próprio departamento de química, que foram duas bioquímicas e algumas na zootecnia, relacionadas ao laboratório de análise de alimentos, nutrição animal e a fisiologia animal. Disciplinas que tinham algum elo com o cerne bioquímica pura e ou aplicada. Foi bastante puxado aquele semestre. Estudando bioquímica e química orgânica para ministrá-las, uma vez que meu background era agrário. Além disso, estava cursando uma disciplina de bioquímica com o famoso professor Walter Brune. Excelente! No segundo semestre, as atividades continuaram sendo ministrar as mesmas disciplinas para graduação e para o COLUNI. Cursei outra disciplina de bioquímica com o professor Walter Brune.

Em 20 de julho de 1974, casei-me com Marilene Bevitori na Igreja Presbiteriana de Viçosa. Foi uma grande reunião familiar de Bevitoris, Klings e Moraes. Tivemos padrinhos e madrinhas amigos da turma Cavanhaque de Urubu, parentes de uma família ou outra, amigas da esposa, tendo sido uma alegria exuberante. Tivemos nossa lua de mel no litoral capixaba. Guarapari, a praia clássica entre nós mineiros, Hotel Coronado, Vitória. De lá, viajamos para a cidade maravilhosa, Rio de Janeiro, onde passeamos um pouco e retornamos a Viçosa.

De 1972 a 1975, além de ministrar disciplinas de bioquímica para vários cursos de graduação e de química orgânica para o COLUNI, cursei disciplinas de pós-graduação no programa de pós-graduação em zootecnia, desenvolvendo tese na área em nutrição de monogástricos. Meu orientador foi o professor José Brandão Fonseca. O assunto desenvolvido foi o estudo biológico de algumas cultivares de sorgo granífero e um de milho para frangos de corte. Assunto de ponta na época, pois poderia servir para substituir o uso de milho nas rações de frangos de corte. O problema maior era o nível de

tanino, constituinte típico de algumas variedades de sorgo granífero. Estes recebiam o nome em inglês de “Bird Resistant”. O professor Walter Brune foi meu conselheiro e trabalhamos juntos nas análises quantitativas dos teores de tanino das variedades de sorgo e do milheto. Nas análises estatísticas dos dados obtidos, quer fossem oriundos das análises laboratoriais, quer fossem dos dados zootécnicos, tive a orientação esplendorosa do professor Martinho de Almeida e Silva. A defesa da tese ocorreu em 1975. Bastante nervoso, mas seguro de tudo que fizemos, tive uma boa apresentação e uma boa defesa do trabalho e fui aprovado. Tive um resumo publicado em congresso.

Em 11 de agosto de 1975, nasceu nosso primeiro filho, Eduardo Henrique. Uma alegria extasiante. A partir dessa data, fomos nos preparando para fazer doutorado ou no Brasil ou no exterior. Mediante um programa denominado Programa de Ensino Agrícola Superior ou sua sigla PEAS, conseguimos ir para os Estados Unidos da América para cursar o doutorado ou o Ph. D. Tivemos como opção de universidades Michigan State University, University of Arizona e Purdue University. Acabei escolhendo esta última. Como já dito anteriormente, se a UFV era a capital de Viçosa, Purdue era a capital da UFV. Houve um convênio de quase dez anos entre Purdue e UREMIG, depois UFV. Este convênio canalizou vários professores para Purdue para fazerem seus treinamentos ou de mestrado ou de mestrado e doutorado lá. Assim, em junho de 1976, fomos nós três, Eduardo Henrique, Marilene e eu, para os EUA. Chegamos lá em 26 de junho. Seguimos para Michigan State University (MSU), onde ficamos estudando inglês por quase três meses. Foi uma alegria, pois saímos de Viçosa por estrada de chão até Ubá e de lá até o Rio de Janeiro, claro, em asfalto, mas passando pela famosa Serra de Petrópolis em mão dupla extremamente curvilínea. Era bem diferente do que estávamos vivenciando, agora, nas planícies americanas. A MSU tinha, naquela ocasião, 45 mil alunos, número bem maior do que a população de Viçosa, incluindo a UFV, claro. Vários outros detalhes me impressionaram e muito.

De 1976 a 1980, fizemos o doutorado ou o Ph. D. em Purdue University (PU), que era o nosso destino. MSU foi apenas o local de estudo ou aprofundamento do nosso inglês. PU fica na cidade West Lafayette, no estado Indiana (IN), numa região chamada pelos americanos de *Corn Belt* ou Cinturão do Milho. Em West Lafayette, frequentamos a Calvary Baptist Church, convenção do Sul dos EUA, cujo pastor chamava-se Daniel Bagby. Este, curiosamente, era nascido em Porto Alegre, RS. Resumidamente, fizemos o Ph. D. em três anos e meio e aproveitamos muito em duas viagens ao sul dos EUA, com o clássico passeio a Disney World. Finalmente, fizemos uma viagem em que fomos ao oeste americano, chegando ao Pacífico, San Francisco, CA e, de lá, fomos ao Golfo do México, New Orleans, LO, para, posteriormente, irmos para a capital americana, Washington D.C., onde pudemos visitar vários locais. Retornamos a PU após 28 dias de viagem. Costumo dizer que foi uma viagem de “circunavegação” pelos EUA. Fomos os três, Eduardo Henrique, Marilene e eu. Ah! Nesta ocasião, estava em gestação nosso futuro segundo filho. Esta viagem foi em 1978. Em 11 de novembro de 1978, tivemos nosso segundo filho, que nasceu em Lafayette, Indiana. Batizamo-lo como George Frederico. Assim, voltamos com dois filhos. Este último, um legítimo americano. Nasceu lá, é cidadão americano. Em janeiro de 1980, defendi a tese de Ph. D. Em 7 de fevereiro de 1981, chegamos de volta ao Brasil depois de uma volta bastante atribulada. Portanto, o orgulho sobe e muito, mas muito mesmo. Em nove anos de professor da UFV, fiz o mestrado na própria UFV e o Ph. D. nos EUA. Entrei como Auxiliar de Ensino em 01 de abril de 1971 e, ao término de 1980, era professor Adjunto. Um cavanhaqueano de boa cepa, acho eu. Durante minha estada nos EUA, tenho que agradecer, penhoradamente, a minha esposa Marilene, que foi uma companheira fenomenal durante todo aquele período. Cuidando sozinha do filho Eduardo Henrique, posteriormente, também do

George Frederico e também de mim para que tudo fosse perfeito ao longo de nossa estada. O companheirismo foi fundamental para o “nosso”, na verdade, o meu sucesso. Meu orientador foi William Roy Featherston e o segundo mais importante conselheiro foi John Charles Rogler. Ambos excelentes. Minha tese teve três capítulos distintos: Aminoácidos não essenciais purificados; D-aminoácido oxidase; e Xantina desidrogenase em pintos de corte. Assuntos básicos voltados para bioquímica aplicada. Além de alguns resumos publicados em congressos nos EUA e no Brasil, publicamos dois artigos científicos em periódicos da área.

De 1980 até 2015, além do trabalho, tivemos ainda mais dois filhos, Gustavo Adolfo e Marcos Felipe. Conseguimos tê-los formados na UFV. O mais velho, Eduardo Henrique, seguiu a carreira de zootecnista, fazendo graduação, mestrado e doutorado. O segundo, George Frederico, formou-se em agronomia, cidadão americano, e mora nos EUA há quase 20 anos. O terceiro, Gustavo Adolfo, agrônomo, mestre em fisiologia vegetal, trabalha na área agrônômica. O quarto, Marcos Felipe, também agrônomo, especializou-se no idioma inglês e é professor neste idioma. Para a educação familiar dos quatro, Marilene foi essencial e fundamental. Tive a minha participação no aspecto material, mas, no aspecto humano, Marilene foi a essência na formação de tudo. Meu trabalho seguiu a normalidade, com aulas, projetos de pesquisas, projetos acadêmicos e projetos administrativos. Participei ativamente da criação do curso de ciências, que deu origem ao curso de licenciatura em química e, posteriormente, ao bacharelado em química, e tive forte participação na criação do curso de bacharelado em bioquímica, todos em nível de graduação. Em nível de pós-graduação, participei ativamente da criação do curso de agroquímica e participei, juntamente com outros colegas, da criação do curso de bioquímica agrícola que, depois, foi denominado aplicada. Trabalhei bastante, juntamente com outros colegas, na criação do atual departamento de bioquímica e biologia molecular. Fui chefe do departamento de química uma vez e do departamento de bioquímica e biologia molecular por duas vezes. Fiz uma carreira “combatendo um bom combate” ... Em agosto de 2015, eu me aposentei e ainda fiquei por três semestres como professor voluntário, até 2017. Agora estou investindo na saúde. Estudei francês por três períodos e espanhol por um período. Este idioma é realmente muito difícil. Tenho bem mais facilidade com o idioma francês. Atualmente, estou aguardando os 50 anos de formado. Nada mais a ser feito a não ser curtir os quatro netos Isabela, Daniel, Henrique, Helena e uma neta enteada Nicolle. LSD, ou seja, Louvado Seja Deus. Amém e Aleluia!

GERALDO ANTÔNIO DE ANDRADE ARAÚJO



Nasci em Coimbra, MG, no dia 04/06/1947, filho de José Lopes Valente Filho (1912-1965) e Inez da Silva Araújo (1917-2016). Fui criado junto com mais seis irmãos, todos do sexo masculino, no meio urbano, mas frequentava sempre a fazenda dos avós maternos. Minha infância foi vivida na cidade e no campo. A vivência infantil teve pouca influência na decisão da escolha profissional. O que pesou no direcionamento da minha decisão foram a proximidade da UFV, a falta de recursos financeiros da minha família e, ainda, o interesse nas áreas das engenharias.

Iniciei os meus estudos aos sete anos, no Grupo Escolar Emílio Jardim, em 1954. No final de 1958, prestei exame de admissão no Colégio de Viçosa, sendo aprovado. Iniciei em 1959 o curso ginásial neste colégio, onde fiquei no regime de internato até o final de 1965, quando concluí o antigo científico. Nestes sete anos em que

fiquei no internato, durante o período de férias, ajudava meus pais no comércio pela manhã e, no período da tarde, ficava livre para as minhas atividades recreativas como jogar futebol, nadar, pescar etc. No início de 1966, prestei vestibular para engenharia civil na UFMG, mas fui reprovado. Como, no final de 1965, meu pai faleceu e, durante o período em que ele esteve doente, mais de um ano, os recursos da família praticamente se esgotaram e apenas o Aloízio, meu irmão mais velho, estava formado e trabalhava em Belo Horizonte, minha mãe pensou na transferência da nossa família para Belo Horizonte, onde poderíamos trabalhar e estudar. Poucos dias após a morte do meu pai, alguns empresários do setor de armarinhos e tecidos foram nos visitar e convenceu minha mãe a continuar tocando o comércio. Eles se prontificaram a reabastecer o estabelecimento, dando a ela prazos grandes para o pagamento das mercadorias. Ela aceitou e, como eu estava parado, pois tinha sido reprovado no vestibular, fiquei em Coimbra trabalhando na loja e dando aulas de matemática no colégio de Coimbra, enquanto meus três irmãos mais novos estudavam no internato em Viçosa. Os outros mais velhos, um advogado e um bancário, já trabalhavam e o Tarcízio de Andrade Araújo já estava fazendo agronomia na UFV, vindo se formar na nossa turma.

Em 1967, ingressei na UREMG, no curso de agronomia. Como era normal, no primeiro ano, por não ter alojamento para todos os calouros, fui morar na pensão da vovó Chiquinha, na rua Francisco Machado, dividindo o quarto com seu neto e colega nosso José Geraldo Fernandes de Araújo (Coruja). No segundo semestre, a pensão da Vovó Chiquinha foi transferida para a Praça Silviano Brandão, onde continuamos por mais um semestre. Nesse período, ocorreram o trágico e bárbaro assassinato do estudante Cambão e o ferimento de Brozó e Jeromão, todos estudantes de agronomia da UREMG. Este incidente aconteceu próximo à pensão e nós fomos acordados com a gritaria.

No ano seguinte, mudei-me para o alojamento da universidade, dividindo o apartamento com João Batista da Silva, Eurípedes Barsanulfo de Souza e Deonésio Moreira da Silva. No último ano, optamos pela diversificação em fitotecnia (Fitão) e fui morar na segunda seção com os colegas Laércio Zambolim, Evode José dos Santos e Joaquim Rezende Pereira.

Quando nos formamos, o mercado de trabalho oferecia várias opções de emprego. Optamos pela extensão rural (ACAR), tendo trabalhado em Ubá, MG, até início de 1975, quando fui selecionado para fazer o mestrado na UFV. Imediatamente, iniciei o curso no departamento de fitotecnia (DFT) como bolsista do CNPq e, para complementar o salário, fui contratado como horista pela Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (EPAMIG), para auxiliar professores em suas pesquisas e, ainda, fazia levantamentos topográficos em alguns finais de semana. Imediatamente após o mestrado, iniciei o doutorado que encerrei em 1982. Durante o doutorado, fui promovido a pesquisador do Programa de Desenvolvimento da Zona da Mata (PRODEMATA). Na EPAMIG, fiquei dezessete anos e exerci os cargos de coordenador estadual do Programa Feijão (1984-1992) e chefe do Centro de Pesquisa da Zona da Mata (CRZM) (1986-1992).

Em dezembro de 1992, através de concurso público, ingressei na UFV, no DFT, como professor Adjunto, tendo coordenado a disciplina Feijão. Poucos anos depois, fui promovido, através de concurso público, a professor Titular. Ocupei os cargos de chefe do DFT (1994-2000), de ouvidor (2000-2001), de diretor do Centro de Ciências Agrárias (CCA) (2001-2004) e de pró-reitor de Extensão e Cultura (2004-2008). Durante o período em que estive na UFV, ocupei o cargo de membro do conselho curador da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) por quatro anos e, ainda, por mais quatro anos como membro da Câmara de Agronomia. Em maio de 2018, eu me aposentei. Casei-me com Regina Maria Vieira Marcello de Andrade, em 1974, com a qual tive dois filhos: Guilherme Marcello de Andrade e Paula Marcello de Andrade, ambos formados em odontologia e exercem suas profissões em Ubá, MG. Guilherme é casado com Gilda

Maria Santos De Felippo Andrade, que nos deu dois netos: Giovanna De Felippo Andrade e Marcello De Felippo Andrade; a Paula nos deu um neto chamado Lucas Marcello de Andrade Caneshi.

GERALDO ANTONIO FERREIRA

Nasci em 06/02/1944, em uma pequena cidade denominada Água Boa, MG. Meus pais:



Lindolfo Alves Ferreira (comerciante) e minha mãe Ana Maria Barbosa (professora). Ele, oriundo de Juramento, MG, e ela, do Serro, cidade histórica, antiga Vila do Príncipe do período colonial do Brasil.

Estudei o curso primário no Grupo Escolar Dr. Alfredo Sá, em Água Boa, onde minha genitora era a diretora, e o ginásio, em Diamantina, MG, em colégio de padres, em regime de internato com disciplina severa. Só podíamos ir ao cinema (luxo da época) uma vez por semana, na primeira sessão, 18h:30min e, segundo consta, o filme a ser exibido era acertado entre o padre, o diretor e o proprietário do cinema (Aarão).

Naquela época, um beijo era um escândalo imperdoável. Então, todo cuidado era pouco com os meninos do Sr. Arcebispo Metropolitano, que dominava os setores da educação tais como Seminário Sagrado Coração de Jesus, Colégio Diamantinense e Colégio Nossa Senhora das Dores, todos em regime de internato e pagos.

Terminado o ginásio, soube, por um padrinho que estudava agronomia em Viçosa que, naquela cidade, havia um curso agrotécnico, equivalente ao científico da época, muito bom e com direito a usar os recursos da universidade (UREMG) como laboratório, professores capacitados da universidade, alojamentos, refeitório e biblioteca. Soube, ainda, que o referido curso capacitava com excelência os alunos que pretendessem ingressar numa das três escolas superiores até então existentes na UREMG (agronomia, engenharia florestal, ciências domésticas), como também em qualquer escola de nível superior existente no país.

Lá fui eu.... e cheguei a Viçosa, MG. Naquela época, o asfalto nas estradas era uma raridade. Ônibus partindo de Água Boa era um luxo que desconhecíamos. A cidade mais próxima de Água Boa, que tinha linha regular de ônibus, era Guanhães, distante 140 km da minha cidade. Fui até Guanhães em um jipe, tração nas quatro rodas, porque os atoleiros eram demais. Consegui chegar a Belo Horizonte. De lá a Viçosa, passamos a noite atolados no trecho entre Ponte Nova – Viçosa em um lamaçal. A estrada de terra existente era ruim demais. Hospedei-me em Viçosa na pensão de Dona Chiquinha, de deliciosa comida.

Viçosa era pequeninha, mas, para os padrões da época, oferecia algum conforto. Fui conhecer a UREMG. Fiquei maravilhado! Achei muito bonita, apesar das poucas construções. Pensei comigo: “Vou ter que passar no vestibular do agrotécnico, custe o que custar. Depois decido que carreira de nível superior vou seguir”. Éramos em torno de 400 candidatos para 40 vagas, salvo engano meu, e fui aprovado no 14º lugar.

Após o curso agrotécnico, optei por fazer agronomia, não por opção primeira, mas pelas facilidades materiais que a UREMG oferecia. De família pobre, não teria condições de arcar com despesas de outro curso superior em outra cidade.

Passei no concorrido vestibular para o curso superior na primeira tentativa. Aos poucos, fui me adaptando ao curso escolhido e posso dizer que sou feliz pela decisão tomada. Tive oportunidade de conhecer muita gente interessante, tanto na UFV quanto na vida

profissional, desde os da pequena produção como os grandes. Após me formar em agronomia, fui trabalhar na antiga ACAR, hoje EMATER-MG. Trabalhei, ainda, no CONDEPE (Conselho Nacional de Desenvolvimento da Pecuária) e, por um período, como assessor parlamentar do deputado e chefe da casa civil do governo de Minas Gerais, Serafim Lopes Godinho.

Durante o período acadêmico, tive algumas dificuldades como dinheiro escasso, amenizado pelo convite a mim feito pelo saudoso Padre Mendes para lecionar em dois colégios, criados por ele, nas cidades de Coimbra e Viçosa.

Outro gargalo, uma matéria curricular (química) que me levou a uma repetência e muito tempo exigiu de mim, mas que nunca utilizei na minha vida profissional. Nas viradas noturnas das frias noites de Viçosa, tive como companheiros mais próximos: Eurípedes Barsanulfo de Souza, Íldio Dyrceu de Almeida Carvalho, Ronaldo Pedrosa Gomes, José Mauro Chagas e Bernardino Vaz de Mello Azeredo, entre outros, sempre um procurando levantar a moral do outro para obter sucessos. Também não poderia deixar de citar o indefectível Megale, com suas preciosas “MARRETAS”.

Posso hoje afirmar com certeza: “sou uma pessoa feliz e um homem de bem. O convívio ufeviano muito contribui para isso. Boas sementes foram semeadas e germinaram produzindo boa safra.

Obrigado UFV, obrigado Viçosa, obrigado colegas que participaram da minha vida naqueles idos e saudosos tempos”.

Nota dos Editores: Nesta singela biografia, não poderíamos deixar de mencionar a liderança do Geraldo Antônio Ferreira entre seus colegas, sempre com presença de espírito, hábil articulador, sempre animado.

GIL TIAGO DE SOUZA



Gil Tiago de Souza, nascido em Viçosa, MG, em 27/11/1941, era filho único de Nestor Tiago e Altina R. Souza. Residia à Rua Gomes Barbosa, onde viveu toda a sua infância e adolescência. As primeiras letras, aprendeu no Grupo Escolar Coronel Antônio da Silva Bernardes, à Rua Benjamin Araújo, em Viçosa. Após cursar o primário, ingressou no Colégio de Viçosa, onde concluiu o ginásial e o científico. Entre frequentar aulas e se dedicar aos estudos, gostava de jogar bola com os amigos no campo improvisado em local aplausível, onde se viam intensa vegetação e arvoredo nativo, abrigando pássaros que atraíam caçadores de pombos e passarinhos que ali iam para pegar canarinhos chapinha. Esse local, conhecido

como chácara, veio dar lugar à expansão imobiliária do hoje nobre Bairro de Ramos.

Os treinos e peladas no campo da chácara lhe proporcionaram atuação no time de titulares do Viçosa Atlético Clube que, à época, figurava entre os melhores da região, juntamente com a seleção do Colégio de Viçosa, ESA e depois LUVE e o Operário Futebol Clube. Naquela época, o futebol do interior era o divertimento principal das tardes de domingo. Raramente, os atletas que se sobressaíam como craques saíam da cidade na juventude.

Os torneios local e regional atraíam aos estádios grande número de admiradores e os times, geralmente bem treinados, apresentavam um futebol bastante competitivo. Pois bem, o saudoso Gil se gabava de, estando na reserva do Atlético, em jogo de campeonato, ter entrado no segundo tempo e, orientado pelo técnico Quinzinho, ter sido o autor do único gol da partida, derrotando o adversário e proporcionando a subida do seu time na tabela do campeonato.

Estudioso e organizado que era, em 1967, passou no vestibular para a UREMG (Universidade Rural do Estado de Minas Gerais) que, em 1969, sendo reitor o Dr. Edson Potsch Magalhães e presidente da República o Marechal Arthur da Costa e Silva, passou a ser UFV (Universidade Federal de Viçosa). Fez o curso de engenharia agrônoma, colando grau em 1970. Logo após, ingressou na ACAR (Associação de Crédito e Assistência Rural de MG). Iniciou os trabalhos como extensionista na cidade de Teófilo Otoni, Norte de Minas, elaborando projetos e prestando assistência técnica aos produtores rurais, principalmente na área de bovinocultura de leite e de corte. Pouco tempo depois, foi transferido para Ponte Nova, Zona da Mata Mineira. Ali, além da elaboração de projetos e assistência técnica, exercia, também, a função de supervisor local, tarefa que lhe exigia função burocrática, visto que o escritório era composto de outros técnicos da área de agricultura e de uma economista doméstica, que atuava na área de bem-estar social. Alguns anos depois, foi transferido para a cidade de São Geraldo como extensionista da EMATER-MG (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de MG) que encampou a então ACAR.

Em 1990, foi transferido para Viçosa, exercendo a mesma função. Reativou, com a extensionista de bem-estar social, Telma Regina, o programa “Falando para o Meio Rural”, criado na década de 1960 pelo saudoso extensionista engenheiro florestal José Fernando Domingues. Com a transferência deste para Belo Horizonte, o programa que ia ao ar aos sábados, às seis da manhã, na Rádio Montanhosa, deixou de ser transmitido. Com grande audiência, coube ao Gil e à Telma dar continuidade àquele programa, com informações diversas nas áreas da agricultura, pecuária e bem-estar social. Criou, ainda, o torneio leiteiro nas comunidades rurais, com uma série de palestras e cursos relativos à produção, produtividade e agregação de valor ao produto, proporcionando ao produtor de leite técnicas de melhoramento desta atividade de expressão no município de Viçosa.

Entre o trabalho e o aconchego da família, tinha um *hobby* inseparável: a criação de trinca-ferro. Pássaro das matas nativas que lhe proporcionava muita alegria quando alguns deles venciam, com seu mavioso canto, os torneios regionais de que participava. Após quase quarenta anos de trabalho como extensionista rural, adquiriu a merecida aposentadoria. Infelizmente, veio a falecer poucos anos depois, deixando saudades entre os amigos e familiares, visto que era um colega bom, prestativo e humano. Foi casado com Dulce Sant’Anna, dedicada esposa, também falecida, deixando os filhos adotivos Cristiano e Geciane.

Nota: Esta biografia foi redigida pela sua vizinha **Ivone Machado**, com a colaboração de José Antônio Obeid.

GILBERTO CHOHAKU SEDIYAMA

A minha vida na UREMG/UFV

Sou uma pessoa simples e, acima de tudo, muito FELIZ



Ingressei no curso de agronomia por concurso vestibular da antiga Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), em março de 1967 e, desde os primeiros momentos, despertei-me pelas áreas da física, matemática e informática. Este fato culminou com o convite de professores para atuar como monitor da antiga área de “física agrícola” do antigo Instituto de Engenharia Rural da UREMG, em 1969. No ano seguinte, em 1970, durante o primeiro semestre letivo do meu quarto ano de agronomia, fui convidado a exercer, também, a função de monitor I na área de física, dos cursos

de agronomia e florestas. No segundo semestre letivo do mesmo ano (1970), fui convidado, novamente pelos professores do Instituto de Engenharia Rural, a me integrar aos trabalhos de meteorologia e climatologia agrícola, também como monitor na referida área de conhecimento. Exerci atividades de monitoria até a minha formatura em dezembro de 1970.

No final do quarto ano do curso de agronomia, fui aprovado pelos órgãos colegiados superiores para me integrar, definitivamente, ao grupo de professores da área de meteorologia e climatologia agrícola, como auxiliar de ensino, em 1971. Ao mesmo tempo, com o apoio e orientação constante de colegas, iniciei os meus trabalhos de pós-graduação.

Tendo em vista o programa de treinamento de docentes do departamento e, em face de viagem de colega professor para realizar seu treinamento de pós-graduação na Universidade Purdue (EUA), assumi todas as atividades relacionadas com a meteorologia e climatologia agrícola no segundo período letivo de 1971. Assim, o meu desafio foi exercer plenamente as atividades docentes e, além disso, continuar com o meu treinamento em nível de mestrado, que tive a felicidade de concluir no dia 23 de agosto de 1972, isto é, 18 meses depois.

Em setembro de 1972, tive a satisfação de receber o credenciamento pela Coordenação de Ensino Pesquisa e Extensão (CEPE) para atuar na pós-graduação da UFV. Passei, então, de auxiliar de ensino em tempo parcial para regime em dedicação exclusiva.

Encerrada essa etapa do meu treinamento acadêmico em nível de mestrado, tive como objetivo principal ir mais além, não só por conta da minha determinação, mas também, pelos constantes incentivos dos meus familiares e dos colegas do Instituto, no sentido de continuar meus estudos em nível de doutorado. Assim, iniciei o meu treinamento, em nível de doutorado, em janeiro de 1974, como bolsista da USAID, na Universidade da Califórnia – Davis. Concluí o programa em janeiro de 1977, isto é, três anos depois.

Tive a honra e a satisfação de receber a “distinção de alta escolaridade, qualidade de liderança e caráter; honra ao mérito como profissional de engenharia agrícola e de pertencer, como membro eleito, da *Alfa Épsilon*, do Estado da Califórnia. Minha indicação foi feita pelo Agricultural Engineering Department, da University of California - Davis, com base no desempenho acadêmico-profissional.

De volta à UFV, em janeiro de 1977 e, novamente, com uma intensa carga de trabalho, consegui, via projetos, financiamentos para o desenvolvimento de infraestrutura básica necessária para pesquisas em meteorologia e climatologia agrícola. Iniciei, também, juntamente com os demais professores da área, uma proposta de programa de pós-graduação em agrometeorologia, com início no ano de 1981, talvez o primeiro “*stricto sensu*” no Brasil. O programa em questão fundamentou-se nas ciências físico-matemáticas e biológicas aplicadas ao sistema terra-atmosfera. Procuramos direcionar pesquisas no sentido de estabelecer parâmetros entre as condições do tempo e clima e a produção de alimentos e fibras, tendo como fim último o fornecimento de subsídios que permitiriam melhorar as atividades agrícolas e pastoris. Tendo em vista os perfis dos possíveis candidatos ao programa de agrometeorologia, procuramos e apoiamos, também, a estruturação do programa num arranjo de tópicos para tornar o futuro profissional em agrometeorologia apto à tomada de decisões durante seu exercício em diferentes ramos das atividades agropastoris.

Entre as diversas técnicas de pesquisas, enfatizamos aquelas experimentais observacionais, parametrizações, modelagens etc. Buscamos, portanto, destacar a necessidade de estudos em diferentes escalas, visando ao melhor conhecimento das condições naturais e às interações com os sistemas agropastoris, tendo como alvo final

ampla aplicação dos conhecimentos da agrometeorologia nos mais diversos ramos das atividades humanas.

Em maio de 1977, fiz parte de uma lista tríplice para a escolha do novo chefe do departamento de engenharia agrícola. Por indicação do diretor da antiga Escola Superior de Agricultura (ESA), fui nomeado e empossado pelo magnífico reitor, no dia 17 de junho de 1977, iniciando-se, assim, também minhas atividades administrativas na UFV.

Passsei, então, imediatamente aos trabalhos de reestruturação das comissões de ensino, pesquisa e extensão do departamento, uma vez que parte do grupo de professores havia se transferido para o recém-criado departamento de engenharia civil da UFV, até então chefiado por outro professor que acumulava, interinamente, a chefia dos dois departamentos (engenharia agrícola e engenharia civil).

Com a criação e início do curso de graduação em engenharia agrícola, em 1975, portanto, com dois anos de funcionamento, iniciei e coordenei, como chefe do departamento de engenharia agrícola, os trabalhos de montagem do processo de reconhecimento do referido curso, conforme normas definidas pelo Conselho Federal de Educação (CFE). Esse fato foi motivo da indicação do meu nome, pelo colegiado do departamento, para representar o departamento de engenharia agrícola na câmara curricular do curso de engenharia agrícola, culminando com a delegação de competência do diretor da Escola Superior de Agricultura para presidir a referida câmara em 1978.

Em reconhecimento aos trabalhos desenvolvidos na estruturação do processo de reconhecimento do curso de engenharia agrícola no processo de definição das atribuições profissionais do novo profissional junto ao CREA/CONFEA, isto é, o profissional que estávamos por colocar no mercado de trabalho, o engenheiro agrícola, e pelo apoio constante aos graduandos em engenharia agrícola, como novo profissional do Brasil, fui escolhido como professor homenageado dos formandos da turma de 1978.

Em outubro de 1978, com a aprovação do novo estatuto da Universidade Federal de Viçosa e a criação do Centro de Ciências Agrárias, reassumi minhas funções acadêmicas normais no departamento, liderando e elaborando, pela primeira vez, no departamento de engenharia agrícola, o projeto de meteorologia agrícola (PROMETA), com o objetivo de submetê-lo à Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP).

Nessa linha de pesquisa, procurei como alvo, na sua principal linha de atuação, fornecer subsídios imediatos para fins de elaboração de projetos de irrigação e drenagem e melhoria do rendimento agrícola de importantes produtos da economia nacional, como também dar suporte para pesquisas básicas e contribuir com a formação de recursos humanos, considerados prioritários em meteorologia e engenharia agrícola.

A propósito, com o programa de pós-graduação em engenharia agrícola, especialmente na área de concentração em irrigação e drenagem, procurei sempre um saudável intercâmbio entre a linha de pesquisa e as atividades de ensino e pesquisa do referido curso. Isso garantiria não só a continuidade das pesquisas, mas também o aporte de benefícios recíprocos, isto é, ao curso e ao próprio projeto de pesquisa.

Em outubro de 1988, com o apoio dos colegas professores, assumi, pela segunda vez, a chefia do departamento, por mais quatro anos. Tive a chance de, nesse período, iniciar e auxiliar os meus colegas na proposta de criação do programa de doutorado em agrometeorologia. O programa de doutorado teve início em 2002. Pela nossa dedicação à agrometeorologia, fui agraciado com uma lâurea da nossa Sociedade Brasileira de Agrometeorologia em 2015. Tudo isso, é claro, deveu-se a muitas pessoas.

Durante os anos de 1978 a 1980, em conjunto com pesquisadores do Sistema Estadual de Pesquisa Agropecuária, que envolvia a Escola Superior de Agricultura de Lavras (ESAL, hoje UFLA), a Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado de Minas Gerais (EPAMIG) e a Universidade Federal de Viçosa (UFV), participei e liderei o grupo da UFV, no sentido

de elaborar o “Zoneamento Agroclimatológico do Estado de Minas Gerais”. Por esse trabalho, fui escolhido, em 2015, para receber a Comenda Antonio Secundino de São José, pelo Governo do Estado de Minas Gerais.

No período de 1982-1988, assumi a coordenação do curso de pós-graduação em engenharia agrícola. Ocupei tal função com um novo desafio: “criar o curso de doutorado em engenharia agrícola, com opção de pesquisa em irrigação e drenagem”, motivado pelo recém-criado Ministério da Irrigação, pelo Governo Federal, e apoiado pelos programas PROINE, PRONI e PROVÁRZEAS.

Como professor credenciado para atuar na pós-graduação, ministrei diversas disciplinas para os diferentes cursos de graduação e, também, para os de pós-graduação da UFV, tais como meteorologia agrícola, engenharia agrícola, solos e nutrição de plantas, fitotecnia etc. Orientei dezenas de teses de mestrado e de doutorado, e fui conselheiro de centenas de mestrandos e doutorandos. Participei de centenas de bancas de defesas de teses, incluindo mestrado e doutorado. Proferi diversas palestras, seminários e participei de inúmeras reuniões científicas, com ou sem apresentação de trabalhos. Publiquei, em colaboração ou como único autor, centenas de trabalhos científicos, boletins técnicos, apostilas ou notas técnicas. Como atividade de extensão universitária, ministrei diversos cursos, inclusive de caráter internacional, e publiquei boletins técnicos e apostilas.

Apesar de atuar intensamente nas atividades de ensino e pesquisa da pós-graduação, sempre estive atento aos problemas do ensino da graduação da Universidade, tendo participado da comissão de ensino do departamento, da implantação do novo currículo pleno das ciências agrárias, especialmente do curso de engenharia agrícola, em 1984/85. Atuei, portanto, no reconhecimento inicial do curso de graduação de engenharia agrícola e na estruturação do currículo pleno, não só a nível de departamento, mas também como representante do departamento na câmara curricular do curso e membro do conselho de graduação da universidade por um período de 11 anos consecutivos. Novamente, em reconhecimento à minha contribuição ao ensino de graduação, fui escolhido como professor homenageado de formandos, por mais duas ocasiões.

Fui bolsista, nível 1, do Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) desde 1984 e servi de consultor “ad hoc” do referido Conselho. Atuei como consultor da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). É claro que outras atividades como docente-pesquisador podem ser encontradas no LATTES, que não cabe aqui detalhar.

Assim, nesta oportunidade, neste livro de memórias, junto aos meus inesquecíveis colegas formandos de 1970, quero deixar os meus agradecimentos pelo acolhimento e minha trajetória na UFV, à qual me dediquei por 50 anos (monitoria, professor efetivo e professor voluntário aposentado, por três anos consecutivos), aos meus familiares, especialmente aos meus pais (*in memoriam*) imigrantes, que chegaram ao Porto de Santos no dia 23 de fevereiro de 1933, portando apenas suas malas e alguns objetos para ganhar a vida no interior paulista. Tudo devo a meus pais, minha conduta, meus princípios, minha educação, minha formação profissional e, especialmente, minha formação como pessoa. Agradeço a todos vocês. Agradeço a todos que me apoiaram direta ou indiretamente. Aos demais colegas professores da UFV, meus colegas de trabalho e aos meus ex-alunos e aos meus amigos.

Especial agradecimento à minha esposa Mirian, ao meu filho e neto, que me trazem só alegrias em todas as horas, razões do meu sucesso. Muito obrigado e que Deus abençoe a todos (*Arigatogossaimashita*).

GIOVANI JOSÉ CARVALHO



Giovani José Carvalho (*in memoriam*), nasceu em Cristais, MG, em 28/02/1947. Filho de José de Assis Carvalho e Joaquina Silva, cursou o segundo grau no Colégio Universitário - COLUNI, UREMG, concluindo-o em 1966. Giovani era aluno dedicado e estudioso, gostava de um futebol e dificilmente se metia em encrencas. Iniciou o curso de agronomia em 1967, concluindo-o em 1970. Foi professor do departamento de engenharia da UFLA, tendo recebido homenagem póstuma daquela instituição.

HÉLIO CATSUMI MATSUCUMA



Filho de Shinji Matsucuma e Fuku Koyama Matsucuma, Hélio era um japa diferente, alegre, extrovertido, comunicativo e farrista. Porém, dedicado nos estudos, recebeu o apelido de Japonês Baiano. Nasceu em 17/01/1946, na cidade de Igarapava, SP. Fez o segundo grau no Colégio São José em Ribeirão Preto, SP. Iniciou sua graduação em 1967 e colou grau com a turma do Cavanhaque em dezembro de 1970. Bem de vida e mão aberta, tirou do aperto financeiro temporário vários colegas. Trabalhou na área de agricultura com soja e como dono de armazém de grãos em Guaíra, SP. O Japa virou “*Maitre*” e é proprietário de um restaurante em Guaíra, SP.

HELIO KAJIWARA



Minhas origens - Nasci no dia 06/12/1946, na cidade de Bandeirantes, PR, filho de Yosigi Kajiwara e Hanako Kajiwara, sendo o nono filho de um total de dez. Fiz o curso primário no Grupo Escolar Prof. Nóbrega da Cunha e o ginásial no Colégio Estadual de Bandeirantes. Quando passei do 2º para o 3º ano do ginásial, interrompi meus estudos para ingressar na Escola Agrícola de Apucarana, PR, em 1961. Cursei apenas o 1º ano, voltando para Bandeirantes quando completei o ginásial.

O ingresso na UFV - Fui incentivado a fazer o curso técnico de agricultura na antiga UREMG - Universidade Rural do Estado de Minas Gerais pelo colega Oswaldo Iwamoto que, na ocasião, frequentava o curso de engenharia florestal, posteriormente, transferido para Curitiba, PR. Ingressei no técnico agrícola em 1964 e fui presidente da nossa turma pelos dois últimos anos. Em 1967, ingressei no curso de agronomia e nossa turma foi batizada com o glorioso nome Cavanhaque de Urubu, do qual fui presidente por três anos e meio.

O curso de agronomia na UFV - No curso de agronomia, fiz diversificação em fitotecnia. Meus colegas de alojamento, da 4ª Seção do alojamento velho, foram Ernani de Moraes Peloso e Ermiton Botelho dos Santos. Durante o curso de agronomia, fui presidente do Cavanhaque desde o 2º semestre de 1967 até o último ano. Fui, também, por um mandato, presidente da CEAPUL - Cooperativa dos Estudantes e Professores da Universidade. A única matéria que me deixou para a 2ª época em todo o curso foi química analítica I, do professor Márcio de Moura Estevão, o terror dos calouros. Fui, também, por um semestre, auxiliar de laboratório do professor de genética José Carlos da Silva, irmão do colega João Batista Silva.

Minha vida profissional - Após sair da faculdade, trabalhei na propriedade de minha família até maio de 1971, quando entrei para trabalhar como agrônomo da AABSA - Açúcar e Álcool Bandeirantes S.A., em Bandeirantes, minha cidade. Em 1975, assumi o cargo de gerente agrícola, tendo permanecido até o final de 2006. No início de 2007, ingressei como gerente agrícola da unidade de Itapaci, GO, do Grupo Farias. Este grupo tinha, na ocasião, sete usinas. Fiquei até agosto de 2008, quando fui convidado pelo colega All Holand a ir ao Paraguai para implantar toda a estrutura agrícola da usina de açúcar e álcool do grupo INPASA – Industria Paraguaya de Alcoholes del Paraguay. Esta usina se tornou a única fornecedora de açúcar para a Coca Cola, Pepsi Cola e outras fabricantes de doces e refrigerantes daquele país. Fiquei seis anos e meio trabalhando nesta usina, quando fui para Sorriso, MT, e fiquei até dezembro de 2018. O grupo INPASA instalou a maior indústria de álcool de milho do Brasil, no município de Sinop, MT. Hoje, aposentado, estou morando em Curitiba, PR.

Minha família - No dia 30/12/1972, casei-me com Eunice Tamiko Kajiwara, professora, e tivemos dois filhos e uma filha. O primogênito, Jacques Kajiwara, formou-se engenheiro elétrico pela Universidade Federal de Santa Catarina e trabalhou por 21 anos na multinacional Nokia-Siemens. Hoje, trabalha nos Estados Unidos, em uma empresa americana de projetos. Casado com Angélica Lynne Kajiwara, americana, tem um filho e duas filhas, residindo em Leesburg, VA, e tem cidadania americana. O segundo filho, Frank Kajiwara, formou-se em odontologia pela Universidade Paulista, em São Paulo, SP, especializando-se em implantodontia. Casou-se com Isabella Mello Galindo Kajiwara e tem três filhos. Atualmente, estão morando em Edmond, estado de Oklahoma, também nos Estados Unidos. A caçula se formou em farmácia e bioquímica pela PUC-Curitiba. Casou-se com Ting Hui Mei, chinês canadense, tem um filho e reside na cidade de Toronto, Canadá. Ela já é cidadã canadense e exerce sua atividade profissional naquele país.

HERMEVAL GUERINI



Nasceu gostando de jogar bola. Filho de José Guerini e Glória Maria Poton Guerini, nasceu em Alfredo Chaves, ES, em 25/10/1946. Veio para Viçosa onde concluiu, em 1966, o segundo grau no Colégio Universitário, e agronomia, em 1970, na UREMG. Atualmente é produtor rural em Alfredo Chaves, ES.

HUMBERTO DE MELO CARNEIRO



Nascido em 14 de julho de 1944, coincidentemente na mesma data da tomada da Bastilha. Filho de Antônio Jacir Carneiro Rios, fazendeiro e filho de fazendeiro, e de Rita de Melo Carneiro, filha de fazendeiro. Natural de Belo Horizonte, Humberto passou os seus primeiros anos de vida no município de Belo Horizonte, na Fazenda Pampulha, onde morou até os cinco anos de idade, período em que se encantava com a criação de cavalos da raça Manga Larga Marchador de propriedade do seu pai. Após esse período, ele continuava encantado com a criação de cavalos e as atividades do campo.

Por razões políticas alheias à vontade de seu pai, sua família foi obrigada a se mudar para Patos de Minas, onde seu pai continuava com a criação de cavalos e engorda de bois para corte. Estes bois eram engordados em Patos e levados, tocados a cavalo, para Barretos, SP, onde eram comercializados. Essa viagem a cavalo demorava em torno de 30 dias. O Sr. Antônio tinha uma tropa de 36 mulas, escolhidas a dedo, para concorrer com os outros invernistas que também estavam levando suas boiadas para Barretos. Foi neste ambiente rural que Humberto foi criado.

Humberto não queria saber de estudar de modo algum. Ele só queria lidar com cavalos e bois. Para que ele estudasse, sua mãe fez inúmeras promessas. Após uma mudança no cenário político, a família retornou à capital mineira. Porém, Humberto não queria estudar. Só pensava nos bois e cavalos em Patos de Minas.

Um belo dia, sua mãe, já cansada de tanto colocá-lo de castigo para estudar, chamou-o, assentou-se do lado dele e perguntou: “meu filho, você quer ser fazendeiro?” Humberto respondeu: “sim, mamãe, eu quero ser fazendeiro”. Dona Rita replicou: “você quer ser fazendeiro pobre ou fazendeiro rico?” e ele respondeu o óbvio: “eu quero ser fazendeiro rico”. Então, Dona Rita disse: “se você quer ser um fazendeiro rico, você precisa estudar porque, se não estudar, você será um “peão” por toda vida”. Essa conversa inesquecível foi o suficiente para transformar toda a sua vida.

Humberto fez o curso ginásial no Colégio Santo Antônio, em Belo Horizonte. Logo após a conclusão do ginásio, foi procurar um curso técnico em agricultura. Depois de muita indagação, descobriu o curso desejado em Viçosa, junto à Escola Superior de Agricultura. Então, foi para Viçosa para fazer o cursinho preparatório a fim de ingressar no curso técnico em agricultura. Inicialmente, ficou hospedado em uma pensão que era muito ruim e os estudantes a apelidaram de “Morte Lenta”. Quando frequentou as primeiras aulas do cursinho, logo percebeu que já estava preparado para o exame, visando ingressar no agrotécnico. Assim, retornou a Belo Horizonte e ficou aguardando a data do concurso, no qual foi aprovado com facilidade.

Logo que Humberto chegou para iniciar o curso técnico, o calouro foi recebido com um trote violento. Recebeu o apelido de “Inflação”, devido à sua elevada estatura (196 cm). Por ser uma pessoa muito simples e humilde demais, ficou conhecido como “Inflação – o humilde”.

No período do curso, a escola ainda tinha uma criação de cavalos da raça Manga Larga Marchador, o que deixou Humberto ainda mais entusiasmado ao frequentar aquele ambiente de estudos. Porém, o curso técnico tinha pouca coisa de técnicas agrícolas. O que era mais exigido eram matérias de química, física e matemática. Em síntese, o curso agrotécnico em Viçosa era mais uma preparação para o vestibular de agronomia.

Sem saber muito bem sobre o curso técnico e o curso de agronomia, o pai de Humberto ligou para ele e o aconselhou: “meu filho, continue estudando por aí. É melhor você fazer

outro curso que tem aí”. Humberto logo entendeu que seu pai estava lhe sugerindo a fazer o curso superior de agricultura. Mas, nessas alturas, a situação de Humberto na escola já não era muito boa, no que diz respeito a alguns questionamentos e embates com a direção do curso. O professor Cid Martins Batista, diretor de disciplina, já lhe havia avisado que não podia mais frequentar a escola, a não ser para fazer as provas finais. Porém, mesmo assim, Humberto terminou bem o curso e prestou vestibular para agronomia, sendo aprovado. Então, começou uma nova era na vida de Humberto, a era da turma “Cavanhaque de Urubu”, de 1967 a 1970.

A turma do Clube Cavanhaque de Urubu sempre se destacou na universidade. Ainda como calouros, promoveu uma espetacular mobilização na universidade que culminou em uma greve geral, mostrando a força que esses calouros tinham.

Ainda no primeiro ano, Humberto ganhou um automóvel de seus pais. Muito animado e sem experiência nenhuma de direção veicular, ele capotou o veículo na viagem que fazia de Belo Horizonte a Viçosa. O carro ficou tão danificado que não teve possibilidade de ser recuperado. No ano seguinte, seus pais lhe deram um Jipe, com o qual ele ficou por algum tempo na escola.

Durante o período que esteve fazendo o curso de agronomia, Humberto se associou a um produtor rural do município de Viçosa para produção principalmente de batata inglesa (*Solanum tuberosum*). Em seguida, seu pai lhe presenteou com um carro Impala, uma sensação na época. Mesmo assim, Humberto não deixou de produzir batatas. Este carro lhe trouxe muitas alegrias e para seus colegas também, visto que ele os visitava em suas cidades por algumas vezes, a exemplo da visita realizada ao seu amigo Corujão em Varginha. Após muito esforço, chegou-se ao final do último ano do curso de agronomia, uma grande festa de formatura, em 15 de dezembro de 1970. Humberto foi escolhido como orador da turma na solenidade de colação de grau.

Após algum tempo, Humberto e seus colegas cavanhaqueanos, Danilo Celso Santana e Antônio Pereira Armondes se reuniram e criaram uma empresa de consultoria agropecuária no norte do país, chamada PLANTAM – (Planejamentos Técnicos da Amazônia Ltda). A sede da empresa ficava em Araguaína, TO. A empresa chegou a ter treze escritórios distribuídos nos estados do Pará, Maranhão e Tocantins. Com o tempo, Humberto e os sócios adquiriram algumas fazendas nesses estados. Como os negócios da empresa diminuíram, os sócios decidiram desfazer a sociedade. Armondes ficou com as fazendas no Tocantins, Danilo com uma fazenda no Sul do Maranhão e Humberto com terras no Oeste do Maranhão. Armondes faleceu prematuramente, em um trágico acidente de carro na rodovia Belém-Brasília.

Humberto continua com suas propriedades desenvolvendo atividades de cria, recria e engorda de bovinos para corte. Mas, para chegar aonde Humberto chegou, foi uma luta árdua e cheia de injustiças. Houve muitas investidas para tomar suas terras para fins de reforma agrária. Isso demandou a criação de um grande grupo chamado UDR-MA (União Democrática Ruralista do Maranhão), como meio de defender suas terras com muita bravura. Humberto, à frente desse movimento, em todas as ocasiões, participou da diretoria da UDR-MA. Porém, mesmo nos momentos de glória, ele não perdeu sua principal virtude, a Humildade.

Arame-MA, 12/01/2020.

ILÍDIO DYRCEU ALMEIDA DE CARVALHO



Minhas Origens - Nasci em Montes Claros, MG, no dia 03/06/1945, filho de Ilídio José de Carvalho (1916-1997) e Joana Almeida de Carvalho (1912-2005). Apesar de ter nascido em Montes Claros, até os cinco anos, vivi numa fazenda no município de Francisco Sá (a 50 km de Montes Claros), pertencente ao meu avô materno Coronel Altino Miranda (1877-1963). Aos seis anos, por motivo de doença da minha mãe, mudamo-nos para Montes Claros. Mas, a minha paixão pelo meio rural se manifestou desde cedo e passava todo o período de férias na fazenda.

Eu era o terceiro filho em uma prole de seis. Meu irmão mais velho, aos 12 anos, foi para o seminário em Diamantina. O segundo, adquiriu bronquite asmática que o impedia de ir para a fazenda. A terceira era a única mulher. Eu e os dois mais novos formávamos um grupo. Íamos para a fazenda juntos e crescemos juntos (barezinhos, festinhas, namoradas etc.).

Fiz o curso primário no Grupo Escolar Gonçalves Chaves. O ginásial cursei no Colégio São José (Colégio Marista), ambos em Montes Claros. Terminado o curso ginásial, parei com os estudos e fui para a fazenda. Meus avós haviam falecido e meu pai já era proprietário de parte das terras. Eu já não era mais o menino que “ia passar férias”. Assumi mesmo o trabalho: acordava na madrugada para tirar leite, amansava cavalo e conduzia boiadas. Em síntese, era um peão. Nisto, surgiu na fazenda um técnico para colher o sangue das vacas para fazer exame de brucelose. Um marco importante na minha vida. Ele me falou em uma escola em que se estudavam coisas de fazenda e, assim, pela primeira vez, ouvi falar de **Viçosa**. Renasceu em mim a vontade de voltar aos estudos. Falei com minha mãe e ela, que morria de vontade que eu estudasse, chamou-me para dar um passeio em Viçosa, e fomos.

Na secretaria da Escola, chamaram um aluno do curso agrotécnico, natural de Montes Claros, para conversar comigo. Veio o Armando (Cacheado), o que foi ótimo porque já éramos conhecidos, pois havíamos sido colegas em Montes Claros no curso ginásial. E o Armando, com aquela tranquilidade e educação que lhe são peculiares, falou-me dos detalhes do curso técnico, concurso para entrar, cursinho etc.

No meu retorno, já não fui mais para a fazenda. Comprei alguns livros e fiquei em Montes Claros estudando. Aí, um novo fato marcante aconteceu. Uma família de Coração de Jesus mudou-se para uma casa próxima à minha. Nesta família, havia uma menina linda, de prosa fácil e agradável, chamada Waldívia Lafetá Queiroz que, mais tarde, passou a se chamar Waldívia Queiroz de Carvalho (1949-2017). Mas esta é outra longa e linda história.

Ingresso na UFV - Na minha primeira viagem para estudar em Viçosa, aconteceu outro feito importante: tomei o ônibus da “Viação Pássaro Verde”, com o coração apertado, sozinho, sem conhecer ninguém. Havia deixado a namorada, a família, os amigos, tudo para trás, dentro daquele ônibus numa terrível sensação de solidão. Aconteceu que, depois de Mariana, o ônibus atolou (depois de Ouro Preto, a estrada era toda de chão) e todos desceram. Vi dois jovens conversando animadamente. Muito timidamente, aproximei-me deles, que me receberam muito bem. Eram Rogério, que logo se transformaria em Paulo Canabrava, meu amigo inseparável, e seu primo Marcelo, que já conheciam Viçosa, pois estavam no cursinho fazia um ano.

Graças ao Rogério, fiquei conhecendo a pensão de Dona Lourdes, onde me hospedei e Deus me deu a oportunidade de fazer amizades maravilhosas que perduram e amadurecem a cada dia: Mendel, Batuíra; Eurípedes e Garibalde. Com o Paulo Rogério Canabrava, também, foi que aprendi a estudar “para valer”, inclusive virar a noite estudando, coisa de que eu nunca nem tinha ouvido falar.

Curso na UFV - Em 1964, entrei para o agrotécnico, sementeira dessa grande irmandade Cavanhaqueana. Entre birinaitas, choros e alegrias regadas com muitas e florescentes amizades, cheguei ao vestibular.

Em 1967, entrei para o curso de agronomia da então Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG). Por vários motivos, principalmente pela seca prolongada, meu pai teve que vender a fazenda e nós entramos numa crise financeira difícil. Eu já não podia mais morar na cidade (pensão de dona Mulata). Não encontrando vaga nos alojamentos do curso superior, tive que morar no “Alojamento do Agro” que, pouco tempo depois, pegou fogo. Incendiou. Aí, fomos morar, temporariamente, em um alojamento construído para fazendeiros visitantes. Daí veio o nome dado pelos estudantes de “Fazendinha”, que era localizado do outro lado do córrego São Bartolomeu. Era aquela farra, passar para lá e para cá na pinguela do córrego. Depois, fui morar no apartamento cinco do alojamento velho, tendo como companheiros Paulo Rogério Canabrava, Antônio Garcia, Chico Barcelos, Eudaldo e Maurilio (Zé Curau). Se fôssemos contar a história estudantil destes personagens, cada um deles daria para escrever um livro. Recebíamos no apartamento cinco muito agradáveis visitas que compunham nosso grupo de estudos: os irmãos inseparáveis Renato Ladeira Costa, Itamar Pereira, Nicolau e outros para um carteadado. Também Hélio Matsucuma, João Bosco, Esaó, Margô e outros. Havia, também, a turma que, apesar de dizer que gostava de Gil e Caetano, visitava-nos todos os dias, depois do jantar para ouvir músicas caipiras na velha eletrola do Curiango.

Desde a época do agrotécnico, o Kamelo e eu formávamos uma dupla inseparável e de uma amizade à toda prova. Quando estávamos no segundo ano de agronomia, por problema de saúde, tive que ir para Montes Claros para me cuidar. Se eu tivesse 25 % de faltas em determinada matéria, tomava segunda época e três matérias de segunda época provocavam a perda do ano. O sistema de chamada era da seguinte forma: as carteiras eram numeradas e cada aluno tinha a sua. Um funcionário da escola, com um mapa da sala, abria a porta silenciosamente e marcava, no mapa, as carteiras vazias. Neste período em que eu me ausentei para tratamento de saúde, o Paulo Canabrava não pensou duas vezes, arriscando levar uma segunda época ou até mesmo perder o ano: em uma aula, ele se assentava na minha carteira, e na outra, na dele.

Dezembro de 1970 - Aconteceu a esperada formatura para engenheiro-agrônomo. Devido à situação financeira da família, não participei dos festejos da formatura. Participei apenas da colação de grau. Este é o motivo, portanto, de eu não ser visto em nenhuma foto nessa data.

10 de julho de 1971- Casamento com Waldívia Queiroz de Carvalho (Diva), que veio a se formar em medicina em 1975.

30 de abril de 1972 – Nascimento da minha primeira filha, Anamália. Formou-se em medicina. Deu-me dois netos: João Victor e Miguel.

20 de junho de 1973 - Nascimento da minha segunda filha, Cristina. Formou-se também em medicina. Deu-me uma neta Ana Letícia, que recebeu o título carinhoso de professora de Whats App dos Cavanhaqueanos.

14 de maio de 1974 - Nascimento dos gêmeos Rogério (homenagem ao meu fraterno amigo, Paulo Canabrava) e Humberto. Este, no encontro da turma em 2018, tornou-se um Cavanhaqueano por afinidade. Ambos também formados em medicina.

Logo após a formatura, ingressei na ACAR (Associação de Crédito e Assistência Rural) quando, após os cursos preparativos, fui nomeado para o escritório local de Janaúba, onde trabalhei no programa do CONDEPE (Conselho Nacional de Desenvolvimento da Pecuária), elaborando e implantando projetos de pecuária de corte. Posteriormente, fui transferido para Bocaiuva e depois para Montes Claros, onde passei a coordenador do escritório local.

Em 1976, desliguei-me da EMATER e fui convidado, juntamente com os colegas cavanhaqueanos Evode, Sebastião Oliveira e Helmut Rupim (acho que do Carcará), a trabalhar no CONDEPE em que, sob a orientação de Herbert Vilela (conhecido pelo codinome Sansão em Viçosa), desenvolvemos uma pesquisa com o título “Formação de Pastagens sob Técnicas Modernas”. Em 1978, retornei à EMATER como extensionista local em Montes Claros. Em 1979, saída definitiva da EMATER. Tentei e fui aprovado (graças à forte base de conhecimentos recebidos na UFV), no vestibular para o curso de medicina da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Em 1984, diplomado em Medicina.

Especializações:

- ✓ Médico do Trabalho.
- ✓ Clínica Médica: dois anos de residência no Hospital Universitário da UNIMONTES e CTI na Santa Casa Nossa Senhora das Mercês de Montes Claros.

Monografia:

- ✓ “Prevalência de Silicose nas Fábricas de Cimento, Ferro Silício e Pedreiras nos Municípios de Montes Claros, Bocaiúva, Pirapora e Várzea da Palma”.

Trabalhos como médico:

- ✓ Pronto-socorro nos hospitais São Lucas e Santa Terezinha - Montes Claros.
- ✓ Prefeituras municipais de Juramento, Jequitaiá, Itacambira, Lagoa Grande, Gameleira, Turmalina em atendimentos ambulatoriais, hospitalar e plantões.
- ✓ Médico do trabalho dos servidores da Prefeitura Municipal de Montes Claros (Por concurso público).
- ✓ Diretor clínico e administrativo do Hospital Maternidade João Paulo II.

Como se pode ver, a índole do vaqueiro e agrônomo prevaleceu no médico. Apesar do sacrifício, contrato de trabalho de 8 horas/dia, porém, o juramento de Hipócrates e minha consciência cristã obrigavam-me a trabalhar 24 h por ser, às vezes, o único médico da comunidade. Mesmo assim, eu apreciava muito o trabalho em pequenas cidades onde os pacientes eram geralmente de origem rural e nós nos entendíamos agradavelmente bem. Ainda, por ser conhecedor do vocabulário matuto, muitas vezes ajudava-me no estabelecimento do diagnóstico.

Em 2002, com todos os filhos já formados e estabelecidos, passei a residir, juntamente com Waldívia, em nossa fazenda, no município de Coração de Jesus. Resumimos bastante o nosso trabalho médico e passamos a nos dedicar à criação de vacas nelore. Tudo em pequena escala. Não tínhamos a intenção de criar preocupações. Muito pelo contrário.

23 de junho de 2016 - Óbito de Waldívia. Perda irreparável para mim. Éramos companheiros inseparáveis na criação dos filhos, no trabalho médico (abandonei a agronomia e enfrentei novamente os bancos escolares para ficarmos mais juntos), no trabalho da fazenda, nos trabalhos religiosos.

Após o inventário, pretendo mudar o nome da nossa propriedade para fazenda DW (Dyrceu e Waldívia), em homenagem à minha saudosa e eterna companheira.

Continuo levando a vida, procurando cada dia me aproximar mais dos amigos e da família e estou feliz assim.

É esta a minha história. Por enquanto...

ITAMAR PEREIRA DE OLIVEIRA



Nasci em Piraúba, MG, no dia 20 de dezembro de 1944. Como base da minha família, tenho como expoente meu pai, de origem rural, descendente de portugueses, e minha mãe, verdadeira brasileira com mistura de sangue de negros e brancos deste Brasil. Minha família é formada por minha mãe, Albertina Rodrigues Pereira, meu pai, Dario Alves de Oliveira, e oito irmãos: Raul, Maria, Carolina, Carmem, Sebastião, Darci, Itamar e Helena. Vivemos juntos até todos os irmãos se tornarem adultos. Fui criado em ambiente simples do meio rural, mas sempre organizado. Na família, de minha parte, foram acrescentados minha esposa Maria do Carmo, duas filhas biológicas (Aline e Luana), um filho de criação (Celso), uma netinha (Liz) e dois netinhos (Marcelo e Benjamim). Desde criança, sempre fomos rodeados de primos, primas, sobrinhos e amigos.

Nossos brinquedos, quando meninos garotos, eram natação em ribeirão e riachos, jogar peladas de futebol, imitar carros de boi de sabugos com chifres de arames, trepar em árvores, fazer gangorras e correr atrás de animais no campo. As irmãs, como sempre, ajudavam minha mãe nas suas tarefas caseiras, cuidavam dos menores, brincavam de boneca, de cozinhar, costurar, cantar as cantigas de roda e cuidar da casa.

Como criança, fiz as artes normais de uma pessoa em desenvolvimento, embora, naquele tempo, eu tenha sido uma criança tímida e, muitas vezes, introvertida. Entre os oito irmãos, eu fui o primeiro a transgredir o poder econômico da família e procurar estudar sempre que alguma oportunidade aparecesse. Tive todo o apoio de todos da casa, em razão da minha condição da saúde que, naquele tempo, não era muito boa.

O empurra-empurra de empresários sempre teve saídas convenientes para justificar a falta de trabalho e de emprego, em razão da falta de vivência dos candidatos com a prática. Não estavam na moda as palavras “estagiários” ou “estagiárias”, nem o termo *trainees*, como se diz atualmente, de maneira sofisticada. Mas, sempre foram explorados os iniciantes e a mão-de-obra temporária sob o apoio das leis; sendo no papel tudo muito organizado e justificado, mas, na hora do contrato, a história variava. Para se conseguir este estágio profissional de vida, mesmo trabalhando de graça, era difícil sobreviver. Uma mão-de-obra treinada, nem sempre especializada, ainda naquele tempo, constituía uma concorrência para os profissionais tradicionais das pequenas cidades. Trabalhei como vendedor de verdura, em loja, bar, hotel e restaurante, auxiliar de salas de aulas, laboratórios, escritório, professor e pesquisador. Com orgulho, faria tudo de novo.

Conheci todos os problemas de uma família de pouco recursos, além dos ambientes de cada setor por onde passei. Meu comportamento social nunca se modificou daquele da minha origem. Após o primário, fiquei três anos à procura de trabalho, que não aconteceu. Daí, a pequena cidade me deu a chance de fazer o curso ginásial, assim chamado naquele tempo. Isto, depois que se fizesse um curso de admissão durante um ano para, depois, tentar o vestibular. Fui aprovado, sob a torcida de um colega, André Xavier, mais tarde prefeito por algumas vezes, que sempre me incentivou. Fiz o curso técnico em agricultura na Universidade Federal de Viçosa, além de ter conseguido me formar em agronomia, em 1970, e terminar o curso de mestrado em 1975 nesta mesma instituição.

Anteriormente, graças ao Projeto Rondon, experimentei uma situação de que não me esqueço. Após a formatura da graduação, surgiu uma chance de trabalhar em Manaus. Embora fosse séria, parecia brincadeira de um jantar na casa de um prefeito daquela cidade. Essa pessoa que me valorizou veio me dizer que, quando eu me formasse, teria

chance de trabalhar com ele. Quando chegou novembro, recebi um fax e as passagens para eu comparecer na prefeitura de Manaus. Mas, agradei porque meu pai adoeceu e sempre achei que a razão foi o fato de que eu ia sair. Ele sempre foi meu ídolo e, como não quis opinar sobre minha vida, fui trabalhar na Estação Experimental de Rio Pomba, MG, sob a indicação do Dr. Nadim Prata. Isso ocorreu em 1970/71. Como, na época, ainda havia resquícios de uma modalidade de governo militar, o país estava parado e não havia concursos. O Ministério da Agricultura estava com falta de funcionários formados. Assim, um grupo de profissionais agrônomos foi trabalhar em estações experimentais e institutos, oportunidade em que fui aceito no Instituto de Pesquisa do Centro Oeste-IPEACO. Meu contrato de gaveta terminou após dois anos e, por minha conta, cheguei até o CNPq, que já conhecia o problema desses profissionais, e recebi uma bolsa para fazer o mestrado. Enquanto fazia mestrado, fui fazendo concursos e fui aprovado no Ministério da Agricultura. Quase terminando o mestrado, o chefe de recursos humanos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) veio à UFV, recolheu meu contrato para iniciar como funcionário estável e me contratou para fazer pesquisa, com o compromisso de que eu devia ir para o Centro Nacional de Pesquisa de Arroz e Feijão - CNPAF, em Goiânia. Sabendo que o salário era muito bom, tudo chegou na hora certa. Após cinco anos, licenciado, fui fazer doutorado na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz - ESALQ em 1980. Após dez anos, fui fazer um pós-doutorado na State University of Queensland, Austrália. Atualmente, estou terminando o pós-doutorado em forragicultura no Instituto Federal-Campus Rio Verde, possivelmente para ser um aposentado atualizado.

Conterrâneos que eu admirava foram muitos. Vários quiseram que eu voltasse para minha terra, pois conheciam em mim qualidades que nunca senti. Após 1990, dediquei-me à pesquisa e tudo que consegui devo a estas faculdades que me formaram e me fizeram um profissional. Recebi duas ou três propostas para voltar, mas, devido a fatos inconvenientes, agradei e continuei em Goiânia. Tive a chance de conhecer e até me relacionar com pessoas mais dedicadas à pesquisa e ao ensino da época. Participei de programas importantes de pesquisas. Publiquei vários trabalhos baseados em pesquisa e muitos outros em nível de extensão e divulgação, incluindo artigos científicos, capítulos de livros, documentos e circulares técnicas. Tive a sorte de trabalhar de norte ao sul do País, participei de várias organizações básicas na EMBRAPA, exerci minha função em grande número de dias de campo para todos que desejassem. Como profissional, nunca marginalizei ou selecionei clientela. Sempre recebi, em minha sala, qualquer nível social. O que me importava era o atendimento. Por isso, nunca tive muito tempo de ficar com meus filhos. Mas, hoje tenho procurado compensar minha ausência com a presença que faço para os meus netos.

Devo agradecer a todos que me ajudaram, em todos os sentidos, na UFV, professores que são muitos e especialmente ao professor Clibas Vieira que sempre me dava sua colaboração nos trabalhos de feijão; ao professor José Francisco que me tolerou como estagiário bolsista de campo na UFV; ao Dr. Francisco Nogueira do IPEACO, meu primeiro chefe oficial; ao professor orientador do mestrado Paulo Begazo; ao professor Cid Fonseca que sempre foi amigo durante o curso e me tratava como filho tanto durante como depois de formado; ao professor Eurípedes Malavolta, com quem aprendi o que é profissionalismo e simplicidade no período de minha orientação em Solos e Nutrição de Plantas, em 1980; e à professora Joana Döbereiner, que sempre dava bons conselhos profissionais de pesquisa em fixação biológica de nitrogênio. Cada uma dessas pessoas me ensinou um processo de vida para sobreviver.

Tive e tenho muitos amigos, acredito que pela vontade de sempre caminhar em frente. Tive decepções com pessoas, mas, com cada uma delas aprendi mais sobre a vida. Nessa

caminhada, fiquei longe da família, embora sempre em contato com todos os seus membros. Tive amigos comuns, amigos políticos, amigos de bar, enfim, amigos para valer! Profissionalmente, consegui realizar o que eu gostaria de ter feito. Desde adolescente, eu sonhava com as estações experimentais, para onde exatamente fui levado naturalmente. A vida, até hoje, foi boa para mim.

Tive muitos amigos de escola e, desses amigos, muitos já se foram para o andar de cima. Contudo, a melhor recordação que guardo foi do meu curso técnico. Aprendi o valor de uma amizade em um ambiente muito diferente daquele espaço onde fui criado. Como amigo em todos os sentidos e em todos os tempos foi José Carlos Cruz. Naquele tempo, além de colegas, tive professores que gostavam da profissão, incluindo orientações de vida, de excelente relacionamento humano, aquilatando sempre o meu comportamento pessoal para aceitação social de docente.

Eu não era pessoa abonada, mas sempre fiz planos para o futuro, nem que fosse em sonho encontrar uma condição de vida, mesmo sabendo que a concorrência era grande. Mas, sempre acreditando que, entre os muros, haveria uma brecha para vencer. Com a vivência, cometendo muitos erros, aprendi a lidar em todos os ambientes.

Quase todo semestre, eu atrasava a volta para casa, aguardando algum dinheirinho chegar para voltar de trem, fosse esse dinheirinho enviado por meu pai ou proveniente de algum trabalho que eu tivesse feito em casa. Nosso colega Humberto de Melo Carneiro sempre quebrou meu galho financeiro para eu chegar à casa de meus pais mais cedo.

Dinheiro para gastar eu não tinha, mas a UFV, naquele tempo, apoiava com alimento e internato. Amigos e colegas, que gostavam de tomar cerveja, ganhavam no carteadado o dinheiro para tomar cerveja. Gratuitamente, agradeço para sempre nosso colega o augustíssimo Dr. Mateus Bressan, mais tarde chefe do SRH-Brasília. Com muita honra, foi a pessoa que me deu a boa notícia de que eu já era funcionário da Embrapa e que já tinha oito salários para receber como pesquisador. Mais tarde, entrou o Dr. Coqueiro no DRH-Brasília, com toda boa característica de ser humano, sabia cobrar com retidão e fineza.

Por motivos pessoais, eu me aposentei da EMBRAPA em 2006, depois de minha luta para recuperação de dois anos trabalhados e não considerados na contagem de tempo nos anos 2001 e 2002. Devo dizer que trabalhei sem vínculo empregatício por mais de dez anos. Consegui, antes e após minha aposentadoria, trabalhar na Universidade Católica de Goiás, na Faculdade Montes Belos por mais de dez anos e ser bolsista de desenvolvimento regional do CNPq durante três anos.

A ocupação em trabalhos funcionais fez com que eu me isolasse muito das obrigações sociais. Mas, por outro lado, deu-me a tranquilidade de uma aposentadoria suficiente para agradecer a todos e a todas as forças espirituais que me orientaram para o lado do bem. Tenho saudade de tudo e de todos, aprendi a criar um ambiente de amizade com pessoas jovens e pessoas idosas. Acho que cumpri minha obrigação como ser humano, mas ainda peço algumas coisinhas que gostaria de ter, como viver pelo menos um século, como aconteceu com meu pai. Nada em minha vida chegou de graça, mas me sinto feliz de ter sabido caminhar entre todos os meandros que o destino me traçou. Graças a Deus, tive minhas funções cumpridas sem nunca querer ser bandido ou sonhar ser herói!

IVAN JOSÉ FERREIRA



Nasci na cidade de Presidente Olegário, MG, em 10/11/1947. Morava na zona rural no município de Patos de Minas, MG. Alí, estudei do 1º ano ao 3º ano primário. Concluí o primário e a admissão, no colégio interno de Araguari. Retornei a Patos de Minas, onde cursei o ginásial, no colégio Marista. Transferi-me para a cidade de Viçosa, MG, onde fiz o curso agrotécnico. Esta opção de estudar em Viçosa foi um pouco por influência de meu pai que, também, fez o curso de agrotécnico na Universidade Federal de

Viçosa e, também, pelo fato de que toda a minha família está ligada ao meio rural.

Desde a minha aprovação no vestibular, iniciei minha participação residindo na 4ª seção do prédio velho, onde fiquei até a formatura. Nesta seção, lembro-me de residir junto ao José Carlos, Peloso, Garibalde, Kajiwara e Lúcio Cordeiro. No último ano, fiz diversificação em zootecnia.

Durante o curso, participei de uma excursão à minha cidade, Patos de Minas, com grande parte dos colegas do Cavanhaque. Ficamos hospedados na casa do meu avô José Antônio, um casarão antigo, onde ele viveu por muitos anos.

Em 1971, após a formatura, iniciei as minhas atividades profissionais na antiga ACAR-MG, hoje EMATER-MG. Alí, iniciei no programa ACAR-CONDEPE, programa de atividades pecuárias na cidade de Abaeté, MG. Após dois anos, fui transferido para a cidade de Paracatu, MG, para participar da implantação de um programa pioneiro na área de cerrados, o POLOCENTRO. Depois, fui transferido para Unaí, MG, para participar do programa POLOBRASÍLIA. Em Unaí, participei das atividades de extensionista local. Depois, fui promovido a coordenador regional de projetos, na área de pecuária, na mesma regional de Unaí.

Em Unaí, participei, por 12 anos, do conselho de administração da Cooperativa Agropecuária de Unaí Ltda. e participei, também, da fundação do SICOOB Noroeste de Minas, do qual sou sócio fundador. Em 2002, fiz opção pela aposentadoria e, a partir daí, dediquei-me à atividade de produtor rural, tanto em Unaí quanto em Monte Alegre de Goiás, atividade a que me dedico até hoje.

Em 1973, casei-me com a Vânia e tivemos três filhos: Tatiana, formada em ciências da computação, trabalha na tecnologia do Banco do Brasil, em Brasília, e nos deu dois netos (João Vítor e Júlia); João Gilberto, nosso segundo filho, médico veterinário, dedica-se à atividade de pecuária de corte em Monte Alegre de Goiás e nos deu dois netos (João Pedro e Lara); Guilherme, nosso filho mais novo, formado em odontologia e, posteriormente, em direito, trabalha no TRT-RO, na cidade de Porto Velho e nos deu dois netos (Arthur e Isabela). Ele faleceu em 12 de abril de 2021.

JAIIME REZENDE DO VALLE



Filho de Antônio Rodrigues Filho e Jacyra Maria do Valle, nasceu no dia 24/05/1943, em Viçosa, MG. Foi diplomado no curso técnico em agricultura pela Universidade Federal de Viçosa no ano de 1966. Em 1970, formou-se no curso superior de engenharia agrônômica na

Universidade Federal de Viçosa. Em 1972, mudou-se para Manaus, onde iniciou suas atividades profissionais como engenheiro-agrônomo, atuando como extensionista agrícola B da Associação de Crédito e Assistência Rural – ACAR/AM que, posteriormente, passou a se chamar Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Amazonas (EMATER-AM).

Na EMATER-AM, Jaime atuou como especialista em olericultura e fruticultura e como coordenador de programas de fitotecnia. Ele foi um dos pioneiros na implantação do plantio de laranjeiras na região do Rio Preto da Eva, AM, usando a técnica de enxertia por “borbulhia”. Fez diversos testes de combinações entre variedades de porta-enxertos, destacando-se a combinação da laranja pera-rio enxertada em tangerina da variedade Cleópatra, que se adaptou bem à região. Foi ele quem idealizou e providenciou o nosso querido Romualdo, símbolo que esteve sempre presente em todas as competições esportivas disputadas pelo Cavanhaque.

Jaime foi casado com Joseliza Lázara Freitas Rezende do Valle, com quem teve dois filhos: Mário Freitas do Valle, engenheiro de produção, e Dalton Freitas do Valle, engenheiro florestal, com mestrado em ciências florestais. Mário é casado com Elisângela Aguiar do Valle e tem dois filhos: Raquel e Igor. Dalton é casado com Shamila Evellem Magalhães da Silva.

Jaime faleceu em Manaus, aos 61 anos de idade, em 30/09/2004, deixando muita saudade por parte de seus familiares e amigos. Sua bondade, simplicidade e alegria serão sempre lembradas por todos que tiveram o privilégio de conhecê-lo!

Em 01/04/2019, a Prefeitura Municipal de Rio Preto da Eva, AM, inaugurou uma escola rural de ensino fundamental na Estrada ZBF, em plena Floresta Amazônica, que recebeu o nome “Escola Municipal Jaime Rezende do Valle”, em homenagem a ele, por seu trabalho em benefício do desenvolvimento da citricultura nesse município, considerado o maior produtor de citros do Estado. Em suas atividades como extensionista em várias cidades do interior do estado do Amazonas, Jaime ministrou treinamentos, palestras, além de assessorar os técnicos agrícolas na prestação de assistência técnica aos produtores locais, com o objetivo de aumentar a produção agrícola.

A última atividade que Jaime exerceu foi no Departamento de Agricultura da Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), por meio da FUCAPI, onde atuou no mapeamento das áreas do Distrito Agropecuário de Manaus, em especial, a vicinal ZF-7B.

Jaime foi um profissional competente, trabalhador, honesto, ético, humano, que sempre valorizou a realidade da Amazônia, dedicando sua vida à agricultura. Ele sempre valorizou, também, o conhecimento e a educação de qualidade. Valorizava muito as amizades. Era um companheiro para toda obra. Gostava de caçar, pescar e viver em contato com a natureza. Possuía um velho Corcel, muito bem conservado, no qual ia todos os fins de semana, geralmente em companhia de Tatão Leco-Leco (Sebastião Eudes), seu

grande amigo e companheiro, para seu sítio denominado Carapanã, onde se divertiam tomando todas. Quando estava “pra lá de Bagdá”, gostava de gastar um “latinorum” em frases improvisadas, mas espirituosas. A sua preferida era *Anus embriagatus dominum ignorantus est*.

Notas: 1 - A redação deste texto contou com a colaboração de **Sebastião Eudes** e de **Aloísio Geraldo Soares Osório**.

2 - Jaime Rezende do Valle, como agrônomo, deu um exemplo do que a população da Amazônia está precisando: alternativas econômicas e tecnológicas. Esta homenagem póstuma, 15 anos após seu falecimento, retrata o reconhecimento da população, enquanto que ONG, ambientalistas, muitos pesquisadores e governos de países desenvolvidos se perdem em ideias ficcionistas para a região. Seu legado foi a relevante contribuição que deu para o desenvolvimento da citricultura no estado do Amazonas. Alfredo Homma.

JOÃO BATISTA DA SILVA



Filho de Antônio Batista da Silva e Maria Ximenes Silva, nascido em 30/07/1948, na cidade de Cambucí, RJ, concluiu o segundo grau no agrotécnico, UREMG, 1966. João Batista era um garoto extrovertido, irreverente, chegado numa molecagem. Entretanto, era estudioso e bom aluno. Casou-se com a irmã do Aloísio Geraldo Soares Osório, filho da laboriosa D. Aurora, conhecida de todos os Cavanhaqueanos. Colou grau no curso de agronomia em dezembro de 1970. Iniciou suas atividades profissionais na ACAR Amazonas, em Manaus e, posteriormente, na Embrapa, em Brasília.

JOÃO BOSCO DE CARVALHO



Origem – Sou o 12° e caçula, filho dos agricultores João Antônio de Carvalho (1903-1968) e Maria do Carmo de Carvalho (1903-1986). Nasci em 01 de janeiro de 1948, num casarão construído por meu avô na fazenda Estreito, às margens do alto Rio Pardo. O município de Santa Rita de Caldas, com cerca de 10.000 habitantes, fica no Sul de Minas, em meio às montanhas da Serra da Mantiqueira. Até os quatro

anos, vivia na fazenda entre muitos irmãos. Na fazenda, a diversidade de atividades (gado de leite, galinhas, suínos, ovinos, laranjeiras, videiras, pessegueiros e figueiras, milho, feijão, mandioca e uma horta) fazia nosso cardápio e nossas receitas. Uma paineira fornecia os nossos travesseiros e as palhas de milho, os colchões. Açúcar, sal, sapatos e tecidos para confeccionar roupas eram o que se comprava na cidade. No quintal, um forno de tijolos assava biscoitos, broas, pães, frangos e leitões. Os “trens de cozinha” e roupas eram lavados na bica d’água. Nos fundos, um córrego com muitas quedas acionava o monjolo e o moinho de pedra, onde se processava o milho, fazendo canjica, quirera ou

canjiquinha, fubá e fubá mimoso. À noite, a engenhoca do moinho de pedra era ligada ao gerador para iluminar a casa. Um fogão a lenha com serpentina aquecia a água da pia e da banheira e, à noite, esquentava a prosa da família em volta da taipa, depois de rezarmos o terço. O carro de boi fazia os transportes na fazenda e levava os queijos, porcos, uvas e pêssegos para os mercados e para as fábricas de vinho e doces nas cidades. A “geladeira” era uma lata de querosene onde minha mãe armazenava as carnes de porco em meio à gordura. Família católica, só íamos à cidade assistir à missa e fazer compras. Uma vez por ano, meu pai organizava uma romaria a Aparecida.

Aos quatro anos, fomos morar numa chácara, nos arredores da cidade, mas sempre estava de volta à fazenda. Antes ou depois das aulas no grupo escolar, bola de gude, carrinhos de roda de madeira descendo as ladeiras, finca, rodar pela cidade pilotando um arco de ferro ocupavam meu tempo. Nadar no Rio Claro, nos fundos da chácara, rendia a mim e a meu irmão muitos puxões de orelha. Nas andanças pela cidade, os artesãos (sapateiro, ferreiro, marceneiro e carpinteiro) me fascinavam; ficava horas a observar suas habilidades.

Saindo de casa - Aos 11 anos, ingressei no Seminário Diocesano de Pouso Alegre. Depois, deixei o Seminário e fui estudar como interno no Colégio Marista de Poços de Caldas. A disciplina rígida e a qualidade dos professores me proporcionaram boa formação. Em 1965, cursando o 2º ano do ensino médio, fomos informados de que em 1966 já não haveria mais o 3º ano científico. Meu cunhado, João Sabino Neto, engenheiro-agrônomo pela UREMG em 1962, trabalhava na ACAR e, nas férias, eu gostava de acompanhá-lo nas andanças pelo campo. Ele descobriu que a UREMG iria iniciar a primeira turma do COLUNI e consegui uma vaga para o 3º científico.

A vida na Universidade – Com alunos vindos de várias escolas, a direção do COLUNI decidiu revisar o primeiro e segundo científico até o mês de maio para, só então, iniciar o terceiro científico. Foi o que eu precisava para passar no vestibular da Universidade. Durante o COLUNI, morava numa república com os “Carcarás” Carlos Henrique Novita e Gilberto Laranjeira. Em 1967, já na Universidade, fui morar na 1º seção com Liesse e Eudaldo Baiano. Nos finais de semana, o apartamento se transformava num cassino frequentado pelos amantes do pôquer, entre eles, o Garcia. Depois, Eudaldo, Leôncio, Garcia e eu fomos morar na sétima seção e, mais tarde, no prédio “novíssimo”. Esses três colegas, mais Zé Leite, Zé Carlos, Ivan Ferreira, Ênio e A. Cloves eram os colegas mais próximos. À noite, descia de bicicleta uma ou duas vezes na semana para ver as novidades no cinema da cidade. Paulo del Giudice, Condé, Márcio, Comastri, Chotaro e Salassié foram meus mestres preferidos. O restaurante universitário era uma opção econômica e de ótima qualidade. Tinha especial predileção pelos mingaus de aveia, maisena, fubá e sagu no café da manhã.

Desde o 1º ano, era grande a responsabilidade dos alunos com relação à “cola”. Gostava de exatas. No 4º ano, optei por engenharia agrícola. Na turma de 14 alunos da diversificação, os professores passavam as provas e voltavam para o departamento. Ao final do expediente, nem todos haviam terminado. O professor permitia que os últimos levassem as provas para o alojamento e entregassem no dia seguinte.

A vida profissional – Em 1971, por opção, voltei para minha terra para cuidar de questões familiares e, durante esse ano, assessoriei o prefeito da cidade. Em 1972, ingressei na ACAR. Fiz treinamento pré-serviço em Viçosa e Itanhandu. Em Carmo de Minas, município importante na produção de leite e ovos, fiz meu primeiro trabalho como extensionista.

Em 1973, assumi o escritório de Brasópolis, com muito café e leite. Com a proximidade de Itajubá, em 1974, resolvi dedicar minhas noites a um curso de economia na Faculdade de Ciências Econômicas do Sul de Minas. Em 1975, continuei o curso no período noturno até que assumi o escritório de Cambuí, onde morei por seis anos. Atendia Cambuí, Córrego do Bom Jesus, Bom Repouso e Estiva, municípios com alta concentração de lavouras de batata e morango. Como a irrigação estava presente nas lavouras de morango e em algumas de batata, estava agora na minha praia. Mas, isso teve um preço: mais distante da faculdade, frequentei as aulas de economia nos finais de semana e, em dezembro de 1975, tranquei a matrícula para não sacrificar a família.

Com mais dedicação e especialização na irrigação, em 1982, assumi o programa do PROVÁRZEAS no regional de Unaí, onde reencontrei o colega Ivan Ferreira. Fronteira agrícola importante, Unaí atraía muitos empresários, principalmente do sul do Brasil. Nesse ambiente, iniciamos os trabalhos com irrigação por aspersão, parte deles com pivô central, novidade para o cerrado. Em 1984, na Universidad de Los Andes, (Mérida, Venezuela), fiz um curso de especialização em planejamento e manejo de bacias hidrográficas no CIDIAT (Centro Interamericano de Desarrollo Integral de Águas y Tierras). Em 1986, assumi as mesmas funções no PROVÁRZEAS, no regional de São João del Rei e, no 2º semestre, no regional de Uberaba.

Ao final de 1986, tomei a decisão de procurar emprego na iniciativa privada. Mandeí currículo para dois anúncios do jornal O Estado de São Paulo. Chamado para os dois, optei por trabalhar com o Sr. Olavo Barbosa, pioneiro na produção de leite tipo A no Brasil, que tinha uma fazenda de 10.000 hectares em Pereira Barreto, SP, às margens do Rio Tietê. Com irrigação, ele queria aumentar a exploração da fazenda, mas as nascentes eram insuficientes. Uma barragem no Rio Tietê a jusante da fazenda iria inundar cerca de 8 % das terras e permitiria a irrigação, mas o projeto de irrigar foi adiado. Na época, só havia bovinocultura de corte em regime extensivo. Propus recuperação das pastagens degradadas com plantio de soja, seguido de milho para silagem e, por último, formação de pastagens. Depois de um confinamento experimental, o proprietário decidiu que deveríamos planejar e executar um confinamento para 10.000 cabeças. Visitamos os melhores confinamentos do Sudeste e Centroeste e iniciamos a execução do projeto. Em 1990, deixei a fazenda já com 6.000 bois em confinamento. Depois de uma breve passagem por outra fazenda em Sud Menucci, retornei para as minhas bases em Poços de Caldas, onde abri uma empresa de consultoria.

Em 1992, fui fazer um trabalho para a Fahma (mais tarde, Plena) na região de Montes Claros e, depois, pela mesma empresa, fui prestar serviços ao distrito de irrigação de Jaíba, onde permaneci por 12 anos. Foi uma experiência muito rica, pois trabalhávamos com mais de 130 produtos, todos irrigados. Em 1998, fizemos uma viagem ao Canadá, onde visitamos lavouras de olerícolas nas províncias de Saskatchewan e Quebec, extremamente mecanizadas. Nesse período, fiz dois cursos de pós-graduação na UFLA: administração rural e gestão de micro e pequenas empresas. Depois, passei a trabalhar para o próprio distrito até 2005, quando voltei a trabalhar com a Plena num programa de reabilitação dos perímetros irrigados da CODEVASF e DNOCS nos estados de SE, AL, BA, PE, PB e RN.

Em finais de 2006, fui a Angola para coordenar uma equipe no planejamento e execução de projetos de quatro perímetros irrigados em quatro províncias do país. Trinta anos de guerra civil haviam destruído tudo e o país estava em reconstrução. Era um contraste ver técnicos brasileiros, portugueses, chineses e, em menor número, espanhóis, ingleses, americanos, russos, sul-africanos, israelenses etc., e uma população com educação precária e, no interior, tradições tribais.

Aí permaneci nas minhas idas e vindas de 2007 a 2013 quando, finalmente, resolvi retornar para Poços de Caldas, onde tenho, em parceria com um colega, uma empresa de consultoria agropecuária. Aposentado, dedico meu tempo às atividades da empresa.

A família – Graças a Deus, encontrei na família o porto seguro durante essa caminhada. Casado desde 1973 com Tânia, advogada, aposentada pelo Tribunal de Justiça de Minas Gerais, tivemos duas filhas: Carol (advogada) e Sílvia (engenheira agrônoma). Carol, casada com Fajer, tem um filho, Otávio (11/2005), mora e trabalha em Poços de Caldas. Sílvia, casada com Mauro, mora em São Paulo. Trabalhou em empresas de *headhunter* para agronegócio, mas deu um tempo para se dedicar aos filhos Gustavo (06/2017) e Laís (02/2019).

JOAQUIM RESENDE PEREIRA



Minhas origens - Nasci no dia 26/03/1943, no meio rural, na Fazenda “Boa Vista”, município de Piau, MG. Meus pais eram Maria José Loures Pereira (1910-1991) e Antualpa Arantes Pereira (1916-1997). Sou o segundo de oito filhos. Com menos de um ano de idade, minha família se mudou para a Fazenda Santa Cecília, vizinha da Embrapa, à época Estação Experimental de Água Limpa, do Ministério da Agricultura. Meu pai trabalhava como administrador da Fazenda Santa Cecília. Tive uma infância muito humilde e simples. Ajudava os meus pais no campo, cuidando de plantações de milho, laranja e outras fruteiras. Também ajudava minha mãe com as tarefas de casa. Meus pais eram muito bons comigo e com meus irmãos, mas também eram muito rigorosos em relação à formação do nosso caráter. Sempre trabalhei e me esforcei muito.

Fiz o primário e o ginásio na escola da Estação Experimental de Água Limpa e na Escola Professor Renato Eloy de Andrade, em Coronel Pacheco. Estudei na Escola de Iniciação Agrícola de Machado, MG, onde me formei em iniciação agrícola. Depois disso, estudei na Escola Agrícola Diaulas Abreu, em Barbacena, onde me formei como técnico agrícola em 1966.

Ser agrônomo era uma escolha natural para mim, pela vontade dos meus pais e também pela minha. Nasci e gosto do contato com o campo, gosto da lida e da vida simples.

O ingresso na UFV - Escolhi a Universidade de Viçosa em função de ser uma instituição renomada e próxima da casa dos meus pais. Cheguei em Viçosa em 1967. Como recepção, minha mala foi jogada na piscina, com todos os meus pertences. Esse foi um fato marcante na minha chegada. Fui morar no alojamento 15. Lembro-me dessa época, dos colegas Ivan Costa, Laercio Zambolin, George Kling, Rolf Puschmann, Reginaldo Amaral, Evode José dos Santos, Geraldo de Andrade, Luciano Patto Novais, dentre outros.

O curso de agronomia na UFV - O curso exigia dedicação com esforço. Contudo, consegui me formar sem grandes dificuldades. Eu gostava mais das disciplinas ligadas aos animais, como zootecnia e fitotecnia. As disciplinas de que eu menos gostei foram economia e estatística.

Nas férias, voltava para a casa dos meus pais. Nas horas vagas, gostava de ouvir música, jogar futebol e assistir jogos na televisão.

Minha vida profissional - Meu primeiro emprego foi na Associação de Crédito e Assistência Rural de Minas Gerais (ACAR), onde atuei no período de 1971 a 1974 nas cidades de São João Del Rey e Além Paraíba, onde conheci a minha esposa.

Em 1974, fui chamado para trabalhar na recém-criada Embrapa. Na Empresa, trabalhei por um ano em Pelotas e, logo em seguida, saí para cursar o mestrado em fitopatologia na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, em Piracicaba. Foram dois anos bem duros, mas concluí o curso com grande satisfação. No meu retorno, trabalhei mais dois anos em uma unidade no Rio de Janeiro.

A maior parte da minha carreira foi construída na Embrapa Gado de Leite, onde trabalhei entre 1981 e 2006. Primeiramente, o trabalho era em Coronel Pacheco e, a partir de 1997, em Juiz de Fora. Mesmo como pesquisador, minha atuação principal foi na área de transferência de tecnologia. Sempre me conectava aos agricultores e me esmerava em entender os problemas e oferecer respostas, na forma de conhecimento que adquiri ao longo da vida. Quando não estava ao meu alcance, buscava auxílio de colegas e amigos, em uma rede de trabalho muito colaborativa.

Foi na Embrapa que fiz meus grandes amigos e vivi bons momentos na construção da Empresa. E foi em Juiz de Fora que formei a minha família e estabeleci os meus vínculos. Em 2006, optei por sair no Programa de Demissão Incentivada da Embrapa. Saí da Empresa deixando muitos amigos e com a sensação de ter contribuído com muitas pessoas, produtores e colegas.

Minha família - Fui casado com Regina Célia por 30 anos, até o falecimento dela, em 2004. Tive quatro filhos. Priscila nasceu em 1979, mas faleceu com menos de um mês. Guilherme, hoje com 39 anos, é estudante de filosofia e poeta; Vanessa, hoje com 36 anos, é doutora em economia aplicada pela UFV e analista na Embrapa desde 2011; e Paula, atualmente com 33 anos, é bióloga e pós-doutoranda em fisiologia vegetal na UFV. Tenho, também, uma linda neta (Elisa), filha da Vanessa com meu genro João Marcelo. Tive a oportunidade de retornar a Viçosa diversas vezes nos últimos anos, aproveitando que minhas filhas lá residiam, e revi diversos amigos. Tenho um apreço especial pela Universidade e pela cidade.

Atualmente, moro em Brasília, em razão da maior necessidade de cuidados com a minha saúde. Em 2006, tive o diagnóstico da doença de Parkinson. Desde então, faço tratamento e busco me cuidar ao máximo. Tenho uma rotina bem cuidada para ter maior qualidade de vida. Faço atividades físicas, muitos passeios pela Capital e tenho bons momentos com a minha netinha. Sempre que possível, retorno a Juiz de Fora para rever familiares e amigos. As lembranças do tempo de Viçosa, juntamente com a minha história de família, são uma parte boa da minha vida, que me trazem força nessa fase de desafios de saúde mais frágil.

Brasília, 09 de janeiro de 2020.

Nota: Essa autobiografia foi escrita pela minha filha, **Vanessa**, com base nas minhas histórias e relatos, tentando buscar fatos relevantes da minha história de vida, desde a infância até a atualidade.

JOSÉ ALOÍSIO DE CARVALHO



O agrônomo José Aloísio de Carvalho nasceu em Cristina, MG, em 19/11/1940. Seus pais, José Ananias de Carvalho e Maria José de Carvalho tiveram 13 filhos. José Aloísio é o quinto filho do casal. Fez seus estudos na sua cidade natal no Grupo Escolar Carneiro de Rezende. Foi influenciado por seu pai a fazer agronomia. Passou no vestibular em engenharia florestal e, no ano seguinte, transferiu-se para agronomia. Morou no alojamento da Universidade. Formou-se nos dias 15 e 16 de dezembro de 1970.

Casou-se no dia 06/04/1974 com Zilda Maria Rennó Carvalho e tiveram três filhos: Eduardo Rennó Carvalho, médico, formado na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em 2001, casado com Annelise Silva Corrêa Rennó Carvalho. Seus filhos: Maria Eduarda Corrêa Rennó Carvalho e Marcelo Corrêa Rennó Carvalho. Karina Rennó Carvalho, administradora de empresas, formada na Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Sul de Minas (FACESM) em 2002, casada com José Adilson Andrade Silva. Suas filhas: Sabrina Rennó Andrade e Marina Rennó Andrade. Carolina Rennó Carvalho, farmacêutica, formada na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) em 2004, casada com Correggio Daniel Fernandes Barbosa. Sua filha, Ana Clara Rennó Barbosa.

José Aloísio trabalhou na Cooperativa dos Bataticultores (COBATA) da cidade de Maria da Fé, MG. Fez curso de produção de batata, em 1986, em Canoinhas, SC. Trabalhou, também, com topografia. Faleceu em Itajubá, MG, no dia 08/12/1996 e foi enterrado na sua terra natal, Cristina.

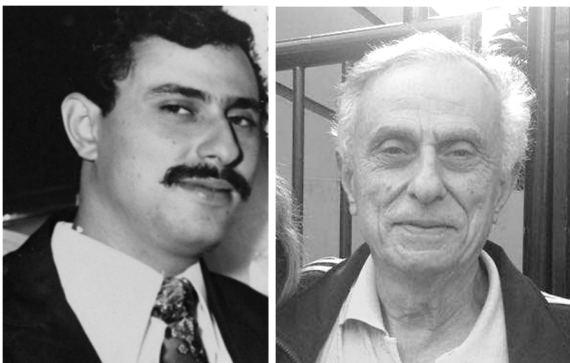
Saudade eterna!

Zilda Maria Rennó Carvalho

Avenida Henriqueto Cardinali, 441, apto 302, Bairro Varginha, Itajubá, MG, CEP 37.501.150

Nota: Esta biografia teve a colaboração do João Bosco de Carvalho, que recorreu a um amigo comum, Juvenal de Oliveira que acrescentou o seguinte texto: “Ele trabalhava como RT pelos campos de produção de batata-semente. Acho que não exerceu atividade rural própria. Exerceu, após a Cooperativa (COBATA), trabalhos com topografia, ótimo trabalho, ficou doente...”.

JOSÉ ANTÔNIO OBEID



José Antônio Obeid nasceu em Viçosa, MG, em 30/09/1947. Filho de Chahid Sleiman Obeid (09/03/1907-05/10/2000), imigrante libanês aportado no Brasil em 1920, daqueles que chegam sem “eira nem beira”, fruto do casamento com a brasileira Luzia Vieira Obeid (04/09/1920-18/10/2011). Sou, no linguajar da genética, um autêntico ½ sangue. Desde cedo, levado pelas dificuldades da vida, fui iniciado no trabalho. Já aos sete

anos, sempre após as aulas, lá ia eu cumprir, na pequena loja de meu pai, a tarefa que me cabia como filho mais velho: levar-lhe café e água filtrada na velha moringa de barro que, às vezes, escapulia de minhas mãos ainda com pouca força, e fazer a limpeza diária dos sapatos do mostruário, que se empoeiravam todo dia como se fosse para me castigar. Ainda assim, havia tempo para estudar e para um pouco de diversão como rodar pião, jogar precipício e bolinha de gude na companhia de João Bolinha, meu vizinho e mestre no assunto, mais tarde, Prof. João Camilo Milagres, expoente do melhoramento animal no Brasil.

Assim se desenrolava minha vida, estudando num período no Grupo Escolar Coronel Antônio da Silva Bernardes, hoje, CASB, onde concluí o primário. A cada dia que passava, aquele barro disforme ia sendo moldado por professores e professoras que fizeram do magistério um verdadeiro sacerdócio. Aproveito o momento em que faço a história de minha vida para reverenciá-los, alguns, perfeitamente vivos em minha memória: a dedicação da D. Ritoca; a eficiência da D. Tide, mãe da Eliana Romeiro, minha colega cavanhaqueana; o coração grande do gozador contumaz Prof. Lopes; o notável professor de matemática e exímio contador de História Geral do Brasil e das Américas, Pedro Gomide Filho; a retidão e a severidade do Prof. Januário de Andrade Fontes que, até hoje, me faz recordar o francês aprendido na “marra” durante a minha passagem pelo ginásio no Colégio de Viçosa até o segundo ano do científico, quando me despedi daquele educandário.

O tempo corria ligeiro. A aprovação em 1966 no exame de seleção para o recém-criado COLUNI, Colégio Universitário da UREMG, encheu-me e aos meus de imensa alegria. No meu entender, eu era, naquele momento, um universitário, pois, afinal de contas, ingressara na UREMG. O nível era tão alto que a maioria dos colegas foi se desligando e se transferindo para outros colégios da região para conseguir concluir o segundo grau. Fiquei no meio dos remanescentes. Valeu a pena. “Combati o bom combate”. Venci. Décimo oitavo lugar no vestibular da UREMG de 1967. Orgulho para mim, para meus pais semialfabetizados e para minha jovem namorada e futura esposa.

Iniciei o curso escolhido mais pelas circunstâncias do que pela vocação, pois engenharia civil só existia nos grandes centros, muito longe do meu alcance. Os anos passaram rápidos como sói passar o tempo dos muito ocupados. Chegou o último ano e, com ele, o desejo de me diversificar em zootecnia. O gosto pelos animais, a dedicação e a convivência harmoniosa dos professores com os estudantes, decantadas na comunidade universitária, levaram-me definitivamente à zootecnia. Durante o ano de 1970, aprendi técnicas, consolidei meus conhecimentos e me empolguei com o nível de conhecimento e com o elevado calor humano daquela grande família. Desfrutei da solidariedade humana de um departamento do qual, posteriormente, tive a honra de fazer parte até me aposentar. Em 1970, fui convidado pelo diretor da ESA a integrar seu corpo docente como Auxiliar de ensino. O desejo de me casar levou-me a optar pela ACAR que, à época, pagava salário duas vezes superior àquele oferecido pela UREMG. Como vêm, os baixos salários do magistério não são de hoje. Como extensionista, trabalhei na regional de Valadares, em Aimorés, no programa ACAR-CONDEPE, um programa de fomento à pecuária de corte, capitaneado pelo saudoso Prof. Mattoso, pai do nosso colega Marcos.

Retornei a Viçosa para iniciar a pós-graduação em 10/03/1972, dez dias após o início do curso, pois só então ficara sabendo da concessão de uma bolsa pelo CNPq, de valor três vezes inferior ao que recebia na extensão. O curso foi difícil e árduo, mas, 18 meses depois, com a dissertação publicada, iniciava meus trabalhos na UFV. Impregnado pelo entusiasmo dos jovens e tendo-me identificado com algumas novas áreas do saber, fui contaminado pela proficiência de professores recém-chegados do exterior. De todos eles, herdei conhecimentos e virtudes que procurei conservar e transmitir nos milhares de horas

de aulas ministradas na graduação e na pós-graduação, a dezenas de estudantes orientados e/ou aconselhados, nas inúmeras bancas em que tive a oportunidade de presidir ou de participar, nos inúmeros trabalhos científicos publicados em vários congressos, encontros e simpósios científicos nacionais e internacionais, alguns dos quais coordenados ou presididos por mim.

Membro da Sociedade Brasileira de Zootecnia - SBZ desde 1973, fui eleito para o corpo editorial da Revista Brasileira de Zootecnia - RBZ, publicação técnica de conceito internacional, tendo nele permanecido por cerca de duas décadas. Em 2005, tornei-me também pecuarista, recriando e engordando novilhos de corte. Nesta atividade, apliquei as tecnologias aprendidas ao longo dos anos, aproveitando os resultados confirmados que passaram a ilustrar minhas aulas, consultorias e assessorias. Continuo até hoje com a propriedade de onde, em um regime exclusivo de pastejo, são produzidos cerca de 50 novilhos acabados por ano, numa área de pastagem de cerca de 60 ha.

Em Viçosa, constituí minha família e, com minha esposa Lenira, criamos nossos dois filhos que aqui estudaram e concluíram o COLUNI, o colégio de aplicação da UFV, um dos melhores do Brasil. O primogênito, Wallace Nogueira Obeid, hoje com 43 anos, tendo trocado a medicina pelo direito, tem pós-graduação e milita na área trabalhista em Belo Horizonte. O segundo, Marcelo Nogueira Obeid, é cirurgião dentista com pós-graduação em dor orofacial e articulação temporomandibular, trabalhou por vários anos em Belo Horizonte e, hoje, é proprietário da Pousada Casa da Moeda, em Brumadinho, MG.

Como católico praticante, participei das várias etapas do Encontro de Casais com Cristo, Cursinho de Igreja, Pastoral do Dízimo e, atualmente, sirvo na Pastoral da Família com Acolhimento de Noivos (preparação para o casamento) e na Pastoral da Liturgia (leiturista e comentarista de missas).

Estudante e ao mesmo tempo comerciário, engenheiro-agrônomo, mestre e doutor em zootecnia, técnico de nível superior, professor colaborador, auxiliar de ensino, assistente, adjunto e titular, pesquisador bolsista do CNPq, consultor “ad hoc” do CNPq, FAPEMIG, FAPESP, FUNDECT e das revistas CERES, RBZ, BIOSCIENCE, assessor técnico da Granja Resende S.A., Uberlândia (1976-1977), assessor técnico da Fazenda Canaã, Canápolis, MG, (1975), pesquisador (1973-1975) e diretor da Central de Experimentação Pesquisa e Extensão do Triângulo Mineiro - CEPET (1976-1978), chefe da seção de forragicultura do Departamento de Zootecnia da UFV (1979-1985), membro da Comissão de Sementes e Mudas do Estado de Minas Gerais - COESME-MG, membro das câmaras curriculares dos cursos de agronomia e zootecnia, membro do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão da UFV - CEPE, diretor do Grupo Tarefa Universitário-Campus Avançado de Altamira, PA, (1985-1987), diretor do Centro de Ensino de Extensão - CEE e pró-reitor de extensão da UFV (1992-1996).

“Por Mais Difícil Ou Longa Que Pareça A Caminhada, Ela Começa Sempre Pelo Primeiro Passo, Ao Qual, Outros Se Seguirão”.

E-mail: obeidja@gmail.com - (31) 99959-3132. Viçosa-MG

JOSÉ CARLOS CRUZ



Origem - José Carlos nasceu em Guiricema, Zona da Mata de Minas Gerais, em oito de novembro de 1948, filho de João Speridião Cruz e Hilda Costa Cruz. É o segundo filho entre os irmãos Renato, mais velho, Ivan, Maria Imaculada, Rosane e Cosme Damião. Todos os irmãos são também agrônomos. Completou seu curso primário no Grupo Escolar Coronel Luiz Coutinho e o ginásio no colégio estadual, ambos em Guiricema. Ingressou no curso agrotécnico em Viçosa e, posteriormente, na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), sendo graduado em agronomia em 1970, na atual Universidade Federal de Viçosa.

Foi casado com Elva do Carmo, também agrônoma, e tem quatro filhos: Eduardo, Juliana, Fábio e Ricardo. Logo após sua formatura, iniciou seu trabalho no estado do Espírito Santo como extensionista na ACARES. Posteriormente, retornou à UFV, onde fez seu mestrado (1972-1974) em agronomia (solos e nutrição de plantas), desenvolvendo sua dissertação “Efeito de diferentes tensões de umidade no solo, em duas fases da planta, com relação ao crescimento e produção do arroz”, tendo sido orientado pelo professor Silvio Starling. Após o mestrado, trabalhou no PIPAEMG (Programa Integrado de Pesquisa Agropecuária do Estado de Minas Gerais) e, posteriormente, na EPAMIG e EMBRAPA, ambas em Sete Lagoas, MG. Na EMBRAPA, além de pesquisador, ocupou o cargo de **Chefe Adjunto de Pesquisa**. Obteve o título de Ph. D. na Universidade Purdue, em West Lafayette, Indiana, USA (1979-1982) em manejo e conservação de solos, apresentando a tese “*Effect of crop rotation and tillage systems on some soil physical properties, fertilizer incorporation, plant nutrition, root distribution and crop production*”, tendo sido orientado pelo professor Willian C. Moldenhauer.

Em 2001, recebeu a “Premiação por Excelência” na categoria Destaque Individual na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Durante sua vida profissional, orientou vários estudantes de mestrado e doutorado, além de ministrar cursos e palestras. Também foi editor de livros e publicou vários artigos científicos. Foi considerado um dos maiores especialistas na cultura do milho no Brasil. Faleceu em 02 de junho de 2016.

José Carlos recebeu também várias homenagens do setor produtivo brasileiro.

Nota: Este texto foi redigido pelo seu irmão **Ivan Cruz**.

JOSÉ DOMINGOS FABRIS



Minhas origens - Nasci no dia 31 de outubro de 1948, em Cachoeiro de Itapemirim, ES. Meu pai, Atílio Fabris (1920-1981), minha mãe, Leonora Giro Fabris (1923-2005), e meus oito irmãos sempre foram e são minhas referências afetivas primordiais e supremas. Com eles, eu vivi no ambiente urbano de Cachoeiro, minha infância e minha adolescência. Um período do que guardo outras afetuosas lembranças: do jardim de infância e da Dona Geni, professora do pré-primário, a quem devo as primeiras noções da escrita que recebi. Aos sete anos de idade, iniciei o curso primário no Grupo Escolar Graça Guárdia; no ano seguinte, eu me transferi para o Grupo Escolar Bernardino Monteiro. Eram escolas públicas. Minha convicção é de que o

curso primário tenha sido definitivo na minha formação intelectual, em particular, do que ainda guardo, dessa época, a presença viva de Dona Iracema Volpini (1918-2004): seu temperamento afável e seu estilo incisivo e objetivo de ensinar. Frequentei o pré-admissão sob a zelosa orientação de Dona Maria de Lourdes (Dona Lulu), enquanto ainda frequentava o quarto ano primário. Cheguei ao curso ginásial no Colégio Estadual Muniz Freire (Liceu), em 1960, e ali também cursei o científico (ensino médio), de 1964 a 1966.

O ingresso na UFV - Em fins de 1966, eu estava formalmente apto a me candidatar a uma vaga na Universidade. As razões que me fizeram optar pela agronomia e prestar o vestibular na Universidade Federal de Viçosa (MG) não são claramente racionalizáveis, mas pode ter sido fortemente influenciada pelas origens camponesas dos meus ancestrais: meu avô, Domenico Fabris (1878-1952), chegou ao Brasil, à área rural do sul do Espírito Santo, com a família imigrante italiana, em 1879. A visão, provavelmente, então ainda lúdica da agricultura, era-me bela e inquietante: um imenso manancial de eventos biológicos, físicos e químicos interligados e isso estimulava minha ansiedade de conhecê-los mais de perto, em bases racionalmente mais maduras. Obviamente, à época, não me ocorria que o campo abrigasse outras questões dominantes, também interessantes, da estrutura produtiva, no enredo dos sistemas econômico e político, com profundas contradições sociais e severas implicações ambientais. Estimulava-me meramente embrenhar-me no exuberante mundo da natureza e, tanto quanto possível, conhecer detalhes de sua governança natural ou por indução antrópica. A enorme reputação acadêmico-institucional estimulava os jovens da minha geração a aspirar, preferencialmente, uma vaga na UFV. Nos primeiros dias de 1967, eu chegava a Viçosa para, daí a uns dois meses, deparar-me com as provas de seleção ao curso de agronomia.

O curso de agronomia (fitotecnia) na UFV - Tendo ingressado na UFV no primeiro período letivo de 1967, passei a ter os primeiros envolvimento diretos com as atividades das disciplinas básicas do curso. A partir do ano seguinte, o leque das disciplinas começava a surgir mais aberto, sobretudo em temas progressivamente mais profissionalizantes. Por volta de 1969, a UFV adquirira um computador IBM 1130. Podíamos, então, por iniciativa individual, ensaiar a programação digital, por codificação em cartões perfurados. Essa foi a minha primeira oportunidade de contato real com uma linguagem de programação de alto nível, a FORTRAN. A partir dessa época, exercitei, pois, com particular entusiasmo, a programação de computador. Nas férias de verão de 1970, antes do início do período letivo regular, estagiei por um mês na seção de fisiologia vegetal do Instituto Biológico de São Paulo. Colei grau na UFV em 15 de dezembro de 1970. De imediato, acompanhou-me certo sentimento de dúvidas sobre o que viria a seguir. Não me era claro o caminho a tomar; havia incertezas, ainda que não chegassem realmente a me angustiar. Eu estava profissionalmente surgindo de quatro anos sob sólida formação acadêmica, de um ambiente estudantil, de turma, de amigos fraternais e alegres. Movia-me a expectativa otimista de ter uma indicação, para mim e para os meus familiares, das alternativas plausíveis. Talvez, eu pensava, fosse preferível esperar um pouquinho mais e analisar o melhor cenário de oportunidades, a partir daí.

Minha vida profissional - Bem no início de 1971, fui convidado a integrar o departamento de química da UFV como auxiliar de ensino. Antônio Carlos Ribeiro, então docente desse departamento, esteve no centro do cenário e foi o arauto do convite. Aceitei-o. Fui efetivado, como o foi George Henrique Kling de Moraes, da nossa turma de formandos, no quadro docente do departamento de química UFV, em 1º de abril de 1971. Passamos, então, a integrar um pequeno grupo, que não chegava a dez docentes,

com uma expressiva carga didática. Não havia movimento científico, pelo menos numericamente, de expressão, que envolvesse o corpo do departamento. As atividades de pesquisa tinham duas vertentes principais: as conduzidas por Walter Brune (1912–2004), com alguns colaboradores, e a liderada pelo Renato Sant’Anna. Embora eu viesse a participar de alguns trabalhos científicos em colaboração com Walter Brune, não cheguei a integrar, sistematicamente, nenhum desses dois grupos de pesquisa. Recém-admitido no departamento de química, costumava apoiar-me na prática de Márcio de Moura Estêvão para sustentar meus compromissos didáticos. De real, o envolvimento com o ensino de química geral tomava-me quase inteiramente minha dedicação ao departamento. Passei, então, a considerar, firmemente, a possibilidade de me ausentar para um curso de pós-graduação em química. Era meu objetivo primeiro, naquela fase. Tive a anuência do departamento de química para a licença de afastamento para a pós-graduação, para o início de 1973. Submeti-me à prova de seleção ao mestrado no departamento de química da UFMG, em outubro de 1972. Aprovado, ainda que temporariamente, sem bolsa, iniciei a pós-graduação em química na UFMG no primeiro período letivo de 1973. Foi uma guinada substantiva na minha trajetória acadêmica, iniciada no curso de agronomia, na UFV! No segundo semestre de 1973, pude conceber um plano de trabalho experimental que constituiria a dissertação de mestrado, em resultado da primeira entrevista com o professor José Israel Vargas (1928), que assumiu a minha orientação acadêmica. Passei a trabalhar no grupo de Correlação Angular Perturbada (CAP), cujo laboratório estava montado nas dependências do departamento de física, no prédio do então Instituto de Pesquisas Radiativas (IPR). No grupo, estava Pierre Boyer, vinculado ao Centro de Estudos Nucleares de Grenoble (CENG), França. Entre 1975 e 1976, foi montado o laboratório CAP nas dependências do departamento de química da UFMG, que passou a contar com a participação do André Baudry, também do CENG, e do Antônio Marques Netto (1938-2015), do próprio departamento de química - ICEX, UFMG. Da minha entusiasmada experiência em programação FORTRAN, ainda do tempo de estudante da UFV, dediquei, em simultâneo às atividades experimentais, no laboratório CAP, uma parcela do meu tempo à programação de computador. Meu propósito era a adequação dos códigos de alguns programas, ou mesmo na escrita de algumas novas rotinas computacionais, da demanda do laboratório. Não cheguei a defender um trabalho acadêmico para o mestrado; mudei de nível no programa de pós-graduação e, com a anuência também da UFV, continuei diretamente o trabalho para o doutorado. Defendi minha tese para obtenção do título de Doutor em Ciências-Química, pela UFMG, no dia 10 de junho de 1977. Cerca de dois meses depois, eu partia para Grenoble, França, para um período de pós-doutorado, no CENG. Foi minha primeira experiência internacional independente, para um período extraordinariamente importante, dos pontos de vista pessoal, profissional, no rico CENG, e na rotina de vida, no cotidiano da França. O retorno, para reassumir minhas atividades como docente da UFV, deu-se em setembro de 1978. Quase tão logo cheguei à UFV, passei a responder pela chefia do departamento de química, em 3 de outubro de 1978. Um período intenso de trabalho administrativo, que foi até 14 de junho de 1983. Foi a época em que pudemos criar o programa de pós-graduação em agroquímica. Decidi interromper minha ligação funcional na UFV para, em 1º de maio de 1986, vincular-me à EMBRAPA, Centro Nacional de Pesquisa de Milho e Sorgo (CNPMS), em Sete Lagoas (MG). Foi uma nova mudança profissional, que apontava rumo diferente do da docência UFV. Permaneci no CNPMS até 14 de julho de 1997, quando me desliguei da Embrapa, em razão da opção que fiz, por ter sido aprovado no concurso de professor titular da UFMG. Voltei à atividade de docência acadêmica a partir de 15 julho de 1997. Aposentei-me da UFMG em 2 de março de 2010. Fui, então, bolsista CAPES, no programa Professor Visitante Nacional Sênior,

de 1º de abril de 2010 a 31 de março de 2018, na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), em Diamantina, MG. Ambiente novo, com a rotina profissional na UFVJM e a rotina de vida na cidade histórica. Com imenso orgulho pessoal, recebi o título de Professor Emérito do Instituto de Ciências Exatas da UFMG, em 11 de dezembro de 2017. O ciclo profissional na universidade em Diamantina encerrou-se em 31 de março de 2018. A partir de 6 de agosto de 2018, firmei contrato de professor visitante com o Instituto de Química da Universidade Federal de Uberlândia, MG, a que ora estou vinculado. Novo ambiente acadêmico e rotina de vida em uma cidade dinâmica, exuberante, com ares e dimensões de metrópole.

Minha família - O ano de 1973, na circunstância da minha chegada a Belo Horizonte para o curso de pós-graduação em química na UFMG, proporcionou uma conquista pessoal ainda mais importante. Conheci a Sônia, minha alma cúmplice. Casamo-nos em 1980. Temos duas lindas filhas, que encaminham suas carreiras com formações e atividades profissionais distintas à minha e mesmo entre as delas: a Isabella (1981), nutricionista (UFV) e advogada (Escola dom Helder Câmara), com mestrado em direito (Universidade de Coimbra, Portugal); e a Giovanna (1983), engenheira mecânica (UFMG), trabalha na CEMIG. Vivemos todos permanentemente em Belo Horizonte desde a década de 1990.

JOSÉ GARIBALDE DOS SANTOS



Nasci na pequena cidade de Itapecerica, MG, em 20/04/1947. Meus pais, Zama José dos Santos e Rita de Oliveira Santos, tiveram quatro filhos e eu era o caçula. Em seu primeiro casamento, meu pai teve dois filhos, totalizando seis irmãos. Minha primeira escola, onde estudei do primeiro ao quarto ano, se chama “Grupo Escolar Severo Ribeiro” e, nos dias de hoje, ainda é de relevância na cidade. Posteriormente, fui para o

“Colégio Estadual Padre Herculano”, mais conhecido como Ginásio, onde estudei até o final de 1963, atrasado dois anos, em decorrência de duas reprovações. O interessante dessa história é que cheguei a dar aulas de matemática nesta época para alunos com dificuldades e desfoquei em meus próprios estudos nas matérias de português e inglês, o que ocasionou as “bombas”. (Risos).

Em 1964, após completar o ensino médio, por indicação do supervisor do escritório local da ACAR, atual EMATER, passei um mês na cidade de Viçosa, hospedado na “Pensão da Dona Lurdes”. Nessa época, minhas refeições eram feitas na “Pensão de dona Chiquinha”, avó do colega José Geraldo Fernandes de Araújo, e foi lá que o conheci. Dediquei-me ao cursinho disponibilizado pela UREMG, posteriormente federalizada e nomeada UFV. Nessa ocasião, tive os primeiros contatos com colegas que seguiram comigo por todo o curso. Entre eles, Ilídio Dyrceu Almeida de Carvalho, Paulo Rogério Canabrava, Ivan José Ferreira, Eurípedes Barsanulfo de Souza e José Bатуíra de Assis. Este me convidou para batizá-lo na igreja Matriz de Viçosa, em 1970 (aos 23 anos de idade). A comemoração do batismo foi realizada de uma forma diferente, regada a cerveja e futebol, quando o Brasil foi campeão do Mundo, batendo de 4x1 na Itália.

Voltando ao assunto dos estudos, após um mês de cursinho, prestei o vestibular para o agrotécnico. Entretanto, não fui incluído nas 40 primeiras vagas disponíveis, tendo

alcançado a posição 42ª na lista de chamada. Desolado, voltei a Itapecerica no intuito de cursar contabilidade e por lá me acomodar. Para a minha surpresa e de mais alguns, a faculdade disponibilizou dez novas vagas, o que me possibilitou ingressar na UREMGE. Já no curso técnico, fui morar em um alojamento no campus da faculdade. Este curso foi concluído em três anos e, logo após esse período, prestei o vestibular e iniciei meus estudos em agronomia. Durante o período da faculdade, acontecimentos marcaram nossas vidas. Um dos mais marcantes em minha memória ocorreu no primeiro ano de curso. Um incêndio no alojamento, que destruiu todos os nossos pertences e tivemos que nos mudar para outra construção, apelidada, carinhosamente pelos alunos, de “Fazendinha”, lugar que nos abrigou por cerca de um ano. Já os outros anos foram mais tranquilos. Nos finais de semana, meus amigos e eu íamos jogar bola em cidades vizinhas de Viçosa como Porto Firme, Coimbra, São Miguel do Anta e Cachoeirinha, terra do colega Pelanca, e até ganhávamos alguns campeonatos regionais. Enfim, formei-me no ano de 1970, engenheiro-agrônomo pela UFV, dando início à minha vida profissional.

Meu primeiro emprego foi na EMATER, período em que desempenhei meus trabalhos na cidade de Curvelo, pelo programa CONDEPE (Conselho de Desenvolvimento da Pecuária). Nessa mesma época, conheci minha esposa, Evane, em um almoço na casa de seus pais, já que meu sogro (ele mal sabia que eu tomaria a filha dele para mim) havia me convidado, juntamente com outros colegas de trabalho, para tal ocasião. Casei-me e me estabeleci em Curvelo por quatro anos. Porém, no ano de 1974, fui transferido para o escritório da empresa em que trabalhava em Sete Lagoas, onde fiquei responsável pela implantação de um programa de melhoramento de pastagens. Meu primogênito nasceu nessa época e o chamamos de Rafael. Após um ano, fui novamente transferido, agora para o escritório da cidade, onde fui chefe da equipe de análise do programa regional Polo Centro. Mudei-me para Belo Horizonte em 1976, pois fui aprovado em um concurso para o BDMG. Neste tempo, tivemos nossa segunda filha, Priscilla e, nessa cidade, ficamos por 26 anos.

Aposentei-me em janeiro de 2003 e, novamente, regressamos a Curvelo. Nesses anos de aposentadoria, até os dias atuais, junto ao meu filho, tocamos a fazenda da família. Por um período trabalhamos com gado leiteiro e logo optamos pelo gado de corte. Nesse tempo, ganhei minha primeira neta, Gabriela, filha de minha caçula, Priscilla. Alguns anos depois, com o casamento de Rafael e Erika, minha nora, Rafaela veio ao mundo. Como toda família, a minha também tem suas diferenças, mas o amor sempre nos reúne no fim. Sou imensamente feliz em meu casamento. Tenho uma esposa maravilhosa que, junto comigo, enfrenta todos os obstáculos em nosso caminho.

JOSÉ GERALDO FERNANDES DE ARAÚJO



Nasci aos 28 dias do mês de março de 1945, num período em que o mundo estava passando por uma hecatombe. Estávamos no final da Segunda Guerra Mundial. O mundo, principalmente Europa e Ásia, havia perdido milhares de cidadãos e a destruição, nestes continentes, era uma realidade ímpar. Esta desestruturação mundial se refletia também no Brasil. Em face desses acontecimentos, a família de minha mãe, que morava em Viçosa, mudou-se para São João Nepomuceno, MG. Nesta cidade, já estavam radicados alguns de seus parentes e havia a possibilidade de trabalho na cidade por estar instalada ali uma grande fábrica de tecidos. Meu pai que, nessa época, já namorava minha mãe, permaneceu por um tempo ainda em Viçosa. Mas, depois, por facilidade de emprego, mudou-se, também, para São

João, vindo, posteriormente, a trabalhar na referida fábrica; depois de algum tempo, casaram-se nesta cidade. Aí nasci...então! Quando fiz três anos de idade, retornamos a Viçosa, onde meu pai foi trabalhar na antiga Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), naquela época já UREMG (Universidade Rural do Estado de Minas Gerais) e hoje, Universidade Federal de Viçosa (UFV), que começava a se tornar realidade. Nessa época, a instituição que ainda era conhecida como UREMG, estava em fase de expansão e consolidação de sua estrutura e necessitava de mão de obra para tal. Assim sendo, com este retorno às origens, minha família se estabeleceu de vez em Viçosa, onde passei parte de minha infância; fiz, aqui, parte do primário, pois a outra fiz em S. João Nepomuceno, quando fui morar lá com uma tia. Nessa época, Viçosa era, praticamente, uma vila; suas ruas, com honrosas exceções, eram calçadas e sua infraestrutura era incipiente. Para fazer o primário, iniciei-o nos porões do prédio principal da atual UFV, no espaço onde estava localizado, até alguns anos atrás, o Serviço de Pessoal (Recursos Humanos), pois não havia número suficiente de escolas primárias em Viçosa. Só depois de construído o grupo Cel. Antônio da Silva Bernardes (Grupo da Praça, hoje CASB), é que fomos transferidos da UREMG para ele, onde terminei o primário. Naqueles tempos, faltavam água e luz. A avenida que ligava a cidade à UREMG era de terra. Quando chovia, ficava praticamente intransitável. Do lado esquerdo da entrada da Universidade, onde atualmente há vários prédios e se entra para a antiga Vila dos Professores, existia o lixão de Viçosa. Chegar a Viçosa, naquela época, era só de trem - a velha Leopoldina. Após ter completado o primário, resolvi ser seminarista. Fui para um seminário em Correias, Petrópolis, RJ. Estudei aí, por, praticamente, sete anos. Na fase em que estava no seminário, estudei, principalmente, humanidades, línguas como latim e grego, história geral e do Brasil, entre outras disciplinas. Sou grato pela educação e pelos valores adquiridos nesse educandário. O tempo aí passado deu-me uma base intelectual-cognitiva e moral para ser o que sou. Após ter deixado o seminário, retornei a Viçosa, onde me preparei para prestar vestibular e ingressei no curso técnico em agricultura da então UREMG. Após o curso técnico, fiz vestibular para o curso de agronomia (1967). Na UFV, tanto no curso técnico como no superior de agronomia, levávamos nossas obrigações estudantis a sério, pois a instituição, através dos nossos mestres, cobrava-nos muito, além de não poder tomar bomba ou tirar notas ruins, tendo em vista o regimento interno estabelecer critérios de jubramento, ou seja, dispensar os alunos ruins. Era uma vida de trabalho duro, mas de grande camaradagem entre os alunos e professores. Não havia cola. Professores aplicavam provas, saíam da sala e pediam para o último aluno que a terminasse lhe entregasse no seu gabinete; isso acontecia e havia alguns que tiravam zero! Havia interesse em aprender e a ensinar! Apesar de toda exigência acadêmica, tínhamos, ainda, tempo para nossos campeonatos, nossas peladas depois das aulas e tempo para outros tipos de lazer, que a época e a cidade de Viçosa nos permitiam. Durante o curso de agronomia, participei da criação da bolsa rotativa e até fui seu secretário por alguns anos. Essa bolsa era formada por contribuições de ex-alunos e/ou instituições ligadas à área para ajudar alunos carentes no seu sustento na UFV. O aluno que a recebia era obrigado, além de ser aluno aplicado, depois de formado, a contribuir com um valor preestabelecido para ajudar outros alunos da UFV. Essa bolsa, em realidade, tinha todo um regimento formal jurídico que lhe dava sustentação e legalidade. Era, na época, no meu entender, um protótipo do atual FIES. Participei, ainda, como professor e tesoureiro do Ginásio Raul de Leoni, criado pelo Pe. Mendes na região de Viçosa, objetivando ajudar as pessoas carentes a obter seu ensino médio. Além de permitir contribuir para o bem comum, essa prestação de serviço ajudava-me, também, financeiramente na minha manutenção individual. Lecionei em cidades como Viçosa, S. Miguel do Anta e Paula Cândido. Enquanto era estudante, não frequentava muito as festas e outras atividades realizadas pelo centro acadêmico e pelos

colegas, devido à necessidade de trabalhar e, também, por morar na cidade. Depois de formado, em 1971, fui trabalhar na ACAR-MG (EMATER-MG), como extensionista local em S. João Nepomuceno, onde permaneci até 1973, quando fui transferido para o Centro de Ensino de Extensão - CEE/UFV/EMBRATER em Viçosa, como instrutor, responsável por lecionar algumas disciplinas para os novos profissionais iniciantes na carreira de extensionista. Neste centro, fiquei até 1974, não só como instrutor, mas também como responsável pelo Projeto-2 - Metodologias para Difusão de Tecnologias. Este projeto tinha como objetivo fazer chegar aos extensionistas locais as tecnologias geradas pela pesquisa por meio de várias mídias como rádio, TV, folhetos e outras publicações. Ele serviu como modelo para o programa Globo Rural da Rede Globo de Televisão. Enquanto permaneci no CEE/UFV, colaborava com o departamento de economia rural, ajudando a lecionar a disciplina Extensão Rural para os alunos pertencentes ao Centro de Ciências Agrárias. Em 1974, surgiu a oportunidade de trabalhar neste departamento, na área em que já colaborava. Por essa razão, desliguei-me da EMATER-MG e passei, em definitivo, a integrar-me a esse departamento e ao quadro de professores da UFV, iniciando, assim, minha carreira acadêmica. Na academia, passei por todos os passos exigidos para nela permanecer. Fiz meu mestrado na área de economia rural, dando continuidade à especialização que havia feito na minha graduação, ou seja, engenheiro-agrônomo, com especialização em economia rural. Fiz um curso de especialização em Israel, na área de planejamento e metodologia em trabalho de extensão rural; doutorado, na USP, em S. Paulo, na área das ciências da comunicação, para dar continuidade aos trabalhos acadêmicos que estava desenvolvendo no curso de mestrado em extensão rural, oferecido pelo Departamento de Economia Rural, onde lecionava; e pós-doutorado, na Espanha, objetivando atualizar-me na minha área de trabalho, bem como conhecer novas oportunidades e novas frentes que se abriam com relação ao mundo do conhecimento. Na academia, fiz outros tipos de trabalho como publicações científicas, participação em congressos e seminários, não só nacionais como internacionais, onde pude apresentar vários trabalhos científicos como autor e também como coautor com outros colegas da UFV. Contribuí, ainda, em vários projetos de mudança social como o PRODEMATA; MG-II; Programa Sobre Alimentação e Amamentação de Parturientes no Nordeste do Brasil, entre outros, financiados pelo BID e pela SEGEPLAN-MG. Lecionei, durante minha permanência na UFV, para aproximadamente seis mil alunos, entre graduação e pós-graduação. Creio que tenho muitos amigos e ajudei a colocar excelentes técnicos espalhados pelo Brasil afora, contribuindo para o engrandecimento da nossa agricultura e do Brasil. Durante minha permanência na vida acadêmica, fui representante do meu departamento em várias câmaras curriculares de diversos cursos, além de várias comissões na UFV, além de ter participado da Comissão de Avaliação do MEC para autorização de abertura de novas faculdades. Fui Diretor da Imprensa Universitária da UFV, época em que foi criada a Editora da UFV. Aposentei-me em 1999 na UFV e continuei a trabalhar em outras universidades particulares, não só como coordenador de cursos, mas também lecionando na graduação e pós-graduação. Até hoje continuo trabalhando. Até quando???

Minha família - Casei-me em 1972, quando ainda trabalhava na EMATER-MG em S. João Nepomuceno. Morei nessa cidade até 1973, quando fui transferido para o CEE/UFV, em Viçosa. Foi nesta cidade que todos os meus filhos nasceram. Um menino, hoje, já pai de família, tem um casal de filhos: uma menina com 12 anos e um menino com 9 anos. ; como profissão é Cirurgião Buco-Maxilo-Facial e mora em Porto Alegre, RS. Duas meninas, atualmente, duas mães de família; uma tem dois filhos: um com 14 anos e o outro com 12 anos; e a outra filha, uma menina com 7 anos. A primeira é advogada e

trabalha no Banco do Brasil e a segunda é farmacêutica, respondendo pela sua farmácia. Ambas moram em Viçosa. Como não os vi crescer, devido às exigências acadêmicas da época, hoje curto, além deles, minha esposa e os netos, servindo de motorista e outros ofícios para eles. Sinto-me realizado, pois tenho certeza de que tive fé e combati o bom combate!

JOSÉ JOAQUIM FERREIRA



Minhas origens Nasci em Viçosa (25/01/1948), onde passei minha saudosa infância, vivida nos tempos de cidades interioranas de vida pacata e tranquila: automóveis eram os táxis pretos, deslocava-se a pé ou de bicicletas, faziam-se as compras nas “vendas” e carnes nos açougues, leite e frutas na porta da casa. Não havia televisão e as famílias, frequentemente, se reuniam às tardes em frente a suas casas para as mulheres falarem sobre as ocorrências diárias, e os maridos, assuntos de política ou trabalho. A interação entre as crianças era intensa nas diversões próprias de cada época do ano: empinar papagaios em agosto (ventos), festas juninas em junho, bolinhas de gude, peladas (futebol), pião e outras quando não houvesse barro (chuva). Meu pai, Antônio Ferreira Coelho (1916-1965), e minha mãe, Maria Geralda Guimarães Ferreira (1924-1995), tiveram 11 filhos, dos quais sou o mais velho. Durante a minha infância e juventude, tive contato com atividades agrícolas ajudando meu pai na produção de hortaliças para consumo próprio e venda de excedentes e de leite de duas vacas em um sítio próximo à UFV. Passava as férias escolares na fazenda de meus avós e o que me marcou profundamente foi o *modus vivendi* de proprietários e empregados na trabalhosa atividade de produção de alimentos para a sociedade, na Zona da Mata de Minas Gerais. Meu pai era funcionário público de baixo salário e sua partida precoce para o reino de Deus deixou uma missão a ser continuada pela minha determinada e amorosa mãe: levar em frente a criação e educação de seus 11 filhos.

Ao longo da minha vida, sempre me adaptei bem ao convívio com as pessoas. Assim foi na minha infância, juventude e vida adulta. Cursei o primário no Grupo Escolar Arthur da Silva Bernardes e o secundário (ginásio) no Colégio de Viçosa, época em que conheci José Mauro Chagas e nos tornamos amigos e companheiros por toda nossa vida estudantil. Em 1964, fui um dos 16 nativos aprovados nas 40 vagas do curso técnico de agricultura (Agro) na UREMG. Este foi um grande marco em minha vida pelo choque de maturidade implementado por aquela experiência: um curso de nível médio dentro de uma universidade. Tínhamos a ACTA (Associação do Curso Técnico de Agricultura), criada nos moldes dos diretórios dos cursos superiores, aprendemos a ter respeito pelas nossas instituições, a eleger nossos representantes e a internalizar valores, sendo o mais importante a não “cola” nas provas, como princípio de honestidade e valorização profissional. A importância desta formação se manifestava quando os ex-alunos do agrotécnico ingressavam nos cursos superiores da mesma universidade, promovendo o comportamento e cultura “anticola”, que contribuía para a valorização dos profissionais formados na UREMG.

O ingresso na UFV - Como a maioria de nossos colegas do agrotécnico, influenciados pelo ambiente da UFV e pela convivência com familiares que viviam da atividade

agropecuária, optamos por fazer o vestibular para o curso de agronomia. O agrotécnico deu-nos uma ótima base de conhecimento, como também a determinação de nos dedicarmos ao estudo para atingirmos nossas metas.

O curso de agronomia na UFV - Iniciei o curso de agronomia em 1967, num período de agitação do movimento estudantil. Eu e meus colegas tivemos a oportunidade de conhecer o viés político no rumo do Brasil para o futuro. Temas como imperialismo, internacionalização da Amazônia, capitalismo x socialismo, grandes nomes como Che Guevara e Fidel Castro que, ao longo dos anos, tornaram-se referência para os nossos posicionamentos atuais. Internamente, tivemos a experiência da greve bem-sucedida para reclamar a racionalização do curso de química analítica ministrado por um prepotente professor. O sistema de ensino seriado, permanecendo os estudantes na mesma turma em todos os anos, deu-nos a oportunidade de uma alegre e profícua convivência durante todo o curso. A pressão do grande volume de conhecimento sobre agropecuária resultou na proposta da UFV de criar o último ano do curso com cinco diversificações, entre as quais optei por zootecnia.

Minha vida profissional - Após a conclusão do curso, ingressei na EMATER-MG e fui fazer o treinamento pré-serviço em Nanuque, quando recebi a comunicação de que meu nome havia sido aprovado para a pós-graduação na UFV. Durante o curso de graduação, senti-me atraído para continuar a acumular e aprofundar em novos conhecimentos. O curso de mestrado na UFV, naquela época, abriu para mim um cenário muito rico. A UFV se destacava como a primeira universidade a criar um curso de mestrado em zootecnia e isso fez com que estudantes de diferentes estados do Brasil e de outros países viessem estudar em Viçosa. Foram dois anos de muito aprendizado e de acúmulo de experiências da agropecuária de outros países. Encerrando o mestrado em fevereiro de 1973, fui contratado pelo PIPAEMG (Programa Integrado de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais) que, posteriormente, em 1974, tornou-se EPAMIG (Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais), para iniciar trabalhos de pesquisa em Sete Lagoas, MG. A deficiência de profissionais com pós-graduação no Brasil era grande e essa realidade foi captada pelo Alysson Paolinelli, com grande visão de futuro para o desenvolvimento da nossa agropecuária que, como Secretário de Agricultura de Minas Gerais e Ministro da Agricultura, apoiado pelo Presidente Geisel, promoveu uma grande onda de treinamento de pós-graduação no Brasil e no exterior para pesquisadores da EMBRAPA e de outras instituições de pesquisa. Selecionado pela EPAMIG, iniciei o curso de Ph. D. em 1976, na Purdue University, orientado pelo professor Carl Herman Noller, ligado à criação do curso de pós-graduação em zootecnia na UFV e em outras universidades do Brasil. Na Purdue University, tive uma fase de crescimento em conhecimento, de visão de meu país à distância no que tange ao seu potencial e ao fator que efetivamente é fundamental no desenvolvimento de uma nação - educação de qualidade em todos os níveis. Durante o curso, convivi com o colega do Cavanhaque, George Kling e com José Aldemir, contemporâneo da UFV e do agrotécnico. Tive, também, o grande prazer de conviver com os professores da UFV, Sérvulo Resende, Dirceu Teixeira Coelho e José Alberto Freire, que lá estavam cursando o curso de Ph. D. Convivemos com estudantes e professores de diferentes países do mundo. Ressalto a importância de se manter o estímulo a profissionais da pesquisa e ensino a fazer cursos no exterior pelo aprendizado da língua de outros países e o intercâmbio de experiências. Em agosto de 1979, retornei ao Brasil e fui lotado na Fazenda Experimental Santa Rita, em Sete Lagoas, para desenvolver trabalhos de pesquisa na área de alimentação de bovinos. Permaneci vinculado à EPAMIG toda minha vida profissional, aposentando-me em junho de 2009.

Minha filosofia de trabalho foi com base na demanda de informações tecnológicas, com retornos econômicos, pelos sistemas de produção prevalentes nas propriedades do estado de Minas Gerais. Assim, fui responsável pelo sistema de produção de leite de cruzamento das raças Holandesa e zebuínas por 25 anos. Este tipo racial representou e ainda representa a maioria das vacas em produção de leite no Brasil. Participei do grupo de pesquisa que promoveu e produziu resultados para o sistema de produção com vacas F1 (meio sangue Holandês x raças zebuínas). Estes trabalhos foram usados como referência pela EMATER para treinamento de técnicos e divulgação de tecnologias para os produtores rurais. Os projetos de pesquisa que foram desenvolvidos tiveram por objetivo gerar tecnologias para aumentar a rentabilidade dos sistemas de produção em avaliação na EPAMIG. Coordenei e desenvolvi, por 12 anos, pesquisas sobre raças, manejo, alimentos, subprodutos e aditivos para bovinos confinados na Fazenda Experimental de Felixlândia da EPAMIG, com intensa interação com a EMATER, através do coordenador de bovinos José Alberto Ávila Pires e do pesquisador Jose Reinaldo Mendes Ruas, também da EPAMIG. Desenvolvi, em parceria da EPAMIG com a EMBRAPA Milho e Sorgo, por um período de nove anos, um confinamento experimental para avaliação e divulgação de cultivares de milho e sorgo desenvolvidos por ela, para serem usados na alimentação de bovinos confinados. Enfoque maior foi dado na avaliação e recomendação do uso de cana-de-açúcar e silagem de milho na alimentação de bovinos. Os resultados destes trabalhos foram apresentados em cursos para técnicos da extensão rural, congressos, encontros técnicos, seminários, dias de campo e publicados em jornais, revistas técnicas e científicas e capítulos de livros. Na área administrativa, ocupei cargos de chefia técnica de centro regional de pesquisa e coordenador de programa estadual de pesquisa de bovinos.

Participações em conselhos e reconhecimentos honoríficos recebidos -

- Quando em curso nos Estados Unidos, fui convidado e me tornei membro da “Honor Society of Agriculture Gamma Sigma Delta”
- Fui membro do Conselho Curador da CERES - Fundação de Seguridade Social do Sistemas EMBRAPA e EMBRATER
- Fui membro das câmaras de assessoramento de Ciências Agrárias e de Veterinária e Zootecnia da FAPEMIG - Fundação de Amparo a Pesquisa de MG
- Recebi, em 1996, a comenda Dr. Bernardes Alves Costa, categoria Pesquisador, por serviços prestados à agricultura da região de Sete Lagoas.
- Recebi, em 2011, o título de Cidadão Honorário de Sete Lagoas.

Minha família - Moro em Sete Lagoas, sou casado com Maria Tereza Rocha e tenho quatro filhos: Marco Antônio, advogado; Cassandra, administradora de empresas; Raul Henrique e Ana Paula, ambos médicos. Tenho a imensa alegria de ter cinco netos: Davi, Laura, Helena, Felipe e Bernardo.

Sou imensamente grato a Deus por tudo que tenho e por continuar me guiando na minha trajetória de vida.

Sete Lagoas, 19 de julho de 2019.

JOSÉ LEITE DE ANDRADE



Nascido em Madre de Deus de Minas, em 27/12/1945, filho de agricultores, fiz curso primário em Conceição da Barra de Minas e o curso de admissão em Ibituruna, pequenas cidades próximas a São João Del Rei. Em Ibituruna, tomei conhecimento de Muzambinho, pois vários colegas estavam se preparando para fazer um exame no Colégio Agrícola de Muzambinho. Foi então que decidi, também, fazer parte daquela turma e ali foi o meu primeiro vestibular. Provas escritas e orais, todas eliminatórias, com mais de 200 candidatos para 40 vagas e consegui passar em oitavo lugar. Os aprovados já ficaram no colégio para o início do curso, mesmo porque, naquela época, de Muzambinho até minha casa eram três dias de trem. Colégio agrícola com ótima infraestrutura, fundado em 1954, ainda novo, pois era início de 1960, com ótimos professores, aulas em tempo integral e disciplina tipo colégio militar. Nessa turma entraram, também, Alberto Vasconcelos Costa e Denis Soares de Moraes, colegas que permaneceram até o final do curso de agronomia. Colégio em que éramos comprometidos com o estudo, disciplina e trabalho. Ali fizemos os dois primeiros anos do curso do primeiro grau, que correspondia ao curso de operário agrícola. Em seguida, fizemos novo exame de seleção para ir para o terceiro ano e mais dois anos, que correspondiam ao curso de mestre agrícola. Novo exame de seleção, agora para o segundo grau, que correspondia ao curso de técnico agrícola. Naquele colégio, permanecemos por sete anos e, nos últimos anos, tivemos um professor de agricultura recém-formado em Viçosa, entusiasta da profissão, o professor José Osório Freire. Ele teve grande influência em nossa ida para Viçosa.

No início de 1967, desembarcamos em Viçosa para um cursinho rápido para um vestibular dos mais disputados da região pois, curso superior, naquela época, era privilégio de poucas cidades no Estado. Mas, com muito esforço, conseguimos entrar na UREMGE. Foi um pouco difícil o período de adaptação, morando na cidade, depois em alojamento improvisado na escola. Em seguida, conseguimos alojamento no prédio novo da escola. Por coincidência, fui morar com Alberto Vasconcelos Costa e dividimos dormitório por onze anos. Nesse alojamento em Viçosa, tivemos como companheiro de quarto o colega Leôncio Manoel de Oliveira por quatro anos.

Em Viçosa, fiz agronomia, com diversificação em fitotecnia em grandes culturas. Em 1971, ingressei na ex-ACAR e fui trabalhar com horticultura em Uberlândia. Em 1972, fui transferido para Itajubá, para trabalhar com fruticultura. Em 1973, entrei no IBC - Instituto Brasileiro do Café e fui trabalhar em Machado.

Em 1976, com o pessoal de Machado, iniciamos a implantação do Núcleo Novo Machado, em Capelinha, com a participação do nosso colega Lélío de Pinho Tavares, que era o agrônomo do IBC da região naquela época. Em meados de 1976, fui para Pouso Alegre, onde permaneci até a extinção do IBC em 1995. Nos 23 anos de IBC, participei de projetos de implantação de mais de trinta milhões de cafeeiros no Estado e pude sentir que, realmente, o café é um grande bandeirante pois, áreas antes improdutivas, com a entrada do café, passaram a produzir, além de café, leite, carne, cereais e entraram em um sistema permanente de produção. Foi realmente uma cultura que teve grande participação na transformação da produção agrícola do nosso e, também, de outros Estados.

Em 1995, com a extinção do IBC, decidi deixar o serviço público e partir para a iniciativa privada, na área de construção civil. Foi então, quando eu e mais um colega engenheiro-agrônomo resolvemos constituir uma empresa para construção de casas populares e

pequenos prédios. Como ele era proprietário de outra empresa, eu assumi a administração desta até que, em 2003, resolvemos admitir um novo sócio. Ele, também, passou a fazer parte da administração e partimos para a construção de galpões para locação. Assim fomos, até 2014, quando meu filho e o filho do segundo sócio entraram na empresa. Daí, passamos para o preparo de áreas e gestão de negócios em parceria com investidores e construtoras para construção de galpões industriais e logísticos. Assim, em 2020, completamos 25 anos de atuação na área de agronomia e 25 anos na área de construção civil. A certeza que fica é que a educação transforma as pessoas e será, sem dúvida, o grande motor de transformação deste país e que o único lugar em que o sucesso vem antes do trabalho é mesmo no dicionário.

Minha família - Casado, moro em Pouso Alegre, MG, pai de dois filhos: um é médico pediatra alergista e trabalha em Goiânia; o outro é engenheiro eletricista, trabalhou em algumas empresas e agora trabalha em nossa empresa.

JOSÉ MAURO CHAGAS



Sou nativo, nascido (31/05/1947) e criado em Viçosa. Meus pais, Francisco Inácio Chagas (1918-1991) e Maria de Lourdes Lopes Chagas (1920-1996), também nasceram e foram criados em Viçosa. Meus primeiros anos de estudo foram na Escola Estadual Coronel Antônio Silva Bernardes. Fiz o ginásio no Colégio de Viçosa e ingressei no agrotécnico em 1964 quando, pela primeira vez, encantei-me pela agricultura e suas imensas

oportunidades. Passei, portanto, a infância e juventude em Viçosa e ainda continuo residindo por aqui.

Minha decisão de fazer o curso de agronomia se deu como continuidade dos meus estudos no agrotécnico. A proximidade com a vida no campo (visto que Viçosa, na minha infância e juventude, era uma cidade bem pequena) sempre exerceu sobre mim atração especial. Durante meu curso, vivi um período de grande e intensa atividade: fui professor de matemática no Colégio Raul de Leoni que permitiu a inúmeros jovens da época a oportunidade de estudar, uma vez que, naquela época, o único colégio de Viçosa era pago. Fiz e conheci novos amigos, alguns desde o tempo do agrotécnico. Época de prática de esporte, noitadas de estudo, farras de final de semana (ô tempo bom!!).

Após formado, ingressei na vida profissional trabalhando, primeiramente, na EMATER. Morei nas cidades de Governador Valadares e Aimorés, onde exerci a função de agrônomo extensionista, quando pude ensinar e aprender com agricultores daquela região. Em 1973, iniciei o mestrado, em seguida o doutorado, ambos na área de fitotecnia. Em 1974, comecei a trabalhar na EMBRAPA e me casei no ano de 1976. Terminando o doutorado, fui locado em Goiânia para onde me mudei com minha esposa Heloísa. Lá nasceu, em 1978, Rômulo, o meu primeiro filho.

Em 1979, retornei a Viçosa para trabalhar como coordenador e pesquisador do Projeto Feijão, em um convênio envolvendo a EMBRAPA, UFV, EPAMIG e UFLA. Feijão é cultura importante pois, juntamente com o arroz, representa a base alimentar, principalmente da classe menos favorecida. Sua produtividade era extremamente baixa por carência de variedades e tecnologias de práticas culturais (adubação, controle

fitossanitário, controle de ervas, irrigação etc.). Esse trabalho conjunto foi muito bem-sucedido e, hoje, os seus resultados são mostrados na atual produtividade dessa cultura. No ano de 1980, nasceu minha filha Júlia. Aposentei-me em 2005 e hoje sou fazendeiro e café é a minha maior produção.

Meu filho Rômulo, também formado em agronomia em Viçosa, trabalha como agrônomo no Banco do Brasil em Vitória, Espírito Santo. Minha filha Júlia é formada em engenharia de alimentos, casada com também um engenheiro de alimentos. Eles se conheceram durante o curso e me deram dois netos: Lorenzo e Téo. Atualmente, eles estão residindo em Estrasburgo na França.

JOSÉ RODRIGUES TEIXEIRA FILHO



Filho de José Rodrigues Teixeira e Maria do Espírito Santo Teixeira, nasceu em 19/09/1940, no então Distrito de São Miguel do Anta, município de Viçosa, MG. Vivi minha infância e juventude na propriedade rural da família. Comecei a frequentar aulas aos 11 anos de idade, em uma escola rural a 4 km da pequena propriedade rural da família. Para completar o então “curso primário”, foi necessário cursar mais um ano na sede do recém-município de São Miguel do Anta, percorrendo, diariamente, 18 km. Após terminar o curso primário (equivalente aos quatro primeiros anos do atual Ensino Fundamental), por razões financeiras,

tive que interromper os estudos. Desejando continuar no ambiente familiar, minha opção foi tornar-me trabalhador rural; eram dez horas diárias de trabalho, seis dias por semana. Entretanto, em fevereiro de 1960, reiniciei os estudos no então recém-criado “**curso ginásial**”, em São Miguel do Anta. Embora tenha passado cinco anos sem estudar, estava tendo um bom desempenho nos estudos. Com isso, conquistei o respeito dos colegas e dos professores. Após terminar o curso ginásial, enfrentei um difícil exame de seleção, com mais de 300 candidatos inscritos, concorrendo a uma das 40 vagas e, sendo aprovado, iniciei o curso técnico em agricultura na então UREMG, atual UFV.

Terminando o curso técnico em agricultura, continuei estudando agronomia na UFV, que foi concluído em dezembro de 1970. Para me manter na UFV, tive que trabalhar de garçom nos bailes realizados na Universidade e em um clube social da cidade; trabalho esse que iniciei quando ainda estava fazendo o curso técnico em agricultura. Também consegui uma bolsa do “Fundo de Bolsas Rotativas”, recém-criada na Universidade. Os valores recebidos seriam reembolsados pelos beneficiários quando estivessem trabalhando.

Para eu me tornar um técnico de nível superior, houve muitos desafios a serem superados, mas, também, muitos momentos para comemorar: as brincadeiras, o respeito, o companheirismo e a amizade dos colegas, a atenção dos professores, o estímulo e a ajuda da família.... Isso foi determinante para que pudesse manter a esperança de continuar estudando e fazendo minha história.

Desde 1964, um dos desafios dos estudantes brasileiros era o enfrentamento ao regime militar, pois os estudantes eram alvo da fúria dos governantes militares. Em Viçosa, os estudantes da UFV promoveram várias manifestações contra o governo militar. Lamentavelmente, houve o desaparecimento temporário de um colega de nossa turma, o

Gildásio, que foi preso pelos militares. Também o colega Edmundo Magela Carneiro foi perseguido, mas escapou das torturas e de um possível assassinato.

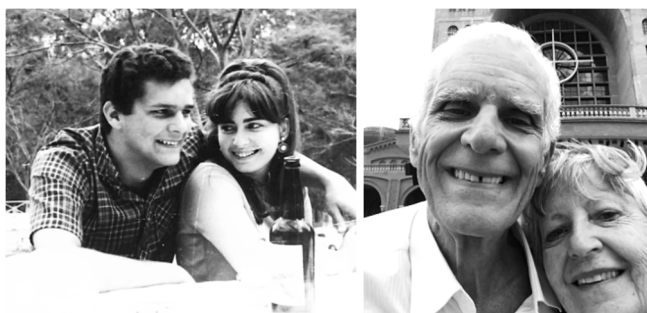
Em 1971, iniciei minhas atividades profissionais na então Associação de Crédito e Assistência Rural (ACAR) de Minas Gerais, atuando como supervisor local em Conselheiro Pena. Entretanto, a precariedade para que se pudesse fazer um bom trabalho obrigou-me a abandonar o emprego. Em fevereiro de 1973, retornei à UFV para cursar o mestrado em zootecnia. Antes de terminar o curso, em outubro de 1974, ingressei na então Escola Superior de Agronomia do Estado do Espírito Santo (ESAES), que foi federalizada em 1977, incorporando-me à Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Nessa instituição de ensino, fui professor por 30 anos. Fui chefe do departamento de zootecnia e economia rural do Centro de Ciências Agrárias da UFES por oito anos e subchefe por igual período. Atualmente sou professor aposentado. Atuando na comunidade de Alegre, fui membro e presidente da Sociedade de São Vicente de Paulo (S.S.V.P.), entidade internacional de caráter religioso e beneficente, por 27 anos. A atuação da S.S.V.P. é, basicamente, junto às pessoas mais socialmente vulneráveis. Desenvolvendo esse trabalho, sinto-me realizado como cidadão e como cristão. Fui casado com Mirtes Moreira Rodrigues Teixeira (1946-2007) por 35 anos, com quem tive dois filhos: Cláudio e Fábio. O Cláudio é médico e exerce sua profissão em Campos, RJ. Fábio é farmacêutico e atua como empresário do ramo de comercialização de produtos farmacêuticos (drogaria) em Lima Duarte, MG. Foi muito importante a convivência com meus pais José Rodrigues Teixeira (1912-1995) e Maria do Espírito Santo Teixeira (1919-2011); os irmãos Antônio, Jesus, Maria do Carmo, Côr Maria (1950-1963), Vicente (1952-1985) e Paulo; os netos Eduardo, Mariana e Fábio Júnior, além de dezenas ou centenas de pessoas do ambiente estudantil, colegas de trabalho e das comunidades das quais participei.

Sempre me dediquei à leitura. Já li, aproximadamente, seiscentos livros (excluindo os livros técnicos) sobre diferentes áreas de conhecimentos. Não pensava em escrever, mas, em 2012, enfrentei o desafio. Já escrevi dois livros: “Uma história de vida e superação” (2015, editora Baraúna) que é autobiografia, e “Refletindo a Bíblia”, (2017, editora Editar). Continuo escrevendo e, em breve, pretendo lançar livros.

Com quase oitenta anos de idade, tive de enfrentar muitos desafios. Não foi nada fácil, mas “conquista sem luta é uma vitória sem glória”. Avaliando meu passado, considero-me um vencedor como profissional e como cidadão, pois posso dizer que consegui uma grande fortuna: a amizade e o respeito das pessoas com as quais convivi. Foram elas que deram sentido à minha vida.

E-mail: jrteixeirafilho40@gmail.com

JOSE RUBENS FERREIRA FONTES



Nascido em 02/09/1946, no Largo São Francisco, em Viçosa, atual Praça Dr. Cristóvão. Lá, jogávamos futebol e, frequentemente, às 15 horas, minha mãe, Dona Totinha, que morreu com saúde aos 93 anos de idade (1923/2016), parava o jogo e chamava todos os meninos para participarem da “Consagração à

Nossa Senhora Aparecida”, transmitida pelo Padre Vitor, através da Rádio Aparecida.

Desde cedo, já ajudava meu pai, Rubens Fontes (1916/2003), nos trabalhos da padaria dele e de meu avô. Nessa ocasião, após aprender as primeiras letras e números no Grupo Escolar Coronel Antônio da Silva Bernardes, atendia no balcão, somava as cadernetas dos mensalistas tirando a “prova dos nove” e, também, fazia a leitura diária do jornal “O Estado de Minas”, atividade que mantenho até hoje. Também trabalhei na farmácia de um tio e criei galinhas no quintal de casa, tendo o Príncipe Hotel como principal comprador.

Por influência do Padre Joaquim Maia, com apenas onze anos de idade, fui estudar para ser padre no Internato do Seminário do Caraça da Congregação Lazarista, que fica na Serra do Caraça, em meio a uma grande mata, com rios e cachoeiras, longe da cidade. Hoje é o Parque Estadual e Santuário Serra do Caraça. Nessa época, só podia vir a Viçosa no mês de janeiro de cada ano. Meu pai me levava de ônibus até Belo Horizonte, me entregava aos padres lazaristas na estação ferroviária e, em companhia de meninos de diversas cidades, íamos de trem de ferro até uma estaçãozinha no município de Santa Bárbara. De lá, subíamos a serra em caminhão “Pau de Arara”. Diariamente, tínhamos estudos, missas e terços; às quartas-feiras, feriado chamado de “suéto”, dia de esportes, longas caminhadas nas montanhas e banhos de rio e cachoeiras. Tomávamos banho frio, inclusive no inverno, época em que a temperatura chegava a zero grau. Existia um chuveiro quente de serpentina de fogão a lenha, com uso permitido somente pelos alunos que estivessem doentes. Em dezembro, fazíamos o trajeto de volta. Só que, no final do terceiro ano, não voltei mais.

Após a conclusão do ginásio no Colégio Viçosa, tendo como paraninfo o Professor Onofre Brumano, queria fazer concurso para trabalhar no Banco do Brasil, que era excelente emprego à época para ter condições de me casar com Leda, namorada desde início do ginásio. Entretanto, meus pais não deixaram. Atuava como goleiro no time de futebol de salão de nome Ajax, fundado juntamente com os colegas Paulo César Resende Fontes, José Mauro Chagas, José Dagoberto (Dagô) e Roberto (Babá).

Em 1964, tendo passado no vestibular, graças em muito por ser bom em redação, iniciei o curso agrotecnico (AGRO) na então Universidade Rural do Estado de Minas Gerais - UREMG, onde recebi dos veteranos, inicialmente, o nome de “batismo” “Pinguela”. Logo depois, de “Patorrouco”. Como eu não gostava de tomar trote, procurava escapar sempre. Ficou marcada a lembrança de um veterano de nome Cid que, em diversas aulas de moral e cívica para todos os estudantes da instituição, aos sábados, no salão nobre do Bernardão, me atazanava para ir engraxar os sapatos dele, coisa que nunca fui fazer.

No AGRO, pude iniciar essa agradável convivência com boa parte dos Cavanhaqueanos, o que atualmente vem sendo resgatada pelo grupo no Whatsapp. Tenho recordações das agradáveis tardes musicais na sede da Associação do Curso Técnico de Agricultura - ACTA e dos inesquecíveis churrascos na silvicultura, em que minha cota no rateio das despesas era um saco de pães da padaria do meu pai.

Em março de 1967, ingressei no curso de agronomia-UFV, iniciando a participação nessa “gloriosa turma Cavanhaque de Urubu”, cujo nome foi sugerido e apadrinhado pelo nosso saudoso colega Jaime Rezende do Valle com o lema: “Cavanhaque-70 nem burro aguenta”. Tendo sido aluno mediano, passei aperto, especialmente em química e estatística. Nessa matéria, cheguei a ter a última chance na prova de “segunda época de dependência” com o professor Condé. Nessa situação, não poderia ser reprovado, pois seria jubilado, ou seja, perderia todo o curso, tendo que sair da Universidade.

No último ano de agronomia, diversifiquei-me em fitotecnia, uma especialização com foco no estudo das denominadas grandes culturas: arroz, café, cana-de-açúcar, feijão e milho. Naquela época, estava-se iniciando a cultura da soja. Em todo o período de estudante (ginásio, curso técnico e graduação), ia para as aulas de bicicleta que ganhei do

meu avô materno. Disse o colega José Mauro Chagas que, quando eu a emprestava para algum colega, recomendava: “na subida, desce e empurra, na descida, faz corpo leve”, que é para conservá-la.

No final do curso, veio a Viçosa o agrônomo Alberto Xavier Bartels, da turma da UFV de 1966, que trabalhava na Cia. Paulista de Fertilizantes (Copas), para entrevistar pretendentes que se interessassem em trabalhar nessa empresa. A entrevista foi num quarto do alojamento do prédio velho, na qual fui selecionado, juntamente com outros colegas. Iniciava-se o esquema de contratação por parte das empresas do ramo de fertilizantes e defensivos agrícolas, de engenheiros-agrônomo para atuarem em venda técnica. Isso não tinha boa aceitação pela maioria dos profissionais, devido à grande opção de empregos em outras áreas mais técnicas. Na ocasião, eu já tinha alguma experiência no setor, pois havia estagiado nessa área na empresa Blemco.

Em 28/10/1970, data de aniversário da Leda, ficamos noivos com a bênção das alianças pelo Padre Mendes, com festa na casa dela em Viçosa, na qual compareceram muitos Cavanhaqueanos. Em 05/12/1971, Padre Lauro, meu colega no Seminário do Caraça, celebrou nosso casamento.

Em dezembro de 1970, juntamente com os colegas José Mauro, Tarcísio e o saudoso Jaime, fomos a São Paulo para fazermos entrevistas de emprego na Copas e, também, na Ciba-Geigy Química S/A. Em janeiro de 1971, recebi o telegrama de aprovação pela Copas e, imediatamente, comecei a trabalhar, morando na capital São Paulo e viajando pelo interior do Estado, especialmente nas regiões de café de Bauru, Marília e Tupã, atuando no apoio técnico das equipes locais de representantes de vendas de fertilizantes. Logo adquiri os livros “Manual de Entomologia”, “Fitopatologia” e “Química de Solos”, que me ajudaram bastante. Aprendi muito com o engenheiro-agrônomo José Peres Romeiro, proprietário da “Editora Agrônômica Ceres” e consultor técnico da Copas. Fui assistente dele e chegamos a desenvolver um projeto de pesquisa da “mistura de adubo + herbicida” para uso nas culturas de café e citros. Também passei uma temporada na região de Rio Verde, GO, trabalhando com a cultura do algodão, atuando na recomendação, venda e dosagem de fertilizantes e na orientação de regulação da plantadeira-adubadeira de inúmeras linhas que ainda não conhecia na prática, pois não existia na universidade. No segundo semestre de 1972, fui trabalhar na Ciba-Geigy, na equipe do engenheiro-agrônomo José Roberto Pinto de Castro, da turma do Berimbau, com quem aprendi muito e a quem sou muito grato.

Morando em BH, viajava por toda a região do Estado, atuando em vendas de produtos agroquímicos e suas aplicações, tendo iniciado os trabalhos como agrônomo de venda. Atuei como supervisor de equipe e cheguei a gerente regional. Considero que dei uma pequena parcela de contribuição ao desenvolvimento da agricultura mineira, com trabalhos de introdução ao uso de herbicidas que, à época, chegavam como inovação tecnológica nas lavouras de café, cana-de-açúcar e milho. Apresentávamos os produtos através de palestras e dias de campo em conjunto com técnicos da EMATER e IBC. Fazíamos demonstrações nas fazendas e, após realização da venda, promovíamos orientação em aplicação nas lavouras. Acompanhamos vários agricultores que, céticos quanto à performance de determinado herbicida, ficavam agradecidos com o resultado alcançado no controle do mato e, conseqüente, redução da mão de obra da capina convencional. Conseguimos introduzir a técnica de capina química na agricultura do Estado, com destaque na cafeicultura do Sul de Minas, em diversas usinas de cana-de-açúcar e na cultura do milho em regiões do Alto Paranaíba e do Vale do Rio Doce. O pessoal que vinha da matriz-São Paulo ficava impressionado com as aplicações de herbicida com pulverizador costal nos plantios de cana em morros da região de Ponte Nova.

O período na Ciba-Geigy foi a fase em que, como empregado, ganhei muito dinheiro pois, além de bons salários, recebia prêmios de vendas pela cobertura das cotas mensais estabelecidas. Depois viria outra boa fase de ganhos, já como empresário da construção civil.

De 1979 a 1982, voltei a trabalhar na Copas, como gerente regional em Belo Horizonte. A partir de 1982, fui responsável, por três anos, do setor de vendas do departamento de operações técnicas da EPAMIG, atuando em venda de sementes certificadas de algodão, arroz, café, feijão e outros produtos próprios da empresa. Em seguida, trabalhei por um breve período na CAMIG e Solorrigo Fertilizantes. Atuei por dois anos na IAP Fertilizantes e, no ano de 1988, atuei na Fertibrás Adubos.

Em 1989, diante de um período de empregos com salários de médios para ruins, fui morar em Viçosa para trabalhar por conta própria e executar loteamento no sítio próximo à cidade, que havia comprado em 1974. Para tal, fundei a empresa Fontefertil Empreendimentos Ltda. Meu sogro, que havia feito diversos loteamentos, dizia: “retalhar terra, é um bom negócio”. Realizei o loteamento em parte do Sítio da Jiboia e construí nele o Condomínio Recanto da Serra, com quarenta casas, no qual moramos eu e meus filhos, promovendo a venda conjunta do lote e da casa na planta. Foi o primeiro condomínio de casas na cidade, no modelo empreendimento comercial, ou seja, construído para venda, pois já existiam os condomínios Acamarí e Parque do Ipê, construídos por grupos de professores da UFV, que se cotizaram na aquisição do terreno e na construção das casas. Posteriormente, construí, em outro terreno, o Condomínio de Chácaras Jardins do Vale e os loteamentos Viroleira e Serra Verde. Atualmente, continuo atuando na construção de casas para venda em lotes próprios, juntamente com meu filho. Em 1989, iniciei atividades na venda de passagens aéreas, como franqueado VARIG. Com a falência desta, continuei através da Agência de Viagens FONTUR, hoje comandada pelo meu filho. Trabalhei por seis anos na área de conservação ambiental como secretário executivo da ONG-OSCIP Ambiente Brasil Centro de Estudo. Nos trabalhos como voluntário, atuei por dois mandatos como vice-presidente da Associação Comercial de Viçosa. Fui secretário, por dois anos, do Conselho Municipal de Segurança; trabalhei por vinte e dois anos na Fundação Assistencial Viçosense - FAV, mantenedora do Hospital São João Batista, como vice-presidente, secretário e conselheiro fiscal. Na política, fui presidente, por dois mandatos, do Diretório Municipal do PSDB-VIÇOSA.

De 1978 a 2013, fui proprietário, com mais quatro sócios, de fazenda de café no município de Novo Cruzeiro e, de gado, nas margens do Rio São Francisco, em Januária. Temos a filha Marcia Cristina, nascida em 17/11/1973. Ela graduou-se em letras pela UFV, obteve o doutorado na UFMG e, atualmente, é professora do COLUNI-UFV desde 2005. Ela é casada com o engenheiro-agrônomo Martinho Júnior, filho do professor Martinho de Almeida, e nos deram os netos Thiago, que está se formando em engenharia civil, neste ano, a Bruna, cursando o quarto período de engenharia de produção, ambos na UFMG, e os gêmeos Gustavo e Rodrigo. Estes terminaram o ensino médio e estão a caminho da universidade. Temos, também, José Rubens Filho, nascido em 25/01/1976, formado em administração pela UFV, que comanda a agência de viagens FONTUR, a loja da franquia local da CVC e atua comigo no ramo da construção civil. Ele é casado com a psicóloga Renata e nos deram os netos Pedro e Mateus. Estes cursam, respectivamente, o oitavo e o quinto período do ensino fundamental.

Procuro cuidar da parte física, correndo na esteira, em média 2,5 km/dia, e fazendo musculação três vezes por semana. Tenho a felicidade de conviver, diariamente, com os filhos e netos por morarmos no mesmo condomínio, exceto os netos Bruna e Thiago, que estudam em BH. Frequentemente, todos almoçam em minha casa e, invariavelmente, aos sábados, comparecem para a tradicional feijoada que Leda faz desde o início do nosso

casamento, sempre com presença de convidados. Buscando atingir a performance e idade da minha mãe, graças a Deus, estou de bem com a vida.

JOSÉ TARCÍSIO BARBOSA



Nasci em Divinésia em 11 de julho de 1943. Papai era alfaiate e mamãe, além de dona de casa, era costureira, profissão que aprendera com sua mãe – a vovó Emília. Éramos 11 irmãos, atualmente somos nove. O pobre começa a trabalhar bem cedo. Antigamente era assim. Atualmente, o Estatuto da Criança e do Adolescente proíbe a criança/jovem de trabalhar. O que eu acho uma grande bobagem, na medida em que este estatuto

não vai molhar a mão de nenhuma criança pobre.

Casei-me em fins de 1971, tenho uma filha, que é dentista, e dois netos. Comecei engraxando sapatos, lá pelos meus sete/oito anos. Papai comprou para mim uma caixa de engraxate e eu, aos sábados, visitava meus vizinhos perguntando se tinham sapatos para engraxar. Posteriormente, eu vendi banana de porta em porta, para um vizinho, que me dava vinte por cento de comissão. Ajudei papai, que era alfaiate. Comecei consertando bainhas de calças. Papai pegava o trabalho, eu desmanchava as bainhas, papai marcava a nova bainha, e eu costurava à mão. E ele me dava um troco. Eu costumava também chulear calças. Trabalhei alguns meses na antiga Farmácia Dias, situada, à época, no atual calçadão; numa fábrica de sapatos, na Avenida Santa Rita; e de garçom no Bar e Restaurante Damasco, situado, à época, na Praça Silvano Brandão. Durante o curso agrotécnico, 1962/63/64, e o curso de agronomia, 1967/68/69/70, trabalhei de garçom em muitos bailes. Trabalhei na secretaria do Colégio de Viçosa em 60/61 para custear meus estudos da terceira e quarta séries do ginásio, sétima e oitava séries atuais. Na UFV, à época, UREMG, trabalhei de servente de pedreiro em junho de 1964, na construção do Centro de Ensino de Extensão. Quando terminei o agrotécnico em 1964, fui trabalhar na ACARESC, serviço de extensão rural, em Santa Catarina, onde fiquei dois anos.

Quando fazia a terceira e quarta séries no Colégio de Viçosa, eu já dava aulas particulares de português para alunos encaminhados pelos meus professores de português, a pedido de suas respectivas mães. Tipo aulas de reforço da atualidade.

Trabalhei na seção de fotografia da UREMG em 1964/65 para não ter que pagar nenhuma taxa e até hoje sou fanático por fotografia. Durante o curso de agronomia, montei um cursinho de admissão com meu amigo José Mauro Chagas, cavanhaqueano de primeiríssima linha, que funcionou em janeiro/fevereiro de 1968/69/70.

Venho dando aulas particulares de português desde os 15/16 anos. Dei ainda aulas de francês, minha segunda língua, inglês e, eventualmente, de latim, que estudei no seminário. Lecionei português para o ginásio, terceira e quarta séries, e em cursinhos pré-vestibular quando fazia agronomia. Dei cursos particulares de português, gramática e redação, a partir de 1994, quando me aposentei. Trabalhei na EMATER Minas depois de formado em agronomia e no PLANALSUCAR. Quando fiz mestrado, lecionei na UFV. Quando eu trabalhava no PLANALSUCAR, em Ponte Nova, trabalhei com apicultura. Cheguei a ter 40 colmeias. Depois, vendi tudo por falta de tempo de dar uma boa assistência. Tive, também, em sociedade com um garimpeiro, duas balsas para extração de ouro. Tive, nessa mesma época, uma pequena fábrica de roupas.

O Presidente Color, quando assumiu, extinguiu o IAA-PLANALSUCAR e muitos funcionários foram postos à disposição. Então, para não ficar à toa, comprei uma lanchonete, a Lanchonete Panorama, aqui em Viçosa, que transformei em restaurante *self service*. Toquei o empreendimento durante dois anos.

Como sou fanático por culinária, quando um irmão meu assumiu o barzinho do Viçosa Clube, ele me encarregou da cozinha. Fiz muita comida de boteco, tipo feijoada, vaca atolada, feijão tropeiro, frango à passarinho, bolinho de carne moída... Sucesso absoluto! Após minha aposentadoria em 1994, decidi ser vendedor. Trabalhei durante seis anos com vendas de fitas VHS, gêneros alimentícios, material de higiene e limpeza e bebida quente. Lecionei biodiversidade, gestão ambiental e botânica em duas universidades particulares.

Venho trabalhando com revisão gramatical desde os 15/16 anos. Quando o professor de português passava uma redação como dever de casa, alguns colegas faziam a redação e, antes de entregá-la ao professor, passavam-na para mim, que corrigia, o colega passava a limpo, entregava para o professor e tirava boa nota. E eu ganhava um troquinho! Eventualmente, eu fazia redação para algum colega.

A internet veio me auxiliar no meu trabalho de revisão, pois, sem sair de casa, pego trabalho do país inteiro. Tenho trabalhado também com tradução, português/francês e, eventualmente, português/inglês, mas não gosto, pois é extremamente cansativo. Faço, atualmente, só português/francês para servir a um ou outro cliente. E não tem faltado trabalho. Às vezes, passo até aperto para dar conta dele.

Vida estudantil - fiz o primário no Grupo Escolar Coronel Antônio da Silva Bernardes, atual CASB. Estive no seminário por três anos e meio, e terminei o ginásio no Colégio de Viçosa. Fiz o agrotécnico (1964/66), agronomia (1967/70) e mestrado (1972/73) na UFV. Zona de conforto é um lugar onde nada floresce nada acontece de bom nem de ruim. É o nosso vício mais perigoso. *Life begins at the end of your comfort zone*. A vida começa a fazer sentido depois que você põe fim à sua zona de conforto e vai à luta. E a tal zona de conforto? Que fique para quem quiser! Nem na velhice, que já está chegando, tenho 76 anos, quero usufruir da tal zona de conforto.

Pretendo continuar trabalhando enquanto Deus for servido!

Viçosa, outubro de 2019.

JÚLIO DA SILVA ROCHA JÚNIOR



Presidente da CNA e Júlio da Silva Rocha Júnior

Natural de Cachoeiro do Itapemirim, ES, capital secreta do mundo.

Data de nascimento: 21/09/1946.

Filiação: Júlio da Silva Rocha e Maria Antônia de Lima Rocha.

Estado civil: Muitíssimo bem casado com Maria Elisa Zago Rocha, com quem já namorava quando fui para Viçosa fazer o cursinho DAAB.

Filhos: Cristiana Zago Rocha Lé Visa (médica geriatra) e Leonardo Zago Rocha (odontólogo).

Genro: Cleysson Emanuel Lé Visa

Nora: Karine Duarte Rocha

Netas: Rafaela Duarte Rocha e Esther de Assis Zago Rocha Lé Visa.

Início da vida profissional em 02/02/1971, como supervisor local da ACARES/Guaçuí, terra do Wilson; tive a honra de me tornar amigo do seu pai Marcílio, dono do Armazém Estrela, que escancarou todas as portas para tudo aquilo de que eu viesse a precisar, como o fez, literalmente, com espaço em seu almoxarife para guardar o carro.

Nossos filhos nasceram em Guaçuí, ES. Tempo memorável em que se viajava tranquilo, sabedor de que qualquer necessidade, farmácia, médico e até banco atendia, se necessário, a qualquer hora.

Fiz parte do Rotary Club local e fui paraninfo de uma turma do Tiro de Guerra. Permaneci na função até o final de 1977, quando vim para Vitória, como supervisor regional. Em Vitória, fui membro do Rotary Club Vitória Oeste, tendo ocupado a presidência.

Nossa família tem sido abundantemente abençoada e protegida desde sempre. Ao participar da comemoração dos dez anos de formado, cumprida a agenda das comemorações, disse para a família: “Agora nós vamos visitar algumas famílias que nos adotaram em Viçosa e então fomos”:

- Dona Aurora, mãe de Aloísio, de quem fui pensionista e filho, como tantos outros; ela separava para cada um o pedaço da galinha de sua preferência;
- Casa dos pais de José Geraldo, Messias, com quem tínhamos grande amizade;
- Casa da avó de José Geraldo, D. Chiquinha e sua tia Lourdes;
- Casa da tia Maria e seu marido Bruno, tios de José Geraldo.

Nessas casas, o café servido com biscoito ou bolo nunca faltou. Os filhos pequenos ficavam de olhos arregalados porque era choro na chegada e na despedida. Enumero estes pontos familiares fundamentais porque só acredito em sociedade que esteja alicerçada na família e na fé.

Grande orgulho de fazer parte do K-70, que deu início a um inconformismo sadio na UREMG, que contribuiu para as transformações que alavancaram o desenvolvimento.

Nada se compara à alegria da confiança que desfrutamos de receber prova para ser feita onde quiséssemos, com o tempo delimitado. Não havia cola de jeito nenhum.

Saído do 2º grau em que não soube aproveitar, tive dificuldade nos dois primeiros anos do curso superior em Viçosa. Fiz provas precisando de nota alta. Ficava aturdido de ver colegas que precisavam de menos deixar para dependência. Tive fé e fui resiliente, tendo ficado num percentual pequeno daqueles que nunca tomaram uma segunda época ou dependência, sem nunca ter sido aluno destaque. Não sabia estudar, escrevia tudo sem me concentrar como devia; meus cadernos eram show. Véspera de prova, tinha que pegar firme. O Edmundo Magela Carneiro, muito inteligente, dizia: “Vou dormir, quando você for deitar, me acorde”, e assim fazia. Ele se levantava, folheava rapidamente o caderno e se saía melhor que eu. Meu caderno de hidráulica era show: anotações, tabelas e provas (marreta). Kakulé me tomou emprestado e já era, quando a via, perguntava: “cadê meu caderno”?

Pequenas e grandes coisas que foram base da felicidade, como virar a noite estudando ou vindo e voltando a Vitória, com Luiz Guilherme Barbosa e Leodózio Paste, vez por outra, Garibalde. Era chegar, saborear uma moqueca feita pelo pai de Luiz Guilherme, senhor Luiz, e voltar na mesma hora. Numa dessas vindas e voltas, com muito custo, chegamos a Realeza. Ninguém aguentava mais de tanto sono e tínhamos que chegar cedo, porque havia colega pendurado por falta.

Moramos na segunda seção, conhecida como hidráulica. Quem passasse distraído, era banho na certa. Morava no mesmo apartamento do José Domingos Fabris, emérito CDF, a quem eu tinha a incumbência de acordar. Ele olhava para mim com os olhos esbugalhados e perguntava: “quantas horas”? Eu informava e ele dizia pqp e virava para o canto e dormia no ato. E tome insistência. Quando ele acordava, dizia que não o tinha

chamado. Um belo dia, eu não chamei e ele quase perdeu uma prática. Doravante, uma só chamada era suficiente.

José Aloísio de Carvalho, um fominha jogador de buraco, quando faltava só um para compor o time e ele era chamado, dizia com desdém: “eu não queria jogar não, mas podemos, né”!

Agradeço a Deus por tantas bênçãos recebidas. Faz-me lembrar a escritora francesa Françoise Sagan, que dizia: “a felicidade é construída mais de pequenas do que das grandes coisas”. Se algo pequeno o faz feliz, se torna grandioso.

Em 21/08/2012, sofremos, eu e Maria Elisa, um acidente grave de carro. Colisão frontal, ambos os carros a 110 km/h, em que a outra parte deu causa. Usei muitas vezes cadeira de rodas e muletas, por mais de seis anos. Tive infecção hospitalar no fêmur por mais de um ano, tomando antibiótico pesado de 8 em 8 horas, sem nunca ter faltado a qualquer compromisso. Após várias cirurgias e tratamento salvador em SP, continuamos trabalhando.

Um currículo resumido de nossa trajetória:

Vida profissional:

- Funcionário de carreira do INCAPER
- Membro do conselho deliberativo do SEBRAE/ES, tendo exercido sua presidência no período de 2011 a 2014
- Membro do Fórum de Entidades e Federações do ES – FEF, composto pelas federações da Agricultura, do Comércio, da Indústria e do Espírito Santo em Ação, tendo exercido sua coordenação no ano de 2012/2013
- Presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Espírito Santo - FAES -2006-2022 (atualmente no 5º mandato)
- Presidente do conselho administrativo do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - SENAR-AR/ES-2006-2022 (atualmente no 5º mandato)
- Vice-presidente executivo da diretoria da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil - CNA, Região Sudeste-2011-2021 (atualmente no 3º mandato)
- Representante da CNA no conselho deliberativo da SUDENE
- Presidente do conselho fiscal do Instituto de Estudo e Pesquisas Sociais e do Agronegócio - ICNA
- Representante da entidade mantenedora da Faculdade CNA Agropecuarista.

LAÉRCIO ZAMBOLIM



Sou descendente de uma família de italianos, filho de Luiz Zambolim e Maria Coely Zambolim. Nascido em Ubá, MG, em 22 de dezembro de 1947, na localidade denominada Barrinha, no meio rural. Sou casado com Eunize Maciel Zambolim há 43 anos e tenho duas filhas e dois netos.

Meus pais eram pequenos produtores rurais e viviam do cultivo de milho, feijão, café, banana e pequenos animais. Com cinco anos de idade, meus pais se mudaram para a cidade de Ubá para um bairro denominado São Domingos. Com seis anos de idade, entrei para a escola primária chamada Grupo Escolar Senador Levindo Coelho. Posteriormente, cursei o colegial no Colégio Estadual Raul Soares. Portanto, o curso primário e o colegial foram em escolas públicas.

Fui dispensado do serviço militar por estar cursando o terceiro ano do colegial. Prestei vestibular em Viçosa, MG, na Universidade Federal de Viçosa, em 1967, tendo sido aprovado para o curso de agronomia. Naquela época, já sofri 'bullying' pelo fato de ter escolhido o curso de agronomia. Meus colegas diziam que quem gostava de terra era minhoca e trator, daí o que eu iria fazer em Viçosa.

Durante o curso, fui contemplado com uma bolsa de iniciação científica, do CNPq, para desenvolver projeto na área da fitopatologia sob orientação do saudoso Professor Geraldo Martins Chaves. Foi nessa época que tomei gosto pelas doenças de plantas. Terminei agronomia em 1970 e ingressei no mestrado. Meu primeiro emprego foi no Pipaemg, hoje Epamig, onde permaneci até 1980.

Em 1977, viajei aos Estados Unidos, onde fiz o Ph. D. em fitopatologia. Ao voltar ao Brasil, ingressei na UFV, no departamento de fitopatologia. Durante a minha vida acadêmica na UFV, fiz cinco pós-doutorados nos Estados Unidos (Universidade da Califórnia, Universidade de Wisconsin, Estação Experimental de Beltsville em Maryland) e na França (Cirad, Montpellier), na área da biotecnologia.

Juntamente com outros doze colegas da UFV, iniciamos as atividades na área da biotecnologia no BIOAGRO (Instituto de Biotecnologia Aplicada à Agropecuária), idealizada na gestão do professor Geraldo Martins Chaves como reitor. Montamos um laboratório de biotecnologia, hoje um dos mais bem equipados para trabalhos com biotecnologia do cafeeiro x ferrugem. O BIOAGRO tem reconhecimento, tanto nacional como internacional. Mais tarde, criamos o BIOCAFÉ dentro do BIOAGRO para trabalhar exclusivamente com pesquisas em doenças do cafeeiro e na criação de variedades resistentes. Inúmeras variedades de café resistentes à ferrugem foram lançadas e tantas outras em cooperação com a Epamig, estando disseminadas em todas as regiões onde se cultiva o café arábica.

Passaram por nossa orientação em nível de iniciação científica, mestrado *stricto sensu*, mestrado profissionalizante, mestrado *lato sensu*, doutorado e pós-doutorado, mais de mil alunos. Editoramos cerca de 35 livros na área de fitopatologia e de doenças do cafeeiro. Publiquei cerca de 450 trabalhos científicos em revistas com corpo editorial em nível nacional e internacional. Outras contribuições foram capítulos de livros, boletins de extensão, folhetos.

Ministrei mais de 500 palestras para produtores e técnicos das ciências agrárias. Fui palestrante em inúmeros congressos e simpósios na área da fitopatologia e da ferrugem do cafeeiro nos Estados Unidos, África, Europa, América Central e do Sul. Sou coordenador nacional do curso proteção de plantas (mestrado *lato sensu*) desde 1983. Fui contemplado com a medalha do mérito professor Peter Henry Rolfs em pesquisa científica na UFV. Homenageado pela Sociedade Brasileira de Fitopatologia e pelo Congresso Brasileiro de Defesa Fitossanitária Vegetal. Homenageado por empresas multinacionais, por associações de produtores e da extensão. Consultor da FAO na América Central para elaborar soluções para o controle da ferrugem do cafeeiro.

Montamos um banco de germoplasma no departamento de fitopatologia, incluindo uma coleção de híbrido de Timor com cerca de 156 linhagens, destinadas a fornecer genes para o melhoramento do cafeeiro. Além disso, formamos e matamos uma coleção de clones de *Coffea canephora* var. *conilon*. Formamos, também, uma coleção de germoplasma de cafeeiros resistentes à ferrugem oriundos da África, América Central e Portugal. Fiz parte da equipe do professor Geraldo Martins Chaves, do departamento de fitopatologia, no pioneirismo de pesquisa e recomendação de controle da ferrugem do cafeeiro no Brasil. Aposentei-me em junho de 2019, após 46 anos de trabalho na área de pesquisa, ensino e extensão, mas, continuo como professor voluntário da UFV.

Morei no prédio velho, na segunda seção, apartamento número 10. Tive como colegas de quarto o Geraldo Antônio Ferreira, Mozart Benati (Pinochio), Luiz Gandra Bittencourt (Cabriteiro), Wagner José de Barros (Gatinho Shain) e Geraldo Antônio de Andrade Araújo, pessoas amigas que deixaram muitas saudades. Nas noites frias de Viçosa, os augustíssimos costumavam acordar às três ou quatro horas da manhã e me retiravam da cama para jogar baralho. Como, naquela época, era muito frio, tínhamos que nos envolver num cobertor. O frio era tão intenso que, muitas vezes, colocava jornal no meio do cobertor para ajudar no aquecimento.

Naquela época, após o jantar no refeitório, ou melhor, após tomar a soja ‘Lavoisier’, lá pelas 11 horas da noite, dava fome. Sabendo disso, um colega de outro apartamento, vindo da casa de seus pais, do interior de São Paulo, trouxe um rapa feita de cana-de-açúcar e a colocou em cima da mesa da sala de estudos sem que ninguém soubesse. Todos nós comemos e o resultado foi desastroso. Durante toda a noite, foi uma disputa pelo sanitário que, naquela época, era um para 20 pessoas. O colega, depois, apareceu e foi aquela gozação.

Outro episódio interessante se passava nas noites frias de sexta e sábado. Vários colegas gostavam de ir à cidade à noitinha para ‘esfriar’ a cabeça com umas e outras e, quando voltavam, lá pelas três ou quatro horas da manhã, cantavam e gritavam os apelidos e acordavam todo mundo. Mas, como já sabíamos que isso acontecia todo final de semana, antecipadamente, preparávamos baldes de água. Quando os bêbados chegavam gritando palavras de baixo calão, pegávamos os baldes de água e derramávamos sobre eles para ‘curar’ a cachaçada. Aí podem imaginar a quantidade de palavrão citada! Tenho muita saudade, também, dos jogos de futebol de salão à noite, quando havia grande rivalidade entre Carcará e Berimbau com nosso Cavanhaque.

As aulas no campo, saindo de caminhão, do DAAB, também ficaram gravadas na minha cabeça. A chegada dos colegas de Visconde do Rio Branco, no domingo à noite, de trem, também era muito aguardada. A turma trazia garrações de pinga, que eram disputadas a semana toda.

Saudades, também, das missas das nove horas, realizadas todo domingo na capela da UFV, celebradas pelo nosso saudoso professor Padre Antônio Mendes que, com seus sermões eloquentes, conseguia chamar a atenção de toda a comunidade de alunos, bem como dos viçosenses.

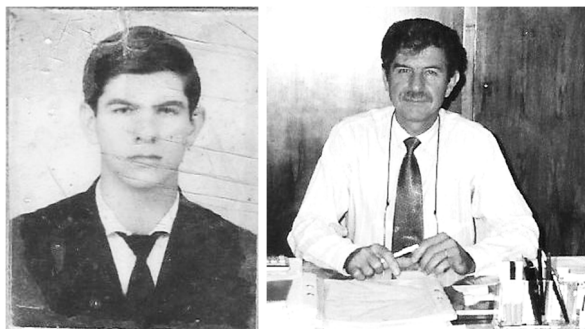
Declaro aqui que, quando me lembro do passado na UFV, da nossa turma e de todos os momentos que vivemos juntos, valeu e como valeu! Por fim, agradeço a Deus por tudo. Sem Ele nada seria concluído. Deixo o meu saudoso abraço a todos os colegas Cavanhaqueanos.

LÉLIO DE PINHO TAVARES



Lélío de Pinho Tavares (*in memoriam*), nascido em 02/08/1942, na cidade de Sabinópolis, MG, era filho de Lauro de Pinho Tavares e Luiza Nunes Coelho. Amigo, esforçado, sério e estudioso, Lélío possuía duas paixões: cantar, daí o apelido de Patativa, e futebol. O Gilvan, ex-presidente do Cruzeiro, é seu primo. Deve ser mal de família. Após concluir o segundo grau no Colégio Anchieta em Belo Horizonte, MG, Lélío ingressou no curso superior de agricultura da UREMG, concluindo-o no ano de 1970, na turma do Cavanhaque.

LEODÓZIO ANTÔNIO PASTE



Nasci em meio rural em 12/01/1946, na localidade de São João de Viçosa, à época município de Conceição do Castelo, hoje Venda Nova do Imigrante. Meus pais, Antônio Paste (26/06/16-24/05/78) e Anides Ventorim Paste (28/03/26-29/06/14) tiveram dez filhos. Lá fiz o meu curso primário até a 3ª série. Meu pai tinha como filosofia que a melhor herança

para os filhos era a “educação”. Dentro deste princípio, parti para um internato, o Seminário Imaculado Coração de Maria (colégio para formar padre) no norte do Estado, no município de Marilândia, onde fiz até a “Admissão”. Em seguida, passei para o seminário menor Nossa Senhora da Penha, em Vitória, também internato, estudando no Colégio Salesiano de Vitória, onde fiz o curso Ginásial, terminando em 1962. Uma lembrança dessa época era o deslocamento do internato até o Salesiano que só podia ser feito de bonde. Nesse internato, eu fiz os três anos de clássico, cujas matérias básicas eram o grego e o latim. Como não desejava ser padre e sempre tive contato com o meio rural e com condições financeiras precárias, resolvi ir para Viçosa onde o curso de agronomia seria a melhor opção, pois teria alimentação, hospedagem e o curso praticamente de graça, além de ser uma das melhores Universidades de agronomia do Brasil.

Em 1966, fui para Viçosa fazer o cursinho, pois o clássico feito por mim não dava condições de fazer o vestibular. Chegando lá, fui morar em uma república no centro da cidade com alguns capixabas, sendo o mais gozador, o Júlio Rocha.

O cursinho era ministrado por professores de alto gabarito, inclusive da Universidade. Para mim, que fiz o “clássico”, então era quase tudo novidade. Lembro-me de que, nessa época, minha diversão era jogar no time do “Zé da Banda”, um açougueiro da cidade e um dos parceiros do time era o Guerini, também conhecido como Capixaba. Isso só aos domingos. O cursinho era ministrado na Universidade e a alimentação também era feita no restaurante universitário, no “bandejão”. Fazendo um cursinho de alto nível e com muito estudo, consegui passar no vestibular da Universidade com boa colocação.

O curso de agronomia da UFV - Este período durou quatro anos, de 1967 a 1970, marcado por uma formação acadêmica séria, responsável e apertada. Iniciei o curso já morando no alojamento da Universidade, no chamado “prédio velho”, na segunda seção. Os companheiros de quarto nestes quatro anos foram os capixabas Júlio Rocha e José Domingos. Em relação à parte acadêmica, consegui aprovação no primeiro turno nas disciplinas cursadas. No último ano, optei pela diversificação em fitotecnia, grandes culturas. Um fato relevante nessa época foi a ocupação da UREMG por militares, quando nosso diretório acadêmico foi fechado.

Minha vida profissional - Na época, com diploma de agronomia da UFV, havia várias opções de emprego. Preferi trabalhar na ACAR do Espírito Santo, iniciando em 1971 no escritório local de Santa Teresa, ficando até 1972. Um pouco deslocado da minha diversificação – fitotecnia grandes culturas – basicamente café. Trabalhei praticamente um ano com avicultura no município de Santa Maria de Jetibá. Em 1973, fui promovido a assessor II em culturas para o escritório regional de Vitória. Como minha formação universitária foi sobre café, nesse mesmo ano, aceitei o convite para trabalhar em minha

terra natal, num convênio entre a Cooperativa Agrária de Venda Nova e o IBC. Menos de um ano após esse convênio, fui indicado para o escritório local do IBC em Colatina. Era época da renovação da cafeicultura, após a erradicação. Essa indicação teve a influência de dois funcionários do IBC da época: Anselmo Bonifácio, de Caratinga, e Irajá Rezende, chefe do SERAC – Serviço Regional de Assistência a Cafeicultura do Espírito Santo. A assistência técnica era prestada somente ao café arábica (altitudes mais elevadas). No campo, tive na família Breda um grande suporte, principalmente de Galdino. Vale ressaltar a grande amizade e profissionalismo no trabalho do agrônomo e colega de serviço, Célio. Em 1978, fui promovido a chefe de seção técnica - responsável pela parte técnica da cafeicultura do estado do Espírito Santo. A partir de 1979, fui designado para substituir o chefe da divisão técnica, permanecendo até o início de 1981.

Em 1983, iniciei uma participação mais político-administrativa, sendo indicado presidente/liquidante da COFAI (Companhia de Fomento Agroindustrial), presidente da CASES (Companhia de Armazéns e Silos do ES) e da CIDA (Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola do ES). Todas essas empresas eram ligadas à Secretaria de Agricultura do Estado. Na CIDA, permaneci até início de 1987.

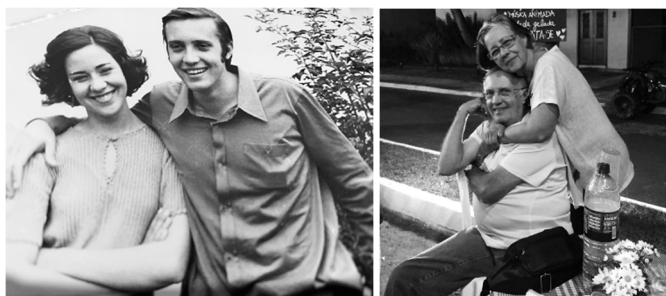
Em março de 1987, assumi a Secretaria do Estado do Interior, à qual as empresas CESAN (Água e Saneamento), ECELSA (Eletrificação Rural) e COHAB (Habitação) estavam subordinadas. Em dezembro, retornei ao IBC, ficando até sua extinção em 1990. Com a extinção, os funcionários foram passados para o Ministério da Agricultura, onde trabalhei como fiscal federal até a aposentadoria, em agosto de 1996.

Em julho de 1997, assumi o cargo comissionado de Diretor Geral do Tribunal Regional do Trabalho do Espírito Santo, permanecendo até março de 1999.

Finalizando, gostaria de ressaltar que, desde 1999, faço a parte financeira do Pet Shop do meu filho Rafael e curto meu sítio em Guarapari, onde cultivo café e seringueira.

Minha família - Moro em Vitória, ES. Sou casado há 43 anos com Deyse Maria Vervloet Gouvêa Paste. Tenho três filhos: Juliana, administradora; Rafael, proprietário do Pet Shop Raça Forte; e Mateus, proprietário e personal/professor de uma academia de fisicultura em Colatina. Tenho também três netos: Lucas, filho de Juliana, hoje com 21 anos, cursando nutrição, e Ana Luísa, de oito anos, e Helena de três anos, filhas de Mateus com minha nora Emily.

LEONARDO DE BRITTO GIORDANO



Leonardo de Britto Giordano é filho de Luigi Giordano e de Ivette Britto Giordano. Nasceu em Campo Grande, MS, em 12 de outubro de 1947. Cursou o ensino fundamental no Externato São José de Campo Grande e no Colégio Arnaldo em Belo Horizonte, MG. Cursou o ensino médio no Colégio

Santo Antônio, também em Belo Horizonte.

Formou-se engenheiro-agrônomo pela Universidade Federal de Viçosa - UFV. Completou seu curso de mestrado em agronomia nesta mesma Universidade. Tornou-se

Ph. D. em melhoramento e genética de plantas pela Universidade de Wisconsin, Madison, Estados Unidos.

Trabalhou como especialista na produção de hortaliças por quase cinco anos no serviço de extensão rural na Associação de Crédito e Assistência Rural (ACAR-MG). Durante o período em que trabalhou no serviço de extensão, desenvolveu vários projetos de produção de hortaliças junto a olericultores da região de Uberlândia e Sete Lagoas no estado de Minas Gerais.

Em 1975, ingressou na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA como pesquisador. Desenvolveu vários projetos de pesquisa em tomate, ervilhas verde e seca, couve-flor, repolho, couve-brócolos e pepino. Juntamente com sua equipe de pesquisadores, desenvolveu várias cultivares de hortaliças resistentes a doenças, especialmente em tomate. Depois de ter se aposentado, prestou serviços de consultoria na área de agricultura relacionada à pesquisa agropecuária.

Na docência, ministrou a disciplina “melhoramento para resistência a doenças em plantas” na Universidade de Brasília de 1992 a 1997, tendo orientado várias teses de estudantes para obtenção dos graus de mestrado e doutorado.

Teve uma extensa experiência internacional e nacional. Foi consultor do projeto CENTA - BID-TECNOSAN em El Salvador. Foi professor de melhoramento de ervilha na Argentina. Fez visita técnica ao Japão na área de pesquisa, produção e comercialização de hortaliças. Foi membro da missão brasileira para estudar a possibilidade de cooperação técnica Brasil/Bolívia. Foi membro da comissão de auditoria técnica para o “Proyeto PRISA” em El Salvador. Também participou como membro da missão de supervisão do Banco Mundial ao Instituto Nicaraguense de Tecnologia Agropecuaria. Participou da missão de supervisão do Banco Mundial em El Salvador. Foi consultor externo da Embrapa para realizar avaliação de desempenho de chefe geral das unidades Embrapa Agrobiologia e Embrapa Agroindústria de Alimentos. Foi consultor do IICA/EMBRAPA no Projeto de Cooperação Técnica Internacional BRA/06/001 - “consultoria em procedimentos para os bancos ativos de germoplasma (BAG) e coleção de base (Colbase). Recebeu, durante sua vida profissional, os seguintes prêmios e honrarias:

Membro honorário - Sociedade dos Engenheiros-Agrônomos de El Salvador (C.A.) - julho, 1987.

Reconhecimento pelos serviços prestados - Ministro de Agricultura de El Salvador (C.A.) - dezembro, 1987.

Prêmio “Frederico de Menezes Veiga”, 1993, maior honraria da EMBRAPA, concedido anualmente a um pesquisador da empresa e outro externo.

Prêmio “Marcilio de Souza Dias” - Associação Brasileira de Horticultura/1999.

Prêmio por excelência - Destaque Individual 2003 - EMBRAPA.

Prêmio nacional de equipe de pesquisa, item Qualidade Técnica-EMBRAPA, 2006.

Homenagem de reconhecimento pelos relevantes serviços prestados à sociedade e à classe agrônoma do Distrito Federal - Sociedade dos Engenheiros-Agrônomos do Distrito Federal – Brasília - 2006.

Presidente de honra do XLV Congresso Brasileiro de Olericultura - Comitê Organizador Ceará - agosto, 2007.

Em 2006, resolveu fazer uma incursão pela literatura não científica, escrevendo o livro “Os Italianinhos - A saga de uma família de imigrantes calabreses no Brasil”.

É casado com Maria do Carmo Couto Giordano desde dezembro de 1971. Tiveram três filhos. Luiz Flávio, Sérgio e Marina, respectivamente, médico, músico clássico (fagotista) e advogada, que proporcionaram ao casal meia dúzia de netos.

LEÔNCIO MANOEL DE OLIVEIRA



Origem - Nasci na cidade de Itabuna, BA, no dia 14 de maio de 1948. Sou o segundo filho do casal Lenoir Ferreira de Oliveira e de dona Laudemar Maria de Oliveira, ambos já falecidos. Meus pais tiveram quatro filhos: três homens e uma mulher. Aos dezessete anos, fui para Viçosa, onde ingressei na primeira turma do Colégio Universitário.

Como cheguei até Viçosa - Desde novo, fui educado no trabalho, estudo, trabalho e depois lazer. Minha mãe, em conversa com sua comadre, que já tinha um filho estudando no Colégio de Viçosa, deu boas referências, elogiando muito o ensino do referido colégio. Então, comparando os preços de Viçosa e de Cruz das Almas, Viçosa foi escolhida, pois era mais compatível com o orçamento de meus pais. Eles, então, falaram-me a respeito. Até então, eu só tinha ouvido falar em Cruz das Almas e opinei: “Aonde vocês quiserem me mandar eu vou. Só não vejo futuro em Itabuna, a não ser que passe no concurso do Banco do Brasil”.

Colégio Universitário - Fui aluno da primeira turma. Tive bastante dificuldade em acompanhar o curso por falta de base, mas, com um bom plano de estudos e bastante esforço, cheguei ao final, sem segunda época. No período do Colégio Universitário, morei na casa de dona Jaci. A princípio, sozinho. No segundo semestre, chegou Gerson, que veio de Itaperuna, RJ, para se preparar para fazer o vestibular. Em 1967, fiz vestibular e passei. Ingressei na antiga UREMG (Universidade Rural do Estado de Minas Gerais) no primeiro ano de agronomia. Fiz o Tiro de Guerra, juntamente com Mariola, Rolf, Paulinho, Aloísio Geraldo Soares Osório, entre outros – período bastante divertido.

Vida universitária - Muito estudo, um pouco de esporte (natação, corrida), mas nenhum destaque relevante. Morei no apto 712, em frente ao apartamento de Rodrigo Otávio M. de Sousa Lima “Gestante” e companhia. Mudei-me do “Maracanã”, poucos dias antes do incêndio, em que foram destruídos quase todos os pertences dos nossos colegas. Minha vida estudantil não foi tão penosa, pois tinha “método de estudo” (CDF) e não tive muitas dificuldades de acompanhar o curso. Nunca fui aluno brilhante, tampouco fui para segunda época ou perdi ano. Concluí o curso de agronomia fazendo diversificação em tecnologia de alimentos, já visando a um trabalho em um laticínio em Feira de Santana ou em Salvador, ou até no CEPEC (Centro de Pesquisa do Cacau da CEPLAC), na industrialização do cacau e/ou frutas regionais.

Vida profissional - Só tive paciência de ser empregado durante sete anos, aproximadamente. Um ano e alguns meses na ACAR, Almenara, estágios em Teófilo Otoni e Nanuque e cinco anos e alguns meses na CEPLAC, na cidade de Ipiaú, BA. Depois, trabalhei prestando serviços a produtores rurais e implantando uma área de cacau em uma propriedade agrícola adquirida com as economias feitas. De seis em seis meses, estava no Banco do Brasil solicitando empréstimos para a implantação de cacauzeiros. Consegui plantar setenta hectares, área disponível no imóvel, sendo cinquenta hectares financiados pelo Banco do Brasil e vinte hectares com recursos próprios. Quando vieram os frutos, comprei uma nova propriedade, desta vez já implantada. Com a economia das duas, comprei uma terceira para criar gado de corte e diversificação do patrimônio. A chegada da “vassoura de bruxa” em um período dos mais sensíveis da

minha vida, período esse de levar os filhos para estudar na capital, Salvador, para conclusão do científico e graduação, trouxe muita dificuldade, pois ela retirou grande parte do meu sustento. Mas, com a ajuda de DEUS e da família, conseguimos lograr êxito.

Minha família - casei-me em 1973 com a companheira e guerreira dona Sandra, com quem tive três filhos. O primeiro, Luciano, hoje casado, administrador de empresas, com um casal de filhos canadenses. Mora no Canadá com sua família, onde faz parte da diretoria financeira da Votorantim Cimentos.

O segundo filho, Fábio, médico oftalmologista, casado, com um casal de filhos, um menino paulista e uma menina brasileira, atualmente morando em Ipiaú.

A terceira filha, Maria Luíza, casada, tem também um casal de filhos. É médica gastropediatra e mora em Ipiaú com sua família.

Gosto da agricultura e sou ruim de viajar. Só estive em Viçosa por duas vezes após a formatura, quando completei dez e vinte anos de formado. Nas duas viagens, comprei a mesa do baile e lá não compareci por causa da emoção. Hoje, cultivo eucalipto, além de cacau e da criação de gado de corte, e sou aposentado por tempo de contribuição.

Concluo com uma citação bíblica: “Até aqui, nos ajudou o Senhor” – I Samuel 7:12

LÚCIO LIVIO FROES DE CASTRO



Origem - Filho de José Froes de Castro e Plínia Meira Castro (*1925; +2017), nascido em 25 de setembro de 1945, no município de Caculé, situado na região Sudoeste da Bahia. Iniciei meus estudos nesse município. O curso primário no Grupo Escolar Dr. Antônio Muniz e o secundário no Ginásio Estadual Norberto Fernandes. Em 1961, fui cursar o “científico” em Salvador, BA, no Colégio Dois de Julho. No início de 1964, prestei

meu primeiro vestibular para o curso de engenharia civil, na atual Universidade Federal da Bahia.

Diante dos problemas políticos, culminando com a “revolução” de março de 1964, retornei a Caculé, permanecendo até julho do mesmo ano, de onde eu voltei para Salvador. Nesse período, meu pai, funcionário público, foi transferido para o extremo Sul da Bahia, para a localidade denominada Batinga, distrito situado no município de Itanhém, divisa com Minas Gerais, cerca de 800 km da capital. Na época, pelas dificuldades de ir até Salvador (longa distância, inexistência de rodovias e linhas regulares de transporte), meus pais preferiram que eu fosse para Vitória, capital do Espírito Santo, ingressar no cursinho de engenharia pois, além da distância de Batinga ser bem menor, os custos financeiros eram mais em conta.

O ingresso na UFV - Em 1966, ingressei na UREMG, em Viçosa, MG, atual Universidade Federal de Viçosa, concluindo o curso de agronomia, especialização em engenharia rural, em 1970. A decisão em fazer o curso de agronomia foi, principalmente, pela facilidade de fazer o concurso em Vitória, pelo incentivo que tive do meu primo Jairo

Emanuel de Castro Cavalcanti (participante do mesmo vestibular) e pelo contato que mantive com o professor de topografia José Anibal Comastri (coordenador desse vestibular), uma vez que o meu foco era ingressar na engenharia. Durante o exame de vestibular, mantive contatos com vários vestibulandos e, após o resultado do exame, esse contato foi útil na programação da viagem para Viçosa, em conjunto com outros colegas que obtiveram êxito, tendo em vista que ainda não existia a BR 262. O itinerário mais fácil a ser percorrido foi de transporte ferroviário de Vitória até Governador Valadares, MG; daí, de ônibus até Caratinga, MG, e de Caratinga para Viçosa, via trem. Um percurso que durava cerca de dois dias. Ao chegar à estação ferroviária de Viçosa, um grupo de veteranos (augustíssimos) já estava nos aguardando para iniciar o trote e encaminhar os calouros (burros) até a UFV.

Cada calouro era obrigado a usar uma placa pendurada, com cerca de 25 cm de altura por 30 cm de largura, que tinha o nome (letras garrafais) e seu apelido, como, por exemplo, no meu caso: nome **Kakulé** (óbvio), apelido Lúcio Lívio Froes de Castro.

Os dizeres para a confecção da dita placa eram escolhidos pelos augustíssimos. Em seguida, eles passavam as principais instruções referentes ao comportamento dos calouros (burros), tais como: dirigir aos augustíssimos (curuquerê), atendimento a qualquer hora ao comitê de trote, corte dos cabelos (triângulo na frente, caso da agronomia. No curso de florestas, a figura de uma árvore acima da nuca).

O curso de agronomia - As dificuldades encontradas foram muitas e duas, as principais: em primeiro lugar, toda a minha vida estudantil tinha sido focada em engenharia civil, mas a maioria das disciplinas cursadas durante os primeiros anos era voltada para as ciências naturais, muito distante da minha preparação como estudante do nível médio (científico); o segundo ponto foi a falta de comunicação com minha família, que ainda residia na Bahia e não sabia que eu estava em Viçosa. Isso me causou transtornos emocionais e financeiros ao longo de seis meses, deixando-me completamente desnortado. Esse fato me fez aproximar de vários colegas que me ajudaram, tanto emocional, como financeiramente, em especial para as despesas com alimentação durante a semana do gambá. Outro fato que me ajudou muito na socialização foi que eu já tocava violão e, por isso, em todas as festas, serenatas e encontros promovidos pelos estudantes e professores, eu era sumariamente convidado, ampliando, assim, meu leque de amizades. Por isso, fui convidado a ingressar no Conjunto Universitário da UFV como guitarrista, o que contribuiu para a minha manutenção financeira.

Minha vida profissional - Graduei-me em agronomia pela Universidade Federal de Viçosa (1970). Em 1971, após a conclusão da graduação, trabalhei na Empresa Agropastoril Alcoprado S.A., situada no extremo Sul da Bahia, onde permaneci até o início de 1972, quando, por concurso, ingressei na Secretaria de Estado de Agricultura do Espírito Santo.

Em 1973, com a estruturação e o estabelecimento da Embrapa, sob seu patrocínio, fiz mestrado em engenharia civil, na área de concentração recursos hídricos, pela Universidade Federal da Paraíba, campus Campina Grande, concluindo, com dissertação defendida em julho de 1976.

No início da década de 1980, devido ao processo de interiorização da pesquisa agropecuária estadual, fui designado para a Estação Experimental “Mendes da Fonseca” - EEMF, em Domingos Martins, ES, próximo da cidade de Venda Nova do Imigrante, ES, quase sempre ocupando a função de chefia dessa Estação. Como pesquisador, trabalhei intensamente na adequação experimental de pequenas bacias hidrográficas sob a coordenação do Ministério da Agricultura.

Em meados de 1982, fui selecionado pela Embrapa, sob o patrocínio do Banco Mundial, para fazer um curso de extensão em transferência de tecnologias de irrigação para pequenos agricultores, nos USA, na Universidade do Estado Utah (USU), em Logan. Em contato com vários professores e pesquisadores da USU, em discordância com as críticas sobre o modelo da pesquisa agropecuária brasileira, eu recebi várias publicações sobre as perspectivas de transformações que já vinham ocorrendo no mundo, especialmente em se tratando das atividades de pesquisas sob a ótica das famílias que atuavam no agro. Com muita relutância, comecei a analisar algumas publicações e, para minha surpresa, despertou-me o interesse em buscar um modelo, tanto para a estruturação das organizações públicas, quanto para a operacionalização da pesquisa agropecuária para os trópicos. Diante desse fato, tentei compreender, segundo a lógica das famílias de agricultores, a sistemática atuação humana no espaço geográfico. Dessas lógicas, alguns pesquisadores do atual Instituto Capixaba de Pesquisa Assistência Técnica e Extensão Rural (INCAPER) e professores do departamento de solos da UFV, ao estabelecer uma nova ótica de compreender a organização do espaço, criaram, em 1985, na EEMF o Núcleo de Estudo de Planejamento e Uso da Terra (NEPUT). Atualmente estruturado na UFV, tem a finalidade de desenvolver pesquisas e projetos que geram e permitem transferir tecnologia de ponta nas áreas de planejamento de uso da terra e educação ambiental.

Ao longo de 42 anos, atuei como pesquisador técnico-científico do Incaper, no período de 1973 a 2015, além de desempenhar a função de gestor de um centro de pesquisa e extensão, englobando cerca de 11 municípios da região Serrana do Espírito Santo. Essa função me possibilitou vivências diretas com os agricultores e suas famílias, despertando-me para o estudo na área de ecologia, principalmente sobre diversidade ambiental em ecossistemas tropicais, através das inter-relações entre sistemas humano e natural, com a colaboração de vários colegas do Incaper: Leandro Roberto Feitoza, Hideko Nagatani Feitoza, José Sérgio Salgado, Lorildo Aldo Stock, Rosana Altoé Borel, Moema Bachour Zangrande entre outros, e de professores da UFV do departamento de solos, Mauro Resende, Sérvulo Batista de Rezende (*1935 - +2017) e João Luiz Lani.

Contribuí na elaboração de critérios utilizados na divisão do território capixaba em unidades naturais, representadas especialmente em forma de mapa, possibilitando a sistematização de informações em estratos mais homogêneos. As informações acumuladas ao longo dos anos no NEPUT foram precursoras do Geobases, concretizando, assim, a base contínua para uso em SIG cobrindo todo o estado do Espírito Santo. Porém, sem a facilidade para ser acessada na forma on-line.

Por mais de 20 anos, até os dias atuais, venho desenvolvendo, como pesquisador voluntário do IFES, campus Venda Nova do Imigrante, estudos e metodologias apropriadas para a integração de ensino-pesquisa-extensão. O projeto encontra-se em fase de consolidação, objetivando promover a gestão participativa e solidária de espaços geográficos em territórios delimitados por bacias hidrográficas, englobando comunidades agrícolas, rurais e urbanas.

Minha família - Casei-me em 1973 com Maria Hermínia Baião Passamai. Divorciamos em 1980. Desse casamento nasceu, em 17 de julho 1976, meu filho Eduardo José Passamai de Castro, formado em medicina pela Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (2003), mestrado em biotecnologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (2014) e especialização em cirurgia plástica. Foi cirurgião geral da Cooperativa dos Cirurgiões Gerais do Estado do Espírito Santo. É membro da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), da Associação de Ex-alunos Professor Ivo Pitanguy (AExPI) e do Colégio Brasileiro de Cirurgiões (CBC). Atua em cirurgia

estética e reparadora. Residente em Vitória, casado com Livia Cypriano Lima, pais do meu neto Raphael Cypriano Passamai.

Em 1985, casei-me em Venda Nova do Imigrante com Dirlei P. Nodari de Castro, em processo de separação. Desse casamento, nasceu, em 10 de julho de 1992, Gabriela Nodari Fróes de Castro, noiva de Ricardo Pagoto Marinho. Residente em Belo Horizonte, Gabriela se formou em direito pela Universidade Federal de Minas Gerais em 2015. Atuou durante grande parte da graduação como pesquisadora e extensionista do programa RECAJ sobre acesso à justiça e resolução de conflitos, na Faculdade de Direito da UFMG, coordenado pela professora Adriana Goulart de Sena Orsini. Desenvolve pesquisas a respeito das temáticas de acesso à justiça e de formas de prevenção, gestão e solução de conflitos. Atualmente, atua como servidora pública no Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais.

Em 08 de abril de 1997, nasceu Ricardo Nodari Fróes de Castro, residente em Belo Horizonte, bacharel em ciências biológicas pela Universidade Federal de Minas Gerais (2015-2019), aluno de iniciação científica no Laboratório de Biologia Oral e do Desenvolvimento (2016-atual). Trabalhou no Núcleo de Biologia Sintética da UFMG (2016-2019), desenvolvendo projetos, colaborando e participando em discussões semanais sobre biologia sintética. Tradutor voluntário do site Khan Academy (2016-2018), realizando a tradução de conteúdos de biologia e matemática. É monitor bolsista de genética, do departamento de biologia geral da UFMG.

LÚCIO LOUZADA CORDEIRO



Lúcio Louzada Cordeiro (*in memoriam*), nasceu em Rio Novo do Sul, ES, em 12/05/1947. Filho de Lilio Cordeiro e Geraldina Louzada Cordeiro, Lúcio cursou o segundo grau na UREMG, em Viçosa, MG, tendo concluído o agrotécnico em 1966. Ingressou no curso de agronomia em 1967. Era um colega estudioso, amigo e companheiro para todas as empreitadas. Concluiu o terceiro grau em 1970. Morou em Curitiba, PR, e, ao falecer, residia em Vitória, ES, com seu filho Fábio e esposa com quem morou no final de sua vida, debilitado por um anterior AVC.

LUIZ CARLOS PEIXOTO DE OLIVEIRA (1942-1978)



Nasceu em Santa Cruz do Rio Pardo, SP, em 20 de abril de 1942. É o terceiro filho entre três irmãos. Alcir, o mais velho, e Alice. Completou seu curso primário no grupo escolar, o ginásio e o científico, no Instituto de Educação Leônidas do Amaral Vieira, ambos em Santa Cruz do Rio Pardo. Posteriormente, cursou agronomia na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), graduando-se em 1970 já como Universidade Federal de Viçosa. Foi casado com Maria do Carmo, professora, e teve duas filhas, Graziela e Maria Luíza. Logo após a sua formatura, iniciou seu trabalho em São Paulo, como agrônomo da Usina Modelo em Piracicaba, SP. Posteriormente, voltou à fazenda da

família em Ourinhos, SP, onde ficou dois anos, retornando, posteriormente, à Usina Modelo em Piracicaba. Em 1978, veio a falecer de infarto fulminante em Piracicaba. Saudades!

LUIZ CLÁUDIO GALLERANI PENEDO



Nasci em Cachoeiro de Itapemirim, ES, em 31/12/1947. Filho de Francisco Penedo (cirurgião dentista) e Wanda Gallerani Penedo (artista plástica, prendas domésticas e ótima mãe). Ingressei no jardim da infância dos quatro anos até o final dos cinco anos. Fiz o pré-primário na escola de “Dona Geni” aos seis anos. Cursei o primário no “Grupo Escolar Bernardino Monteiro” e o ginásio até o segundo ano científico no Liceu Muniz Freire.

O terceiro ano do científico fiz no km 47, primeira Universidade Rural do Brasil, chamado Colégio Universitário. Éramos conhecidos na mais baixa classe (Bichos do CU). No início do ano de 1966, fui para

Viçosa fazer o cursinho noturno. Passei no vestibular e ingressei na antiga UREMGE no ano de 1967. Formei-me em agronomia em 1970 (turma Cavanhaque de Urubu) na atual UFV, com diversificação em engenharia rural, da qual faziam parte 14 colegas. Com grande orgulho, o fato de não existir “cola” conferia segurança na vida profissional.

Trabalhei na antiga ACARES durante, aproximadamente, três anos e meio. Primeiro em Conceição da Barra, ES, (1971), depois em Aracruz, ES, (1972) e, de 1973 a 1974, em Alegre, ES.

Ingressei na antiga ESAES - Escola Superior de Agronomia de Alegre/ES. Fui professor titular, fundador e diretor por, aproximadamente, quatro anos (1976-1979), período em que se consolidou a passagem para a Universidade Federal do Espírito Santo. Na “terra de cego, quem tem um olho é rei.” Por volta de 1977, a antiga ESAES passou a ser chamada de CAUFES - Centro Agropecuário da UFES, incorporada à Universidade Federal do ES.

Participei, na UFES, de todos os colegiados da instituição. Fui relator dos processos que criaram os novos cursos. Fui professor de hidráulica agrícola, irrigação e drenagem, construções rurais e desenho técnico e me aposentei em 2007.

Experiência didática, eu tive nas minhas aulas de matemática com alunos particulares e os professores da UFV Elias Chequer, construções rurais, e “Paulinho da Hidráulica”, “mestres”. Não sei se consegui!!! Entre outros.

Em Viçosa, passei alguns dos melhores anos da minha vida! Faço questão de incluir Gilberto, Carlos Sedyama e Pedro Salgado Brandão, companheiros inesquecíveis, no antigo alojamento, quinta seção, ao lado da capela do Padre Mendes. Destaco a paciência oriental de Gilberto Sedyama para me explicar questões que eu, por “preguiça”, anotava, mas não entendia.

Casei-me em 1974 com Idalina Casotti Penedo (bancária aposentada). Tivemos três filhos: Paulo (médico), Mariana (comunicação social) e Theo (economista), que nos deram quatro netos maravilhosos.

Vivo bem, apesar dos “condores”. Atualmente, pratico ciclismo, arqueirismo e adoro ferramentas.

Cachoeiro de Itapemirim, 05 de julho de 2019

LUIZ GUILHERME BARBOSA



Origem - Nascido em Vitória, ES, em 01/02/1945, filho de Luiz José Barbosa e Carmem Santos Barbosa, vindo de uma família com mais três irmãos, sendo ele o 3º mais velho. Foi entre Vitória e Guarapari, cidade balneário no estado do Espírito Santo, que Luiz Guilherme passou sua infância, adolescência e vida adulta.

Como toda criança arteira, eram comuns as confusões com seus irmãos. Porém, duas ele sempre nos contava. A primeira era que seu irmão mais velho, o Carlos Alberto, escondia os “gibis” para que ninguém pudesse ler, mas que ele sempre arrumava um jeito de achar e conseguir ler escondido. A segunda era sobre suas brigas com sua irmã mais nova, a Janete que, por causa de uma lata de leite condensado arremessada por ela, resultou em uma cicatriz que tinha na testa.

Sempre muito brincalhão e com um bom humor predominante em sua vida, Luiz Guilherme logo se destacou entre seus amigos e familiares, tornando-se muito querido e imprescindível nas reuniões e festas. Além disso, ele se destacava pela sua facilidade na escrita e oratória, hábito que, desde cedo, aprendeu com seu pai Luiz José Barbosa e seu irmão mais velho, Carlos Alberto Barbosa.

Tendo estudado no Colégio EEEM - Escola Estadual de Ensino Médio em Vitória, foi despertado, ainda em sua adolescência, o sonho de ser médico, o que acabou não se concretizando.

O ingresso na UFV - Ao lado da família, em Vitória, Luiz Guilherme encontrou no curso de agronomia a opção que atendia à sua vocação pela área biológica, aliada à estrutura e ao renome de excelência que a UFV já tinha na época, tendo sido a opção mais relevante para ele.

O curso de agronomia na UFV - Este foi um período inesquecível na vida de Luiz Guilherme, sempre relatando para seus familiares o quanto foi feliz e realizado enquanto cursou os quatro anos do curso de agronomia, que resultaram em uma formação técnico-científica invejável, séria, responsável e competente. Ele sempre nos dizia que o profissional de agronomia precisava ser um profissional completo, com boas noções de conteúdos técnicos e também com amplo conhecimento das questões sociais e econômicas, além de precisar conhecer cada uns dos processos do agronegócio, indo desde os procedimentos aplicados na lavoura até o mercado interno e externo de venda dos produtos. Isso despertou sua paixão pela agronomia.

E como não podia ser diferente, fez grandes e sólidas amizades, que foram adquiridas durante todo o período que passou em Viçosa. Morando em uma república, recebeu o apelido de “Guran” e sempre nos contava histórias engraçadas sobre as brincadeiras que os amigos de quarto faziam uns com os outros, além dos períodos de muito estudo e tensão, quando precisavam cumprir seus compromissos acadêmicos.

Luiz Guilherme sempre se lembrava, também das viagens que fazia, em seu fusca, nos “bate e volta” de Viçosa para Vitória e de Vitória para Viçosa, às vezes só para jantar em casa e matar um pouco a saudade dos pais e irmãos.

A vida profissional - Luiz Guilherme ingressou no serviço público federal muito cedo, tendo desempenhado o papel de engenheiro-agrônomo em vários órgãos federais, até que,

por via de concurso interno, firmou-se no Ministério da Agricultura onde, em pouco tempo, tornou-se destaque pelo desempenho profissional e competência na área. Isso logo o levou a ser chefe de divisão e, alguns anos mais tarde, a ser nomeado superintendente do Ministério da Agricultura no Estado do Espírito Santo, tendo desempenhado essa função por cinco anos.

Em 1974, foi convidado pelo Ministro da Agricultura a realizar, nos Estados Unidos da América, um curso de classificação de sementes para plantio, além de vários outros cursos profissionalizantes em Campinas e Pelotas. Fez sua carreira profissional praticamente toda no Ministério da Agricultura, onde se aposentou no ano de 2014. Como já era de costume, Luiz Guilherme sempre se destacava pelo seu bom humor, agregando um profissionalismo e um caráter irretocável que o tornaram uma das pessoas mais queridas do Ministério da Agricultura no Espírito Santo.

A família - Luiz Guilherme não se encontra mais conosco. Faleceu em 2 de outubro de 2016, devido a um infarto. Porém, deixou um legado de muito amor e carinho. De seu primeiro casamento com Maria do Carmo, durante 24 anos, ele deixou dois filhos (Luiz Felipe e Thiago), além de uma neta, filha de Luiz Felipe.

Do seu segundo casamento, com Francisneide, deixou três filhos: Andressa, Luiz Fernando e João Vitor.

E, do seu terceiro casamento, com Gecimara, deixou uma filha, Maria Eduarda. Hoje, só podemos agradecer a Deus por ter tido o privilégio de termos um pai como Luiz Guilherme, um pai que sempre buscou o bem-estar de seus filhos, que sempre deu o amor e o apoio necessário para que todos crescessem com valores, princípios e caráter.

Vitória, 03 de dezembro de 2019.

Obs.: Esta biografia do “GURAN” foi escrita por seu filho **Luiz Felipe Ucelli Barboza**, com a colaboração do seu irmão **Thiago Ucelli Barboza**, de sua mãe **Maria do Carmo Ucelli** e de **Janete Santos Barboza**, a quem agradecemos o empenho e dedicação para fazer constar no livro comemorativo dos 50 anos a biografia do nosso querido amigo Luiz Guilherme Barboza.

MÁRCIO SOYKA DOS SANTOS SILVA



Márcio Soyka dos Santos Silva (*in memoriam*), filho de Francisco dos Santos Silva e Alvina dos Santos, nasceu em 11/05/1947, em Domingos Martins, ES. Concluiu o segundo grau no Colégio Estadual do Espírito Santo, Vitória, ES. Marcio ingressou no curso superior de agronomia em 1966 e o concluiu em 1970. Pelas informações obtidas, foi o primeiro colega a falecer após a formatura.

MARCOS JOAQUIM MATOSO



Nasci em Curvelo, MG, no dia 27 de novembro de 1945. Filho de Joaquim Mattoso (1914-2001) e Carmen Jannotti da Silva Mattoso (1919-1997). Éramos quatro irmãos: Vera Lúcia (1944-2013), eu, Luciano (1948-1977) e Susana, a mais nova. Meu pai era de Curvelo, MG, e minha mãe, de Porto Firme, MG. Meu primeiro ano de vida passei na fazenda de meu avô paterno, de quem meu pai havia arrendado a fazenda. Logo nos mudamos para Viçosa, quando meu pai ingressou como professor de zootecnia na antiga UREMG, hoje UFV. Lembro-me da existência de uma carta, se não me engano, assinada pelo

Dr. Diogo (pai do Sérgio), endereçada ao meu avô, pedindo autorização para que meu pai fosse lecionar em Viçosa. Não sei que rumo tomou essa carta. No final da década de 1940, moramos por mais de um ano na casa de minha avó materna, em Viçosa, na Rua Virgílio Val, ao lado da escola normal, enquanto meu pai fazia o curso de mestrado nos Estados Unidos. Meu curso primário foi feito, uma parte em casa (naquele tempo podia) com Dona Lurdes Ramos e outra na escola de Dona Carmita, filha do Senhor Alberto Pacheco. Cursinho preparatório de um mês, com Dona Boneca, para exame de admissão. Deu resultado, pois passei em segundo lugar (média 8,5), ingressando no curso ginásial no Colégio de Viçosa. O primeiro lugar (média 8,7) foi de José Antônio Gonçalves de Oliveira, grande amigo, filho do professor Gonçalves.

O primeiro ano do ginásio foi tranquilo. Boas notas. No segundo ano, a rigidez das cobranças diminuiu muito. Praticamente não via meu pai. Ele passava todo o tempo na Universidade, preparando-se para concurso de professor catedrático. Tirei o “atraso”: castigo todos os dias no colégio e bomba em latim e francês. O castigo era cumprido à tarde, no colégio, sob a supervisão do Peixoto. Meu companheiro assíduo no castigo era meu grande amigo Gustavo Schlottfeldt que, diariamente, passava lá em casa, na Vila dos Professores, onde morávamos, para irmos juntos.

Concluído o ginásio, fui para Ouro Preto, onde prestei vestibular, e fui bem-sucedido, para cursar a Escola Técnica de Mineração e Metalurgia, na Escola de Minas. Fiz o primeiro ano e me transferi para o científico, no Colégio de Viçosa, onde cursei o segundo e terceiro anos. Transferi-me por pensar que não era bem o que eu queria, embora o curso e os professores fossem excepcionais. Excepcionais, também, os professores do Colégio de Viçosa. Lembro-me bem dos Professores Lopes, Januário, Pedrinho Gomide, José Henrique, João Luiz, entre outros.

Concluído o científico, fiz vestibular para agronomia, mas não fui feliz. Fiquei em primeiro lugar depois do último classificado. Era o ano de 1965, quando fui, então, para Pedro Leopoldo, onde meu pai havia assumido a direção da Fazenda Modelo, do Ministério da Agricultura, após sua aposentadoria na Universidade. Foi um ano de pouco estudo e muita festa. Grandes amizades, muitas delas conservadas até hoje.

Em 1966, ingressei no curso de agronomia, em Viçosa. No segundo ano, fiquei preso em algumas disciplinas, umas por nota e outras por falta, levando-me a alcançar a querida turma do Cavanhaque. A partir daí, depois de exame de consciência, as coisas melhoraram. Até a diversificação no quarto ano, destaco a ajuda importante do amigo Sapo e seus caprichados cadernos. A diversificação no quarto ano foi em economia rural, turma relativamente pequena e muito solidária: Aloísio, Aad Neto, Alvacir, José Geraldo Fernandes Araújo, Ronaldo Gomes, Alberto Martins, Rodrigo, Homma, Ataíde, Níbio, Landi, Mercial, Pedro Brandão, José Rodrigues Teixeira Filho e Deonésio. Nesse ano,

orientado pelo Professor Lon Cleve Cesal, consegui uma bolsa de iniciação científica do CNPq para um projeto sobre adoção de práticas agrícolas. Essa bolsa me permitiu pagar a prestação de um fusca.

Em 1971, ingressei na ACAR, hoje EMATER, tendo sido extensionista em Divinópolis, MG. Em 1972, fui para o Centro de Estudos Rurais da Secretaria da Agricultura de MG. Em 1973, contratado pelo PIPAEMG, hoje EPAMIG, fui fazer o mestrado em economia rural na UFV. Concluídos os créditos de mestrado, fui selecionado pela EMBRAPA, recém-criada, para prosseguir no curso de doutorado em economia rural, também na UFV. Na seleção feita pela EMBRAPA entre os alunos de mestrado, foram consideradas as notas obtidas nas disciplinas cursadas e uma dissertação, de próprio punho, sobre as expectativas profissionais na EMBRAPA ou algo parecido. Lembro-me de haver citado que, embora houvesse muito interesse de minha parte em continuar no doutorado, minha transferência para a EMBRAPA ficaria condicionada a uma concordância da presidência do PIPAEMG, uma vez que havia o compromisso de meu retorno após a conclusão do mestrado. Fui informado pela direção do departamento de economia rural que isso não seria empecilho e que esse acordo institucional seria solucionado pela direção. Qual não foi minha surpresa quando, já cursando disciplinas do doutorado, fui chamado em Brasília pelo Dr. Eliseu Alves e, sem entender nada, levei uma repreensão por estar passando por cima do PIPAEMG. Por algum motivo, não foi dado prosseguimento ao tal acordo institucional. Foi superado o impasse e continuei frequentando o curso. Destaco que sempre tive e até hoje tenho grande respeito e admiração pelo Dr. Eliseu. Em 1977, retornei para a EPAMIG, em Belo Horizonte, com o mestrado e os créditos e exames de qualificação (um terror) do doutorado concluídos. Sob orientação do Prof. Antônio Raphael Teixeira Filho, o amigo Tonito, e com ajudas imprescindíveis de Antônio Jorge de Oliveira (Jacuí, irmão do nosso colega Jacú) e José Leonardo Ribeiro (Léo Gambá), foi concluída e defendida a tese de doutorado. Na EPAMIG, permaneci até 1987, quando retornei à EMBRAPA, lotado em Parnaíba, Piauí. Lá permaneci por dois anos, trabalhando na implantação do Centro Nacional de Pesquisa em Agricultura Irrigada (CNPAI). De lá, vim transferido para o Centro Nacional de Pesquisa de Milho e Sorgo (CNPMS), em Sete Lagoas, MG, onde trabalhei até 2007, quando me aposentei. No CNPMS, ocupei a chefia adjunta administrativa no período de 1990 a 1995. Meus amigos Laírson Couto e Edilson Paiva eram, respectivamente, o chefe geral e o chefe adjunto técnico. Nesse período, tive o privilégio de participar da coordenação de projeto de franquia de híbridos de milho da EMBRAPA, iniciado na gestão anterior à nossa, mas que nos permitiu, ao final do mandato, alcançar quase vinte por cento do mercado brasileiro de híbridos de milho. Voltando à área de pesquisa, tive como principais atividades a conclusão de aplicativo para cálculo de custos de produção de milho em sistemas irrigados, projeto de levantamento e avaliação econômica dos sistemas de produção de milho nas diferentes regiões produtoras brasileiras, coordenado pela sede da EMBRAPA, além de integrar equipe multidisciplinar de um grande projeto sobre agricultura de precisão.

Fora da Embrapa, de 2000 a 2013, lecionei microeconomia e estratégias competitivas (teoria dos jogos) nos cursos de economia e engenharia de produção no Centro Universitário de Sete Lagoas (UNIFEMM). Na prefeitura de Sete Lagoas, na administração Márcio Reinaldo, exerci os cargos de Secretário Municipal de Meio Ambiente (2013-2014) e presidente do SAAE (Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Sete Lagoas), de 2014 a 2016. Nesse período, tive a oportunidade de coordenar a grande obra de captação, adução e tratamento de água do Rio das Velhas, hoje responsável pela metade do abastecimento de água da cidade. Até então, era abastecida por mais de uma centena de poços tubulares profundos, alguns já apresentando sérios sinais de

esgotamento. Por esse trabalho, fui agraciado com Moção de Congratulação e Cidadania Honorária, ambos de iniciativa da Câmara Municipal de Sete Lagoas. Pelo município, recebi a Grande Medalha de Mérito de Sete Lagoas.

Extrabalho, desde 1972, com algumas interrupções, estive envolvido com uma de minhas paixões: aviação. Além de tirar o brevê de piloto privado, dediquei-me, como dedico até hoje, à construção amadora de aeronaves experimentais. Dessa dedicação, estão concluídos dois projetos, construção integral de um avião clássico, o Paulistinha, encerrada em 1995, no qual faço meus voos até hoje. O outro é um it americano, Stol 750, parte da montagem feita por uma empresa chamada Aerobravo, concluído por mim em 2015. De 1993 a 2001, fui proprietário, em sociedade com dois amigos, de um velho Piper Cherokee 140, fabricado em 1964, com o qual fiz belos voos.

No campo familiar, de meu primeiro casamento, tenho uma filha, Flávia. É fonoaudióloga e mora em Belo Horizonte. Lígia (21 anos) e Luciano (19 anos) são filhos de meu casamento com Ivana, atual e definitiva. São minhas grandes paixões. Lígia e Luciano estudam em Belo Horizonte. Ivana, piauiense de Parnaíba, trabalha na Embrapa Milho e Sorgo. Fato curioso é que, embora eu tenha trabalhado lá, ela não era funcionária da Embrapa naquela época e só a conheci em Sete Lagoas, quando veio transferida para o CNPMS. Sorte minha!

MAURÍCIO LANDI PEREIRA



Minhas origens - Agosto de 1943, dia 31, esta é a data do meu nascimento, ocorrido na cidade de Cássia, MG. Meus pais, já falecidos, Francisco Tito Pereira e Irene Landi Pereira, tiveram oito filhos (sete homens e uma mulher) e nos educaram num ambiente familiar de respeito e amor que nos marcou de forma profunda. Aos sete anos, entrei para o Grupo Escolar Melo Viana, que ficava em frente à nossa residência. Depois, ainda em Cássia, fiz a admissão no Colégio São Gabriel e, em seguida, fui estudar em Guaxupé, cursando o colegial

no Seminário Diocesano São José e, em seguida, fui para Franca, SP, onde fiz o clássico e, daí, rumo a Viçosa.

O ingresso na UFV - A decisão de ir estudar em Viçosa teve algumas razões e a mais significativa foi a influência direta do meu irmão Célio Landi que ali se formara em agronomia, turma de 1965. Em princípio, eu achava que estava preparado para enfrentar o vestibular. Ledo engano, pois só consegui passar na segunda tentativa, em 1966, após muito estudo. Nesta época, morávamos numa pensão na Avenida Santa Rita, eu e o Carlos Antônio (meu irmão), o Machadinho (amigo desde Franca), e depois veio o Antônio Carlos (Dudu). As aulas do cursinho eram no prédio velho da escola de florestas.

O curso de agronomia na UFV - Enfim, com o vestibular de 1966, ingressei na universidade. Escolhemos como símbolo da turma o pássaro Carcará. Convivi os dois primeiros anos de universidade com esse grupo. Depois, a química me segurou e, assim, ingressei no Cavanhaque de Urubu. Aqui começou minha convivência com esta nova turma, que é alegre, boa de gole, unida e que assim vem permanecendo pelos seus 50 anos (2020) e esperamos que perdure por mais 50. O curso de agronomia, sem o “peso” da química nas costas, ficou agradável, apesar de que, em Viçosa, não havia moleza. Era a

semana do cachorro, período de provas, seguida da do gambá, quando se bebiam todas. Depois, eram estudos e aulas práticas e um tempo para namoro.

Durante o curso, eu e a Lenina, na época minha namorada, desenvolvemos várias atividades extracurriculares que foram importantes nas nossas amizades e formação. Entre estas atividades, destacamos, em 1969, o trabalho desenvolvido no Nordeste, quando participamos, com mais oito parceiros, de um grupo cujo objetivo era promover melhores condições para o desenvolvimento social da pequena população do município de Japarutuba, SE, onde trabalhamos por um mês. Foi uma experiência muito rica, que iria influenciar nossa vida profissional. Seu resultado concreto, entre outros, foi a criação da Cooperativa de Assentamento, que perdura até hoje. Outras duas atividades culturais interessantes, principalmente para a época, foi o trabalho desenvolvido com a Cinemateca Nacional, quando, periodicamente, ia ao Rio selecionar e buscar filmes de arte para passar no CEE para os interessados. Outra atividade, a participação na criação do Coral Universitário, que marcou época.

No momento de escolher uma Diversificação, optei por economia rural, área com a qual tinha mais afinidade e que me abriu um campo novo e com perspectivas, o cooperativismo. Quanto aos colegas da economia rural, não vou declinar nomes, pois todos foram fundamentais pela amizade e companheirismo, contribuindo para minha formação acadêmica.

Minha vida profissional - Das várias opções de emprego, para nós recém-formados, a que mais me atraiu foi a da ACAR (EMATER) quando, em 1971, após o pré-serviço de extensão, fomos eu e o Aloísio contratados e indicados para avaliar um projeto de crédito rural e assistência técnica do governo do Estado, implantado no Vale do Palmital, município de Pedro Leopoldo. Nossa primeira atividade profissional. Em seguida, fui indicado para o escritório local da ACAR em Sete Lagoas e, daí, em 1972, fui transferido para o escritório regional em Viçosa quando, além de coordenar o projeto de grandes animais, desenvolvi trabalhos com cooperativas de Viçosa, Ponte Nova, Raul Soares e Ubá, nas áreas organizacional, fábrica de ração (convênio com a UFV), horticultura, fumo, leite e cana.

Em Viçosa, minha esposa fez o mestrado em economia rural, tendo como orientador o professor Sérgio Brandt. Em 1974, a convite do Secretário de Agricultura de Minas, Renato Simplício Lopes, assumi a superintendência de cooperativismo do Estado, quando reformulamos sua estrutura e a forma de atuação, com atividades desenvolvidas na área de fomento ao cooperativismo, o PRODEMATA, parceria entre o Governo de Minas e o Banco Mundial; modelo de governança e participação; comitês de compras; e fomento ao cooperativismo de eletrificação rural.

Em 1978, com apoio do Secretário da Agricultura Agripino Abranches Viana, das cooperativas através da OCEMG e da Fundação Alemã Friedrich Neumann, foi criada a FUNDEC, fundação que desenvolveu inúmeras atividades de fomento ao cooperativismo, reformulação de laticínios das cooperativas, elaboração, em parceria com IBC e Governo, do projeto da Empresa Exportadora de Café das Cooperativas Mineiras - COOFEX. Ainda nesta época, foi criada a Central das Cooperativas de Eletrificação Rural em Minas Gerais, impulsionando esta importante área. A FUNDEC desenvolvia também projetos de consultoria organizacional e auditoria.

Em 1983, retornei à EMATER-MG, escritório central, passando a coordenar o Núcleo de Organização Rural. Ainda nesta entidade, entre 1984/85, prestei, através de convênio com o Incra, assessoria na organização do quadro social da Cooperativa dos Produtores de Cana e Açúcar, em Altamira, PA. Foi uma experiência muito rica vivida na Transamazônica.

De 1986 até 2009, trabalhei na COOPARAISO - Cooperativa Regional dos Produtores de Café em São Sebastião do Paraíso, quando desenvolvi um projeto de sua recuperação e de seu desenvolvimento, através de um modelo de governança participativa e assistência técnica que, na época, serviu de modelo e contribuiu, por meio de parcerias e fomento com a pesquisa e extensão rural, para o desenvolvimento da cafeicultura mineira, que hoje ocupa o 1º lugar no Brasil em produção e qualidade.

Nos anos de 1989/99, fui contratado pela CREDIMINAS - Coop, Central de Crédito, para desenvolver e implantar um projeto de fomento e expansão das cooperativas de crédito através de um planejamento estratégico. Como resultado, temos hoje um cooperativismo de crédito forte, capitaneado pelo SICOOB e em crescente expansão.

No período de 1994 a 1999, fui eleito para o conselho diretor da OCEMG - Organização das Cooperativas de Minas Gerais.

No período de 2003 a 2007, presidi a ADEBRAS e o Nosso Banco - Banco do Povo, voltados, respectivamente, ao desenvolvimento regional e ao microcrédito.

Em 2009/12, fui contratado pela Organização das Cooperativas Brasileiras - OCB, em Brasília, para coordenar a organização e a realização do X Congresso Brasileiro de Cooperativismo, realizado em 2010, em Brasília, e o pós-congresso, para acompanhar as implementações das resoluções aprovadas.

Em 2013, coordenei a elaboração do Plano Diretor 2013/16 da OCEMG, entidade que fomenta e desenvolve inúmeros trabalhos de apoio ao sistema cooperativista.

Complementando minha vida profissional, especializei-me em gestão empresarial na Fundação Dom Cabral, em Belo Horizonte; em planejamento estratégico, na Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo; e em cooperativismo na Universidade de Münster-Alemanha e na Universidade de Varsóvia, Polônia.

Atualmente, atuo no CREA-MG como conselheiro da Câmara Especializada de Agronomia, Gestão 2018/20.

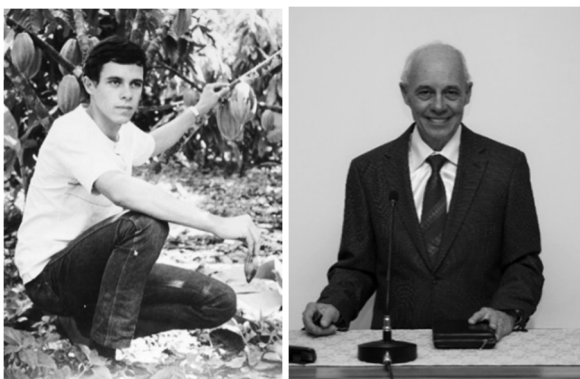
Desde 2005, sou vice-presidente da Fundação Educacional Comunitária de São Sebastião do Paraíso - FECOM, mantenedora das nove faculdades que compõem a Libertas e seus 800 alunos. Todas essas atividades desenvolvidas demonstraram que estava certo quando da escolha de minha diversificação. Foi empatia, quando entendi que o cooperativismo é uma filosofia de ação em que se investe na pessoa, no ser humano. Assim, concluo minha autobiografia com a certeza de que atuei profissionalmente voltado para o outro, contribuindo para um desenvolvimento sustentável.

Minha família - Em 1972, eu e a Lenina Carvalho Landi Pereira, nossa colega cavanhaqueana, nos casamos e tivemos três filhos: Bruno, gerente sênior de criação da DPZ&T em São Paulo, casado com Natalia, executiva de soluções em conteúdo da Rede Globo em São Paulo; nossa filha, Fernanda, designer de interiores na empresa Ornare em Miami (USA), fazendo, atualmente, pós-graduação; e o Daniel, gerente sênior de vendas digital da WB - Warner-Bros, casado com Karina, coordenadora de comunicação & marketing do Banco Santander Brasil. Completando, temos dois maravilhosos netos: Augusto (Guto) e a Amelie (Mel).

Esta história de vida não existiria não fossem a presença, a parceria, a amizade, a compreensão e o amor da minha esposa Lenina como da minha família, a quem sou eternamente grato.

São Sebastião do Paraíso, novembro de 2019.

MENDEL GUIMARÃES BERNARDES



Minhas origens - Nascido em Dores do Indaiá, MG, em 14/10/1947 e criado nesta cidade até os oito anos de idade, quando me mudei para Pratinha do Araxá, MG. Em Pratinha, passei dois anos, quando concluí o curso primário. De Pratinha, minha família mudou-se para Estrela do Indaiá, MG, onde cursei a 5ª série e o curso ginásial. Meu pai não tinha fazenda, mas meus tios sim. Nas férias, ia sempre para a roça porque

sempre gostei do meio rural. Como estudava à noite, comecei trabalhando de engraxate. Depois, em uma loja de tecidos e em uma farmácia.

O ingresso na UFV - De Estrela do Indaiá, fui para Viçosa, MG, fazer o cursinho preparatório para prestar exame de admissão ao curso técnico de agricultura da UREMG. Aprovado, cursei durante três anos o segundo grau, morando no alojamento do agrotécnico. Em seguida, prestei vestibular para o curso de agronomia da UREMG, hoje UFV, passando mais quatro anos em Viçosa. No 1º ano, morei no alojamento velho, de frente para a praça principal, com Carlos e Gilberto Sedyama. O Gilberto só admitia conversar depois que tomasse café. Garoto esperto. Depois, mudei-me para o alojamento novo, dividindo o apartamento com mais três colegas: Alexandre Aad Neto, Lúcio Louzada Cordeiro e Wilson Ferreira da Fonseca. Soltamos muitas bombas e demos muitos banhos nos transeuntes que entravam no prédio. Durante todo o tempo que passei na UFV, pratiquei esporte olímpico, fazendo parte da equipe de acrobacia da Universidade.

O curso de agronomia da UFV - Depois de concluir o curso técnico de agricultura, estava definido quanto à vocação que ia seguir, que seria agronomia. No primeiro ano do curso, consegui passar de primeira em química inorgânica com o professor Márcio Moura Estevão, terror da UFV e, em biologia com o professor Milgar, doido de pedra. No último ano do curso, optei por zootecnia, apesar de levar a sério as matérias das outras especialidades, já prevendo que poderia precisar delas futuramente na vida profissional, como, de fato, precisei. No último ano do curso, participei de duas excursões: com a minha turma da zootecnia e de carona com a turma da fitotecnia.

Minha vida profissional - Formado, fui trabalhar na EMATER- MG, antiga ACAR, em Conselheiro Pena, MG, no projeto CONDEPE de pecuária bovina, elaborando projetos de pecuária e prestando assistência técnica aos produtores tomadores do crédito pecuário. Passei lá pouco mais de um ano e fui para Vitória, ES, trabalhar na Secretaria de Agricultura, onde fiz concurso público. Depois, com a criação de EMCAPA - Empresa Capixaba de Pesquisa Agropecuária, trabalhei nela até 1979. Paralelamente, em Vitória, montei uma empresa de projeto agropecuário, AGROPEC Planejamentos Ltda., tendo elaborado vários projetos de financiamento bancário, tanto de pecuária quanto de agricultura. Em 1979, pedi licença do serviço público e fui trabalhar em uma empresa agrícola, a Blomaco Agrícola, elaborando os projetos para financiamento bancário. A Blomaco produzia abacaxi, laranja, mamão papaia e melão, e nela permaneci até 1981. Em 1980, fiz concurso para a carreira de agrônomo do Banco do Brasil. Aprovado, fui

nomeado em 1981 para trabalhar na região de cana-de-açúcar em São Luiz do Quitunde, AL, onde passei 3,5 anos. Morava em Maceió e, todos os dias, viajava 60 km para São Luiz do Quitunde. Paralelamente, arrendei um pedaço de terra e plantei melancia, melão, abóbora e mandioca. Em 1985, fui transferido para Campos dos Goytacazes, RJ, também região de cana-de-açúcar, onde trabalhei 7,5 anos. Nesse tempo, fiz um curso de pós-graduação em irrigação pela UFV. Paralelamente, em Campos, arrendei terra e plantei melancia. Em seguida, fui transferido para Brasília para trabalhar na diretoria de agronegócios do Banco do Brasil. De lá, fui nomeado para compor uma equipe multidisciplinar de análise de negócios, que preparava as propostas de negócios com parecer técnico e sugestão de deferimento para os colegiados de diretores e vice-presidentes do Banco, na secretaria executiva da presidência do Banco, onde fiquei até me aposentar, em junho de 2010.

Minha vida espiritual - Desde os tempos de agrotécnico, já sentia vocação para o ministério pastoral. Porém, não profissional. Por isso, sempre tive participação ativa nas atividades da igreja Presbiteriana de Viçosa. Quando me casei, em 1973, conheci a igreja Cristã Maranata, que teve origem na Igreja Presbiteriana, cujo ministério não é profissional e não pede dinheiro para ninguém. Logo me identifiquei com esta igreja. Em 1975, fui levantado diácono, em 1977, ungido ao ministério da Palavra e, em 1979, ordenado Pastor, completando agora, em 07/09/2019, 40 anos de ministério. Essa foi a minha maior conquista: transmitir o projeto de Deus para a salvação do homem.

Minha família - Em Conselheiro Pena, conheci uma alemã PO luterana, Zélia Hoffmann, com a qual me identifiquei e me casei em 1973. Nessa época, já morava em Vitória. Do casamento, nasceram duas meninas, Lalinka e Sueda, hoje formadas em letras e direito, respectivamente. De Vitória, fui nomeado pelo Banco do Brasil para trabalhar em São Luiz do Quitunde, AL, mas residindo em Maceió, AL. Lá nasceu o Rendell, hoje formado em ciência da computação. Quando vim para Brasília, os filhos eram solteiros. Aqui se casaram e residem. Deles, vieram seis netos, sendo cinco meninos e uma menina. Quando me aposentei em 2010, fui para os Estados Unidos e passei quatro meses e meio em Cambridge, MA, ocasião em que tive a oportunidade de fazer um curso de inglês em Harvard. Continuo estudando inglês todos os dias para poder me comunicar nas viagens internacionais que faço todos os anos.

MERCIAL LIMA DE ARRUDA



Filho de José de Andrade Arruda e Joana Batista de Arruda, nasceu em Grajaú, MA, em 14/12/1943. Fez o segundo grau no Colégio Agrícola de Brasília, DF, e ingressou no curso de agronomia da UREMGE em 1967, tendo colado grau em engenharia agrônômica em 1970. Colega estudioso e compenetrado, recebeu o apelido de Prefeito. Coincidência ou não, dedicou sua vida à política e à Grajaú, tendo sido seu prefeito em quatro mandatos e, em 2018 eleito novamente, para o quinto mandato. Também, pela região, foi eleito deputado estadual por três legislaturas, chegando a ser líder do governo na Assembleia Legislativa do Maranhão. Iniciou sua carreira na Secretaria de Estado da Agricultura do Maranhão (SAGRIMA) e foi presidente da ACAR Maranhão. É casado com a nossa colega Lenilce e tem um filho (Ricardo), atual Secretário de Planejamento do município de Grajaú.

MORETHSON RESENDE



Nasci no município de Ritópolis, MG, e fui criado pela Tia Sinhá, na Fazenda do Jacu, pois perdi minha mãe com um ano de idade. Em Resende Costa, terminei o grupo escolar e, em São Tiago, o primeiro e segundo do ginásio. Em Barbacena, concluí o segundo mestria agrícola e o curso de técnico agrícola, na Escola Agrotécnica Diaulas Abreu. Em 1967, iniciei meu curso de agronomia no UREMG, hoje UFV.

Minha passagem pela vida universitária teve acontecimentos marcantes, como a participação da marcha contra a esterilização das mulheres do Amazonas e contra a guerra do Vietnam, em que

enfrentamos a polícia na praça de Viçosa e tivemos que nos refugiar na igreja. Diga-se de passagem, que, até hoje, não entendi a razão dessas duas passeatas! Além de diretor social do DAAB, participava bastante da vida esportiva como goleiro de futebol e futebol de salão. Participava, ainda, com menos afinco, do vôlei e do basquete de nosso clube. Fui, ainda, reserva do Chato no gol da LUVE.

Bem no início de 1971, logo após a nossa formatura, fiz concurso e fui aprovado como extensionista da EMATER-ES, mas, como consegui uma bolsa do CNPq, em março de 1971, fui fazer mestrado em hidrologia aplicada, no Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH) da UFRGS, e voltei para me casar com a Elena em 11 de abril daquele ano. Após terminar meus créditos, voltei para Viçosa, no início de 1972, para conduzir os experimentos de minha dissertação na UFV. Em setembro de 1972, fui a Porto Alegre defender minha tese. Foi quando meu orientador, Dr. Sten Stalberg, questionou a validade daquele trabalho. Após várias discussões e reuniões com a diretoria do IPH, decidiu-se que eu defenderia a tese em 30 de novembro de 1972, com meu orientador participando da banca para provar que havia erros na condução do trabalho. Talvez esta tenha sido a única vez na história que um orientador participou de uma banca de tese contra seu orientado! Uma das consequências desta saga, após a aprovação da tese, foi o encerramento antecipado do contrato do Dr. Sten Stalberg com a UFRGS. Esse professor e cientista sueco, embora prestigiado, foi mandado de volta para sua terra dois meses depois daquela defesa! Neste mesmo dia, enquanto eu passava apertado lá no Sul, a Elena passava em Viçosa para ter nossa segunda filha, a Cristiane.

Em março de 1973, fui contratado como assessor de irrigação na ANCARBA, em Salvador, BA, onde trabalhei até o final de março de 1974, quando fiz concurso e fui contratado pela EMBRAPA e lotado no antigo IPEACO. Em setembro de 1975, fui para Gainesville, Flórida, para terminar o treinamento de inglês. No final daquela etapa, aconteceu um fato muito marcante na minha vida! Ainda no IPEACO, tinha feito inscrição para meu curso de Ph. D. em irrigação nas Universidades de Davis, Colorado e Utah. Dr. Murdock, sediado em Wisconsin, era quem fazia os contatos com as universidades para alocar os pesquisadores da EMBRAPA nos EEUU. Quando terminei o curso de inglês na Flórida, no início de 1976, fui informado pelo Dr. Murdock que iria para Utah, minha terceira opção. Entrei em contato com Davis para saber por que não tinha sido aceito em Davis e descobri que meu *application* nunca tinha chegado por lá. Claro que fiz o maior banzé junto à EMBRAPA e ao pessoal de Wisconsin! Contudo, a viagem para Utah já estava marcada e lá fui eu, apesar da revolta! Na escala, no aeroporto de Dallas, no Texas, ouvi meu nome pelo alto-falante para comparecer no balcão da minha companhia aérea, pedindo para eu entrar em contato com Dr. Murdock, que me disse: “mude sua viagem para Davis. Você acaba de ser aceito por lá”. Aí foi a glória total! Parti para Davis! Durante os quatro anos que passamos nessa cidade, convivemos

com várias famílias de brasileiros, com destaque para Gilberto Sedyama, Ênio Fernandes da Costa, Rolf Puschmann, Lairson Couto, Prof. Murilo Geraldo de Carvalho, Otávio Camargo, Ondino Batágia e outros. Tínhamos uma vida social bastante intensa, como o time de futebol do Brasil, churrascos, carnaval, encontros e outros.

Após terminar os cursos requeridos, meu exame de *qualifying* foi marcado para abril de 1979! Era, sem dúvida, o ponto mais vulnerável do curso de Ph. D. e era o maior pesadelo dos estudantes. Por outro lado, quando o candidato era aprovado, fazia-se uma grande festa e eram convidados amigos, colegas, professores etc. Na véspera, ao chegar à casa, encontrei Elena e algumas amigas discutindo os detalhes dos arranjos e o menu da festa do dia seguinte, quando eu interrompi e disse: “amanhã é meio de semana e nós vamos fazer a festa no sábado. Assim, mais pessoas poderão participar”! No fundo, não era nada disso. Imaginem, eu em pleno exame e, ao errar alguma pergunta, certamente pensaria: “o que vou fazer com aquela festa que está montada lá em casa”? Claro que desconcentraria qualquer um. Às 18 h, quando terminou o exame e soube que tinha sido aprovado, de imediato convidei todos os membros da banca para uma festa na minha casa, dentro de duas horas, ou seja, às 20 horas. Em seguida, liguei para Elena e disse que a festa seria agora, que ligasse e convidasse nossos amigos e pedisse suas amigas para ajudar. É claro que ela ficou furiosa e só faltou pedir divórcio naquele dia! Em duas horas, já estávamos bebendo e comemorando o grande fato. Diga-se de passagem, conseguimos montar uma das melhores festas de *qualifying* que aconteceram em Davis!

Além dos cursos formais, fiz alguns treinamentos de menor duração, como um curso sobre manejo de pesquisa na University of Wisconsin em 1979; observação de programas de pesquisas no Japão, durante 30 dias, em 1981; e “International Course on Irrigation in Investigacion y Desarrollo Agrario de Cordoba Center”, na Espanha, por 40 dias, em 1986. Em 1993, fiz um ano de *Sabbatical* na Universidade de Lincoln, em Nebraska, sobre manejo de irrigação e nitrogênio, visando a reduzir a contaminação ambiental.

Em setembro de 1979, após o término de meu Ph. D., retornei dos EEUU para o Centro dos Cerrados, onde, além de conduzir pesquisas, coordenei o Programa Nacional de Pesquisas de Aproveitamento dos Cerrados, sob a batuta do Dr. Wenceslau Goedert, chefe técnico do CPAC. Em março de 1983, fui designado diretor técnico da EMCAPA pelo governador Gerson Camata, onde permaneci por quatro anos. Acho que nosso maior feito naquela Empresa foi reestruturar todo o programa de pesquisas, incluindo a interiorização de todos os 70 pesquisadores lotados em Vitória, transferindo-os para três estações experimentais localizadas nos municípios de Linhares, Cachoeiro do Itapemirim e Venda Nova. Do ES fui para o CNPMS, em Sete Lagoas, em março de 1987 onde, além de conduzir vários trabalhos de pesquisas, fui chefe adjunto de desenvolvimento do CNPMS de 95 a 99 e, também, responsável pelo laboratório de física de solos.

Entre as atividades de pesquisa, além de trabalhos científicos, participação em congressos, palestras, cursos e participação em várias comissões, poderia destacar algumas atividades que considero entre as mais importantes, como liderar um programa de pesquisas envolvendo 18 pesquisadores de diferentes de áreas sobre ajuste de tecnologias para cultura do milho irrigado. Estas tecnologias permitiram a publicação do meu livro sobre cultura do milho irrigado, em 2003. Tivemos, também, a oportunidade de desenvolver um novo método de programação de irrigação, o Método Resende, uma estratégia simples e precisa de se programar irrigação, baseado no ajuste e predição da evapotranspiração de uma série histórica de dados climáticos. Paralelamente, foi desenvolvido um *software*, o Irriga Fácil, que permite a utilização deste método. Em março 1997, tive a honra de participar de um programa de uso de insumos na agricultura, em Moçambique, juntamente com Dr. Norman Borlaug (1914-2009), Prêmio Nobel da Paz em 1970. Eu e Dr. Borlaug viajamos junto para Sete Lagoas, onde tive a oportunidade

de convidá-lo a jantar em minha residência. Eu e mais dois colegas do CNPMS fomos encarregados de acompanhar o Dr. Borlaug para conhecer a evolução da agropecuária dos cerrados brasileiros. Ainda na África, em outubro e novembro 1997, fiz parte de uma delegação brasileira para identificar e elaborar um programa de cooperação técnica com Moçambique. Em janeiro de 2002, fiz parte de um outro grupo de trabalho da EMBRAPA para elaborar uma proposta de criação de uma empresa estadual de pesquisas no estado Jigawa, na Nigéria. Este trabalho permitiu a criação do Jigawa Agricultural and Livestock Research Institute, similar à EPAMIG. Ainda, com relação a viagens internacionais, foram feitas algumas atividades de troca de experiências e encontros no Chile, México, Japão, Espanha, Holanda, Moçambique, África do Sul e Nigéria. Finalmente, no meu ponto de vista, a atividade mais importante em toda minha carreira técnico-científica foi ter pertencido ao corpo editorial, como “Advisory Editor”, da revista científica “Irrigation Science”, publicada pela Springer-Verlag, M. Lehr da Alemanha, de 1996 a 2002. Também me orgulho de ter sido o único latino-americano a ocupar essa posição nesta revista, quando tive a oportunidade de avaliar mais de 50 trabalhos científicos na área de irrigação de diversos países.

Agradeço a Deus por ter propiciado minha participação no corpo científico, responsável por este fantástico trabalho desenvolvido pela EMBRAPA! Estes cientistas, sem medir esforços e de forma honesta e incansável, vêm se dedicando ao engrandecimento de nossa agropecuária. É importante lembrar que todo este trabalho foi desenvolvido sem interferência política, sem corrupção e sem nenhum apadrinhamento! Pelo contrário, trabalhávamos fora do horário, em feriados e final de semana, sem nenhuma remuneração extra, por puro idealismo e comprometimento com a geração de novas tecnologias, sendo que a vaidade ficava em segundo plano, quando comparada com o reconhecimento de nossa sociedade por este brilhante e incansável trabalho, de que eu também fiz parte e que me permite dormir tranquilo com a sensação do dever bem cumprido!

Voltando a 1974, precisamente em 1º de abril, quando entrei na EMBRAPA, portador dos ensinamentos de meu Pai, o incansável senhor Cassiano Resende, cidadão de boa cepa, que me ensinou a não abrir mão dos meus valores em troca de meu sucesso profissional! Por 31 anos, vivi nesta instituição de pesquisa, onde o sucesso profissional jamais exigiu abrir mão de meus valores pessoais. Instituição de profissionais felizes, realizados e comprometidos em ambientes saudáveis onde, despreocupadamente, minha família conviveu sob o manto da amizade e da camaradagem. Trata-se de uma empresa com respeito internacional, sempre em busca do desenvolvimento científico, tecnológico e social que conseguiu alavancar nossa agricultura, hoje o carro chefe do desenvolvimento deste País.

Tudo o que consegui teve a participação efetiva da Elena, esposa, mãe, filha e cidadã exemplar, que dedicou cada segundo de sua vida à nossa família, sem medir esforços e, muitas vezes, em detrimento de seus momentos de lazer e da própria saúde. Seu amparo, dedicação e orientação às filhas, com certeza, foram responsáveis pela fantástica formação de cada uma. Como uma leoa, com unha e dentes, sempre protegeu a todos nós. Não podemos nos esquecer nunca da sua grandeza no apoio a seus pais, em seus últimos anos de vida, com todo desprendimento e carinho que poucos seres humanos conseguiriam.

Minhas filhas Juliana, Cristiane, Márcia e Caroline, felizmente seus DNAs são mais fortes que o meu, lindas, tendo vindo ao mundo para torná-lo um lugar melhor. Sempre disse e todas sabem o quanto delas me orgulho, inclusive pelas famílias que constituíram! Tanto eu como a Elena somos gratos a Deus por ter conseguido formar nossa família livre das amarras da inveja e da competição desonesta. São cidadãs comprometidas com o trabalho,

com a honestidade, com o civismo e com todos os valores éticos que enobrecem o ser humano.

Não consigo selecionar qual foi o melhor período em nossa vida! Todos foram ótimos! E agora, após minha aposentadoria, com muito orgulho e revivendo o ambiente em que fui criado, venho desempenhando o papel de produtor rural na Fazenda Bandeira, município de Paula Cândido, MG.

NÍBIO MILAGRES TEIXEIRA

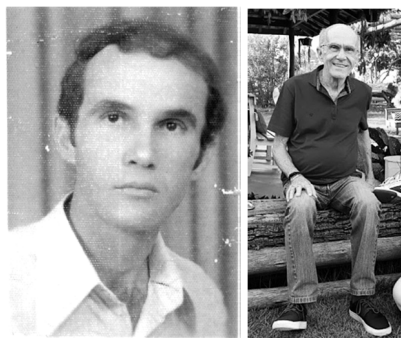


Nasceu em Viçosa, MG, em fevereiro de 1947, 10º filho de família numerosa da D. Amélia Milagres Teixeira (1912-1992) e Antônio Rafael Teixeira (1906-2003) (Sr. Tote), pequeno agricultor da região. Aos oito anos de idade, foi levado para o Seminário de Mariana, de onde retornava apenas em férias escolares. Deixou o seminário em 1966 devido a seu fechamento, depois de 12 anos se preparando para o sacerdócio. Detentor de formação preciosa em ciências humanas e em letras, falava francês e inglês fluentemente, conhecia o latim, era culto e inteligente. De volta a Viçosa, obteve a grande conquista de passar no vestibular para agronomia, para ele um grande desafio, dada sua formação mais humanística, o que foi motivo de orgulho para toda a família. Não foi suficiente a formação em agronomia. Concluiu, posteriormente, o mestrado em economia rural. Concluído o mestrado, trabalhou no Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento Industrial (INDI), em Belo Horizonte e, posteriormente, passou a integrar a equipe de pesquisadores do IPEACO (Instituto de Pesquisas Agropecuárias do Centro Oeste), em Sete Lagoas, MG. Na sequência, integrou a equipe do Centro Nacional de Pesquisa de Milho e Sorgo da EMBRAPA, de onde se dirigiu para o doutorado em Madison, Wisconsin, EUA.

Casado, teve a filha Patrícia, com problemas muito sérios e má formação, que exigiu dele muitos cuidados e dedicação, dado o tratamento rigoroso a que tinha que ser submetida. Isso interferiu muito na conclusão do doutorado e em seu desempenho profissional. Faleceu, precocemente, em 1999, aos 52 anos, deixando legado de pai dedicado, bom filho e irmão amigo.

NICOLAU SENNA NETO

10/09/1946 – 21/08/2019



Nasceu em 10 de setembro de 1946, em Morro Vênus, distrito de Castelo, ES, filho primogênito de Francisco Sena e Gilca Cornélio Senna, sendo seus irmãos Newton e Paulo. Fez seus estudos básicos em Castelo, ES. Em 1970, graduou-se em engenharia agrônoma pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). No período de 1971 a 1987, exerceu as funções de extensionista como supervisor local, coordenador regional de horticultura, supervisor regional e

coordenador estadual de fruticultura na EMATER/MG. Em 1972, casou-se com Lúcia Helena Lacerda Senna. Em 1973, tiveram seu primeiro filho, Marcus Sávio Lacerda Senna.

Em 1977 (24/04 a 01/07), Nicolau participou de curso de especialização em fertilidade e extensão rural em Israel. Em 1978, tiveram seu segundo filho, Bruno Lacerda Senna.

Em agosto de 1987, iniciou o curso de mestrado em fitotecnia na UFV, na área de propagação vegetativa de plantas, publicando, em 1990, sua tese de mestrado com o título “Micropropagação de mandioquinha-salsa (*Acracacia xanthorrhiza* Bancroft)”.

Em família, é muito difícil sintetizar Nicolau com palavras. Ex-marido, mas eterno companheiro de Lúcia Helena Lacerda Senna, parceira de uma vida inteira, da qual jamais se distanciou. Pai amigo, amoroso e dedicado de Marcus Sávio e Bruno e sogro (e pai) tão dedicado quanto de Ana Paula e Evandra. Avô carinhoso, orgulhoso e apaixonado de Nicoli (9), Lara (7) e Gabriel (3). Nicolau passou a maior parte de sua vida acadêmica e profissional em Viçosa, onde se graduou em 1970, em agronomia pela UFV.

Na EMATER/MG, trabalhou em Alfenas e Caratinga, até firmar residência em Governador Valadares, onde nasceram seus dois filhos e fez graduações em matemática e direito. Posteriormente, em 1987, retornou a Viçosa para fazer o mestrado em fitotecnia pela UFV, onde se aposentou e fixou residência.

Com o estabelecimento profissional dos filhos na cidade de Venda Nova do Imigrante, ES, a 30 km de sua cidade natal (Castelo), onde também reside sua mãe Gilca e, em razão do casamento dos filhos e do nascimento dos netos, mudou-se, definitivamente, para essa cidade. Reuniu, assim, novamente toda a família - filhos, netos, sua mãe Gilca e a eterna companheira Lúcia Helena, até o final de sua vida.

Nicolau sempre foi um amigo fiel e atencioso, valorizou e zelou pelas amizades construídas, especialmente aquelas de longa data, carregadas de cumplicidade, estórias e história. Os amigos, carinhosamente chamados de irmãos, decerto haverão de concordar. Nicolau era profissional dedicado, discreto, estudioso, *mestre da vida e eterno aprendiz...* Sempre se dedicou de coração à causa da agronomia, conquistando o respeito e a admiração dos colegas de EMATER/MG (onde trabalhou a vida inteira) e dos muitos amigos e parceiros, carinhosamente cativados ao longo da jornada.

Nicolau era paz, era respeito à opinião contrária, era ouvido e ombro amigo e aquele abraço de paz... uma pessoa que sabia ser presença, mesmo quando ausente. Não se ouvia dele rispidez, senão quando moleque: “provocava” a situação e o susto, apenas para ver a reação no rosto do outro e, então..., caía na gargalhada....

Nicolau faleceu em 21 de agosto de 2019, aos 72 anos, de complicações cardíacas. Deixou um vazio enorme no coração de toda a família e amigos queridos, apenas aplacado pela gratidão a Deus por ter permitido desfrutar de sua presença e ensinamentos pelo tempo que Ele assim desejou e pela certeza de que vamos todos nos reencontrar.

Saudades eternas pai, avô, filho, irmão, parceiro de vida e amigo querido!!!

AMAMOS MUITO VOCÊ!

NILSON MILAGRES TEIXEIRA



Nilson Milagres Teixeira, filho de Amélia Milagres Teixeira e Antônio Rafael Teixeira, nasceu em Viçosa, no dia 03 de abril de 1949. Décimo primeiro filho de quinze, desde muito jovem, traçou uma vida ligada à natureza, a terra. Sua origem simples e humilde não o impediu de alçar voos altos em busca do conhecimento, dos estudos, da vida acadêmica e das pesquisas em prol do desenvolvimento de sua expertise.

Enquanto criança, Nilson caminhou a pé ao lado de seu pai, dia após dia, rumo ao trabalho na roça, que ficava não muito distante do centro de Viçosa. Apesar de toda

essa dedicação à família e à propriedade rural que sustentou a si e a seus irmãos, com muita dedicação aos estudos, obteve inúmeras conquistas e realizações profissionais e pessoais. Ainda adolescente, ministrava aulas a jovens estudantes, preparando-os para a universidade.

Nilson formou-se em agronomia pela Universidade Federal de Viçosa, tendo cursado a respectiva faculdade entre os anos de 1967 e 1970. Tão logo obteve seu primeiro diploma junto à UFV, Nilson engajou-se à diversificação em zootecnia. Interessado no melhoramento genético e na produção de produtos de origem animal, ele se aprofundou em estudos direcionados ao aprimoramento das potencialidades de animais domésticos ou domesticáveis e tornou-se mestre pela Universidade Federal de Viçosa em 1974. Sua vida acadêmica, de estudos e de pesquisas, prosseguiu no ano seguinte ao término de seu mestrado, quando deu início ao doutorado em *Animal Breeding* pela Iowa State University of Science and Technology. Concluiu tal pós-graduação em 1978, após defender sua pesquisa intitulada *Genetic differences in dystocia, calf condition and calf livability in Holsteins*.

Entre os anos de 1972 e 1974, antes de ir para os Estados Unidos fazer seu doutorado, Nilson atuou como professor do departamento de zootecnia do Centro de Ciências Rurais da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

Ao retornar ao Brasil em 1978, Nilson, já residente em Juiz de Fora, MG, iniciou seus trabalhos como pesquisador na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, onde desenvolveu inúmeros trabalhos relacionados ao gado de leite, destacando-se a brilhante pesquisa destinada ao melhoramento do gado holandês. Teve muita experiência na área de genética, com ênfase em genética animal, e atuou principalmente nos seguintes temas: *calf condition, calf livability, dystocia* e *holstein*.

Sua primeira filha, Yandyra, nasceu em 1974, fruto de seu casamento com Yandyra Pavanelli Batista Teixeira, com quem também teve Claudio, em 1977. Nilson ficou viúvo em dezembro de 1979, após o falecimento prematuro de Yandyra e deu continuidade à criação e educação de suas duas crianças.

Em 1981, Nilson conheceu Maria José Portes Teixeira, com quem se casou em setembro de 1982 e viveu o restante de sua vida. Com ela teve duas filhas: Andrea, em 1983, e Flávia, em 1984.

Entre os anos de 1983 e 1986, Nilson mudou-se para Viçosa com sua família para substituir seu irmão João Camilo na função de professor em um curso de doutorado da Universidade Federal de Viçosa. Após essa jornada de trabalhos acadêmicos, ele retornou a Juiz Fora onde prosseguiu com suas pesquisas na EMBRAPA até se aposentar.

Pai zeloso, cuidadoso e atencioso, Nilson tornou-se, em 1998, um avô dedicado e muito amoroso a partir do nascimento do primeiro neto, Yago, filho da Yandyra, que também

teve Caio, quatro anos após. Cláudio foi o segundo filho a encher a vida do avô Nilson com os netos Enrico, Ricardo e Renzo. Depois, foi a vez de Flávia, que teve Bernardo. Por fim, em 2016, Andréa completou, com João, o time dos sete netos de Nilson. Nilson faleceu no dia 02 de julho de 2018, deixando para toda a família um legado de justiça, equilíbrio, honestidade e perseverança. Foi exemplo de luta, resiliência, caráter e bondade para todos que tiveram o privilégio de conhecê-lo e de conviver com ele.

OCLÉCIO RODRIGUES FERREIRA



Oclécio, filho de Domingos Rodrigues Filho e Aurora Lemos Rodrigues, nasceu na fazenda Jatobá, município de Camapuã, MS, em 26/02/1943. Mudou-se para a cidade para frequentar escola. Eram cinco irmãos, sendo ele o terceiro. Os demais eram: o primeiro Derli; a segunda, Soila; o quarto, Wellington; e a quinta, Suely.

Oclécio fez as séries iniciais na Escola Estadual Miguel Sutil, em Camapuã e, depois, foi para Campo Grande, onde ficou interno no Colégio Dom Bosco e concluiu o antigo ginásio.

Após ter concluído o curso ginásial, Oclécio ingressou no curso agrotécnico de Viçosa, MG, influenciado por um primo que já estudava nessa universidade. Concluído o agrotécnico, prestou vestibular para o curso de agronomia na Universidade

Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG). Entrou em 1967, sendo graduado em 1970 na atual Universidade Federal de Viçosa. Formou-se como engenheiro-agrônomo, diversificado em zootecnia, em 1971, e foi trabalhar no estado do Pará, no município de Almeirim, na então Companhia Jari Florestal e Agropecuária Ltda, como assistente técnico do departamento de pecuária. Administrava quinze propriedades rurais com doze mil cabeças de bovinos e mil e oitocentos bubalinos. Nessa empresa, ainda administrava suinocultura e deveria formar, por ano, dois mil hectares de capim colônia. Ele coordenava um grupo de trabalho composto por um médico veterinário, dois técnicos agrícolas, três escriturários e mais ou menos cento e vinte trabalhadores de campo. Deixou essa empresa em 1972.

Retornando para Campo Grande, Oclécio foi trabalhar na EMPAER, onde permaneceu de 1973 a 1979. Nesse período, foi cedido para o CONDEPE (Conselho de Desenvolvimento da Pecuária), tendo exercido a função de gerente local, sediado na cidade de Aquidauana, MS. Sob sua supervisão, estavam os municípios de Anastácio, Antônio João, Aquidauana, Bela Vista, Caracol e Porto Martinho.

Com a extinção do CONDEPE, Oclécio retornou para a EMPAER. De 1984 a 1990, foi gerente estadual do PROVÁRZEAS, PROFIR e PRONI, como coordenador na implantação desses programas no Estado.

Oclécio foi para o México, a convite do Instituto Mexicano de Tecnologia de Água, para conhecer o programa de irrigação daquele país. De 1991 a 1993, foi gerente regional da EMPAER, em Campo Grande, responsável pela coordenação e execução de todo o trabalho da empresa na região, incluindo pesquisa. De 1994 a 1996, atuou como membro da equipe para elaboração do projeto de microbacias hidrográficas em todo o Estado, tendo sido coordenador dos programas de governo Terra Viva e Fronteira do Futuro. De 1998 a 30/11/2000, foi coordenador, em todo o Estado, do programa de reforma agrária, na EMPAER, cabendo a ele a articulação junto ao INCRA, vistoriando as propriedades

rurais para efeito de reforma agrária, fazendo, também, análise de projetos de assentamentos.

A partir de 02/06/2001, após desvincular-se da EMPAER num programa de demissão voluntária, juntamente com um grupo de profissionais, Oclécio criou uma cooperativa, sediada em Campo Grande, voltada ao desenvolvimento rural e ao agronegócio - COOPAER, da qual se tornou diretor-secretário. Por ocasião do seu falecimento, em 21/09/2002, ocupava essa função. Oclécio foi casado com Maria Constança Bogalho Ferreira, professora, e tiveram as filhas Heloísa e Mariana, ambas casadas, atualmente trabalhando na fazenda.

Nota: Esta biografia foi redigida pela sua esposa e contou com a intermediação de Ronaldo Pedrosa Gomes.

PAULO CEZAR REZENDE FONTES



Minha origem - Nasci em Viçosa, em 1948, na Avenida Bueno Brandão, na ainda existente casa de meus avós maternos, Joaquim Fontes e Cotinha, ao lado do atual Edifício Lourdes. A “intervenção cirúrgica” foi feita pela parteira caseira de quase todos os viçosenses, Dona Geni, mãe de Zinêgo. Fui o primogênito de sete irmãos e todos “vingamos”, sem ultrassons, raios X, doula, exames mil de sangue, urina

etc. Meu pai é Vicente de Andrade Fontes, exemplo de vida em diversas características, principalmente paternidade responsável, braveza educadora, honestidade e caráter ilibados, pontualidade, proativo, enérgico, independência, amizade com os menos favorecidos, estopim reduzido, impaciente com os proteladores e determinação para o trabalho. Trabalhou sempre como dentista (estudou em Ubá e Taubaté) em seu consultório particular, no térreo onde morávamos (hoje Edifício Lourdes e Vicente Fontes, na Avenida Bueno Brandão, construído em 2015/2018 pelos irmãos) e na UREM. Minha mãe, Maria de Lourdes Rezende Fontes, apesar de não ser formada em curso superior, é considerada pelos filhos e netos a melhor psicóloga e educadora na face na terra. A fé inabalável em Deus e em São José, aliada aos princípios cristãos, e a presença constante, generosa e disponível na nossa casa eram seus propulsores. Nunca esteve envolvida com Freud, Jung, Angell, behaviorismo, estruturalismo, humanismo, terapia cognitivo-comportamental, *mindfulness psychology* e outras “cositas mas”. Não dominava os conteúdos curriculares, diretrizes, didáticas das disciplinas e recursos de aprendizagem. Não se preocupava com as estratégias de avaliação nem com a informação técnica atualizada, apesar de assídua leitora do Lar Católico, telespectadora da Rede Vida e similares católicas. Mas Lulu, carinhosamente chamada por nós, tinha dons natos: amor no coração e bondade na alma, além de conhecer a fundo todas as “características” de seus “pacientes” (filhos, filhas, genros, noras, netos e netas, principalmente). Era sábia e falava pouco, muito pouco. Olhava com o olhar do céu no fundo de nossos olhos. Não precisava de palavras. Para Lulu, todos tinham a mesma importância, dos netos recém-nascidos aos Ph. Ds. da família e cada de um de nós era único. Sabia estabelecer um clima favorável às normas de convivência. Sempre demonstrava atitudes e comportamentos

positivos e cristãos. Buscava desenvolver o pensamento autônomo de seus “pacientes” com flexibilidade pouco comum aos mais idosos. Tinha elevado senso de justiça. Buscava entender o problema de cada um. Seu método era infalível: encostar-se na cama com a gente, acariciar tenuamente nossa cabeça, como uma fadinha, apelido carinhoso que recebeu de seus “pacientes” e ouvir, ouvir e ouvir.

Minha vida escolar - Minha vida escolar começou no curso primário (sem creche, pré ou prezinho), no Grupo Escolar Coronel Antônio da Silva Bernardes. Neste “grupo da praça”, de 1956 a 1959, tive a felicidade de ter as professoras Maria José Paiva del Giudice (primeira), Rita Vaz de Castro (dona Ritoca) e Eni Tafuri. E como eram competentes, amorosas, de bem com a vida de professoras, satisfeitas com a profissão, exigentes, amigas e respeitadas! Foram elas que me ensinaram a ler, escrever e contar. Verdadeiras mestras. Como foram importantes em minha vida! Foram inúmeras tarefas envolvendo problemas orais, tabuada, leitura e elaboração de textos, regra de três, cálculo de juros e outras que vejo pouco presentes na atualidade. Minhas professoras tinham o respaldo de duas sábias e enérgicas diretoras, Donas Cornélia e Zizinha. Mas, acima de tudo, tinham o respeito da sociedade e o enérgico respaldo de minha família.

O curso ginásial (1960 a 1963) foi no Colégio de Viçosa, gerido pelo “triumvirato” composto por Januário Fontes (meu tio), Sebastião Lopes e Pedro Gomide, assessorado pelo Seu Zé Rodrigues, chefe de disciplina, e alguns regentes como Aníbal, Norton, Carlos, Pedro Botina, Sô Rosado, Zé Afonso.... Esse pessoal comandou o Colégio por longo período com dedicação, competência e abnegação. Durante o ginásio, tivemos dezenas de professores, alguns inesquecíveis e ainda vivos, como o “triumvirato”, Sô Zé, Dona Áurea, Salgadinho, Jandir Marreco, Eliana, Pereirinha, Lúcio, João Luís e Onofre Brumano (paraninfo da minha turma). Esse período foi marcado por ir à aula (nunca me lembro de ter perdido uma aula, exigência absoluta de meus pais), sapecar os deveres de casa sob a cobrança de minha mãe e de meu pai, cujo consultório era no térreo de minha casa, serrar lenha em toco para o fogão, limpar e encerar o gabinete odontológico de meu pai. Mas, acima de tudo, foi um tempo de brincar muito com os amigos no terraço de minha casa, no beco da Rua Felício Brandi e, mais intensamente, no Largo São Francisco, hoje Praça Cristovam de Carvalho. No “Largo”, como era chamado esse local, até hoje presente e saudoso em minha mente, havia diversas temporadas de brincadeiras ao longo do ano: pião, “piru pisar”, “jogo do finco”, bolinha de gude (poucos ganhavam de mim), soltar papagaio/pipa/raia e andar de carrinho de madeira (rolimã) feito pelo meu pai. Mas, a presença garantida, amiga de todos os dias, era a bola. As famosas peladas do Largo São Francisco, cujo fator muitas vezes limitante era a bola, que o diga Marcha Lenta. Essa pelada era, quase sempre, catolicamente interrompida pela tia Totinha, mãe do Zé Rubens, para recebermos as bênçãos de Nossa Senhora Aparecida, dada no rádio por padre Vítor Coelho, catequista redentorista. Que bênção longa e como custava a acabar, pois a pelada fervia ao lado, no “Largo”. Talvez essas bênçãos do padre Vítor tenham nos livrado de contusões mais sérias do que cabeça do dedão, joelhos e cotovelos esfolados. O curso científico (1964-1966), como curso agrotécnico, foi feito na antiga UREMG. Além das aulas de 7 às 12 h e das 14 às 16 h, o dia a dia era intenso. Subir a reta de bicicleta para ir às aulas (ô reta fria) no prédio de madeira, atrás do prédio Fabio Ribeiro Gomes ou em algum setor da Universidade para a aula prática. Uma das aulas, de que não me esqueço, foi quando perguntei ao meu colega Têia (Cataldo, de Tocantins) qual seria o tema da aula prática, no Ribeirão São Bartolomeu, ao fundo da Capela. Ele, risonho e irônico, disse que era sobre carneiro. Intrigou-me saber como associar Ribeirão São Bartolomeu e carneiro. Obviamente, depois da aula dada pelo Zé ???(um aluno da agronomia, nosso professor de mecânica, vermelhão, meio calvo e acho de Senador

Firmino) pude associar, pois nunca tinha ouvido a expressão “carneiro hidráulico”. Por ser bolsista da SEAV, tinha o direito à alimentação, fato que somente vim a saber quando fui correr atrás de tempo para aposentar, que não tinha usado. Quase sempre tomava o café da manhã e almoçava no restaurante da Universidade de onde me vem pelo menos três gratas e gostosas lembranças: a dobradinha café com leite natural, não homogeneizado, e pão com manteiga; o bife servido pelo Candinho, regado e molhado com caldo; e uma fatia de uma gostosíssima bananada amarelada (nunca mais puder encontrar uma igual). Nos intervalos das aulas, ficávamos na ACTA, nossa associação cultural, ouvindo música dos Beatles, Rolling Stone, Bob Dylan, Pink Floyd, The Doors, Ray Conniff e Roberto Carlos (já vem Maria 38 com uma lista para arrecadar grana para comprar o último disco de vinil lançado pelo ainda não Rei). Além de ouvir músicas, ficávamos “jogando conversa fora” lendo e disputando partidas de dama, xadrez (um saco) e ping-pong (perdia pouco). Tais atividades amalgamaram uma amizade fraterna. A partir das 16 h, era o momento das peladas, de campo ou de salão. Guardo uma leve mácula do período do agrotécnico: não me foi dada oportunidade de disputar uma partida de futebol de campo pelo Agro. Isso, devido, em parte, à minha limitada aptidão, mas, principalmente, pela formação do maior “centrão” futebolístico, dominador do pedaço (Nikita, Antero, Salário, Meganha, Baixeiro et al.). Nem na Câmara Federal há tão forte segmento. Ainda bem que o professor Rubinho, amigo do professor Heitor Barbosa, me “resgatou” para o futebol, não o Bretão, mas o de Salão, com o qual me identifiquei e pude dar umas pernadas durante minha estada na Universidade.

O curso de agronomia - (1967-1970) foi uma extensão do agrotécnico, mais apertado, novas disciplinas e com a adição de vários outros amigos oriundos de várias regiões brasileiras (quase todos os ex-colegas do agro continuaram no curso de agronomia ou floresta). Raramente deixei de “bater uma pelada de futebol de salão” das 16 às 18 h, isto quando seu Niquinho (mandachuva da piscina) não “amarrava” a bola. Durante o curso de agronomia, eu era aluno durante o dia e, à noite, professor no Colégio de Viçosa (com carteira assinada).

Entre apocináceas, balancins, aivecas, bicromatos, clorofilas, constantes de ionização, precipitados amarelo, balizeiros de ré, solstícios de verão, cuidados com o trator, mapas de uso do solo, misturas de slides de botânica, protandrias, diletantismo Tuliano, porteiras de fazenda Josuenas para dois caminhões, régua de cálculo que nunca aprendi manejar, debicagens, “situação” bairroniana (causou-me uma segunda época), escala de Mohs, longos probóscitos, estros, furor do sossego, pomar “pulverizado”, gomoses, homeostases, inflação inercial, intemperismos, jusante, latossolos, testes de sabores de yougurte, macerados, precipitados, fotossíntese, ácidos carboxílicos, AGFs, fósforo ocluso, fitotoxinas, alporquias, ATPs, ciclo de Krebs, feldspatos, mofos brancos, mancozeb, cúpricos, bouba, entropias, CTC, dossel, coloides, carunchos etc. etc., terminamos o curso de agronomia e fomos para a vida.

Minha vida profissional - Em 2019, completei 52 anos de carteira assinada (com pretensão ainda longeva). Comecei na EMATER, em Betim, fiz o mestrado em fitotecnia na UFV, fui para o PIPAEMG/EPAMIG, fiz o Ph. D. em Indiana, na Purdue University, e fui para a EMBRAPA. Em seguida, em 1991, via concurso público, entrei para a UFV. Contabilizei 11 mudanças de endereços. Daí, as minhas reminiscências físicas serem inexistentes. Adicionalmente às atividades de ensino, pesquisa e extensão, dentro e fora da UFV, tenho sido parecerista em programas de pesquisas da EMBRAPA, em solicitações dos órgãos como CNPq, CAPES, FAPESP, FAPEMIG e outras fundações de pesquisa estaduais, em artigos científicos de dezenas de periódicos científicos nacionais e

internacionais, além de ter atuado como membro da Câmara de Agricultura da FAPEMIG e da Comissão de Sementes de Batata, atualmente da Câmara de Olericultura de MG. Atualmente, 2019, na Universidade Federal de Viçosa, sou professor titular e orientador de estudantes de mestrado e doutorado. Leciono as disciplinas de olericultura e nutrição mineral, tendo participado da formação de mais de 4.000 engenheiros-agrônomos, orientado 38 teses de MS e DS e dezenas de estudantes de iniciação científica e de pós-doutoramento. Os cerca de 200 artigos científicos publicados resultaram na publicação e editoração de livros e capítulos de livros, com destaque para “Olericultura – Teoria e Prática” e “Nutrição Mineral de Plantas – Anamnese e Diagnóstico”, utilizados em vários cursos brasileiros de graduação e de pós-graduação.

Minha família - Moro em Viçosa e sou casado há 45 anos com a pedagoga Delice Amélia de Moura Fontes. Temos duas filhas: Cristiane (dentista) e Fernanda (psicóloga); dois genros, Alexandre (dentista) e Alberto (geógrafo); duas netas, Júlia (11 anos) e Lívia (5 anos); e um neto, Gabriel (1 ano). Agradeço a Deus por tê-los, mas sobre eles não escreverei nada, exceto que são a principal razão de minha vida.

PAULO ROGÉRIO CANABRAVA



Nascido em Sete Lagoas, MG, em 13 de novembro de 1945, filho de Paulo Canabrava (serralheiro) e Cecília Sans Canabrava (dona de casa), completei o curso primário na Escola Estadual Dr. Arthur Bernardes e o colegial no Ginásio Getúlio Vargas. O convívio permanente do meu pai com os extensionistas da ACAR-MG fez com que minha vocação aflorasse bem cedo. Queria ser extensionista e a agronomia se tornou uma obsessão para mim. Já ouvira falar da UREMG e do curso técnico de agricultura, o agrotécnico. Apesar da resistência dos meus pais, fui a Viçosa em 1963 para prestar o primeiro vestibular do agrotécnico, sem sucesso. Minha matemática era muito fraca. Precisava voltar para Viçosa, onde teria mais chance de me preparar para a próxima seleção em 1964. Novamente, voltei para Viçosa, hospedando-me numa república na Rua Santa Rita. Ali se encontravam outros estudantes que se preparavam para o vestibular de “agronomia e floresta”, com os quais fui aprendendo matemática e me afeiçoando aos números. Em 1964, o curso de agrotécnico seria extinto. Assim, a última seleção foi marcada para o mês de janeiro.

Vindo de Sete Lagoas para Viçosa, num determinado trecho, depois de Ponte Nova, o ônibus atolou (naquela época não havia asfalto). Os passageiros desceram e, naquele momento, nascia uma amizade pura, sincera, de almas gêmeas com meu irmão Ilídio Dyrceu Almeida de Carvalho. Apresentamo-nos. Ele também, com o mesmo objetivo meu, seleção para o agrotécnico. Estudamos juntos em Viçosa. Passei-lhe alguns conhecimentos de matemática e português, que ele absorvia com avidez. Chegou o dia das provas e lá fomos nós cheios de esperança. Aguardamos o tão esperado resultado. Enfim saiu a lista de aprovados. Ilídio foi aprovado, o último da lista. Eu não logrei êxito. Quando se tem um desejo ardente em prol de uma causa nobre, dizem que o Universo conspira e a coisa acontece. Como era a última turma do agro, abriram mais seis vagas e lá fui eu. Mais um obstáculo vencido.

No agrotécnico, além da minha amizade com alguns colegas, principalmente com Ilídio e Renato Ladeira Costa, um fato marcou muito minha vida. O professor Cid Martins Batista, apelidado de Cidão, austero, bravo, com o passar do tempo, fomos afeiçoando-nos a ele e ele a nós. A confiança foi tanta que ele nos entregava as provas de química para resolvê-las em casa. Ele se tornou paraninfo da nossa turma.

Estudávamos muito, mas fazíamos muita farrá. Certa vez, fomos ao centro de Viçosa à noite, tomamos umas biritas e pulamos no lago do centro da praça. Imediatamente, fomos conduzidos pela polícia para a delegacia local, onde passamos a noite. Se não me engano, fomos eu, João Batista Silva, Ronaldo Pedrosa Gomes e Oclécio Rodrigues Ferreira. João Batista Silva deu algumas dicas aos detentos de como fugir de lá.

Nos dormitórios comunitários do agro, a bagunça era generalizada. Certa vez, o professor Aníbal, numa de suas visitas inesperadas à noite, quando acontecia uma verdadeira “guerra d’água”, tomou um balde d’água cheio na cabeça. Tempos bons.

As tardes de domingo eram muito tristes. A saudade das namoradas e da família batia forte. Íamos à ACTA - Associação do Curso Técnico em Agricultura para ouvir umas músicas com os amigos. Lembro-me de nossas escapadas para os pomares da escola que tinha um sabor todo especial quando a ronda nos surpreendia. Era um verdadeiro preparo para as olimpíadas estudantis.

Em 1966, terminamos o agrotécnico e, no ano seguinte, preparamo-nos para o vestibular. Eu e Ilídio optamos por agronomia, enquanto Renato fez para Floresta. O trio Ilídio, Renato e eu continuava irreverente como sempre. Em 1967, começaria uma nova etapa das nossas vidas. Fizemos o vestibular, fomos aprovados na melhor universidade da América do Sul (UFV). Ficamos hospedados no apartamento 5 do prédio velho. Este apartamento ficou famoso pelas peripécias de Ilídio, Paulo Rogério Canabrava, e Chiquinho Barcelos. Esse, doido demais. Após as viradas de noite para as provas, aquele apartamento virava um verdadeiro matadouro de rãs. Com umas na cabeça, pegávamos as físgas e lanternas e íamos para a represa caçar rãs, que eram preparadas no lavatório e fritas em latíinhas com álcool.

A química era o terror da escola no primeiro ano. O professor Márcio de Moura Estevão, um verdadeiro carrasco. Poucos alunos conseguiam notas suficientes. Eu mesmo, só consegui pagar essa matéria no quarto ano de agronomia, graças ao professor Fontes. Os quatro anos voaram. Dezembro de 1970, formatura, colação de grau, baile e despedida dos colegas. Choros, risos e sonhos realizados. Com certeza, veria alguns com mais frequência, outros nem tanto, e tanto outros nunca mais. Em 1971, fui designado para o escritório local de Diamantina, juntamente com o colega Alencar de Campos Valadares. Lá, participamos da introdução da cultura de mamonas no Alto Jequitinhonha, juntamente com o IPEACO. Naquele ano, Ilídio se casou com a Valdivia e eu, com a Meire. Revezamo-nos no apadrinhamento. Ilídio e Valdivia tiveram quatro filhos e me honraram com o meu nome para um dos filhos, o Rogério, hoje médico.

Organizamos o primeiro encontro nacional de sempre-vivas (aventava-se que essa flor era usada na produção de napalm). Implantamos o primeiro projeto de fruticultura de clima temperado (figo), coordenamos a festa estadual do alho em Gouveia. Posteriormente, fui designado para Barbacena, onde trabalharia com fruteiras de clima temperado. Com a supervisão do professor Fuinha (professor Maurício Fortes, já falecido), implantamos a estação experimental de fruteiras de clima temperado na comunidade Capão Gross.

Logo após Barbacena, ingressei na iniciativa privada, Basf e setor agrícola, em BH. Fui designado para Ponta Grossa, no Paraná, para introdução de um novo herbicida na cultura da soja. Não me adaptei à iniciativa privada e voltei para os quadros da agora Emater-MG, em Pedro Leopoldo, onde fiquei por 25 anos e me aposentei.

Trabalhos relevantes em Pedro Leopoldo: organização de várias exposições, dias de campos, ensaios experimentais, implantação de um projeto comunitário em várzeas ociosas do governo Federal. Este projeto foi desenvolvido com 30 famílias de pessoas desempregadas no cultivo de arroz e feijão. Foi um trabalho integrado com a Embrapa, Epamig, Secretaria de Estado do Trabalho, iniciativa privada, prefeitura e Câmara Municipal. Este projeto teve repercussão em nível estadual, na mídia falada, escrita e televisiva. Por este projeto, foi-me concedido, pela Câmara Municipal, o título de Cidadão Honorário de Pedro Leopoldo.

Desliguei-me, definitivamente, dos quadros da EMATER–MG. Permaneci por algum tempo como chefe de gabinete do prefeito de Pedro Leopoldo. Fui presidente do Rotary Clube de Pedro Leopoldo e criamos o Rotary Clube de Lagoa Santa.

Em Sete Lagoas, fui chefe de gabinete do presidente da Câmara (meu irmão), secretário executivo da AMAV (Associação dos Municípios do Alto do Rio das Velhas) e chefe de gabinete do prefeito de Sete Lagoas (meu irmão), em seu segundo mandato.

Atualmente, sou sócio da empresa Fonaiti, do meu filho Afonso Celso, onde desenvolvo, com bastante habilidade, pagamentos de boletos, no guichê prioritário, portanto, um “*old office boy*” bem eficiente.

PEDRO SALGADO BRANDÃO

Pedro Salgado Brandão nasceu em 29/06/1949, em Santo Antônio do Gramma, MG, sendo seus pais Nicolau Moreira Brandão e Maria Salgado Brandão. Fez o segundo grau em Viçosa, onde concluiu o agrotécnico na UREMG em 1966. Em 1967, ingressou no curso superior de agronomia, concluindo-o em 1970. Iniciou suas atividades profissionais na ACAR Amazonas, em Manaus e, posteriormente, na Comissão de Financiamento da Produção (CFP), em Brasília. Após sua aposentadoria, radicou-se em Abre Campo, MG, onde é produtor de leite.

RENATO RIBEIRO DE CARVALHO



Minhas origens - Nasci na Fazenda do Cadete, em 10 de novembro de 1943, no município de Jequeri, MG, filho de Antônio de Assis Carvalho e Maria da Conceição Ribeiro.

Fiz meus estudos primários e secundários na Escola Municipal de Jequeri e no Colégio de Viçosa, MG, e fui interno no Colégio de Viçosa. Saindo do internato, fui morar em república na casa da Duca Pinheiro, situada na Avenida Santa Rita.

Um fato marcante da minha infância e adolescência foi uma chuva de granizo que arrasou toda a fazenda. Cheguei a ser professor no Colégio de Viçosa e dei aula particular para os estudantes de ciências domésticas.

Ingresso na universidade - Ingressei na UFV, influenciado pelo meu irmão, que tinha feito o curso de agronomia. Pelo fato de morar em fazenda, gostei do curso de agronomia.

Minha família - Casei-me com Helena, moramos em Governador Valadares, Belo Horizonte e, finalmente, em Uberlândia, onde residimos até hoje. Tivemos duas filhas: Renata e Ana Luíza. Renata teve as filhas Larissa e Rebeca, mora em Uberlândia e está casada com Roberto Teixeira. Ana Luíza mora no Rio de Janeiro, está casada com Fábio Kokotos e teve uma filha, Isabela.

Minha vida profissional - Ingressei na Emater e depois fui para CAMIG em 1972/1973. Nesse período, trabalhei em Montes Claros, comercializando sementes de algodão e atendendo as regiões de Janaúba, Porteirinha, Espinosa, Montalvânia e outras cidades. Depois de Montes Claros, fui nomeado superintendente em Governador Valadares. Nessa época, abrimos postos de venda em Caratinga, Nanuque, Porteirinha, Pedra Azul, Jequitinhonha e Araguari.

Em 1978, fui nomeado diretor de operações da CAMIG, no governo Aureliano Chaves (1975-1978). Nesse período, montei um vendedor autônomo que atendia regiões da Bahia, Sergipe e outros Estados. Chegamos a ter 300 máquinas de esteira, cujo compromisso era atender as regiões do Estado. Viajei para os Estados Unidos, onde fui participar de reuniões com fornecedores de adubo. Depois, fui para o Japão, onde fui verificar a comercialização de ureia. Em seguida, para Índia, Israel, Itália, França, Inglaterra, Portugal e Espanha. Depois disto, ingressei na Fosfertil, onde trabalhei por um ano e meio e montei um esquema de vendas. Da Fosfertil, retornei para a CAMIG para comercializar adubos. Nesse período, entrei em contato com fornecedores de São Paulo, Salvador, Recife e outros. Depois disso, montamos uma fábrica de adubos, em 1983, com o nome de Paranaíba Fertilizante, na cidade de Uberlândia, com mais quatro sócios. Começamos comercializando 5.000 toneladas de adubo. Depois, no ano seguinte, começamos a conquistar mercados. Fui, então, visitar áreas para abranger a Paranaíba Fertilizantes: Montes Claros, Patos de Minas, Irai de Minas, Araguari, Monte Carmelo, Araxá, Ituiutaba, Santa Vitória, Sul de Goiás, Mato Grosso e outras.

No início, a empresa tinha sete funcionários que passaram para trinta. Passamos a nossa produção de adubos de 5.000 para 30.000 toneladas.

Nesse período, fizemos várias importações de cloreto de potássio, sulfato de amônio e ureia, cuja produção nacional não correspondia à nossa necessidade em razão de fretes e localização da produção. Nos anos seguintes, a produção foi aumentando até chegar a 80.000 toneladas, o que foi um grande avanço para a cidade de Uberlândia.

Foram 29 anos como sócio da Paranaíba Fertilizante. Saí da fábrica vendendo a minha parte. A Paranaíba Fertilizantes sempre foi administrada por Renato Ribeiro de Carvalho e João Luiz Boareto, que já trabalhavam no ramo de fertilizantes antes da constituição dessa empresa. Foi identificada a necessidade de um mercado que se encontrava em expansão. Com mais de 30 anos no setor de insumos agrícolas, Renato e João Luiz fizeram da experiência seu maior diferencial em um dos mais importantes setores da economia no Brasil – o agrícola – e, da tradição, um elemento agregador de parcerias, numa história que se pauta pela transparência.

Em Uberlândia, recebi o título de Cidadão Uberlandense, pelos trabalhos realizados na cidade.

Na minha despedida da Paranaíba Fertilizantes, no dia 31 de março de 2012, fui homenageado com uma placa com os seguintes dizeres:

“Quero aprender sua lição que faz tão bem para mim.

Agradecer de coração por você ser assim.

Legal ter você aqui, um amigo em que eu possa acreditar.

Para alcançar estrelas não vai ser fácil, mas vou te pedir que me ensine como descobrir qual o melhor caminho.

*Foi com você que aprendi a respeitar os outros.
Legal ter você um amigo em que eu possa acreditar, para mostrar a você que não esqueço
mais esta lição, te ofereço essa homenagem.
Ao mestre, com carinho (1983/2012)
Família “Adubos Paranaíba”
Uberlândia, 31 de março de 2012.*

Obs.: Esta biografia foi escrita pela **Helena**, sua esposa, que contou com a participação de **Roberto Teixeira** (genro) e de **José Antônio Obeid**.

RODRIGO OTÁVIO MONTEIRO DE SOUSA LIMA



Rodrigo Otávio Monteiro de Sousa Lima, o famoso “Gestante”, nasceu em Belo Horizonte em 20 de maio de 1947. Casado com Elza Burgos de Sousa Lima, com quem teve três filhos Rodrigo Otávio Burgos de Sousa Lima, Ana Burgos de Sousa Lima e Guilherme Burgos de Sousa Lima. Filho de Theófilo de Sousa Lima e Helena Monteiro de Sousa Lima, cursou todo o ensino fundamental e médio em Belo Horizonte (antigos primário, ginásial e científico). Formou-se engenheiro-agrônomo, com diversificação em economia rural, na

UFV em 1970.

Rodrigo iniciou sua vida profissional em 1971, na EMATER, Patos de Minas, MG. Nessa cidade, conheceu e casou-se com Elza. Posteriormente, trabalhou na empresa Adubos Viana S/A de 1974 a 1979. Lá, exerceu os cargos de supervisor de vendas e gerente de produção e vendas. Na Agropecuária Tratex, exerceu os cargos de assessor técnico de diretoria e diretor técnico, no período de 1982 a 1992. Nessa empresa, desenvolveu projetos agropecuários no Maranhão e no Mato Grosso. Na empresa Minas–Bahia Agropastoril, exerceu o cargo de diretor técnico de 1981 a 1984. Já na empresa R. F. Consultoria Agropecuária, como sócio, desenvolveu projetos, assessoria siderúrgica na área de reflorestamento e carvão. Assessorava, também, pessoas físicas e jurídicas em assuntos fundiários. Além disso, foi perito na Justiça Federal e Estadual em processos de avaliação, desapropriação e reforma agrária. No Instituto Estadual de Florestas (IEF), exerceu o cargo de chefe de gabinete do diretor geral. Em um dos mais conturbados processos de herança, em Minas Gerais, do Dr. Luciano Pereira Filho, com 29 herdeiros diretos, Rodrigo Otávio Monteiro de Sousa Lima executou um memorável trabalho de avaliação, regularização fundiária e agrupamento de 512.000 hectares de terras no Oeste e Noroeste de Minas Gerais. Isso, para fins de divisão e distribuição do espólio. Segundo Corujão, seu colega, juntamente com Francisco de Paula Castro Filho (Chico) e Oclécio Rodrigues Ferreira, no apartamento 713 na UFRV, Rodrigo era muito inteligente e detentor de uma memória privilegiada. Ademais, era alegre, de boa índole e grande coração. Junto com Geraldo Antônio Ferreira, formava uma dupla de “repórteres mais bem informados” das novidades da Universidade. Faleceu em 25 de janeiro de 2012, deixando imensa saudade. De acordo com seus colegas, foi uma grande satisfação ter compartilhado de sua convivência.

DADOS: Endereço: Rua Camil Caram, 70, apartamento 202. Bairro Santa Lúcia, Belo Horizonte, CEP 30. 350. 335. Telefone: (31) 3344 6645

ROLF PUSCHMANN



Nascido no Rio de Janeiro em 1º de fevereiro de 1948, de origem alemã, fui, na juventude, estudar por dois anos no colégio agrícola da UFRRJ, em Itaguaí, RJ.

O Prof. Alemar Braga Rena trouxe-me para conhecer a então UREMG e me estimulou a vir fazer o recém-criado Coluni. Para sorte minha, que tinha pouca base, não houve exame de seleção para aquela primeira turma do Coluni. Naquele ano de 1966, tive que aprender

a estudar muito para acompanhar o ritmo das aulas e provas. Foi mais trabalhoso ser aprovado no Coluni do que durante o curso de agronomia, mas valeu a pena o esforço, pois obtive a base para prosseguir! Durante aquele ano, residi na casa de um ex-professor da fisiologia vegetal, cuja família me acolheu carinhosamente, chamado Donato Frederico, no Bairro de Lourdes. Tomei gosto pelo estudo, graças ao estímulo e dedicação dos professores e ao clima de estudo reinante na Universidade e na cidade. O notável na época é que, em um ano, foi dado todo o conteúdo essencial do segundo grau, graças à experiência e à visão dos docentes, que eram professores do curso de agronomia.

A aprovação no vestibular foi uma enorme satisfação. Ser aprovado nas disciplinas foi essencial para permanecer no curso e dependeu de dedicação integral, com frequência, usando os horários vagos entre as aulas para estudar com afinco, principalmente as disciplinas consideradas mais difíceis, numa época em que havia poucos livros e apostilas disponíveis.

Tive, como muitos colegas, o privilégio de obter “bolsa de atividade”, com a qual ganhava alojamento e refeitório gratuitos. Meu pai estava doente, não podia mais trabalhar, não tinha aposentadoria e, quem sempre me apoiou financeiramente foi minha irmã Christine. A referida bolsa me levou a trabalhar com o Prof. Rena por uns três anos na fisiologia vegetal e a um primeiro contato com um ambiente de pesquisa. Diariamente, na hora do almoço, frequentava o laboratório que ficava no Edifício Arthur Bernardes, onde tínhamos aulas teóricas e várias aulas práticas de laboratório. Naquela época, executei etapas de análises estatísticas clássicas com uma máquina “Facit”, possuidora de um sistema mecânico de cálculos, acionado por um giro manual, um tremendo avanço, antecessora da calculadora científica “Texas Instruments”!

No último ano do curso, tive, junto com o George Kling, uma bolsa de iniciação científica sob orientação do Prof. José Cambraia, então no departamento de química; uma boa oportunidade de aprendizagem dos princípios da estrutura de trabalho de pesquisa em laboratório. Reconheço que a formação acadêmica e a aprendizagem das tradições e valores cultivados na Universidade foram-me essenciais para a carreira profissional futura na própria instituição.

Completada a graduação, optei por me candidatar à pós-graduação. Tive a surpresa de ser convidado pelo saudoso Prof. Moacir Maestri a ingressar na fisiologia vegetal como auxiliar de ensino e cursar o mestrado em fisiologia vegetal. Ministrei aulas práticas enquanto fazia o mestrado e, somente após completá-lo, em 1975, fui lecionar aulas teóricas. Da nossa turma, vários colegas foram convidados a permanecer na Universidade, época de grande expansão física do campus e da pós-graduação. Havia incentivos à pesquisa por meio de convênios e a qualificação do corpo docente no exterior era o

almejado. Em 1976, por meio do convênio internacional PEAS-CAPES, fui para o doutorado na Universidade da Califórnia, Davis (USA). Foram anos marcados por cursar muitas disciplinas e muito tempo de laboratório para obter dados para a tese, sob a orientação de um pesquisador que marcou minha formação. Naqueles anos, foi possível desenvolver o senso crítico para a pesquisa e a orientação na pós-graduação. Tive, ainda, oportunidades de participar de cursos e excursões técnicas, conhecendo um pouco da produção e manuseio pós-colheita de frutas e hortaliças na Califórnia. Isso me estimulou ainda mais a trabalhar com fisiologia pós-colheita. Atuei nesta área de pesquisa no departamento de biologia vegetal, em parceria com colegas de vários departamentos e de outras instituições de ensino e pesquisa. Por iniciativa de dois notáveis orientados de pós-graduação, há uns 20 anos iniciamos pesquisas com o processamento mínimo de hortaliças, tendo sido formada uma modesta equipe de pesquisa envolvendo professores e estudantes de alguns departamentos, em parceria com a Embrapa e outras instituições. Foram anos de intensas atividades de pesquisa e extensão e um período de grande realização profissional. Publicações técnico científicas foram consequências de trabalho em grupo e, até hoje, o maior retorno não foi um curriculum, mas, sim, participar da formação de jovens com ideais de contribuir para a sociedade em vários lugares do país. Orientar pós-graduandos de diversas origens foi um desafio e um prêmio que deixaram saudades e amizades. Coordenar alguns eventos técnico-científicos na UFV foi um desafio enorme; foi a época de conhecer mais da estrutura funcional da Universidade, que viabilizava a realização de eventos de qualidade a baixo custo, pelo comprometimento de colegas, servidores e estudantes.

A orientação de pós-graduandos, bolsistas de iniciação científica, estagiários, que considero uma atividade “artesanal”, tornou-se uma experiência formadora de profissionais, de docentes e de pesquisadores, que se tornaram líderes em instituições públicas no país. Juntos, também, fizemos trabalhos de extensão, o que lhes proporcionou uma formação mais abrangente, diversificando meus interesses de pesquisa. O relacionamento diário com orientados e estagiários foi de tal intensidade que foram construídas amizades que persistem.

Entre as atividades não acadêmicas na UFV, destaco um breve período como pró-reitor de assuntos comunitários, um período difícil, dadas as muitas pressões inerentes ao cargo, ao lidar com uma gama de necessidades e pessoas, envolvendo assuntos sensíveis como refeitório, alojamento estudantil, alocação de bolsas de atividade, saúde, esportes, atividades culturais e outras eventuais. Neste período de um ano e meio, fui conhecer a dimensão e a complexidade da estrutura administrativa e operacional, conheci os pontos fortes e até as vulnerabilidades institucionais. Foi um período de grande interação com pessoas de todos os segmentos, o que me fez apreciar ainda mais os valores e a organização institucional, como também a dedicação dos servidores nas suas múltiplas funções e atividades, características que têm perpetuado a UFV como uma instituição séria e de qualidade!

Em 1996, após a aposentadoria do Prof. Maestri, fui ser coordenador do programa de pós-graduação em fisiologia vegetal por muitos anos, uma nova experiência marcante em administração vinculada às áreas acadêmicas e de pesquisa. Presenciei considerável expansão da pós-graduação na UFV e no país, bem como as constantes mudanças internas e externas, tendo os órgãos de fomento CNPq e CAPES implantado enormes mudanças na avaliação dos programas, gerenciamento de bolsas e de recursos para a pesquisa. Pude constatar a capacidade de organização e adaptação da instituição, resultado do comprometimento das pessoas. Vivenciei o avanço da fisiologia vegetal no Brasil, uma área de pouca expressão 50 anos atrás. Viçosa foi pioneira no ensino da fisiologia vegetal

nas ciências agrárias, e o programa de pós-graduação passou a ser avaliado como de excelência na presente década.

Por quase 20 anos, coordenei, voluntariamente, o Projeto Reciclar da UFV, atividade comunitária que resultou na implantação da coleta seletiva de resíduos sólidos recicláveis no campus. O principal objetivo foi o educacional, executado por estudantes, participando na qualidade de bolsistas de extensão, bolsistas de atividade ou como estagiários voluntários, que interagem no corpo a corpo na comunidade universitária. Tenho a satisfação de saber que, após muitos anos de esforços e múltiplas ações, a coleta seletiva no campus foi institucionalizada pela atual gerência de resíduos. Em decorrência da convicção pessoal da relevância da coleta seletiva e seus impactos, eventualmente me envolvi, por vários anos, com a coleta seletiva de resíduos em algumas comunidades rurais do município de Araponga, relativamente próximo a Viçosa. Tal procedimento resultou em amizades de convívio por lá e, naturalmente, mesmo sem planejar, passei a vivenciar o assunto como uma atividade de extensão.

Desde criança, possivelmente por influência de minha mãe, interessei-me pela apicultura. Entretanto, após 1980, e por cerca de duas décadas, envolvi-me, intensamente, na apicultura, com apoio de toda a família. Naquele caminhar, fiz várias amizades, inclusive no meio rural, e passei a conhecer um pouco a zona rural da região de Viçosa, repleta de costumes e tradições peculiares.

Na última década, entusiasmei-me com a ideia de exercer, também a tarefa de agrônomo de campo, ao estabelecer um pequeno plantio de eucaliptos na região montanhosa de Araponga. Essa atividade, acabei abandonando nos últimos anos, pela falta do retorno financeiro esperado. Em consequência do trabalho de pesquisa pós-colheita com palmito pupunheira em anos recentes, fiz um pequeno plantio deste palmito, comprovando que é possível obter desenvolvimento satisfatório naquela região. Enfim, uma satisfação como agrônomo de campo!

Um marco da vida estudantil, em Viçosa, foi me integrar na Igreja Evangélica, fazendo profundas amizades com famílias locais. Foi lá que conheci Iraci Neves Coelho. Casamos um ano após a formatura e tivemos quatro filhos. Kesner (1974), radialista, vive no Rio de Janeiro; Keller (1976), farmacêutico e tem o bebê Sarah, vivendo em Miami, Flórida; Karine (1980, nascida na Califórnia), esteticista, com a filhinha Deborah, vivem em Charlotte, North Carolina; Kathie (1983), técnica em enfermagem, mãe de Hadassa, Pietro e Manuela, vivendo em Viçosa. Os três primeiros filhos vivenciaram alguns anos em Davis, Califórnia, onde tivemos marcantes vivências com famílias de outras nacionalidades.

Retornando a Viçosa após o doutorado, residi por uns 30 anos no Bairro Silvestre, onde atuei, ativamente, por alguns anos, na associação de moradores e participei no trabalho social da REBUSCA, uma entidade de assistência a crianças, nascida na Igreja Presbiteriana de Viçosa.

Após minha aposentadoria, em 2016, completei 50 anos em Viçosa e mudei-me para Teresópolis, RJ, onde tenho a satisfação de receber a visita de filhos, netos e amigos. Nas idas periódicas a Viçosa, tenho o prazer de reencontrar colegas de trabalho, amigos e ex-alunos por toda parte.

Após a aposentadoria, tive o privilégio de conhecer um pouco da Baviera (Alemanha), terra do meu pai. Entre os planos de vida futuros, incluo estar com filhos e netos e visitar ex-orientados vivendo em diversos lugares.

RONALDO PEDROSA GOMES



Nasci em Varginha, MG, em 16 de novembro de 1946, filho de Romeu Galvão Gomes e Edna Pedrosa Gomes. Sou casado com Jacqueline Diniz Oliveira Souki. Como não tive filhos, tornei-me “vovô genérico” de dois casais de netos da esposa Jacqueline, nascidos do casal de filhos dela. Fiz o primário no Grupo Escolar Helena Reis e o ginásial no Colégio Marista Coração de Jesus, ambos em Varginha. Na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, formei-me no curso técnico de agricultura. Posteriormente, graduei-me em agronomia, com diversificação em economia rural, na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Na Faculdade UNA – Ciências Gerenciais – cursei especialização *latu sensu* em “Negociação Agrícola Internacional”.

Morei no apartamento 713 da UFV, juntamente com o Francisco de Paula Castro Filho, Rodrigo Otávio M. de Sousa Lima e o Oclécio Rodrigues Ferreira, também alunos na UFV. Lá presidi a Liga Universitária de Esportes (LUBE) no ano de 1968.

Trabalhei nas empresas Coreva S/A Fertilizantes em Varginha (1971-1972) e na Adubos Viana S/A (1973-1976) como gerente de vendas. Ademais, trabalhei na Companhia Agrícola de Minas Gerais (CAMIG) (1976-1980) e no governo de Rondônia (Porto Velho) – CONDARON Companhia de Desenvolvimento (1980-1986).

Exerci, também, atividades profissionais na CASEMG – Companhia de Armazéns e Silos de Minas Gerais (2000-2004), ocupando o cargo de diretor técnico operacional, e no Ministério da Agricultura, exercendo o cargo de diretor técnico (2004-2009). Lá, aposentei-me em 2017, como chefe de fiscalização do Porto Seco de Betim, Minas Gerais. Além disso, presidi o Sindicato Rural de Varginha por dois mandatos e fui secretário de planejamento e secretário da agricultura na Prefeitura de Varginha em mandatos de dois prefeitos. Fundei e presidi o PFL/DEM (1988-2002), também em Varginha. Atualmente, sou aposentado e moro em Formiga, MG, às margens do Lago de Furnas, “O Mar de Minas”.

Ronaldo Pedrosa Gomes

Endereço: Rua João Luiz Duque, 01 – Bairro Furnastur – Formiga – MG

CEP: 35 578 899 – E-mail: ropego@oi.com.br

Celular: (31) 987 56 98 34

SEBASTIÃO DE OLIVEIRA



Minhas origens e ingresso na UFV- Nasci em 11/05/1944, na Chácara Vera Cruz, Viçosa, MG. Fui criado no meio rural, fazendo diversos cursos em Viçosa até o curso superior. Fiz o primário no Grupo Escolar Ministro Edmundo Lins. O ginásial se deu no Colégio de Viçosa. O curso médio foi o de agricultura, anexo à Escola Superior de Agricultura, em Viçosa. Concluído o curso médio, prestei o vestibular na AMAN, nas Agulhas Negras, onde fui aprovado. No entanto, meu desejo de seguir o campo da agropecuária fez com que eu escolhesse o referido curso na Universidade Federal de Viçosa, sendo integrante do Clube Cavanhaque.

O curso de agronomia na UFV - Sobre o curso agronomia, sempre tive a convicção de ter feito a escolha certa. No último ano, optei pela diversificação em zootecnia, sendo muito gratificante para minha vida profissional. Como morava no meio rural, praticava futebol no campo próximo de casa com vizinhos e amigos. Os colegas mais próximos eram Evode, Juca, Obeid e Gil.

Minha vida profissional - Iniciei minha carreira profissional na ACAR, designado para trabalhar em Curvelo, MG, onde me casei. Lá, trabalhei nas áreas agrícola e pecuária. Procurando fazer um bom trabalho, tive ofertas de outras firmas, tentando tirar-me da ACAR, até que resolvi aceitar a proposta da Ciba Geigy. Como tinha que fazer demonstrações com produtos químicos, resolvi desligar-me dessa empresa e fui contratado pelo CONDEPE (Conselho de Desenvolvimento da Agropecuária). Tornei-me um formador e pesquisador em pastagens. Aprendi muito, fiz extensão rural sobre o trabalho e seus resultados, bem como publicações em revistas científicas. Como consequência dessas publicações, fiz um curso de especialização em agricultura tropical pelo CIAT, na Colômbia.

O CONDEPE acabou sendo desativado. O Ministro da Agricultura Alysso Paolinelli conheceu um de nossos trabalhos no município de Luz, MG, onde, naquele ano, houve o maior ganho de peso bovino por hectare no Brasil.

Todo o quadro do CONDEPE em Minas Gerais foi, então, absorvido pela EMATER-MG e fui trabalhar em Bom Despacho, como extensionista local. Pouco tempo depois, prestei concurso interno e fui designado coordenador regional de bovinocultura em Janaúba, MG. Lá, consegui implantar leilões de bezerros em vários municípios bem como confinamento de bois, tendo permanecido por oito anos e, posteriormente, transferido para Montes Claros, onde me aposentei, em maio de 2001.

Minha família - Meus pais, José de Oliveira Santos e Honorina de Jesus Oliveira (*in memoriam*), tiveram dez filhos, sendo seis homens e quatro mulheres. Eu, minha esposa Lenir e nossa filha Gelta constituímos uma feliz família, residindo em Sete Lagoas, MG, à Rua das Papoulas, 634, Bairro Montreal.

SÍLVIO ROBERTO FEREGUETE



Minhas origens - Nasci em 06 de janeiro de 1947, na localidade de Córrego da Sapucaia, interior do município de Colatina, ES. Ainda criança, mudamo-nos para Córrego Germano, Fazenda Benfati, também no município de Colatina, onde permanecemos até o ano de 1955.

Filho de João Fereguetti e Izalmir Guimarães Fereguetti, ele, pequeno comerciante de secos e molhados, ela, professora primária estadual. Desta união, nasceram e estão em atividade até o presente momento os irmãos Paulo César, João Carlos, Rosa Regina, Luiz Cláudio e Maria Tereza.

Meus primeiros passos na vida estudantil foram acompanhados/monitorados pela minha mãe (Dona Izalmir), que me alfabetizou durante quase todo o curso primário. No ano de 1955 e, em função de os filhos necessitarem de um melhor acompanhamento escolar, minha mãe conseguiu, junto ao governo estadual,

sua transferência para a cidade de Colatina, precisamente para o Bairro Maria das Graças, onde meu pai continuou com a atividade comercial.

Meu curso primário continuou sob os cuidados de minha mãe, na Escola Singular da Barra do Pancas, em Colatina. Posteriormente, a partir do 3º ano primário, no Colégio Estadual Conde de Linhares, em Colatina, conclui o 5º ano primário (admissão para o ginásio).

Com a conclusão do curso primário, fiz o teste e passei a estudar na Escola Agrotécnica Federal Barracão de Petrópolis, Santa Teresa, ES, iniciando no ano de 1960 e terminando em 1966, obtendo o diploma de técnico agrícola.

Ingresso na UFV - Terminado o curso de técnico agrícola, fiquei na expectativa de iniciar minha vida profissional dentro da minha área de formação. Foi quando Adelson J. Paulino, vizinho e colega de bairro, que já cursava o primeiro ano de agronomia na UFV, em acordo com minha mãe, motivou-me para que tentasse o vestibular para o curso de agronomia em Viçosa, MG. Com o material didático fornecido pelo colega Adelson, passei a estudar sozinho, sempre monitorado por ele e minha mãe. O vestibular foi prestado na cidade de Vitória, ES, mais precisamente na Escola Técnica Federal onde, para a surpresa de todos, o objetivo foi alcançado.

Passada a euforia, veio a realidade dos fatos: sem conhecer a cidade e por não ter conseguido boa classificação no vestibular, não obtive direito ao alojamento oficial da Universidade. Neste início de ano letivo, fiquei hospedado na casa dos meus tios Altamir Guimarães e Iracema que, além de me acolherem, ajudaram/incentivaram-me nos meus primeiros passos em Viçosa. Posteriormente, ainda contando com a ajuda do Adelson, consegui um cantinho na sala de estudos do apto. nº 01, do prédio velho de alojamentos, onde fui muito bem acolhido pelos seus ocupantes, permanecendo no mesmo apartamento até o término do curso, em 1970.

As dificuldades em Viçosa foram muitas, principalmente financeiras que, aos poucos, foram sanadas, não só pela ajuda dos companheiros de apartamento, como por ter conseguido, a partir do 2º ano, bolsa de estudo pelo sistema de bolsas rotativas da UFV, com valor suficiente para custear a alimentação e pequenas despesas.

Nota A: sem desmerecer os demais companheiros, quero aqui deixar registrada a colaboração financeira/conceitual do colega de apartamento e turma de agronomia Hélio C. Matsucuma (Japonês Baiano).

Nota B: muito me ajudou na adaptação à rotina de Viçosa a parte esportiva, principalmente do futebol de salão, no qual o Cavanhaque de Urubu era imbatível, sempre campeão interno/externo da Universidade.

Vida profissional:

- 1- Como, na época do término do curso de agronomia, havia muita oferta de emprego, ficou acertado com meus pais que eu permaneceria no Espírito Santo. Ingressei, em fevereiro de 1971, na Associação de Crédito e Assistência Rural do Espírito Santo-ACARES.
- 2- Em novembro de 1972, entrei para o quadro funcional do Ministério da Agricultura - AGIPLAN, integrado ao plano nacional de sementes do Governo Federal.
- 3- Em março de 1974, com a criação da EMBRAPA, fui transferido, por decreto, para o IPEACS-RJ, ficando sediado na Estação Experimental de Linhares, ES, no trabalho de melhoramento do milho/sorgo.
- 4- Em dezembro de 1974, passei a fazer parte do quadro técnico/funcional da Sementes Agroceres/Agroceres Importação/Exportação/Indústria e Comércio, sediado em Igarapé, MG, e, posteriormente, na unidade no projeto Jaíba – Manga, MG, voltada para experimentação/produção de sementes.

- 5- No período de permanência em Linhares, ES, nos anos de 1973/1974, em sociedade com os também engenheiros-agrônomo Djalma Fróes (ENA) e Deoclécio Nunes Rabelo (RS), foi fundada a SERPLAN - Serviços e Planejamentos Agropecuários Ltda., inicialmente com sede em Linhares e, posteriormente, com filial em Eunápolis, BA. Com o falecimento do sócio Deoclécio Rabelo (de maneira trágica e inesperada), fui deslocado para a filial de Eunápolis, onde permaneci por 23 anos. Durante esse período, tivemos algumas alterações contratuais na SERPLAN, com entrada e saída de sócios. Porém, sempre com minha presença na titularidade.
- 6- De 1982 a 1984, exerci, também, atividade profissional junto à empresa Embaúba Desenvolvimento Energético S/A, usina pioneira na produção de álcool.
- 7- Em decorrência da minha função junto ao Sindicato Rural Patronal, visto que, nesse período, havia me tornado, também, produtor rural, fui indicado/nomeado juiz classista da Justiça do Trabalho 5ª Região - Vara de Eunápolis, por dois períodos consecutivos de três anos cada.

Na permanência como sócio da SERPLAN Ltda., no município de Eunápolis, durante esses vinte e três anos, trabalhamos principalmente em convênios com o Banco do Brasil S/A, Banco do Nordeste do Brasil S/A e Banco do Estado da Bahia S/A, nas atividades de perito, avaliador, projetista, consultor etc., com abrangência em oito municípios da região.

Nota: Agradecimento especial: quero aqui deixar registradas a ajuda e a colaboração de Agnaldo/Ivo Bombinho/Lauro Setúbal, todos dirigentes do Banco do Brasil S/A e ao eng.º agrônomo Carlos A. Costa (CEPLAC), para a aquisição do meu primeiro imóvel rural, incentivado pelo programa Proterra, do Governo Federal.

Atualmente, resido no Balneário de Guriri, em São Mateus/ES, onde acompanho as atividades de produtor rural nos ramos de fruticultura tropical, florestas plantadas e pecuária. Finalizando esta autobiografia, quero deixar registradas a colaboração/ajuda permanente (desde 1976) da esposa Nadir, a participação dos filhos Gustavo Luís/Priscilla, Ana Carolina/Bruno e a presença sempre agradável dos netos Henrique, Lara, Ana Luíza e Marina.

São Mateus/ES, 28 de novembro de 2019.

SINVAL NEVES MIRANDA



Nova Módica está de luto: aos 75 anos de idade, morreu o ex-prefeito Sinval Neves Miranda (23/07/1943-27/01/2019), o eterno Mirandão. Mirandão estava internado em Belo Horizonte, onde faleceu na madrugada de sábado para domingo e, logo de manhã, todos receberam a triste notícia. Foi enterrado em Governador Valadares, em 28/01/2019. Ele foi um prefeito atuante, governou o município por três mandatos e, por onde passou, deixou sua marca e construiu sua história ao longo de sua carreira política. Também foi presidente da Ardoce - Associação dos Municípios do Médio Rio Doce, por três mandatos.

“A chegada do corpo de Mirandão a Nova Módica está prevista para as 17:00h deste domingo e será velado no Ginásio Poliesportivo Fernandão para que todos os munícipes possam se despedir dele e homenageá-lo. Na segunda de manhã, o corpo será conduzido ao município de Governador Valadares, onde será enterrado às 18:00h”.

Luto Municipal.

Com imensa tristeza, o Prefeito Walter Júnior assinou, logo após a triste notícia, um decreto de Luto Oficial de três dias em homenagem e memória ao eterno Mirandão. O decreto foi publicado no site oficial da Prefeitura de Nova Módica e pode ser acessado através do link **Decreto nº 52/2019**. Desta forma, ficam aqui registradas a imensa tristeza e a eterna gratidão de todos pela vida e trajetória do eterno Mirandão.

Fontes: Disponível em <https://www.novamodica.mg.gov.br/nova-modica-esta-de-luto-aos-75-anos-de-idade-morre-o-ex-prefeito-sinval-neves-miranda-o-eterno-mirandao/>.

Acesso em 19/02/2019.

<https://www.youtube.com/watch?v=iLm-gcNK2ig>. Acesso em 19/02/2019.

TARCÍZIO DE ANDRADE ARAÚJO



Nasceu em Coimbra, MG, no ano de 1944, numa família de sete irmãos. Seus pais, José Lopes Valente Filho e Inês da Silva Araújo, tinham um comércio que permitiu a criação desta família só de homens. Coimbra pertencia ao município de Viçosa e, nela, cresceu fazendo as estripulias de criança num tempo em que se vivia ao ar livre, brincando na praça, subindo em árvores, nadando nos córregos, jogando bola, caçando passarinho (sim, caçava os bichinhos com atiradeira ou arapucas de bambu). Mas, para meu alívio, percebeu que os pássaros, que andaram sumindo da região, voltaram a aparecer em quantidade! Sem esquecer de que invadia os pomares dos seus avós e tios-avôs maternos para pegar frutas escondido, e muitas outras aventuras que hoje não são comuns de se ver, mesmo em crianças de cidades pequenas assim. Depois das aventuras, muitas vezes precisava enfrentar e passar seus apertos ao se ver descoberto pela mãe e seu pai quando aprontava alguma arte!

Por outro lado, ainda menino, trabalhava também. Ganhou do seu pai uma caixa de engraxate e, aos domingos e nos feriados, quando aumentava o movimento de pessoas na praça, vindas da zona rural para participar dos festejos e missas, ganhava seu dinheiro oferecendo o serviço de engraxate, trabalho que fazia muito bem, aprendido em casa engraxando os sapatos dos irmãos e do pai, serviço que era de sua obrigação.

Por volta dos dez anos, devido a algumas dificuldades de comportamento na escola primária em Coimbra, seus pais decidiram levá-lo para o internato do Colégio Dom Helvécio, em Ponte Nova, MG. Esse colégio pertencia à Congregação Salesiana, portanto, escola religiosa. Lá, já estudavam dois irmãos mais velhos, Aloisio e Anchieta. Tentou escapar algumas vezes desse lugar, mas sem sucesso! Teve, ainda, uma breve passagem pelo Seminário Jesuíta Padre José de Anchieta, em Nova Friburgo, RJ. Como não apresentou perfil para a vida religiosa, trouxeram-no de volta, agora para estudar no internato do Colégio de Viçosa.

Seu curso médio foi feito na Universidade de Viçosa e se chamava agrotécnico. Ao término, conferia o diploma de técnico em agricultura. Durante mais de dez anos, viveu em Viçosa estudando e trabalhando, até se formar como engenheiro-agrônomo. Desse tempo, a maioria é de boas lembranças! Uma delas, junto ao time de futebol da universidade, quando foi roupeiro e massagista da LUVE - Liga Universitária Viçosense de Esportes.

Começou a plantar em terra arrendada aos dezoito anos, garantido pelo aval do seu pai. Teve sucessos e insucessos ao longo da carreira de produtor rural. Tornou-se produtor de sementes de milho híbrido, filiado à Associação de Produtores de Sementes de Milho de Minas Gerais. Produziu sementes de batata, além de parceria com a Universidade de Viçosa, na época, Universidade Rural do Estado de Minas Gerais - UREMG, na produção de sementes de hortaliças.

Esta paixão pelo trabalho com a terra acabou por tirar-lhe o foco do estudo. Trancou a matrícula para se dedicar ao ofício de agricultor. Depois de vários contratemplos financeiros, precisou deixar esta paixão de lado e voltar a se concentrar no curso de agronomia.

Depois de formado, trabalhou em várias empresas do ramo de defensivos, na área de desenvolvimento de produtos agrícolas, em São Paulo e, depois, no Paraná, na região de Londrina, onde teve empresa de revenda de produtos agropecuários. Nesse tempo, voltou a se dedicar à terra, plantando, criando gado e suínos, até sonhar em voltar à região de Coimbra para viver e adquirir propriedade rural. Mas não deu certo! Casado e com quatro filhos, Londrina voltou a ser seu porto seguro!

Após trabalhar bastante tempo com defensivos agrícolas, encontrou a nutrição vegetal, que se tornou mais um caminho e o levou a conhecer um novo mercado de trabalho e de conhecimento.

Dos seus quatro filhos, dois seguiram o caminho da agronomia. Um deles, Eduardo, é pesquisador da Embrapa, formado também em Viçosa. Outro, Renato, formou-se em Londrina e se dedica ao desenvolvimento de mercado para produtos da área como também de planejamento agrícola. Seus outros filhos seguiram outros caminhos do conhecimento nas ciências contábeis e na engenharia elétrica.

Nas aventuras da vida, Viçosa e Coimbra permanecem sendo seu chão familiar, onde viveu com seus pais e irmãos, aprendendo com seus exemplos o valor do trabalho, onde se casou com a companheira, nascida e criada em Coimbra, como ele, Maria das Graças Chumbinho de Andrade, que o acompanhou por 48 anos. Na terra onde estão seus irmãos, é para onde voltava, de vez em quando, e se renovava, voltando a ter contato com suas raízes. Faleceu em Londrina no dia 08 de janeiro de 2021.

VICENTE DE PAULO CAMPOS



Natural de Ponte do Itabapoana, ES, Vicente nasceu em 05/04/1948. É filho de José Alvim de Araújo Campos e Maria Conceição Campos. Concluiu o segundo grau no Colégio Agrícola de Campos, Campos dos Goytacazes, RJ e, em 1967, ingressou no curso de agronomia da UREMG e o concluiu em 1970. Aluno reservado e estudioso, continua trabalhando até hoje como professor na UFLA, Lavras, MG, na área de nematologia.

WILSON FERREIRA DA FONSECA



Nasci na Fazenda Morro Azul, Distrito Vila do Café, Município de Alegre, ES, filho de Marcílio Henrique da Fonseca e Ruth Rosa da Fonseca. Aos oito anos de idade, fui morar com meus avós maternos na cidade de Guaçuí, ES, quando iniciei meus estudos no primeiro ano primário no Grupo Escolar “Deocleciano de Oliveira”. Tendo em vista o Governo do Estado ter posto em funcionamento uma escola singular na Fazenda Morro Azul, retornei e cursei o segundo e o terceiro ano do primário. O quarto ano foi feito no grupo escolar do Distrito Vila do Café. Terminando o primário, fiz admissão e cursei o ginásial no Colégio “Ateneu

Cachoeirense” na cidade de Cachoeiro de Itapemirim. Quando terminei o curso ginásial, tomei conhecimento da existência do curso agrotécnico da UREMG, através do eng.º agrº. João Vieira Neto, conhecido do meu pai, formado naquele ano em Viçosa. Então, decidi ir para Viçosa, MG. Lá chegando, matriculei-me no cursinho que funcionava na UREMG e fui morar na república chamada “Museu”. Não consegui me classificar nas quarenta vagas existentes para o agrotécnico. Voltei para o Espírito Santo, mas, logo em seguida, decidi fazer o científico no “Colégio de Viçosa”. Então, retornei a Viçosa, quando fui surpreendido com a notícia de ter sido aprovado no agrotécnico, pois haviam sido disponibilizadas mais dez vagas. Portanto, fui um dos “empurrados”. Terminando o curso agrotécnico, ingressei no curso de agronomia da UREMG. Diversifiquei-me em fitotecnia e fiz parte da inesquecível turma “Cavanhaque de Urubu”.

No curso de agronomia da UFV, não tive dificuldade, pois era oriundo do agrotécnico e tinha colegas com três anos de convivência. Entretanto, o primeiro ano foi um pouco “difícil”, enfrentando o professor Márcio de Moura Estevão, da química analítica, e servindo ao Exército no Tiro de Guerra. Mas, no final do ano, correu tudo bem, com aprovação direta em todas as matérias. Participei do grupo de ginástica acrobática “pupilos do professor Heitor”, juntamente com colegas como Jaime Rezende do Valle, João Batista Silva, Mendel Guimarães Bernardes e João (Braço de Onça) e outros. Também fiz parte do time de polo aquático com os colegas Jaime Rezende do Valle, Eurípedes Barsanulfo de Souza, Edson Teixeira Filho, João Batista Silva, Aurélio Augusto Souza Filho, Júlio da Silva Rocha e Ronaldo Pedrosa Gomes. No alojamento da UFV, morei na oitava seção, no apartamento 833, em companhia de três nobres e inesquecíveis colegas e amigos: Alexandre Aad Neto, Lúcio Louzada Cordeiro e Mendel Guimarães Bernardes.

O que mais me marcou nesses anos foram a grande amizade e a solidariedade entre os colegas, especialmente os colegas cavanhaqueanos, fossem estes colegas da agronomia (pica-fumo), engenharia florestal (pica-pau) ou da economia doméstica (pica-couve). Tivemos amizades com colegas das turmas mais adiantadas (nossos veteranos), como também com aqueles que ingressaram depois (nossos calouros). Foi um período de grandes mudanças no nosso País, com grandes manifestações estudantis em Viçosa e, conseqüente, perda de alguns valorosos colegas. Considero que os nove anos em que residi em Viçosa foram marcantes em todos os sentidos na minha vida como pessoa e na formação como cidadão brasileiro. Desse modo, procurei, na minha vida profissional, oferecer o melhor da minha capacidade para o desenvolvimento do nosso Brasil. Minha formatura foi um pouco tumultuada, tendo em vista que fiquei, juntamente com outros colegas, de segunda época numa matéria sobre melhoramento de plantas e só fui colar

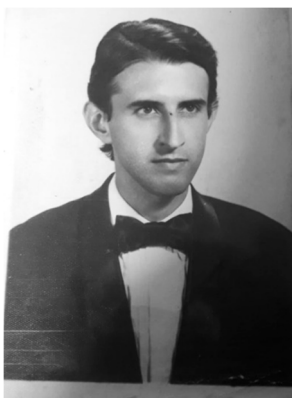
grau após a colação da turma, em fevereiro de 1971. Mesmo assim, participei das festas com a turma do Cavanhaque de Urubu.

Em janeiro de 1971, fui trabalhar na Secretaria de Agricultura do Estado do Espírito Santo para pesquisar e planejar o possível cultivo da soja no Estado. Em julho do mesmo ano, fui selecionado para cursar o mestrado em fitotecnia na UFV, sob a orientação do professor Tuneo Sedyama (fui seu primeiro orientado), com tese na cultura da soja. Trabalhei dois anos com o professor Tuneo, colaborando nas suas pesquisas e planejei as pesquisas para o cultivo no estado do Espírito Santo, inclusive com apoio e orientação do Professor Kirk Athow, da Universidade Purdue, na época, em convênio com a UFV. Terminado o mestrado, voltei para o Espírito Santo e, com a participação de outros colegas engenheiros-agrônomos, concluímos um pacote tecnológico para a cultura da soja no Estado, através da Empresa Capixaba de Pesquisa Agropecuária. O projeto não logrou êxito, tendo em vista o aparecimento do vírus do mosaico dourado que ataca, também, a cultura do feijão. Com a participação e orientação do professor Clibas Vieira, o governo do Estado decidiu não mais implantar a cultura da soja, o que inviabilizaria a cultura do feijão.

No ano de 1974, fui convidado para dar aulas de fitotecnia no curso de agronomia que tinha sido implantado em Alegre, ES, pelo governo estadual. Decidi, então, seguir a carreira do magistério. Participei ativamente do reconhecimento do curso pelo Ministério da Educação e da sua federalização e incorporação à Universidade Federal do Espírito Santo. Ocupei o cargo de chefe do departamento de fitotecnia por vários mandatos e de vice-diretor do Centro Agropecuário. No ano de 1998, aposentei-me no cargo de professor titular da Universidade Federal do Espírito Santo. Desde então, tenho dedicado meu trabalho às fazendas Morro Azul e Santa Catarina, de propriedade de minha família, antes com o cultivo de café arábica com bebida de alta qualidade e hoje com eucalipto. Parte da produção é destinada ao processamento de madeira serrada, em serraria própria, e parte para produção de celulose, com contrato de fomento com a Fibria Celulose (hoje Suzano).

Em Alegre, participei na política local após minha aposentadoria na UFES, ocupando, por três mandatos, a Secretaria Municipal de Finanças. Tenho residência na cidade de Alegre. Minha família é constituída por minha esposa Maria de Lourdes Lucindo da Fonseca, um filho e duas filhas. O filho é médico, com uma neta de dez anos, um neto com seis anos e outro com quatro anos, residente na cidade de Itaúna, MG; uma das filhas é advogada, com um neto de dez anos, residente na cidade de Alegre; a outra filha é médica, residente na cidade de Vitória.

WILSON JESUS DA SILVA



Minhas origens - Nascido na cidade de Indianópolis, MG, em 13 de abril de 1947, fui criado, até os dois anos de idade, em uma fazenda com meus pais Iraci Ribeiro da Silva e Alzerino Alves da Silva (14/07/1916-10/10/1993), e com meu irmão Wanderlei. Aos dois anos de idade, mudamo-nos para a cidade, onde ficamos até o ano de 1953. Em 1954, aos 7 anos, transferimo-nos para a cidade de Araguari, MG, onde passei a maior parte da minha infância. Sempre muito dedicado aos estudos, inicialmente, frequentei escolas públicas e, em seguida, estudei em escolas particulares, onde consegui aprimorar meus

conhecimentos, fazendo com que, através de muita dedicação, me preparasse para tentar ingressar na Universidade Federal de Viçosa.

O ingresso na UFV - Em 1967, por influência de um tio, que sempre me aconselhou a estudar em Viçosa, já que ele conhecia a Universidade e tinha alguns conhecidos na cidade, resolvi aceitar o desafio de prestar o vestibular na UFV e acabei sendo aprovado nas primeiras colocações. Inicialmente, o curso que me deixava mais extasiado era o de engenharia civil, ainda não existente na UFV, tendo optado pelo de agronomia, um curso já conceituado na universidade.

O curso de agronomia na UFV - Este foi um período muito proveitoso, já que adquiri um vasto conhecimento na área, devido à grande experiência de nossos mestres. Também foram momentos em que fiz boas amizades. Como sempre, fui um garoto muito dedicado e responsável. Nunca fui de me envolver com festas e baladas, sempre preferindo ficar em casa estudando e, raramente saía para outra coisa, a não ser quando os amigos me convidavam para jogar futebol.

Foram momentos de muita tensão com os compromissos acadêmicos. Porém, no final, acabou dando tudo certo e, como sempre fui muito focado nos estudos, o curso acabou se tornando um pouco mais tranquilo. Formei-me em 1970, sempre tirando boas notas, e logo consegui o meu primeiro emprego na extensão rural, na antiga ACAR, hoje EMATER.

Minha vida profissional - Naquela época, a agronomia estava em alta e havia várias opções de emprego. Logo fui convidado a trabalhar, iniciando minhas atividades na cidade de Tupaciguara, MG. Depois de dois anos de muito trabalho, fui transferido para a cidade de Santa Vitória, MG, mas, por questões de desconforto para a família, acabei abandonando o emprego e seguindo outros caminhos. Fui morar na cidade de Uberlândia, MG, onde comecei a trabalhar com meu primo Elmo.

Em 1976, iniciei meus trabalhos na empresa Rhodia S/A, exercendo o cargo de promotor de venda e de orientação técnica de produtos agrícolas. Em 1978, voltei à UFV para iniciar meu mestrado, cujo tema da dissertação foi “Estimativa da evaporação potencial em condições de campo, usando o tanque classe ‘A’ modificado”.

Em 1980, fui selecionado para trabalhar na EMBRAPA, em Belo Horizonte, MG, e, depois, transferido para a cidade de Uberaba, MG, numa parceria com a EPAMIG (Fazenda experimental), atuando nas áreas de pesquisa e desenvolvimento de assuntos relacionados à agrometeorologia, até me aposentar em 2009.

Paralelamente ao trabalho na EMBRAPA, dediquei-me à área acadêmica, ministrando aulas na Universidade de Uberaba (UNIUBE) nos anos de 1992 e 93 na graduação em engenharia agrícola, ensinando matérias relacionadas a pequenas obras rurais e, de 1995 a 2003, aulas relacionadas à agrometeorologia para os cursos de graduação da Faculdade de Zootecnia de Uberaba (FAZU).

No ano de 2001, juntamente com minha esposa e filho, mudamo-nos para a cidade de Jaboticabal, SP, para iniciar o curso de doutorado na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), cuja duração foi de três anos. Após muita dedicação e luta, e com total ajuda do meu orientador Clovis Alberto Volpe, obtive nota máxima na defesa da minha tese, intitulada “Avaliação da fenologia e da disponibilidade de água no solo na cultura do cafeeiro irrigado em duas densidades de plantio”, no ano de 2004.

Durante estes longos anos, foram vários os artigos e capítulos de livros publicados na área da agronomia que ajudaram a enriquecer ainda mais o conteúdo nestas áreas. Além disso,

também foram ministradas várias palestras e seminários sobre diversos assuntos relacionados ao meu campo de atuação.

Em Uberaba, tornei-me referência na pesquisa e meteorologia, sendo sempre chamado pelos jornais da cidade para participar de entrevistas e esclarecer dúvidas sobre fatos que ocorriam em determinadas ocasiões, referentes ao clima da cidade e da região.

Minha família - Resido em Uberaba e tenho dois lindos filhos. Minha filha Graciela é formada em sistemas de informação e mora em Brasília, DF. Ela teve origem no meu primeiro casamento. O mais novo, Guilherme, é formado em engenharia civil, também residente em Uberaba, filho da minha atual e maravilhosa esposa, Rosângela da Rosa Caldas. Tenho três netinhos: Luanna e Larissa, filhas da Graciela, e Gustavo, filho do Guilherme com a nora Priscila.

Diante de tantas recordações, sou muito grato pela minha história e pelas pessoas que passaram por ela, pois, todas, sejam as mais próximas ou não, de alguma forma, ajudaram a me tornar quem eu fui, e quem eu sou hoje.

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas, ao tocar uma alma humana, seja apenas uma outra alma humana” (Carl Jung)

Uberaba, 18 de março de 2019.

Sítio Lagoa Dourada, Uberaba. Lagoadourada.ura@gmail.com



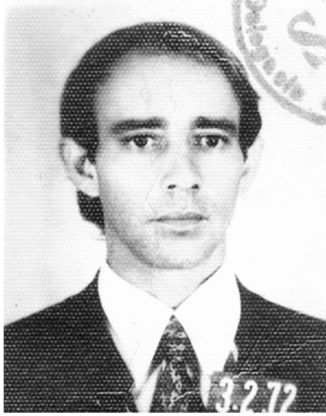
Departamento de Engenharia Agrícola



Engenheiros Florestais

Prédio da Floresta

ADEMAR DE ARAÚJO



Minhas origens: Nasci no meio rural (15/05/1939), na Fazenda Palmital, município de Luz, MG. Lá, os meus pais José Severino de Araújo e Isaura Maria de Oliveira tiveram dez filhos. Sou o filho caçula. Lá, também, transcorreu a minha infância e foi onde fiz parte do curso primário (1946-1949). Saindo da roça para a cidade de Luz, ali terminei o curso primário no Colégio São Rafael (1949-1954). Mudei-me, então, para Formiga, MG, onde fiz o curso de admissão, o ginásial e o científico no Colégio Antônio Vieira (1956-1964).

O ingresso a UFV - Terminado o científico, hoje denominado segundo grau, fui para Belo Horizonte pensando em fazer medicina. Cheguei a fazer o cursinho preparatório para o vestibular (pré-médico) mas, por influência de pessoas conhecidas, tomei a decisão de estudar em Viçosa. Chegando a Viçosa, procurei um hotel simples para morar. Se não me engano, o nome era Hotel Santo Antônio, próximo à estação ferroviária. Passei no vestibular para engenharia florestal e continuei morando nesse mesmo hotel até terminar o curso. Os quatro anos de engenharia florestal na UFV transcorreram normalmente. Meus colegas mais próximos foram o João Ferreira, o Mauro Megale e o José Maria Lamas. Este me deu aulas de química (reforço) durante um bom período. De público, aproveitei para agradecer a eles. Durante todo o curso, ia para a Universidade de bicicleta. No último ano, cheguei a comprar um fusquinha 65.

Sempre fui muito tímido e, vez por outra, era alvo da zoeira dos amigos e colegas. Certa feita, estava estudando para uma prova de química com o Megale e o Pouso Alegre. Como a matéria era extensa e achando que os dois estavam muito dispersos, exclamei: “Vamos estudar correndo, gente!” Eles, ato contínuo, jogaram os cadernos no chão e começaram a correr em círculo, para meu desespero.

Também fui muito solidário com os amigos. Era comum o Megale aprontar e a Ana Maria, então sua namorada e atual esposa, ficar na bronca. Coube a mim, várias vezes, fazer o papel de cupido e promover a reconciliação dos dois. Dizem as más línguas que, até hoje, a Ana Maria não me perdoa por isso. Pura maldade dos fofoqueiros. Ela fez um bom casamento.

Minha vida profissional - Meu primeiro emprego foi na firma Reflorestadora Vale do São Francisco, de Lagoa da Prata, MG (1971/1972). Trabalhei no Instituto Estadual de Florestas - IEF, de 1972 a 1976 e, na Serra do Cabral Agroindústria S.A., no período de 1976 a 1977. Em 1977, voltei para o IEF, onde trabalhei até me aposentar, em 2010. Durante todo o tempo de IEF, trabalhei e morei em diversos municípios, incluindo Três Marias (no convênio com a antiga Superintendência do Vale do São Francisco), Belo Horizonte, São Gotardo, Bonfinópolis e, finalmente, Abaeté.

Sou muito grato ao colega de turma e amigo Batuíra que, como diretor do IEF (1983), designou-me para assumir a direção do recém-criado escritório local de Abaeté. No IEF, atuei em diversas áreas, com destaque para as atividades de fiscalização e perícias ambientais e nos empreendimentos de carbonização, tanto em matas quanto em florestas plantadas, sempre orientando o produtor rural. Depois que me aposentei no IEF (2010), houve muitas mudanças no modo de trabalhar da instituição, criando um excesso de burocracia, que considero ter dificultado muito as atividades dos produtores rurais e o manejo de florestas plantadas.

Hoje, aposentado já há alguns anos, dedico-me às atividades da pecuária de corte, numa propriedade rural adquirida em Abaeté, cuja área total é de 150 hectares. Sua aquisição foi possível graças à venda de uma propriedade herdada de meus pais, no município de Luz. Trabalho administrando e executando, diretamente no campo, muitas das atividades do dia a dia da propriedade. Ela representa muito para mim, por me proporcionar uma ocupação integral no meu cotidiano. O foco da propriedade é a cria de bezerros da raça Tabapuã, utilizando a integração floresta-pecuária, caracterizada pelo consórcio de braquiária com árvores de eucalipto plantadas em espaçamento mais largo que o convencional.

Minha família - Moro em Abaeté, sou casado com Maria Aparecida Belarmino Araújo, nascida em São Gotardo, MG.

Abaeté, 11 de abril de 2019. ademardearaujo@rapidus.com.br

Esta biografia teve a colaboração do **Aloisio Teixeira Gomes** em entrevista realizada no dia 15/04/2019 e de **José Bатуíra de Assis**.

ANTÔNIO MARCOS DA SILVA ARAÚJO



Antônio Marcos da Silva Araújo (*in memoriam*), o Marquinhos ou Sô Coelho, nasceu em 09/04/1944 e era filho do Antônio da Silva Araújo e Zilda Ponzio de Araújo. Fez o segundo grau no Colégio de Viçosa. Criado no Largo São Francisco, Viçosa, MG, doido com futebol, era colega de infância e vizinho do Obeid, do José Rubens Ferreira Fontes e dos irmãos e colegas Nilson, Níbio e Gesmair Milagres. Pessoa afável, tranquila, tinha uma convivência pacífica e harmônica com todos. Colou grau em engenharia florestal pela UFV, com os Cavanhaqueanos em dezembro de 1970.

CARLOS ANTÔNIO SARAIVA DE SENNA



Carlos Antônio é filho de Tótila de Senna e Nadir Saraiva de Senna. Nasceu em 14/11/1947, na cidade de Teixeira, MG, tendo concluído o segundo grau no Colégio Universitário da UREMG em 1966. Em 1967, ingressou no curso superior de engenharia florestal, colando grau em dezembro de 1970. Tendo trabalhado em vários locais e empresas, hoje, possui uma empresa de reciclagem de plásticos em Conchal, SP.

DANSABURO NISHI

(08/08/1939 - 21/03/2017)

Por Jarbas Yukio Shimizu



Os formados em 1970 em agronomia, ciências domésticas e engenharia florestal da UFV vêm se empenhando para localizar e contatar o maior número possível de colegas da turma, visando ao encontro comemorativo dos 50 anos da formatura a ser realizado em dezembro de 2020. Entre os colegas “procurados”, o engenheiro florestal Dansaburo Nishi foi um de quem ninguém mais teve notícia depois que todos partiram para suas realizações profissionais. Graças ao empenho investigativo dos colegas, recebi a notícia de que o Nishi estaria em Curitiba e poderia ser contatado por telefone, cujo número me foi fornecido. Esse telefone era do lar de idosos “Recanto do Tarumã”, onde procurei saber sobre o nosso colega.

Lastimavelmente, fui informado que essa pessoa falecera em março de 2017. Mas será que não se tratava de um homônimo do nosso colega? Para tirar essa dúvida, dirigi-me ao Recanto onde consegui, com a assistente social, uma cópia do que restou da descrição do histórico da família de Dansaburo Nishi. Segundo a assistente social, o Nishi lhe pedia, com certa frequência, que lhe lesse os dados históricos em voz alta, pois ele estava incapacitado devido ao AVC que tinha sofrido. Com base nos vários trechos desconexos, fragmentados e repetitivos contidos nesse histórico, pude captar o seguinte panorama que passo a descrever, conforme meu entendimento.

A história do Dansaburo Nishi, nascido em Garça, SP, tem raízes distantes e faz parte da história do Japão. No século XII, prevalecia o sistema feudal naquele país e escaramuças entre feudos eram corriqueiras. A aristocracia era representada por famílias poderosas como Oda, Tokugawa, Toyotomi, Fujiwara e muitas outras.

Em 1193, um famoso personagem conhecido como Yoritomo Minamoto tornou-se *shogun* (chefe supremo) e instalou a sede do seu *bakufu* (governo) em Kamakura (atual Kyoto). O clã Fujiwara, que era um dos mais poderosos do Japão na época, adotou o nome extraoficial de Honda. Esta família serviu ao Shogun Minamoto até a 3ª geração, exercendo a função de *daikan* (administrador local) e fixou residência em Kamakura. O quarto sucessor, Tadamune Honda, foi transferido para Satsuma, ao sul do Japão, onde exerceu a função de administrador e comissário militar, responsável por três regiões: Satsuma (atual Kagoshima), Okuma e Hyuga (atual Miyazaki). Posteriormente, Tadamune tornou-se um senhor feudal. Em reconhecimento aos seus méritos militares, a família Honda recebeu de Minamoto o emblema com a figura de bambu coberto de neve. Este passou a ser usado pela família, de maneira informal, pois somente o filho varão (o herdeiro) poderia suceder no uso do emblema da família. Atualmente, várias ramificações da família Honda também utilizam esse mesmo emblema.

Em 1644, após várias gerações da família Honda, um de seus membros, Chubeê Honda, instalou-se em Eiaichô Kamibeppu Aoto. Ele foi o fundador da família Nishi. Portanto, a família Nishi tem origem em uma ramificação da família Honda (mais precisamente, Fujiwara).

Chubeê fixou residência no sítio Nishimura, na vila de Kawamichi. Nessa ocasião, ele abandonou o nome Honda (nome de samurai), tornando-se um cidadão comum. Tendo conquistado uma posição de destaque na comunidade, Chubeê recebeu permissão para usar *kamishimo* (vestes para ocasiões formais) com o emblema representado por um

hexágono contendo no centro a figura de folhas de uma planta e um pequeno *katana* (espada de samurai). Na parte norte do seu terreno, Chubeê construiu um templo dedicado a Deus. Depositou nele tesouros da família tais como o *katana* confeccionado por um artesão famoso, vestuários, livros genealógicos e outros, que estão conservados até os dias atuais. A manutenção do templo e a guarda dos tesouros da família ficaram sob a responsabilidade de Sanenobu Nishi, por ser um descendente direto da família Honda.

A família Honda administrou Kaseta-gô por duas gerações. Quando foi fundada a vila de Yamada, Honda foi designado senhor daquela terra e sua família se mudou para essa vila, levando consigo 25 famílias de súditos. Posteriormente, Honda obteve o domínio do Castelo de Katsumê, que se situa exatamente no local indicado no livro “História de 700 anos da família Shimazu”. O túmulo contendo os restos da família até a 5ª geração situava-se no cemitério da Vila Nakamura. Porém, na época do 6º sucessor, ele foi transferido para a Vila de Morimoto.

No período feudal, a aristocracia tinha nome e sobrenome, enquanto os cidadãos comuns eram proibidos de ter sobrenome. Assim, as pessoas comuns eram chamadas pelo nome e uma indicação qualificativa como nome do lugar, acidentes geográficos, ocupação, pontos cardeais e outros. Por exemplo, Nishi (ocidente), Higashi (oriental), Minami (sul), Hayashi (bosque), Mori (floresta), Iwa (rochedo), Kitamura (vila do norte), Kawamichi (caminho do rio), Ishikawa (rio pedregoso), Tanaka (meio do arrozal) e inúmeras combinações. O costume então vigente incluía também o culto às almas dos antepassados, como no templo Bodaiji.

Dan-emon, o 8º sucessor da família Nishi (anteriormente Honda), nascido em 1788, filho de Yazaemon, foi designado guardião do nome local e tinha também a incumbência de prestar serviços ao senhor feudal, como a de recolher tributos em forma de produtos. Com a reforma política de Meiji e a abolição do sistema feudal em 1872, a função de guardião do nome foi extinta e a região passou a ser chamada Aldeia Aieichô Kamibeppu Aoto. A partir daí, até os cidadãos comuns adquiriram o direito de ter sobrenome. Também foi decretada a separação do budismo do xintoísmo, o templo Bodaiji destruído, o Castelo de Katsumê-go desativado e estabelecida a divisão do país em províncias. A Vila de Yamada passou a ser denominada Katsumê, por conta do Castelo que ali existia. As ruínas desse castelo situam-se na encosta da colina a leste da propriedade da família Honda, onde restaram vestígios de poços e valas. O Castelo era cercado com muros sólidos e, na parte externa, havia áreas extensas de banhado. Conta-se que, quando os inimigos vinham atacar, os soldados do castelo forravam o banhado com palha de arroz. Assim, imaginando que se tratasse de um arrozal comum, os inimigos avançavam por aquela área e acabavam atolados na lama até a altura do peito. Dessa maneira, o Castelo manteve-se invicto por longo tempo.

Dan-emon faleceu em 1875. Seu herdeiro, Danju, assumiu o poder administrativo e adotou também o nome Dan-emon. Ele trabalhou em diversos serviços de utilidade pública como membro das comissões de retificação dos erros relativos ao imposto territorial, da construção da escola primária de Aoto, de introdução de água encanada de Orio, da construção da estrada Ishigaki-Kinyachimon, de instalação e construção do templo Shôgakuji e, também, foi membro da Câmara Municipal.

Dan-emon teve três filhos:

- o primeiro teve um filho, Keiji Tomoyoshi, que foi membro da Guarda Imperial, tornou-se policial da Província de Hyogo e delegado de polícia de Sannomiya, em Kobe. Exerceu ainda o cargo de Presidente da Câmara de Aieichô;
- o segundo filho de Dan-emon teve uma filha e três filhos. O primeiro deles morou nos Estados Unidos no período de 1906 a 1919 e, em 1922, assumiu o cargo de diretor da Agência de Correios de Aoto. Seu segundo filho serviu o Exército de Kumamoto de

1912 a 1914. Em seguida, alistou-se na Polícia Militar da Coreia como soldado de 1ª classe. Após aposentar-se, retornou à terra natal, onde se dedicou à agricultura e à administração do Bairro Kamibeppu Yato, falecendo em 1946. O terceiro filho, Kaneyoshi, formou-se pela Escola Estadual de Agricultura de Kanoya em 1915 e lecionou na cadeira de agricultura da escola primária superior (Kotoshogakko) de Kokubu, Aira-gun. Este, também, passou o período de 1918 a 1946 vivendo nos Estados Unidos;

- o terceiro filho de Dan-emon, Dansuke (1872-1921), teve o filho Tamotsu, nascido em 25/fev/1900, que se tornou policial em Kagoshima em 1922. Posteriormente, foi transferido para a delegacia de Kyoto, aposentando-se em 1933. Nesse ano, recebeu o diploma de 2º Dan em karatê na sede do Butoku-kai. Em 1935, migrou para o Brasil. Em 1941, conquistou o 2º lugar no campeonato brasileiro de karatê. Em 1964, recebeu o diploma de 3º Dan nessa modalidade. Seu filho Dansaburo Nishi estudou engenharia florestal na UFV, formando-se em 1970.

HUMBERTO RIBON NETO



Filho de Marcos Ribon e Olanda Peroni Ribon, nasci no sítio Guarani, em Novo Brasil/Colatina, ES, em 18/09/1946. Em 1955, iniciei meus estudos no Grupo Escolar Professor Carlos Mendes, em Novo Brasil, transferindo-me, em 1957, para o Pré-Seminário N. Sra. da Penha, em Marilândia. Em 1960, fui para o Seminário Menor N. Sra. da Penha, em Vitória, como seminarista, ao mesmo tempo em que estudava no Colégio Salesiano, onde cursei até o primeiro clássico, deixando esta instituição em 1963.

De 1964 até 1966, fiz o secundário no Colégio Agrícola de Santa Teresa, como aluno interno, concluindo o curso de técnico agrícola. Em 1967, fiz vestibular e ingressei na Escola Superior de Florestas, da UREMG, em Viçosa, MG, concluindo o curso de engenharia florestal em 1970, já na

UFV, fazendo parte do clube Cavanhaque de Urubu.

Nessa época, além das atividades curriculares, fui presidente do DANA - Diretório Acadêmico Navarro de Andrade. Em articulação com o reitor da UREMG, Prof. Edson Potsch Magalhães, e com o prefeito de Viçosa, Antônio Chequer, foi reformada e mobiliada a sede do DANA, tornando-a um dos locais mais aprazíveis da Universidade, para o lazer dos estudantes. Fui, também, professor do Colégio de Viçosa.

Em 1968, fruto de uma negociação minha com o Secretário de Agricultura do Espírito Santo, foi executada a campanha de educação e promoção florestal, que resultou em materiais educativos e palestras em todo o Estado sobre o tema, feitas em parceria com os colegas Pouso Alegre (José Luiz Pereira Resende), Renato Penkas (Renato Ladeira Costa) e Batuíra (José Batuíra de Assis).

Em articulação com o General Pinto Guedes, consegui do governo brasileiro uma viagem de estudos dos quartanistas de engenharia florestal da UFV à Região Amazônica, quando se produziu, após um mês de visitas a indústrias, estações ecológicas e institutos de pesquisa, além de coletas de amostras para análise de solos ao longo da Rodovia Belém-Brasília, um relatório sobre o uso e ocupação do solo. O relatório foi entregue à SUDAM. O chefe da excursão foi o professor José Alberto Hauaisen Freire.

Iniciei minhas atividades profissionais em 1971 como extensionista florestal da ACAR/MG, em Carangola, MG. Em 1972, fui promovido a especialista em reflorestamento, sendo transferido para o escritório regional, em Juiz de Fora.

Em 1973, troquei o serviço público pela iniciativa privada, sendo contratado pela empresa Tecniflora Agroflorestal Ltda., como responsável pela execução do reflorestamento nos campos de petróleo da Petrobrás no Recôncavo Baiano.

Assumi, em 1974, o cargo de superintendente da REBAL - Reflorestadora e Agrícola Baiana Ltda., empresa subsidiária da Ferbasa - Cia. de Ferroligas da Bahia. Após uma reestruturação, a REBAL transformou-se na REFLORA - Reflorestadora e Agrícola S.A., na qual fui, sucessivamente, diretor técnico e diretor presidente.

A Reflora era responsável pelo suprimento de carvão vegetal para a Ferbasa e, para tanto, formava, manjava e colhia as florestas necessárias ao abastecimento de matérias primas florestais. Cuidava, também, da carbonização e transporte do termorreductor para a usina de ferroligas, localizada na cidade de Pojuca, a 40 km de Salvador. Prestava serviços, ainda, na implantação de florestas de proteção no Polo Petroquímico de Camaçari, para o governo do Estado da Bahia, bem como nos campos de petróleo da Petrobrás, no Recôncavo Baiano.

Preocupado em manter a empresa em sintonia com os avanços da ciência florestal, associei a Reflora ao IPEF - Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais da ESALQ/USP. Fui eleito, em 1982, diretor de recursos florestais da Ferbasa. Coroando um período profissional e pessoal vitorioso no grupo Ferbasa, fui convidado pelo presidente da Fundação José Carvalho, uma entidade filantrópica mantida pelo presidente da Empresa, a participar da elaboração, execução e implantação de um projeto educacional pioneiro, denominado Escolas Rurais Periodicizadas. Localizadas nas cidades de Entre Rios (Escola Tina Carvalho) e Pojuca (Escola Rolf Weinberg), com 1.000 alunos cada uma, os discentes, quase todos da área rural, alternavam períodos de internação com períodos em casa, aplicando e repassando aos pais e parentes os ensinamentos que recebiam no curso. Em novembro de 1995, passei para a atividade autônoma, criando a H. R. Florestal Ltda., cujo objetivo era plantar florestas, industrializar madeiras (serraria), produzir mudas, para uso próprio e para terceiros. Para tanto, foi adquirida uma fazenda que opera em regime de manejo sustentado, respeitando o ciclo de longo prazo da produção florestal. Eventualmente, são feitas aquisições de madeira no mercado.

Em nova experiência no serviço público, de meados de 1999 até meados de 2001, fui diretor de desenvolvimento florestal da Secretaria de Agricultura da Bahia, período em que participei do CEPRAM - Conselho Estadual de Proteção Ambiental, representando o Secretário da Agricultura.

Em 2002, retomando o comando da H. R. Florestal, o portfólio da empresa passou a incluir o mercado de madeira tratada, com a instalação de uma usina de preservação (autoclave), na empresa. Como consequência, foi criada a H. R. Comércio, em Abrantes/Camaçari, para dar suporte comercial à H. R. Florestal.

Durante todo este período, tenho, junto com Maria Teresa, minha esposa desde 1973, construído nossa família, nosso maior bem. Temos dois filhos, uma filha, dois netos e uma neta.

Agora, em 2019, agradeço a Deus por continuar ativo e trabalhando, juntamente com minha família, já que meus dois filhos estão agregados aos negócios. Divirto-me, ainda, com atividades “gourmet”, envolvendo cacau, café e outras especiarias que cultivo na fazenda

JAIRO FRANCISCO DE BARROS



Jairo nasceu na cidade de Lajinha, MG, filho de Francisco Custódio de Barros e Leontina Senhorinha de Barros, em 28/09/1940. Concluiu o segundo grau no Colégio Evangélico Alto Jequitibá, Presidente Soares, MG. Ingressou no curso de engenharia florestal em Viçosa, tendo colado grau pela UFV em 1970. Hoje, reside em Ibitirama, ES.

JARBAS YUKIO SHIMIZU



Uma história de desafios e muitas conquistas -

Nasci em 29/07/1948, penúltimo dos doze filhos de Takeno (1906-1995) e Sojiro Shimizu (1896-1985), passei a infância no sítio da família, no Vale do Ribeira, em Registro, SP. Fiz o curso primário em um grupo escolar distante aproximadamente cinco quilômetros da casa. Considerando que a maioria dos alunos era de famílias com condições econômicas precárias, meu pai determinou que as crianças da família também fossem às aulas como as demais: a pé e descalças. Era uma criança raquítica,

a mais fraca da sua faixa etária, e apanhava de todo mundo. De vez em quando, meu pai me chamava para apalpar os braços na esperança de ver sinais de músculos se desenvolvendo, mas nada. Depois de algum tempo, resignado, disse à minha mãe: “não tem jeito não. Este vai ter que estudar porque, no sítio, não vai servir para nada”. Assim, tive como única obrigação o estudo para ser alguém na vida.

Fui um dos primeiros da família a ingressar no ginásio, depois de passar em segunda época no exame de admissão. Era tudo novo e assustador, dada a carga de matérias diferentes como francês, história (chata), geografia, latim, matemática, português e várias outras, tudo num ritmo impiedoso. Ao final do ano letivo, voltei para casa e, ao ver meu pai, falei: “passei!” Pensei que ele fosse comemorar comigo, mas se limitou a me perguntar: “passou por onde?” Eu lhe disse: “passei de ano no ginásio”. Mas ele não esboçou mais do que uma expressão de indiferença, dizendo: “passar de ano não é mais que obrigação”. Que balde de água fria!

No início 1967, fiz a primeira viagem de longa distância, de Registro a Viçosa, passando por São Paulo, totalizando 18 horas de ônibus. Depois de frequentar um cursinho intensivo oferecido pelos veteranos da UREMG, fui aprovado na engenharia florestal e, assim, começou a minha convivência com colegas no ambiente universitário. Ainda no terceiro ano, fui agraciado com uma bolsa do governo americano para realizar uma viagem de 30 dias, centrado na Universidade Purdue, com o objetivo de visitar o meio acadêmico florestal e conhecer as atividades de extensão florestal nos estados de Indiana e Michigan, EUA.

Logo após a formatura, em 1971, fui convidado a trabalhar na Sabre (Sociedade Alemã-Brasileira de Reflorestamento). Logo, os colegas formados na mesma turma, Antônio Marcos da Silva Araújo, Liesse Alexandre Said e Dansaburo Nishi, vieram reforçar a equipe, mas eu não via futuro naquilo. A empresa não investia em equipamentos ou

veículos. Tínhamos que controlar serviços terceirizados, preparo do terreno, produção de mudas, plantios, combate a formigas etc., tudo a pé e sem uma base física própria em campo. Na realidade, era somente um esquema para captar recursos, sem um comprometimento sério com o reflorestamento.

Para minha sorte, logo chegou um telegrama pedindo minha presença urgente na Escola de Florestas da UFV. Era o Prof. James Colon, que me chamou para propor um curso de mestrado em ciências florestais nos Estados Unidos, visto que a UFV ainda não tinha conseguido credenciamento do MEC para iniciar esse curso. Porém o recurso para a minha manutenção teria que ser conseguido através do programa de *research assistantship* (bolsa de auxiliar de pesquisa) da universidade, e o valor não era convidativo. Achei pouco e fiquei com receio de me ver em apuro financeiro nos Estados Unidos e acabar perdendo tudo. Tendo recusado a oferta com esse argumento, o Prof. Colon me disse que tinha uma alternativa. Havia uma pessoa que queria muito falar comigo. Só que ficava no Rio de Janeiro. Sem problema. Anotei o endereço e fui procurar essa pessoa no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, o Dr. Karl Oedekoven, chefe da missão da FAO junto ao IBDF. Assim, iniciei minhas atividades como pesquisador em silvicultura e melhoramento genético florestal, na função de contraparte brasileiro no convênio FAO/IBDF. Após meio ano atuando na sede do convênio, fui transferido para o Centro Regional Sul do PRODEPEF (Projeto de Desenvolvimento e Pesquisa Florestal), em Curitiba, PR.

Em 1973, consegui, com a FAO, uma bolsa de estudos para o curso de mestrado em recursos florestais na Universidade da Flórida, em Gainesville, Flórida. Por sorte, fui recebido por outro egresso da Escola de Florestas de Viçosa, o colega Arno Brune, formado em 1967, que estava terminando o Ph. D. em fisiologia florestal no mesmo departamento. Terminado o curso, antes do retorno ao Brasil, fui enviado à Austrália para conhecer instituições de pesquisa florestal e florestas naturais onde ocorrem os eucaliptos de maior interesse para o Brasil. Foram seis meses de pura aventura e autoconhecimento, desde a fria Tasmânia, passando pela costa leste da Austrália até as selvas quentes e úmidas da Nova Bretanha e Papua-Nova Guiné. Na época, esses locais ainda eram protetorados australianos, onde nativos, trajando somente um macinho de capim na frente e outro atrás, de peles lustrosas, untadas com banha de porco, zanzavam pelas ruas e periferias da cidade. Ao chegar a Port Moresby, capital da Papua-Nova Guiné, em 1975, a primeira coisa que fiz foi comprar o jornal do dia para ver o que se passava naquele lugar. Havia uma notícia ocupando a primeira página, com uma grande interrogação: “será que vai funcionar?” É que o primeiro semáforo na capital do país seria inaugurado nos próximos dias e o povo, em geral, desconfiava que simples faróis coloridos pudessem manter a ordem naquele trânsito confuso, do tipo “salve-se quem puder”.

Quando a EMBRAPA iniciou suas atividades na área florestal, em 1978, foi firmado um convênio com o IBDF para incorporar as pesquisas florestais estratégicas que vinham sendo desenvolvidas. Nesse pacote de medidas, fui convidado a deixar o IBDF, juntamente com alguns colegas, para ingressar como pesquisador na EMBRAPA e dar continuidade às pesquisas em andamento. Através da EMBRAPA, fiz Ph. D. na Universidade Estadual da Carolina do Norte, em Raleigh, NC. Ao chegar lá, na primeira reunião que tive com o orientador, ele me perguntou se sabia a diferença entre M. Sc. e Ph. D. Eu lhe disse que tinha uma ideia, mas que gostaria de saber a versão dele. Resumindo, ele me disse: “no programa de M. Sc., o candidato deve mostrar que aprendeu a fazer ciência. No Ph. D., já se parte do princípio de que o candidato sabe fazer ciência e ele deve propor uma pesquisa inédita, executar, concluir e relatar de maneira convincente em forma de tese. Essa tese é posta à prova perante uma banca formada por Ph. D. de vários departamentos que têm a ver com a área de concentração do candidato.

Isso, depois de passar pelo exame de qualificação, que é bem pior do que a defesa de tese. Nesses exames, são convidados, também, um representante da reitoria e um outro de qualquer departamento que nada tem a ver com a área do candidato, para afastar qualquer viés de favorecimento ou perseguição por parte dos membros da banca. Isto significa que explicações solicitadas ao candidato sobre qualquer tema devem ser dadas de maneira clara, completa e convincente para qualquer pessoa, mesmo que não entenda da área. Ali estarão vários Ph. Ds. que querem ver se o candidato está à altura para ser um colega deles. Para isso, vão questionar sobre tudo que imaginarem, incluindo o tema da tese, qualquer tema correlato ou até assuntos completamente alheios ao tema. Perguntarão sobre manejo florestal, estatística, genética, pedologia, fitopatologia, economia, filosofia, enfim, qualquer coisa, à espera de respostas honestas, coerentes e inteligentes”.

E agora José? Cutuquei as onças e agora não adiantava correr. A única saída era enfrentar. Vou me desesperar? Se fizer isso, estarei perdido e falhar na empreitada não era uma opção válida. Aí me veio na lembrança o ocorrido na época do ginásio: “...nada mais que obrigação”.

Foram os quatro anos mais sofridos e produtivos da minha vida acadêmica. Ao final, fui aceito como colega dos ilustres Ph. D. da N. C. State University. Retornando ao Brasil, fui ver minha família, inclusive meu pai, mas sem mencionar qualquer coisa sobre os apertos pelos quais passei e sobre o sofrido título de Ph. D. conquistado. Afinal, foi apenas obrigação!

Poucos anos após retornar à EMBRAPA, assumi a chefia técnica do Centro Nacional de Pesquisa de Florestas. Foi uma gestão atribulada, cheia de ameaças (corpo técnico inchado, desnordeado, desmotivado e ocioso, biblioteca desorganizada, grandes prejuízos no setor florestal causados por pragas introduzidas etc.) e oportunidades (recursos disponibilizados pelo Banco Mundial para infraestrutura à espera de bons projetos, contratação de consultores internacionais, bolsas de estudo para doutorado no exterior etc.) e expectativa da sociedade quanto à gestão da EMBRAPA para dar impulso qualitativo ao setor florestal. Fizemos o melhor proveito de todas as situações. Vencendo a contrariedade dos acomodados, conseguimos colocar ordem e assegurar a funcionalidade do centro de pesquisa. Novos prédios foram levantados e equipados para abrigar salas de pesquisadores, laboratórios, salas de reuniões, auditórios etc., frota de veículos renovada, equipamentos de informática atualizados e novos pesquisadores contratados mediante concurso. Consultores internacionais em quase todas as áreas foram contratados, de maneira que os pesquisadores tiveram a oportunidade de interagir e se engajar em propostas de pesquisa embasadas nos avanços mais recentes da ciência. Surto de pragas foram controlados com ações participativas de instituições e empresas do setor florestal, sob orientação e liderança da Embrapa. Novos algoritmos ajustados para a realidade brasileira foram desenvolvidos para auxiliar nas decisões em manejo florestal. Espécies alternativas para produção de madeira foram introduzidas, avaliadas, e fontes de semente estabelecidas para atender futuras demandas.

Ao fim de uma gestão resolvendo problemas de todo mundo menos os meus, senti-me desatualizado em termos de pesquisa e precisava de um período de “retreinamento” para voltar a assumir a posição de pesquisador. Assim, propus um programa de pós-doutoramento para me ocupar única e exclusivamente com pesquisa com início, meio e fim, num prazo de 18 meses. Com recurso do CNPq, passei esse período como cientista visitante no Laboratório de Ciências Florestais da Universidade Estadual de Oregon, em Corvallis, OR. Terminado o projeto, reassumi como pesquisador na Embrapa.

Dos três filhos, ninguém quis saber da área agrária. O primeiro se formou engenheiro mecânico e atuou na Região de Curitiba, em empresas multinacionais no segmento de máquinas pesadas. Passou, inclusive, vários meses na Índia para atender a demanda da

empresa com equipes locais e, também, na Finlândia para dar cabo de projetos específicos. Atualmente ele atua como engenheiro de manutenção na fábrica de celulose e papel da Klabin, em Telêmaco Borba, PR. O segundo se formou em *design* no desenvolvimento de produtos e se dedicou ao desenvolvimento de páginas eletrônicas interativas para empresas, editoração e outros trabalhos na área de comunicação visual. Infelizmente, ele nos deixou aos 43 anos de idade, após longa e sofrida batalha contra uma enfermidade rara. O terceiro se formou em administração de empresas e vem atuando como arte-finalista em uma gráfica em Campo Grande, MS.

Já estou aposentado desde 2008, mas continuo participando, a convite, nas pesquisas da EMBRAPA e no seu engajamento com empresas do setor florestal. Na qualidade de assessor *ad-hoc*, participo do programa de melhoramento genético florestal, diretamente nas avaliações em campo e na elaboração de estratégias de curto, médio e longo prazos.

Que mundo pequeno! - Iniciei minha atuação na área de pesquisa florestal no Projeto de Desenvolvimento e Pesquisa Florestal, no convênio IBDF/FAO. Através desse programa, consegui uma bolsa de estudos para fazer o mestrado em Recursos Florestais na Universidade da Flórida em 1973.

Passados 42 anos e já aposentado, resolvi fazer uma visita nostálgica de vários dias ao campus da Universidade da Flórida. Foi uma experiência singular. Nada como passear caminhando pelas ruas da universidade, refazendo os percursos que fazia, de um departamento para outro ou à biblioteca, ao centro de estudantes internacionais e até ao ambulatório médico. Só que, desta vez, sem as preocupações com aulas, provas, *term-papers*, trabalhos de laboratório etc. Mais que isso. Todos aqueles prédios que frequentei estavam lá, com o mesmo aspecto, bem conservados e em pleno funcionamento.

Queria ver como estava Rolfs Hall, o prédio onde, na época, funcionava a escola de florestas da UF. Para minha grata surpresa, lá estava ele, do mesmo jeito e com muitas atividades. Um detalhe me chamou a atenção. Havia uma placa de bronze em frente à entrada, em homenagem a Peter Henry Rolfs. Na descrição, consta que ele foi uma figura destacada no ensino e pesquisa agrícola e em vários postos administrativos na área. Também que, em 1920, foi convidado a estabelecer e dirigir uma escola agrícola no Brasil. Aí caiu a ficha. Mas é o próprio P.H. Rolfs que, de uma forma ou de outra, quem viveu em Viçosa já ouviu falar. Ele participou ativamente no estabelecimento da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) desde a fundação dos alicerces até o acabamento dos prédios com mobiliários e equipamentos, bem como na busca de especialistas em várias áreas da agricultura no mundo todo para reforçar o corpo docente da ESAV, tendo assumido a diretoria da instituição nos primeiros anos. O que se depreende disso tudo é que estamos no mesmo barco e este não é tão grande quanto parece.

Sem querer ofender ninguém, fui ousado, pois as circunstâncias me levaram a isso. Meu pai era autoritário e tinha a última palavra em todas as decisões na família. Meus irmãos mais velhos tinham medo de receber um “não” e eram muito cuidadosos no que diziam ou faziam. No meu caso, como ele disse que eu tinha que estudar e a minha obrigação era ser aprovado, considerei tão natural, certo dia, anunciar (sem pedir sua opinião) que estava indo aos Estados Unidos para continuar meus estudos. Da mesma forma, posteriormente, quando anunciei que ia me casar com a minha namorada da época, ele aceitou tudo com entusiasmo. Foi um choque para os meus irmãos mais velhos, pois achavam que eu estava cometendo uma afronta imperdoável ao nosso pai. Por isso, falhar, mesmo no programa ousado de Ph. D., não era uma opção válida.

No tempo de estudante da UFV, pela distância e custo da passagem, só nas férias eu podia voltar para casa. Tive que trabalhar, datilografando teses para candidatos a mestrado na

UFV e dando aulas no Colégio de Viçosa à noite para ganhar uns trocados. Participava de bailes, sim, como garçom, com o mesmo propósito. Assim, consegui me sustentar de um semestre a outro até a formatura. Minha vivência como estudante na UFV foi muito enriquecedora. Fez toda a diferença que me ajudou a encarar desafios maiores em anos posteriores. Fez-me entender que mesmo o mais improvável se pode conquistar, tendo como foco persistência e determinação.

JOÃO ÁLVARO CARNEIRO



João Álvaro Carneiro (*in memoriam*), filho de Raimundo de Barros Carneiro e Dalila de Oliveira Fernandes, nasceu em Senador Firmino, MG, em 01/01/1945. Era irmão do nosso colega Jasmim. Fez o segundo grau no Colégio de Viçosa. Ingressou no curso de engenharia florestal, tendo colado grau em dezembro de 1970 na UFV. João faleceu no dia 9 de dezembro de 2019, em sua residência em Belo Horizonte, vitimado por um infarto agudo do miocárdio, um dia antes de receber a visita previamente marcada pelo Batuira, que se encarregara de conseguir a sua biografia. Peças do destino.

JOÃO MOREIRA FERREIRA DA SILVA (1936-1999)



Origens - Nasceu em Viçosa, MG, aos 16 dias de agosto de 1936. Alguns dizem que foi no dia 15. Ninguém sabe ao certo. Coisas daquela época. Filho de Antônio Lopes Ferreira e Maria Moreira da Silva, exemplos de vida para toda a família, foi o quinto em uma família de treze filhos. Passou a infância na região de Viçosa. Moravam no Sítio Santo Antônio, no Paraíso, e teve as alegrias de um “menino da roça”. A vida era mais livre e se lembrava, especialmente, de algo de que gostava muito. Ele e seus irmãos gostavam de pescar e colocavam um pedaço de inhame cozido na beira do tanque de peixes. Quando os peixes vinham se alimentar, colocavam um anzol escondido no inhame e eles mordiam a isca. Nessa época fazia, como brincadeira, o que viria a fazer mais tarde como profissão. Estudou até o terceiro ano na escola que funcionava em uma sala, no paiol da fazenda do tio Duca (Fazenda Boa União), vizinho do seu pai. Depois, estudou na escola municipal do Córrego do Benedito e tinha que andar dez quilômetros a pé até lá. Em sua juventude, sempre gostou de esportes e de dançar. Dançava muito com a sua irmã Conceição. Gostava de todos os seus irmãos e irmãs, mas esta era a sua preferida (desculpas aos outros...). Ele sempre a protegia e havia dado a ela um rádio de presente; ela gostou muito! Ao entrar para o serviço militar, foi para o Rio de Janeiro e escolheu a aeronáutica. Foi um tempo bom. Continuou a praticar esportes e participava de competições de natação e remo.

O ingresso na UFV - Como disse, desde pequeno gostava de pescar e, além disso, foi influenciado pelo seu irmão Sebastião, que se formou na primeira turma de engenharia

florestal do Brasil. João foi da sétima turma! (a primeira turma se formou em 1964). Depois, seus irmãos Fernando e Maria das Graças seguiram este mesmo caminho.

O curso de engenharia florestal na UFV - Como todo calouro, entrou entusiasmado e com a expectativa de como seria o curso. Fez bons amigos nesse tempo! Amigos que teria um grande prazer em rever. Ele sempre gostou muito de esportes e, na faculdade, não foi diferente. Gostava de nadar e de fazer a pirâmide humana, principalmente se ficava no topo da pirâmide. Formou-se em 1970, com um grande sentimento de vitória. De um menino “da roça” a um engenheiro florestal!

Minha vida profissional - Ao terminar a faculdade, optou por trabalhar com piscicultura. Trabalhou na Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (EMATER–MG), prestando assistência técnica em piscicultura ao produtor rural e na Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (EPAMIG), como pesquisador e coordenador do programa de piscicultura. Pôde desenvolver vários projetos em diferentes locais de Minas Gerais, com implantação e manutenção de criadouros na UFV, Três Marias, entre outros locais. Trabalhou, principalmente, com a tilapicultura, introduzida na década de 1970, inclusive com a criação de alevinos para venda a produtores rurais e para o repovoamento dos reservatórios. Como em todo começo, foi necessário buscar o conhecimento em outros países. Com este objetivo, foi ao Japão, onde fez especialização em piscicultura no Freshwater Fisheries Research Laboratory, patrocinado pela Japan International Cooperation Agency; à França, onde conheceu e acompanhou a área de piscicultura no Centre Technique Forestier Tropical; e à Venezuela onde, também, pôde aprimorar seu conhecimento sobre a piscicultura. Trouxe, desses países, um conhecimento diferenciado sobre a tilapicultura e o adaptou às nossas condições ambientais. Esse trabalho resultou no avanço da piscicultura no estado de Minas Gerais, juntamente com outros estados brasileiros. Nessa época, progressivamente, a piscicultura retirou o país da produção de pescado pela pesca e o colocou como produtor de peixes em escala muito maior e com excelente qualidade. Hoje, há cerca de 5.000 piscicultores no Estado, a maioria formada por agricultores familiares. Sendo a tilápia a espécie mais cultivada, com 94 % do total de peixes produzidos. Atualmente, o Brasil é o segundo produtor de pescados da América Latina e um dos maiores produtores de tilápia do mundo. João se orgulhava de ter participado do início desta história. Como contribuição ao desenvolvimento da piscicultura, escreveu o livro “Manual Prático de Piscicultura”, em 1989.

Família - Casou-se com Esther e tiveram dois filhos: Margareth e Marcos. Esther estudou economia na UFV e tornou-se professora. Margareth foi para Belo Horizonte e cursou medicina na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tornou-se gastroenterologista e se adaptou tanto à cidade que permanece por lá até hoje. Casou-se com Ricardo e lhe trouxeram dois netos (Renato e Ana Vitória). Renato, hoje, cursa economia no Ibmec-Belo Horizonte. Ana Vitória está terminando o terceiro ano do ensino médio e pretende fazer psicologia. Marcos cursou engenharia elétrica na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e, também, permaneceu na cidade até hoje. Casou-se com Ana Paula e lhe trouxe três netos (Rodrigo, Bruno e Felipe). O Bruno, atualmente, mora em Curitiba, onde trabalha como designer em uma agência de publicidade; Rodrigo tornou-se tatuador; e Felipe foi um neto “temporão”, sendo ainda muito novo.

Nota: Infelizmente, no dia 16 de abril de 1999, João faleceu em um acidente de carro, próximo a Ouro Preto. Dos netos, conheceu o Rodrigo e o Bruno. Renato, Ana Vitória e Felipe nasceram depois que ele já tinha partido. Mas, com certeza, se ainda estivesse vivo, os levaria para pescar e ensinaria a eles a sua eficiente “técnica do inhame”.

JOSÉ ALVES DA SILVA



*“Numa Viçosa cidade da Mata
Que se deu origem a essa viagem
Santa Maria da Boca do Monte
Que de braços abertos me acolheu
Fez-me voar pra muito além da Ponte”*

Aos 26 de março de 1945, filho de Emídio Moisés e Eugênia Maria Moisés, nasci na zona rural de Viçosa, MG, o segundo de oito filhos. Pelo registro de meu nome, percebe-se o grau de instrução de meus pais. Passei parte da infância em Viçosa e parte em Teixeira onde, muito cedo, ensaiei uma vida de alfaiate.

Retornando a Viçosa, em função das condições familiares e das exíguas oportunidades de trabalho na cidade, fui trabalhar como aprendiz na sapataria do “Picolé”. Quantos calçados de nossos colegas kavanhanqueanos (as) (que nem conhecia) restaurei, inclusive chuteiras e bolas de futebol!

Aos quatorze anos, em 1959, ainda sapateiro, submeti-me ao exame de seleção à admissão ao curso ginásial do Colégio de Viçosa. Era uma instituição particular e, como consequência, tinha um custo que poucos podiam pagar. Em 1960, iniciei o curso ginásial e a dúvida cruel era: como me manter? As mensalidades venciam, acumulavam-se e, ao fim do ano, não podia pagá-las.

O que ganhava era muito pouco. Mas houve um “anjo da guarda” que me protegeu, o “Dr. Januário de Andrade Fontes”. Ao fim de cada ano, vésperas de provas finais, lá íamos meu pai e eu pedir para fazer os exames finais. Inadimplentes estávamos, sabíamos, mas queríamos uma chance. Dr. Januário, com seu elevado espírito humanitário, dizia a meu pai. “Sr. Emídio, sei que não pode pagar, mas deixo seu filho fazer as provas”! Assim, foram anos sofridos, mas compensados por um homem que acreditou no sonho de um jovem esforçado como tantos outros e permitiu que seu sonho se realizasse. Um homem culto, generoso, muito além de seu tempo.

Ainda sapateiro, ingressei no agrotécnico em 1964. Entre o trabalho e o estudo, jogava futebol. Em 1966, com o falecimento de meu pai, resolvi que iria trabalhar como técnico agrícola. Aí, outra pessoa surgiu para me dar as mãos, o Professor Cid Martins Batista, “O Cidão”, que me aconselhou a continuar os estudos, prometendo que, se aprovado fosse no vestibular, me ajudaria. Passei e ele cumpriu a promessa. Para mim, aquela fisionomia austera do professor escondia, no fundo, um grande coração.

Assim, em 1967, iniciei o curso de engenharia florestal e consegui bolsa de iniciação à pesquisa científica do CNPq, o que muito me orgulha, pois foi a primeira do curso de florestas da UFV, cujo trabalho foi orientado pelo professor José Gabriel Lellis. Esse recurso ajudou-me muito, inclusive com despesas básicas de casa, numa época de muita dificuldade.

*“Sem opção, sapateiro fui aprendiz
pra poder cursar o ginásial
Fui vitorioso, graças ao que fiz
Prossegui, no AGRO com meu ideal
Quis alto voar, fazer faculdade
Pra manter meu sonho me esforcei
E consegui entrar na Universidade
Minha meta, jamais abandonei
Pra tornar meu sonho realidade
Engenheiro Florestal, me formei”*

Em 1970, formei-me engenheiro florestal, ingressando, em seguida, na Universidade Federal de Santa Maria, RS, a convite, onde iniciei minha vida profissional. Na UFSM, fui professor de biometria e inventário florestal, coordenador do curso de engenharia florestal, subchefe do departamento de ciências florestais, consultor do projeto RADAM-BRASIL em assuntos florestais, consultor “*ad hoc*” do CNPq para análises de projetos de pesquisas florestais; membro da Comissão de Especialistas de Ensino em Ciências Agrárias - CECA-SESU/MEC 1979/81, responsável pela formação do currículo mínimo dos cursos de engenharia florestal e agronomia.

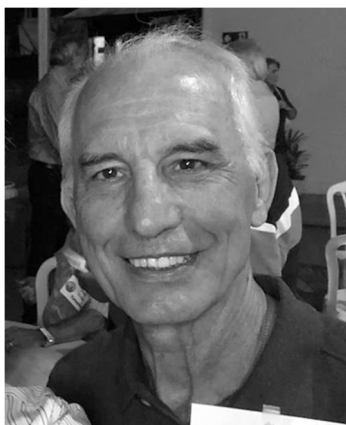
Fiz mestrado em engenharia rural, área de fotointerpretação, doutorado em biometria florestal pela *Universitaet fuer Bodenkultur*, Viena, Áustria, orientado pelo emérito Professor Dr. Walter Bitterlich (1908-2008), cujo resultado foi utilizado no inventário florestal contínuo da Áustria. Como complementação profissional, fui, a convite, conhecer o serviço florestal dos EUA, visitando parques florestais e universidades. Em 1984, ingressei na EMBRAPA Recursos Genéticos e Biotecnologia - CENARGEN, onde fui coordenador dos recursos genéticos florestais e responsável pela formação do banco genético de espécies florestais nativas em risco de extinção, coordenador regional do Programa de Integração Ensino Pesquisa - PIEP do CNPq/ EMBRAPA-CENARGEN.

Fui, também, responsável pela criação da Associação dos Empregados da Embrapa-Cenargen, fato considerado relevante, uma vez que não existia, na época, sindicato de nossa categoria. Na sua ausência, a associação exercia sua função e, como tal, defendia os direitos dos empregados. Nessa época, cerca de 50 % dos empregados do Cenargen eram terceirizados, incluindo pesquisadores, administrativos, operários de campo etc.

Nossa função, como presidente da Associação, foi lutar para a efetivação de todos. Depois de muito esforço e desgastes, conseguimos, judicialmente, que todos fossem admitidos pela empresa. Isso nos orgulha pelo fato de alguns deles terem-se tornado, mais tarde, chefes (geral, técnicos etc.) da própria unidade, onde, orgulhosamente, trabalhei.

Aposentei-me em dezembro de 2006.

JOSÉ BATUÍRA DE ASSIS



Nasceu em 1947, no seio de uma família que, ao final, contou seis irmãos. Comemorava-se o fim da Segunda Guerra Mundial. Estava, também, no fim o período chuvoso no Sudoeste de Goiás, mais precisamente no dia 19 de março, consagrado a São José, conhecido como o dia da enchente das goiabas. Veio ao mundo numa casinha de pau-a-pique, às margens do Córrego dos Cavalos, afluente do Ribeirão da Areia, cujas águas fluem para o Riacho da Felicidade, Rio Verdinho e, finalmente, indo desaguar no Rio Paranaíba que, unindo-se ao Rio Grande, forma a bacia do Paraná. Ali viveu até os sete anos incompletos quando, em 1953, a família deixou a roça em carros de bois,

mudando-se para Jataí, em busca de instrução escolar para os filhos. Foi a primeira vez que pisou no “comércio”.

Antes, só conhecia o Caçu, comunidade então pertencente à comarca desta cidade. Em Jataí, estudou sempre em escolas públicas – Grupos Escolares José Manuel Vilela e Capitão Serafim de Barros e Ginásio Nestório Ribeiro. Por influência do primo Eurípedes Barsanulfo, em dezembro de 1963, arrumou as malas e se mandou para Viçosa, mirando

o curso secundário. Lá chegando, descobriu que se tratava de um cursinho preparatório para o vestibular do curso técnico de agricultura da UREMG. Foi classificado, cursou o agrotécnico e, em 1967, ingressou na Escola Superior de Florestas - ESF, graduando-se como engenheiro florestal, em 1970, na gloriosa turma do Cavanhaque.

Ao longo de sete anos como estudante na UREMG/UFV, foi atleta bolsista de futebol, exceto em 1969, quando foi atleta profissional pelo Atlético de Viçosa, atuando na Liga Universitária Viçosense de Esportes (LUVE). Ao ensejo da formatura em 1970, com a família presente, ficou noivo da viçosense Terezinha Lopes de Freitas. Em fevereiro de 1971, foi contratado pela UFV, como auxiliar de ensino, com a missão de criar a cadeira de entomologia florestal na ESF. Ao perder o pai, em agosto desse ano, a vida virou do avesso: tornou-se arrimo de família; aceitou o convite da Agroceres, interrompendo uma vida acadêmica para trabalhar em Matão, interior de São Paulo. Trouxe a mãe e os irmãos mais novos para morar em Viçosa, antecipou o casamento e deixou incompleto um curso de mestrado na UFV, que caducou com 18 créditos (Renato Santana - radioisótopos e materiais e métodos de laboratório; Clibas Vieira - melhoramento; Fábio - 2 estatísticas; José Oscar - entomologia). Na Agroceres, trabalhou em Matão, de 1972 a 1976, como pesquisador e depois como gerente industrial de uma fábrica de defensivos agrícolas.

Aos 27 anos, foi promovido a diretor de produtos, lotado na sede, em São Paulo (vendeu casa, cota de clube, papagaio etc. em Matão e comprou apartamento em SP). Nova reviravolta, com a descoberta da susceptibilidade do Citoplasma Texas (material genético usado pela Agroceres para causar macho-esterilidade nos seus campos produtores de sementes híbridas) à ferrugem do milho, resultando em zero de produção e comercialização das referidas sementes, justamente naquele ano.

Acabou não indo para SP e aceitou a transferência para Uberlândia, com a missão de criar uma supervisão de vendas da Agroceres na região do cerrado, que o Mestre Antônio Secundino de São José dizia ser o futuro *corn belt* do Brasil (profético). A experiência foi exitosa e, como consequência, em janeiro de 1977, veio uma promoção para a gerência regional de vendas, em Belo Horizonte, onde permaneceu até o final de 1979, deixando a Agroceres para fundar a Consuflo, empresa de consultoria florestal – provavelmente a primeira de Minas Gerais – e nela se manteve até o início de 1983, quando, a convite do governador Tancredo Neves, assumiu a diretoria de desenvolvimento florestal do Instituto Estadual de Florestas - IEF. Terminado seu mandato em 1987, reativou a empresa. Novamente, teve que se ausentar dela, pois, a convite da CEMIG, assumiu a coordenação de meio ambiente nos projetos básicos da construção das hidrelétricas de Miranda, no Rio Araguari e Igarapava, no Rio Grande, na sua contratada Internacional de Engenharia - IESA. Foram produzidos os respectivos EIA/RIMA para as duas hidrelétricas e outro para um teleférico na região cárstica ao norte de Belo Horizonte. Em 1989, deixou a IESA para fundar uma empresa de biotecnologia em BH, a Biotécnica, em sociedade com o agrônomo de Tocantins, MG, Silvino Pedro Lopes, para comercializar mudas micropropagadas de banana, eucalipto e outras culturas, produzidas pela Bioplanta, uma empresa subsidiária da Shell, sediada em Paulínia, SP. Tudo ia bem, até que o governo Collor sequestrou os recursos que estavam sendo transferidos para a Bioplanta, relativos às primeiras vendas de mudas de banana para os perímetros irrigados de Guanambi, BA e Espinosa, MG. Para piorar a situação, a Bioplanta decidiu encerrar suas atividades e foi necessário fazer uma reengenharia na Biotécnica, transformando-a numa revendedora de produtos agropecuários. Em final de 1991, com a empresa já estabelecida, vendeu sua parte na sociedade devido a um convite da Companhia Vale do Rio Doce para trabalhar no Rio de Janeiro, na superintendência de meio ambiente e florestas. Trabalhou como assessor, representando a Vale - como dona e acionista -, nas empresas Florestas Rio Doce, em BH, e Bahia Sul Celulose, no Sul da Bahia e na sede

administrativa em São Paulo. Em 1993, a Vale comprou, em sociedade com a Usiminas, a Cia. Paulista de Ferro Ligas, com sede em São Paulo e com 20 unidades fabris no Sudeste e Nordeste do Brasil, formando a Vale/Usiminas participações S.A. - VUPSA.

A seu pedido, foi cedido à nova empresa, atuando como gerente de meio ambiente, florestas e suprimento de redutores e permaneceu no cargo até 1998, quando deixou a CVRD para fundar a São Lourenço Serviços Florestais e Ambientais, visando a prestar serviços de colheita florestal, produção e transporte de carvão vegetal de eucalipto para o Grupo Calsete, de Sete Lagoas e, em sequência, para a Nova Era Silicon (Grupo CVRD), Cia. Carbureto de Cálcio (hoje Dow Corning) e Grupo Gerdau.

Em 1999, mediante contrato da São Lourenço, assumiu o cargo de secretário executivo da Associação Brasileira de Carvão Vegetal (ABRACAVE). Era uma entidade ameaçada de extinção, com apenas quatro sócios. Deixou-a em 2005, com 24 associados, diversificada entre siderurgia a carvão vegetal, celulose e painéis de madeira. Representando a Abracave, foi membro do CONAMA e coordenador do grupo de trabalho que normatizou, junto à ABNT e INMETRO, a certificação de florestas plantadas no CERFLOR. Nesse ínterim, a São Lourenço firmou contrato com a Arcelor Mittal para plantio e manutenção de florestas na região de Mar de Espanha (Zona da Mata mineira), no modelo fazendeiro florestal, contrato este que terminou em 2007. Aceitou, então, o convite do Eng^o Paulo Romano, secretário adjunto da Secretaria de Agricultura de Minas Gerais, para assessorar o Secretário Gilman Viana Rodrigues na função de empreendedor público florestal, onde ficou até 2010, quando se desincompatibilizou do cargo para se candidatar a deputado estadual. Teve problemas com o partido escolhido e abortou a candidatura. Mesmo assim, foi votado em 196 municípios mineiros, obtendo mais de quatro mil votos.

Enfim, aposentou-se e continuou prestando serviços de consultoria até que, em 2013, resolveu retomar os estudos. Fez o mestrado na UFV com o tema “Políticas Públicas para a Cadeia Produtiva Florestal”, terminando-o em 2016, e tenta, agora, chegar ao doutorado, trabalhando a tese “Desidratação de Lenha no Ambiente Pós-Colheita”. No papel de estudante não vinculado já obteve, praticamente, todos os créditos necessários, mas faltam a classificação probatória - que pretende alcançar em abril deste ano - e o desenvolvimento da tese.

Durante a vida profissional, viajou intensamente pelo Brasil, a ponto de poder afirmar que, hoje, conhece praticamente todo o País. Kursou um MBA de gestão florestal em Belo Horizonte e participou, ainda, dos seguintes cursos de extensão: a) sensoriamento remoto por imagens de satélites, na Rússia; b) silvicultura e meio ambiente, no Japão; e c) manejo de bacias hidrográficas, no Chile. Entre visitas técnicas e trabalhos de consultoria, esteve nos Estados Unidos, Camarões, Bolívia e Chile.

Sempre esteve ligado a entidades de classe. Durante o curso técnico de agricultura, foi secretário da Associação do Curso Técnico de Agricultura - ACTA e, na Escola Superior de Florestas, foi vice e depois presidente do Diretório Acadêmico Navarro de Andrade - DANA. Após a formatura, foi vice e depois presidente da Sociedade Mineira de Engenheiros Florestais - SMEF. Também, foi vice-presidente da Sociedade Brasileira de Engenheiros Florestais - SBEF. Escreveu um capítulo do livro “Biomassa, energia dos trópicos em Minas Gerais” (UFMG) e foi um dos editores do livro “Integração Lavoura, Pecuária e Floresta” (UFV). Escreveu o “Manual Prático do Carbonizador” e “Manual do Fomento Florestal”. Foi agraciado com o diploma do Mérito Florestal pelo governo de Minas Gerais e com o troféu Carlos Drummond de Andrade, como Empresário do Ano em colheita e transformação florestal, evento promovido por uma revista especializada, em Itabira, MG, além de ser o paraninfo da primeira turma de engenheiros florestais da Universidade de Alfenas, MG, em 1982.

No plano familiar, caminha para os 50 anos de um casamento feliz, tendo um casal de filhos e duas netas; deu suporte à formação dos três irmãos mais jovens, hoje, todos eles engenheiros florestais. Próximas metas: 50 anos de Cavanhaque e conclusão do doutorado.

Belo Horizonte, 05 de janeiro de 2019.

JOSÉ LUIZ PEREIRA REZENDE



Minhas origens - Nasci em Pouso Alegre, MG, em 26/02/1945, sendo o segundo dos sete filhos de Francisco Rezende e Josephyna Pereira Rezende. Cursei o primário no Grupo Escolar Monsenhor José Paulino. Por ter-me destacado durante o curso, fui premiado com bolsa de estudos para cursar o ginásial e o secundário no Colégio São José, no período de 1956 a 1965. Esta escola privada era referência em toda a região e a bolsa dava direito, também, à compra de livros didáticos e todo o material escolar necessário. Terminado o secundário em 1965, fui obrigado a servir o Exército Brasileiro em 1966.

Ingresso na UFV - Durante o secundário, convivi com graduandos da UFV e da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com os quais conversava muito sobre ciências rurais e sobre um curso novo sobre florestas, o que despertou meu interesse para ingressar na área florestal. É importante considerar que, qualquer que fosse o curso escolhido, eu teria que custear meus próprios estudos. Uma vez que, segundo meus amigos, em Viçosa eu poderia ser bolsista de trabalho e que a UFV realizava a prova de vestibular em Pouso Alegre, resolvi então, em 1967, prestar o vestibular para engenharia florestal em minha cidade, evitando custos de viagem.

O curso na UFV - O recebimento de um telegrama comunicando a aprovação no vestibular deu-me muita alegria e, ao mesmo tempo, preocupação. Chegando a Viçosa, os problemas foram resolvidos mais facilmente do que eu pensava, pois consegui, de imediato, uma bolsa de trabalho, que me dava direito a alojamento e refeitório. Restava ainda conseguir meios para custear as outras despesas do dia a dia, o que, felizmente, foi resolvido rapidamente. Por meio da amizade com alguns alunos que lecionavam no Colégio Raul de Leoni, fui apresentado ao Padre Mendes, diretor proprietário do colégio, que me contratou como professor de geografia e substituto de matemática. As coisas evoluíram rapidamente e assumi a disciplina de matemática em todas as séries do curso ginásial. No final de 1968, tive o prazer de ser paraninfo dos formandos do 3º ano científico do referido colégio. Em 1968, prestei concurso para escriturário do Banco do Brasil. No início de 1969, recebi comunicado do banco de que havia passado no concurso e que deveria trabalhar em Montes Claros. Como tudo estava dando certo, resolvi escrever ao banco dizendo que só poderia assumir o cargo se fosse em Viçosa, o que, para minha surpresa e alegria, aconteceu. Desse modo, pedi demissão do Colégio Raul de Leoni e assumi no Banco do Brasil, onde passei a trabalhar apenas no serviço interno no horário das 16h às 22h. Até hoje me pergunto como dei conta de tudo isso. Durante a graduação, fiz muitas amizades com muitos alunos da UFV. Da minha turma de engenharia florestal,

destaco os amigos Renato Pencas, Batuira, Megale e Shimizu. Da agronomia, pedindo desculpas aos demais, destaco o “Esquisito”.

Minha vida profissional - Durante a graduação, sempre me interessei por assuntos relacionados à economia. Este sentimento foi fortalecido pelo fato de, no Banco do Brasil, ter trabalhado com análise de viabilidade dos empréstimos agrícolas em geral. Assim, minha opção por ingressar no mestrado em economia rural na UFV veio quase que naturalmente. Em 1971 e 1972, fiz o mestrado ainda trabalhando no Banco do Brasil. No início de 1973, pedi demissão do banco, pois fui admitido como professor do curso de engenharia florestal da Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

Na UFSM, fui titular das cadeiras de economia florestal e administração rural, tendo sido coordenador do curso de engenharia florestal – cargo equivalente a diretor de curso – no período de 1973 a 1976.

Em 1977, retornei a Viçosa, pois recebi convite para assumir a cadeira de economia florestal e administração florestal na UFV como professor assistente IV. É bom lembrar que, à época, não havia exigência de concurso para ingresso no serviço público. Na UFV, fui diretor científico da Sociedade de Investigações Florestais durante três anos (1986 a 1988). Ocupei, ainda, os cargos de pró-reitor de administração (1990 e 1991) e secretário geral de planejamento (1989 a 1993). Durante minha passagem pela UFV, prestei várias assessorias tanto nacionais quanto internacionais. Entre as internacionais há que se destacar aquelas prestadas para a FAO (Food and Agriculture Organization) nos seguintes países: Peru, Equador, Bolívia e Colômbia. Aposentei-me como professor titular em 1996. Nesse mesmo ano, recebi convites de três universidades para trabalhar como pesquisador visitante: da UFLA (Universidade Federal de Lavras), do departamento de ciência florestal da ESALQ – USP e da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) para trabalhar no Campus de Alegre. Optei pela UFLA, possivelmente pela proximidade de minha terra natal.

Na UFLA, trabalhei como pesquisador visitante do CNPq, pesquisador visitante senior da CAPES e, também, como professor substituto até 2017. Foi nessa universidade que realizei meu grande sonho de publicar livros. Pode-se ver que minha vida profissional se resume, praticamente, à minha atuação na academia. Assim, apresento, a seguir, uma sequência cronológica da minha titulação acadêmica:

- Graduação em engenharia florestal - Universidade Federal de Viçosa, UFV, Viçosa, Brasil - 1970
- Mestrado em ciência florestal - Universidade Federal de Viçosa, UFV, Viçosa, Brasil -
Dissertação - Avaliação Econômica dos Impactos dos Programas de Reflorestamento na Zona da Mata de Minas Gerais - 1974.
- Doutorado em economia florestal - University of Toronto, Toronto, Canadá, de 1978 a 1982 - Tese: *Application of Benefit-Cost Analysis Forestry Investment Problems* (1982).
- Pós-doutorado: Japan International Development Agency-Tsukuba - Japão - 1985. Pesquisa e tese pós-doutoral. A Contribuição do Setor Florestal para o Desenvolvimento Socioeconômico Brasileiro.

Acho importante apresentar uma síntese da minha produção acadêmica. Este resumo será apresentado no geral, isto é, sem especificação por universidade.

Publiquei 200 artigos científicos em revistas científicas, dos quais 58 como primeiro autor e 15 em revistas internacionais; 35 trabalhos técnico-científicos em Anais de congressos e simpósios e 57 artigos técnicos e de extensão.

Livros publicados

- 1- Análise Econômica e Social de Projetos Florestais – 345 p. 4ª edição.
- 2- Gestão e Controle da Qualidade na Atividade Florestal. Viçosa: Editora UFV, 2012. 253 p. 2ª edição.
- 3- Ferramentas da Qualidade. Aplicações na Atividade Florestal. 2ª edição. Viçosa: Editora UFV, 2007. 183 p. 3ª edição.
- 4- Introdução à Política e à Legislação Ambiental e Florestal. Lavras-MG: Editora Universitária-UFLA, 2004, 134 p. 1ª edição.

Orientação e revisão de trabalhos científicos: orientei 13 teses de doutorado, 24 dissertações de mestrado, 3 estágios de pós-doutoramento, 38 monografias e 13 TCCs (Trabalho de Conclusão de Curso). Dos meus orientados de mestrado e doutorado, quase todos, hoje, são professores universitários, atuando não apenas no Brasil, mas distribuídos na América Latina como um todo. Atendi, assim, a um dos principais requisitos da CAPES e do CNPq, qual seja, a formação de recursos humanos.

Fui revisor científico de mais de duas centenas de trabalhos científicos para as revistas: *Árvore* (da UFV); *Scientia Forestalis* (da ESALQ-USP), *Ciência Florestal* (da UFMS-RS), *Revista Cerne* (da UFLA), *Brasil Florestal* (do IBAMA-DF); *Revista Floresta* (da UFPR-PR).

Minha família - Em 1973, casei-me com Maria Goretti Negriz, em São Mateus, ES. Deste casamento, resultaram dois filhos: William Negriz Rezende e Jessica Negriz Rezende. William é advogado e reside em São José dos Campos, SP. Jessica é médica oftalmologista, casada, mãe do meu único neto e reside em Pouso Alegre, MG.

Estando divorciado desde 1997, no ano de 2000, conheci Graça Ribeiro, com quem me casei pela segunda vez no ano de 2004. Foi então que entendi como Deus age sabiamente, pois Ele nos concede a graça que precisamos, não necessariamente a graça que pedimos. Minha esposa Graça já tinha duas filhas, Flávia e Alice. Flávia é economista na Gerdau, casada, e Alice é farmacêutica na empresa Astrazeneca. Ambas moram em São Paulo, capital. Assim, nossa família aumentou. Temos uma convivência harmoniosa e feliz. É como se eu e Graça tivéssemos quatro filhos.

Epílogo - Relendo minha biografia, dá para sentir que, possivelmente, um excesso de academicismo se faz presente. Mas, não há como lutar contra a realidade, uma vez que minha vida profissional começou e terminou entre os muros das academias.

Dizem que, para se realizar, um homem deve plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro. Árvores plantei muitas, livros escrevi quatro e filhos tive dois maravilhosos. À guisa de epílogo, sempre muito grato a Deus, devo dizer que me considero uma pessoa realizada, estando, no momento, desfrutando da paz de espírito de um pecador.

JOSÉ REINALDO MAFFIA



Início a narrativa de minhas “passagens” nestes 74 anos, prestando homenagens e agradecimentos àqueles que, com carinho, amor e amizade, contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional. A todos os mencionados, a minha eterna gratidão. Como não poderia deixar de ser, aos meus queridos pais João e Onélia. Ele, homem de excepcionais qualidades: sábio, generoso, amoroso e extemporâneo. Cito três conselhos que me passou quando eu tinha 14 anos:

- *Filho, sempre que alguém precisar de sua ajuda, ajude, não deixe este prazer para ninguém;*
- *Na sua vida, seja flexível, mas nunca quebradiço;*
- *Faça concessões no varejo, nunca no atacado.*

Com muita sensibilidade musical, passou-me o gosto pela música. Certa vez me disse: “A música é o lenitivo para a alma”. Quando eu tinha 15 anos, presenteou-me com uma coleção de LP dos grandes mestres da música clássica. Ela, mulher determinada, de invejáveis qualidades: inteligente, batalhadora, habilidosa nas artes da pintura e arquitetura (autodidata), de temperamento forte, foi professora primária, diretora de grupo escolar, competente e exigente com seus alunos. Tratava-os com carinho como se fossem filhos.

Guilherme e Idalina, meus avós maternos que, por toda a vida, acompanharam-nos vivendo sob o mesmo teto, foram coadjuvantes na nossa educação. Ele, muito habilidoso na marcenaria, carpintaria e pedreiro. Fui seu companheiro em várias pescarias e caçadas. Nessas oportunidades, contava-me histórias que até hoje guardo na memória. Ela, do lar, era habilidosa na arte culinária mineira. Doceira de mão cheia e uma doçura de pessoa. A seguir, menciono pessoas às quais também sou grato.

Zilda Bandeira, minha professora primária no grupo escolar Cel. Antônio da Silva Bernardes. Professores Januário, Lopes, José Henrique, Pedro Gomide, João Luiz de Castro e Felício Brandi do Colégio de Viçosa.

Ao Prof. Arlindo de Paula Gonçalves, minha gratidão pelos aconselhamentos e por ser o principal responsável pela minha decisão pela engenharia florestal, a quem deve muito, não só a nossa classe mas, também, a sociedade brasileira.

Por fim, o meu abraço fraterno a todos os amigos que, ao longo de minha vida pessoal e profissional, prestigiaram-me com seus apoios, carinhos e confianças.

Vida estudantil - Nasci em 17/03/1945, em Viçosa e passei a primeira infância em Cajuri. A seguir, em Viçosa, onde cursei o primário, ginásio, científico e superior. Cabe registrar que, por força de transferência de meu pai para BH, passei pelo Colégio Visconde de Rio Branco e Colégio Arnaldo, voltando às lides escolares no Colégio de Viçosa, onde finalizei o ginásio e o científico. O curso superior, finalizei na UFV, em 1970, quando obtive o tão almejado canudo.

Infância e adolescência - A infância e a adolescência foram passadas em Viçosa, no Bairro de Lourdes. Minha infância não diferiu muito da dos meninos da época. Muitas brincadeiras e travessuras: jogar pião, bola de gude, finco, bandeirinha, carrinho de rolimã, peladas de futebol na rua e, como não poderia deixar de ser, roubar frutas nos quintais dos vizinhos.

Modéstia à parte, fui um bom pé de valsa. Não perdia um baile em Viçosa e adjacências. Não poderia deixar de registrar uma dança com Stael Abelha, Miss Brasil em 1961, no auge dos meus 16 anos. Eita eu!!

Sempre gostei das noites de lua cheia. Nestas ocasiões, sempre saía com amigos para as famosas serenatas. Meu companheiro preferido era o Jalmeno, vulgo Galego, tocador de primeira linha e bom cantor. Foram noites de muitas biritas e cantorias. Creio que meu gosto pela boemia foi predestinado pela minha mãe. Quando fiz um ano de idade, ela fez um acróstico, muito comum à época:

*Jato de luz inocente
Onde a vida inconsciente
Sonha mundos de prazer
Em luz do alvorecer.*

Vida profissional - Em 01/04/1971, fui contratado pela ACAR para trabalhar no escritório de Leopoldina, tendo exercido a chefia até julho de 1973. Em agosto de 1973, fui contratado para atuar no Conselho Estadual de Tecnologia, órgão da Secretaria de Economia e Planejamento de Estado de São Paulo, onde permaneci até agosto de 1975. Nesse órgão, exerci a coordenação de avaliação e acompanhamento de projetos em diversas áreas.

Em 10/10/1975, fui contratado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), órgão hoje ligado ao Ministério de Ciência e Tecnologia. Permaneci nessa instituição até 05/12/2003, ocasião em que me aposentei. Durante 28 anos, exerci as seguintes atividades:

Coordenação dos seguintes programas:

- Programa Integrado de Pesquisas em Parasitologia Agrícola
- Programa de Pesquisas Florestais
- Programa de Controle Biológico de Pragas
- Programa de Fixação Biológica de Nitrogênio Atmosférico

Paralelamente às atividades destes programas específicos, acompanhei e analisei as demandas de bolsas e auxílios de iniciação científica, aperfeiçoamento, doutorado, pós-doutorado e recém-doutor, tanto no Brasil como no exterior.

Representante do CNPq no programa MAB (O Homem e a Biosfera) da Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e Cultura da UNESCO.

Especialização em *Indicadores de Ciência e Tecnologia*

Responsável pela criação, no CNPq, da coordenação de engenharias agroindustriais, que englobava as áreas de engenharia agrícola, florestal e de alimentos.

Presidente da Sociedade Brasileira de Engenharia Florestal (SBEF) no período de 1978 a 1982.

Dados familiares -

Pais: João Maffia Filho e Onélia Campos Maffia

Avós Maternos; Guilherme Gomes de Campos e Idalina de Oliveira Campos

Avós Paternos: João Maffia e Adélia Batista Maffia

Irmãos: Dalva, Eliana e Eduardo

Esposa: Sueli Amélia Melhim Maffia

Filhos: André (06/04/2021), Guilherme e Alessandra

Netos: Gabriel, Luana, Marina e Bruna

Bisnetos: até agora nenhum

LIESSE ALEXANDRE SAID



Nascido em 16/10/1946, quando a família, de origem libanesa, dedicava-se à agricultura em Cajuri, Zona da Mata de Minas Gerais, próximo a Viçosa. Meu curso primário foi concluído em Cajuri e o ginásial, em dois locais: uma parte no Colégio de Viçosa e outra em Visconde do Rio Branco, MG. Frequentei os dois primeiros anos do curso colegial no Colégio de Viçosa e o restante, em Volta Redonda, RJ.

Por falta de condições financeiras, não pude estudar medicina como almejava. Alternativamente, optei pela engenharia florestal pois, estando na época em que foi

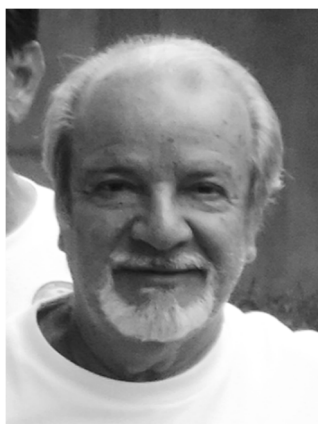
instituído o programa de incentivos fiscais para reflorestamento (Leis 5.106 e 1.134), havia boas oportunidades de trabalho nessa área.

Iniciei o curso na UREMG em 1967, em uma turma de 38 alunos. Entre as matérias dos primeiros anos, algumas como química analítica, bioquímica e cálculos davam muito trabalho e vários colegas tiveram dificuldade. Tendo em vista que, após repetidas reprovações, poderiam ser jubilados do curso, vários deles buscaram transferência para a Universidade Federal do Paraná. Assim, nossa turma ficou reduzida a apenas 17 integrantes até a formatura.

Logo após a graduação, no final de 1970, fui trabalhar no estado de São Paulo, em atividades de reflorestamento e de consultoria ambiental até 1975. No período de 1976 a 1979, trabalhei na área de engenharia consultiva na empresa A. Araújo S.A. Engenharia e na área de montagem na Jaakko Poyry Engenharia S.A., notadamente no setor de celulose e papel. Por conta desta última, fiz viagens de estudos à Suécia, Finlândia, Espanha e Portugal. De 1980 a 2005, trabalhei no setor de energia alternativa na CESP (Companhia Energética de São Paulo), fazendo experimentos com espécies de *Eucalyptus*, visando à produção de madeira para transformação em metanol.

Casei-me com Regina Aparecida Said, com quem tivemos a filha Jaqueline Alexandre Said, que se graduou em publicidade. Fiquei viúvo em 12/02/2015 e sigo residindo em São Paulo, SP, agora na condição de aposentado desde 2005.

MAURO VAZ DE MELLO MEGALE



Nasci em Viçosa, em 23 de novembro de 1942. Fiz os três primeiros anos do primário no grupo escolar da cidade. Minhas mestras foram Da. Lurdes Ramos, Da. Nenzinha Rezende e Da. Dorica Machado. Quando completei dez anos de idade, mudamo-nos para Belo Horizonte, onde terminei o curso primário no Grupo Escolar Pandiá Calógeras. Admissão e ginásial fiz no Colégio Loyola. Em 1960, fui para Viçosa fazer o vestibular para o agrotécnico. Passei e iniciei o curso. Mais tarde, fui aprovado no vestibular para engenharia florestal. Eram previstos sete anos de estudo. Porém, levei dez anos para me formar nos dois cursos, porque gostava muuuuito de estudar e, além do mais, fui sempre perseguido

pelos professores. Após três anos de “especialização” e de muita perseguição, fui obrigado a cunhar a máxima: **“em cada professor, um inimigo”!**

Ao final do curso de engenharia florestal, houve uma compensação que, para mim, é motivo de orgulho. Quando me formei, éramos 17 estudantes na turma. Os seis primeiros colocados nunca tinham repetido ano, eram ótimos alunos. Eu fui classificado em 7º lugar. Ou seja, dos malandros eu fui o primeiro!

Quando comecei minha vida profissional, meu primeiro emprego foi na empresa Sertão Planejamento e Empreendimentos, onde trabalhei de 1971 a meados de 1972. O trabalho envolvia o plantio de eucaliptos, que era feito na Serra do Cipó, município de Morro do Pilar, cuja sede ficava a 30 km do empreendimento. Era uma cidade muito pequena, com poucos habitantes e o único engenheiro que residia lá era eu. Portanto, eu era tratado como uma figura importante. Todos me chamavam de “Dr. Mauro do calipal” e me respeitavam muito.

Um dia, fui cortar cabelo (naquele tempo eu tinha cabelo) e, após o corte, perguntei ao barbeiro quanto eu tinha que pagar e ele respondeu: “Não é nada não! É um prazer atender o doutor”. Eu agradei e pensei: “Por que o dono do boteco não pensa assim também”? Falando em boteco, em toda minha vida, eu sempre gostei de um golinho: um uísque, uma cervejinha, uma pinguinha etc., sempre na companhia de bons amigos. Alguns, às vezes, ficam bêbados e chatos, mas a esmagadora maioria é de gente fina. Fora dos ambientes de bebedeira e boemia, conheci muitas pessoas sisudas e compenetradas, quase sempre carregadas de vaidades e preocupações que afligiam meu espírito boêmio. Meditando, cheguei à seguinte conclusão filosófica etílica: “Nem todo cara que bebe é boa praça, mas todo cara que não bebe é chato”!

Mas é preciso entender que, na vida boêmia, nem tudo são flores. Tenho de concordar que o álcool em excesso, às vezes, nos prega peças inusitadas. Por exemplo, não me lembro, jamais, de ter dormido com uma única mulher feia. Mas devo admitir que já acordei com várias delas. Outro fato interessante, desta época de Morro do Pilar, aconteceu quando eu fui receber meu primeiro salário. O responsável pelo pagamento era o Ildeu Fialho (Pendurado), diretor da empresa, e meu ex-colega no agrotécnico. Foi combinado o salário X (não me lembro mais quanto era) e, na hora de receber, veio um valor X menos Y. Eu virei para o Ildeu e falei: “Uai, não foi esse o valor estabelecido”! Ele então me disse: “Mauro, o salário é X, mas temos que descontar o INPS, que é o valor Y”. Aí então eu retruquei: “Ildeu, no meu caso particular, eu prefiro que não desconte o INPS”. Ou seja, demonstrei um total desconhecimento da legislação!!

A vida profissional me reservou momentos pitorescos de alegria e realização pessoal. Dois fatos eu considero muito relevantes. O primeiro deles aconteceu em Juiz de Fora, no ano 2000, quando a revista Dinâmica dos Fatos homenageou pessoas de destaque, consideradas Personalidades do Final do Século, e eu fui incluído nessa lista. Minha mãe estava presente na solenidade e, quando leram as qualificações que me levaram a ser homenageado, sussurrou, incrédula, no ouvido de minha irmã Sônia: “o Mauro é tudo isso que estão falando dele”? O outro fato se deu quando, já em final de carreira, estava trabalhando na área de influência da Barragem de Setúbal, no Vale do Jequitinhonha, atuando como mediador de conflitos entre as partes interessadas. Em uma reunião em que estavam presentes os proprietários rurais atingidos, a empresa construtora e a empresa responsável pelo empreendimento, num clima histórico de discordância entre os participantes, eis que, de repente, a advogada dos proprietários rurais atingidos pediu a palavra e disse: “realmente, a situação estava muito complicada, mas, com a chegada do Dr. Mauro Megale, as coisas melhoraram muito e, hoje, estamos perto de um acordo definitivo”.

Em 1972, deixei a Sertão e ingressei no Instituto Estadual de Florestas - IEF, trabalhando como analista e vistoriador de projetos de reflorestamento, no convênio IEF/IBDF. Em 1974, tornei-me diretor técnico da ICI Florestal, empresa do Banco Nacional, onde permaneci até 1982. Voltei, então, ao IEF, atuando como presidente da Comissão Especial da Taxa Florestal e Assessor da Diretoria de Desenvolvimento Florestal, até 1987. De 1988 a 1997, fui diretor djunto da Rural Mineira, empresa subsidiária da Cia. Ferro Brasileiro, em Caeté, MG. De 1997 a 1999, atuei como consultor técnico da Companhia Metalúrgica Barbará, do mesmo grupo. Durante o ano de 2000, fui consultor técnico da Indústria Siderúrgica Viana, em Sete Lagoas, MG.

Já aposentado, trabalhei como consultor técnico em vários empreendimentos (barragens) da CEMIG, atuando como mediador de conflitos entre os proprietários rurais atingidos, a empresa responsável pelo empreendimento e a empresa construtora. Na mesma linha de trabalho, atuei em empreendimentos da RURALMINAS no Vale do Jequitinhonha até meados de 2011, encerrando esta fase em Itabirito, numa Pequena Central Hidrelétrica - PCH Rio de Pedras.

No campo classista, fui presidente da Sociedade Mineira de Engenheiros Florestais - SMEF, por dois mandatos consecutivos, de 1997 a 2000. Fui, ainda, diretor financeiro do CREA/MG, de 1987 a 1989.

Na área de extensão acadêmica, fiz pós-graduação na UFMG em engenharia econômica e direito ambiental. Ministrei, ainda, cursos de elaboração de projetos de reflorestamento para alunos da Universidade Federal de Viçosa, no departamento de engenharia florestal. Certa feita, interpelado por um colega sobre como ser um profissional de sucesso na engenharia florestal sem ter carteira de motorista, por nunca ter aprendido a dirigir, não saber operar um computador e não falar inglês, expliquei: “minha esposa é uma exímia motorista; minha filha mais velha é professora de inglês; a mais nova é fera no computador e eu mando nas três” (mentirooso!). Ou seja, você não precisa ter todas as habilidades e informações para resolver um problema. É suficiente conhecer quem sabe resolver.

RENATO LADEIRA COSTA



Numa família de oito irmãos, quatro machos e quatro fêmeas, vim ao mundo em 14 de outubro de 1948, dia de São Calixto. Fui o quinto da fila e nasci às 7:30 h da manhã, na Fazenda Braúnas, em Piacatuba, que deveria ser a sede do município, mas, até hoje é apenas distrito de Leopoldina, Zona da Mata Mineira. Meu histórico escolar teve início quando, durante o recreio, “tampei” um tijolo nos peitos do Expedito de Joaquina, quando eu tinha apenas oito anos. Não fui expulso e terminei o primário no Grupo Escolar Dr. Pompílio

Guimarães. O curso ginásial foi feito, em regime de internato, no Ginásio São José, de Ubá. Minha mãe era professora e meu pai lavrador. Daí, ter como opção natural a busca pelas facilidades fornecidas pela Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), em Viçosa, para cursar o ensino secundário, no curso técnico de agricultura, onde meu irmão José Ladeira já estudava. Mas, para entrar no curso, era necessário passar num exame vestibular, em que cada vaga era disputada por dez candidatos. Cheguei de “Maria Fumaça” e me hospedei na república da Conceição Schettini, esposa do folclórico Brás Schettini. As refeições eram feitas na república da Dona Aurora. Como parte da minha preparação visando ao exame seletivo, frequentei um cursinho dirigido pelo Zé Boquinha. Acabei classificado em quinto lugar no exame para ingresso no agrotécnico.

No agro, fiquei hospedado na Sétima Seção (local onde hoje é a sede do departamento de engenharia florestal da UFV). Meus colegas de quarto foram os “veteranos” Brederodes e Zé do Brejo.

Era comum que os agroboys tivessem, como primeira opção no vestibular para o curso superior, a agronomia. Contrariando essa tendência, optei pela engenharia florestal, juntamente com seis outros colegas. Pesou na escolha a influência do Professor Arlindo “Taião”. Certa feita, perguntado se um plantio era morro abaixo ou morro acima, ele explicou: “uma fileira é morro abaixo; a próxima é morro acima”. Aprovado no vestibular, ingressei no grupo que futuramente criaria o clube Cavanhaque de Urubu.

Três narrativas ilustram fatos hilários na minha trajetória universitária. A primeira foi durante uma aula de silvicultura, com o professor Renato Brandi, quando nos foi mostrado um crescimento anormal de uma árvore jovem de *Pinus* spp., chamado *fox tail* (rabo de raposa). Quando o professor disse que esse material defeituoso, de uns cinco centímetros de diâmetro, podia ser utilizado para produzir lápis, um colega de turma, o Liésse, interpelou: “Professor, mas não é uma *grossura* muito grande para fazer lápis”? Outro episódio ocorreu em Patos de Minas, durante a Festa Nacional do Milho. O Jaime Resende do Valle vestiu uma batina, solicitou e conseguiu, para seus seguidores (por acaso eu era um deles), descontos nos “programas” com as meninas do bordel. Nos seus argumentos, chegou a propor a transferência de sua “paróquia” para aquele ambiente. O terceiro ocorreu por conta da irresponsabilidade do construtor de um muro em Viçosa, que desabou quando eu estava namorando encostado nele. Mas, se até o muro de Berlim caiu... O lado bom da história é que ninguém se feriu.

Minha vida profissional foi iniciada na ACAR de Ubá, em 1971. Um ano e meio depois, assumi a vaga do professor Ovídio Saraiva, na UFV, lecionando roteção aos recursos naturais renováveis, concomitantemente com a responsabilidade técnica na MINASPLAC, em Ubá. Ao completar dois anos, migrei para a Companhia Mineira de Papéis, em Cataguases, trabalhando com fomento florestal. Dois anos depois, ingressei na Pains Florestal, trabalhando com o cavanhaqueano Francisco de Paula Castro, entre 1977 e 1982. Ingressei, então, na COPENER, na Bahia, em 1983 e permaneci até 1985, quando entrei para os quadros da Mannesmann Florestal, onde permaneci até 1997. Os quinze anos seguintes foram divididos entre a responsabilidade técnica pela Siderúrgica LUCAPE em Alfredo Vasconcelos e dois viveiros florestais, um em Leopoldina e outro em Conselheiro Lafaiete.

SÉRGIO PEREIRA DE MELLO



Sergio Pereira de Mello, nascido em 19 de julho de 1944, em Viçosa, é o sétimo dos oito filhos de Celeste Pereira de Mello e Diogo Alves de Mello. Em 1954 seu pai, Professor Diogo, como gostava de ser chamado é transferido para Florestal, mudando com toda a família para colaborar na fundação da Escola Técnica de Agricultura de Florestal, extensão da então UREMG, hoje Universidade Federal de Viçosa (UFV). Sergio retornou a Viçosa para cursar agrotécnico e, depois, para cursar engenharia florestal. Recebeu seu diploma das mãos de seu pai representante dos pais, paraninfo da turma de formandos de 1970 e foi quem plantou a árvore da turma.

Casou-se com Cassandra, com quem teve os filhos: Alessandro, Frederico, Estefânia e Patrícia. E três lindos netos Laura, Arthur e Eduarda. Era chamado por seus filhos de “Chefe” – apelido carinhoso que rapidamente se alastrou entre os amigos.

Formado, foi trabalhar na ACAR, de Juiz de Fora, hoje EMATER; logo após na Tora Reflorestadora. Em 1974, mudou-se para Belo Horizonte vindo a trabalhar no Instituto Estadual de Florestas (IEF). Já na capital, trabalhou na CIMETAL e na ICAL. Posteriormente mudou-se para o Espírito Santo para trabalhar na Ferroeste, quando se aposentou.

Possuiu uma barraca de caipi-frutas, na feira de sábado da Praça da Liberdade que depois se mudou para a Praça do Colégio Arnaldo. Lá preparava a melhor Caipi, admirada por todos.

Dono de uma memória invejável, suas senhas se baseavam em placas de algum carro que passou na hora, nome de algum remédio ou simplesmente um número qualquer. Mas, esta lhe falhou quando em última oportunidade em exame de estatística, o professor lhe deu a chance de vencer, perguntando o nome de três famosos matemáticos. Depois de muito pensar quem seria o terceiro importante matemático, viu-se que estava na frente dele e exclamou: professor Raimundo Nonato de Miranda Chaves. Passou.

Cozinhava maravilhosamente bem, sua receita de linguiça, guardada a 7 chaves, ainda dá água na boca quando lembrada.

Após sua aposentadoria, dedicou-se a trabalhos voluntários, tendo participado do Centro de Valorização da Vida (CVV), e depois da Casa de Acolhimento para Crianças com Câncer (AURA). Possuía uma cachorra, Shirra, cuja raça era *street dog*, raça essa só inventada por ele. Foi sua fiel companheira até seu falecimento, em 05 de maio de 2019.

Biografias de alguns colegas que não concluíram o curso superior em 1970

ADÃO ANTUNES QUEIROZ

por Maria Inês Milagres Queiroz



Adão Antunes Queiroz nasceu em 27/08/1944, em Três Lagoas, MS, às margens do rio que forma o maior complexo hidroelétrico do hemisfério sul (Urubupungá) e foi criado pelos pais Sebastião Borges de Queiroz e Euthália Antunes Queiroz, com os três irmãos Inácia, Eucário e Carlos. O primário, o ginásio e os dois primeiros anos do curso colegial foram feitos em sua terra natal. O terceiro colegial foi feito no km 47 (UFRRJ). Estudava durante o ano letivo e ajudava seu pai na fazenda durante suas férias. Em 1966, foi para Viçosa fazer o cursinho preparatório ao exame vestibular. Nesse mesmo ano, conheceu uma nativa que mudou

seu modo de pensar e, apesar de ter passado em outros vestibulares, ficou em Viçosa. Na comunidade universitária, Adão teve uma vida em que sentiu saudades e sempre voltou a Viçosa, pois seu ciclo de amizade foi enorme. Seus amigos são tantos que não dá para enumerar. Mas, o Alfredo Homma e o Armando foram os primeiros amigos. O Gilson, o Luiz Inácio e o Francisco, entre outros, também não são de esquecer. Ia, também, de cinco em cinco anos, para as festas de ex-formandos, quando esbanjava alegria. Assim procedeu até seus 35 anos de formado. Antes de fazer 40 anos de formado, veio a falecer em 07/10/2008, após completar 64 anos. Diversificou-se em zootecnia, ciência em que mostrou suas aptidões. Trabalhou na EMATER, na PROADE, firma de projeto rural, com o Guilherme Horta. Depois, foi para a CAMIG, onde ficou por 14 anos. Daí em diante, trabalhou como representante comercial da Riberal Sementes que, posteriormente, passou a se chamar Riber Sementes.

Casou-se em 1973 com Maria Inês e teve dois filhos: Cláudio Lúcio, hoje contador, e Márcio Henrique, que seguiu a carreira do pai como engenheiro-agrônomo. Adão veio a falecer em Patos de Minas em 2008, trabalhando na Riber Sementes, onde ele amava trabalhar.

DONATO PEREIRA DA LUZ



Donato nasceu em Poconé, MT, em 07/08/1943, filho de Amâncio Pereira da Luz e Catharina de Campos Pereira. A sua cor denotava ascendência africana, mas que nunca se preocupou com isso. cursou técnico em agricultura na então UREMG, tendo concluído em 1964. É bem provável que, no período de 1965 e 1966, tenha dedicado a trabalhos como técnico agrícola, até prestar o vestibular em agronomia.

Devido a trabalhos avulsos para a sua manutenção durante o curso, efetuando aplicação de questionários nas férias para o departamento de economia rural, ministrando aulas em colégios distantes, nem sempre tinha tempo para estudar e elaborar os trabalhos práticos. Isto levou-o à reprovação, tendo concluído a graduação de agronomia em 1971, com a turma do Gato Preto.

Após a formatura, foi trabalhar em Porto Velho, RO, na Secretaria Estadual de Agricultura onde, nos finais de semana, deslocava-se para um município interiorano (provavelmente Ariquemes) onde tinha um plantio de cafeeiro, cacauero e seringueira. Trabalhou, também, na Companhia de Desenvolvimento de Rondônia (CODARON), importante na transição de território para estado de Rondônia, em um programa de colonização do Banco Mundial, onde foi colega do Ronaldo Pedrosa Gomes. Posteriormente, ingressou na FUNAI, onde trabalhou até a sua aposentadoria.

À lembrança dos colegas, vem o seu espírito alegre, sempre com tiradas humorísticas, afirmando que iria ficar rico com agricultura depois da graduação. Isto levou os colegas a alcunharem-no de Onassis, em analogia ao milionário grego Aristóteles Onassis (1906-1975) que se casou com Jaqueline Kennedy (1929-1994) e viveu com ele no período de 1966 a 1975. O grego Onassis tornou-se milionário comprando navios velhos da II Guerra Mundial e transformando-os em uma frota de petroleiros.

Ficou famosa a viagem para a Festa Nacional do Milho, em Patos de Minas, em 1968, quando Donato vestiu uma batina preta e abençoava a todos nas paradas de ônibus e em outros locais públicos e profanos. Com isso, obtinha gratuidade em muitos restaurantes e bares, dando a impressão de um padre extremante progressista para a época. Segundo os boatos, ele frequentou a zona boêmia vestido de padre e, como a cidade é sede de bispado, correu o boato de que tinha um padre na zona e de que o bispo mandou chamá-lo.

Morei (Alfredo Homma) com Donato Pereira da Luz na Sexta Seção durante os anos 1969 e 1970. Encontrei-me com ele em pelo menos duas viagens para Porto Velho (provavelmente, na década de 80). Depois, tive contato somente por telefone, no início de 2019, para a preparação da sua biografia. Nessa ocasião, afirmou que tinha problema de diabetes, visão, audição e locomoção. Estava aposentado e morava sozinho. Não conseguiu ficar rico, mas nunca perdeu a esperança e sempre manteve o espírito alegre e irreverente.

Nota: Biografia escrita por **Alfredo Homma** em colaboração com **José Antônio Obeid**, **Ronaldo Gomes Pedrosa** e **Jarbas Yukio Shimizu**.

FÁBIO MARCIAL ANDRADE CUNHA
Um encontro, uma amizade e uma história de vida
Por Rubenise Farias Gato, M.Sc.¹



Tarde de sábado depois do almoço, na borda da piscina do DAAB. Em pé, da esquerda para a direita: Jarbas Shimizu; não identificado; Edmundo Magela Carneiro; Fábio Marcial Andrade Cunha; Luiz Guilherme Barbosa; Deonésio Moreira da Silva; Mercial Lima de Arruda; Armando Corrêa Parente; e Ermiton Botelho dos Santos. Sentados, da esquerda para a direita: Dênis Vilela; Delson; Carlos Antônio Saraiva de Sena; João Bosco; Leôncio; Ivan; Luiz Penedo; Alfredo Homma; e Adão Antunes. Foto: Alfredo Homma

No início de 1977, precisei deixar meu emprego na Companhia Importadora de Tratores e Equipamentos (CITREQ) – revendedora da marca Caterpillar, em Belém, para concluir meu curso universitário na UFPA. Oriunda do interior do Estado, estava em Belém com a finalidade maior de estudar e, logicamente, trabalhar para meu autossustento já que vinha de família sem grandes recursos financeiros. Na empresa, havia deixado muitos amigos e, com relativa frequência, ia visitá-los. Em uma dessas oportunidades, fui apresentada a um rapaz simpático, alegre e de sorriso fácil, que havia sido contratado após minha saída, para trabalhar no setor de oficina de máquinas e equipamentos. Chamava-se CARLOS ALBERTO PAIVA. Dessa apresentação, nasceu um relacionamento afetivo e uma convivência que perdurou por algum tempo. Nosso círculo social era restrito aos colegas de trabalho e não me incomodava porque eu, particularmente, não tinha grandes círculos sociais de convivência, a não ser minha família e colegas do trabalho.

Carlos era muito inteligente, simples em sua maneira de viver e sem vaidades. Não gostava ou não se sentia à vontade em ambientes com pessoas que não conhecia; não gostava de ir ao cinema em salas que ficassem no centro da cidade. Só gostava de tomar cerveja em bares pequenos, tipo “botecos”, localizados fora do centro urbano. Nossa convivência era boa. Tínhamos objetivos de vida praticamente distintos. Eu tinha pressa em concluir meu curso e alcançar um emprego melhor. Ele, um tanto quanto fechado, não explicitava nenhum objetivo de futuro. Algumas vezes via-me diante de situações que me deixavam intrigada. Nessa época, alguns episódios ocorreram que me deixavam confusa e me conduziram a um estado de plena observação ao seu modo de ser: um dia, estávamos caminhando na rua, tranquilos, conversando e, de repente, ele parou e me disse: tome um taxi e vá para casa, depois a gente conversa. Eu atendi e ia pensando mil coisas, sem compreender. Posteriormente, explicava-me que precisara resolver alguma coisa e pronto. Eu não questionava e muito menos perguntava “que coisa” – ele falaria se quisesse. Outra vez, fomos à Churrascaria Tucuruvi e, em um dado momento, veio um senhor cumprimentá-lo, com expressa satisfação de estar encontrando uma pessoa conhecida, que não via há muito tempo. Carlos, ao vê-lo, desconversou, ficou nervoso, falou que ele estava enganado e que não era a pessoa que ele estava pensando ser e, imediatamente, pediu-me para sairmos de lá. Em casa, quando conversávamos e o assunto versava sobre a área agrônômica, ele e meu irmão Mauro Farias Gato (Emater-Pará), que é agrônomo, conversavam e eu observava que ele ficava muito à vontade no tema, demonstrando certa propriedade nos assuntos. Certa vez, eu até lhe perguntei: como você entende tanto dessa área se você é mecânico na CITREQ? Ele tomou um susto, mas me justificou que era

¹ Bibliotecária aposentada da Embrapa Amazônia Oriental. Trabalhou na Embrapa no período 1980 a 2007.

pelo fato do Pai dele ter uma área agrícola e que aprendera com ele muitas coisas. Meu irmão, um dia, comentou comigo, particularmente, que achava que Carlos não olhava em seus olhos, que sempre desviava o olhar ou mudava a posição do rosto. E questionou. Por que será?

Pelas minhas observações e situações, comecei a achar que havia algo difícil de ser explicitado para mim. Não falava de si mesmo e se intitulava “Peão de Trecho” que, no meu entendimento, seria uma pessoa sempre pronta para tomar a estrada e mudar de lugar. Parecia viver sempre alerta. Diria, de “orelha em pé” em seu entorno. Eu não perguntava nada e não cobrava nada. Já em meados de 1978, comprou um carro e fomos ao Mosqueiro (praia) e lá, em conversa, provavelmente já confiando um pouco em mim, até quem sabe, pela minha maneira de levar as coisas relacionadas a diversas situações, ele me disse: “se alguma coisa me acontecer, você é a única pessoa que pode avisar minha mãe. Deu-me o nome e o endereço dela, os quais decorei e anotei em casa. Indaguei o que poderia acontecer com ele e não houve resposta. No retorno, ele avisou-me que eu não me preocupasse, que iríamos a um lugar visitar um amigo. Entramos num ramal da estrada que quase não tinha indicador de movimento. Chegamos a uma pequena casa e encontramos um senhor, já de idade, barba longa, vivendo ali sozinho com quase nenhum conforto. Não disse o nome, nem quem era. No caminho de volta, pediu-me que nunca contasse a ninguém sobre essa visita. Passando um tempo, em uma rara oportunidade de abertura, ele me disse: “se você quer me conhecer, leia a obra de Maximo Gorki (1868-1936), intitulada A MÃE” e finalizou: “Eu sou o filho da mãe”.

Em final de 1978, ele foi trabalhar em Manaus, na Lion, outro revendedor da marca Caterpillar, pois lá estava trabalhando um casal de amigos nossos egressos da CITREQ. Algumas vezes fui a Manaus. Em uma ocasião, houve outro episódio semelhante ao ocorrido na Churrascaria Tucuruvi em Belém. Um senhor, vizinho da minha amiga onde eu estava hospedada, ao vê-lo, ficou eufórico manifestou intenção de abraçá-lo, mas ele se esquivou, alegando tratar-se de engano. O senhor não se conteve e começou a perguntar: “onde andaste? Como te safaste? O que fazes?” E completou: “eu consegui fugir, passei um tempo na Rússia e agora estou aqui trabalhando na Emater”. Ao conseguirmos deixar esse senhor, Carlos estava bastante nervoso. Entramos na casa da minha amiga e me disse: “essa pessoa é louca. Confundi-me com algum conhecido dele”. Nesse momento, pela primeira vez, eu disse: “engraçado, por que será que as pessoas te confundem com outro? Lembra da Churrascaria Tucuruvi em Belém?”

Após sua mudança para Manaus, comprei o livro e comecei a ler. O romance retratava a luta revolucionária vista a partir da ótica familiar e do mundo dos trabalhadores. Baseado em fatos reais ocorridos nas fábricas de Sormovo, na Rússia czarista, onde Gorki conheceu o operário Zamolov (Pavel Vlassov no livro), **militante revolucionário**, e sua mãe, Anna (Pelagueia Nilovna no livro, que se dispõe à arriscada tarefa de distribuição de panfletos), protagonistas das manifestações do 1º de maio de 1902, naquela cidade, e da conseqüente prisão e julgamento dos envolvidos. Pela leitura, tudo começou a fazer sentido. Fui juntando os fios da meada a partir das passagens que me deixavam intrigada e ambientei meu entendimento ao período que o Brasil vivia no pós-1964. Não comentei nada com ele sobre a leitura nem tampouco sobre minhas deduções. Por incrível que pareça, nunca conversamos sobre a situação política do País na época. Ele, talvez, para se preservar. Eu, porque não tinha interesse e muito menos tinha envolvimento com política estudantil. Entrei na Universidade em 1974, quando não mais havia esses movimentos de forma explícita.

Em 28 de agosto de 1979, no exato momento da promulgação da Lei da Anistia, no governo do presidente João Baptista Figueiredo (1918-1999), para reverter as punições aos cidadãos brasileiros que, entre os anos de 1961 e 1979, foram considerados

criminosos políticos pelo regime militar (transmitida pela televisão), tomei a decisão: telefonei para o Carlos em Manaus, que estava em horário de expediente, e falei “você sabe o que está acontecendo neste instante?” Ele respondeu “não”. Então falei bem firme: “você acaba de ser anistiado”. Ele retrucou que não tinha nada a ver com isso. Foi a primeira vez que toquei nesse tema.

Como tinha acesso ao Diário Oficial da União, fui conferir o nome dos anistiados e não encontrei o dele. Passados uns vinte dias mais ou menos, ele me escreveu dizendo que estava vindo a Belém para conversarmos e que estava deixando de ser CARLOS para ser FÁBIO. Daí, eu não ter encontrado no nome Carlos na listagem.

Um fato inesperado ocorreu durante a nossa convivência. Dada a maturidade dele, logo que nos conhecemos, perguntei se, das suas relações afetivas, alguma mulher havia engravidado. Respondeu que nenhuma havia se queixado. Meses depois, ele chegou assustado e me contou que uma moça, que era professora primária em Afuá, com a qual havia se relacionado há uns meses antes, informou que estava grávida e já em fase final de gravidez. Dessa relação, nasceu um menino que ela, sem saber de sua identidade verdadeira, atribuiu o nome de FÁBIO. Ele não queria que esse fosse o nome da criança, mas acabou que a vontade dela prevaleceu. A família dele tomou conhecimento do nascimento dessa criança e, pelo que percebi, quando estive em Uberlândia, creio que foi bem aceito.

Quando nos encontramos aqui em Belém, ele me relatou que sua identidade pela qual eu o conhecia era falsa; que, em 1968, quando estudava Agronomia em Viçosa, fora preso por ativismo político revolucionário, que conseguiu ser solto e vivia na clandestinidade há onze anos. Primeiro, viveu um tempo no Maranhão e depois veio para Belém; também, que não participou de guerrilhas nem matou ninguém ou assaltou bancos. Não me falou a que movimento pertencia. Prosseguindo em seu relato, esclareceu: o senhor do episódio na Churrascaria Tucuruvi em Belém, era um colega da Universidade que cursava Agronomia na mesma turma o Alfredo Homma (com quem, um tempo depois, convivi como meu colega de trabalho na EMBRAPA). O senhor do encontro em Manaus era um colega, também ativista. O senhor da visita na estrada do Mosqueiro, um professor de Filosofia da USP, também ativista, vivendo na clandestinidade. Sobre não olhar de frente para meu irmão, explicou que, como fazia parte da Direção do Diretório Central dos Estudantes de Agronomia do Brasil (DCEAB) na época da prisão, e por não saber se meu irmão tinha atuação na DCEAB, temia ser reconhecido. Quanto ao nome do seu filho, do qual assumiu a paternidade, como ninguém sabia sua identidade verdadeira, tomamos como “ironia do destino”. Após isso, falou que estava voltando para sua casa em Uberlândia, para sua família e para restaurar sua verdadeira identidade. Desejava reconduzir sua graduação em Agronomia. Não conseguiu, provavelmente, pela defasagem de tempo. Lamentável, pois seria certamente, um excelente profissional.

Em 1980, fui contratada para trabalhar na EMBRAPA em Altamira. Em uma oportunidade de ir a Brasília a trabalho, aproveitei e fui visitá-lo em Uberlândia. Conheci seus pais e irmãos. Ele estava trabalhando com construção civil, acho que com ajuda do pai. Construía casas populares para vender. Depois, retornei para as festas de fim de ano 1980/1981. Ele não estava satisfeito com a atividade e demonstrou vontade de voltar para Belém. Queria um emprego formal e, logicamente, com salário regular. Perguntei se poderia relatar sua história para um dos diretores da CITREQ para ver se conseguia seu retorno, já com sua identidade verdadeira, e ele me autorizou. Fui conversar com o diretor que entendeu e o contratou novamente. Assim, retornou para Belém e continuou trabalhando na empresa. A partir daí, distanciamos-nos. Eu, focando minhas atividades profissionais em Altamira e ele levando sua vida em Belém. Algum tempo depois, fiquei

sabendo que ele tinha voltado para Uberlândia, já casado com uma moça daqui. Não foi com a mãe de seu filho.

Em 1985, a Unidade da EMBRAPA foi transferida para Belém e voltei a residir na cidade. Não tive mais contato com ele, até receber a triste notícia de sua trágica morte por acidente rodoviário na estrada de Itumbiara para Uberlândia. Por essa razão, liguei aos seus pais solidarizando-me. Essa foi a última vez que tive contato com sua família.

Nota (Alfredo Homma):

Este depoimento da Rubenise tem uma importância histórica por retratar os anos de chumbo dos governos militares, que complementa e suplementa uma parte da vida do Fábio Marcial Andrade Cunha. Dividimos apartamento com Fábio, Rolf Puschmann e Giovani José Carvalho na Quarta Seção durante o ano de 1967, logo que fomos aprovados. Em 1968, quando ele foi expulso da UFV, recebemos a visita do seu pai que tinha conversado com o Prof. Geraldo Martins Chaves para reverter a decisão, sem sucesso. Não tenho condições de precisar o ano exato. Provavelmente, em 1978 ou 1979, encontrei o Fábio em uma churrascaria em Belém, acompanhado da Rubenise, que só fui lembrar quando foi admitida na Embrapa em 1980. Mostrou-se distante, como se não me conhecesse e nunca me procurou na Embrapa Amazônia Oriental. Com esse relato 40 anos depois é que compreendi que tinha medo de ser identificado. Soube, através do Mercial Lima de Arruda, que o tinha encontrado em São Luís, refugiado em uma Igreja. Repressão e direito à resistência: os comunistas na luta contra a ditadura (1964-1985). São Paulo: Anita Garibaldi, coedição com a Fundação Maurício Grabois, 2013. 414 p. Há comentário sobre o Fábio Marcial Andrade Cunha na página 162.

GILDÁSIO WESTIN COSENZA

Nascido em 1947, na cidade de Belo Horizonte, Gildásio Westin Cosenza iniciou sua militância política no Colégio Estadual Central. Foi membro da Ação Popular (AP), juntamente com sua irmã, Gilse Cosenza. Iniciou a faculdade de agronomia na Universidade Federal de Viçosa mas, em 1969, após o AI-5 e o decreto-lei 477, teve que abandonar o curso e passar para a clandestinidade. Faz parte do PCdoB desde 1972 e foi secretário sindical do Comitê Municipal de Belo Horizonte até 2011. Atualmente, é da Coordenadoria de Assuntos Profissionais do Sindicato dos Empregados em Empresas de Processamento de Dados, Serviços de Informática e Similares do Estado de Minas Gerais (Sindados).

Família, infância e o começo da militância - Seu pai era um pequeno comerciante do interior que tinha se mudado para Belo Horizonte, onde Gildásio nasceu em 1947. Depois, ele voltou para o sul de Minas, para uma cidadezinha chamada Paraguaçu, onde Gildásio viveu até os dez anos de idade. Mais tarde, foi morar com parentes em Belo Horizonte porque seu pai queria que os filhos tivessem a possibilidade de um estudo universitário. Ao todo, são 11 irmãos, dos quais, Gilse, Gilseone e Gildásio foram presos políticos. Gilse foi membro do Comitê Central do PCdoB. Começaram a militar na AP e, depois, Gilse e Gildásio se integraram ao PCdoB. Quando iniciou a militância, estudava no Colégio Estadual Central, em Belo Horizonte, considerado, então, o melhor de Minas e, seguramente, o principal centro político do movimento secundarista, um enorme viveiro que produziu muitos quadros militantes, alguns dos quais até hoje atuando em diversos partidos, como a presidente Dilma Rousseff. De lá, foi para a Universidade Federal de Viçosa.

A ida para a universidade e a militância política - Em 1966, terminou o colégio estadual e foi para a Universidade Federal de Viçosa (UFV), onde ingressou na agronomia. Lá, existia somente a AP, e Gildásio participava da coordenação do interior, visitando as poucas universidades e faculdades existentes em Viçosa, Poços de Caldas, Itajubá, São João del Rey e Uberaba. Nessas cidades, não havia disputa para o centro acadêmico: quando indicavam, estava eleito. Mas, havia disputa em Belo Horizonte. Polop, PCBR e outras forças estavam iniciando a sua participação e, no final da década de 1960, eles ganharam o DCE da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), derrotando a AP. Quando aconteceu a eleição da União Estadual dos Estudantes (UEE) o grupo de Gildásio venceu.

Presos sob o AI-5 - Isso aconteceu em outubro de 1968 e o *habeas corpus* foi julgado em 11 de dezembro. Seriam soltos logo depois mas, no dia 13, foi decretado o Ato Institucional número 5 (AI-5). Então, o comandante do batalhão chegou dizendo: “você acharam que iam ser soltos? Você estão fodidos porque agora acabou esse negócio de juiz babaca decidir alguma coisa. Você vão mofar aqui dentro”.

Eram em torno de 20 homens e 10 mulheres. Elas foram para o presídio feminino e nós para o batalhão-escola da Polícia Militar (PM) e, depois, para o DOPS. Passou-se aproximadamente um mês depois do AI-5, sem visita, incomunicáveis, até que começaram a liberar as visitas e a soltar devagar o pessoal. Eles – os últimos – foram soltos perto do dia 25 de janeiro de 1969.

Depois que saiu, Gildásio foi para Viçosa e redigiram um boletim, que distribuíram na faculdade, denunciando o AI-5. No dia seguinte, a universidade foi invadida por vários caminhões do Exército, provenientes de Juiz de Fora. Os colegas Edmundo Magela Carneiro e Gildásio – as duas principais lideranças em Viçosa – saíram. Os professores os protegeram para não serem presos. Eles os esconderam num cafezal experimental até a noite, quando um deles os tirou da universidade e os levou até uma mata perto dali, de onde seguiram a pé até o município próximo, Senador Firmino, terra da família de Edmundo. De lá, foram para Barbacena e, depois, para Belo Horizonte – quando Gildásio passou a viver em semiclandestinidade. A tarefa deles passou a ser reorganizar a UEE de Minas. Outro companheiro, Fábio Marcial Andrade Cunha, também militante da AP, foi se encontrar com eles em Belo Horizonte. Edmundo resolveu procurar a família e, depois, conseguiu matrícula para concluir o curso de agronomia em Goiânia. Fábio e Gildásio foram presos em junho de 1969, na capital mineira e, depois se reencontraram em São Paulo. Gildásio foi atuar em Goiânia e Fábio no Nordeste, onde passou a militar até a anistia, quando retornou para sua terra natal, Uberlândia, onde faleceu pouco depois, em um acidente rodoviário.

Vivendo o “sonho” do DOPS - Um dia, foi levado para o DOPS que, naquela época, era o seu sonho porque 99 % dos que lá chegavam não morriam. Ele estava com menos de 40 kg, cheio de hematomas e mal aguentava ficar em pé. Passou uns 15 dias sendo tratado como um príncipe, sem entender nada. Depois, descobriu o motivo: eles queriam que as marcas do seu corpo desaparecessem. Sua mãe, sua irmã, o deputado Lysâneas Maciel e outros exigiam que ele fosse apresentado.

O marechal Rodrigo Otávio – ex-combatente da Segunda Guerra e, então, membro do Superior Tribunal Militar – foi convencido por Lysâneas e por sua mãe a assumir a luta pela sua apresentação. Ele entrou em contato com o DOI-CODI e disse: “ou vocês apresentam esse jovem, ou eu vou fazer uma inspeção aí”. Foi quando o mandaram para o DOPS, onde pôde rever sua mãe. Seguiu para a auditoria e denunciou o assassinato de Armando e as torturas que presenciou e viveu. Fez uma descrição dos torturadores e de

Ramiro. O juiz José Paulo Paiva, um fascista, disse, na frente de seu advogado: “aqueles idiotas ainda torturam sem capuz? Não aprenderam ainda?”. Depois, levaram-no de volta para o DOI-CODI. Lá, não o perguntavam nada, só lhe davam porrada. “É para você aprender. Aqui fica com dificuldade para falar, chega lá fala demais”, diziam. Depois do DOPS foi levado para a delegacia do Cambuci, que fora transformada em presídio político.

Os avanços do Brasil - Gildásio está com 64 anos. Começou a atuar muito jovem, ainda secundarista. E, quando olhou o país de 60 anos para cá, viu o quanto avançou. Lembrou-se de uma conversa que teve com os chineses e eles diziam, nos anos 1970, que só se conseguiria eliminar a miséria na China entre 2015 e 2025. Pensou: “esses caras estão malucos! Estamos em 1970 e eles falando em 2025”. Dizia-se que os ocidentais são muito apressados: 50 anos é um período histórico curto. Então, ele disse: “mas, até lá, milhões de pessoas vão morrer de fome” e eles responderam: “alguém tem uma sugestão melhor?”. Então, sempre se lembra dos chineses: “você têm alternativa melhor para hoje?”. Ele queria um Brasil socialista hoje, mas não é possível. Porém, estamos construindo algo e lhe dá uma alegria muito grande rodar por aí e ver que, em lugares onde o partido era pequenininho, ou não existia, hoje é grande e que puderam contribuir para esse processo de mudanças no país.

Adaptado do texto das páginas 159 a 174 de “Repressão e direito à resistência: os comunistas na luta contra a ditadura” (1964-1985). São Paulo: Anita Garibaldi, coedição com a Fundação Maurício Grabois, 2013. 414 p.

ROBERTO DE MORAES MIRANDA

por Senadora Vanessa Grazziotin,
PCdoB/Amazonas (2011-2019)



Requeiro, nos termos do artigo 218 e do artigo 221 do Regimento Interno do Senado Federal, a inserção em ata de Voto de Pesar à família enlutada, representada pelos Senhores José de Moraes Miranda e João de Moraes Miranda, filhos de Roberto de Moraes Miranda, pelo seu falecimento, ocorrido ontem 05/05/2015. Pesquisador da EMBRAPA, bem como seja encaminhado o referido voto à Sra. Simone Alves, presidente do Sindicato Nacional dos Trabalhadores de Pesquisa e Desenvolvimento Agropecuário (SINPAF), no endereço localizado à Rodovia AM-010, km 29, s/n,

Caixa Postal 319, Manaus-AM, CEP 69010-970.

Justificação - Roberto de Moraes Miranda, pesquisador da Embrapa Amazônia Ocidental, sediada na cidade de Manaus/AM, desde 07/01/1980, faleceu ontem, dia 05/05/2015, em decorrência de pneumonia, na UTI do hospital Santa Júlia. Roberto era engenheiro-agrônomo formado em Viçosa (MG) em 1971 e mestre em tecnologia de alimentos pelo Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA) desde 1989, tinha 68 anos, e deixa dois filhos José de Moraes Miranda, 43 anos, e João de Moraes Miranda, 40. Destacou-se na Unidade desenvolvendo pesquisas com a cultura da cana-de-açúcar e

dendezeiro. Nos últimos anos, dedicava-se às lutas da seção local do Sindicato Nacional dos Trabalhadores de Pesquisa e Desenvolvimento Agropecuário (SINPAF), do qual foi diretor por vários anos e, ultimamente, era conselheiro fiscal.

Muito atuante e defensor da classe trabalhadora, dono de uma oratória inconfundível, Miranda era muito respeitado pelos companheiros sindicalistas e admirado pelos colegas de ciência e pesquisa.

Partiu ontem, silenciosamente e em paz, deixando aos inúmeros amigos, colegas e familiares seus exemplos de vida na busca de novos conhecimentos e aprimoramentos dos conhecimentos humanos, onde, com perseverança, caráter e conduta ilibadas contribuiu em vida no estabelecimento de um novo marco mundial na busca por combustíveis menos poluentes.

Que Deus lhe dê o descanso eterno e consolo aos familiares, amigos e colegas, na certeza de que a semente do seu trabalho, realizado ainda em vida e que tanto ajudou este país no seu desenvolvimento, continuará a ser aprimorado e melhorado com novas descobertas e novos métodos, contribuindo para o uso sustentável das riquezas naturais.

Desta forma, é com pesar, sentimento este a ser estendido não somente à família enlutada, mas também a todo amigo e companheiro de luta que o admirava, é que oferecemos este Voto de Pesar.

Sala das Sessões, em 06 de maio de 2015.

Publicado no **Diário do Senado Federal**, de 07/05/2015

Capítulo 2

Coletânea de Experiências Singulares



Capela e Alojamento Velho

De aluno a reitor da UFV

Carlos Sigueyuki Sedyama

Neste ano de 2020, nossa turma, Cavanhaque de Urubu, ou simplesmente Cavanhaque, comemora os 50 anos de sua formatura. Nossa formatura ocorreu em 15 de dezembro de 1970, daí a turma ser também denominada carinhosamente de “Cavanhaque 70 - nem burro aguenta”. Turma atrevida, desaforada, audaciosa, ousada, empreendedora, irreverente, proterva, altiva, porém, jamais indecente, licenciada ou imoral. De tão bagunceiros, tivemos a alcunha de “a pedra no sapato” do Prof. Chaves, diretor da Escola Superior de Agricultura da UREMG.

Nada tenho a comentar a respeito da cerimônia de colação de grau e do baile de formatura, exceto dizer que dela não participei, pois, uma pesada gripe me impediu de retornar a Viçosa. Naqueles idos, a formatura ocorria sempre no dia 15 de dezembro. Então, encerrado o período das provas finais, para aguardar o dia da formatura, viajei para a casa de meus pais, em Pouso Alegre, cidade no Sul de Minas Gerais. De qualquer forma, há 50 anos, merecidamente, nossa turma se apoderou de nossos diplomas de engenheiros-agrônomo, engenheiros florestais e economistas domésticas, dos quais muito nos orgulhamos.

Naquela época, os cursos de graduação duravam quatro anos. Nossos cursos eram em dedicação exclusiva, isto é, tínhamos aulas nos turnos da manhã e da tarde, com aulas teóricas e práticas. Rememorando aquele tempo de estudante de graduação na UREMG, que se tornou UFV, somos obrigatoriamente remetidos ao modelo que norteou sua criação. O paradigma da antiga ESAV, estudar, saber, agir e vencer, baseado nos *Land grant Colleges* dos Estados Unidos, os quais haviam comprovado sua eficácia no alavancar da agricultura daquele país. A ESAV contribuiu para a transição do ensino brasileiro de excessivamente livresco, por influência francesa, para um ensino mais crítico e voltado para o diagnóstico e para a solução dos problemas de nosso País.

Ao largo das vicissitudes políticas externas, com sua heroica trajetória, a UFV se aproxima de seu centenário com indicadores de avaliação altamente favoráveis em suas atividades-fim. Continua a atender aos ideais dos visionários fundadores e pioneiros de nossa instituição, como Arthur da Silva Bernardes, Peter Henry Rolfs e João Carlos Bello Lisboa. Reflete, também, o empenho e a capacidade de nossos servidores e professores, que possibilitaram esta posição de destaque nacional e internacional, graças à qualidade dos profissionais aqui formados.

Em nossa época de estudante, o curso de agronomia da UFV oferecia as denominadas diversificações, uma espécie de especialização ainda na graduação. Se não me trai a memória, tínhamos as diversificações em economia rural, engenharia agrícola, fitotecnia, tecnologia de alimentos e zootecnia. Durante o reitorado do Prof. Antônio Fagundes de Souza, as diversificações em engenharia agrícola e em zootecnia foram transformadas em respectivos cursos superiores, lamentavelmente fragmentando a profissão de engenheiro-agrônomo. Eu me diversifiquei em fitotecnia, com foco em grandes culturas, em que se aprendia um pouco mais sobre culturas tais como milho, feijão, arroz, cana-de-açúcar, café, algodão, batata doce e soja.

Tendo feito pesquisas durante a graduação, como bolsista de Iniciação Científica do CNPq, sob a estimulante orientação do Prof. Otto Andersen, voltei minha atenção para o mestrado em fitotecnia na UFV. Dessa forma, candidatei-me ao mestrado sob os aconselhamentos do Prof. Tuneo Sedyama, meu irmão mais velho que, recentemente, havia sido contratado pelo departamento de fitotecnia para conduzir o programa de pesquisas com soja.

Como é natural, o aluno se gradua e depois tem algumas oportunidades. No meu caso, tive a oportunidade de fazer o mestrado aqui na Universidade. *En passant*, vem-me à memória a pergunta a mim formulada por um repórter sobre que tipo de literatura eu mais apreciava, ao que lhe respondi: “leio de tudo: romance, bang-bang, material técnico, ficção, até propaganda. Sou um rato de biblioteca”. “Temei ao homem de um livro só”, diziam os antigos. Então, evitei ser uma pessoa perigosa. Eu leio um livro de cada vez e aproveito para relacioná-lo aos fatos do dia a dia, com as coisas do entorno.

Durante o mestrado, como costumava fazer na graduação, continuei a colaborar com meus colegas de curso, elucidando suas dúvidas quanto aos diversos assuntos abordados nas disciplinas. Esse fato chamou a atenção dos professores do colegiado do departamento de fitotecnia e, adicionado ao bom desempenho no mestrado, fui convidado a participar do corpo docente do departamento. Ao mesmo tempo, recebi vários convites para trabalhar em outros estados, em outras instituições, inclusive em posições muito boas, em nível de secretarias de governos estaduais. Porém, a UFV oferecia a oportunidade de realização de doutorado, que os outros empregos dificilmente ofereciam. Acabei optando por trabalhar na UFV, tornando-me membro do corpo docente do departamento de fitotecnia no dia 04 de setembro de 1972, como auxiliar de ensino em regime de 24 horas semanais. Não me lembro de ter trabalhado apenas 24 horas. Sempre atuei em tempo integral no departamento, porque havia um programa de trabalho em regime de dedicação exclusiva, a RETIDE. Ingressei nas salas de aula lecionando sobre milho, feijão, arroz e soja aos alunos de agronomia. Já em 1973, lecionei estatística para estudantes de mestrado.

Meu envolvimento com a pesquisa da soja ocorria de modo bastante intenso, graças a financiamentos oriundos de instituições públicas e privadas, nacionais e estrangeiras. Desde o momento em que ingressei na universidade, imaginei que poderia estar contribuindo mais para o desenvolvimento da Instituição. Sem almejar qualquer cargo, procurava apenas melhorar as condições para a realização das atividades de ensino e de pesquisa. Participei, ativamente, de comissões e de colegiados no âmbito da UFV e de colegiados de entidades fora do âmbito da UFV, tanto nacionais quanto internacionais. Fui membro de associações científicas, culturais e de serviços à comunidade; orientei e coorientei centenas de estudantes de mestrado, doutorado e pós-doutorado. Como resultado dessas orientações e coorientações, foram produzidas centenas de teses de mestrado e de doutorado e executados vários projetos de iniciação científica, de especialização e de pós-doutorado. Fui autor ou coautor de centenas de artigos científicos e de divulgação, publicados em revistas científicas nacionais e internacionais e em revistas de divulgação técnica. Publiquei dezenas de apostilas e boletins técnicos. Apresentei inúmeras comunicações e palestras em congressos, no País e no exterior. Como bolsista pesquisador do CNPq de 1985 a 2013, atingi o maior grau, A1. Participei, ainda, de centenas de bancas de tese de mestrado, de doutorado e de exames de qualificação e de bancas de concurso público para contratação de servidores técnico-administrativos e docentes.

Sempre interessado no crescimento do departamento de fitotecnia - DFT, introduzi a informática, colocando o primeiro microcomputador no departamento, com recursos do convênio com a Fazenda Itamarati, um Itautec i7000 de oito bits. Posteriormente, por minha atuação, foram colocados os terminais do computador central IBM, no edifício Sylvio Starling Brandão. Com recursos do projeto MICROS/MEC, coloquei o segundo microcomputador no DFT. Outros se lhes seguiram. Apoiei a criação do software SAEG - Sistema de Análises Estatísticas e Genéticas, tendo participado de projeto financiado pela FINEP, através da FUNARBE. Coordenei a construção das salas no porão do edifício Sylvio Starling Brandão, montando o laboratório de “preparo” e o

de sementes de soja, salas de estudos para pós-graduandos, anfiteatro etc. Montei os laboratórios de patologia de sementes no segundo andar do edifício e auxiliei na montagem de outros laboratórios, como os de herbicida no solo, de análise de rotina de sementes e outros. No dia 04 de setembro de 1992, foi inaugurado o prédio de laboratórios do Núcleo de Biotecnologia Aplicada à Agropecuária da UFV - BIOAGRO, com 28 laboratórios dedicados à biotecnologia, anfiteatro e área administrativa, cujo projeto foi coordenado em parceria com o Prof. Maurílio Alves Moreira. Como membro do colegiado do BIOAGRO, estimei a saída de professores para programas de doutorado e pós-doutorado nas áreas da biotecnologia, no exterior inclusive, auxiliando no processo de busca de bolsas de estudos junto ao CNPq.

Fui membro da comissão editorial das revistas científicas *Revista Ceres* e *Experientiae* e consultor *ad hoc* das revistas *Acta Scientiarum*, *Boletim de Pesquisa do CPAC*, *Bragantia*, *Ciência e Prática*, *Ciência Rural*, *Informe Agropecuário*, *Revista Árvore*, *Revista Ciência e Agrotecnologia*, *Revista de Pesquisa Agropecuária Brasileira*, *Revista Theobroma* e *Revista Unimar*. Fui eleito, por pesquisadores da Embrapa, como um dos maiores especialistas brasileiros em genética-estatística (1984). Recebi homenagem da comissão editorial da *Revista Ceres*; homenagem do conselho universitário da UFV; moção de congratulações do conselho departamental do Centro de Ciências Agrárias da UFV; comenda Antônio Secundino de São José e Medalha de Honra Presidente Juscelino Kubistchek, ambas do governo do Estado de Minas Gerais; Medalha Bello Lisboa, da Universidade Federal de Viçosa; e Medalha Tancredo Neves, da Universidade Federal de São João del Rei. Em 2008, recebi o título de Cidadão Honorário de Rio Paranaíba e a Comenda do Mérito Legislativo Maçônico de Minas Gerais. Em 2013, recebi a Comenda Arthur Bernardes, conferida pela Associação Comercial de Viçosa.

Durante a docência, fui apreendendo as dificuldades encontradas na execução das atividades de ensino, de pesquisa e de extensão, trilogia fundamental em uma Universidade, introduzida no Brasil por P. H. Rolfs, na década de 1920, por intermédio da ESAV. Mesmo não ocupando cargos, fui trabalhando, ajudando e instrumentalizando o departamento por meio de convênios, produzindo documentos destinados à organização de alguns setores da Universidade e, de repente, fui nomeado coordenador da pós-graduação em fitotecnia. Mais tarde, fui convidado a ser o diretor técnico da Fundação de Apoio à Pesquisa da UFV, a Funarpe, onde tive a oportunidade de promover um salto qualitativo na gestão dos recursos para pesquisa da fundação. Ao final do mandato na fundação, fui eleito diretor do Centro de Ciências Agrárias. Como diretor, realizei significativa descentralização administrativa e financeira, com reflexos positivos no desempenho dos departamentos ligados ao Centro. Daí, fui eleito vice-reitor, tendo como reitor o Prof. Luiz Sérgio Saraiva e, finalmente, tornei-me reitor, tendo como vice o Prof. Cláudio Furtado Soares, excelente administrador.

Tomo a liberdade de citar trecho de uma entrevista assentada pelo Prof. Ernane Rabelo, do departamento de comunicação da UFV, no livro “Ex-reitores de Perfil”, publicado pelo departamento de comunicação da UFV: “criado em caixotes de tomate, entre sacos de batata, como diz, pois, filho de imigrantes e agricultores japoneses, Carlos Siqueyuki Sedyama cursou Agronomia, fez mestrado e doutorado, tornando-se um dos maiores pesquisadores brasileiros na área de soja. Na carreira, vivida de maneira “calma, mas intensa”, Sedyama foi diretor do Centro de Ciências Agrárias, dirigente da Funarpe e vice-reitor, até ser eleito reitor em 2004, tendo exercido a Reitoria entre os anos de 2004 e 2008. Neste período, foram criados novos cursos, entre eles o de Medicina, que marcou uma nova fase no crescimento da universidade”.

Merece uma pequena digressão a minha eleição para reitor da UFV. Encerrado o pleito e feita a contagem dos votos, obtive vantagem de 0,22% sobre o concorrente no segundo turno. Esclareço: houve um primeiro turno com três candidatos e um segundo com apenas dois, porque nenhum candidato obteve a maioria absoluta dos votos válidos no primeiro turno. Na sequência, meu adversário, pertencente ao Partido dos Trabalhadores - PT, iniciou uma campanha de difamação, dizendo que tinha havido fraude na eleição, que eu era uma pessoa contrária ao presidente Lula, que eu havia, inclusive, tirado fotos com candidatos do PSDB e que meus familiares não eram pessoas dignas. Esses fatos estão registrados em um dossiê encaminhado à Presidência da República pelos meus adversários e ao qual tive acesso por intermédio de Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, Bispo de Mariana. Tendo chegado o processo relativo à eleição ao Ministério da Educação, o nome do meu adversário chegou a ser encaminhado ao Presidente da República para homologação. Porém o exame da Advocacia da União fez com que o processo fosse retornado ao Ministério da Educação para correção do nome. Isto é, para inclusão do meu nome, que era o correto. Resumidamente, posso mencionar cinco fatos que concorreram para minha nomeação para reitor:

1. Não houve fraude alguma na eleição. Mas um grande número de pessoas é treinado a repetir uma mentira até que todos acreditem, como, por exemplo, dizer que é “golpe”, ou no caso, que houve “fraude”.
2. Membro importante da Procuradoria da República era maçom. A maçonaria viçosense, que acompanhava as eleições, testemunharia a honestidade das eleições.
3. Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, bispo da Igreja Católica, muito influente junto ao Presidente Lula, atuou intensamente para a minha nomeação, falando diretamente com o presidente sobre a lisura do pleito eleitoral e a minha pessoa, uma vez que nos conhecíamos há vários anos.
4. Meu filho, André, como Presidente da Associação Brasileira de Residentes Médicos, tomou conhecimento do boato de que um japonês malfeitor havia fraudado a eleição para reitor em Viçosa. De imediato, André acionou membros da Associação e a informação correta dos fatos começou a chegar aos ouvidos do Presidente Lula.
5. O Deputado Federal Paulo Delgado, de Juiz de Fora, veio fazer sindicância sobre minha pessoa. Naquela oportunidade, o Deputado foi acometido de forte mal-estar e coincidiu de eu ter acionado um amigo médico, originário de Juiz de Fora, para atendê-lo. Por coincidência, o médico fora colega do Deputado Paulo Delgado e teve oportunidade de oferecer-lhe informações corretas sobre a minha pessoa.

Por causa desse imbróglio, houve grande lapso entre a eleição, ocorrida em meados de junho, e a nomeação, ocorrida no início de novembro. Durante esse período, eu e o Prof. Cláudio Furtado Soares, candidato eleito a Vice-Reitor na chapa, ficamos aprimorando o planejamento de nossas futuras ações na administração da UFV. Pudemos constituir uma equipe de pró-reitores altamente competente e comprometida com a Universidade. Daí as grandes realizações.

Nossa gestão foi muito tranquila, apesar de um orquestramento muito grande para que houvesse desestabilização administrativa. Considero que foi uma das melhores administrações que a nossa universidade já teve. Costumo imaginar que podemos mencionar cinco fases distintas de nossa Universidade. A primeira, a de Peter Henry Rolfs, que materializou os pensamentos de Arthur da Silva Bernardes ao, juntamente com João Carlos Bello Lisboa, construir os principais edifícios da ESAV, implantar a filosofia do aprender fazendo, introduzir o conceito de ciência e prática e consolidar a ideia de formar o ser humano para a solução de problemas. A segunda etapa foi a da transformação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária - ESAV na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais - UREMG, que ensejou a terceira fase, a da federalização, tornando-a

Universidade Federal de Viçosa UFV, pela firme e dedicada gestão do ex-reitor Edson Potsch Magalhães. A quarta, denominada expansão, conduzida pelo ex-reitor Antônio Fagundes de Souza. E a quinta, a da transformação em uma universidade multicampi, com a criação dos campi de Florestal e de Rio Paranaíba, durante a nossa gestão.

É importante mencionar que, além do grande avanço quantitativo em termos de estrutura física e crescimento dos quadros de pessoal docente e técnico administrativo e aumento do número de estudantes matriculados, tanto em nível de graduação, quanto de pós-graduação, houve crescimento qualitativo significativo, pois, na avaliação pelo MEC de nossa Universidade, conseguimos colocá-la, no *ranking* das Universidades, em primeiro lugar do Estado de Minas Gerais e em terceiro do Brasil. Também é importante mencionar que houve dificuldades durante a gestão, porém foram encaradas como problemas a serem resolvidos e desafios a serem vencidos.

Como relatado alhures, quando eu era vice-reitor, em sendo reitor o Prof. Luiz Sérgio Saraiva, 1996 a 2000, foram criados diversos cursos de graduação e novos programas de pós-graduação. Isso possibilitou elevar o número de alunos de graduação no campus de Viçosa de pouco mais de cinco mil para atingir dez mil alunos em 2008. Posteriormente, durante a nossa gestão como reitor, deixamos a Universidade preparada para atingir a cifra de quinze mil alunos.

Em 1995, tínhamos em torno de três a quatro mil alunos subindo a pé pela Avenida P. H. Rolfs, a reta da UFV, adentrando a Universidade. Do prédio em que eu trabalhava como professor do departamento e fitotecnia, o Edifício Sylvio Starling Brandão, podia observar o cada vez maior contingente de jovens subindo pela reta, passando para seis, sete ou oito mil pessoas nos dias letivos. Não há como descrever essa visão, a qual me enche de emoção e orgulho - é como um bom pecado. Não me furto em afirmar que, em alguns momentos, fiquei decepcionado com o grau de egoísmo demonstrado por, felizmente poucas, pessoas contrárias à expansão da UFV. Eram membros da comunidade universitária, professores e alunos, que haviam tido a impagável oportunidade de frequentar uma excelente universidade pública, de qualidade, financiada pelo povo, que se esqueciam de terem desfrutado desse benefício e agora eram contra o oferecimento de mais oportunidades aos nossos jovens, impedindo o ingresso de milhares deles na Universidade. Esqueciam-se de que esses jovens eram seus irmãos, primos, amigos, filhos, sobrinhos, netos, bisnetos etc., afinal, somos todos membros de uma mesma comunidade!

Eu perguntava aos membros do Conselho Universitário e do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão, tanto quando vice-reitor quanto quando reitor, qual seria a melhor relação candidato/vaga numa universidade de qualidade, gratuita, financiada pelo povo? Eu mesmo respondia que a melhor relação candidato/vaga é de um para um, pois precisamos oferecer vagas para os estudantes se formarem, serem bons profissionais e colaborarem para a continuidade do cumprimento da missão imaginada por Arthur Bernardes, naqueles idos de 1921, de resolver os problemas da agricultura mineira e agora, obviamente, de resolver os problemas do Brasil.

Foi com muita honra que recebi da comunidade acadêmica a desafiante incumbência de ser o administrador maior da UFV durante quatro anos. Foi, certamente, um período de tenaz busca da consolidação de nossa universidade como uma das melhores do País. Por mais que um administrador tenha poder de síntese, é muito difícil resumir aspectos de uma administração, particularmente uma tão produtiva.

Devo ressaltar, por oportuno, que algumas ações de uma administração, mesmo não sendo tão visíveis como a construção de uma grande edificação física, podem representar muito para uma Instituição, inclusive, elevá-la a outro patamar. É o caso, por exemplo, de ações concretas que implementamos e que possibilitaram a melhoria dos

nossos indicadores, aperfeiçoaram nossos métodos de gestão, melhoraram a qualidade de vida da comunidade interna e viabilizaram a criação de cursos de grande relevância social, como os cursos de engenharia mecânica e engenharia química.

Com a permanente colaboração da comunidade, foi possível efetivar importantes transformações no modelo de gestão da Universidade, implantar cursos superiores em seus novos campi, de Florestal e de Rio Paranaíba, realizar inúmeras obras de infraestrutura física e pavimentar a implantação de novos cursos – ciências sociais, superiores tecnológicos, licenciaturas, enfermagem e medicina.

Os indicadores institucionais de 2008 comprovam os avanços nos quatro anos de nossa gestão na reitoria. Como alguns exemplos, podemos citar a marca atingida de 14.000 alunos matriculados, o aumento de 37 % das bolsas de iniciação científica e de 57 % de projetos de pesquisa, bem como a criação de mais 22 cursos e programas. Esses avanços quantitativos foram, por sua vez, acompanhados da necessária evolução da qualidade, como pode ser exemplificado pelo número de cursos de graduação avaliados com 4 ou 5 estrelas, que tiveram um aumento de 53 % no período. Também é digno de menção o esforço despendido para oferecer novos cursos e aumentar o número de vagas no *campus* de Viçosa, bem como na consolidação da política institucional de educação a distância e os avanços no processo de internacionalização de nossa Universidade. Esses resultados foram conseguidos pela dedicação dos professores, técnicos administrativos e estudantes.

Tenho a convicção de que essa comunidade, cujo comprometimento com a instituição é notório, continuará colaborando nos próximos anos na manutenção da nossa excelência, na busca da consolidação dos novos cursos de graduação, dos programas de pós-graduação, da educação aberta e a distância e na viabilização, de forma efetiva, da interação com a comunidade regional, particularmente no que concerne à geração de novos conhecimentos e ao desenvolvimento de programas com impactos sociais e econômicos que melhorem a vida de nosso povo.

Oportunidades em ambiente competitivo

Alexandre Aad Neto

Introdução

Quando uma criança nasce, ela já tem uma tendência e, à medida que cresce, vai, involuntariamente, desenvolvendo esta tendência. Os estudos ajudam muito, mas aquela habilidade inata permanece. A título de exemplo, temos colegas que, mesmo formados em agronomia, tornaram-se, posteriormente, advogados (Aloisio Teixeira Gomes), médicos (Ilídio Dyrceu), escritores (José Tarcísio Barbosa) e/ou desenvolveram outras atividades.

Quando jovem, já me preocupava em ganhar algum dinheiro, pois éramos oito irmãos de uma família modesta – pai, pequeno empresário, e mãe professora primária. Comprando bicicletas dos formandos no fim de ano, mandava arrumar e as vendia para os calouros no início do ano subseqüente.

Durante o curso de agronomia, fui diretor comercial do diretório acadêmico, vendia mel de abelhas para os colegas, fui professor de cursinho para os futuros calouros, prestava serviços para o departamento de economia rural, fui presidente da comissão de formatura, responsável por arrecadar dinheiro para a queima de fogos – uma tradição da época.

Detalhe importante, a meu ver, foi o seguinte: Terminado o curso, comprei um fusca usado com as reservas que consegui. Já os colegas com empregos garantidos compravam fuscas zero quilometro na Vivesa (lembram?), financiados em 24 meses. Ou seja, saí na frente, pois não estava devendo nada, enquanto alguns colegas tinham que pagar a prestação.

Cito aqui alguns ditos para evidenciar minha maneira de pensar: “Só se arrepende quem vende”; “não importa quanto você ganha, mas, sim, quanto você economiza”. Esses ditos são, para mim, o princípio do sucesso! Eles nortearam minha vida!

Agricultura de montanha

Não dá para comparar a agricultura de montanha com a agricultura plana, que é altamente mecanizada. Na nossa época, essas terras montanhosas tinham alguma competitividade em razão da abundância da mão-de-obra e dos baixos salários.

Talvez por atavismo, resolvi comprar um pedaço de terra próximo a Cachoeirinha, onde meus pais moravam. Achei uma propriedade, em 1973, que uma viúva resolveu vender por 80 mil cruzeiros. Eu tinha 14 mil. Fomos, eu e meu saudoso pai, ao encontro desta viúva que, a esta altura, morava em outra cidade. Fiz uma proposta de pagar os 80 mil da seguinte maneira: a metade, pertencente à viúva, eu queria seis meses de prazo para pagar. Para pagar a outra metade, pertencente aos herdeiros, que eram dez, fiz a seguinte proposta: aos maiores, que eram três, eu pagaria à vista e, aos menores, quando a justiça determinasse. Ela aceitou, mas com uma condição: que meu pai, seu compadre, avalizasse. Meu pai topou e escritura foi passada. Na volta para casa, eu, muito feliz, meu pai me disse: “filho, você sabe que eu não tenho este dinheiro”. Respondi-lhe: “claro que sei”. A esta altura, eu fazia mestrado em economia rural e recebia em dólares equivalentes da Ford Foundation.

Devendo 68 mil, corri à procura de empréstimo. Fui ao IBC - Instituto Brasileiro do Café e consegui 63 mil para plantar café. Recebi 23 mil em junho e 40 mil em janeiro. Era uma terra abandonada. Procurei a EMATER e perguntei a um colega para qual atividade agrícola sairia mais dinheiro por hectare. Respondeu-me que era produzir

mudas de laranja. Consegui 50 mil. Resumindo: estava devendo 68 mil da fazenda, 63 mil do café e 50 mil das mudas de laranja, o que dava um total de 181 mil cruzeiros em dívidas. O interessante nesta história é que o financiamento bancário foi garantido por hipoteca da metade da fazenda. É bom lembrar que, na década de 1970, o financiamento era abundante e barato, estimulado pelos militares que governavam o Brasil. Modelo que desenvolveu o agronegócio e tornou o Brasil a potência agrícola que é hoje. A propósito, sem propina e sem corrupção. É justo fazer este comentário!

Comprei mais fazendas e expandi a produção de café, tornando-me um dos grandes produtores de café da região. Não vou me alongar. Costumo dizer que ganhei dinheiro não com a agricultura, mas com a tecnologia. Fui pioneiro na região no uso de herbicida e defensivos, inseticidas e fungicidas de solo, uso da via úmida para descascar café, entre outras tecnologias.

Vendia café para a ILLY, empresa italiana, com um ágio de 90 %. Só os cafés especiais, claro! Cheguei a colher quatro vezes no mesmo pé de café, por safra, somente para apanhar os grãos maduros. Isso que proporcionava maior volume de cafés especiais. Ganhei muitos prêmios!

Construção civil

Mais recentemente, resolvi entrar, também, para o ramo da construção civil, tendo detido 50 % da construtora CONCRETA. Construimos dois edifícios de onze andares no centro de Viçosa. Saí do negócio por várias razões: primeiro, meu sócio, que comandava a empresa, embora honesto, não era eficiente; segundo, uma vez vendido um apartamento, tínhamos que construir o prédio todo, o que significava muito dinheiro e muita responsabilidade; e terceiro, eu gostava mesmo era de roça. Não me considero empresário. Divirto-me com as coisas que faço.

Comercializando

Como bom descendente de libanês, resolvi enveredar pelo ramo financeiro. Pegava dinheiro do banco para custear as fazendas, mas não precisava. Aí foi fácil. Trocava cheques pré-datados no comércio de Viçosa. Criei uma empresa de factoring e, com o lucro, comprei mais fazendas e alguns imóveis em Viçosa. Saí do negócio por precaução. Vou explicar: você não pode ter fama de rico - você pode ser rico. Ter fama, não, mormente no Brasil, onde o empreendedor é considerado explorador dos pobres. Em países desenvolvidos, empreender é gerar empregos, pagar impostos e criar oportunidades.

Conclusão

Escrevi este artigo para deixar para as futuras gerações uma mensagem de otimismo. Seja empreendedor, assuma riscos com responsabilidades, use tecnologias modernas, analise as diversas alternativas. Sempre haverá um nicho onde você terá oportunidade. Seja um gerador de empregos. Dê sua contribuição ao país que investiu em você.

O Brasil tem uma área de fronteira agrícola enorme. Os estados da Bahia, Maranhão, Piauí, Tocantins e Pará, entre outros têm, no agronegócio, um potencial imensurável. Nós temos condições ímpares de produzir com sustentabilidade. Não podemos nos esquecer que existe uma pressão enorme para frear o crescimento do nosso agronegócio pelos países ricos que não têm a vantagem comparativa que temos. Não se

iludam, as críticas que fazem a respeito do problema ambiental nada mais são que medo da concorrência brasileira.

Investindo na fronteira

Alberto Vasconcelos Costa

De verdade, minha maior realização foi na condição de pesquisador no setor agrícola, no período de 1973 a 1984, conforme registrei em minha autobiografia. Com o fim do regime militar, ingerências políticas de Goiás exterminaram a pesquisa agropecuária no Estado, cujos dirigentes da empresa estatal de pesquisa, naquela época (EMGOPA), eram políticos partidários. Já no final dos anos 1999/2000, o sistema de pesquisa no Estado veio a sucumbir definitivamente. Naquela época, fui colocado à disposição para trabalhar no estado recém-criado, o estado do Tocantins (Constituição de 1988). A pesquisa agropecuária daquele estado, ainda jovem, ficou vinculada à Universidade Federal do Tocantins. Infelizmente, até os dias atuais, a atribuição dada àquela Universidade nunca teve sucesso expressivo.

Preocupado com a falência do sistema estatal de pesquisa em Goiás e em Tocantins, aderi à ideia de um grupo de meus irmãos para investir no setor privado. Foi quando adquirimos, em 1986, uma grande área de terras, com 18 mil hectares, nos municípios de Pedro Afonso e Araguacema, até então pertencentes ao estado de Goiás. Fui o idealizador desta aventura, o que me induziu a me transferir para o norte de Goiás, na região das fazendas adquiridas, visando a exercer minhas funções, procurando combinar atividades do setor público com o privado.

No setor público, meu grande desafio foi dar a partida para iniciar a pesquisa agropecuária num estado novo, o Tocantins. Fui lotado como diretor de pesquisas da RURALTINS, órgão da extensão rural (antiga EMATER), que incorporou o legado da EMGOPA. Sendo a RURALTINS vinculada à Universidade Federal do Tocantins, minhas atividades administrativas eram tratadas, com alguma dificuldade, com o reitor e os pró-reitores, que pouca ou nenhuma experiência tinham com a pesquisa agrícola ou com a extensão rural. Isto durou pouco tempo e fui colocado à disposição da Secretaria de Estado da Agricultura do Tocantins.

Em 1998, de retorno às origens, ingressei em um plano de demissão voluntária (PDV) por Goiás, decidindo, assim, enfrentar os desafios no setor privado como produtor rural.

Alcansei a condição de multiplicador de sementes de arroz oriundas da Embrapa e de outras empresas, além de partir para atividades na pecuária. Cheguei a reunir próximo de três mil cabeças de gado. No entanto, considerando que eu teria que investir na formação de boas pastagens, decidi vender todo aquele rebanho para, então, recuperar e formar novas pastagens. Acredito que fui um pecuarista medíocre. Caso contrário, até hoje estaria na atividade.

Em outubro de 2005, perdi minha mãe, que tanto fez para que eu fosse estudar. Com muita fé e esperança, roguei à sua alma para que me iluminasse no que eu poderia fazer com tamanha área de terras adquiridas, praticamente paradas, sem condições econômicas e saúde para continuar conduzindo aquelas propriedades. Acredito que, por obra do destino, em 06 de dezembro de 2005, descansando depois do almoço, bateu em minha porta um advogado interessado na compra das terras de Araguacema para fins de atender ao programa de reforma agrária do governo da época. Já em julho de 2006, saiu um decreto para desapropriação de mais de oito mil hectares de minha propriedade. Com

os recursos advindos da desapropriação, decidi investir em dois segmentos, deixando de lado as atividades agropecuárias. No primeiro, foi a aquisição de terras urbanas que fossem apropriadas para loteamentos. No segundo, aventurei-me a ser beneficiador de arroz para venda no varejo.

Lidando na cadeia produtiva do arroz, aprendi o lado operacional, o mais fácil. Porém, fui atropelado pelas tendências de mercado desse produto. Hoje, o comércio de arroz beneficiado é controlado por grandes beneficiadores, com produção em escala. Os equipamentos com os quais trabalhei ainda existem, aguardando alguém que possa adquiri-los. Caso contrário, terão o destino do ferro velho.

No segmento de loteamentos urbanos, ano de 2010, em família, criamos a primeira empresa, a Nova Fronteira, de parcelamento de terrenos urbanos em Paraíso do Tocantins. Foi um sucesso de vendas, próximo de dois mil lotes residenciais e comerciais. Em seguida, lançamos o segundo loteamento do mesmo porte, do lado direito do Rio Tocantins, distrito de Luzimangues, Porto Nacional, próximo de Palmas. Foi ainda maior, também com grande sucesso de vendas. Em 2014, lançamos o terceiro loteamento em parceria. Embora com alguma restrição, foi, também, um sucesso de vendas.

Em 2015, o mercado em geral já sinalizava crise e retrocesso na bolsa de valores. Porém, não demos importância e lançamos o quarto loteamento em Paraíso do Tocantins. À primeira vista, foi um sucesso de vendas, mas surgiu a crise de mercado, com falências e desemprego. No final, houve grande devolução de lotes vendidos, com reflexo negativo na carteira deste quarto empreendimento. Para que a empresa não sucumbisse à falência, um grupo formado por outras empresas decidiu alocar recursos para a finalização da referida obra. Como era de se esperar, este quarto loteamento está no vermelho, esperando dias melhores. Hoje temos, em parceria, mais de 15 mil terrenos em potencial, ainda não parcelados, à espera de melhor recuperação da economia.

Embora já completando meus 75 anos, estou na expectativa de entrar no ramo de fazendas fotovoltaicas, aproveitando esta oportunidade para novos investimentos, considerando que o crescimento previsto deste grande país vai requerer fornecimento abundante de energia limpa.

Agradeço à minha esposa Dalva, que muito tem me ajudado todo o tempo nesses empreendimentos, utilizando de suas habilidades adquiridas no curso de contabilidade e de economia doméstica. Ela foi fundamental em saber dosar o pequeno orçamento em apoio à construção de um patrimônio. Desde o início de nossas lutas, eu, como assalariado, procurei direcionar nossas economias para investimentos imobiliários. Em 1989, ao sair para o doutorado na UFV, deixei vários imóveis em Goiânia e uma propriedade de 500 ha em Vianópolis, GO.

Como relatei, por onde residi, sempre adquiri imóveis. Desde Viçosa, onde, logo no início do curso de doutorado, adquiri uma casa no Bairro Santa Clara. Ela foi vendida ao término do curso. Porém, deixei um lote na mesma rua.

Em Goiânia, cidade em expansão, aproveitei de oportunidades para adquirir e negociar imóveis, o que me propiciou recursos para a aquisição de uma propriedade rural, terreno plano, muito apropriado ao cultivo da soja. Estas terras alcançaram enorme valorização, após serem cortadas pela rodovia GO-330 com destino a Catalão, que foi asfaltada, e com a chegada da lavoura de soja.

Nesses tempos difíceis, nunca gastei com luxos e supérfluos. Ao contrário, sempre procurei uma alocação dos recursos na busca de solidez econômica para o futuro. Quando decidi transferir-me para o médio norte de Goiás, o patrimônio já adquirido foi o alicerce para expandir a compra de 18 mil ha de terras, em sociedade com meus irmãos: 13 mil no município de Araguacema e 5 mil no município de Pedro Afonso. Registro que não

tive dificuldades para conciliar a implantação de uma estrutura de pesquisa agropecuária em um Estado novo, o Tocantins, e administrar o volume de patrimônio adquirido.

Concluindo, posso afirmar que a pesquisa agropecuária em Goiás não evoluiu no ritmo em que o Estado cresceu. Por outro lado, as propriedades por nós adquiridas ficaram, por cerca de 20 anos, aguardando o momento certo para prover os recursos necessários ao nosso crescimento econômico em família. Por tudo isto, muitos amigos na região me tachavam como louco ou sem juízo. Mal sabiam que meu apelido em Viçosa era Alberto Doidão!

Falando um pouco de Tocantins, destaco que o Estado sempre foi pobre em estradas, excetuando a BR 153, chamada de Belém-Brasília, que corta o Estado de Norte ao Sul. A falta de estradas, a distância dos centros consumidores e a pobreza em geral levaram a que a região fosse uma das últimas fronteiras da expansão agrícola dos cerrados. Somente em 1992 é que houve o primeiro carregamento de exportação de soja, através da ferrovia Norte-Sul, produção vinda de Balsas, MA, com ajuda da soja produzida em Pedro Afonso, TO. Nessa mesma época, o PRODECER - Programa de Desenvolvimento dos Cerrados procurava, no Tocantins, seu terceiro projeto de expansão agrícola. Na época, como representante do governo de Tocantins, acompanhei equipes da Companhia Vale do Rio Doce, Embrapa e PRODECER, cujo trabalho levou à consolidação do município de Pedro Afonso como o mais adequado para receber o bem-vindo projeto.

Finalizando, com base em minha experiência, deixo uma mensagem para os mais jovens e para os iniciantes: mesmo em uma região de fronteira, como era o então estado de Goiás, no início da década de 1970, posteriormente dividido em uma parte com o Tocantins, praticamente sem condições, sempre há oportunidades. Ao invés de ficar maldizendo a sorte, procurem conhecer a região e seu povo, descobrindo os pontos positivos e negativos e arrisquem com ideias inovadoras. Pode demorar, mas as oportunidades surgirão.

Contruindo sonhos: minha experiência na Prefeitura de Ubá

Edson Teixeira Filho

Antes de abordar o tema objetivamente, creio ser adequado buscar, nos primórdios da vida estudantil, no relacionamento de família e, posteriormente, na vivência profissional, os passos que nos conduziram a apresentar uma candidatura política, diria eu que um pouco tardia, mas, conforme será destacado à frente, felizmente vitoriosa. Entender política não é tarefa das mais fáceis, mas a definição, aceita por grande parte dos historiadores, foi formulada por Aristóteles, o grande filósofo grego, quando dizia que a função central da política era atender aos interesses dos cidadãos, devendo o interesse de todos ser a prioridade nas decisões tomadas pelo governo. Enfim, a política é tudo o que se relaciona à busca de ações para o bem-estar, tanto individual como coletivo. Assim, todos nós somos, fundamentalmente, seres políticos. A maior ou menor participação nas comunidades, o protagonismo em disputar cargos eletivos, seja em atividades sociais, estudantis, profissionais e partidárias, são as condições que moldam futuros políticos. A outra vertente que busco pontuar se refere à liderança, que é entendida como a arte de comandar pessoas, atraindo seguidores e influenciando, de forma positiva, mentalidades e comportamentos. A liderança pode surgir de forma natural, quando uma pessoa se destaca no papel de líder, sem ter forçosamente um cargo de liderança. Mesmo

com as diferentes abordagens, podemos perceber que há dois aspectos comuns a todas as teorias de liderança apresentadas. São eles:

- 1) A liderança é inerente a um grupo de pessoas, e determinados traços de um indivíduo o farão se destacar e tomar a frente da situação;
- 2) Liderar é exercer influência sob outras pessoas, conquistar sua lealdade e direcionar seus esforços à consecução dos objetivos da organização.

O terceiro conceito que abordo fala de ação. Posso ter personalidade política teórica, posso ser entendido como uma liderança, mas, para colocar em prática aquilo que penso, é preciso tomar decisões e os especialistas definem a decisão como sendo o resultado de um processo mental-cognitivo de uma pessoa ou de um grupo de indivíduos. Conhece-se como tomada de decisões o processo que consiste em optar por uma entre várias alternativas.

A tomada de decisões é levada a cabo em todos os aspectos da vida e em qualquer altura. Desde que uma pessoa acorda e escolhe o que tomar no café da manhã, passando pela roupa, o meio de transporte, o almoço e muitíssimas outras coisas, o sujeito deve decidir uma infinidade de vezes por dia. Obviamente, algumas decisões são mais complicadas que outras, em razão das possíveis repercussões. Feitas essas considerações iniciais, segue a minha narrativa.

Das brincadeiras de criança, com sugestões das atividades, na escolha do time de pelada (privilegiando a escalação do meu irmão, que era o melhor, afinal eu era o dono da bola), diria que, de alguma forma, exercia um papel de liderança, mas, sempre com decisão. As mudanças de uma cidade para outra eram sempre seguidas pela busca de novos contatos, novas amizades, participação em todas as etapas das tarefas, seja na escola, seja no trabalho da fazenda ou no lazer.

Assim, saímos de Tocantins, MG, ainda meninos. Busquei oportunidades na cidade vizinha, Ubá, junto com minha família e, em seguida, em Viçosa, por decisão minha, para concorrer a uma vaga no agrônomo. Voltei a Ubá e, novamente a Viçosa, cursando o Colégio Universitário, também de boas lembranças. As amizades colhidas aqui e ali permanecem indelévels até hoje e, sem nenhuma dúvida, influenciaram minha vida para sempre.

E o papel da Universidade? Só rememorando, iniciamos nosso curso juntamente com a chamada Revolução de 1964, com todas as influências ao nosso sistema educacional, agravadas pelos atos de 1968, com repercussão dolorosa em todos nós, principalmente pelos colegas diretamente atingidos pela perseguição política. Naquela época, fazia-se política estudantil de fato, de alguma forma não recomendada pelos órgãos de segurança dos militares. Confesso que não era muito participativo naquela política, mas acompanhava o grupo que atuava e, sempre que possível, estava presente nos movimentos. Ficaram lembranças nada agradáveis da grande marcha que fizemos em solidariedade aos movimentos estudantis, principalmente depois da morte do estudante no Calabouço do Rio de Janeiro, em confronto com a Polícia. Registro que foi um protesto marcado pela presença de um Batalhão de Polícia, no centro de Viçosa, Praça Silviano Brandão, com bombas e tiros. Houve correrias e, finalmente, os estudantes ficaram cercados na escadaria da igreja, convenientemente fechada pelo pároco. De lá, só saímos, se não me falha a memória, com a competente ajuda de diretores e funcionários graduados da Universidade, além da intervenção das autoridades municipais que convenceram a tropa a nos deixar voltar ao campus, estimulando os alunos radicais a retornar para o alojamento.

Deixando um pouco de lado o tema liderança, falo sobre algumas decisões tomadas ao longo da minha vida profissional. Logo que chegamos à última etapa de nossa formação, praticamente todos os nossos colegas já tinham empregos garantidos e eu tinha

optado pela ACAR na época. Fizemos uma grande festa de formatura, mesmo com os problemas “climáticos” e o espaço não tão adequado para um baile de gala. Posteriormente, encaramos nossas primeiras tarefas a campo.

Fui designado para Viçosa, trabalhando como supervisor local, morando com grupos de colegas que foram selecionados para os cursos de mestrado na UFV ou já estavam fazendo mestrado. Poucos sabem, mas o colega Gilberto Sediya, meu colega de apartamento, fez-me um convite para substituí-lo como professor em meteorologia na Universidade, a partir de 1973, pois iria para os EUA completar seus estudos. Prontamente aceitei a proposta, desde que fosse confirmada pela direção da UFV, o que de fato aconteceu. Nesse meio tempo, metade do ano de 1972, eu não estava muito satisfeito com o emprego, principalmente com o salário. Meus nove irmãos eram estudantes e meu pai sobrevivia com salário pequeno, pois fora obrigado a vender fazenda, casa e carro para pagar dívidas da grande crise provocada pela cultura de fumo em Ubá. Naquela época, creio que tomei a grande decisão que, de alguma forma, mudou minha vida. Surgiu uma oportunidade em uma empresa multinacional em expansão, que buscava agrônomos para implantação de unidade de sementes no Triângulo Mineiro. Fizeram-me uma proposta financeiramente adequada que resolveria parte das minhas preocupações com a família. O meu pensamento, creio que estava correto. Iria me aventurar numa nova empreitada, distante 1.000 km da família e, se, de alguma forma, não desse certo, retornaria a Viçosa para fazer parte do quadro de docentes da UFV. O resto também é história. O fato é que, realmente, recebi um telegrama da UFV em janeiro de 1973 convocando-me para assumir o cargo de professor. Como já havia assumido a gerência da nova unidade da multinacional e estava todo animado com o trabalho, recusei o cargo. Quero aproveitar e me penitenciar de nunca haver agradecido, de fato, a oportunidade que este grande amigo, Gilberto Sediya, me ofereceu. Faço isso agora, publicamente. Gilberto tinha colocado seu prestígio de exemplar estudante e de professor dedicado na escolha deste colega para substituí-lo.

Vencido o ciclo no Triângulo, aceitei um convite da Agrocere. Voltei a Ubá e comecei um trabalho de recuperação da mais antiga unidade de semente de milho híbrido do Brasil, com um trabalho intenso de convencimento para adesão de produtores rurais, de diversas regiões de Minas Gerais, aumentando a produção de sementes e distribuindo para todas as regiões do país. Ao mesmo tempo, comecei a participar das reuniões e, posteriormente, fiz parte da diretoria do Sindicato Rural, disputando eleição bem concorrida. Cheguei, ao longo do tempo, a vice-presidente e depois a presidente da entidade, sendo também um dos vice-presidentes da FAEMG. Esta política sindical pode ter sido o primeiro contato com o sistema de escolha por voto. Fui, também, eleito presidente da Associação dos Produtores de Sementes de Minas Gerais, o que me possibilitou conhecimento do sistema em nível estadual, federal e no exterior.

Com a reestruturação da Agrocere, algumas unidades foram fechadas e me transferiram para a filial de Patos de Minas, região agrícola privilegiada, com grandes possibilidades de crescimento profissional. Mas, também tomei a decisão de não continuar na empresa. Voltei a Ubá, para trabalhar em empresas agropecuárias da região.

Passado algum tempo, tive meu primeiro contato, de fato, com o setor público. Fui convidado e aceitei o cargo de Secretário Municipal de Planejamento em Ubá, até o final do mandato do prefeito na época, em 2004. No mandato seguinte, já com outro prefeito, fui nomeado Secretário de Obras e, posteriormente, Secretário de Planejamento, até o final de 2008. Estas duas experiências podem ter sido o embrião de uma futura participação mais efetiva nos destinos do município, pois me possibilitaram, além do contato com a máquina pública, conhecimento das dificuldades, das potencialidades, dos desafios e do atendimento à população.

Para explicar a política em minha vida, comecei este texto falando de liderança, continuei falando de decisão e agora comento sobre oportunidade. Após anos de trabalho intenso na agropecuária, tendo, inclusive, fundado uma empresa de sementes, de curta duração devido ao aparecimento rápido dos transgênicos. Já na condição de um “feliz aposentado do INSS”, tive a oportunidade de intermediar a vinda, para Ubá, de uma cooperativa de crédito rural de Muriaé, MG. Estimulei a instalação e fiz o convite para que funcionasse no prédio em que, também, funcionava o Sindicato Rural, do qual eu era o presidente. Com minha participação efetiva na concretização da agência, fui convidado a fazer parte da chapa da situação, que iria concorrer ao novo mandato de quatro anos, numa cooperativa com mais de 20.000 sócios. Diria que foi a segunda experiência que enfrentei na disputa por votos, tendo nossa chapa sido eleita por ampla maioria. Assumi o cargo de conselheiro de administração da CREDIMUR. Quatro anos mais tarde, fui novamente eleito conselheiro e diretor administrativo da Cooperativa, tendo permanecido até o final do mandato.

Comentei sobre oportunidade e volto a falar de decisão. Ao encerrar meu mandato na Cooperativa, onde ajudei a coordenar a fusão com outra grande cooperativa do leste de Minas, fui convidado pelo conselho administrativo e pela diretoria do SICOOB CREDISUDESTE para o cargo de assessoria administrativa, sediado em Muriaé. Após algum tempo no cargo, tive um descolamento de retina que me obrigou a permanecer em casa por 90 dias, em tratamento intensivo, após cirurgia um pouco complicada no olho direito. Como residia em Ubá e indo quase todos os dias para Muriaé, percorrendo 100 km na ida e 100 km na volta, muitas vezes à noite, achei melhor não continuar. Voltei definitivamente para Ubá, prestando serviços de consultoria, avaliação e venda de imóveis industriais e rurais. Esta, talvez, tenha sido a decisão final no caminho da política partidária.

Com a volta para Ubá e a consequente presença física nos meios de comunicação empresariais, sociais e sindicais e, principalmente, com os novos ares da política, fruto dos grandes desmandos, corrupção generalizada e descrédito da classe, começou-se uma discussão na cidade sobre os possíveis candidatos a prefeito. Nessa época, eu nem era filiado a partido. Fiz minha inscrição somente em 2015, após muita insistência de alguns participantes de discussões. Nas reuniões combinadas para testar nomes, sugerir opções, definir apoios e, finalmente, buscar candidatos viáveis, meu nome era sempre citado ao lado de muitos outros. Eu sempre deixei claro que não buscava candidatura a prefeito, mas apoiaria o nome que fosse consenso do grupo formado. Não se chegou a nenhuma proposta viável, pois ninguém abria mão do pretenso direito de sair candidato e este primeiro grupo se dispersou, sem definição.

Ubá, naquele período, tinha um representante na Assembleia Legislativa. Ele começou a elaborar um projeto de lançamento de candidatura com o apoio de vários partidos. Após idas e vindas, um grupo de empresários influentes sugeriu que o nome a ser apresentado fosse o meu, em detrimento do escolhido pelo Deputado. Esse foi o resumo da ópera. Uma vez aceito pelo Deputado, passou-se ao processo seguinte, que era convencer-me, pois não tinha participado dessa parte da escolha. Assim, entre idas e vindas, conversa daqui, convence ali, aceitei participar, desde que eu tivesse o protagonismo da ação. Não foi fácil convencer a família pois, infelizmente, político no Brasil tem fama ruim. Mas, após reuniões com esposa e filhos, irmãos e amigos mais chegados, aceitei que meu nome fosse apresentado à Justiça Eleitoral com o cuidado de estabelecer vínculos bem fortes com os partidos que nos apoiariam e acertar detalhes com o candidato a vice-prefeito que atuava como vereador em segundo mandato, 40 anos mais jovem do que eu. Desse ponto em diante, a narrativa é essencialmente política. Definidos os apoios, escolhidos os candidatos a vereadores na chapa da coligação, fomos conhecer

os demais candidatos, que eram quatro. Um era o presidente da Câmara Municipal de Ubá, antigo aliado do prefeito em exercício, agora desafeto. Outro era, também vereador, com muitos anos de mandato e histórico de pai e irmãos como vereadores e presidentes da Câmara. O terceiro era candidato do prefeito, com oito anos de mandato, coligado a partidos tradicionais de Ubá. O quarto era um franco atirador, sem tradição e sem voto. Com este cenário é que começamos, efetivamente, a busca por apoio na comunidade.

Destaco, também, o incentivo de dois colegas de turma do Cavanhaque. O Geraldo Antônio de Andrade Araújo, desde a formatação da candidatura, apoiou-nos decisivamente, com sugestões, participação em reuniões e divulgação do nosso nome em seus grupos de contato. O Aloísio Gomes também nos incentivou bastante, principalmente na região do Distrito de Diamante, de onde sua família é oriunda, possuindo propriedade agrícola naquela região.

Campanha política em Ubá é um pouco diferente de outros municípios da região. Raramente há comício. A tradição é que cada candidato faça uma peregrinação nas empresas do município, com ênfase nas mais de 200 médias e grandes indústrias de móveis, confecções, empresas atacadistas, de varejo, igrejas, clubes de serviço, associações de classe, patronais e de empregados, associações de bairros, feira livre e outros destinos. Sempre começava pelas madrugadas em porta de fábrica nas manhãs, subindo e descendo morros às tardinhas nas ruas de maior movimento e, às noites, em bairros mais populosos, reunindo-me com as comunidades e associações. Sábados e domingos em bairros mais distantes, vilas, distritos e caminhadas pela região de comércio, sempre acompanhado pelos candidatos a vereador de cada região, grupos de apoio, familiares, amigos e políticos, numa rotina de não fazer inveja a ninguém, pois foi muito pesada. Afinal, a campanha foi reduzida para apenas 45 dias. Tempo de perder 6 kg ao final da batalha.

O contato permanente com os eleitores, as dúvidas sobre o andamento da campanha, as primeiras pesquisas indicando meu nome na posição de terceiro lugar e o comprometimento da equipe balizaram os primeiros dias. As reuniões de correção de rumo eram frequentes e, ao longo dos dias, foi sendo formada uma certeza de que o nosso nome, de alguma forma, estava sendo aceito por parte da população, pois éramos, com raríssimas exceções, muito bem recebidos na maioria dos lugares.

Assim, de fábrica em fábrica e de bairro em bairro, continuamos nossa luta. Vieram, em seguida, os debates organizados por emissoras de rádio e televisão e pela Universidade, onde tivemos a oportunidade de passar a um maior número de pessoas os nossos pensamentos e a base do programa de governo, bem como confrontar ideias com os concorrentes. Creio ter-me saído muito bem em todos eles e talvez tenha sido um dos diferenciais na hora da escolha do eleitor.

O dia da eleição é, sem dúvida, um momento diferenciado. Mistura de emoções, dúvidas, abraços de confraternização, esperança de eleitores, preocupação com baixa presença de eleitores, mas, prevalecendo sempre uma grande festa cívica, com muitas pessoas andando de um lado para outro, alguns pequenos problemas de desobediência às regras eleitorais etc. Ao final do dia, com o recolhimento de todas as urnas e estabelecida a comissão de apuração, começam a ser divulgados os primeiros resultados. Nesse momento sim, a emoção torna-se muito mais forte. Tínhamos indicações de boa posição durante a votação, por pesquisas aleatórias e comportamento dos concorrentes. Com o resultado da primeira urna, saímos na frente com boa margem. Em alguns minutos, recebi na minha casa ligação de um correligionário dizendo que, pelas experiências passadas e o resultado inicial, a eleição estava garantida e que já estavam se reunindo na residência do deputado para comemorar. A cautela até aqui prevaleceu, mas, a partir dos pedidos de entrevistas nas emissoras de rádio, os telefonemas parabenizando-me pela vitória e a

euforia das pessoas mais próximas, fomos para o local do encontro já com a certeza de termos sido eleitos.

Comemorando com uma alegria contagiante mais tarde, reuni-me com os familiares e, no dia seguinte, já começamos a montar a equipe de governo. Uma fase difícil, com muita gente querendo opinar e influenciar. Coube ao grupo mais fechado da equipe a responsabilidade de definir o preenchimento dos cargos, nomear comissão de transição e estabelecer os vínculos necessários para governar.

Aprovadas as contas de campanha, fomos diplomados e, em 1º de janeiro de 2017, veio a posse. Entendo que a sucessão de fatos a partir da posse, que é o efetivo exercício do poder, na prática é uma rotina. Muito trabalho, pois, afinal, a cidade cresceu, tem mais de 115.000 habitantes, centenas de bairros e vilas e demandas em todas as regiões. Alguns fatos, no entanto, merecem destaque pelas dificuldades criadas ou pelas soluções propostas.

Já em 2017, enfrentamos a pior crise hídrica de todos os tempos em Ubá, pois choveu menos da metade do normal e a cidade não estava preparada para explorar água subterrânea em quantidades necessárias. Tivemos ainda o desgaste de aprovar um contrato de programa com a concessionária de água, para o tratamento do esgoto sanitário, sob muita pressão de órgãos de controle, da oposição política e de parte da sociedade.

Em 2018, iniciamos praticamente o ano enfrentando uma das maiores enchentes já ocorridas em Ubá, felizmente sem vítimas, mas com muito prejuízo material tanto público e também para a população. Destaco a pronta resposta do município que, em poucos dias, conseguiu limpar totalmente a cidade e, em poucos meses, reparar todas as estruturas comprometidas pela força das águas.

Também em 2018, aconteceu o bloqueio de verbas obrigatórias do Estado, que deixou de repassar valores da Saúde, ICMS, IPVA e FUNDEB e, já em 2019, novo bloqueio, totalizando 40 milhões de reais de retenção de recursos. Isso comprometeu bastante a saúde financeira do município, reduzindo fortemente sua capacidade de investimento.

Mesmo com essa dinâmica de atraso dos recebimentos, mantivemos em dia os pagamentos de salários, encargos, fornecedores, despesas de saúde, educação, social e tantos outros, sem nos descuidar dos reajustes do funcionalismo.

Em 2019, continuamos a cumprir as etapas das propostas desenvolvidas durante a campanha eleitoral em todos os setores do município, mas, com muita ênfase na área de desenvolvimento sustentável, com um programa de melhoria na área de meio ambiente, com pagamentos por serviços ambientais a produtores rurais no incentivo à produção de água, tanto em quantidade quanto em qualidade.

Estamos investindo muito, também, em drenagem e contenção dos efeitos das enchentes, fazendo obras em todos os bairros e distritos, investindo em saúde com construção de novas unidades de atendimento e implantação de novas creches, num trabalho muito forte e consistente na educação.

Entregamos, recentemente, 613 residências do programa Minha Casa Minha Vida e dedicamos valores significativos na área de segurança, em convênios com Polícia Militar, Polícia Rodoviária, Polícia Ambiental, Corpo de Bombeiros e na implantação de um sistema de Olho Vivo monitorado 24 horas por dia, complementando com a substituição gradativa do sistema de iluminação tradicional, por lâmpadas de LED, mais eficientes e econômicas.

Em 2020, quando esperávamos resolver todas as mazelas acontecidas em anos anteriores, inclusive por ser ano eleitoral e haver possibilidade de concorrermos a novo mandato, aconteceu o totalmente inesperado. Em 24 de janeiro deste ano, conforme previsto pela Defesa Civil, aconteceu uma enchente de proporções raramente vistas em

Ubá, trazendo prejuízos incalculáveis à região ribeirinha, tanto no setor público quanto nas lojas e indústrias situadas ao longo do rio, que só não foi mais grave pelo aviso horas antes do acontecido, através dos boletins emitidos pelo sistema nacional de prevenção de tempestades. Repetiu-se toda a dinâmica de limpeza da cidade, como na enchente de 2018 mas, desta vez, a força das águas destruiu muitas estruturas ao longo do rio, com previsão de gastos enormes para o restabelecimento da normalidade.

Nem bem havíamos nos recuperado desta tempestade, em 04 de março, aconteceu outra com a maior altura do nível d'água até então acontecido e, desta vez, sem aviso prévio. Não deu tempo aos lojistas e moradores de retirar mercadorias e bens do caminho da enchente, aumentando o prejuízo e avariando mais pontes e parte das estruturas públicas que já estavam em recuperação. Voltamos à rotina de retirada de barro, lixo e materiais carregados pela força do rio, desta vez com muito mais dificuldade, pois inúmeros trechos que não haviam sido atingidos anteriormente, sofreram com as cheias, além da derrubada de um prédio de 4 pavimentos que, felizmente, já havíamos desocupado por precaução.

Existe um ditado de que um raio nunca cai no mesmo lugar. No nosso caso, trocando o raio pela tempestade, não só aconteceu novamente como, no dia 7 de abril, menos de 90 dias após a primeira do ano, veio uma terceira com uma violência inusitada, sem aviso prévio que desse tempo de programar a retirada de pessoas de áreas que poderiam ser atingidas. Isso trouxe, novamente, imagens de destruição, desta vez com muitas pessoas ilhadas, felizmente sem maiores consequências, sendo resgatadas ao longo da noite e queda de mais dois prédios, também previamente desocupados, sem nenhuma vítima. Recomeçamos toda a rotina de limpeza da maior enchente jamais registrada em Ubá, com extravasamento em regiões que nunca haviam sofrido com as cheias. Não há palavras para descrever o período logo após uma enchente desta proporção. Comerciantes atordoados tentando salvar um pouco de suas mercadorias e equipamentos, rostos desconsolados na tentativa frenética de limpar o barro antes que causasse maiores estragos, pessoas andando de um lado para outro no meio daquela mistura de barro e materiais carregados das lojas e residências e com um agravante que já começava a nos assombrar. A chegada do novo Coronavírus. Imaginar as operações de limpeza de inúmeras ruas e, desta vez, em toda a avenida, dos dois lados do rio, além de inúmeras ruas e bairros que raramente eram atingidos pelas enchentes já é difícil, mas com o pesadelo do COVID-19, já com pessoas infectadas na cidade, tornou-se um trabalho hercúleo, pois tínhamos que retirar o barro e cuidar da segurança das pessoas, evitando aglomeração. Foi, sem dúvida, a operação administrativa mais difícil que já enfrentei.

E o COVID-19 é um caso à parte certamente. Acho que nenhum dirigente municipal, nos últimos 100 anos, teve que enfrentar este tipo de inimigo desconhecido, sorrateiro que, mesmo antes de estar fisicamente presente no município, já estava em nossas mentes com as reportagens e imagens dos países onde já estava infectando populações e assustando as pessoas. Não vou me estender sobre este assunto pois é constante em todas as mídias e nas redes sociais. Só gostaria de deixar registrado que um dos grandes problemas trazidos pelo vírus foi a máquina de desinformação. Governo federal não se entendendo com os governos estaduais, estes, por sua vez, com grande parte dos prefeitos e deixando a eles toda a responsabilidade no enfrentamento da doença. Isso incluindo a definição de parâmetros e protocolos, cada um com a sua forma de combater o vírus, gerando insatisfação nos cidadãos e a consequente perda da capacidade financeira de empresas, pessoas físicas e órgãos públicos. Encerro esta passagem dizendo que ainda estamos no início de uma pandemia e não sabemos a consequência da mesma

e rogamos a Deus que a iniciativa de prevenção que tomamos e a Providência Divina nos permitam ultrapassar esta etapa e voltar à normalidade.

Temos, ainda, um pouco mais de um ano de muito trabalho e, eventualmente, a possibilidade de concorrer a mais um mandato, que será fruto de muita meditação, aconselhamentos, estudo de viabilidade política e busca de apoio entre os possíveis partidos que queiram encarar mais este desafio. Não posso deixar de agradecer a tantos que durante toda a minha vida contribuíram para que eu pudesse me dedicar a este trabalho intenso, realmente difícil, às vezes pouco compreendido. Mas, de toda maneira, dá-nos aquele sentimento de ter participado muito ativamente da vida da sociedade onde estamos incluídos.

Aqui destaco a colaboração e a dedicação de nossa equipe de governo, dos servidores efetivos e comissionados, e dos funcionários de empresas terceirizadas. Sem este apoio constante, não teria sido possível alcançar resultados ao longo do mandato.

A têmpera de uma criança e de um jovem, forjada nos estudos e no trabalho do dia a dia nas pequenas propriedades rurais de meus pais, a convivência na antiga UREMG, com colegas que continuamos ainda com o prazer de nos encontrar, os cursos finalizados na UFV e o trabalho em cada comunidade, onde tive a oportunidade de morar, com total certeza, foram determinantes na minha escolha de participar da política partidária. Um agradecimento especial à minha família. O apoio e a cobrança dos meus pais, incentivando, em todas as etapas escolares e profissionais, a convivência com tios, primos, o estímulo dos meus irmãos, cunhados, sobrinhos e, particularmente, à minha esposa Isolina, meus filhos André e Guilherme, minhas noras Rogéria e Samantha, a todos eles, dedico este texto escrito com o coração agradecido pela oportunidade de fazer parte de suas vidas em todos estes anos.

Ao final, gostaria de deixar, também, uma mensagem aos queridos netos, razão maior de nossa existência, Gabriel, Laura, e aos futuros gêmeos Maria Rita e Francisco, que estão a caminho, esperando que, de alguma forma, eu possa contribuir com o meu simples exemplo de vida para o desenvolvimento e a formação deles.

Ubá, novembro de 2019.

Desenvolvimento florestal brasileiro em novas dimensões

Jarbas Y. Shimizu

Uma vez encerrada a etapa acadêmica na UFV, em dezembro de 1970, partimos pelo Brasil afora em busca de oportunidades para nossas carreiras. Quanta incerteza, expectativa e receio de dar um passo errado logo de cara. Um turbilhão de pensamentos rondando a todo momento. Na realidade, oportunidades não faltavam.

Na década de 1970, vivia-se, no Brasil, um clima político tenso, em pleno regime de ditadura militar que reprimia, duramente, qualquer deslize em pronunciamentos ou atos que tivessem conotação de rebeldia ou de liderança contra o governo. A repressão atingiu de maneira contundente os movimentos estudantis e sindicais. No entanto, vivia-se, também, um período de grande euforia no cenário econômico, denominado período do milagre econômico brasileiro. O governo expandiu as linhas de crédito em vários setores, propiciando crescimentos de 13 % a 15 % nas indústrias de transformação e no setor da construção civil e o PIB elevou-se até mais de 10 % ao ano. Com incentivos a exportações e adoção de taxas cambiais favoráveis, houve grande atração de capital estrangeiro, propiciando um otimismo exacerbado e uma corrida de investidores à bolsa de valores. Foram realizados, também, altos investimentos em obras de infraestrutura

como a abertura da Rodovia Transamazônica, a construção da ponte Rio-Niterói e muitas outras, dando ideia de um país em ritmo de desenvolvimento nunca antes visto. Porém, já nessa época, o panorama socioeconômico do país dava sinais de fragilidade com a crescente dívida externa, a queda do poder econômico da população e o aumento na desigualdade social. Além disso, fatores externos, como a crise do petróleo em nível global, trouxeram insegurança a investimentos e taxas de inflação elevadas. A bolha financeira se rompeu, causando grandes perdas aos especuladores na bolsa de valores.

No setor florestal, o governo havia instituído a Lei 5.106/1966 de incentivo ao reflorestamento, segundo a qual, empresas podiam aplicar, em projetos de reflorestamento, até 50 % do imposto de renda devido. Essa iniciativa proporcionou oportunidades para que empresas tradicionais do setor pudessem ampliar significativamente suas bases florestais. Por outro lado, surgiram, também, centenas de empresas de “reflorestamento” que tinham como objetivo tão somente a captação de recursos para uso em outras atividades, sem cumprir o previsto nos seus planos de manejo florestal. Apesar do desvio de vultosos recursos financeiros por conta de empresas irresponsáveis, houve, também, vários casos de sucesso. Um desses foi o surgimento da empresa Aracruz, que se estabeleceu no município de Aracruz, no Espírito Santo, para formar uma base florestal de eucalipto destinada à produção de celulose de fibra curta. Foi uma proposta arrojada para a época, visto que não havia histórico de plantios intensivos de eucalipto na região. Além disso, a questão da espécie mais apropriada não estava consolidada.

Até a década de 1970, plantios intensivos de eucalipto eram mais conhecidos no estado de São Paulo e a tradicional fonte de semente era o Horto Florestal de Rio Claro, SP. Foi nesse horto, criado em 1909 que, em 1914, Edmundo Navarro de Andrade plantou pequenos talhões de 144 espécies de eucalipto trazidas da Austrália, com o propósito de formar estoques de madeira para suprir a Companhia Paulista de Estradas de Ferro com dormentes, lenha e carvão. Mesmo após a desativação das ferrovias, esse horto continuou como fonte de sementes para produtores de eucalipto.

As espécies consideradas de maior potencial produtivo no Espírito Santo eram *Eucalyptus alba*, *E. saligna* e *E. grandis*. No entanto, havia graves problemas de identificação e grande variação nas características das plantas. Mesmo usando sementes de uma determinada espécie, as plantas resultantes tinham aparência, vigor e forma de várias outras, gerando povoamentos desuniformes, que não permitiam um manejo eficiente. Assim, as perspectivas de produção de matéria-prima em quantidade e qualidade requeridas pelas indústrias como a Aracruz não se concretizavam.

Fui contratado, em 1971, para atuar no projeto IBDF/FAO-BRA 45, sediado no Jardim Botânico do Rio de Janeiro e tive a sorte de ser designado para assessorar o consultor Dr. Maxwell Jacobs. Ele tinha sido professor da Universidade Nacional da Austrália e diretor do extinto Australian Forestry and Timber Bureau, além de ser um destacado especialista em eucaliptos. Com ele percorremos o Brasil de norte ao sul analisando os plantios de eucalipto das principais empresas florestais e fazendo diagnósticos dos êxitos e fracassos que enfrentavam. Uma das conclusões do Dr. Jacobs foi que os casos de frustração com o desempenho dos povoamentos se deviam, principalmente, ao problema de identificação das espécies plantadas, agravado pela heterogeneidade dos povoamentos devido à hibridação interespecífica natural nas fontes de semente. Um exemplo clássico foi o caso do *E. alba*, considerado, na época, como espécie promissora em regiões tropicais. No entanto, constatou-se que os povoamentos plantados como tal eram, na realidade, de *E. urophylla*, procedente da ilha de Timor. Além disso, quando se usava sementes do verdadeiro *E. alba*, o desempenho era desastroso.

Nos anos 1970, os povoamentos comerciais de eucalipto das empresas de celulose, papel e chapas de fibra pareciam ter atingido o máximo de produtividade, em torno de 30 m³/ha.ano. Na esperança de aumentar esse incremento volumétrico, foi contratado o Dr. Lindsay Pryor, professor da Universidade Nacional da Austrália, para fazer um diagnóstico e sugerir formas de aumentar o potencial produtivo dos povoamentos de eucalipto. A constatação foi que estavam plantando somente *E. grandis*, proveniente da região de Coff's Harbour, Queensland. Foi sugerido, então, a introdução de sementes de várias procedências e também de outras espécies para formar uma base florestal diversificada que possibilite maior produtividade e fazer frente a eventuais mudanças nos requisitos quanto ao tipo de matéria-prima, bem como aos desafios de estender os plantios para outras regiões.

Na década de 1980, eu atuava como pesquisador em melhoramento genético florestal na EMBRAPA. Nesse período, foi criado o “Grupo Permanente de Trabalho em Melhoramento Genético Florestal”, patrocinado pela EMBRAPA, que congregava especialistas no assunto, de instituições como IPEF, ESALQ, UFPR, FCAP, UFV, Instituto Florestal de São Paulo, IBDF e EMBRAPA, bem como representantes de várias empresas usuárias de madeira de eucalipto. O grupo se reunia, periodicamente, para discutir temas estratégicos referentes à obtenção, conservação, melhoramento genético e uso de recursos genéticos florestais.

No meio acadêmico e de pesquisa florestal, havia grande divergência entre instituições quanto à nomenclatura técnica e à conceituação dos termos utilizados, tornando complicado o entendimento entre os pesquisadores. Assim, o Grupo de Trabalho promoveu discussões e editou glossários e manuais para unificar a linguagem e os procedimentos na implementação de programas de melhoramento genético florestal. Isso incluiu temas sobre coleta e conservação de germoplasma, ensaios de espécies, testes de procedências e progênies, povoamentos produtores de semente, entre outros.

Na questão estratégica do setor florestal, constatou-se que havia necessidade de enriquecer a base genética de eucaliptos com amostras de populações ainda não existentes no Brasil. Para tanto, a EMBRAPA se propôs a patrocinar uma expedição de coleta de sementes na Austrália, com o objetivo de amostrar, sistematicamente, populações naturais de grande potencial. Por decisão do Grupo, foram pré-selecionadas as regiões geográficas mais compatíveis com as condições brasileiras para cada espécie. Para essa empreitada, foi designado o engenheiro florestal Roberto Alonso Silveira que percorreu várias regiões da Austrália, coletando sementes, numa aventura de 18 meses. Nesse trabalho, ele teve que recorrer a serviços de guias para acessar locais remotos, botânicos para identificação correta das espécies e do apoio de centros de pesquisa florestal para auxiliar nos trabalhos de extração das sementes, beneficiamento, acondicionamento e remessa para o Brasil. Mais de mil amostras de semente foram obtidas e, com elas, foi instalada uma rede experimental abrangendo várias regiões do Brasil, sob coordenação da EMBRAPA. As empresas florestais participaram ativamente na implementação dessa rede, assegurando o privilégio de utilizar os materiais genéticos que se destacassem em suas bases de operação. Mesmo em espécies como *E. grandis* e *E. saligna* que, por décadas vinham sendo usadas em plantios comerciais no país, foram identificadas procedências geográficas excepcionais com produtividades superando a marca dos 60 m³/ha.ano. Assim, importantes recursos genéticos dessas e de outras espécies como *E. cloeziana*, *E. brassiana*, *E. resinifera*, *E. pellita*, *E. pilularis*, *Corymbia maculata* e *C. torelliana* de alto potencial foram incorporados à base florestal na região tropical brasileira.

No planalto paraense e catarinense, bem como na Serra Gaúcha, onde ocorrem geadas severas, o eucalipto mais difundido até a década de 1970 era *Eucalyptus viminalis*, por conta de sua tolerância ao frio. Porém, dada à má forma do tronco e a tendência de produzir muitos galhos, o seu uso se limitava à produção de lenha ou toras para estruturas

rústicas. Nos descampados, ele era utilizado para formar barreiras de quebra-ventos ou pequenos talhões dispersos pelo campo para abrigo do gado contra os rigores do tempo. Uma de nossas atividades no projeto IBDF/FAO e, posteriormente, na Embrapa Florestas, foi a introdução de mais espécies para experimentação na região. Atualmente, já se dispõe de alternativas como *E. dunnii*, *E. benthamii*, *E. smithii* e *E. badjensis*, apropriadas para construções civis, laminação, fabricação de chapas de fibra e cavacos para geração de energia e usos gerais nas regiões frias.

A constante evolução da silvicultura, em sinergia com avanços tecnológicos em diversas áreas da ciência, tem possibilitado não só aumentos contínuos na produtividade, mas, também a ampliação da fronteira onde podem ser implantados povoamentos de eucaliptos com alta produtividade. O êxito da silvicultura intensiva de eucalipto em regiões antes desconsideradas para essa prática propiciou aumento substancial no potencial produtivo do setor florestal. Isso trouxe, também, aumento no valor da terra e no potencial de desenvolvimento industrial com base em madeira.

Importantes avanços na produtividade das florestas plantadas e nas indústrias de base florestal tiveram como elementos determinantes as inovações tecnológicas em toda a cadeia produtiva desde a silvicultura e manejo de povoamentos, até os sistemas de colheita e transporte de toras. Destacam-se entre os recursos técnicos nesse processo o refinamento das metodologias de polinização controlada, hibridação interespecífica, micropropagação vegetativa, testes genéticos mais eficientes, aplicação de hidrogel (polímero retentor de água) para plantio de mudas em situações de déficit hídrico e muitos outros. Com a adoção do sistema de plantio direto, os custos de implantação foram reduzidos, além de proteger o solo da erosão e perda de nutrientes. Além disso, sistemas de manejo incluindo opções de espaçamento, regimes de desbaste e de poda foram otimizados para o tipo de matéria-prima desejado. Entre as medidas de controle de pragas, foram priorizados os controles biológicos, restringindo-se as intervenções somente para casos em que os ataques tenham atingido níveis críticos. Na colheita e transporte de madeira, passou-se a utilizar máquinas de maior capacidade e rendimento, ligadas a sistemas informatizados e equipadas com rodados de baixa pressão para minimizar os impactos ambientais. Além disso, o uso de máquinas para derrubada e processamento de toras em sequência dispensou o envolvimento de operários com motosserra. Com isso, reduziu-se, drasticamente, a ocorrência de acidentes de trabalho. Nas operações florestais mais arrojadas em que se prioriza a produtividade volumétrica de madeira, tem-se conseguido incrementos volumétricos próximos a 100 m³/ha.ano, com uso de clones mais produtivos, gerados mediante cruzamentos controlados intra- e interespecíficos.

O gênero *Pinus* teve um lugar de destaque nos projetos de reflorestamento, inicialmente nas regiões Sul e Sudeste, na expectativa de substituir o pinheiro-brasileiro (*Araucaria angustifolia*) como fonte de madeira de fibra longa para as indústrias de celulose, papel e madeira serrada para usos gerais. Plantios experimentais de várias espécies oriundas dos Estados Unidos, Europa e Ásia, realizados por algumas empresas e pelo Serviço Florestal do Estado de São Paulo, desde o início dos anos 1900, já indicavam que *Pinus elliottii* e *P. taeda*, do Sul e Sudeste dos Estados Unidos, estavam entre as mais promissoras. Portanto, essas espécies eram prontamente aprovadas nos projetos de reflorestamento com incentivos fiscais nos estados de São Paulo e na Região Sul. Para atender a alta demanda por sementes dessas espécies, surgiram empresas importadoras de sementes florestais que tinham como meta tão somente o lucro, sem qualquer responsabilidade sobre a origem e a qualidade das sementes, nem sobre a correta identificação das espécies. O resultado dessa corrida descontrolada foi o estabelecimento de muitos povoamentos comerciais com baixo desempenho em crescimento e má forma do tronco.

No início dos anos 1970, uma das linhas de ação no projeto IBDF/FAO foi a instalação de uma rede experimental com espécies e procedências de *Pinus* do Sul dos Estados Unidos para definir as mais apropriadas para o plantio no Brasil e as procedências de semente que poderiam gerar povoamentos mais produtivos e de melhor qualidade da madeira. Após anos de avaliações, ficou claro o que cada espécie oferecia de mais valioso (madeira, resina, amenidade ambiental) e as regiões de origem de semente mais indicadas para os plantios. Posteriormente, um trabalho mais detalhado, incluindo materiais genéticos até o nível de progênies foi implantado com pínus tropicais da América Central, México, ilhas do Caribe e Ásia.

Nos anos 1970, a produtividade em volume de madeira de *P. taeda* era em torno de 18 m³/ha.ano. Além disso, a qualidade da madeira deixava a desejar, por conta da má forma do tronco e excesso de ramificações. Com os materiais genéticos melhorados e técnicas silviculturais e de manejo desenvolvidos desde então, houve grande avanço no setor. Atualmente, incrementos de 40 a 60 m³/ha.ano em toras de boa qualidade podem ser conseguidos nas regiões Sul e Sudeste.

Pinus elliottii é uma espécie de crescimento moderado, mas contínuo ao longo dos anos e produz madeira mais densa e com menor quantidade de ramificações do que de *P. taeda*. Além de produzir madeira de boa qualidade para usos estruturais, produz, também, resina em quantidade viável para exploração comercial, consolidando a sua qualificação como espécie de alto valor econômico.

Vários pínus tropicais se destacaram nas regiões livres de geadas. Entre eles, *P. caribaea*, *P. tecnumanii*, *P. oocarpa*, *P. maximinoi*, *P. kesiya* e *P. patula*. Cada espécie apresenta particularidades quanto às características da madeira e resina produzida, bem como aos requisitos climáticos, altitudinais e pedológicos para prosperar e se tornar produtiva.

Na trajetória do desenvolvimento do potencial produtivo de eucaliptos e pínus no Brasil, tem sido fundamental a atuação complementar de várias instituições como o IBDF, IBAMA, EMBRAPA, institutos estaduais de floresta e recursos naturais, órgãos ambientais, de desenvolvimento regional e de extensão estaduais como EMATER, SUDAM, SUDENE, universidades e, principalmente, empresas florestais. Em todas essas instituições esteve presente a importante dedicação de colegas kavanhaqueanos atuando na qualidade de pesquisadores, professores, orientadores, gestores e executivos que contribuíram para o avanço da silvicultura brasileira.

De formiga a satélite

José Batuira de Assis

Tenho acompanhado, com muito interesse, o trabalho de construção da memória cavanhaqueana. O destino permitiu-me participar, como protagonista, de alguns eventos componentes da história da engenharia florestal, às vezes com respingos na agronomia e no meio ambiente. A pretensão é de registrá-los, a título de informação, para que não se percam no desconhecimento, ou sejam relegados ao esquecimento.

1. Tamanho do grão da Isca Formicida x Eficiência do Produto

A isca formicida Mirex, à base de dodecacloro, foi um produto lançado no Brasil, na década de 1960, pela Ciba Geigy e veio revolucionar o combate à saúva no País. Colocou para escanteio produtos tradicionais como o super tóxico formicida Blemco e os pós secos clorados, como o formicida Tatu, à base de aldrin, da Shell. O tamanho da isca era relativamente grande, correspondente à granulação da ração de pássaro preto, dificultando, em muito, o trabalho das formigas para levar o produto às panelas no interior

do solo. O efeito tóxico do dodecacloro dava-se apenas por ingestão. A descoberta de seus efeitos nocivos pelas saúvas era retardado e acontecia em até três dias, o que permitia um bom carreamento do produto para dentro dos formigueiros.

A Agroceres, até então exclusivamente produtora de sementes, montou, em Matão, SP, uma fábrica de isca formicida, à base de heptacloro, já que o dodecacloro era exclusividade da Ciba. O que não estava claro para a empresa é que o princípio ativo utilizado, além da ingestão, tinha ações de contato e fumigação. Isto proporcionava a contaminação das operárias carregadeiras, resultando num menor tempo de carregamento dos grãos e, conseqüentemente, diminuindo a eficiência da isca.

Estava eu na equipe de entomologia da UFV, em 1971, quando fui convidado pela Agroceres para trabalhar em pesquisa e no pós-venda de sua isca formicida, convite que aceitei. Após exaustivos testes de campo, que envolveram análises de atrativos e volumosos que compunham a isca produzida, observamos que o tamanho exagerado dos grãos - associado aos efeitos biológicos do princípio ativo - era o nó górdio da questão. Encomendamos, então, à Aços Villares, um anel extrusor com orifícios menores, o que resultou numa isca de menor porte, que foi denominada Micro-Isca. Sucesso de vendas, que levou a Agroceres, após passagem pelo nonacloro, ao topo do mercado nacional de iscas formicidas, já com o dodecacloro. A síntese deste último princípio ativo, a equipe da Empresa, em Matão, conseguiu em colaboração com o Instituto Biológico de São Paulo, em 1976, ano em que fui designado para criar a supervisoría de vendas da Agroceres no Centro-Oeste brasileiro, sediada em Uberlândia, MG (segundo o Dr. Secundino, o futuro *Corn Belt* do Brasil - profético). Essa nova dimensão do grão da isca formicida teve o nosso protagonismo.

2. Sensoriamento Remoto de Florestas por Imagem e Satélites

Estando no exercício da função de diretor de desenvolvimento florestal do Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais (IEF), em 1984, preenchi um *referee* para participar de um curso da ONU, em Moscou, sobre sensoriamento florestal por imagens de satélites. Fui aprovado e participei, como único representando o Brasil no referido curso, na primavera daquele ano, na Rússia.

De volta ao Brasil, com os materiais e ideias trazidos na bagagem, consegui motivar instituições e empresas a participar do primeiro mapeamento da cobertura vegetal do Estado, utilizando imagens de satélite, tendo o suporte científico do CETEC (Centro Tecnológico de Minas Gerais), tanto na interpretação de imagens quanto nas checagens de campo. Foram 33 parceiros entre instituições e empresas, governamentais e privadas. Com poucos recursos e dado ao ineditismo da empreitada e o fim de nosso mandato no IEF, conseguimos mapear apenas o Centro, o Noroeste e o Norte de Minas Gerais. O coordenador designado para gerenciar o projeto, foi o hoje professor Elias Silva, do DEF, que acabava de concluir seu mestrado na UFV.

Muitos anos depois, o projeto foi retomado pelo IEF e a UFLA passou a ser o braço científico, sob a coordenação do professor José Roberto Scolforo. Hoje, o IEF possui um setor especializado que cuida do monitoramento florestal, utilizando a tecnologia do INPE.

3. Parques Florestais Estaduais

A implementação de áreas protegidas, em Minas, sempre esbarrou na falta de infraestrutura, na definição de suas divisas, na resolução de conflitos com vizinhos e usuários dos terrenos, culminando com a falta de planos de manejo. O IEF teve importante participação na viabilização de muitas dessas áreas.

No período de 1983 a 1987, durante nossa atuação à frente da diretoria de desenvolvimento florestal do IEF, responsável pelas Unidades de Conservação, nossa

equipe foi pioneira na elaboração de planos de manejo e realização ou início de várias obras de infraestrutura administrativa para visitantes e pesquisadores. Destacamos, pela sua importância, o Parque Florestal do Rio Doce, em Marliéria, o Parque do Ibitipoca, em Lima Duarte e o Parque do Itacolomi, em Ouro Preto, hoje todos consolidados

A extensão rural que presenciei e vivenciei

José Geraldo Fernandes de Araújo

Na reunião preparatória, ocorrida no final de 2018, com o objetivo de planejar as festividades de cinquenta anos de nossa formatura, solicitaram-me que escrevesse um texto sobre a extensão rural. Texto esse que seria incluído no nosso livro, como exemplo para as futuras gerações e como uma recordação, não só para posteridade, mas, também para que nossos familiares pudessem tê-lo como lembrança, no qual estariam relatadas as atividades profissionais exercidas por vários de nossos colegas que, atualmente, completam cinquenta anos de formados. Tendo essas premissas como princípios, a minha angústia era como escrever um artigo que evidenciasse esses objetivos e fosse de atraente leitura para um leitor, nem sempre afinado com o “estado da arte”. Segundo os entendidos, um texto atraente é aquele que conta uma história. Daí a razão de Jesus Cristo utilizar, nas suas pregações, a parábola, ou seja, uma história. Esse mecanismo é um excelente estímulo para aguçar e prender a atenção das pessoas. Por outro lado, não possuo as características inerentes a um bom contador de “causos”. Porém, como já trabalhei na extensão rural, escrevi este texto, procurando atender os objetivos especificados acima, buscando evidenciar a minha percepção sobre a instituição, tendo em vista a minha experiência na área. Assim sendo, procurei estruturar a sua composição, obedecendo, ainda que de forma resumida, os seguintes passos:

- a) Origem histórico-política da extensão rural.
- b) O *modus operandi* do dia a dia extensionista, levando em consideração a ACAR-EMATER- MG.
- c) Experiência extensionista mineira numa visão macro.

Contextualização

- A origem e a evolução histórico-política da extensão rural

- a) Período de 1950 a 1990 - Esse período caracteriza o auge da extensão rural no país e, principalmente, em Minas Gerais, tendo em vista a ACAR (Associação de Crédito e Assistência Rural) ter sido criada neste Estado, por influência de Nelson Rockefeller, representante do governo americano junto ao governo de Minas Gerais. O objetivo da instituição era trabalhar em prol de melhorias das condições sociais e econômicas da vida no meio rural, apoiando a modernização da agricultura, inserindo-se nas estratégias voltadas à política de industrialização do país. Rapidamente, foram sendo criadas outras instituições em diversos estados brasileiros que seguiam o modelo da ACAR-MG e ofereciam assistência técnica no meio rural, elaborando projetos de desenvolvimento agrícola para que os produtores conseguissem acesso ao crédito rural subsidiado, principal instrumento de desenvolvimento rural do governo brasileiro entre os anos de 1960 e 1986.
- b) Período de 1990 até os dias atuais - O surgimento do movimento social extensionista, com a democratização do país (Diretas Já), determinou alterações no foco da extensão rural que, além de outros fatos, passou a apoiar o desenvolvimento rural ecologicamente correto, economicamente viável e socialmente justo, ações voltadas

principalmente para os pequenos produtores e assentados rurais, além de novas metodologias de capacitação, alterando o campo de atuação do extensionista, alterações que perduram indefinidas.

- c) A extensão rural na minha visão - Com relação ao primeiro período (1950 a 1990), considerando a visão modernizadora da época, pode-se afirmar que a extensão rural cumpriu sua função: atuou dentro da linha proposta, implantando os “pacotes tecnológicos”, nos quais se destacavam o uso intensivo de insumos químicos e industriais, segundo o modelo na época. Na metade dos anos 1970, pôde-se verificar o auge dessas ações com a criação da EMBRATER e da EMBRAPA, e a consolidação da utilização do crédito rural como instrumento acelerador para se atingir aqueles objetivos. A visão era modernizar o campo. Realmente, houve transformação no processo produtivo da agricultura brasileira. Atualmente, a agricultura brasileira é uma das mais produtivas do mundo. Apesar de todas as externalidades levantadas pelos críticos deste modelo, originadas da modernização conservadora e da aplicação indiscriminada da “Revolução Verde”, a extensão rural foi eficaz em atingir as suas propostas. Saímos de um sistema agrícola importador para sermos um dos principais países exportadores de alimentos do mundo. Atualmente, o agronegócio contribui com 22 % do PIB nacional, empregando 20 % da mão de obra no campo, além de ser o responsável pelo saldo na nossa balança de pagamentos.

Dentre vários fatores, o primeiro que contribuiu para que a extensão rural fosse eficaz em suas ações foi a capacitação pessoal dos seus funcionários. Uma das características fundamentais era trabalhar com pessoas devidamente capacitadas. A capacitação se iniciava na seleção dos candidatos e se prolongava por toda a vida profissional através dos treinamentos em serviço, visando à atualização constante de conhecimento. Outro fator importante para o sucesso da extensão rural, nessas primeiras décadas de sua existência, está relacionado com a estrutura do sistema. Era um sistema harmonioso, integrado, administrativamente autônomo e bem articulado em função dos objetivos, princípios e metodologia de trabalho. Posso citar ainda, a existência de uma cultura organizacional com valores éticos e profissionais altamente internalizados e aplicados por todos os técnicos e funcionários da extensão. Havia uma crença, um compromisso individual e grupal nos valores e missão a serem executados pelos técnicos, ou seja, promover o desenvolvimento agrícola e da comunidade buscando a participação de todas as forças vivas da comunidade. Não se pode esquecer que, naquela época, a extensão rural, especificamente a ACAR-MG, era uma das instituições que mais contratavam profissionais da área de ciências agrárias, principalmente da UFV. Este fato, a meu ver, foi outro que contribuiu para que a cultura organizacional da extensão se mantivesse por um período bastante elástico. A UFV primava entre seus profissionais e alunos, por manter uma postura ética compromissada com os valores morais, onde o “colador” não era bom exemplo. Valorizava-se o compromisso com o trabalho, a ética e o profissionalismo dentre outros fatores que existiam também na extensão. Em outras palavras, os técnicos formados em Viçosa já levavam no seu DNA muitos daqueles valores internalizados pela extensão, catalisando, cada vez mais, aquele amálgama organizacional. Isso permitiu que o sistema cumprisse sua missão durante uma série temporal. Considerando esses fatos, muitos dos colegas, que agora completam seu cinquentenário de formatura, participaram como responsáveis por vários projetos/programas dos quais a extensão rural, naquela época, era a responsável pela transferência de tecnologia para os agricultores. Para confirmar essa premissa e para que não me sinta penalizado pelo esquecimento de alguns nomes e por não lhes emprestar a necessária valoração técnica, deixo de nominá-los, solicitando aos leitores que acessem as suas biografias.

A cooperativa como processo transformador

Maurício Landi Pereira

1 - Introdução

Cooperar significa operar juntamente com alguém, compartilhar, colaborar. Por isso, o cooperativismo é a forma de organização que estimula, simultaneamente, o desenvolvimento econômico e o bem-estar social. Tendo como base a união de pessoas, por ser este seu maior capital, é um modelo de cooperação que prioriza a participação democrática, a solidariedade, a independência e a autonomia.

Por várias razões, cresce cada vez mais o número de cooperativas que se preocupam com uma boa governança e com uma gestão empresarial socialmente responsável. Nos últimos 50 anos, essas questões foram desprezadas ou mesmo negligenciadas e nos fazem lembrar de tantas cooperativas que fracassaram em razão da vaidade humana de exercer o poder pelo poder, prejudicando várias entidades e pessoas. Hoje, essas questões estão sendo definitivamente incorporadas às agendas das organizações, pelo fato de o sócio exigir governança, confiabilidade e sustentabilidade com efetividade. É a grande mudança.

2 - Novos tempos, novas realidades

Vivemos num mundo onde as mudanças estão acontecendo a toda hora, em todos os lugares e à nossa volta. Não temos e nem podemos mais ficar alheios e até mesmo resistentes às transformações, muitas vezes necessárias, que implicam tomadas de decisões corajosas e inovadoras. São essas novas realidades que fazem com que analisemos, à luz da cooperação e da governança, as nossas realidades e se estamos preparados para dar respostas. Para tanto, temos que ter a competência necessária em que conhecimento, atitude e habilidades são fundamentais.

3 - Antecedentes

O nível de atividades das cooperativas vem crescendo nos últimos anos, gerando novas expectativas e demandas. Essa expansão em ritmo mais acelerado, associada à necessidade de ordenamento das prioridades, de excelência na sua atuação, bem como de superação de desafios, conquista de posições e apresentação de resultados, como questão de sobrevivência, tem levado as cooperativas a estruturar seu modelo de governança e de planejamento.

4 - Contextualização

4.1 - Tempo de maturidade

O cooperativismo no Brasil já ultrapassa seus cem anos de existência e nos remete a um tempo de maturidade na construção do nosso futuro, que se inicia pela avaliação do passado. São histórias e experiências que representam e ensinam (Figura 1). É no presente, por meio do pensamento sistêmico e da inovação, que “plantamos” aquilo que esperamos “colher” no futuro.

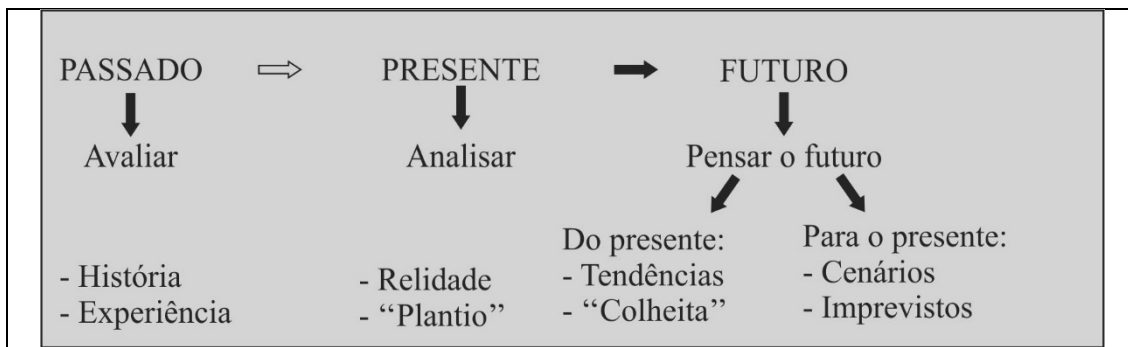


Figura 1 - Construindo o futuro

Mais precisamente nos últimos 50 anos, o cooperativismo evoluiu no ramo agropecuário, notadamente no leite, café, horticultura, consumo, grãos e, sobretudo nos últimos anos, nas cooperativas de crédito, saúde e serviços. Nessa trajetória, ocorreram casos de sucessos como também de amargas derrotas. Tem sido um aprendizado. Entretanto duras mudanças virão com os novos tempos, que influenciarão em muito as organizações, que devem estar preparadas.

4.2 - As grandes transformações

Entre as principais transformações, destacam-se: globalização com abertura de mercado; responsabilidade empresarial-social-ambiental; força do consumidor; e revolução tecnológica.

A) Globalização

Estamos vivendo num mundo onde ocorrem globalizações de ideias, de produtos, de conceitos, de culturas e de situações econômicas, sociais e financeiras. As pessoas ficaram mais próximas. No terreno econômico, a globalização se traduz em aumento de comércio e do fluxo de capital e de pessoas, com avanço da migração. A combinação destes fatores vem gerando uma brutal transformação do mundo e um dos méritos desta globalização é forçar economias a aumentar a produtividade em resposta à concorrência externa, destravando o crescimento. É a busca pela eficiência, quando esta competitividade é operacionalizada pelo aumento de produtividade, redução de custos e aumento de qualidade dos produtos e serviços. Buscam-se a racionalização de recursos, ganhos de escala e, paralelamente, fortalecimento das lideranças em todas as áreas.

B) Responsabilidade empresarial - social - ambiental

Participamos de um momento importante da história moderna: a busca pela gestão sustentável dos negócios, fundamentada nos princípios da responsabilidade empresarial-social-ambiental, que prima pelo equilíbrio dos interesses e das reciprocidades. O objetivo é estabelecer uma sociedade economicamente viável, ambientalmente correta e socialmente justa. Nos últimos anos, esse modelo vem sendo gradativamente incorporado à estratégia das organizações e propõe uma forma sustentável de conduzir os negócios que seja essencial para a saúde do planeta e para nossa própria sobrevivência.

C) Consumidor

A decisão de quem produz o quê, quando e como produzir tem como referência as demandas e preferências dos consumidores, que demandam alimentos mais saudáveis e serviços que satisfaçam. É a busca pelo melhor atendimento e pela fidelização do cliente. Esta mudança comportamental e a nova postura do cliente fiel faz com que as

empresas repensem suas estratégias produtivas e de atendimento como formas de sobrevivência neste mundo competitivo.

D) Revolução tecnológica

O avanço científico e tecnológico das últimas décadas indica mudança no eixo do poder mundial para o domínio do conhecimento. Passamos da sociedade industrial para a sociedade da informação e caminhamos aceleradamente para a sociedade do conhecimento. Conjugando essas mudanças com o avanço dos meios de comunicação, temos um vasto campo para acelerar o desenvolvimento.

4.3 - Tendências do cooperativismo

4.3.1 - Como organização empresarial

4.3.2- Tendências do mercado

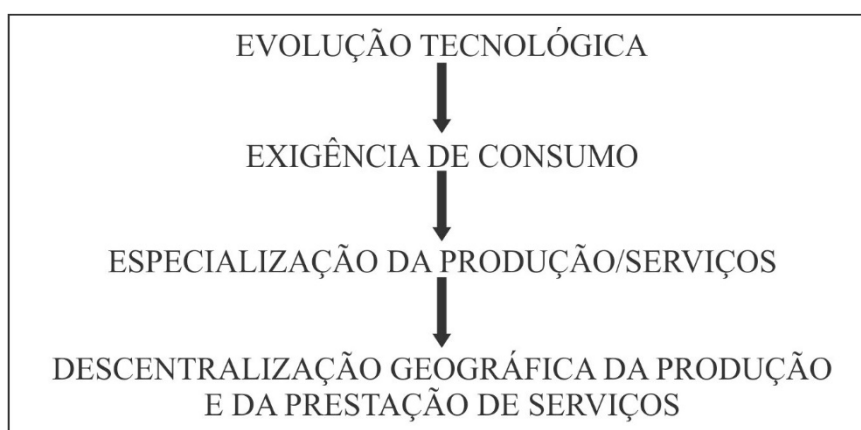
A - Transição de modelos

Transição de Modelos	
Economia industrial	Economia do conhecimento
Empresa individual	Grupamento de empresas
Competição	Cooperação + competição
Produção padronizada	Produção customizada
Ênfase na fábrica	Ênfase no território
Eficiência na empresa	Eficiência coletiva
Adaptação	Inovação

Peter Drucker (1969). Teoria da administração moderna

B - Novos conceitos

A economia atual vem impondo às empresas (cooperativas) a busca de novos conceitos e de novas formas de pensar a organização produtiva, não somente em termos econômicos mas, também, em termos de perspectivas de novos tipos de estruturas organizacionais mais enxutas e flexíveis.



4.4 - O que se espera de uma cooperativa voltada aos interesses dos associados

GOVERNANÇA MODERNA	Aplicação compromissada de princípios de governança corporativa <ul style="list-style-type: none">• Participação igual e efetiva dos cooperados na tomada de decisão, sendo corresponsáveis por suas ações;• Transparência torna-se princípio fundamental para a participação dos cooperados e para irradiar confiança e adesão a todo o sistema.
GESTÃO PROFISSIONAL	Vigor na defesa dos interesses dos cooperados, tomando como base <ul style="list-style-type: none">• Inteligência de mercado;• Emprego de modernas técnicas de gestão e negociação;• Orientação ao mercado;• Ganhos de escala;• Incremento do poder de negociação.

4.5 - Tempo de inovar

As organizações do mercado nascem, crescem e atingem a maturidade. Para evitar a estagnação, o envelhecimento e a mesmice, muitas vezes geradores de crises, é preciso inovar e lançar uma nova plataforma para um crescimento contínuo e sustentável. Inovar não é apenas lançar nova tecnologia, novo produto e serviço. É gerar um diferencial, um novo conceito de negócio/atividade/serviço/organização como opção estratégica para sustentar a competitividade e o crescimento com base nas oportunidades, ameaças e fragilidades. É pensarmos o novo.

5 - Propósitos estratégicos da cooperativa

5.1 - Missão e visão

A responsabilidade da cooperativa, no presente, quanto à sua missão, é a de “representar seus associados, respeitando sua diversidade, promovendo a eficiência e a eficácia econômica e social”. É como se perguntássemos: onde estamos? O que somos? Qual a nossa identidade? E o que fazemos? Já a visão é a de “ser reconhecida como entidade de excelência, promotora da sustentabilidade da cooperativa e da promoção socioeconômica das pessoas que a integram”. Isso significa aonde queremos chegar, delineando diretrizes estratégicas e conquistas factíveis no horizonte da organização sistêmica.

5.2 - Influências sobre os propósitos estratégicos

A cooperativa, na relação com seus diferentes públicos, tanto internos como externos, influencia e é influenciada por fatores quando das decisões que dizem respeito ao propósito da estratégia a ser seguida (Figura 2), como:

- A governança cooperativa e o estatuto (marco regulatório) pelos quais opera a organização. O modo como os órgãos sociais da cooperativa influencia o propósito estratégico por meio de processos formalizados de decisão e ações executivas.
- A responsabilidade social e ética que diz respeito ao modo como a cooperativa supera as obrigações mínimas com seus públicos.
- Os propósitos a serem atingidos. De que modo diretoria e gestores devem corresponder às expectativas da sociedade em relação à organização em termos de responsabilidade social corporativa.



Figura 2 - Influências sobre o propósito estratégico.

6 - Novo modelo de governança da cooperativa

PROPRIEDADE: é o dono participando do processo de construção e de decisão estratégica, o direito de propriedade, por meio de seus representantes eleitos.

GESTORES: são os executivos não eleitos, contratados para propor e operacionalizar estratégias.

As boas práticas de governança devem ser construídas com base na:

- Representatividade - cada diretor eleito oriundo de uma região geográfica e representando cada núcleo, se for o caso;
- Participação - o processo democrático de construção do novo modelo de governança e eleitoral;
- Direção estratégica - ser sistema com base no plano estratégico;
- Propriedade e gestão – busca de competência com a separação da propriedade (dono) dos gestores (executivos contratados); e
- Fiscalização e controle – para proporcionar bom desempenho e efetividade;

As boas práticas se baseiam nos seguintes princípios de governança:

- Transparência, por meio de reuniões, relatórios e fóruns, disponibilizando informações com objetivos de gerar pensamento sistêmico e geração de valor ao sistema cooperativo;
- Equidade no tratamento;
- Prestação mensal de contas e monitoramento; e
- Responsabilidade corporativa - a diretoria bem como o gestor devem zelar pela ordem social e ambiental, pelas leis e pela ética, visando à sustentabilidade.

6.1 - Governança cooperativa na cooperativa

GOVERNANÇA é o modelo pelo qual a organização é dirigida e controlada, visando a assegurar aos donos (proprietários) o cumprimento dos objetivos.

A governança na cooperativa é o sistema pelo qual ela é estrategicamente dirigida, gerenciada e controlada, assegurando aos associados o cumprimento dos objetivos econômicos, sociais e dos princípios cooperativistas.

6.1.1 - Estrutura de poder na cooperativa

ESTRATÉGIA é a orientação e o alcance de uma organização a longo prazo que conquista vantagens num ambiente inconstante por meio da configuração de recursos e competências, com o intuito de atender às expectativas dos proprietários e gestores.

O estatuto da cooperativa, adequado às novas realidades de boas práticas de governança, nos remete ao desenvolvimento de um modelo de atuação sistêmica. Este modelo preconiza a separação estratégica entre os proprietários, donos (cooperados), representados por meio da assembleia, diretoria e conselhos. Da estrutura de gestão representada pela presidência (executivos contratados), que profissionaliza a instituição e busca resultados quanto à representação política e ao desenvolvimento econômico-social. Este modelo preconiza e tem a confiança como seu principal ativo intangível, pois se acredita que “confiança não é apenas fruto da confiabilidade. É, também, raiz da motivação. É a mais alta forma de motivação” Stephen Covey (2005).

6.1.2 - Estrutura funcional da cooperativa

Estrutura funcional é a clássica estrutura organizacional que utiliza a função com o objetivo de definição das áreas de responsabilidades, o que a diferencia da estrutura anterior, ao ressaltar algumas características como:

- Processo eleitoral, diretoria, que por ser democrático abre oportunidades para a participação de todos;
- A composição do conselho diretor;
- A composição da diretoria: diretores efetivos e suplentes, todos eleitos pela assembleia por meio de candidatura (chapa); e
- A diretoria elege/contrata o presidente, que será o principal executivo da organização.
-

6.1.3 - Boas práticas de governança

A - Desenvolvimento dos níveis de governança e suas fases

LIDERANÇA é a estrutura aberta, democrática, comprometida, inspiradora e motivadora. Visa a uma gestão eficaz e eficiente das pessoas para que atinja os objetivos propostos pela organização.

A diretoria e a presidência da cooperativa, dentro do modelo de governança, têm papéis estratégicos e de liderança fundamentais. A experiência e o conhecimento da gestão contribuem para a busca das boas práticas de governança, nos seus diversos níveis.

Para atender os níveis de governança da cooperativa, a diretoria e a presidência deverão:

- Observar, definir e influenciar as prioridades estratégicas da cooperativa;
- Estimular uma perspectiva visionária e estratégica, observando as relações de interdependências entre os diversos componentes do sistema cooperativista e o ambiente externo;
- Assegurar a transparência das informações;
- Assegurar prestações de contas, assumindo as consequências de seus atos e omissões;
- Verificar os processos de desenvolvimento e implementação, controlando a validade das premissas para alcançar marco estratégico e objetivos finais;
- Conhecer e avaliar a estrutura de trabalho das gerências e seus objetivos estratégicos;
- e

- Monitorar para alcançar resultados consistentes de forma sustentada ao que foi proposto no plano estratégico;

Para atender os níveis de governança da cooperativa, é fundamental identificar e delinear as fases que a contemplam quando se tem o papel claro da diretoria e da presidência no desenvolvimento das estratégias.

Quadro 1 - Desenvolvimento dos níveis de governança

Fases		1	2	3	4	5
Órgão	Nível	Criação de valor visão	Desenvolvimento da estratégia	Ratificação da estratégia	Implementação da estratégia	Monitoramento da estratégia
Diretoria	Normativo	X		X		X
	Estratégico		X			X
Presidência (Gestão)	Operacional		X		X	X

*Fonte: Hilb, Martin. A nova governança corporativa. São Paulo: Saint Paul Editora, 2009.

Fase 1 - Criação de Valor

Órgão responsável - Diretoria

É a fase da visão de futuro de longo prazo contida no plano estratégico (o quê? O estágio futuro aonde queremos chegar)

Fase 2 - Desenvolvimento das estratégias

Órgão responsável - Diretoria/Presidência

É a fase do desenvolvimento de propostas com o objetivo de alcançar as bases estratégicas pela presidência, auxiliada pelos gestores contratados e subordinados a ela. As propostas são avaliadas pela diretoria que analisa e critica.

Fase 3 - Ratificação da estratégia

Órgão responsável - Diretoria

É a fase de aprovação das estratégias propostas com responsabilidade quanto aos recursos financeiros e humanos da cooperativa.

Fase 4 - Implementação da estratégia

Órgão responsável - Presidência

É a fase em que a alta gestão converte a estratégia em ação focada e contextualmente adequada.

- Converte, por meio da gestão, as estratégias em ações operacionais;
- Focaliza a atuação do nível estratégico no alcance de resultados almejados;
- Fornece informações oportunas e sistemáticas para a diretoria, bem como para os colaboradores e sociedade;
- Implementa as metas estratégicas da cooperativa;
- Contribui para a correção dos pontos fracos ou estrangulamentos da ação estratégica;
- Identifica projetos, atividades e práticas de gestão potenciais; e
- Assegura o desenvolvimento da gestão empresarial

Fase 5 - Monitoramento

É a fase em que se acompanha e monitora

- Nas reuniões da diretoria, haverá o monitoramento dos indicadores-chave e o progresso com relação aos marcos importantes, de modo a introduzir intervenções apropriadas, caso haja divergência significativa com relação à estratégia aprovada.
- Elaboração de um *checklist* para o desenvolvimento e o monitoramento da estratégia em que a diretoria opere segundo uma cultura de confiança e por meio de uma estrutura efetiva, para que haja uma clara diferenciação entre função normativa da diretoria e as responsabilidades operacionais da gestão.

B - Reuniões dos gestores

- Os gestores se reúnem com a superintendência para um nivelamento de atuação de cada área e o posicionamento com relação às atividades conjuntas; e
- Os gestores se reúnem com a presidência e a superintendência para uma avaliação do andamento do planejamento e análise do relatório mensal, dentro das linhas do monitoramento do mês anterior, como subsídio à presidência para a reunião da diretoria.

C - Reuniões da diretoria - As reuniões da diretoria serão estruturadas para obter maior eficiência, eficácia e efetividade e terão como princípio a análise sistêmica dos resultados do plano estratégico e seguirão uma agenda:

- 1ª - Plano estratégico da cooperativa - relatório mensal de monitoramento;
- 2ª - Assuntos que requerem decisão da diretoria;
- 3ª - Outras decisões importantes sobre assuntos que precisam ser solucionados, para os quais os gestores estão demandando orientação por parte da diretoria.

Palavras finais

Este texto, sem a pretensão de academicismo, é muito mais um ordenamento de ideias, uma conversa com base nas experiências individuais e coletivas, tendo por propósito:

Sugerir ao leitor e, se cooperado for, linhas básicas e desafios para reflexão e debate, que poderão contribuir para o conhecimento, cultura e, quem sabe, influenciar decisões na construção de uma realidade futura tão presente e, mais ainda...

Inovar. Este é o desafio: sermos ousados e saber esperar o inesperado. A mudança aí está. O que fazer?

- Maior sensibilidade para mudança;
- O novo modelo de governança é um fato que vai exigir de todos e de cada um competência, habilidades, atitudes e conhecimentos que motivem uma paixão coletiva, como um ativo intangível.
- Temos que ter foco e disposição;
- A percepção do que é o todo, o conjunto e como funciona;
- Somos criatura, não criador. Aquela não pode ser maior que esta;
- Devemos ter o cooperado como centro. Muitas vezes ele é desconhecido, uma incógnita. Entretanto, sua qualidade de vida depende muito do que nós realizamos como sistema;
- Devemos manter o pé na base, mas sem tirar os olhos do futuro, preservando a visão política e a clareza nas decisões;
- A mudança de atitude aprimora o cultural;

- Sonhar e pensar maior deve ser um desafio constante; e
 - A melhoria do eu aprimora o nós.
- Se acreditarmos, vale a pena.

Documentos consultados

- OCB-2010, Anais do XIII CBC.
- OCB. Plano Estratégico 2009/2013.
- OCB. Modelo de governança da OCB (novo Estatuto), março/2012.
- Fund. D. Cabral. Planejamento Estratégico da Cooparaiso,2000. Anotações Operacionais.
- HILB, Martin. A nova governança corporativa. Saint Paul Editora, 2009.
- JOHNSON, Gerry. Fundamentos de estratégias. Porto Alegre: Bookman, 2011, p 25.
- MINTZBERG, Henry. Safári de estratégia: um roteiro para a selva do planejamento estratégico. Porto Alegre: Bookman, 2010. 392p.
- STEINBERG, Herbert. A dimensão humana da governança corporativa: pessoas criam as melhores e piores práticas. São Paulo: Editora Gente, 2003.
- ZANINI, Marco Tulio. Confiança: o principal ativo intangível de uma empresa. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

Deixem Chico Mendes em paz

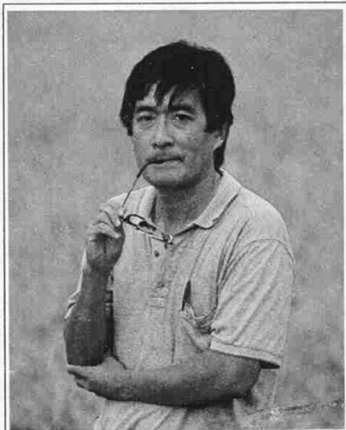
Por Alfredo Homma

No último dia 12 o mundo inteiro voltou novamente as suas antenas para a Amazônia atraído pelo julgamento dos acusados pela morte do líder dos seringueiros Chico Mendes, cujo assassinato emocionou a todos. Uma caravana de artistas, ecologistas, políticos e jornalistas aterrissou em Xapuri, um lugarejo do qual nem mesmo os brasileiros tinham ouvido falar antes da tragédia, para exigir justiça e, de quebra, a salvação da floresta. Teve até transmissão de TV ao vivo para o exterior. Fico um pouco feliz em saber que pelo menos um dos mais de 300 líderes rurais mortos no Brasil nos últimos anos mereça tanta atenção. Mas acho que está havendo uma grande salada entre problemas de justiça, terra e ecologia. E estou bastante preocupado com a difusão do mito Chico Mendes porque está servindo para alimentar uma perigosa utopia ecológica — a do extrativismo como o melhor modelo de desenvolvimento da Amazônia, com a criação de reservas extrativistas, onde os chamados povos das florestas viveriam o seu “nirvana”.

Lamento dizer que isso é pura ilusão, após anos de estudo sobre a extração de recursos naturais renováveis na região. O extrativismo é um retrocesso e só prospera junto a uma mão-de-obra que vive à margem dos avanços tecnológicos. Apesar da queixa dos ecologistas, tenho comparado o modelo extrativista a um carro velho, que não resistirá por muito tempo, mesmo que todas as peças sejam trocadas. O extrativismo da seringueira caminha para a extinção, e o Brasil vai se arrepender de ter investido tanto num carro velho para tentar vencer o prêmio mundial de ecologia.

Muitos seguidores de Chico Mendes embarcaram nesse carro velho para uma longa viagem na máquina do tempo. Voltaram à primeira atividade que o homem conheceu desde o seu aparecimento na Terra. Se os ecologistas tivessem percorrido toda a História da evolução humana, teriam visto que mais de 3 000 espécies vegetais já foram domesticadas para atender ao aumento do consumo. Teriam descoberto, também, que o ciclo da borracha acabou porque um súdito da coroa britânica levou sementes da seringueira para fazer plantios racionais na Malásia. E o Brasil, hoje, é obrigado a importar essa matéria-prima.

O interesse exagerado em torno de Chico Mendes e do extrativismo confunde a opinião pública, a política sobre o futuro da Amazônia e serve como cortina de fumaça para esconder os graves problemas ambientais que o país e o mundo precisam resolver. Problemas graves que estão localizados nas grandes cidades e nos centros industrializados, e não na floresta. Mas a causa dos seringueiros despertou enorme



PAULO JARES

“O extrativismo como modelo de desenvolvimento é uma utopia perigosa”

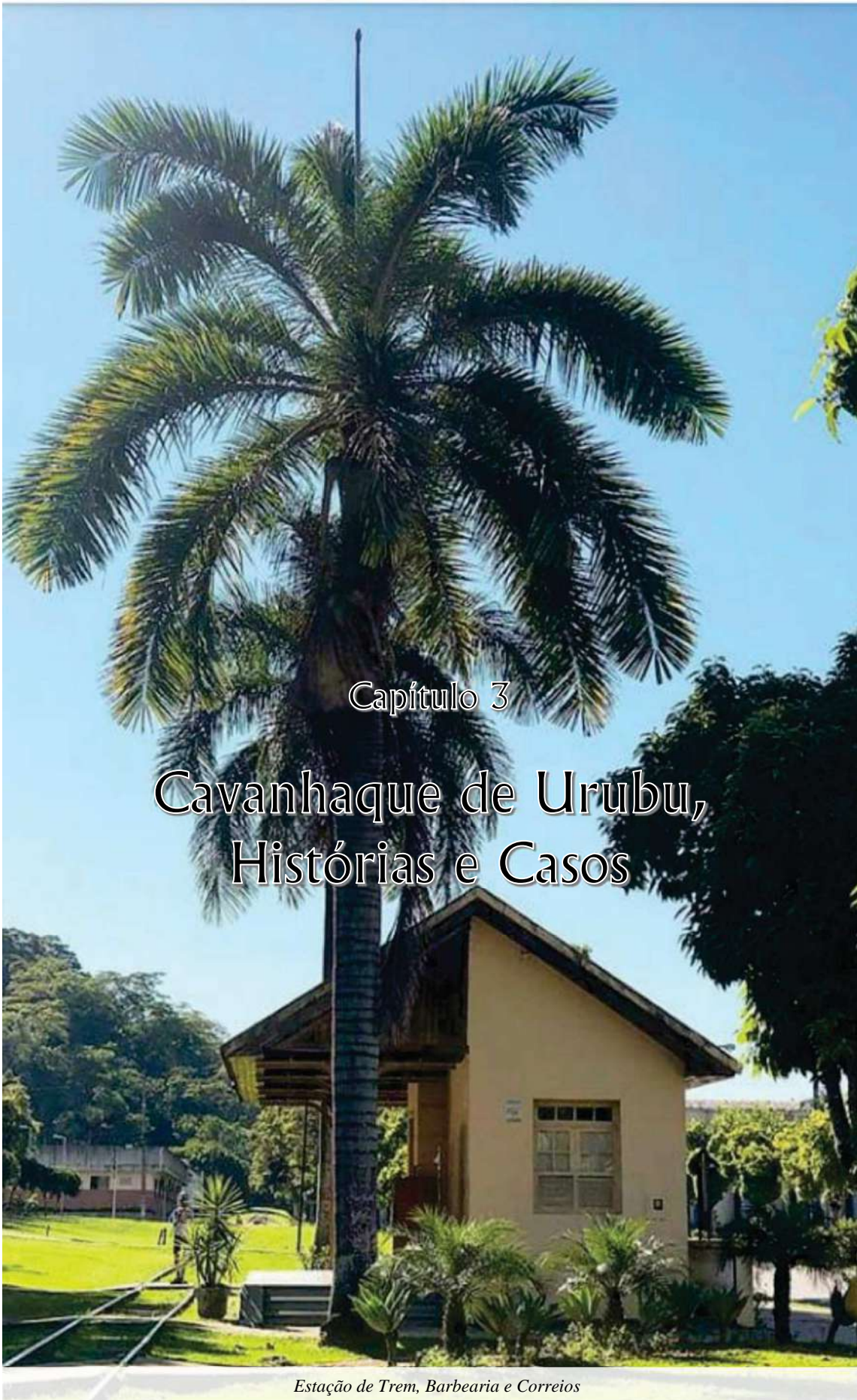
simpatia após a morte de Chico Mendes, e agora tem-se a impressão de que eles são as únicas vítimas da Amazônia. Há todo um contingente de pequenos agricultores, dez vezes superior aos 55 000 seringueiros, entregues à própria sorte, enquanto todas as atenções e recursos são voltados para a causa extrativista. Enquanto os ecologistas fazem suas manifestações, os próprios seringueiros já começam a entender ser inviável viver só da seringueira. Pensam em desenvolver, também, atividades agrícolas, e isso poderá levar a uma “reserva extrativista sem extrativismo”.

Em vez de buscar bases científicas, o movimento ecológico internacional aproveita esse momento emocional do julgamento para sedimentar suas propostas. Em seminários, no Banco Mundial, junto a governos estrangeiros e no Brasil mesmo, eles estão defendendo uma verdadeira anestesia geral na região para suspender tudo o que é subsídio, crédito, preços mínimos, abertura de estradas e assim por diante. Como a ecologia é uma causa nobre, é difícil

escapar desse discurso emocional e ver os interesses escondidos atrás dessa bandeira. Mas o mito criado em cima da tragédia de Chico Mendes vem conquistando corações e mentes em todo o mundo, desde que tomou as manchetes do Natal de 1988. Com o apelo em cima do seringueiro morto, os ecologistas seqüestraram a Amazônia e estão exigindo um resgate volumoso para tocar sua utopia e manter suas entidades, mesmo que a região perca o bonde da História.

A solução para o desmatamento não está na volta do homem à floresta, como querem os ecologistas, e sim em dar atenção às áreas já desmatadas. Essas áreas contam com razoável infraestrutura. Precisamos de soluções tecnológicas para ocupá-las, fornecendo insumo e outras facilidades aos agricultores, com a finalidade de ajudar a alimentar a população brasileira. Destinar a Amazônia ao extrativismo é retirar as opções de desenvolvimento para 16 milhões de pessoas que vivem na região e dificultar a vida dos 150 milhões de consumidores de borracha natural, que vão acabar sacrificados com a continuidade do extrativismo. É inegável, porém, que Chico Mendes chamou a atenção para a importância da questão ecológica na Amazônia, mas acho que o seu mito pode confundir o real destino da região. Se a anestesia geral vingar, que a conta, pelo menos, seja paga pelos países desenvolvidos.

Alfredo Homma, 42 anos, é pesquisador do Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido, no Pará, e vencedor do Prêmio Nacional de Ecologia, da Cia. Vale do Rio Doce, Ibama, CNPq e Petrobrás



Capítulo 3
Cavanhaque de Urubu,
Histórias e Casos

Estação de Trem, Barbearia e Correios



Departamento de Zootecnia



CAVANHAQUE DE URUBU NOS SEUS 40 ANOS

Tarcísio Barbosa

Na UFV, desde sempre, cada turma que entra cria um clube. E essa turma ficava conhecida pelo nome do seu clube. Bafo da Onça, Sovaco de Cobra, dos mais antigos, Escorpião, Alambique, Carrasco, Carcará, Cavanhaque de Urubu, entre outros nomes muito sugestivos. Claro que o mais glorioso de todos foi o Cavanhaque de Urubu, clube referente à turma que entrou em 1967, minha turma, saiu em 1970, e este ano (2010) completa 40 anos. O Cavanhaque marcou

época. Entre outros feitos foi a primeira turma a correr um professor para fora de sala. Simplesmente não o quisemos mais e lhe pedimos que não mais voltasse. Ele tentou voltar, mas desistiu, pois realmente não o queríamos. Não adiantou o diretor ir à sala de aula - ninguém lhe deu bola. Claro que toda a turma, eram duas turmas no primeiro ano, a turma A e B, a turma A perdeu a disciplina e teve que fazê-la novamente no outro ano, 1968. O ano em que o mundo parou, com os eventos de Paris liderados por Cohn-Bendit, o assassinato de Martin Luther King (1929-1968), protestos contra a guerra do Vietnam, o fatídico AI-5, a prisão de estudantes reunidos Ibiúna, entre outros eventos.

Em Viçosa, fui expulso do alojamento por causa de uma grande aprontação.

A tradicional Marcha Nico Lopes de 1967, criada em 1928, em que se criticam a universidade, professores, a política brasileira e outros fatos, foi a última, pois a ditadura proibiu e ela só retornou na década de 1980, com a abertura política.

Outro fato interessante foram os Jogos Universitários de Viçosa, neste mesmo ano de 1967. O Cavanhaque fez uma bagunça tal - muitos fogos, torcida organizada, algazarra - que a Universidade cancelou os jogos.

Naquela época vigia a lei do cinquenta por cento, ou seja, tínhamos provas todos os meses, a célebre semana do cachorro. Por exemplo, um aluno que fazia cinco matérias e fosse reprovado em duas matérias num mês, e no outro fosse reprovado em três matérias, completava cem por cento de reprovação em dois meses, aí ele era jubilado. Sem apelação. Em função deste regime, perdemos um montão de colegas. Eu acho este regime certíssimo, pois atualmente o mau aluno fica empacando lugar de outro um tempão. Em 1968 vieram 12 rapazes da República Dominicana, todos eles caíram na lei do cinquenta por cento e foram embora antes do fim do primeiro semestre.

Perdemos também alguns colegas cuja matrícula não foi aceita pela universidade, pois eram **subversivos**. Na época da ditadura, qualquer líder era considerado subversivo. Haja vista, FHC, Serra e tantos outros. Quem fosse contra o status quo estava marcado. Inclusive, depois de formado, dificilmente entrava no serviço público.

Como recordar é viver, comemoramos com engenho e arte os quarenta anos de formatura sob as asas do Cavanhaque de Urubu. Na sexta-feira, dia 10 de dezembro, tivemos uma confraternização na Associação dos Ex-Alunos. Sábado, às 10 horas, visitamos a árvore da nossa turma, plantada em dezembro de 1970, uma sapucaia, que, hoje, tem uns 90 cm de diâmetro. Está lá firme e bela. Depois, tivemos um churrasco

oferecido pelos Cavanhaqueanos de Viçosa, os nativos, no sítio de uma das nossas colegas e, à noite, monumental baile.

Espero, ainda, comemorar por muitos anos minha formatura e encontrar meus amigos daquela época que, a cada dia fica mais distante. (Texto publicado em 12/2010 em um jornal de Viçosa).

Vamos conseguir!!!

- Coube ao Aloísio Teixeira Gomes a montagem de uma rede de comunicação entre os formandos de 1970, que ganhou força nos preparativos da festa dos 45 anos em 2015. Com auxílio do celular, fone fixo, WhatsApp, E-mails e do efeito *snow ball*, conseguiu conectar parte dos septuagenários, vários depois de quase cinco décadas. Esta iniciativa, com certeza, acrescentou alguns anos de vida a muitos colegas! Ao Aloísio cabe o mérito de ser o grande incentivador e animador dos encontros quinquenais da nossa turma!!!
- José Antônio Obeid fez peripécias digna de *007*, Sherlock Holmes, Hercule Poirot, Simon Wiesenthal (1908-2005), Scotland Yard, FBI na busca de colegas desaparecidos até no exterior. Depois de quase cinco décadas da formatura, não foi fácil localizar o paradeiro de todos os colegas. Seu conhecimento sobre os professores, moradores de Viçosa, seu trânsito na administração da UFV e sua rede de informações foram importantes na reconstituição histórica dos 50 anos.

A conjuntura em pleno regime militar

Como presidente do Diretório Acadêmico Ocília Kummel - DAOK, fui presa no campus, no dia 6 de janeiro de 1969 e levada por um comboio de reluzentes Rurais Willys verde oliva, conduzidas por policiais da DOPS e militares da 4ª RMJF, para a delegacia de Viçosa onde fui interrogada por horas a fio.

As perguntas relacionadas à distribuição de panfletos na UFV, quem os redigiu, quem os distribuiu, quem eram certos estudantes etc.

Acredito que o objetivo era o de que eu caísse em contradição e denunciasse os colegas que eram “líderes” estudantis, todos do Cavanhaque.

Já bastante cansada, fui levada para uma pequena “gaiola”, com um buraco no chão, um colchão e frases na parede: eis uma publicável, “estou aqui por causa da minha maldita sogra”.

À certa hora, chegam a Profa. Lygia de Oliveira Vivian, diretora da ESCD e o Dr. Ari, médico e professor da UFV. Disse-lhes que estava tudo em ordem! Ela, muito nervosa, não queria admitir que eu tivesse que dormir naquela “gaiola”, sem saber por quanto tempo. Consegui enviar-me uma cama com lençóis lindos e engomados.

Porém, não satisfeita, foi aos militares solicitar que eu ficasse sob sua custódia. Disseram-lhe que só se o reitor se responsabilizasse por mim. E ele o fez! Depois dessa briga comprada com os “homens da lei” e de horas de xadrez, fui conduzida à residência da Profa. Lygia por volta da meia noite. Lá permaneci sob escolta policial por um pequeno tempo e, depois, liberada para o alojamento feminino, com restrição de participar de grupos e reuniões, e com a permissão de dedicar-me apenas aos estudos.

Fiz minha prova de 2ª época de bioquímica e passei. Graças a Deus!

Sou infinitamente grata ao Reitor Dr. Edson Potsch Magalhães (*in memoriam*) e à nossa diretora Profª. Lígia de Oliveira Vivian (*in memoriam*), pelo que fizeram e pela confiança que depositaram em mim! Estão em Paz, no descanso Eterno. **Lúcia Aarão Marques.**

Os estudantes, em sua maioria, eram contrários ao regime militar, eu inclusive. Fazíamos protestos, pichações, reuniões, passeatas, comícios e mais coisas contra o regime. Certo dia, o quarteiro da 4ª Seção chegou com a informação de que os diretórios DAAB e DAOK haviam sido tomados por policiais do DOPS e da 4ª RMJF, à procura de alguns estudantes e documentos.

Como labutava na política estudantil coloquei a barba de molho. Era o representante eleito dos estudantes junto à egrégia congregação dos professores, mas impedido de assumir pelo diretor da ESA, o Prof. Geraldo Martins Chaves, por ter dependência de uma matéria curricular. Acho que era desculpa por viver diuturnamente lhe aporrinhando a paciência com reivindicações de toda sorte, inclusive quando da expulsão do colega Fábio Marcial Andrade Cunha, o Martírio. Eu era do Departamento de Assistência ao Universitário (DAU), órgão do diretório e era raro o dia em que não aparecia na diretoria da ESA para solicitar algo. Implorei ao Dr. Chaves pela manutenção do Fábio. Em vão.

Com a notícia dos policiais no campus, dediquei-me à queima de tudo que nos pudesse comprometer e, pasmem, fui procurado pelo diretor Chaves para dizer-me do perigo iminente de ser preso e que eu decidisse o que fazer. Disse ainda, que ele e o reitor haviam recebido o comunicado da ocupação do campus há pouco. Corria à solta no país notícias de desaparecimento de estudantes detidos pela polícia política. Fiz algumas orações, recorri a Maria Concebida, que minha mãe grande devota dela me ensinara a amar desde criança e resolvi ficar.

Fomos pegos pelo agente policial, eu e Manoel Vieira e levados à reitoria. Lá, na presença do reitor Potsch o interrogatório se prolongou até a madrugada. Perguntas feitas às 18:00h foram repetidas às 2:00h da madrugada, creio eu, para verificarem contradições. Abro parênteses para dizer que somente depois de longo tempo atentei para o fato de que a *blitz* policial visava à prisão dos nossos colegas Edmundo Magela Carneiro e Gildásio Westin Cosenza, esses sim, militantes políticos. Perguntavam: “você conhece o Gildásio? E o Fábio? É amigo deles? Qual a posição política deles? Pode nos informar o paradeiro de ambos?” (O Edmundo estava escondido dentro de um cafezal e o Cosenza escafedeu-se sem deixar rastros). Disse e repetia que os conhecia, eram meus colegas e quanto aos demais itens, não tinha conhecimento, pois minha preocupação sempre foi a melhoria de condições para os universitários: alimentação, saúde, alojamento, bolsa alimentação etc. etc., o que era confirmado pelo reitor, que insistia em dizer que eu sempre o procurava para tratar dos assuntos acima citados.

Num dado momento, o agente policial tirou do bolso um panfleto descendo o pau nos militares e conclamando os estudantes a reagirem contra o regime. Perguntou-me: “você tem conhecimento deste panfleto?” Arrepiei-me todo, pois fora eu e o Bernardino Vaz de Melo Azeredo, o Cloaca, que os distribuía. Respondi que sim, mas não tinha conhecimento de quem o elaborara e os distribuía. Após um lanche e já em outro local do campus, lá pelas tantas da madrugada, ouvi o resmungar de um dos agentes: “Edmundo... Gildásio... deixa estar... ainda que estejam no inferno, vamos colocar as mãos neles”. E sem conseguir nada que nos incriminasse, os policiais insistiram para que eu e Manoel entrássemos em sua viatura para nos conduzir ao alojamento. Novamente, o reitor interferiu: “os meninos vão comigo”. Despedimo-nos cordialmente e levei um pontapé no traseiro acompanhado da carinhosa frase dita pelo agente policial: “bom dia! Vai tomar no c(*) seu comunista vagabundo”. Ainda me recordo do coturno preto e da dor sentida até hoje.

Eis o resumo do amável encontro com os policiais, quando eu achava que estava no caminho certo e hoje vejo que não era bem assim. **Geraldo Antônio Ferreira.**

- A frase “*Brasil, ame-o ou deixe-o*” era veiculada nas rádios e TV preto e branco durante o governo Emílio Garrastazu Médici (1969-1974). Esta frase hoje tem outra conotação. “*Eu te amo, meu Brasil*” foi o título de uma música composta pelo cantor Dom, dos irmãos Dom (Eustáquio Gomes de Farias, 1944-2000) & Ravel (Eduardo Gomes de Farias, 1947-2011) encampada pela ditadura militar. De Geraldo Vandré, a música “*Vem, vamos embora, que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora, não espera acontecer*”, lançada em 1968, tornou-se o hino de resistência do movimento estudantil, que fazia oposição à ditadura durante o governo militar.

Anos de chumbo foram os idos de 1967 e 1968. Durante esses anos, nossos colegas Fábio Marcial, Gildásio Cosenza e Edmundo Magela Carneiro (Jasmim) eram os mais ativos, os chamados na época “agitadores” e, por isso, monitorados pelo DOPS. Depois de uma campanha muito agitada, no início de 1968, o Jasmim foi eleito presidente do diretório e, então, ficou mais visado pela polícia. O professor Antônio Fagundes de Souza ministrava a disciplina comercialização rural, quando um agente da DOPS assomou à porta e perguntou por Edmundo Magela Carneiro. A sala ficou em silêncio glacial. Fagundes manteve a calma e, com a maior tranquilidade, devolveu a pergunta para a turma: “- o Magela está presente na sala”? “- Não”! Respondeu a turma. Esta característica ganharia a admiração da turma e o levaria depois a assumir a reitoria da UFV por três vezes, a UFOP e deputado estadual, responsável pelas grandes transformações efetuadas.

Fechada a porta e passados poucos minutos, Edmundo levantou-se, pediu licença, e saiu pela porta. Esta foi a última vez que vimos o Edmundo em Viçosa. Pensei até que ele pudesse ter “subido”.

Passados cerca de 16 anos, lá por 1984, estava eu em uma chácara de amigos nos arredores de Goiânia e jogava sinuca com meu cunhado Renato. De repente, entrou alguém pela porta do salão e Renato me dice: “JBC, deixe-me te apresentar um vizinho do Sr. Paulo”. (Sr. Paulo era o dono da chácara, sogro do Renato).

Virei e qual não foi minha surpresa ao ver o Edmundo ali vivo, na minha frente.

Depois de passado o susto, ele me contou sua história. João Bosco de Carvalho.

- Voltava do PF barato da cidade por volta das 19:00 horas quando se dirigiu à biblioteca do DAAB para dormir. Era o local em que o pessoal do Terceiro Mundo se recolhia. Quando adentrou o prédio novo, no escuro, foi agarrado por um agente do DOPS pelo pescoço e levado para a biblioteca, cuja porta estava arrombada. Trêmulo, pois a sensação que tinha era que todo o esforço de estudo fora em vão e iria ser preso. Na biblioteca, estavam Geraldo Antônio Ferreira, o reitor Edson Potsch Magalhães (1914-2008), Cid Martins Batista e outros. O reitor mandou liberar, afirmando que não era subversivo.

A vinda do pessoal da DOPS decorreu de um panfleto divulgado para os candidatos a vestibular na época. Este panfleto foi datilografado no DAAB e impresso em stencil a álcool. **Alfredo Homma**

- Congresso da UNE em Vinhedo, SP, com o colega Gildásio Westin Cosenza. Alguém nos denunciou e nosso nome foi para os arquivos do Exército. Em 1968, o congresso foi em Ibiúna. Não fui a ele por causa de compromissos contratuais de serviços assumidos em Viçosa (o nissei Tanajura foi no meu lugar). O Gildásio foi preso, pois o Exército invadiu o local do Congresso. Acho que o Edmundo Magela também, não tenho certeza. Mas a história continuou. Na virada de 1968/69, estava em Viçosa para uma prova de segunda época com o Braga. Era período de vestibular e trabalhamos a noite toda no DAAB, produzindo material mimeografado contra a ditadura militar, para distribuir aos vestibulandos. Demos azar porque, de novo, apareceu o Exército. O Gildásio foi preso novamente e sumiu por uns tempos. O Edmundo escondeu-se no mato

e o Sérgio Mello levava comida para ele. Sumiu e só apareceu anos mais tarde em Goiânia. Eu e ele não estávamos na distribuição do material. Perdemos, assim, o convívio de dois colegas. Talvez alguém tenha mais detalhes, principalmente sobre o episódio em Viçosa. Nunca conversei sobre esses acontecimentos porque era perigoso. Edmundo e Gildásio foram sempre grandes amigos. Gostaria de revê-los.

Ato Institucional 5 (AI-5) foi o quinto de dezessete grandes decretos emitidos pela ditadura militar nos anos que se seguiram ao golpe de estado de 1964. O AI-5, o mais severo de todos os Atos Institucionais, foi emitido pelo presidente Arthur da Costa e Silva (1899-1969) em 13 de dezembro de 1968.

Entramos e saímos com Israel Pinheiro (1896-1973) no governo Minas Gerais (1966-1971). Quando entramos, o Brasil era governado pelo Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco (1897-1967) e terminamos com o General Emílio Garrastazu Médici (1905-1985).

Fábio Marcial Andrade Cunha, de Uberlândia, fazia parte do movimento estudantil e se filiou à Ação Popular (AP). Ele foi uma das vítimas dos anos de chumbo, tendo perdido o ano. Faleceu num desastre automobilístico em sua terra. Entre o período de 1976 a 1977, esteve em Belém e São Luís.

Prof. Edson Potsch Magalhães teve uma atitude magnífica quando da prisão da Lúcia Aarão Marques, juntamente com Prof^a. Lygia de Oliveira Vivian (1969-1973). Ele como reitor e ela como diretora de ESCD. Convenceram os militares de que ela não era ameaça à lei e à ordem. Desta forma, responsabilizaram-se por ela, passando a hospedá-la por vários dias em casa da Prof^a. Lygia, o que a livrou de ir presa para o Quarto Exército de Juiz de Fora. **Batuíra**

Política Universitária

- A turma de 1970 começou a fazer parte da política estudantil no DAAB em 1968.

Presidente: Fernando Antônio Rodrigues;

Vice-presidente: Paulo Mota Ribas;

Secretário geral: **Gildásio Westin Cosenza**;

1º Secretário: Afonso Peixoto Magalhães;

Tesoureiro geral: José Tarcísio Lima Thiébaud;

1º Tesoureiro: Geraldo Antônio Ferreira.

Conselho deliberativo: Antônio Fernandino Castro Bahia, Carlos Henrique da Silva Novita, **Edmundo Magela Carneiro**, Fábio Zenaide Maia, Guilherme Emílio Simão e **Humberto de Melo Carneiro**.

Suplentes: José Anilton Dias Vieira, José Belizário Valadares e **Luiz Cláudio Gallerani Penedo**.

Secretarias: Identificação universitária, **Pedro Salgado Brandão**; Intercâmbio com o DCEAB, **Fábio Marcial Andrade Cunha**; Intercâmbio com ex-alunos, **Morethson Resende**.

- Diretório Acadêmico Arthur Bernardes (DAAB):

Presidente: **Edmundo Magela Carneiro**;

Vice-presidente: João R. de Aguiar;

Secretário geral: Roberto Bressan (Carcará);

Secretário: Manoel Vieira;

1º Tesoureiro: **Alencar de Campos Valadares Filho**;

2º Tesoureiro: **Rolf Puschmann**.

- Diretório Acadêmico Navarro de Andrade (DANA):

Presidente: **Humberto Ribon Neto**;

Vice-presidente: Carlos A. Garcia;

Secretário geral: **Jarbas Yukio Shimizu**;

Tesoureiro: **José Luís Pereira de Rezende**.

- Diretório Acadêmico Ocília Kummel (DAOK):

Presidente: **Lúcia Aarão Marques**;

Vice-presidente: **Lenina L. Carvalho**;

Secretária geral: **Sonia Carvalho**;

Secretária: **Eliete Mortimer**;

1ª Tesoureira: Maria A. Guimarães;

2ª Tesoureira: **Eliana Carvalho**.

- Revista Seiva:

Diretor geral: Francisco Manoel Pires Barcellos;

Coordenadoria Técnica: **Alfredo Homma** e Armando Corrêa Parente;

Redatores: **Evode José dos Santos**, Adão Antunes Queiróz e Donato Pereira da Luz;

Tesouraria: **George Henrique Kling Moraes**;

Assinaturas: Adão Antunes Queiroz, Hilton Ney Gaiva;

Publicidade: **Deonésio Moreira da Silva**;

Circulação: Roberto de Moraes Miranda, Itamar Oliveira, Frederico Fontana.

Primeira Diretoria do Clube Cavanhaque de Urubu, eleita no dia 06/05/1967:

Presidente: José Flávio Correia Primo (Ceará);

Vice-presidente: Mercial Lima de Arruda;

1ª Secretária: Ana Maria Siqueira Resck;

2º Secretário: Giovani José de Carvalho;

Tesoureiro geral: Renato Ladeira Costa;

1º Tesoureiro: Luís Cláudio Penedo;

2ª Tesoureira: Helena Yoshiko Shimizu.

Aurélio Augusto de Souza Filho era um entusiasta em novidades. Ajudou a montar um programa na Rádio Montanhosa, intitulado “Universitários no Ar”, que ia ao ar aos sábados após o almoço. No primeiro programa, a cidade praticamente parou para ouvir o que os urengiamos tinham a dizer sobre a administração da Universidade e dos professores. **Paulo Rogério Canabrava, Ilídio Dyrceu de Almeida Carvalho**.

Tempo, memórias, lembranças ...

- Seu Zé do Correio ficava na estaçãozinha de trem ao lado da piscina, onde também ficava o barbeiro. Nos tempos do pré-celular, é difícil dimensionar a importância do carteiro. Trazia sonhos, esperanças e tristezas! A gente chegava lá após a chamada das cartas e perguntava para ele: “*Chegou carta para mim*”? E ele, carinhosamente, respondia: “*Hoje não, amanhã chega*”!! E do Seu Niquinho da Piscina! Outra grande figura. A gente ainda fazia uma fezinha com ele no jogo do bicho e, às vezes, até defendia um PF no Tião Milagres. **Ilídio Dyrceu**.

- O barbeiro da estação ferroviária fazia um corte militar padrão que condizia com a mesada.

- O leitor de cartas da semana - quando o carteiro chegava com a bicicleta, havia um locutor de cartas que lia os nomes dos destinatários e cada um ia pegando a sua.
- *Disparada, A namoradinha de um amigo meu, Calhambeque, Parei na contramão, Quero que vá tudo pro inferno* etc., eram as músicas de sucesso.
- Roberto Carlos, Wanderléia, Erasmo Carlos, Sérgio Reis, Ronnie Von, The Fevers, Renato e seus Blue Caps, Vanusa, Celly Campelo, entre outros. Não podia haver conteúdo político. **Homma.**
- *A noviça rebelde, O planeta dos macacos, 007 a serviço de sua Majestade, Perdidos na noite, O bebê de Rosemary, Dólar furado, Lawrence da Arábia...* grandes filas nos sábados e domingos no Cine Brasil.
- Filmes ou revistas da década de 1960: Tarzan, Zorro, Jim das selvas, Cavaleiro negro, Durango Kid, Monte Hale, Hopalong Cassidy, Randolph Scott, John Wayne, Kirk Douglas, Victor Mature, Jerry Lewis, Mazaropi, Oscarito, Ankito.
- Em Jataí, as matinês eram aos domingos, às 10 horas da manhã. No cardápio, Tarzan, Jim das selvas, Cavaleiro negro, Zorro, Durango Kid, Monte Hale, Hopalong Cassidy, Randolph Scott, John Wayne, Kirk Douglas, Victor Mature, Jerry Lewis, Mazaropi, Oscarito, Ankito e outros menos votados. O preço do ingresso era 0,50 moedas da época. Eu trabalhava numa serraria e ganhava um Duque de Caxias (valia duas moedas) por semana. Tinha 8 aninhos. Era muito feliz. Trabalho infantil não era crime.
- Coisas do tempo: Absorventes Modess eram vendidos embrulhados com papel pardo na CEAPUL; barbeador com lâmina Gillette, qualquer descuido um corte; creme dental Kolynos, sabonetes Lifebuoy e Eucalol, desodorante Avanço, tênis Conga, sapato Vulcabras etc. Memoriol na farmácia da cidade. **Batuíra**
- Muito comentado foi o desmaio do Humberto de Melo Carneiro durante o show do Jerry Adriani (1947-2017) no refeitório, que era utilizado para eventos dessa natureza. Nessas ocasiões, não havia jantar. **Alexandre Aad**
- Os tempos mudaram. Nossos filhos, quando passavam no vestibular, já exigiam como recompensa um carro. Marcos Joaquim Matoso foi o primeiro a aparecer com um fusquinha no último ano de graduação.
- VW Fusca: o patinho feio caiu no gosto do povo, virou sinônimo de robustez e ganhou apelido que se tornou nome. Internamente era refrigerado através do quebra-vento e era o sonho de consumo dos graduandos. Aero-Willys: sonho de consumo da classe média, impunha respeito por onde passava. Fabricado de 1960 a 1971. O lendário Jeep Willys da II Guerra Mundial era o símbolo da extensão rural no país.
- Nas férias de final de ano, a piscina do DAAB ficava repleta de filhos e familiares dos professores. Não havia clubes naquela época. Para o pessoal do “Terceiro Mundo”, era um inconveniente. Mesmo com o perigo das rondas, alguns nadavam à noite de forma silenciosa para se refrescar. **Homma.**
- Outro fato que marcou nossa turma foi o incêndio no alojamento do Agro. A turma estava quase toda no DAAB fazendo chacinha e outros estudando na biblioteca. O

Edmundo Magela Carneiro estava estudando no alojamento com o radinho ligado ao lado e só percebeu o que ocorria ao seu redor quando a Rádio Montanhesa de Viçosa noticiou o fato. Saiu apavorado em disparada. Depois do incêndio, fomos todos morar na fazendinha. **Ilídio Dyrceu**

- Coincidências: O caderno organizado, o Fusca 71, a Soja UFV 1 e a sogra de aluguel. Durante o curso, o Carlos Sedyama, que seria futuro reitor, emprestou-me várias vezes seus cadernos organizados para estudar em vésperas de provas. Em 1971, comprei do Borges, em Viçosa, meu primeiro carro. Era um Fusca 71, placa GV 0185, que pertencera ao Tuneo Sedyama (irmão mais velho do Carlos). Mais tarde, na Agroceres, soube que o Tuneo Sedyama foi um dos pais da soja UFV 1, que revolucionou o agronegócio brasileiro (até então, soja era uma cultura não apropriada para nosso clima). Como se não bastasse, o Carlos começou a namorar e se casou com a Beth que, estudando em Viçosa, morava na casa da minha família. Minha mãe tornou-se, assim, sua sogra de aluguel. Belas coincidências! **Batuíra.**
- Meio século depois, vou desfazer o mistério. O Ronaldo Pedrosa Gomes e o Oclécio Rodrigues Ferreira estavam no pomar, à noite, colhendo umas ponkans para subsistência. Foram o Geraldo Antônio Ferreira e o Ernani de Moraes Peloso que vestiram uma capa semelhante à das rondas (similar à do Zorro), apareceram de bicicleta e passaram um cagaço danado na dupla. **Ronaldo Gomes**
- O Presidente da Comissão de Trotes, em 1967, foi Nilson Lomeu Bastos, da turma do Berimbau (1965-1968). O objetivo do trote era tratar os calouros como burros e ridicularizá-los para promover a integração. **Homma.**
- A “Furiosa”, banda de música da UFV, localizada em uma casa que ficava no sopé do morro em frente ao atual Supermercado da Funarbe, quebrava o silêncio tranquilo da época depois do expediente da tarde. **Homma.**
- Dia do Soldado, em 25 de agosto, era motivo de comemorações, quando os rapazes da agronomia (pica-fumo) e da engenharia florestal (pica-pau) iam confraternizar à noite, adentrando a madrugada, no alojamento das estudantes de economia doméstica (pica-couve) para saudá-las pela passagem da data. Havia apenas três cursos superiores. **Obeid.**
- Sobremesa era goiabada com queijo, doce de leite ou laranja - A turma ingeriu Q-Suco (sobra do refeitório) misturado com *água que passarinho não bebe* e resolveu tomar banho na Piscina do Prefeito (chafariz que havia na Praça Silviano Brandão). Houve voz de prisão e o grupo foi levado para a cadeia (que ficava no Muzungu), num dos dois táxis que havia na cidade. Acho que era o do Zé Pataro. Como não cabiam todos os bêbados no táxi, alguns foram a pé em solidariedade. O Geraldo Antônio Ferreira conhece bem essa história. **Batuíra.**
- O Delegado obrigou todos a contar aos pais por carta. Na resposta dos pais, todos disseram para não andarmos em más companhias. **Ronaldo Gomes.**
- E a rapadura do Humberto de Melo Carneiro? Era igual à goiabada que minha saudosa mãe mandava para mim. Comia tudo de uma vez. Numa dessas ocasiões, tiraram os pinos da porta do armário do Inflação e comeram toda a rapadura que trouxera. Na

viagem seguinte, ele trouxe rapadura com cutieira no lugar do amendoim. Aí, o pessoal atacou seu armário, novamente. Ele entrou no banheiro de cima, trancou a porta e desceu pelo cano de 100 mm; entrou no de baixo e trancou também. Quando começaram a passar mal e recorreram aos banheiros, as portas estavam fechadas; daí algum tempo, muitos só livravam a cama e expelir os jatos. Alguém baixou no hospital. Quando o Sr. Rocha chegou cedo, deparou-se com um único lodaçal que ia da beira das camas até a porta do banheiro. E no tumulto o Humberto pulava batendo nas pernas e gritando: come mais putada; por sorte, eu não tinha comido e nem participado da pilhagem da rapadura. **Júlio.**

- No dia 08/04/1967, ocorreu a diplomação dos calouros com o título de Burro ou Burra Amestrado(a), seguida da Marcha do Nico Lopes, no sábado. Era o fim da discriminação entre os Augustíssimos (Veteranos) e os Calouros, que não mais precisavam bater continência nos trotes (Coruquerê). **Homma.**
- A Biblioteca Central era um esqueleto projetado para dois andares. Era lá, em uma das laterais, no meio do lamaçal da construção, que os Augustíssimos nos obrigavam a fuçar como se fossemos suínos. Sequestrados após o almoço de sábado e em cativeiro privado, os calouros eram obrigados a engraxar meia dúzia de pares de sapatos. Como recompensa, às vezes, as famosas “marretas”. O problema era ser sequestrado novamente logo que deixava o cativeiro anterior. **Homma.**
- Recordações da época: Revistas Sétimo Céu, Capricho, Chiclete Adams, Ping Pong, Leite de Magnésia, enceradeira, baladeira, Maisena, Drury's, Rin Tin Tin, Zorro, Bonanza, Ferro a carvão, Toddy, Nescau, copo sanfona, pomada Minâncora, Biotônico Fontoura, pirulito, pote e moringa de água, Leila Diniz etc. **Batuíra.**

Cotidiano universitário

- Na época da nossa graduação, ter uma bicicleta era sinal de riqueza, tal qual hoje os universitários exigem um carro dos pais. Outro era trazer doces de casa depois das férias ou feriados. Ronaldo Pedrosa Gomes era um desses privilegiados. Certa feita, trouxe uma goiabada caseira de Varginha e trancou no armário e, provavelmente, o José Luiz Pereira Resende foi o autor do arrombamento. **João Bosco e Renato.**
- O roubo das guloseimas fazia parte da rotina universitária.
- O Ronaldo Pedrosa Gomes, Oclécio Rodrigues Ferreira, Francisco de Paula Castro Filho e Rodrigo Otávio M. de Sousa caçaram e limparam 20 rãs e deixaram na geladeira da lanchonete. O Sérgio Pereira de Mello e Renato Ladeira Costa apanharam as rãs e as degustaram. Como vingança, os caçadores foram ao quarto deles e deram nó nas roupas de cama e fizeram várias outras estripulias. **Ronaldo Gomes.**
- Às 18:30h de um dia do distante 1963, ao som das duas primeiras badaladas que ouvi do relógio sino da Matriz, apeei da Maria Fumaça na estação ferroviária. Era o fim da viagem de Jataí a Viçosa, que durara três dias e duas noites. Tinha 15 anos e viera fazer o vestibular para o agrotécnico. Fiquei na pensão da D. Lourdes, onde já estava o Eurípedes Barsanulfo. Ao entrar na pensão, vi um rapaz magro estudando. Saímos para jantar e dar um “rolê” na cidade, inclusa a primeira volta na praça (mulheres no sentido horário, homens no anti-horário). Voltamos e lá estava o moço estudando. Acordamos

cedo para explorar a cidade e conhecer a Universidade. O quê? Lá estava o sujeito na mesa, de novo. Não me contive e perguntei: “deitou-se tarde e já de manhã estudando”? Ele sorriu amavelmente e disse: “eu dei uma viradinha”. Fiquei perplexo. Nunca vira isto. Para piorar, apareceu um outro fulano na pensão com um problema de matemática esdrúxulo que, segundo ele, cairia na prova. Começava mais ou menos assim: “*eu tenho o dobro da idade que tu tinhas, quando eu tinha a idade que tu tens...*” Nem o rapaz que estudava muito conseguiu resolver. Praticamente desistimos de estudar. Por uma semana, ficamos passeando, sem pegar nos livros. Aí começou o cursinho preparatório, com Guy Capdeville, Zé Boquinha, Viggiano e outros professores dos quais não me lembro. Pegamos ritmo e chegamos a estudar de 10 a 12 horas por dia. O rapaz que “virava noite” era nosso guia, um verdadeiro CDF. Tirava todas as nossas dúvidas. No dia do resultado do vestibular, o primeiro trote. Um senhor de blazer e gravata leu o nome dos quarenta aprovados. Havia muitos candidatos em frente ao Prédio Principal e ninguém teve o nome citado. Foi uma comoção geral. Ao que o referido senhor tirou o blazer e gritou: “é trote, calourada burra”. Era o Necrotério, um estudante de agronomia, que fez uma lista com nomes fictícios. Em seguida, veio o trote pior, a pá de cal nas nossas pretensões. O Cidão começou a ler a lista dos aprovados de trás para frente. E lá, em quadragésimo lugar, o CDF, nosso guia, o virador de noites, Ilídio Dyrceu de Almeida Carvalho. Sem esperança, ouvimos a lista de aprovados. Apareci em 28 e o Eurípedes Barsanulfo em 18. Mas isso é outra história. **Batuíra.**

- O resultado do vestibular saiu numa tarde de sábado de janeiro de 1967, através de uma lista pregada no Prédio Principal. **Batuíra.**
- Em tempos pré-xerox, as “*marretas*” eram provas dos anos anteriores que eram repassados pelos veteranos e representavam uma “*pedra de roseta*”. Permitiam entender o estilo da prova, a personalidade do professor e orientar os rumos do estudo. Essas marretices inspiraram o filósofo José Tarcísio Barbosa a escrever no Informativo do Cavanhaque o seguinte texto: “de tanto ver crescer a falta de didática; de tanto ver triunfar as marretas; de tanto ver as notas se acumularem nas mãos dos coçadores; o cavanhaqueano chega a zombar da teoria, a rir da preocupação e a se envergonhar de consultar apostilas complexas”. Em tempo, o nosso filósofo Mauro Megale tinha uma máxima: “em cada professor, um inimigo”. Hoje, quando conto essa para os meus netos, tenho que explicar que era só para alguns professores, pra eles não generalizarem em seus colégios. **Batuíra.**
- “*Dá a luz, Bimbinha*”, gritaria que ecoava nos alojamentos quando ocorriam os apagões. Não se sabia qual a origem dessa designação. Obs. O Bimbinha era o responsável por gerenciar a parte de eletricidade da universidade.
- Deonésio Moreira da Silva tinha um rádio portátil Philips, que era a sua mascote. Era com este rádio que ouvíamos as notícias do Repórter Esso (1968) e a Voz do Brasil depois do jantar.
- Vai uma história do Hermeval Guerini. O Deonésio era escrupuloso e asseado. Aniversário de Guerini, ele chega ao quarto com uma boa porção de bolo, dizendo que uma família amiga da cidade tinha feito para ele. Deonésio se fartou, aí Guerini deu a versão certa: feito por Maria Laura, sua amiguinha do Muzungu. Deonésio vomitou até as tripas. **Júlio.**

- Missa de domingo do padre Antônio Mendes (1914-2002). Os familiares dos professores e funcionários passando em frente ao alojamento velho. O Francisco Manoel Pires Barcellos (1969), da janela da Primeira Seção, com um telefone preto dos antigos falando de forma imaginária com o Reitor Edson Potsch Magalhães (1914-2008) com grande intimidade e bem alto. O Chico Anísio (1931-2012) deve ter copiado dele para fazer a personagem Salomé.
- Outra vez, o Francisco Manoel Pires Barcellos (1943-) fez uma boa. Numa sexta-feira, ele colocou uma lista com as notas de fisiologia vegetal pregada no mural do diretório. Notas boas apenas para aqueles que não se importavam muito com estudo, uns com notas mais ou menos e, a maioria, com notas baixas. Colocou como se fosse o Prof. Moacyr Maestri. Detalhe: quem quisesse reclamar, somente no sábado e domingo pelo telefone da casa do Prof. Maestri. Imaginem quão amável foi o Prof. Maestri! **Paulo Fontes.**
- Num Domingo de Páscoa, após a missa, o Padre Mendes foi almoçar conosco no restaurante. Na saída, tinha o cafezinho e havia fila para cada um pegar o seu, na máquina. O Humberto e mais dois estavam na fila na frente do Padre Mendes. Ao beberem, falaram bem alto: “que café frio”!!! O Padre Mendes, após aqueles comentários, levou o café à boca descuidadamente. Acontece que a bebida estava muito quente e queimou-lhe a boca. Ele vociferou: “seus ffff...filhos deDeus, cuidado com suas palavras”!!! Padre Mendes ficou vermelho, mas, ao ver o riso em volta, exclamou: “feliz Páscoa a todos e que Cristo abençoe suas palavras”! **Derli.**
- Festa Anual do Milho em Patos de Minas. Os terceiranistas no ônibus da UFV e Donato Pereira da Luz apareceu de batina. Primeira parada em Ponte Nova, uma velha vem pedir a bênção. Esta excursão foi chefiada pelo Prof. Antônio Carlos Gonçalves de Castro (1928-2010), um sujeito muito boa praça. Almoço em Três Marias-CEMIG, um tratamento especial para o padre. E assim foi durante a viagem. **Obeid e José Mauro.**
- Os excursionistas ficaram hospedados numa casa de família pertencente ao avô do Ivan José Ferreira, o coronel Antônio Leite, situado à Rua Major Gote. O pai do Antônio Pereira Armondes descarrega umas cinco sacas de laranjas muito doces. Foi uma alegria para a turma a hospitalidade Patense. **Homma e Batuíra.**
- Tempos pré-históricos da conservação de alimentos. Diarréia coletiva nos alojamentos. No prédio velho, era apenas um banheiro por andar. Alguns não aguentavam e deixavam um rastro de fezes como os animais. Trabalho para o Sr. Rocha no dia seguinte.
- Aula prática no Fundão, na carroceria do caminhão. Hoje o transporte na carroceria de caminhão é proibido. Imagine transportar operários?????. O rádio no caminhão tocando Miriam Makeba (1932-2008) que só dava para entender “*pata, pata*” (*Sat wuguga sat ju benga sat si pata pata*).
- Alexandre Aad Neto fornecia mel para a turma, trazida do seu sítio. Como no domingo não havia jantar, muitos pegavam um pão extra no café da manhã e espargiam o mel para esperar a segunda-feira.

- No dia 13/10/1967, foi lançado o primeiro número do Informativo Cavanhaque, organizado por João Nazário Barbosa e Nicolau Senna Neto. Documento.
- Descer e subir a “reta” nos sábados e domingos para dar voltas na praça Silviano Brandão, rapazes e moças em sentido opostos. Esta era a inocência da década de 1960. Os CDFs davam uma ou duas voltas, ganhavam força centrífuga e pegavam o caminho de volta. **Homma.**
- Já que estamos falando de coisas antigas (Conga e Kichute), menino de Deus! Você precisava ver era a calça boca de sino e a camisa volta ao mundo. Eram de uma elegância ímpar. Porém, a camisa, que mais parecia ser de plástico, dava uma “subaqueira” que nem pomada Minâncora, ou limão conseguia tirar. As namoradas nativas suportavam para não perder o agrônomo e ficar com a bicicleta, fato comum naquela época. **Geraldo Ferreira.**
- As lavadeiras, o pomar e o saco do Márcio. Este relato é pré-Cavanhaqueano, mas tem tudo a ver com as nossas memórias, e de como eram as coisas na década de 1960 em Viçosa. Onde hoje é o prédio da Floresta, era a Sétima Seção, o alojamento do Agro. À volta, apenas o refeitório novinho, os prédios de aula e o alojamento das pica-couves. À direita da alameda que conduz à Vila Gianetti, havia um pomar e, à esquerda, até atingir o Jardim Botânico, eram cultivadas várias espécies de hortaliças. Era comum voltarmos do cinema, arrancar cenouras e comê-las com o sal que a gente pegava no refeitório, acondicionava num papel e levava no bolso. Volta e meia uma ronda surpreendia a gente, e era aquela correria. Numa dessas vezes, a ronda estava de bicicleta e alcançou o Oclécio Rodrigues Ferreira, que tocou no guidão e deu um tombo no perseguidor. Mas o que era tradicional, mesmo, eram os assaltos ao pomar nas buscas por laranjas e mexericas. Naquele tempo, num determinado dia da semana, uma multidão de mulheres invadia a Universidade para buscar as roupas dos estudantes para lavar. Cada uma tinha vários clientes e, para não misturar as roupas, cada um tinha um saco personalizado com o nome do seu dono. Voltando ao pomar, era comum usarmos esses recipientes para colocar as frutas colhidas. O pomar era uma área experimental do professor Otto Andersen. O Humberto de Melo Carneiro e Oclécio Rodrigues Ferreira e o José Batuíra de Assis e muitos outros eram manjados nessas incursões. Mas o Márcio Torquato ainda era um menino comportado. Certo dia o Prof. Anníbal José Alves Torres, que era o diretor do Agro, deu uma incerta no alojamento após denúncia de assalto ao pomar. Encontrou várias embalagens cheias de laranjas e mexericas. E a prova do crime era o nome gravado na embalagem. Após confiscar todos os frutos, exclamou, com a sensação de dever cumprido e uma ponta de surpresa: “muitos são useiros e vezeiros, mas fiquei bastante decepcionado quando vi o saco do Márcio”. **Batuíra.**
- Eu não tinha tempo, nem dinheiro, para frequentar os locais festivos de Viçosa; não os conheci. Meu pai, Alberto Rêgo, também era engenheiro-agrônomo (foi técnico conceituado no Ministério da Agricultura e na Sudene), criou e educou sete filhos, sendo a profissão da minha mãe “do lar”; apesar da revolta dela, por meu pai não permitir que trabalhasse fora de casa, apesar de ela ter-se formado para ser professora de francês. Pois bem, nosso único luxo era estudar em bons colégios e ler bons livros no gabinete/biblioteca que tínhamos em casa. Eu fui a única felizarda a fazer universidade fora de casa (sem trabalhar). Porém, a mesada que eu recebia era apenas suficiente para pagar a taxas (lembro que a roupa era lavada fora do alojamento, pagávamos uma

lavadeira), comprar o tiquet refeição do restaurante universitário e ir ao cinema, com direito a um refrigerante e um quibe, uma vez ao mês. No alojamento, eu também confeccionava minhas roupas. Além do que tinha de estudar bastante, para corresponder à confiança (e orgulho) que meu pai tinha depositado na única dos filhos, que escolheu seguir a mesma profissão. Fui uma única vez ao Braseiro, juntamente com os colegas da tecnologia de alimentos, a convite do meu pai, que passara por Viçosa - um dia/uma noite, não me lembro vindo de onde, a serviço. Em compensação, nas férias.... Eu me esbaldava em festinhas e comemorações! Na casa de meus pais (à exceção dele!), éramos todos festeiros: a casa estava sempre cheia, fosse de parentes, ou amigos, e todos tínhamos permissão para convidar alguém para o almoço e improvisar reuniões e festinhas, os ditos “Assustados”. Ao som do violão ou da “vitrola”, cantávamos e dançávamos sob a supervisão de mamãe, designada pelo marido para nos controlar, fazendo valer as proibições: nem bebidas alcoólicas, nem namoros! Mas a mesa era farta de quitutes preparados por minha mãe com nossa entusiasmada ajuda. E, às vezes, rolava um rum bacardi, misturado ao suco de limão, que alguém trazia escondido, e mamãe (que amava as festinhas) fazia vista grossa. Ai, que saudade que dá! Um dia, ainda vou recontar essas histórias! **Alba Luci.**

Durante a excursão de final de curso a São Paulo, com a turma da tecnologia de alimentos, indo de Piracicaba para Campinas, a hospedagem na universidade falhou, pois, apesar de estar nas férias, havia um evento e o alojamento estava todo ocupado! Éramos seis estudantes: Ernani, José Carlos Cruz, Leôncio Manoel de Oliveira, Itamar Pereira de Oliveira, eu e a Elvia, colega de quarto escalada para me fazer companhia, mais o professor Renato e o motorista. Ao todo, oito pessoas... todos lisos! Sem opções, lembrei-me de um amigo de meu pai, também agrônomo, Dr. Henrique Floriano Galante Sauer, formado na ESAV em 1931. Liguei e ele nos disse para irmos para sua casa. Fomos... lá, tivemos acolhimento como se fôssemos da família: a esposa D. Maria, rapidamente foi para a cozinha providenciar um jantar e depois dormimos lá, todos, confortavelmente instalados, em camas macias, de baixo dos cobertores. Quem tem amigos (as) é rico: tem mais que ouro! **Alba Luci.**

- Leila Diniz (1945-1972), que escandalizou o país em 1971, ao se exhibir grávida, de biquíni, estava atrasada com relação à turma de 1970. Tempos puritanos! JBS sempre foi avançado para os costumes da época! Em uma excursão, na entrada do Rio de Janeiro, da janela do ônibus, ele arriou as calças e, de bumbum na janela, saudou triunfante os cariocas! **Ilidio Dyrceu.**
- Durante o agrotécnico, foram presos Margot, João Batista da Silva, Oclécio Rodrigues Ferreira e Ronaldo Pedrosa Gomes porque desfilaram nus na pracinha às 20:00 horas, na carroceria de uma camionete pilotada por Jaime Rezende do Valle. Isso, na calmaria de março de 1964. **Paulo Canabrava.**
- Provas e mais provas... para desafogar o cérebro, muitos vão desinfetar com aguardente. Na volta, de madrugada, “*Acorda Maria Bonita/ Levanta vai fazer o café / Que o dia já vem raiando/ E a polícia já está de pé*”, muitas vezes, com prejuízo ao patrimônio público. Virgulino Ferreira da Silva (1898-1938), vulgo Lampião, não teria melhor companhia. Gente bateu um “sódade” do Ilidio e Paulo Canabrava. Descendo pro cinema, segunda época de química no agro. Os dois estudando de chupetas. Num esqueço a cena. Ilídio e Paulo Canabrava chupando bicos de criança. Achei que poderia

se tratar de trote nos dois, sendo dado por algum veterano, mas, a 2ª época de química elimina essa hipótese. **Renato Costa.**

- Depois do jantar, juntar uma turminha... Descer a reta e ver um filme no cine Brasil. Quando reformaram o cinema que, por sinal, ficou muito chique, me parece que deixaram um probleminha de acústica. O mictório era de zinco, separado do auditório por uma cortina vermelha. Quando as pessoas faziam xixi, em cenas em que o silêncio era a tônica, o cinema inteiro escutava a potência do jato. **Ilídio.**
- Cultura cavanhaqueana. A origem do risquinho no meio do 7? Para responder, temos que voltar muitos séculos atrás, aos tempos bíblicos, quando Moisés estava no Monte Sinai e lhe foram ditados os 10 mandamentos. Em alta voz, ele foi anunciando à multidão, um por um. Quando chegou no mandamento sete, Moisés disse: “Não desejarás a mulher do próximo!”. Um silêncio... E a multidão rompeu, gritando em coro: “Risca o sete!! Risca o sete!!” **João Batista Silva.**
- Quero ver quem é macho de achar o Dansaburo Nishi, que fez voar um soldado durante a passeata, aplicando-lhe um golpe de judô. Alguém se lembra? Acho que o Nishi desconfia que o pessoal do Rio ainda está por aqui. Na beira da igreja, na passeata que fizemos, um policial desembainhou uma baioneta e ele encarou; o soldado correu. **Shimizu e Júlio.**
- Amigos, este encontro me fez lembrar um fato que ilustra bem o que é a verdadeira amizade. Quando estávamos fazendo o curso de agronomia, eu fiquei meio adoentado e fui para casa. Vocês se lembram que 25 % de faltas era reprovação na matéria, sem choro. Lembram-se também que as carteiras eram numeradas e cada um de nós tinha a sua? Um funcionário da escola (bicheiro) passava e marcava as carteiras vazias. Pois bem, no período em que me ausentei, o Paulo Canabrava revezava, ocupando o meu lugar e o dele. Ficou pendurado (por uma falta) em várias matérias para salvar o amigo. **Ilídio.**
- Outra lembrança que me emociona é a aglomeração em frente à estação da Maria Fumaça para ouvir o “seu Zé” ler o nome dos que tinham sido agraciados com uma cartinha. As minhas eram muito raras. Não tinha namorada e meus pais eram de pouca escolaridade. Mas eu marcava ponto todos os dias na estaçãozinha. Muito bem, Ilídio. As cartinhas das namoradas amenizavam as tristezas causadas pelo senhor Márcio de Moura. Mas, aí lembrei-me da minha primeira cartinha. Foi ainda lá na Dona Lourdes, onde morávamos eu, você, Eurípedes, José Garibalde, Mendel e outros que não passaram. Lembram? **Paulo Canabrava e Batuira.**
- Minha mãe sempre dizia de madrugada aos filhos: “acorda, cambada de dorminhocos. Tá na hora da escola”. Antigamente, era uma palavra muito usada, significando uma turma de pessoas, várias pessoas. Já meu pai, na roça, profetizava quando nos acordava para buscar os animais no pasto para que eles “tocassem” o engenho para moer cana, produzindo garapa, melado, rapadura e açúcar mascavo, nessa ordem. Ele dizia, brincalhão: “vamos acordar, gente! Quem vive de conversa, é advogado”. Teve apenas dois meses de escola, e morreu sábio aos 48 anos (mais ou menos perto de nossa formatura, na qual, junto com o Prof. Diogo Mello e o Mauro Megale, plantou a árvore do Cavanhaque). **Obeid e Batuira.**

- Revendo uma foto do Ilídio Dyrceu, montando um equino, lembrei-me dos tempos do agrotécnico quando, em uma aula prática de mecânica, para desespero do professor Mantovani, ele quase dizimou uma geração de agroboys, ao “cavalgar”, sem controle, um trator agrícola, provocando uma correria de alunos para todos os lados. **Geraldo Ferreira.**

- Show de conhecimento botânico, tudo fruto do conhecimento osvaldiano da Botânica. Tema: araticum. Em alguns lugares, o fruto é chamado, também, de araticum mas, com qualquer nome, é bom demais! É uma anonácea do cerrado, iguaria do lobo-guará, chamada de bruto no Tocantins, marolo no Sul de Minas e araticum em Belzonte e redondezas. Lá no Goiás, era cabelo de nego, marolo e articum. Em Bocaiúva, MG, era panã. E o beribá? O conde? A graviola? Parece todos serem da mesma família. O marolo é *Annona crassiflora*, o araticum, *Annona montana* e o beribá é *Annona mucosa*. *Annona squamosa* é a fruta do conde. O beribá, também uma anonácea, é *Annona mucosa*. Pinha? fruta do conde? parece muito com a atemoia, que é sem semente. Aqui no norte de Minas, é panã mesmo. Delícia. Aquela menor, de cor mais verde, é a pinha. Muito saborosa, também, mais suave, semelhante à atemoia. **Nágila, Obeid, Canabrava, Cheogi, Alberto de Vasconcelos.**

- A origem humilde é comum à maioria dos cavanhaqueanos. Tarcísio, aos oito/nove anos, engraxava sapato para os vizinhos aos sábados, para ganhar uma graninha. Batuíra engraxava e usava como desculpa para ficar na rua até mais tarde, jogando “bola ou buque”? (bolinha de gude, num traçado quadrado, que tinha cinco buracos - quatro nos vértices e um no cruzamento das diagonais, chamado “onça”. Depois de passar pelos quatro, em sequência, e pela onça, você ganhava a “bolita” do adversário se acertasse a sua na dele). **Obeid, Batuíra, Tarcísio, Alberto de Vasconcelos Costa.**

- Relógio de pulso era objeto raro. Na década de 1960, eram destinados para presentes de formatura, quando passavam no vestibular ou quando recebiam o primeiro salário após a formatura. Poucos o tinham à época. Caros e importados da Suíça, eram presentes especiais, até que foram desbancados pelos relógios japoneses. Geraldo Ferreira tinha inveja do seu Rolex, já que o Casio do Batuíra, com pulseira de couro, custou R\$ 75,00. Minha memória buscou a imagem do meu primeiro relógio. Foi um Mondaine, com painel luminoso, presente de Natal de meus pais em 1959. Chique no “último”!!! O Antônio Rodrigues adquiriu o relógio com seu primeiro salário da ACAR em 1971. O primeiro relógio do Obeid, coincidentemente, também, chique no “último”, era um Mondaine luminoso. “Foi em 1969 quando, numa viagem do Projeto Rondon em Manaus, comprei três Seikos automáticos (pra mim, pro mano Paulo e pro pai). Na época, eram chiques no “último”. O meu, doei há uns cinco anos ao empregado”. O Batuíra usou o seu Mondaine até 1970 quando, numa excursão dos florestais cavanhaqueanos à Amazônia, comprou um Seiko digital em Manaus, dando o Mondaine de presente para o Lourenço, seu irmão caçula. O Hassui ganhou, em 1971, um Seiko da sua irmã e está usando até hoje, sem problema, só fazendo manutenções de vez em quando. O Matoso tinha, também, um Mido, em sua imponência reinante à época dos relógios automáticos, iniciados na Suíça. Alguém se lembra da propaganda da Rádio Relógio do Rio de Janeiro, que dava a hora de minuto em minuto? **Batuíra, Geraldo Ferreira, Obeid, Antônio Teixeira, Hassui, Matoso.**

- A gratidão à Universidade é uma tônica no grupo. Tarcísio: amo nossa UFV de paixão, pois ela tirou nossa família da pobreza e nos alçou à classe média. Entre irmãos e

sobrinhos, 15 fizeram algum curso na UFV. Ao todo, foram 43 cursos. Acho que, em Viçosa, nenhuma família aproveitou mais nossa UFV que a minha. Batuíra: somos seis irmãos e quatro se formaram na UFV, com três mestrados e um doutorado. De Jataí para o mundo, viajando na boleia de um caminhão ou num ônibus, instrumentos de trabalho do meu pai, enquanto minha mãe, Dona Dica, “do lar”, nos garantia um franguinho na panela (alternativamente com quiabo, gueroba, pequi ou outra “mistura”). Tanto caso de superação familiar que me sinto feliz de ser daquela época. Será que hoje ainda existem casos assim? **Tarcísio, Batuíra e Geraldo Ferreira.**

- Ao justificar sua conservada silhueta, Alberto de Vasconcelos escreveu: “sabia que cada chinês come um pé de frango por dia? Todo pé de frango nosso de cada dia vai pra lá, além dos vizinhos asiáticos? Tem mais. Além dele, a sardinha barata, que é melhor do que o caro salmão, poderia suprir parte das necessidades proteicas do povo de poder aquisitivo baixo. O fato é o desconhecimento. O pobre quer mesmo é comer salmão e filé. Eu, consumo estes dois produtos baratos quase que semanalmente. Além deles, incluímos a língua bovina, rabada, chambari (músculos cozidos), pescoço bovino previamente cozido e assado (bom, porém muito osso). Aqui, tenho à disposição uma pica-couve, além de nutricionista”. **Alberto Vasconcelos e Obeid.**
- **Ronaldo Gomes** e colegas, nos finais de semana, às vezes, acontecia de ficar no maior porre em frente ao bar do Tião Milagres, em plena época da ditadura militar, metendo o pau no regime e falando mal dos generais. Certo dia, apareceu uma viatura policial e seus componentes “gentilmente” os convidaram para um *tour* pela região do Muzungu. Como, muitas vezes, era comum terminarem as bebedeiras por aquelas bandas onde, além do lazer, funcionava também a cadeia local, de pronto “aceitaram” o convite. Para surpresa deles, quando pensaram que adentrariam os quartos das “meninas”, estavam, sim, trancafiados atrás das grades. A notícia correu rápida e os estudantes da UREMGE desceram, em sua quase totalidade, para resgatá-los. Acuaram os policiais de plantão, que quase cagaram nas calças de medo e os soltaram. Seguiram todos garbosos para o campus. A revolta que culminou com a soltura deles foi chefiada pelo capixaba Onildo Santiago, um morenã, grandão, que estava na frente da turma e se encostou num soldado que estava com um fuzil atravessado no peito. Na semana anterior, o Humberto também tinha sido preso e passou a noite bombeando, manualmente, água para uma caixa d’água que abastecia o bairro e que nunca ficava cheia. **Antônio Rodrigues Teixeira** lembra que foi um dos primeiros a chegar lá na reta em frente onde funcionava o Correio e foi formada uma fila e eu bem lá na frente. Chegando próximo à delegacia, quando o “clima” já estava pesado, os que estavam atrás começaram a nos empurrar e, com isso, uma tragédia ficou muito perto de acontecer. **Geraldo Ferreira** quando já estávamos a menos de dez metros dos policiais armados (mais ou menos quatro ou cinco), chegou o professor Cid Martins Batista e deu um enorme grito: “Pare!” Felizmente, todos obedeceram e foram iniciadas as negociações, os colegas liberados e a tragédia evitada. Posso afirmar que, se o professor Cid não tivesse ido lá, poderia ter acontecido o pior. Provavelmente, não seria boa coisa.
- Zeca Floresta é um personagem folclórico de Viçosa. “Eu sô um homi que num tem o rabo preso. Eu vivo é dos cabelos da Maria”. O sentido dado à expressão pelo Zeca era outro. Era de que o dinheiro que ele usava vinha de fonte honesta, provinha **dos cabelos de Maria**, sua esposa, que era cabeleireira e não de falcatruas. Candidato a vereador e concorrente do pai do Megale, o Neném Megale, o Zeca, em campanha, perguntava a

todos, independentemente do sexo: “Você tá comigo ou tá com Neném”? **Obeid e Batuíra.**

- Quando fiz o TG, era o sumo da sapiência saber datilografia. Nos primeiros dias de meu direito de servir o exército, já notava que a barra era pesada. Difícil conciliar os pesados exercícios físicos com o curso agrotécnico. Era uma correria só. Um belo dia, o sargento Wilson, na sala de instruções, indagou: “Quem aí entre vocês sabe datilografia? Quem souber e for escolhido será dispensado dos exercícios físicos, manobras etc., e trabalhará diretamente comigo, em minha sala, além de receber uma pequena remuneração”. BINGO! Modéstia à parte, eu era muito bom na maquininha. Atropelei a todos e com o dedo em riste, bradava: “Eu, eu!” Mediante minha euforia, o sargento não titubeou. Virou-se para mim e disse: “Escolhido”! Quase atingi o orgasmo de tanta alegria. Continuou o sargento: “Vamos até minha sala para eu passar-lhe os serviços de que necessito. Adentrei a sala do militar e, para surpresa minha, energicamente, me disse: “Pegue seu material de trabalho”. Eram um balde, uma vassoura e um pacote de sabão. Passei a manhã lavando as três privadas e a sala do dito cujo. **Geraldo Ferreira.**
- Fiz o TG em 1962, contrariado, pois não consegui me safar. Comprara a farda e o coturno de segunda mão com dinheiro que ganhara dando aulas particulares de português. Como eu estava ali só para tirar meu “tempo”, como se dizia na época, nunca me ofereci como voluntário pra nada. Deixava isso pros puxa-sacos - que eram muitos! No finalzinho do TG, prestes a jurar à bandeira, todo mundo perfilado lá no pátio, sargento Wilson gritou: “Quem souber datilografia dê um a passo à frente”. Como eu nunca me oferecera pra nada, levantei a perna pra dar um passo à frente, quando outro atirador fez o mesmo. Eu, então, já com a perna no ar, recuei e o sargento gritou: “Tarcísio, por que você desistiu de ser voluntário?” “É que outro colega se apresentou”, disse eu. “Você nunca se apresentou como voluntário pra nada até hoje. Aceito sua oferta”. E lá fui fazer trabalhos de datilografia para o sargento. **José Tarcísio Barbosa.**
- Comendo o Bispo. Eu gostava muito de jogar xadrez. Tinha como adversário o saudoso padre Joaquim de Araújo Silveira, o único, além de mim, que dominava a arte em Água Boa. Nos períodos de minhas férias, ele, após cumprir suas obrigações espirituais, vinha direto para a casa de meus pais, onde ficávamos debruçados sobre o tabuleiro por longos períodos. Bons tempos! Donana caprichava no rango. Padre é padre, dizia ela. Certa vez, numa jogada de mestre, ele boboeu e eu disse todo eufórico: “Comi seu bispo”! Incontinente, fui repreendido pelo reverendo com a palavra heresia. Continuou ele: “No jogo de xadrez não existe pedra com nome de bispo, mas sim, conde”. Pedi desculpas, informando que, quando aprendi jogar xadrez, a peça que percorre em diagonal era chamada de bispo. Acho que, naqueles tempos, só os católicos tinham bispos. Os evangélicos, não. Hoje, fico a matutar: “Comer o conde, podia, mas o bispo, nem pensar. **Geraldo Ferreira.**

O Brasil e o mundo avançavam

- Usar arado de aiveca e arrear burro faziam parte do curso de mecânica agrícola. A turma de 1970 foi protagonista de uma grande transformação da agricultura brasileira em que estes equipamentos foram aposentados. Passamos da venda de 37 tratores de roda em 1960 para 1.586 em 1970 e 65.089 em 2013, antes da crise. Abaixo o depoimento de quatro cadieiros. **Homma.**

- A primeira profissão de um bom número de cavanhaqueanos foi a de candieiro.

Batuíra: Alberto, as atividades nos unem ao longo do tempo pois, além de cavanhaqueanos, ambos fomos candieiros. Além do transporte de “coisas”, eu trabalhava no arraste de toras. Você se lembra do que é um ajojo? Como sempre, esbanjando conhecimento, Habib. Para quem não teve infância na roça, ajojo é um elo (normalmente de couro trançado) entre os chifres de duplas de bois de carro.

Obeid: Ô Batuíra, aqui na Zona da Mata, nós o conhecíamos como souga ou sôga, não sei a grafia. Usada mais na junta de guia.

Batuíra: Taí, Zé Rubens, que tal nomear a “arreata” completa do carro de bois? Além dos itens citados, tem tirantes, cambão, chumaço, cocão...

Totonho: Eu, além de candieiro, fui carreiro também por quatro anos como atividade quase diária e mais sete anos esporadicamente, principalmente em período das férias escolares (em tempos de agrobóio e até o curso superior). Pode incluir o José Rodrigues também neste grupo. Acho que ele ainda tem uma cicatriz no calcanhar resultado da pisada de um boi quando estava arando terra.

Batuíra: No meu caso, não restaram cicatrizes, mas um forte ressentimento com os bois de guia que babavam na minha nuca, apressando meu passo. Exerci essa função dos cinco aos sete anos. Os bois eram muito mansos e adestrados. Obedeciam a todos os comandos de voz do meu pai. Acho que ele só me mantinha no cargo para que eu aprendesse a trabalhar.

- E agora vai uma discussão sobre a arreata dos carros de bois.

Geraldo Ferreira: Poderia explicar-me o que significa a palavra sedenho? Para com isso de voar de *paraglyder* Obeid. Sinto vertigens, só de pensar.

Obeid: Sedenho, Dr. Geraldo Ferreira, é uma corda de pelos da crina ou do rabo trançada, passada na barriga do boi de rodeio.

Batuíra: Na minha infância roceira, o sedém (a gente falava assim) era uma corda trançada com os fios da crina ou rabo do cavalo, com nós nas duas pontas, que era utilizada para pear as vacas leiteiras, imobilizando-as para a ordenha. Este material não absorvia umidade, urina ou excrementos da vaca. Era só lavar e estava pronto para novo uso. Servia também para amarrar o bezerro na perna da vaca para ele não atrapalhar a ordenha.

Nágila: Em Montes Claros, parece se referir ao pelo do rabo dos bovinos. Quando se quer identificar um grupo de animais, apara-se uma parte do rabo e faz-se um lote de “animais sedenhados”.

Todos devem se lembrar de onde estavam e do que estavam fazendo nas férias de julho de 1969.

- Descida do Neil Armstrong (1930-2012) na lua na noite de 20/07/1969, na Apollo 11.

- Copa do Mundo 1970. *Pelé, Jairzinho, Tostão, Rivellino, Gérson, Clodoaldo, Piazza, Carlos Alberto Torres,* 4 x 1, Brasil e Itália, 21 de junho de 1970. A taça Jules Rimet ficou definitivamente no Brasil para ser roubada (1983) e serviu de propaganda política. Na segunda-feira, a UFV não teve aula.
- *Noventa milhões em ação, pra frente Brasil, do meu coração..., Todos juntos vamos, pra frente Brasil, salve a Seleção!* Música ufanista de Miguel Gustavo Werneck de Sousa Martins (1922-1972) para a Copa de 70.
- Christian Neethling Barnard (1922-2001), em Capetown, África do Sul, surpreendeu o mundo com a realização do primeiro transplante de coração em 03/12/1967. O Brasil não deixou por menos. Em 26 de maio de 1968, no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (USP), com uma equipe liderada pelo cirurgião Euryclides de Jesus Zerbini (1912-1993), foi feito o primeiro transplante de coração no Brasil. **Homma.**
- Dizem que o Barnard tinha como seu principal cirurgião cardíaco um negro semialfabetizado, cuidador da experimentação com as cobaias, mas de uma habilidade manual extraordinária. Seu nome Hamilton Naki, “O Cirurgião Negro da África do Sul”. **Obeid.**
- Atravessamos todo o período de graduação assistindo à Guerra do Vietnã, que começou no ano de 1959 e terminou somente em 1975.
- Um Brasil rural desaparecia para dar lugar a um Brasil urbano em 1970. A população do país era de 94 milhões de habitantes, 41 milhões vivendo no meio rural. Aos 50 anos de formatura, a população brasileira estimada é de 212 milhões de habitantes.

A Universidade se transforma

- Técnicos em agricultura formados em 1966 que iriam se incorporar à Turma 1970: Alexandre Aad Neto, Antônio Rodrigues Teixeira, Edmundo Magela Carneiro, Ernani de Moraes Peloso, Euripedes Barsanulfo de Souza, Geraldo Antônio Ferreira, Hélio Kajiwara, Humberto de Melo Carneiro, Ivan José Ferreira, Itamar Pereira de Oliveira, Ilídio Dirceu Almeida de Carvalho, João Batista Silva, José Carlos Cruz, José Bатуíra de Assis, José Joaquim Ferreira, José Rodrigues Teixeira Filho, José Garibalde dos Santos, José Geraldo Fernandes de Araújo, José Rubens Ferreira Fontes, José Mauro Chagas, Jaime Rezende do Vale, Lúcio Louzada Cordeiro, Mendel Guimarães Bernardes, Nilson Milagres Teixeira, Oclécio Rodrigues Ferreira, Paulo Cesar Resende Fontes, Paulo Rogério Canabrava, Renato Ladeira Costa, Ronaldo Pedrosa Gomes, Wilson Ferreira da Fonseca.
- Integrantes do COLUNI 1966 que iriam integrar a Turma 1970: Alencar de Campos Valadares, Aloísio Geraldo Soares Osório, Aloísio Teixeira Gomes, Antônio de Bastos Garcia, Armando Corrêa Parente, Danilo Celso Santana, Deonésio Moreira da Silva, Edson Teixeira Filho, Élcio de Abreu e Silva, Eudaldo Nunes Dourado, Evode José dos Santos, Francisco de Paula Castro Filho, George Henrique Kling de Moraes, Gildásio Westin Cosenza, Giovani José de Carvalho, Hemerval Guerini, João Bosco de Carvalho, José Antônio Obeid, José Mauro Gomes, Leôncio Manoel de Oliveira, Luiz Itabaiana

Filho, Pedro Salgado Brandão, Rolf Puschmann, Sinval Neves Miranda, Wilson Jesus da Silva.

- Decreto-Lei 570, de 08/05/1969, sancionado pelo presidente Arthur da Costa e Silva: o Poder Executivo o instituiu, sob a forma de fundação, a Universidade Federal de Viçosa. O ato foi consolidado pelo Decreto 64.825, de 15/07/1969, que determinava que a UFV passasse a existir como pessoa jurídica a partir de 01/08/1969. Fomos a segunda turma de graduados da UFV.
- Centro de Vivência: Era um campo de futebol e de ginástica no qual ocorreram muitos jogos, durante os quatro anos de permanência na graduação. Muitos se destacaram no futebol, participando da equipe do LUVE, superiores à equipe dos 7x1 em 08/07/2014. Ao lado do Prédio Principal, onde hoje se localiza um estacionamento, ficavam as quadras de voleibol e basquete. Motivo de grandes torcidas depois do jantar em noites frias. Nesse local, eram feitas as festas juninas para angariar fundos para a formatura. Durante os quatro anos da graduação, a “Maria Fumaça” da Estrada de Ferro Leopoldina foi pontual, servindo de relógio quando passava ao lado da “reta”.
- Cursos do IBC, Semana do Fazendeiro, treinamento de extensionistas da ACAR etc., em tempos pré-Globo Rural, cursos em CD etc., a UREMG, depois UFV, fervilhava de visitantes de diversas partes do país.
- Revista *Coopercotia*, *Blemco*, *Dirigente Rural*, *A Lavoura*, *Agricultura e Pecuária*, *Correio Agropecuário* estavam entre as principais revistas agrícolas que eram disputadas pelos estudantes para servir de “marretas” na vida prática.
- Logo na entrada das Quatro Pilastras, onde se localiza uma represa, havia um bananal por onde corria oculto o Ribeirão São Bartolomeu.
- Belvedere: Na nossa época, o mirante dava uma vista total da Universidade e da cidade de Viçosa. Na encosta, havia um laranjal sem utilidade experimental, no qual, após as aulas práticas, era comum praticar a colheita de alguns frutos para consumo próprio no alojamento. **Homma**.
- Batuíra diz que não tem aptidão para computadores e que, até hoje, essa tecnologia o rejeita. Quando eu digo fale, ele responde: “eu não falo, computo. Nojeeento”! Que que é isso, Batu. Na nossa época já existia, na CPD, um IBM 1130 a válvula. Alguém se recorda? Havia três em Minas (UFMG, Itajubá e UREMG). Sua capacidade de cálculo era equivalente ao primeiro PC de Jobs & Gates que chegou à UFV em 1982 e logo foi ultrapassado pelo 186, 286, 386, 486 e, na sequência, pelos Pentiums. E a evolução não parou mais. Hoje, meu modesto smartphone é um computador de mão melhor que qualquer um dos citados. Evoluímos em uns aspectos e involuímos em outros. E assim caminha a humanidade. **Batuíra e Obeid**.
- Arrumando as minhas tralhas, deparei-me com algumas anotações interessantes sobre uma aula de estatística proferida no doutorado pelo Prof. Ricardo Frederico Euclides, geneticista no DZO, expert em processamento de dados, criador do SAEG, que foi o primeiro programa de análise estatística disponibilizado em rede. Dizia ele:

- 1 - O primeiro computador foi criado nos EUA em 1936, pesava 100 t, ocupava uma área de 0,5 ha e fazia 600 operações de soma e subtração por segundo e cerca de 300 de multiplicação e divisão por segundo;
- 2 - O primeiro computador da UREMG, nós o pegamos na época do agrotécnico - era um IBM 1130 que apelidamos de Theobaldo. Ocupava a metade do primeiro andar do prédio de química. Todo mundo trabalhava com casacos de inverno, gelado (era o único local com ar condicionado na Universidade e trabalhava no talo. Se não, o Theobaldo pegava fogo). Por ser a válvula, ele se aquecia tremendamente. Sua memória, míseros 16 K;
- 3 - Um segundo computador não demorou a suceder ao Theobaldo. Era um outro com 128 K de memória;
- 4 - Em seguida, um IBM 370 com 512 K de memória e, no início de 1970, um novo IBM com 4 Mbytes, quando já se tinha uma pequena rede de monitores interligados à central (CPD). Para ajudar a entender: Quanto à memória, a unidade básica é o bit; um conjunto de 8 bits = 1 byte; 1024 bytes = 1 Kbyte e armazena 1024 caracteres; 1024 Kbytes = 1 Mbytes; 1024 Mbytes = 1 Gbytes. Pois bem, o primeiro PC é de 1980 e era equipado com um processador de 500 Megas e executava 4.700 operações por segundo. Portanto, cerca de 10 vezes mais rápido que o Theobaldo e daí, até os dias de hoje, a evolução não parou mais. Qualquer *smartphone* encontrado no mercado é incomparavelmente mais potente que estes computadores. O meu Samsung Galaxy G9 tem 1,2 GB de processamento e 64 de armazenamento. Meu *notebook*, um I7, 4 GB de processamento e um Terabyte de armazenamento. E a coisa não para por aí. Não há nem como acompanhar a evolução. **Obeid.**

- Meus irmãos e amigos cavanhaqueanos, eu ainda tenho um dos terrores na nossa época. Reapresento a vocês uma régua de cálculo de 02/12/1976. Era o nosso computador na época. Da minha, eu me desfiz assim que saiu a primeira calculadora científica Ti SR 50 da Texas Instruments. **Nicolau.**

Os mestres não erram nunca

- O Prof. Paulo Rubens Soares (1932-2011) tinha voltado do doutorado da Purdue University. Era um entusiasta da avicultura e transmitia este entusiasmo para todos os estudantes. A produção de carne de aves, que suplanta a de carne bovina no país, deve muito a ele. Certa vez afirmou: “*se pudesse, botava ovos*”. **Geraldo Ferreira e Paulo Fontes.**

- Um professor cearense, com uma barbicha que lhe dava um ar bíblico, ministrava uma disciplina para nossa turma, cuja maioria tinha origem rural, ao contrário da atualidade. Isso gerava muitas controvérsias quando se referia a uma “propriedade rural imaginária” e era motivo de várias pilhérias. Ermiton Botelho dos Santos, na primeira aula do curso, se levantou e disse para o professor que, lá em Teófilo Otoni havia um rapaz que ensinava todo mundo a nadar, mas ele mesmo não sabia nadar. Aí, o professor não gostou da história e disse que iria ensinar-lhe a nadar bem direitinho, que ele ia se tornar um excelente nadador. Por precaução, o professor recomendou o Ermiton a repetir a disciplina. **Ernani e Paulo Canabrava.**

- Dizem as más línguas que ele projetou uma garagem para a sua casa e se esqueceu que ele tinha que entrar e sair do carro. Todos os dias, ele tinha que convocar a família para empurrar o carro para dentro e para fora da garagem. Ou ele usava esta ardilosa técnica

para entrar na garagem, ou passava pro banco do carona, abaixava o vidro da porta, abria a porta da sala e conseguia sair, projetando a porta do carona para o interior da sala. Na ida para o trabalho, a operação começava de trás pra frente. *Êta intiligença.*
Obeid e Ildio.

- Aliás, Viçosa era uma terra de malucos. Havia o Prof. Antônio Ferreira Gonçalves, agrônomo, agrimensor, bacharel em direito, lecionava português e matemática na UREMG e no Colégio de Viçosa. Foi professor de português no agrotécnico, autor de uma apostila intitulada “Português sem Lágrimas”, vendida na CEAPUL. Ele coçava a cabeluda orelha esquerda com o mindinho da direita. Começava a escrever no quadro negro com a mão esquerda e acabava com a direita. Não usava jaleco e apagava o quadro com o antebraço do paletó de casimira inglesa azul. Escancarava os dentes como num sorriso, mas só sorria quando o gesto era acompanhado pelo sacolejar de sua mão direita. E quem sorrisse fora de hora, arriscava ser expulso da sala. **Batuíra e Obeid.**

- *Nota fria:* Alvacir Barbosa Ribeiro tinha experiência de contabilidade. Eloy Gava dava sua aula de cooperativismo com toda a formalidade e Alvacir perguntou como se faz uma *nota fria*. Falcatruas precisam ser ensinadas nas Universidades para evitar corrupções como a Lava-Jato, Mensalão ... **Homma.**

- Vários professores da UREMG tinham por hábito passar a prova e depois pedir para os estudantes, ao final, levá-las até o seu gabinete. O Prof. Antônio Fagundes de Sousa, três vezes reitor da UFV, distribuía as provas e ficava na sala por, no máximo, 20 a 30 minutos. As notas variaram de 5 a 9. Na verdade, quem sabia, sabia, tirava nota boa. O Prof. Cid Martins Batista também distribuía as provas de bioquímica e o último as levava ao seu gabinete, no mesmo ou no outro dia. Naquela época, não havia Mensalão, Petrolão ou Lava Jato. **George Kling.**

- No portão de entrada de uma universidade na África do Sul, foi afixada a seguinte mensagem para reflexão: “Para destruir qualquer nação, não é necessário usar bombas atômicas ou mísseis de longo alcance. Basta apenas reduzir a qualidade da educação e permitir que os estudantes 'colem' nos exames.” Pacientes morrem nas mãos de tais médicos. Edifícios desabam nas mãos de tais engenheiros. Dinheiro se perde nas mãos de tais economistas e contabilistas. A humanidade morre nas mãos de tais eruditos religiosos. A justiça se perde nas mãos de tais juízes. “O colapso da educação é o colapso da nação.” **Dênis Vilela Lemos.**

- Coisas do tempo: Humberto de Melo Carneiro, João Batista da Silva e Danilo Celso Santana foram de bermuda para a aula do Prof. Antônio Américo Cardoso na agronomia. O professor mandou que se retirassem para trocar de roupa e voltassem. Foi o que fizeram porque estavam pendurados em falta. Voltaram de terno e gravata. **Júlio Rocha.**

- Numa festa no DAAB, apareceu o Alexandre do Espírito Santo, diretor da Biblioteca da UREMG, e foi apresentado ao Alexandre Aad Neto, que se lhe apresentou como o Alexandre de Cachoeirinha. A Biblioteca, na época, ocupava apenas o primeiro andar, na parte esquerda do Edif. Arthur Bernardes. **Ernani Peloso.**

- O Prof. Otto Andersen (1916-1997), numa aula no Fundão, dizia que as laranjas estavam envenenadas para a gente não chupar. Numa época em que as maçãs eram raras e

vendidas embrulhadas em papel azulado e consumidas só por doentes, as laranjas eram frutas populares e podiam ser conservadas nos quartos dos alojamentos. **Obeid**.

- Os ebulidores eram peças importantes nos alojamentos para preparar café para virar a noite e servir de merenda ou jantar. Eram considerados perigosos pelo Prof. Cid Martins Batista. Mesada no zero, o colega aqueceu água pura e tomou com o pão trazido do refeitório. *Era o café com concentração zero*. Ainda dizem que Márcio Moura Estevão não ajudou na nossa formação. **Morethson**.
- Onofre Brumano se apresentava, na primeira aula, com o nome invertido: Erfono Onamurb. Ele fumava um cigarro de palha durante as aulas. Falavam que ele não tomava banho. Seu apelido de calouro era “Porco”. Dizia o Prof. “Vaselina” que, no trote da turma, pegaram o futuro professor e o levaram para a Cadeira Hidráulica no gramado do alojamento. Após consumirem uma barra de sabão de coco Carioca, acharam a primeira camiseta no corpo do cara. **Obeid e Batuira**.
- O Prof. José Alberto Hausein Freire só tinha uma calça beje, semelhante à preferida do Décio Freitas de Moraes. Estava ele, professor, de costas, abaixado, olhando seus insetos, quando o confundi com o colega Delson e dei-lhe um piparote nos culhões. Virou-se para mim e disse: “Olha a brincadeira”! Mijei todo de medo, pois era o professor mais bravo da UFV. **Geraldo Ferreira**.
- O Prof. José Alberto Hausein Freire foi também vítima do “copinho” praticado por Euripedes Barsanulfo de Souza. **Ernani Peloso**.
- O Prof. Chotaro Shimoya perguntou ao Donato Pereira da Luz as características das Euphorbiaceas. O Donato, candidamente, respondeu: “Dá leite, professor”. No que o Chotaro lhe responde: “Muito bem, seu Donato, então vaca é Euphorbiaceae, pois dá leite? **Obeid**.”
- Tarcísio, Aloísio Osório e Timauro fizeram um trabalho para o Prof. Matozinhos, sobre levantamento de uso do solo ou qualquer coisa neste sentido. O trabalho ficou tão bem feito - com mapas etc.- que o professor decidiu que tinha sido copiado. Então levamos pra ele as fotos que eu havia tirado usando o teodolito para as marcações. Aí não houve como não aceitar o trabalho. Me lembro do Prof. Matosinhos, voltando doutor, dos EUA. Numa das suas primeiras aulas práticas, só houve três a cinco presenças. Ele, então, na primeira prova, pediu que fosse narrada a referida aula. A sacanagem virou contra ele, pois nela (aula) esteve presente o Humberto de Melo Carneiro, que narrou em detalhes o acontecido, em vários conjuntos de papel almaço. Algumas pérolas do relato: “forte como um touro e ágil como um lince, pulei a janela da sala” (referindo-se a ter que retornar à sala de aula, onde esquecera alguma coisa, antes de ir para o campo). Outro episódio que tomou mais de uma página, foi a travessia de uma cerca de arame, dado que, segundo ele, sofria de uma hérnia que não lhe permitia abaixar-se. Tudo relatado nos mínimos detalhes. Da aula em si, não sei se ele escreveu alguma coisa. Como era aula da agronomia, talvez algum colega de lá se lembre de mais detalhes. Não sei que nota o Humberto tirou. Merecia dez. **José T. Barbosa, Batuira, A. Osório e TiMauro**.
- Morávamos juntos, eu, Júlio da Silva Rocha Júnior, Leodózio Antônio Paste e o querido conterrâneo José Domingos Fabris. Saí para contratar o Pataro e apanhar umas fotos na

cidade sobre um trabalho de campo que havíamos feito juntos com o Luiz Cláudio Gallerani Penedo, na agronomia, valendo nota prática para a cadeira de agricultura do Matosinho de Souza Figueiredo. Chegando ao quarto, me deparei com ar sepulcral. Relataram-me que tínhamos perdido em agricultura. O mestre disse que havíamos copiado o trabalho, o que não era verdade, ao que respondi para eles que estavam de cuca quente: “Vou no prédio principal resolver com o Matosinhos”. Em lá chegando, o mestre confirmou a reprovação e eu lhe respondi mostrando as fotos tiradas, evidenciando o local e os aparelhos. Ele ficou desconcertado, apanhou as provas, consertou o erro e pudemos embarcar no Aero Willys e viajar felizes. **Júlio Rocha Júnior.**

- Levei segunda época com Prof. Zé Raimundo “Vasilina”, porque dava as anotações práticas pra namorada passar a limpo, tudo no capricho feminino. Passei os piores dias da vida, estudei como louco. No dia da prova, ele me chamou e disse: pode ir embora, você já passou não precisa fazer a prova. Já pensou o que me deu vontade de fazer? **José Alves da Silva.**
- Ninguém levanta nada sobre as aulas do Waldomiro e Rosália?! O Osvaldo é que era craque. O apelido do Prof. Waldomiro era “Hipâncio”. Lembro-me de uma bronca do Waldomiro sobre alguém que disse que a disciplina era de desenhinho. Tinha que desenhar os carpelos e inflorescências. Fez um p. discurso. Outra dele: mostrou um slide da UFV e afirmou: “capital de Viçosa”. Numa aula, o Prof. Zé Maria perguntou em que família as folhas, ou seja lá o que for, se dispunham em forma de cruz. Roberto Miranda, mais do que depressa, disse: “família cruzaceas”. Zé Maria respondeu: “não, crucífera”.
- O Mazaropi treinava maratona correndo nas estradas da UFV. No dia de prova de botânica, viu o Osvaldo colhendo ramos de um arbusto. Levou para a turma e todos decoraram a taxonomia do mesmo. O Beizolé, que não passava em botânica, ficou feliz e encheu a cara. Na prova, sentou-se bem atrás. O Prof. Gomide foi distribuindo a amostra e, ao chegar no Beizolé, teve a mão empurrada e ouviu: “Sai de mim, Apocinacea”. A prova foi cancelada. **George Kling.**
- O professor Gonçalves era um cara excêntrico. Lembro-me de uma aula de português, no agrotécnico, naquele prédio de madeira, apagando o quadro negro, que era verde, com um apagador em cada mão, ao mesmo tempo. Em certa aula, ele falou que diziam que Cristo fora fuzilado. As más línguas, desculpe-me o Rodrigo, diziam que foi o Prof. Gonçalves, com o dedo da mão direita coçando a orelha esquerda e vice-versa, quem lembrou ao Potsch seu apelido (sapo) numa reunião de ex-alunos que ele presidia. **José Rubens Ferreira Fontes e Obeid.**
- Quando aqui aportou, o Prof. Peter Henry Rolfs, trouxe consigo as modernas técnicas de produção americana. A tração animal era o usual na América. Aqui, só enxada. Ao treinar pessoalmente os encarregados no adestramento dos burros, um funcionário de pouca paciência lhe disse, desanimado: “Doutor, não adianta insistir, os burros não aprendem”. No que o Prof. Rolfs retrucou: “Vamos insistir no treinamento. Não é possível que os burros do Brasil sejam mais burros do que os burros da América”. **Obeid.**

Filas para idosos...

- *Eu nunca serei velho. Para mim, a velhice está sempre 15 anos além da minha idade.* Francis Bacon (1561-1626). Geração de 1940 está indo. Agora quem vai substituí-los? Nós, os septuagenários, somos uma geração única e mais compreensiva, porque somos a última geração que ouvia seus pais, avós e tios. Também respeitávamos os pais, professores, pessoas mais velhas e amávamos de verdade. Nós tínhamos apelido e não era desrespeito, as músicas que ouvíamos não agrediam. Nós não “pegávamos” ninguém. Nós namorávamos e muitos de nós se casaram com a primeira namorada e está casado até hoje. Somos uma edição limitada! Cada dia somos menos. Aproveite enquanto você pode. Aprenda conosco e tenha em mente que tivemos muito trabalho para construir um mundo que hoje está sendo destruído por falta do que, no passado, tínhamos em abundância: amor ao próximo. **Elto Eugênio.**
- Em 2016, em comemoração dos 50 anos de formatura dos técnicos agrícolas de Muzambinho (1ª Turma), compareceram apenas 20 ex-formados. Brincadeira! Dos 20, reconheci apenas 10. Um deles saiu da minha memória e se o encontrar novamente, por Deus, não saberia quem seria este meu colega de turma. Não se iludam. O envelhecimento atinge os 23 mil genes que temos. Boa aparência seria o fenótipo, mas, meus amigos, com certeza evidenciam outras manifestações de envelhecimento ocultas. Por exemplo, Dalva (Gato Preto), hoje, em longas distâncias, comanda o volante! Eu começo a tremer e os nervos me abatem (CIMg nele). Assim vai! Hoje, saúde, amizade, espiritual e outros é o que importa! Aqui, já comentei do meu saudoso pai. Quando alcançou os 104 anos, me dizia: “Volta, vem morar aqui e conviver com seus irmãos, fique aqui em casa, tem muito quarto vazio”! Agora, neste instante, meu travesseiro está molhado, olhos lacrimejantes de choro porque, mesmo por pouco tempo, não atendi o seu pedido, embora tendo-o visitado, no mínimo quatro vezes por ano. Então, cavanhaqueanos, desculpem-me a emoção, até mesmo considerações inoportunas, mas, se perdemos 20 colegas, daqui a 10 anos esta estatística estaria em quantos cavanhaqueanos? 30? 50? 75? **Alberto de Vasconcelos.**
- Com setenta voltas ao redor do sol, novos vocábulos aparecem. Quanto de PSA, colesterol, triglicéridios, glicose, pressão 8 x 12 etc. Pela idade, você está igual a um bebê! É normal para a idade! Saudações prostáticas! Doenças bonitas com terminação em *rose* - artrose, fibrose, osteoporose, neurose, arteriosclerose etc., passam a enfeitar os nossos currículos e a caduquice tem o pomposo nome de Alzheimer. **Giordano e Homma.**
- Verifico que os jovens mal conseguem um emprego público e já ficam pensando na aposentadoria. O conselho que eu daria é o oposto. Foquem suas atividades em algo útil para a sociedade. O tempo passa rápido. Não procure subir prejudicando outros. Faça bem feito. Cuide da sua saúde e de seus familiares. Invista na educação dos seus filhos e poupe o possível para ter certo conforto. Cedo ou tarde, a sociedade reconhecerá seu esforço. Se você queria ficar rico, não deveria ter feito agronomia. **Homma.**
- José Reinaldo Maffia fez-me lembrar nas aulas de entomologia que BHC foi o nome dado pelos braçucas ao Hexacloro Benzeno, ou Benzeno hexaclorado, um pesticida que salvou e também matou muita gente. Quem não se lembra do mata-piolho chamado Neocid, que vinha numa latinha amarela, igual à da pomada Minâncora, com um furinho do lado por onde era borrifado o pó do BHC na cabeça da criança? **Obeid.**

- Aproxima-se a data do nosso encontro preparatório. A maioria esmagadora dos colegas, não vejo há 48 anos. É muito tempo! Quando vejo a lista de presença, volto no tempo e nos vemos “aprontando” em Viçosa, mas dando duro em noitadas para conseguir o precioso canudo. Que boas amizades fizemos! Passagens que nos marcaram para sempre e que nos tornaram irmãos. Vai ser muito bom o reencontro, com alegria, birinaitas e o principal, com as bênçãos de Deus. Quanta animação Ilídio, dizer que Viçosa fica ali pertinho foi um pouco exagerado, principalmente para o seu caso, que percorrerá quase 900 km para me apanhar em Good Water. Para os que residem em distâncias aquém desta, não deixa de ser um lenitivo a comparecer. Lenitivo? Falei bonito, Tarcísio? Será que esta palavra existe mesmo? Animem-se, cambada! Vamos, Matoso! Como diz o Megale: “É preciso ir às festas de ex-alunos pra não ficar mal falado. Das duas uma, ou tá mal empregado e o patrão não deixou ir, ou tá mal de vida e teve que ficar no campo ralando”. **Batuíra.**

- Em contraponto, conto outra do Mauro Megale. Um velhinho beirando os 80 embarcou no ônibus e, para justificar sua demora em subir os degraus, ao sentar-se ao lado do Mauro, que também dava sua carteirada de idoso, disse: “Depois de certa idade, tudo na gente endurece”. “Nem tudo, nem tudo”, retrucou o filósofo etílico cavanhaqueano. **Batuíra.**

- Fui ao supermercado que fica próximo à minha casa, em BH e, uma vez lá dentro, deparei-me com uma figura que me pareceu familiar. Apesar da erosão corporal causada por algumas décadas, o porte físico e o cinto de fivela larga eram indícios de que se tratava de um velho conhecido. Abordando-o, apresentei-me como membro de um grupo de caridade que ajudava idosos e deficientes (peguei pesado) no bairro. Ele se colocou em posição de defesa e me encarou. Não me reconheceu de imediato e eu continuei meu discurso – “estou vendo que o senhor, pela idade, necessita de ajuda para encontrar as coisas de que precisa”. Ele continuou calado e me fulminou com um olhar assassino. E eu continuei minha lenga-lenga. “O senhor não precisa ficar constrangido, pois nosso lema é ajudar quem necessita e estou vendo que o senhor precisa de ajuda”. Ele, visivelmente incomodado com minha insistência, estava a ponto de explodir, até que, num esforço de memória, me identificou e, no seu estilo peculiar e voz de trovão, assustou a todos no supermercado, gritando: “Assis, FDP!!!” Ele me chamava de Assis desde os tempos do agro. Identificaram? **Batuíra.**

- Pela primeira vez em minha vida, pude ver a paisagem branquinha por causa da neve. Maravilhosa! Tudo ficou branquinho, das quatro e meia da tarde até agora. Uma experiência que eu ainda não tinha tido. Fiquei emocionada! Sou feliz por poder viver estas novas experiências, graças aos familiares. Quem já morou fora deve saber do que estou falando. Passei duas semanas em Washington e fui agraciada com este espetáculo maravilhoso. Tomara que eu possa, cada vez mais, viver experiências novas! **Nágila.**

- Geraldo Ferreira, contando as maravilhas da sua cidade, Água Boa (*Good Water* ou *Acqua Buona*). Há a famosa sextaneja com serviço de bordo nas feirinhas, com palco ao ar livre que muito me diverte. É uma boa oportunidade de encontrar os amigos, sorver algumas birinaitas, degustar alguns salgadinhos e morrer de dor de cabeça e ressaca no dia seguinte. Numa época em que são feitas viagens interplanetárias, submarinos fuçam o fundo dos mares, até hoje não descobriram um medicamento ou vacina contra a temida ressaca. Acho, no meu modesto pensar, que isso deveria ser tratado como programa de governo ou, mais ainda, como problema de segurança

nacional. Cena comum no Jequitinhonha, nas feiras de sábado. Por aqui ainda tem também aquela bacia de água na qual enxáguam o copinho para o próximo freguês e aquele copo que fica ao lado do pote e todos se servem. Eu o chamo de copo da vacina. **Hassui, Ronaldo Gomes, Geraldo Ferreira e Obeid.**

- O Vale do Jequitinhonha é cultura. Geraldo Ferreira recomenda uma viagem em grupo de vários amigos(as), que entrem em contato com a secretaria de turismo da prefeitura de Diamantina para agendar e solicitar o roteiro a ser seguido durante o dia com o guia turístico e, como apoteose, à noite, a Vesperata. Aprenderão muito da história mineira e do Brasil (JK, Chica da Silva, João Fernandes, o português, cobrador de impostos e fiscalizador da extração de diamantes, “marreta” para que um negro tocasse numa igreja de brancos, a única igreja do Brasil que tem torres sobre a sacristia, não na entrada da igreja, como sói acontecer com todas as outras, por puro capricho da negra Chica da Silva, que dominou o antigo Arraial do Tejuco, hoje Diamantina). É maravilhosa, principalmente, para os amantes de músicas antigas. Como sou muito emotivo, já chorei várias vezes participando daquele evento. Simplesmente sensacional! O Ronaldo, numa viagem a Diamantina, conheceu uma sobrinha neta de Chica da Silva, formada em história, que vendia artesanato. Disse a ela, de brincadeira, que era sobrinho neto do Contratador. A mulher o olhou e disse-lhe que ele era a cara dele. Ficou num entusiasmo danado, levou-o a conhecer tudo em Diamantina. Disse que ficou tão desconcertado que não teve coragem de desmentir, face ao entusiasmo dela, convencida pelo fenótipo do guapo mancebo. **Obeid.**

Fatos da labuta profissional

- Convidado para dar uma palestra na exposição de Montes Claros, peguei o catálogo telefônico do hotel e marquei com a secretária do Dr. Ilídio Dyrceu uma consulta para as 18 h. Chegando, a secretária queria já receber adiantado. Velhaco, consegui engabelá-la e entrar no consultório. O Dr. Ilídio ficou me olhando, corujando até me reconhecer, me abraçar e me levar para jantar com ele e a saudosa Waldivia. **Obeid.**
- Quando era diretor da Central de Experimentação Pesquisa e Extensão do Triângulo Mineiro (CEPET), o Dr. Antônio Secundino de São José convidou-me a conhecer a Fazenda da Cachoeira Dourada, recém-adquirida pela AGROCERES. Percorrida a propriedade, ele me perguntou: “Professor Obeid, gostou da aquisição?” Respondi-lhe: “muito bom doutor, mas acho que o senhor pagou mais do ela efetivamente vale”. Respondeu-me ele em tom solene: “Reconheço que sim, mas gostei da terra e comprei. Professor, você é muito jovem. Aprenda uma coisa: se gostar de uma propriedade e não havendo outra igual à venda, mesmo que o preço seja um pouco mais alto que o do mercado, compre-a assim mesmo, pois Deus parou de fazer terra e não parou de fazer gente. Portanto, trata-se de um recurso escasso”. Nunca mais me esqueci disso. **Obeid.**
- Canabrava tinha mania de esquecimento. Aposentou-se, mas continua na ativa, trabalhando para os filhos numa camionete e num Palio. Quando sai no Pálio, pensa que roubaram a camionete e vice-versa. Isto acontece com frequência. Os filhos já se acostumaram. Quando ainda trabalhava na EMATER, esqueceu o estagiário na cancela. Quando deu pela falta, já havia andado uns 2 km. Ainda bem que o rapaz era boa gente e não ficou bravo! **Canabrava.**

- Trabalhei quase dez anos na Agrocere. Nesse tempo, o Edson Teixeira Filho era nosso concorrente, pois abrilhantava o quadro técnico da Cargill. A Agrocere era uma extensão de Viçosa, casa do Antônio Secundino de São José (1910-1986), uma lenda da agricultura brasileira. Tinha batismo de novatos e aposta obrigatória no sexo dos filhos a nascer. O futuro papai escolhia o sexo e os adversários apostavam no sexo oposto. E não tinha perdão: perdeu, pagou. Meus dois filhos são da era Agrocere. Ganhei nas duas escolhas. Todo o enxoval das crianças foi custeado pelas apostas.

Batuíra.

- Em 1984, desempenhava eu a função de diretor de desenvolvimento florestal do IEF/MG. Apareceu um *referee* da SUBIN para um curso de sensoriamento remoto de florestas por imagens de satélite. Patrocinado pela ONU, o curso foi realizado em Moscou. O presidente russo era Konstantin Chernenko (1911-1985), que sucedera a Yuri Andropov (1914-1984) e este a Leonid Brejnev (1906-1982), cujo mandato foi de 1984 a 1985, quando morreu. Eram participantes de 25 países em desenvolvimento no curso, um de cada país. Fui pelo Brasil. Daria um livro contar tudo, mas vou reduzir meu relato a alguns episódios:

1. Câmbio negro: pousando no aeroporto, não vi o comitê de recepção. Como tinha o endereço do hotel, troquei, num balcão de câmbio oficial, duzentos dólares por setenta rublos, (3 dólares por um rublo) para ir de táxi. Logo encontrei o pessoal e fui de van. Chegando ao hotel, no pátio, choveram cambistas oferecendo cinco rublos por um dólar (ô raiva!);
2. Prostituição: nosso hotel tinha cinco alas independentes e 844 apartamentos. Foi construído por Vladimir Ilyich Ulyanov (1870-1924) (Lênin) para a colônia ucraniana, logo após a Revolução. Havia gente do mundo inteiro fazendo diversos cursos em Moscou. Nosso restaurante era no formato “L”, com música ao vivo. Estava eu numa mesa com colegas de Marrocos, Ruanda e Camarões quando, ao ir ao banheiro, na ala da música, fui abordado por uma garota perguntando se ela e suas colegas podiam sentar-se conosco. Disse que não havia problema. Achei que fossem estudantes, já que uma delas havia se dirigido a mim em inglês. Vi, de longe, uma acalorada discussão dela com o garçom que impediu sua passagem para a nossa ala. Fiquei na minha. No outro dia, perguntei à nossa guia o significado daquilo e ela me explicou que eram jovens que “faziam ponto” ali. Vi que o ser humano é igual em qualquer parte do planeta, não importa o regime de governo. Tem gente para todo gosto, porque a cartilha do comunismo endeusava este regime;
3. Aspectos socioculturais: após a guerra com Napoleão, a Revolução Bolchevique e os paredões de Stalin, os poucos homens russos remanescentes tornaram-se mimados e as mulheres assumiram as frentes de trabalho. A genética já havia empatado esse jogo, mas ficou o traço cultural de valorização do homem. O tipo feminino preponderante é baixo e um pouco acima do peso normal. Chama atenção a beleza dos olhos da população. Pense nos olhos da Elizabeth Taylor (1932-2011)! É daí pra mais bonito! Vi um povo alegre e festeiro. Viveram muitos anos isolados do resto do mundo. Daí, serem muito curiosos sobre o que se passava fora do seu país;
4. Rotinas e visitas: o sol se punha às 23:00h e surgia às 2:00h da manhã. Nosso curso começava às 9:00h e acabava às 17:00h. Ao final de cada aula, tínhamos uma excursão. Alguns lugares visitados:
 - a) Academia Russa de Ciências, b) Cidade dos Astronautas, c) Balé Bolshoi, d) Kremlin, e) Museus, f) Lugares históricos etc. Em todas essas visitas, tínhamos o privilégio de estar com os principais protagonistas: astronautas, bailarinos, diretores, curadores etc. Na volta, quase sempre passávamos na Avenida Gorki,

onde eu descia para explorar o comércio. Todos os produtos semelhantes tinham a mesma embalagem e o mesmo preço em qualquer loja. Andava sempre com a identificação da ONU e do Brasil na lapela do paletó e era constantemente abordado por pessoas querendo conversar. Normalmente, a comunicação era em espanhol (do meu lado, portunhol), por causa da ligação com Cuba. **Batuíra.**

- Tive uma empresa entre 1999 e 2010. Fazia colheita de eucalipto, carbonização e transporte de carvão vegetal. Do modesto patrimônio que amealhei durante a vida, nada foi adquirido neste período. Tive, em média, 30 funcionários e poucas ações trabalhistas. Valeu pela experiência. Gostava do que fazia, mas o esforço para ficar de pé foi hercúleo. Aprendi muito, mas tive que parar. O que sobrou, após pagar todos os encargos, foi o maquinário velho. Mas não me arrependo. Fiz muitos amigos, aprendi muita coisa e posso dizer que fui feliz. **Batuíra.**

- O Magnífico Reitor Edson Potsch, vindo de sua Paula Cândido, o carro sofreu uma pane. Nesse instante, passava um caipira com dois sacos de laranja enganchados no arreo, em direção a uma feira. O Magnífico, então, do alto de sua verve, assim o interpelou: “Ó guapo mancebo, podeis emprestar-me este fogoso corcel, para que eu possa atingir a metrópole mais próxima?” Ao que o matuto respondeu: “é déize a dúzia, doutor”. **Batuíra.**

- Quando trabalhava na Emater, fomos fazer um treinamento sobre gado de leite em Coronel Pacheco. Em uma das aulas, fomos visitar um rebanho daquela instituição, acompanhando o pesquisador Otto L. Mozzer. Um dos animais se destacava pelo tamanho, musculatura, ancas etc. Um colega mais afoito foi logo dizendo: “Professor, que boi bonito, deve ser um excelente reprodutor”! O pesquisador respondeu: “Isso não é um boi, é uma vaca”. Incontinentemente, o Valtinho, nosso colega da Emater de Inhapim retrucou: “É, pode ser, mas que ela é sapatona isto é”. **Geraldo Ferreira.**

- A “Caravana da Amizade”: O Alexandre Aad convidou o Obeid para ir ao aniversário do Ilídio em Montes Claros, mais de 700 km. Disse que não gostava de dirigir e pediu para o Obeid conduzir o veículo. “Sem problema. Sou motorista categoria C e dirigir para mim é um ato tão natural que, às vezes, toco acima de 12 horas seguidas”. Divulgamos que tínhamos duas vagas no carro. Saíram sexta-feira (11/07/19), aniversário no sábado, prosa no domingo, retorno na segunda. Associaram-se na viagem José Geraldo Fernandes Araújo e fizeram um desvio de rota para apanhar o Geraldo Ferreira em Água Boa. Participou, também, do evento o Paulo Canabrava. Foi um encontro memorável na mansão do Ilídio que deveria ser repetido em outros locais. Todos se sentiram rejuvenescidos. **Obeid, Aad, José Geraldo, Geraldo Ferreira e Paulo Canabrava.**

- Meses depois, repetiram a Caravana da Amizade, acrescido do escritor mór José Tarcísio Barbosa para visitar o Geraldo Ferreira em Água Boa, que mostrou todos os pontos turísticos da cidade. A viagem se estendeu a São Gonçalo do Rio das Pedras e a Diamantina, para assistir à Vesperata, a Curvelo, onde se encontraram com o Garibaldi e o Alencar, seguindo para Cordisburgo (Guimarães Rosa) e chegando a Sete Lagoas (30/09/2019), onde encontraram com Evode, Juca, Derli e Paulo Canabrava, numa linda recepção na casa do Evode. Lá conheceram a filha do Ênio e seu filho, um lindo garoto loirinho de olhos azuis, neto, segundo o próprio Evode, de seu vovô preto. Fica um convite para entrar no Guinness Book. Se conseguirem reunir cinco colegas para

comemoração do aniversário e a soma das idades ultrapassar 500 anos! **Obeid, Aad, Geraldo Ferreira, Tarcísio.**

- De origem pobre, do meio rural, filha de mãe viúva com quatro filhos, terminei o primário e permaneci na roça até que surgiu um concurso no Colégio de Viçosa e eu passei em primeiro lugar, ganhando bolsa integral. Então, no Colégio, tive vários colegas cavanhaqueanos que se lembram mais de mim por ter sido a única mulher da turma, na terceira e quarta séries do ginásio. Terminado o ginásio, estudei à noite para trabalhar durante o dia. Entrei na Universidade como operária e saí como professora adjunta. Neste ínterim, fiz cinco concursos e exerci diferentes atividades. Desta minha trajetória, tenho um casinho pertinente para contar. Passei pela Diretoria de Assistência como secretária. Um belo dia, entrou o Dr. Aníbal com a mão na cabeça: “Meu Deus, já não sei mais o que fazer com este rapaz, ele me sobe a reta a cavalo em pelo, e nu, às duas horas da madrugada”. Alguém pode imaginar quem seja”? **Nazareth.**
- Bатуíra era o responsável pelo Dia de Campo sobre suinocultura em Mutum, na década de 1970, patrocinada pela Agroceres. Apanhou o Geraldo Antônio Ferreira na Emater de Resplendor e um gordo advogado amigo chamado Affonso, que pesava uns 130 kg. Era um exemplo de educador, pai de família, único advogado do mundo que não aceitava defender servidor público que tivesse lesado os cofres públicos, por preço nenhum. O amigo advogado, diretor de colégio, pessoa boníssima, nos finais de semana, exagerava nas birinaitas. Após umas e outras, e várias outras, sempre cochilava na mesa do bar. Imediatamente, providenciávamos alguém para levá-lo até sua residência. Em Mutum, após as apresentações, rolou uma birinaitada legal. Por estar dirigindo, tive que me conter na bebida. Todos pegaram um fogo homérico. Embarcá-los foi fácil, tinha gente para ajudar. Mas, em Resplendor, a porca torceu o rabo. Certa feita, o Dr. Affonsinho exagerou na bebida e pedimos ao condutor que o levasse diretamente para a sua casa. Caiu em sono profundo e o motorista o levou até sua residência. Ao chegar, o motorista disse ao Dr. Affonso: “Chegamos”! Ele, pensando que tivesse chegado à casa das “meninas damas”, já chegou exclamando: “Ô putada, vão descendo as calcinhas que o Affonsinho gostoso chegou”. Era dia de reunião do Bazar Beneficente das senhoras de Resplendor em sua casa. Foi um Deus nos acuda! **Bатуíra e Geraldo Ferreira.**
- Eu e Nelson Rockefeller: a lembrança da participação deste personagem na minha vida me remete aos idos de 1971. Entre todas as reviravoltas que este ano reservou para mim, estavam a despedida da UFV e a antecipação do casamento, que foi marcado para 21 de dezembro. Fui, em lua-de-mel, para o balneário de Camboriú e me comprometi a assumir um cargo na Agroceres em 01/01/1972. Viajei na passagem de ano e, por volta das 22 horas, ao tentar cruzar a capital paulista, não consegui acessar a Rodovia Castelo Branco, devido aos bloqueios da Corrida de São Silvestre. Após quatro horas de infrutíferas tentativas, consegui chegar ao centro de São Paulo, próximo à Rodoviária, lugar que eu conhecia. Cansado, entrei no primeiro hotel (?) e passei o resto da madrugada vigiando a porta, que não tinha fechadura (passamos uma noite da lua-de-mel na Zona do Baixo Meretrício). Chegando a Matão, no 01/01/1972, como prometido, hospedamo-nos no hotel da cidade, pois não havia casa para alugar. Também, só tínhamos a roupa do corpo e um fusquinha 71, que pertencera ao Tuneo Sediayama, com apenas uma prestação paga. Diante da situação, a Agroceres buscou uma vaga na pousada do IBEC (International Basic Economy Corporation), um centro de pesquisa agrostológica que a Fundação Rockefeller mantinha naquela cidade. Como a pousada

estava lotada de pesquisadores e suas famílias, foi-me destinada a suíte do próprio Rockefeller (tudo de primeira), onde passei os próximos três meses da minha lua-de-mel quando, finalmente, consegui alugar e mobiliar uma casa recém-construída. **Batuíra.**

- Quando trabalhava em Itabira, cidade onde me aposentei, foi designado para trabalhar lá, um jovem de nome Everson, do qual me tornei compadre posteriormente. Após lhe passar as informações sobre os trabalhos, perfil do município etc., levei-o a conhecer a cidade. Memorial Carlos Drummond, Museu Carlos Drummond, caminhos Drummondianos, catedral etc. Por fim, levei-o à zona boêmia. Acho que Itabira é a única cidade do Brasil que ainda conserva essa tradição pois, até hoje, tem zona. Fiz-lhe as devidas recomendações, dizendo que era um lugar não recomendado e que o levava ali tão somente para ter uma visão geral da cidade. Para surpresa minha, quando entramos na boate, umas dez meninas, em uníssonos, gritaram: “O Dr. Geraldo chegou! E repetiram calorosamente: “Dr. Geraldo chegou”! Ao olhar para o jovem colega e sentir seu constrangimento, quase sofri um infarto. **Geraldo Ferreira.**

Outras lembranças

- Perdemos mais um colega de turma. Com muita tristeza li hoje a notícia da morte do nosso colega Sinval, o conhecido Bandidão. Que Deus o tenha em seu reino celeste! Moramos juntos na república e no alojamento. Bandidão de Valadares, quem se lembra dele referindo-se carinhosamente à mãe, como mãinha? E de como, de início, ele ficava “P” da vida com o seu codinome de batismo? Não teve jeito. Virou mesmo Bandidão. Muito meu amigo, ficava bravo quando eu dizia que ele era de “Nova Modess” e não Nova Módica. Era e continuou muito chegado ao Nilson Milagres (Sô Bito). Certamente, agora, estão de prosa junto do criador. Sinval era grande figura em todos os sentidos. Me lembro de ter encomendado a ele um par de botas iguais às que ele sempre usava, que eram fabricadas em Valadares. Que descansa na paz de Deus! Ô João, aquela bota e aquele chapelão levaram os veteranos a apelidá-lo de Bandidão de Valadares. Ele, no princípio, fechava a cara. Depois, se acostumou. Grande amigo, grande colega de estudo, junto com Sô Bito. Agora, pela reportagem televisiva, soube que era muito admirado pelos seus feitos em Nova Módica. Cansou de me convidar para ir lá. Não achava tempo. Bobagem, o tempo a gente faz. Agora, de que adianta me arrepender? Estamos na idade de fazer o que nos der na telha. Nós fizemos por merecer. Minha falecida mãe me repetia sempre um ditado antigo dos mineiros: “Quem sua boa cama faz, nela deita”. **Obeid, Dênis Lemos, João Bosco.**
- Colegas, alguém se lembra dos “Empurrados?” Eu me lembro. Eram quarenta as vagas para o Agro. Eu fui o quadragésimo. Depois, a escola criou mais dez vagas. Se conseguirmos recompor essa lista poderemos ver que foi providencial pois, nela, estão vários cavanhaqueanos maravilhosos, dentre os quais o meu irmão Kamelo. No agrotécnico, o número de vagas era fixo em 40. Como surgiram as vagas adicionais? O que eu sei é que foi um pedido ao Dr. Aníbal, então diretor do curso, para o acréscimo de 10 vagas, por ser a última turma e não terminar com um pequeno número de concluintes. Fui beneficiado com a decisão, além de outros colegas. Eis a lista dos famosos empurrados: Jabuti, Afonso, Pimentinha, Embreagem, Corujão, Florzinha, Coiega, Kamelo, Leopoldina e Pra Trás. Salvo algum substituto, este é o time de “empurrados”. **Antonio Rodrigues, Ilydio e Colaboradores.**

- Agrobóys, personagens: Messias Bhering, o Chico Pança, nativo (hoje residente em Cuiabá), nosso colega, foi autor de "O Tratado de Velhacaria Aplicada", apresentado com grande sucesso no "centro de palestras" do agrotécnico, dirigido pelo Wellington Abranches (Mamão). Diz a lenda que Esaó fez a revisão do "Tratado da Velharia", tendo-o aperfeiçoado sobremaneira. **Ilydio**.
- Ilydio, o alemão tá passando longe de você. Eu acho que andou batendo nele. Caramba! Depois de tantos anos, ainda lembrar como fosse hoje. Parabéns! **Hassui**.
- Por falar em filme, quem se lembra do nome do filme (uma bomba...) do qual os formandos do agro tivemos que vender ingresso para ajudar na festa de formatura? Uma pista: "A M M" (**Paulo Fontes**); "A Máscara Maldita" e quase levamos uma surra da platéia da última sessão, KKK (**Batuíra**). Correto. O nome do filme era este mesmo. Uma verdadeira porcaria. Lembro-me ainda da propaganda que fazíamos sobre o mesmo: "Ajude a agricultura assistindo o filme Máscara Maldita". Quase fomos trucidados pelos que assistiram o filme. Confere Paulinho Jiló?
- Lembro-me do tempo da UREMG com 600 alunos. Conhecíamos todos pelo apelido. Bons tempos aqueles quando tomávamos homéricos porres e, vindo da cidade para a UREMG, ao atravessar as quatro pilastras, soltávamos o grito de guerra: "Ô Viçosa perereca", e íamos ter pesadelos com a próxima prova de química. Sinto mesmo muitas saudades daqueles tempos. **Geraldo Ferreira**.
- Mas que memória sô!!! Com direito a General Custer, quarta Cavalaria e tudo mais. (**Pluto**); parece que ele comandava a sétima cavalaria e não a quarta. Se eu estiver enganado retifique (**Hassui**); correto Hassuí. Sétima cavalaria (**Obeid**). Acompanho o relator (**Batuíra**); "até a Sétima Cavalaria do General Custer foi lembrada??? Louvado Seja Deus" (**Ilydio**).
- E o latim maltratou muitos cavanhaqueanos... Totonho, o interessante é que, no latim, língua oficial dos romanos, poder dominante na época, não existia a letra "J". Ex: INRI - *Iesus Nazarenius Rex Iodorum* (Jesus Nazareno Rei dos Judeus). Também IHS - *Iesus Humanae Salvatore* (Jesus Salvador da Humanidade) **Geraldo Ferreira**.
- Engraçado. Nós aprendemos, mas esquecemos muito. O Sapo exercita seu latim até hoje: *Quosquae tandem abutere Catilina patientia nostra* (**Obeid**). Traduzindo, "até quando Catilina, abusarás de nossa paciência"? Referindo-se a longos e enfadonhos discursos chamados de catilinarias, do senador Catilina (**Geraldo Ferreira**). Meu latim é mais rasteiro, à lá Cidão: *Dura lex sed lex* (pro cabelo só gumex) kkkkkkk (**Batuíra**). Tarcisio e Sapo: é *qui* ou *quid*? Vocês é que dominam melhor o latim. O Eskas já me deu aulas de reforço de latim, quando cursávamos o ginásio. Quando ele fala que trabalha desde a infância, eu sou uma testemunha viva (**Obeid**). *Qui, quae, quod* (**Geraldo Ferreira**).
- Sapo, com "J" tem o Joaquim pai de Jesus. Marcos, você se enganou. O avô de Jesus é Joaquim, casado com Santana. O pai de Jesus é José. Ops outro J. Campanha: Matoso para bispo de Viçosa, com apoio dos Kavanhaqueanos (**Geraldo Ferreira**). Frog, Viçosa não tem sede de Bispado, e sim Mariana, que é Arcebispado (**Obeid**). Meu caro Obeid, com a força dos Kavanhaqueanos, demonstrada desde os tempos de UFV, fácil, fácil destronar o atual bispo e entronizar o Matoso, meu candidato *in pectoris* (**Gerado**

Ferreira). *In pectore* – ablativo! Hahahaha (**Tarcísio**). Tarcísio, você é phoda. Consegui corrigir um súdito de Dom Sigaud, o Arcebispo mais conservador e terrível que conheci (Zé **Rubens**). Meu latim é mais rasteiro, à lá Cidão: *Dura lex sed lex* (pro cabelo só gumex) kkkkkkk (**Batuíra**). Ô Batuíra. Falando em latim, lembrei-me do Prof. Potsch, conterrâneo do Evode e meu ex-vizinho de ap. em Viçosa. Como síndico, submettera-lhe à correção um texto, consultando-o sobre a redundância de uma frase. Sua resposta: “consERVE a frase no texto. Neste caso, *qui abundant, nom nocere*”. Traduzindo: O que abunda, não prejudica. Kkkk. Tarcísio e Sapo, é *qui* ou *quid*? Vcs é que dominam melhor o latim. O Eskas já me deu aulas de reforço de latim, quando cursávamos o ginásial. *Qui, quae, quod* (**Geraldo Ferreira**). *Quem, quam, quod. Cuius, cuios, cuius. Quo, qua, quo. Quorum, quarum, quorum. Quibus, quibus, quibus. Quibus, quibus, quibus*. Na ordem: nominativo; genitivo; dativo; acusativo, vocativo e ablativo. Sapo, tá muito fora ou aproveita alguma coisa? (Matoso). Uai Matoso, não conhecia sua cultura do (*latinorum*)? Me lembro de uma prova oral, no colégio de Viçosa. Eu, com 11 ou 12 anos, enfrentando uma banca de professores formada por (Lopes, Zé Henrique, Januário e Felício.Brandi). Nunca passei tanto aperto. Kkk. Um fato que merece destaque ocorreu em nossa época de estudante ginásial no Colégio de Viçosa. O Professor Lopes comprara uma Lambreta novinha e chegou falando que ela economizava 50 % de gasolina. O porteiro Norton disse para o funcionário Aníbal: “então se ele comprar outra Lambreta, o professor não vai gastar nada de gasolina” (**Zé Mauro**). Zé Mauro, eu tomei bomba. Merecidamente, diga-se de passagem (**Matoso**). Rapaz, pensei que só eu tinha passado apertado em latim, principalmente, os verbos e no exame oral (**Hassui**).

- Marcos, a bomba surtiu efeito. Seu *latinorum*, salvo melhor avaliação dos cachorros mestres Kavanhaqueanos Eskas e Monsieur Crapaud, tá correto. O Evode também latia com sapiência seminarística. Foi nesta bomba que te apanhei, pois eu era colega do seu irmão mais novo, Luciano. Seu tio e concunhado do Morethson, o Toninho de Deus, também latia a contento. Kkkk. Também foi meu professor de reforço no latim (**Obeid**).
- Pluto, o artigo não é do Gandra Bittencout. É do Dr. Gandra Martins, advogado tributarista dos mais renomados, irmão do maestro e pianista João Carlos Martins, católico, conservador e membro ativo do "Opus Dei". Não é parente do Luiz Gandra. (**Obeid**). Pois é, ao ver o Gandra, lembrei-me de nosso contemporâneo Luiz Gandra, o Luizito Cabriteiro. Sempre muito alegre e um ótimo colega (**Ilydio**). O Luizito Bittencourt Gandra ou o inverso, era de São Geraldo, sobrinho do Dr. Milton Bandeira, irmão do General BANDEIRA, à nossa época, comandante da 4ª Região Militar. Ele integrava o Trio Los Pranchas: Luizito, Zé do Brejo e Tibiriça (**Peloso**). Aí vai a árvore “ginecológica” do Luizito Cabriteiro: Luiz Gandra Bittencourt, neto do grande fazendeiro Aristides Bittencourt, fazendeiro, produtor de café em São Geraldo (era exportador e tinha escritório em Nova York). Hoje, a fazenda pertence ao CPT. Esta família tem muito a ver com a Agrocere, pois uma das tias do Luizito casou-se com seu fundador, Antônio Secundino de São José. Deste casamento, nasceu Ney Bittencourt Araújo, que se tornou presidente da empresa e casou-se com uma filha do professor Vanetti. A irmã do Luizito, Terezinha Bittencourt, casou-se com o agrônomo capixaba Roberto Butteri, que veio a ser meu diretor na Agrocere. Luizito era do Berimbau (acho) e grande peladeiro (**Batuíra**). Antes de ser do quadro da Agrocere, o Butteri foi professor de topografia da UREM (G) (**Obeid**). Correto, Obeid, enciclopédia ambulante. Parabéns, Obeid, pela memória elephantina. Isto é excelente sinal (**Batuíra**).

- Para exemplificar o resultado de uma reação de oxirredução: em se falando em oxirredução, Pedro Butina, muito “curto” dos miolos, nos apresentou um pé de couve com folhas quase do tamanho das de bananeiras e que, segundo ele, tinham sido obtidas pelo processo de eletroforese. kkkk. (**Geraldo Ferreira**).

- Aloísio, quero agradecer e parabenizar a você e ao Obeid pelo grande empenho com que vocês tratam as coisas kavanhaqueanas. Sabemos que vocês têm suas atividades e que esta dedicação ao grupo é mesmo por amor a essa tão saudosa lembrança. Sem nenhuma demagogia, acho que todos concordam que você tem o pódio de eterno líder e conselheiro Kavanhaqueano! (**Ilydio**). Caros colegas kavanhaqueanos, tenho muita saudade de todos. Desejo que este encontro seja repleto de momentos felizes, muitas risadas e muita alegria. Estou me preparando para os 50 anos. Felicidades. Vi as fotos, os discursos, os principais momentos e quero elogiar os coordenadores e demais que não pouparam esforços para efetivar este encontro. Feliz retorno a todos, um abraço do amigo e irmão (**Leôncio**).

- Sapo, meu caro, idoso emociona-se com muita facilidade. Chegou a correr-me água nos olhos ao terminar de ler sua carinhosa mensagem. A amizade verdadeira nunca se acaba. Morreremos amigos. Veja a solidariedade e a generosidade do Pluto: aumentar 200 km numa viagem já longa de 900 km para lhe proporcionar a alegria deste reencontro. A isto dá-se o nome de amizade. Oh! Habib Obeid, como é bom ser seu amigo. Oh! como é bom e suave, que os irmãos vivam em união. É como um óleo precioso que desce pelos montes de Sião. Ali, o Senhor nos abençoa e ordena a vida para sempre (mesmo depois da vida terrena). **Obeid e Geraldo Ferreira**.

- O Edson, prefeito de Ubá, tem participado bem de nossas reuniões. Segundo o Sapo, um alcaide que engrandece o time dos Kavanhaqueanos. Obeid: Ao ensejo da palavra alcaide com a qual o Sapo se referiu ao nosso Celite, conto aos colegas um caso ocorrido há cerca de 20 anos. O José Antonio Gouveia, estimado técnico do laboratório de análises de alimentos do DZO, subordinado ao Prof. Dirceu Jorge e também pequeno produtor de leite, candidatou-se à vereança em Viçosa. A apuração manual avançou noite adentro. Acordando cedo, como sempre sói acontecer, liguei a Rádio Mococa e constato que o Xará, assim o chamo até hoje, tinha sido eleito. Às 7 h, antes de sair pra a UFV, liguei pro laboratório. Atendeu um servidor subalterno de nome Raimundo Cardoso, parente do Luiz Capeta, conhecido de muitos de nós e figura folclórica na Viçosa de nossa época. “Bom dia, Raimundo”. Por ser assíduo no laboratório, conheci sua voz ao atender. “Aqui é o professor Obeid e eu gostaria de falar com o nobre edil da casa”. E o Raimundo, em sua simplicidade inculta, respondeu: “Professor, num conheço ninguém com este nome aqui no laboratório”. Ao lhe explicar o significado da palavra edil, só ouvi o grito: “Ô Gouveia, o Prof. Obeid quer falar com você ao telefone”. Até hoje, caçoo com os dois, lembrando o episódio que virou piada no laboratório. **Obeid**.

- A origem humilde é comum à maioria dos Kavanhaqueanos. Colegas, somos de uma geração de um grupo acadêmico privilegiado. Todos nós contribuímos para o engrandecimento do País. Por onde quer que tivermos passado, nosso empreendimento foi sempre exitoso. À guisa de exemplo, o Prefeito, o Bandidão e o Celite. E, com toda certeza, posso estender o comentário a todos os kavanhaqueanos e kavanhaqueanas, em cada um dos campos em que atuaram. Missão cumprida, meus amigos! Agora, como diz bem monsieur crapaud, é só curtir a vida que nos resta (**Obeid**). Sim Tarcísio, éramos muito pobres e todo pobre que raramente fica rico conserva o hábito do

aproveitamento, ou aquele muito rico, que recebeu instrução em casa, família de origem pobre. Frase da presidenta Dilma: “Você sabe o que é pobre rico? É aquele pobre que ficou rico! E rico pobre? É aquele rico que ficou pobre, né!”. Hoje, tem mais pobre ficando rico do que rico ficando pobre. Veja, no Cavanhaque, acredito que a maioria, durante o curso, era dotada de poucos recursos (eu, por exemplo), diferentemente de nossos filhos, que alcançaram condições mais favoráveis. Se não alcançaram o sucesso merecido, não foi por falta de apoio dos pais, acredito! Meus sinceros votos a todos os filhos dos cavanhaqueanos. Que sejam felizes, indiferentemente de serem ricos ou bem-sucedidos, apenas felizes! (Plagiando Ratan Tata, bilionário indiano da indústria automobilística e de outras, autor de tiradas como “ensine seus filhos a serem felizes”).

Alberto.

-E o Kavanhaque se aventura também na aviação. Eis o Matoso a explicar no Grupo um recente incidente aéreo: Acft da Azul, que precedia a empresa Gol, órbita no FN362 por estar acima do peso. Com base nisso, a GOL reduziu velocidade. A Azul iniciou aproximação. A Gol optou por interceptar via FN362 ao invés do FN363 para aumentar a distância e, eventualmente, também efetuar órbita. Contudo, como a distância estava em aparentemente 9NM, ele optou por prosseguir. Todas as ações de ambos foram devidamente comunicadas para o Rádio. Contudo, após o pouso da Azul, o controle de pátio solicitou que ela livrasse via A, não via B, em virtude de haver outra acft da Azul, em MNT, no pátio. Isso alongou demasiadamente o tempo de ocupação, levando a GOL a arremeter. Não achei na ICA100-37 nada que o impedisse de passar o IAF com outra acft ainda no procedimento com AFIS operando. A manobra foi classificada como normal (Matoso). Matoso, quanta sabedoria! Maria Concebida! Já pilotou avião transoceânico? Fiquei piradinho da silva. Após suas explicações, a partir de agora, para mim, viagem só de bicicleta, seguindo rigorosamente a órbita FN362. Muito grato pelas dicas! Já me comuniquei com o amigo Bolsó, pois somos amigos íntimos. Se duvidarem, perguntem ao Morethson, para nomear o colega Matoso para ministro da Aeronáutica. O pedido está sendo estudado com uma pequena restrição de um brigadeiro por achar que o brevê de nosso colega foi tirado no Paraguai. Pequena picuinha que será resolvida brevê mente (**Geraldo Ferreira**). Esses Cavanhaqueanos, cada dia nos surpreendem mais! Piloto de avião já seria uma surpresa. Agora, o Matoso fabricar o próprio avião, é demais (**Ilydio**).

- Professor Obeid, acho fascinante quando vc diz “à guisa de”, pois me faz lembrar frase de professor competente. Ensine para o Paulinho Jiló e, com certeza, quando puser em prática, será aclamado pelos alunos, professor do ano (**Geraldo Ferreira**). Precisa não, Frog, o Jiló teve as mesmas escolas e os mesmos professores nossos. Só não fomos alunos de D. Sigaud. Os nossos foram Lopes, Gonçalves e Capdeville. Daí o cuidado com o vernáculo. De qualquer modo, obrigado pelo elogio. Como disse Cristina, a douda filha do Pluto: "Pai, neste seu grupo só tem pessoas eruditas". Ah! Quem me dera! Kkkkk. Aproveito a chance pra agradecer ao Pluto as palavras carinhosas dedicadas aos Kavanhaqueanos que abraçaram a carreira de professor. No Japão, esta é a única classe social que não está obrigada a se dobrar em reverência ao Imperador. A explicação, segundo os próprios japoneses, é que “se não fossem os professores, não haveria imperadores”. Na Alemanha, dizem ser a classe mais bem remunerada, pois ela é a nata da sabedoria, formadora de todas as demais classes, inclusive a dos dirigentes do país. Vejam que, em alguns lugares do mundo, ainda somos valorizados! **Obeid**.

- O Decano da Turma: Pegando um gancho na brincadeira do Bato, estou a matutar se serei eu o decano da turma. Para não dar trabalho ao nosso detetive Obeid e para satisfazer uma curiosidade minha, serei eu o mais velho da turma? *I was born in* 06/02/1944. Algum(a) cavanhaqueano(a) é mais idoso que eu? Caso haja, não sinta constrangimento em dizer. Que se apresente. Torçam para que não pois, se confirmado, vou ser muito exigente (**Geraldo Ferreira**). Com relação ao concurso do mais idoso Kavanhaqueano, acho que a ordem é: Medalha de Ouro, José Pra Frente 19/09/40; Prata, Antonio Pra Trás 06/03/42. Tenho dúvida com relação à medalha de Bronze. Pode ser do Joaquim Resende Verminose. Acho que ele é de 1941 ou 1943, ou outro com quem tivemos menos convivência. Se o Verminose for de 41, me toma a Prata, kkk. (**Antonio Rodrigues**). Que pena! Estava todo garboso pensando que seria o vovozinho da turma e, de repente, me surge o clã Pra Frente e Pra Trás e me arrebatou um troféu que julgava meu. Pior ainda, não sobrou para mim nem a medalha de bronze. Snif ... Snif... Saúde e muitos e muitos anos de vida aos usurpadores do troféu que tinha como certo. Mas não desisto do posto de mais velho da turma. Entrei com um processo recursal no STF e tenho certeza de que se ele cair nas mãos do Gilmar Mendes, a vitória é certa (**Geraldo Ferreira**). Nasal, você tinha razão, o Abricó desbancou todo mundo. É o mais "erado" da manada. Nasceu em 01/05/1939. Já fechou 82 anos, em 2021. Nova evolução do rebanho: **Ouro**, Abricó; **Prata**, Dansaburo Nishi; **Bronze**, Pra Frente; **Lata**, Sapo. Sapo você não foi o decano, mas foi o líder da turma, do agrotécnico ao superior. Se considerarmos os vivos, você é **Bronze (Obeid)**. Concordo, embora líder meio rebelde naquela época, né? Kkkkk.
- Voltando ao nosso pretense decano, você era guia para as horas difíceis (reclamar do Braga e do Márcio às autoridades acadêmicas) e também nas gandaias, na linguarudice dividida com o Gestante, nas festividades, nas passeatas e prisões e na soltura dos Kavanhaqueanos mais rebeldes. Sim, era o Sapo. Sim, lá ia o Crapaud à frente do pelotão. Uma vez, a milicada invadiu o DCE e mão no Sapo. Sendo interrogado inúmeras vezes seguidas, não tendo caído em contradição e sempre defendido pelo Reitor, ele levou um bicudo de coturno no traseiro e foi liberado pelos milicos do Dops. Diz ele que o chute dói até hoje. **Obeid**.
- Na excursão a Patos, quem se lembra do Barra Limpa e seu pai despejando uma caminhonete C-10 de laranjas pra abastecer a turma, que tinha uma fome insaciável? E das cozinheiras que preparavam o café da manhã, o arroz, o feijão, a carne moída (, boi ralado, tudo às expensas dos colegas Curió e Armondes? A eles devemos a inesquecível passagem por Patos. E pra entrar no recinto da Festa Nacional do Milho? Tudo esgotado, ninguém tinha convite e era perto de umas 40 pessoas entre pica-fumos, pica-paus e pica-couves. Eis que surge um ex-aluno de Viçosa, depois colega do Nasal na Agrocere de Inhumas, onde sempre tomava inhuma de outras, o Lourival Pacheco, o Pai d'égua. patense famoso, de família tradicional, e o não menos famoso seu irmão, professor da UFLA, Lourival Pacheco, o Pai Vaca. Cientes do problema que nos afligia, adentraram ao recinto e, pouco depois, retornam à portaria com o coordenador do evento, que, num espetacular 0800, coloca todo mundo pra dentro. No outro dia, ao nos visitar no casarão da Major Gothe, ganharam um curuquerê augustíssimo e um belo de um "bicho-berra" da turma (**Obeid**). Sapo foi o nosso puxador de samba nessa excursão. O Marcha Lenta no violão e o Sapo cantando *I don't want stay here* lá na Lapinha, o barzinho da moda de Patos de Minas, à época. Foi uma excursão memorável. Lembrome com detalhes e confirmo as postagens até agora feitas pelos colegas. A farra começou dentro do ônibus (**Timauro**). Nas minhas matutagens, tenho quase certeza de

dois professores participaram conosco de eventos excursionistas: Luiz Hemetério (Neguvon) e Freire (Titico), da entomologia (**Geraldo Ferreira**). Nessa excursão a Patos, o Donato viajou vestido de padre. Também foi junto a Professora Letícia, que dava aula particular de leitura dinâmica. Sérgio Melo namorou com ela. Quem tocou no baile foi o Conjunto Três do Rio, junto com a cantora Eliana Pitman, também em início de carreira. Foi nesta excursão que vimos, ao vivo, dois shows de dois ainda pouco famosos cantores, Roberto Carlos e Agnaldo Timóteo. Foi num campo de futebol (**Obeid, Paulo Fontes, Canabrava, Batuira, Mauro, Geraldo Ferreira, José Rubens**). Fizemos uma excursão a Goiás e visitamos Brasília, o canal de São Simão e a terra do Nasal e do Batuira. A eles devemos muito este evento acadêmico. Os dois professores estão vivos e gozando de boa saúde (**Obeid**). Que bom saber boas notícias do professor Luiz Hemetério! Era muito competente e amigo da turma. Corrijo, o Cidão também era. Só que o papo dele era diferente! Kkkkk. Outro professor que destaco e que, a meu ver, merece o reconhecimento dos cavanhaqueanos da agronomia, é o Brandão, da avicultura, não só pela competência, como também por ser muito próximo da turma. Até em sua casa nos recebia. Uma vez, deu um show de gaita quando o visitamos em sua residência. (turma da zootecnia) (**Geraldo Ferreira**). Outro termo que o professor usava muito eram pintinho de um dia. E que a turma o adotou para se referir às meninas mais jovens, tipo 14 anos, que queriam namorar ou já eram namoradas de alguém da turma (**Ilydio**). Dá gosto ver os “galo veio” lembrando histórias de quando se nominavam Pintinhos de um Dia, sonhando em calçar as esporas da vida (**Batuira**). Uai Habib, o Prof. Brandão ainda é vivo? (Geraldo Ferreira). Vivo, gozando de boa saúde e muito meu amigo. Gosta de uma gaita até hoje. Ainda há pouco, deu um concerto para os professores aposentados lá na ASPUV/ UFV. Longa vida com saúde ao professor Brandão! Que Deus o abençoe sempre! Eita povo da cabeça boa! Xô alemão! Credo em cruz! Desconjuro! (**Geraldo Ferreira**). “Tamo igual ao magiclick, potente pra 104 anos”. Quem não se recorda do acendedor de fogões magiclick? E do professor de suinocultura prática, o Hélcio murrinha perguntando: “Certo? Tudo magiclick”? (**Obeid**).

- Outro caso folclórico é o do Pitucha, filho do Vico Martino. Durante a Copa do Mundo, dia de jogo do Brasil, Pitucha e Nelson Ibrahim, nosso contemporâneo, estudavam ouvindo o jogo pelo rádio, equipamento raro à época, que o velho seu Vô, Zé Ibrahim, ligava para ouvir as notícias do saudoso Líbano. O rádio, um aparelho avantajado, *Pioneer*, com 8 faixas de ondas, exigia um transformador pra funcionar, tão ruim era a luz da cidade. Na Uremg, a luz era da casquinha, boa e própria. Eis que o Brasil faz o primeiro gol. Pitucha risca uma “cabeça de nego” e, por uma abertura oblonga da tampa traseira do rádio, lança-a para dentro. Em segundos, uma grande explosão. Todos correm para o quarto de estudo. Ainda soltando fumaça, o chassi do rádio fumegava. A carcaça destruída em mil pedaços. Este era o Pitucha. Mas era bom aluno. Sua pasta, um barbante amarrado no formato de um círculo, que era passado no pescoço e por debaixo do braço. Nele, os cadernos eram abertos e colocados uns sobre os outros, como alças, em um único cabide. E tem outra: viagem a BH, ônibus lotado e o Pitucha em pé. Na parada de Ponte Nova, ele aproveita, compra um Sonrisal e, ao ganhar a saída da cidade, mete o comprimido na boca e dá início a um “ataque epilético” babando aos cântaros e dando espasmos. O folgado foi sentado até BH. **Obeid**.
- Num encontro de pró-reitores de universidades federais, o pró-reitor de extensão da UFOP contou, em sua fala de abertura que, uma vez, havia se candidatado e fora eleito vereador em Ouro Preto. Na primeira reunião da Câmara, dois vereadores novatos e

muito xucros entraram em calorosa discussão. A certa altura, um deles pediu a palavra e dice solenemente: “assim, Vossa Excelência está ofendendo a minha excelência”. É muita finesse! Kkkk. **Obeid**.

- O Patorroco iniciou-se no manejo das armas e arrastou outros Kavanhaqueanos. Na venda do Cláudio Orlando, comprei meu primeiro canivete. Também nessa venda, ficava “namorando” umas facas bonitas na vitrine do balcão, mas meu pai não me deixava comprar. Com cerca de sete/oito anos de idade, dei os primeiros tiros com um revólver de cabo de madrepérola que meu Tio Vicente, pai do Paulinho Jiló, permitiu e me ensinou. Você se lembra, Paulinho? Foi na casa em que vocês moravam, na PH Rolfs. **Zé Rubens**.
- Patorroco, iniciei-me na bandidagem aos 12-13 anos, tendo comprado minha primeira espingarda na dita loja. Foi comprada com dinheiro ganho no bicho e acho que fiz uma crônica sobre isso. **Obeid**.
- Não tenho certeza. É tanta leitura e tanta revisão que tô começando a ver gurips. Kkk. **Paulo Fontes**.
- Com relação ao Boteco do Bosteiro que pertencia ao Zizinho Parzanini, contam que o freguês chegava e pedia uns quibes que ficavam em cima do balcão e o Parzanini, ou seu empregado, espantava os mosquitos e falava: “Não é quibe não, é ovo frito”. O ortopedista Dr Egídio Santana trabalhou no balcão desse Boteco (**Zé Rubens**). Verdade, verdadeira, Patorroco. O ovo do Zizim Parzanini era empanado, mas com cocô de mosquito (**Obeid**).
- O Zé Rubens buscou no fundo do baú coisas nossas (dos nativos). Quantas vezes fui aí ao Largo São Francisco, na casa do nosso saudoso Sô Coelho, pra preparar as marretas da prova mensal. Você se lembra? Era aí que se armavam os circos que iam a Viçosa. Saudade, cara! Abraços. **Zé Alves**.
- Comi muito cachorro-quente no Bosteiro. Dizem que ele completava o molho durante nove anos! Uma vez, tomei um porre lá com o Esaó (**Tarcísio**). Lá, também trabalhou o colega floresteiro da família Rosado. Era um espaço tão reduzido entre a parede e o balcão que você tinha que ficar de frente para quem passava, para não ser “coxeado”. Mas vivia lotado! Um frequentador folclórico era o Sr. Luiz, um crioulo simpático, com pernas tortas à la Mané Garrincha que, em troca de uma pinga, recitava poesias ininteligíveis, exceto pelo final, que era sempre “Te encarco o ferro”. Alguém se lembra de mais detalhes? **Batuíra**.
- Voltando às espingardas Batuíra, a bandoleira da minha espingarda, correia de couro para pendurá-la nas costas, foi seu Zé Cupertino, pai do Zé Dromedário, sogro do Zé da Ponte, seleiro da ESA, Uremg e UFV, quem me presenteou. A loja onde comprei a primeira espingarda se chamava Casa Popular e o dono, um cabeça branca simpático, era o Cláudio Orlando. O Bar a que o Zé Rubens se referiu, fora arrendado. O filho do arrendatário, o Landico Rosado, pica-pau, já falecido, era filho do Sinhô Rosado, vizinho de sua atual esposa na Gomes Barbosa (**Obeid**). Cruz credo Obeid, esconjuro! Memória paquidérmica. Você viveu à frente do seu tempo. Depois foi a Ponte Nova comprar uma arma de fogo, já pensando no decreto do Bolsonaro. Quanto à loja do

Cláudio Orlando, comprei lá, em 1964, e guardo comigo até hoje, uma faca "peixeira" com cabo de madreperla. Era linda!

- O Kavanhaque, o Whatsapp e a última eleição em Minas: Caríssimos colegas mineiros. A eleição da candidata Dilma Roussef constitui uma afronta ao povo mineiro porque, apesar de ela ter ganho a eleição em Minas em 2014, jamais fez algo a favor da melhoria da infraestrutura do nosso Estado. A obra do metrô continua paralisada, da mesma forma que a expansão do anel rodoviário, entre outras promessas da campanha de 2014. Agora ela veio para Minas a fim de aproveitar o dinheiro desviado pelo governador petista para a campanha de 2018. Se ela for eleita para nos representar no Senado Federal, além de continuar nos prejudicando, desmoralizará a imagem política dos mineiros junto à opinião pública nacional. Minas Gerais sempre teve grandes nomes na política nacional como Milton Campos, Pedro Aleixo e Juscelino Kubitschek, entre outros. Por estes motivos, esta senhora tem que perder a eleição aqui, em outubro de 2018. Lembrem-se de quem eram os ministros da época? Antônio Palocci, da Fazenda; Ciro Gomes, da Integração; Fernando Haddad, da Educação; Marina Silva, do Meio Ambiente; e Meirelles, presidente do Banco Central. Ter memória faz bem à saúde e ao País! É pessoal. Estamos chegando à reta final. Será que seremos capazes de derrotar a gaúcha Dilmanta? Parece que o Bolsonaro, pelo que se vê em todo Brasil, tem boas chances. Vamos, mineirada, mostrem seu brio nas urnas! (**Geraldo Ferreira**). Mineiro é maquiavélico. Mandou Dilma pra casa, tirou Pimentel do segundo turno e elevou o desconhecido Zema, de 22 % de hoje de manhã para 42 % à noite. Cultura política é outra coisa! (**Obeid**).
- O Candinho ficava na porta do refeitório (7ª Seção do alojamento velho) com um porrete na mão para organizar a fila. Era a maior gozação porque ele não batia em ninguém, apesar de ser forte. Toda santa refeição tinha uma pica-couve na frente: a Trombada (lembrem-se dela?). Tinha uma escada e a porta do refeitório ficava num fosso, no fim dela. A turma de trás vinha empurrando, e a Trombada e companhia ficavam literalmente no ar. Quando o Candinho abria a porta, era aquela enxurrada. **Batuíra**.
- Dedeco, Garrafão e Niquita pegaram carona no Jeep de um amigo da cidade e roubaram 2 patos que estavam dentro do veículo. Amarraram os patos nos pés das camas, no segundo andar da quarta secção. Eu morava com eles e, quando cheguei, à noite, deparei-me com patos e os bêbados. Deitei-me com cheiro de pinga e cocô de aves no ar. No outro dia cedo, chegou o dono das penas para reabilitá-las. Os golpistas não sabiam onde esconder as caras. **Evo**.



Capítulo 4

Crônicas Cavanhaqueanas

Alojamento Masculino – Novíssimo, Novo e Velho



Departamento de Economia Rural

A explosão no quarto 713

Aloisio Teixeira Gomes (*)

A passagem pela UFV é inesquecível. Foi marcada por importantes exposições no campo acadêmico, resultando em uma formação técnico-científica invejável, séria, responsável e apertada, bem como pelo convívio social, eventos memoráveis e sólidas amizades adquiridas.

Uma das ocorrências que me marcaram muito no ano de nossa formatura foi a explosão de uma bomba dentro do quarto 713. Não me lembro da data exata, mas foi em outubro de 1970. Estávamos cumprindo as últimas obrigações acadêmicas para obter o diploma na solenidade de formatura que foi no dia 15 de dezembro de 1970.

Naquela data, os alunos diversificados em economia rural estavam muito preocupados com uma prova, salvo engano, de macroeconomia. Acertamos um pequeno grupo para estudar à noite, com foco nas perguntas que geralmente eram pedidas em provas anteriores, conhecidas na UFV como “questões marretas”. O grupo era composto por mim, Marcos Joaquim Matoso, Ronaldo Pedrosa Gomes e Rodrigo Otávio M. de Sousa Lima (falecido). O clima estava tenso em razão da complexidade da matéria. Não poderíamos desviar o foco de estudar para a prova. Então, fomos nos reunir numa sala do próprio departamento de economia rural, longe dos alojamentos, visando a obter maior concentração e rendimento nos estudos. Lá ficamos até as duas horas da madrugada. Caminhando de volta aos alojamentos, alguém do grupo, não me lembro de quem foi, deu uma ideia de soltarmos um foguete-rojão entre os prédios de alojamentos só mesmo para perturbar o sono dos colegas que lá dormiam. Diga-se que, naquela época, em outubro, já tínhamos feito um pesado estoque de explosivos de diferentes tipos, visando à celebração de nossa formatura, em especial após a aula da saudade, com o tradicional foguetório no grande gramado entre o prédio principal (Bernardão) e o prédio do alojamento velho. Nossa opção para realizar o malfeito naquela madrugada foi pelo explosivo mais forte do estoque. Uma bomba artesanal do tipo “cabeça de nego”, do tamanho de uma latinha de cerveja, a qual era feita por encomenda na cidade de São Miguel do Anta, vizinha a Viçosa. Daí derivou o apelido que demos para a bomba: “*Saint Michael*”. Havíamos encomendado um carregamento da bomba “*Saint Michael*” e fomos lá buscar no fusquinha do Matoso, um dos raros carros de estudantes na época. Veio lotado de bombas para a nossa festa de graduação. Bem, decidido pela explosão da bomba, discutimos e acertamos como fazer. Escolhemos que a bomba seria lançada do quarto 713, onde moravam Ronaldo, Rodrigo, Oclécio Rodrigues Ferreira (falecido) e o Francisco de Paula Castro Filho (Chico, falecido). Deveria explodir do lado de fora, no vão entre os prédios do alojamento novo e o velho. A ideia era soltar a bomba pela janela do quarto 713, tipo basculante, localizada acima da cama do Ronaldo. O pavio da bomba não riscava direto e tinha que ser aceso. Tudo planejado. De pé, sobre a cama do Ronaldo, eu posicionei a bomba para o lado de fora da janela basculante e Matoso riscou o fósforo para acender o pavio. Registra-se que, naquela hora, dormiam no quarto 713, os colegas Oclécio e Chico. Ambos foram acordados e convidados a assistir ao malfeito, mas não aceitaram o convite, permanecendo em suas camas. Os outros dois moradores do quarto, Rodrigo e Ronaldo, estavam participando da estratégia explosiva. O fato é que, quando o pavio acendeu e joguei a bomba, ela resvalou no basculante, voltou e caiu acesa dentro do quarto. Oclécio pulou pela janela e os demais, menos o Chico, nos retiramos do quarto, às pressas, no momento em que a bomba voltou e caiu dentro do quarto. Um estrondo muito forte ocorreu, seguido de muita fumaça. Depois de dissipada a fumaça, fomos ver o enorme estrago. Os vidros das janelas e dos basculantes estavam estilhaçados, quebrados,

armários rachados e, no piso de taco onde a bomba detonou, formou-se uma bacia, um grande buraco. O Chico, imóvel, muito assustado, ficou passado ao sentar-se em sua cama. Para voltar a si, o Rodrigo deu-lhe alguns tapas no rosto. Felizmente, Chico voltou à normalidade, porém, muito assustado. Passado o susto, buscamos evitar a punição, que certamente impediria de nos formarmos em dezembro de 1970. Acionamos imediatamente os responsáveis por cuidar da vigilância e da disciplina na Universidade. Matoso, por sua diplomacia e serenidade, foi incumbido de conversar, alegando, de forma insistente, que alguém havia jogado uma bomba de fora para dentro do quarto e que providências deveriam ser tomadas para identificar e punir exemplarmente os infratores. Colocamo-nos à disposição para colaborar nas investigações e fizemos um fortíssimo pacto de não comentar com ninguém como os fatos haviam ocorrido. Pelo que me lembro, nem mesmo depois de receber nossos diplomas, o assunto foi comentado por nós com quem quer que fosse. Felizmente, as minuciosas investigações não foram capazes de apontar os culpados até hoje, 50 anos depois. Hoje, somos três septuagenários e três já falecidos. Concluindo, destaco que nosso arroubo da juventude por pouco nos impediu de colar grau em dezembro de 1970, no apogeu do regime militar. Fica aqui um conselho: que os atos de coragem e ousadia, muito comuns entre os jovens, não sejam praticados em iniciativas desta natureza.

(*) Os colegas Matoso e Ronaldo deram importantes contribuições para relembrar os detalhes deste sinistro episódio.

O dentão capixaba

Morethson Resende

Moramos em Vitória, ES, de 1983 a 1987, onde tivemos oportunidade de fazer amizades com vários casais, com destaque para a família Vivas: Adilson e Lena, José Luiz e Isis e Waltinho e Raquel! Durante esse período, frequentemente, passávamos nossos fins de semanas em companhia desses amigos na Praia de Iriri. Em 2017, voltei para Embrapa Milho e Sorgo. Em Sete Lagoas, tivemos, também, a oportunidade de fazer várias amizades, com casais como Derli e Maria Célia, Morel e Vera, Elto e Penha e outros. Várias vezes, todos nós passamos nossas férias em Iriri, juntamente com os amigos Capixabas.

Em janeiro de 1993, todos esses casais, estávamos passando férias em Iriri, quando o Adilson disse que ia ensinar essa mineirada como se assava um bom peixe enterrado na areia da praia. Todos nós mineiros, bem do interior de Minas, apesar de incrédulos, pagamos pra ver e toda a cerimônia foi marcada para iniciar às 20 horas de terça-feira, na Praia das Castanheiras, perto da barraca do grande amigo Jamil, nosso ponto favorito! O Jesus, primo dos Vivas, foi encarregado de comprar um peixe dentão de pelo menos 6 kg. A cerimônia capixaba teve início bem na hora marcada, regada a muita cerveja e tiragostos variados, diretamente da barraca do Jamil, tudo isto acompanhado daquele bom papo de sempre! Todo cerimonial, incluindo uma aula de como se assa um peixe na areia, a abertura do buraco, a busca da lenha, a limpeza, o tempero, o enchimento e empacotamento da vítima, levou em torno de 2 h. Sempre com muito gole e bom papo.

Lá pelas 2 h da manhã, Adilson, chefe do cerimonial, pediu a palavra e disse que estava pronto e iniciou-se a limpeza do fogo e procedimentos para desenterrar nosso jantar! Quando se retirou o dito cujo e desembrulhou o papel alumínio, foi uma frustração geral! O dentão capixaba estava ainda gelado, como veio da peixaria. Nesse momento, minha esposa Elena disse: “vocês ficam aqui, pois vou ensinar esses capixabas como se assa um

peixe à mineira”! Pegou o dentão, foi para nossa casa, colocou-o no forno e, 40 minutos depois, voltou com o animal assado e delicioso. Lá pelas 6 h da manhã, os últimos bêbados estavam chegando em suas casas. Mas que foi bom, foi!

O jogo de bicho e a aquisição do passaporte para a eternidade

José Antônio Obeid

Desde moleque, sempre gostei das caçadas. Primeiro com o estilingue, depois com armas caseiras que eu fabricava e até mesmo vendia aos amigos menos hábeis com os trabalhos manuais. Uma delas fabriquei-a sob encomenda de um colega e depois professor da UFV, Reginaldo Romeiro, que foi casado com nossa colega pica-couve, a também professora da UFV, Eliana. Um colega mais velho, já iniciado no jogo de azar, contou-me, certa feita, que ganhara uma bela quantia no bicho. Bela pra nossa época, em que andávamos mais quebrados que arroz de terceira, era o equivalente ao que o colega Geraldo Ferreira cravou ontem no Jacaré de Água Boa. Pois bem, inocente na arte da jogatina, perguntei-lhe como conseguira ganhar tamanha soma. Ora, disse-me em tom professoral, sonhei que estava num campo e corria desembestadamente. De repente, caí num barreiro. Ao acordar, fui direto jogar e quebrei a banca. Espantado, indaguei-lhe como um sonho doido daquele convertera-se num Jogo de Bichos? Olha, muito simples: quem gosta de barro é Porco, e o bicho que corre muito é o Veado. Joguei no porco pra veado e foi batata. Uma bela noite, sonhei com uma borboleta. No outro dia, após a saída da escola, passei na alfaiataria onde trabalhava um tio do Timauro que, entre uma costurada e outra, apontava bicho pro Zé Tião. Cravei o que tinha na Brabuleta. Bingo, ganhei 200,00 Cruzeiros em 1959. Era uma nota preta. Fiquei entusiasmado. Fui à Casa Popular, do falecido Claudio Orlando, e empreguei tudo numa espingarda chumbeira de marca Pica-pau. Com ela, matei muitas pombas e iniciei-me no difícil tiro ao vôo. Pra mim, muito mais difícil pois, enquanto a companheirada trocava o cartucho da 12, eu tinha que carregar a minha pela boca. E o pior, após uma série de tiros, formava-se uma borra úmida de pólvora na câmara de explosão e a gereba, sim, ela tinha até apelido, começava a tardar. Tardar, para os leigos, significa que ela, ao se acionar o gatilho, respondia com dois tiros: no primeiro, explodia a espoleta e o passarinho, que não era bobo, já tinha dado no pé. Em seguida, uma explosão forte e uma língua de fogo saía-lhe boca afora. Tarde demais, pois o passarinho já havia há alguns segundos, tomado Doril. Uma bela madrugada, acordei assustado de um sonho. Sonhei que uma urutú corria atrás de mim e, ao passar no meio de uma boiada que pastava, ela teve a cabeça esmagada. Entusiasmado, pensei comigo: hoje melhora a minha ferramenta de trabalho. Passei na alfaiataria e consultei o Neném, este era o apelido do tio do colega Timauro, de como fazer o jogo. Ele logo aconselhou: sendo dois bichos, o mais fácil de acertar é o passé. Faz lá o jogo disse-lhe já meio aflito. Ele, então, me perguntou: você viu se o bicho era boi ou vaca? Como ver o sexo do bicho naquela hora do aperto e com uma urutú no meu calcanhar? Peguei a economia que restava da venda de uma bicicleta e apostei metade na cobra pra touro e metade na cobra pra vaca e, pra garantir que ganhava, ele me aconselhou a optar pela invertida, ou seja, se viesse touro ou vaca pra cobra, eu ganharia também, embora menos. Aceitei a sugestão. Depois do almoço, feita a tarefa do grupo escolar, ia diariamente trabalhar na loja de meu pai, vizinha à Alfaiataria Chagas onde, também, trabalhava um pretinho brincalhão e espaneco, apelidado de Pedrinho Zói de Boi. Ele, muito moleque, encharcava aquele pincel feito de pano pra molhar a roupa pra passar a ferro e, num descuido da gente, ele

nos molhava a calça no rumo do bilau. E depois? Como sair à rua com aquela marca de mijada na calça? Pois bem, 16 h. Confirmando o resultado e pimba, cobra pra touro. De volta à loja do Cláudio Orlando, não achava uma dois canos 12, digna de consumir o dinheiro do bicho. No sábado, peguei o primeiro ônibus pra grande Ponte Nova, à época, intitulada a “Princesinha da Zona da Mata”. Chegou a ostentar 18 usinas de açúcar e de álcool. Hoje é a metade da nossa Viçosa Perereca. Depois de 2 horas sacolejando numa estrada de terra, eis que adentro a Casa Barroso, maravilhado com a sua vitrine de cartucheiras. Escolhi uma bela 2 canos, coroa toda trabalhada em marchetaria. E não para por aí. Caixas de cartuchos, pólvora, chumbo, espoletas, máquina de violar cartucho, kit com material de limpeza e uma capa de lona pra carregar a cartucheira desmontada. Embalada para o transporte, parecia até que eu era um tocador de violino. Peguei o ônibus de volta. Em casa, abri o instrumental sobre a mesa da sala de jantar, quase explodindo de felicidade. Esta compra hoje ficaria nuns 10 mil reais. É de dar inveja à merreca que o Sapo ganhou ontem. Mais tarde, já na cama, não conseguia dormir, doido pra amanhecer o domingo para estrear a arma. Agora sim, poderia competir com os professores Otto, Rubens Pinheiro, Sykes, Changai, Osvaldo Lana e outros, de igual pra igual. Usei-a quase todo os domingos, até me formar aos 22 anos. Cassei pato selvagem várias vezes nas terras do Bidê, depois de Santa Cruz do Escalvado. Está guardadinha, quase tão nova como a comprei, no início dos anos 1960. Vai comigo no caixão. Quem sabe se, na dúvida não forço São Pedro a abrir as portas do céu.

O discurso que eu não escrevi!

Morethson Resende

É importante salientar que, de todas as solenidades em que já participei, as que mais me emocionaram foram as formaturas de minhas quatro filhas. Primeiro pela certeza de um futuro próspero para cada uma e, segundo, pelo coroamento do esforço e dedicação de cada uma até aquele ponto. Era início de 1997, ano de formatura de minha filha Cristiane, em arquitetura, quando fui informado por ela que eu tinha sido escolhido pela comissão organizadora para representar os pais na solenidade de formatura, que ocorreria no meio daquele ano, mais precisamente, em 26 de junho de 1997. Pedi à nossa Cris que agradecesse a honraria e poderiam estar certos de que não iria decepcionar os formandos pela escolha. O motivo de minha confiança se deveu à minha longa experiência em ministrar cursos, fazer palestras para diferentes grupos de pessoas, ou seja, falar em público nunca tinha sido problema em minha carreira de pesquisador. Modéstia à parte, sempre fui tido como bom palestrante. Portanto, elaborar e fazer um discurso na referida solenidade seria tarefa corriqueira. Daria para tirar de letra. O tempo foi passando e eu, de vez em quando, me lembrava do compromisso que teria pela frente, sem me preocupar muito, pois minha experiência era bastante e eu apostava nisto. Quando a data da formatura foi se aproximando, achei que era o momento de começar a rascunhar meu discurso, que deveria traduzir o sentimento dos pais naquela solenidade. Certa noite, sentei-me em minha mesa e comecei a escrever e quanto mais eu escrevia, mais eu achava ridículo o que estava escrito, uma vez que não condizia com meus sentimentos de pai. Parei, desisti e joguei no lixo, pois não estava inspirado naquele dia. No dia seguinte, tive que viajar a Brasília e, durante meu voo, fui tentando organizar alguns pontos que deveriam ser considerados importantes quando eu retornasse a elaborar meu discurso. Dois dias depois, eu estava novamente na minha mesa, reiniciando minha tarefa que antes parecia ser simples. O tempo foi passando e minha lixeira foi ficando cada vez mais cheia

de papel amassado, com conteúdos ridículos. Mais uma vez, atribuí à falta de inspiração e adiei para outra oportunidade. Estas tentativas foram ficando mais frequentes, a festa foi se aproximando e eu me sentia incapaz de colocar no papel algo que representasse o sentimento de um pai, na solenidade de formatura de um filho.

O dia chegou, e eu não tive como desistir! Portanto, resolvi não fazer nenhum discurso escrito e sim dizer tudo que eu passei durante todos estes dias, que antecederam aquela festa.

Iniciou-se a cerimônia, em trono das 8:30 horas, com a composição da mesa. Em seguida, o discurso do Magnífico Reitor, do Diretor do Departamento de Arquitetura, do Paraninfo e da representante da turma. Elena, minha esposa, estava na quarta cadeira da 8ª fileira, uma das filas reservadas para os pais. As primeiras fileiras eram dos formandos, as seguintes eram das autoridades, dos professores e dos pais e, em seguida, dos convidados. Logo após o discurso da representante da turma de formandos, o mestre de cerimônia anunciou em alto e bom som: “temos o prazer de passar a palavra ao Dr. Morethson Resende, como representante dos pais dos formandos.” Embora eu não tivesse conseguido escrever o discurso, estava bem tranquilo, como sempre estive, em situações de falar para qualquer público: “Magnífico Reitor da Pontifícia Universidade Católica, Senhores Diretores, Sr. Paraninfo, meus caros formandos, senhores pais, senhoras e senhores. Uma missão que me parecia fácil, tornou-se impossível de ser colocada em uma folha de papel, que pudesse traduzir o sentimento de um pai, na solenidade de formatura de um filho. Há 27 anos, eu recebia meu diploma de engenheiro-agrônomo, no salão nobre da Universidade Federal de Viçosa, em uma solenidade tão bela quanto esta. Eu me lembro, com bastante clareza, eu me assentava ali na segunda fila, onde está aquela arquiteta linda, que eu pediria para ficar e permanecer de pé, por alguns instantes. Agora com mais certeza, era exatamente ali que eu estava! Jovem, entusiasta, cheio de ideais nobres, orgulhoso por todas as conquistas obtidas e a certeza do dever cumprido e de um mundo de sucesso à minha espera. Foi realmente um dia muito especial. Um pouco atrás, ali na quarta cadeira da oitava fila, onde está aquela senhora vestida de verde, que eu pediria a gentileza de se levantar e permanecer alguns instantes, também de pé. Ali assentaram meus pais. Eu imaginava o quanto eles deveriam estar contentes, como se tivessem ganhado um prêmio na loteria, ou uma conquista da copa do mundo de futebol. Pobre jovem, que subestimava, em muito, o nobre sentimento de seus pais, naquele momento. Hoje eu tenho noção da grandeza deste sentimento, por isto eu peço a esta linda arquiteta, que se vire de costas para o palco e aplauda aquela senhora que está de pé, por tudo de bom que ela está sentindo e te desejando neste instante. Foi um instante, realmente mágico e lindo, ouvir um único aplauso em um auditório em silêncio absoluto. Qual não foi a minha surpresa, quando todos os formandos se levantaram e aplaudiram seus pais que também se levantaram”.

Queridos formandos, sem dúvidas, a formatura de um filho é um dos instantes mais nobres e felizes em nossas vidas e cada um de vocês, só terão ideia do que isto significa, quando estiverem sentados, ali na quarta cadeira da oitava fila”.

Tenham muito sucesso. Obrigado.

Casos que me foram contados I - Meu preceptor na ACAR

José Antônio Obeid

O Colégio de Viçosa, onde estudaram muitos de nossos colegas cavanhaqueanos, contava com a colaboração de vários dos renomados professores da UREMG. Um deles deixou

marcas profundas em alguns alunos do educandário, em especial no Afrânio e no José. Acredito que nenhum cavanhaqueano tenha sido seu aluno no Colégio de Viçosa, tampouco quando estudante da UFV. Sim, o dito cujo foi professor da ESAV em 1930, da UREMG e da UFV. No Colégio, ministrava três disciplinas, entre as quais, física e química. O danado nadava de braçada em cima dos alunos.

Contou-me um colega da extensão rural, o José, uns 6-7 anos mais velho do que eu que, por ser preto, ele não gostava de afrodescendentes. O professor, um russo de uns 110 kg e perto de 2 m de altura, pegara-o para Cristo. Na turma, era o primeiro a ser arguido e, também, o primeiro a ter a sua nota divulgada. No início de cada mês, era sempre a mesma ferrada. O professor chegava na sala de paletó e gravata borboleta, ajeitava-se na cadeira, abria a pasta, retirava um maço de provas e começava a entregá-las. JOSÉ C. dos ..., zero vírgula um; fulano de tal, zero vírgula quatro; Afrânio de tal, dois vírgula nove; e assim ia até chegar à última aluna, a Valéria, sempre com nota acima dos nove vírgula alguma coisa. No segundo mês, a mesma cerimônia: José C. dos..., zero vírgula dois. Silêncio total. O professor fazia uma pausa, colocava os óculos na ponta do nariz, dava uma gargalhada sarcástica e dizia: “parabéns rapaz, melhorou 100 %” e continuava a ladainha até chegar ao Rubens, com oito vírgula alguma coisa e a Valéria, sempre com uma nota um pouco superior. A Valéria, uma 1/2 sangue russo-brasileira, alta, linda de morrer, era sua filha primogênita. O Rubens foi professor de quase todos os cavanhaqueanos. O professor, também terror dos alunos da reta, era o Dr. Alexis Dorofeef que, ao se aposentar, foi trabalhar em Sete Lagoas, no antigo IPEACO e, posteriormente, na Embrapa Milho e Sorgo, provavelmente colega do Elto Eugênio, Derli, José Carlos Cruz, outros cientistas cavanhaqueanos.

Casos que me foram contados II - Pobre afrodescendente

José Antônio Obeid

O ano letivo caminhava célere para seu fim. A faina diária no Colégio de Viçosa se acentuava. Chegou o início de dezembro e o Professor Dorofeef distribuiu as provas corrigidas. E lá vem a mesma cantilena: “José C. de tal, quatro vírgulo dois, Rubens de tal, sete vírgulo oito, Valéria, oito vírgulo oito”. O Rubens, agora com pontos suficientes para passar por média, encheu-se de coragem, pediu licença e se dirigiu ao professor: “Professor, o senhor cometeu um engano. Comparei a resposta da questão número 6 com a resposta da Valéria e o senhor marcou errado para nós dois. Entretanto, o senhor deu um ponto para ela e zero para mim”. Sem se abalar, pediu aos dois que se lhe levassem as provas. Empurrou os óculos para a ponta do nariz, olhou as provas e, sem se abalar, pronunciou: “Muito simples Rubens, a Valéria errou, mas sabia; já o senhor, errou e não sabia”.

Aproximava-se a prova final e o José, mais apertado que fiofó de sapo, morria de vergonha de ser reprovado e, mais ainda, da surra prometida pelo pai, em caso de bomba. O pai, um sisudo artesão do couro, fizera de um tudo para ele estudar. O coitado comia livro feito o Canabrava e o Ilídio Dyrceu quando enfrentaram o vestibular de agronomia em Viçosa. Mas, o professor era imprevisível e não ia facilitar pra ele. Estudara feito um louco. Entretanto, não tendo conseguido entender um determinado problema, criou coragem e se dirigiu à Universidade. O gabinete do mestre era no vetusto Bernardão. Bateu à porta, aguardou instrução. Como não ouvira nada, girou a maçaneta e abriu a porta. Gabinete vazio, maços de papel sobre a mesa. Cheio de aperto, entrou no gabinete e, tal como uma águia, vislumbrou a prova do terceiro colegial. Surrupiou uma e, como

um gato, deixou a sala num misto de ansiedade e êxito. De casa em casa, procurou os colegas “a perigo”. Prova realizada, mais tranquilo e já sem medo da surra de criar bichos prometida pelo pai, o Zé chegou ao quadro de notas do Colégio. Localizou a turma, correu o dedo trêmulo perseguindo seu nome e viu, exultante, um sofrido e suado 5,1. Sobrara um décimo. Eufórico, correu até a oficina do pai anunciando a vitória. E, quatro anos depois, eis que o pai do José, cheio de orgulho, anunciava aos amigos: “agora, lá em casa, eu não gasto mais com médico. Meu filho José formou na UFMG para Dr. Veterinário”.

Casos que me foram contados III – O sargento do TG

José Antônio Obeid

Para não paralisar o curso e ter que servir o exército em Juiz de Fora, obrigação à época de todo macho brasileiro, foi criado, anexo à UREMG, o Tiro de Guerra - TG 162, onde vários cavanhaqueanos, sob a batuta do Sargento Wilson, serviram. À época da fundação do TG, o instrutor era um sargento descendente de alemães de Santa Maria, RS, de corpo avantajado e de pele clara e bochechas avermelhadas. Conheci-o com uma deficiência em uma das pernas, fruto de um acidente com moto. Dirigia automóvel, mas gostava mesmo era de uma motocicleta Indian enorme (confesso que a única outra que conhecia era uma pequena BSA-Basta Saber Andar, para os gozadores, pilotada pelo Prof. Otto Andersen, um dinamarquês naturalizado, professor de fruticultura de muitos de nós). O Sargento Waldemar Raul Kümme morava em um sítio na Colônia Vaz de Melo (homenagem ao vô do colega Mauro Megale, um senador da República por Viçosa. Sim a Viçosa Perereca, além um presidente da república, deu também um senador ao Brasil). Sua prole numerosa seguia mais ou menos a lei do patrício Gregory Mendel: sete homens e cinco mulheres. As meninas altas, esbeltas, lindas, verdadeiras deusas à época. Como colega de Grupo Escolar de um de seus filhos mais novos, Waldemar, de quando em vez, ia ao sítio. O meu colega, depois de passar pelas Agulhas Negras, atingiu o generalato, posto alcançado pela maioria dos irmãos, todos militares. As meninas, alunas da ESCD, algumas conhecidas de alguns de nós, nativos e do agrotécnico. A Ocília, deu nome ao DCE das colegas pica-couves.

O sargento, já passado dos quarenta, aspirando a uma ascensão na carreira militar, decidiu fazer o vestibular da UREMG. Aprovado, iniciou o curso de agronomia em plena efervescência do pré-guerra de 1939 a 1945. O tempo correu ligeiro e chegara a hora de o alemão enfrentar o inimigo russo (as nações e os dois se detestavam). A *via crucis* do sargento Kümme começara. Na primeira tentativa, bomba. Na segunda tentativa, bomba de novo. E o russo, sarcástico, continuava oprimindo o alemão que, milico bravo, estava pra lhe estourar os miolos.

Na UREMG, o alemão não tinha a quem recorrer. À época, seu patrício e depois amigo, o Dr. Hans Bruno Walter Brune, um alemão naturalizado brasileiro, um verdadeiro isômero alfa (da química) do Kümme (os dois tinham deficiência em pernas opostas), ainda não havia chegado à UREMG. Só em 1948, aqui aportara como ex-combatente alemão, acolhido como o cientista competente que era.

Por estarem armados, os dois, professor e aluno, a qualquer momento poderia acontecer uma tragédia. Eis que o Brasil se alinhou com os americanos e um decreto obrigou os brasileiros, inclusive os naturalizados, até então dispensados de servir o glorioso exército de Caxias, a se apresentar para o serviço militar.

Prof. Doroofeef, sadio feito coco, na faixa dos seus 43 anos, para se livrar do Kümme, poderia servir em Juiz de Fora. Esta opção lhe custaria, porém, o salário de professor e o

afastaria de sua família por um ano. Decidiu enfrentar o sargento por seis meses (tempo regulamentar no Tiro de Guerra). O reprovado no Tiro de Guerra era encaminhado, imediatamente, para Juiz de Fora, para servir por um ano o exército. Com nota baixa e já na última chance de pagar a disciplina do russo, o alemão o castigava no TG, obrigando-o a guardas noturnas seguidas e punindo-o com prisão, quando apanhado cochilando no pesado serviço da guarda noturna imposta pelo ardiloso sargento. Vendo que iria parar em Juiz de Fora, o russo pediu e propôs um armistício: **“você me aprova no TG e eu te passo lá na Geologia”**. Trato feito, tal como na fábula o coelho e a onça, um desconfiava do outro. O alemão levou a melhor. A UREMG tinha um calendário de provas finais definido. O do TG, o sargento decidia. Deste modo, só após a divulgação dos resultados pelo registro escolar, o sargento e agora já engenheiro-agrônomo Waldemar Raul Kummel, marcou as avaliações finais do TG-162 e o Prof. Alexis Dorofeef, aprovado, pôde dar baixa no Exército Brasileiro.

O fogo simbólico

Tarcísio Barbosa

A descoberta do fogo pelo homem é coisa antiga. Não tinha simbolismo nenhum não. Era mesmo para espantar os animais selvagens, fazer a boia e aquecer naqueles invernos brabos lá das “oropa”. Que os deuses me livrem do frio! Amém! Quantas saudades de São Francisco, no Norte de Minas, onde não faz frio!

Os gregos é que inventaram o fogo simbólico. Ele era aceso na cidade de Olímpia, no início dos jogos olímpicos que, também, foram inventados pelos gregos. Os gregos inventaram muitas coisas boas, inclusive o arroz à grega, o churrasco grego, a filosofia e a democracia, da qual sou fã incondicional. Já do amor grego, eu não gosto. Mas, não vou abordar este assunto aqui. Os curiosos que se inteirem dele lá na internet.

Os gaúchos inventaram o fogo simbólico ou da pátria, como querem alguns eruditos e cívicos de plantão. Foi instituído, em 1938, por Túlio de Rose, integrante da Liga de Defesa Nacional. Este fogo fica aceso durante a semana da pátria, ou seja, do dia primeiro ao dia sete de setembro. Aliás, a semana da pátria, hoje em dia, anda meio sem graça. Nem sei se ainda existe. Na época da revolução, os estabelecimentos de ensino eram obrigados a comemorar a tal semana, com discursos e movimentos cívicos. E sobrava aqui para o titio, professor de português à época. Uma vez, convoquei Zé Mauro prum discurso e ele ficou bravo comigo muitos dias.

Quando fazíamos agronomia, Aloisio Osório eu e Zé Mauro Chagas (foto) éramos excelentes alunos, dedicados e aplicados. Não é mentira, porque não falo mentira!

No primeiro semestre de 1968, estávamos repetindo química I, o bicho-papão da época. Com muito sacrifício, nós fomos aprovados na disciplina. Eu, meio de raspão. Combinamos, então, tomar um fogo - simbólico, é claro - para comemorar o fato da mais alta relevância para o país e nossas vidas, principalmente. Nós tomávamos porre toda semana, mas o principal mesmo, na minha ótica, era aquele do fim do semestre. Cheio de simbolismos. Daí - fogo simbólico.

Naquele dia, saí de casa à noite, passei pela casa do Zé Mauro e, de lá, fomos até a casa de Marcha Lenta, que roubou um pedaço de linguiça perfumada - digo defumada - de cima do fogão de lenha da sua casa. Carregávamos, também, todas as anotações do curso de química I: cadernos e apostilas. Lá na Praça Silviano Brandão, compramos um litro de Avozinha – cachaça que, na época, fazia sucesso. Caminhamos para a Universidade já dando uma ou outra golada na Avozinha e dando mordidas na linguiça

perfumada. Em frente ao prédio da química, no pátio onde ficam os mastros, lespra! Fizemos uma fogueira e, enquanto cuidávamos das nossas libações alcoólicas, queimamos, calmamente, os cadernos e apostilas de química. O fogo nos aquecia - estávamos em julho, um frião danado - e iluminava nossos semblantes tingindo-os de vermelho, enquanto a cachaça aquecia nossos corações. Cruzes! Filosofei!
Foi ou não foi um fogo simbólico da maior importância didática!

O boteco do Nem

Tarcísio Barbosa



Nem, gente boa, era motorista de táxi que, nas décadas de 1950 e 60, era chamado de chofer de praça. Essa história se passou em “1968 - O ano que não terminou”, livro de Zuenir Ventura. Aliás, 1968 foi pródigo em eventos que abalaram o mundo: a Primavera de Praga, o maio de 1968 na França, no Brasil, tivemos a Marcha dos Cem Mil e o famigerado AI-5, em dezembro daquele ano. E nós, Marcha Lenta, eu, José Mauro Chagas, (respectivamente, da esquerda para a

direita na foto), Paulo Fontes, Zé Rubens e Jaime, que Deus o tenha, fazíamos o segundo ano de agronomia.

O boteco do Nem ficava ali. Travessa Belo Lisboa, à época, Travessa 22 de Julho, fazendo parte do Hotel Rubim, em estilo *art nouveau*, hoje tombado pelo Patrimônio Histórico de Viçosa. Era como se fosse um subsolo do hotel, com uma porta de madeira maciça, trabalhada, como se usava antigamente.

Na época da ditadura, havia uma disciplina chamada Educação Moral e Cívica, que era constituída, basicamente, de uma palestra para lá de **sacal**, mas a que todos os alunos da UFV, à época UREMG, tinham que assistir. E, para o mal dos pecados, era no sábado, no salão nobre, e não havia como “**matar**” a palestra, pois era feita chamada e havia sanções pra quem não comparecia. Andei lendo por aí que esta disciplina vai voltar às universidades! Haja!

Depois da palestra, a gente descia e ia lá pro boteco do Nem tomar umas e outras – a cachaça era impecável - e comer tira-gostos, ovo cozido, linguiça Maria Rosa, entre outros, por sinal, deliciosos.

O que vem sempre à nossa lembrança em relação ao boteco do Nem são as pérolas escritas nuns papelões pendurados no teto. Entre essas pérolas, lembro-me das seguintes: é proibido cuspir no chão; não admito “**zueira**” no botequim; não vendo fiado...

Foram bons tempos que ficarão sempre em nossa memória! Tempos idos e vividos que não voltam mais! Buá! Buá! Buá!

Travaillez et enrichissez-vous/Trabalhe e enriqueça

Tarcísio Barbosa



Travaillez et enrichissez-vous par l'épargne - trabalhe e enriqueça pela poupança. Essa afirmação faz parte da ética protestante, segundo afirma Max Weber em sua obra *L'éthique protestante et l'esprit du capitalisme* - A ética protestante e o espírito do capitalismo. A ética protestante sempre recomendou a seus fiéis afinco no trabalho e modéstia nos gastos, incentivando a poupança. Alguns autores acreditam que tal ética tenha sido decisiva para enriquecer países de forte tradição protestante como Suécia, Alemanha, Inglaterra, Dinamarca, Estados Unidos, Escócia,

Finlândia, Noruega e

Islândia, onde estão os capitalismos mais produtivos do mundo. Lá, as taxas de juros são baixas, os salários são altos, o nível de emprego é bom, a economia é estável, não existindo trabalho escravo. Qualquer modalidade de trabalho é respeitada e o índice de corrupção é dos mais baixos do mundo. Na França e na Itália, católicos de primeira linha, campeiam greves com quebra-quebra, corrupção, altos índices de desemprego, acontecimentos pouco usuais nos países protestantes. Quanto a Portugal e Espanha, também de tradição católica, só saíram do marasmo e da pobreza, graças ao derrame de euros pela entrada deles no Mercado Comum Europeu. Mas, já quebraram novamente.

No Brasil, predomina o capitalismo selvagem, sem ética e justiça. O governo impõe juros absurdamente altos, impostos estratosféricos, preços abusivos e salário mínimo vergonhoso. O Brasil adotou algumas práticas capitalistas. Contudo, não adotou a conduta moral e social dos protestantes. Quase todos os dias vemos notícias relacionadas a trabalho escravo e à corrupção.

Eu tive, na universidade, diversos colegas protestantes – George, Mendel, Alberto Martins de Resende e Rolf. Todos eles eram bons alunos, sérios, estudiosos, éticos, amigos, prontos a servir a quem quer que fosse. Nenhum deles perdeu ano. Difícil pô-lhes algum defeito. Todos eles estão hoje muito bem posicionados. Três deles foram professores da UFV e são meus amigos. Acho que todos eles foram criados na ética protestante: estudar muito, trabalhar muito, esforçar-se muito e estar sempre entre os melhores. Em nossa região, dificilmente se encontram protestantes pobres. Eles são empresários, profissionais liberais, professores universitários, bancários e são muito unidos. Sempre, aos domingos, em frente às suas igrejas, estacionam bons carros, de onde sai gente bonita, bem vestida.

Protestantes - batistas, metodistas, presbiterianos, luteranos e outros - não devem ser confundidos com os novos evangélicos – Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular e outros. São totalmente diferentes. Os protestantes se originam da grande reforma religiosa do século XVI, iniciada por Martinho Lutero, em 31 de outubro de 1517 que, com a publicação de suas 95 teses, protestou contra diversos pontos da doutrina da igreja católica.

Uma caçada de rã

Tarcísio Barbosa

Em 1969, havia na Rua Benjamim Araújo, Rua do Comércio à época, um estabelecimento que funcionava como bar, churrascaria e boite: o Braseiro. De muitas paqueras e noites dançantes cheias de amor! A uns cem metros do Braseiro, ficava o Brasinha. Mais humilde, pequenino. Mas os tira-gostos e a cachaça eram insuperáveis! Eu sempre passava por lá com o Eduardo para tomar uma cachacinha, uma cervejinha e degustar um tira-gosto - de rã. Um luxo! Era o único estabelecimento em Viçosa que servia carne de rã.

Eduardo era garrucheiro. Era assim que chamávamos os estudantes da cidade de Tocantins, que já se chamara São José das Garruchas.

Morávamos no alojamento da universidade. Éramos vizinhos. Um belo dia, Eduardo cismou que tínhamos que fazer uma caçada de rã. Arranjou duas físgas emprestadas, um fogareiro a álcool, frigideira, tempero e óleo para fritar as rãs. Eu comprei um litro de cachaça. Onde já se viu comer rã sem cachaça!

Fomos caçar rã lá pelos lados do antigo alojamento feminino da universidade. Havia um pequeno poço por ali com tilápias. E conseguimos apanhar algumas rãs e não ser apanhados pelos vigilantes. Aliás, o Eduardo é quem físgou algumas rãs. Eu não consegui apanhar nenhuma. Só picadas de pernilongo, apesar das goladas de cachaça que eu tomava e dos cigarros que fumava. Tudo para espantar pernilongo. Sem sucesso. Eles me perseguiram o tempo todo.

Voltamos para o apartamento do Eduardo e começamos a limpar as rãs. Só havia uma faca e o serviço não rendia. Eduardo mandou-me ir ao apartamento ao lado pedir uma faca emprestada. Fui. No que eu abri a porta do apartamento, havia quatro estudantes sentados de coque. Entre eles, Luiz Guilherme Barbosa e, no meio, uma vela acesa. Não gostei. Achei pra lá de estranho.

- Psiu, Tarcísio, não acenda a luz, caia fora, estamos tentando baixar um espírito! disse-me um dos colegas. De imediato, eu me mandei. Nunca fui chegado a nenhum tipo de espírito. Retornei ao apartamento do Eduardo sem a faca.

- Cadê a faca, Tarcísio!

- O pessoal tava fazendo baixar espírito e eu não pedi a faca, pois me mandaram dar o fora para não atrapalhar a sessão.

- Você é um frouxo mesmo. Com medo de espírito! Eu vou lá buscar o raio dessa faca, senão você bebe a cachaça todinha e a rã não fica pronta.

Foi. Abriu a porta, acendeu a luz e pediu a faca. Levou uma tremenda bronca dos colegas, mas trouxe a faca e se gabou: “Não lhe falei que trazia a faca?”

Aí, com as duas facas, limpamos as rãs, fritamos, bebemos a cachaça e comemos.

Já no fim da comilança de rã, os colegas do apartamento ao lado vieram nos fazer companhia. Tomaram cachaça, comeram rã e disseram não haver conseguido baixar o espírito, pois Eduardo lhes tirara a concentração.

- Na próxima sessão espírita, fechem a porta a chave para ninguém entrar e prejudicar a sessão, disse Eduardo.

Os Turcos/Libaneses

Tarcísio Barbosa

A emigração dos libaneses para o Brasil teve início em 1870 e, nos passaportes, estava escrito Turquia, que fazia parte do Império Otomano (1299-1922) e congregava o Oriente Médio, onde está o Líbano. Daí os libaneses e seus descendentes serem chamados de turcos. Segundo minha amiga, Prof^a. Terezinha Mucci, também uma descendente de libaneses, já falecida, quando os libaneses melhoram de vida, não gostam de ser chamados de turcos.

Os libaneses, ao chegarem ao Brasil, iam mascatear, ou seja, pegavam uma mala com mercadorias e iam de casa em casa vendendo seus produtos, tecidos principalmente. Na minha infância, como papai era alfaiate, vez ou outra aparecia um libanês oferecendo tecidos a preços ótimos.

E os libaneses progrediram no Brasil? Como progrediram! Por uma razão muito simples – competência e dedicação extrema ao trabalho. É um povo altamente empreendedor. Chego a afirmar que, praticamente, cada libanês é um empresário. O libanês gosta é de trabalhar por conta própria. Não conheço libanês pobre, porque eles trabalham, trabalham e trabalham... Libanês empregado? Só em emprego de alto nível, tipo professor universitário, advogado, médico, CEO – *Chief Executive Officer* de alguma grande empresa, entre outros.

Na primeira geração, eles normalmente são comerciantes; já da segunda geração em diante, além de comerciantes, são profissionais liberais, engenheiros, professores... Praticamente todo mundo vai pra universidade. Outro fato interessante é o amor que eles sentem pelo Líbano! Mesmo aqueles da terceira geração falam do Líbano com paixão!

Já li que a colônia libanesa no Brasil compreende sete milhões de pessoas. Que venham mais, pois precisamos de empreendedores, workaholics!

Na literatura, destaco Gibran Kalil Gibran, poeta que falou sobre o amor como ninguém. “*O amor será meu tutor na juventude, meu apoio na idade madura, meu consolo na velhice*”. Entre os descendentes ilustres, cito o Prof. Antônio Houaiss, com seu dicionário; a família Yázigí, com seus cursos de idiomas; o geógrafo Aziz Nacib Ab’Saber, entre tantos outros. Seu Nacib foi um libanês criado por Jorge Amado no livro “Gabriela, Cravo e Canela”. Malba Tahan foi o pseudônimo do escritor Júlio César de Melo e Sousa, que escreveu inúmeros livros ligados à literatura árabe. Entre eles, “O Homem que calculava”, que li na minha juventude.

E minha relação com os libaneses? Sempre foi ótima! A muitos amigos libaneses, eu chamo de *habib* – querido em árabe. Fica difícil citar todos, mas vou citar alguns. A família Iamin, do Viçosa Palace Hotel, que me deu emprego quando eu tinha 15 anos. Naquele tempo, não havia essa bobagem de menino não poder trabalhar. Meus pais nos puseram pra trabalhar desde cedo. E ninguém ficou prejudicado por isso. Alexandre Aad Neto, que se formou comigo e mora em Cachoeirinha; José Antônio Obeid, que também se formou comigo, a quem chamo de *Turkish*. Nosso prefeito, Ângelo Chequer, é descendente de libaneses. Minha modesta homenagem a este povo empreendedor, progressista que eu tanto admiro!

Casos que me foram contados, o Dr. Bento Lobo

José Antônio Obeid

Ao participar de um fórum de pró-reitores de universidades federais em Cuiabá, como bom ufeviano, cheguei ao local do evento na UFMT, cerca 30 minutos antes da abertura. À porta do auditório, ainda fechado, avistei um senhor de uns 70 anos de idade (eu tinha 55), vestido a caráter, já ansioso na entrada do evento. Ele era magro, moreno jambo, traços indígenas, cabelos lisos ainda bem escuros. Ao descer do táxi e me aproximar, perguntei-lhe: “o senhor é pró-reitor de que universidade”? Sorrindo respondeu-me: “Não. Não sou pró-reitor. Vim, porque queria encontrar-me com o pró-reitor da universidade, onde me formei no final da década de 1950”. “E onde o senhor é formado?”, indaguei. “Na Universidade Federal de Viçosa”, falou com a voz empostada e peito estufado de orgulho. Atônito, respondi-lhe: “por mais coincidência que possa parecer, o senhor está falando com ele”. Ele, então, estendeu-me a mão e, após um caloroso abraço e uma saudação de Curuquerê Augustíssimo, apresentou-se. “Sou Bento Gonçalves Lobo, Secretário de Agricultura do Mato Grosso, e representante do Governador do Estado neste evento”. Após uma boa conversa pra matar a saudade, perguntou-me se eu, por ser mais novo, conhecera o Prof. Alexis Dorofeef. Acenei-lhe positivamente com a cabeça e, então, pediu-me licença pra contar-me o final de seu curso em Viçosa. Nisto, o auditório foi aberto, e passamos a ocupar assento bem à frente. E ele continuou. “Era ano de minha formatura, e eu ainda devia uma disciplina do Dorofeef, lá de trás, do início do curso. O professor, um russo de mais de 100 kg e de quase dois metros de altura, era calvo e de bochechas rosadas, fenótipo de um autêntico carrasco. Além de carrasco ele detestava negros e índios. Pois bem, eu era um estudante pobre, escuro e com feições indígenas, um verdadeiro petisco para ele. Bom aluno, passara, até então, em todas as matérias, exceto a ministrada pelo Prof. Dorofeef. Conseguia passar na prova de conhecimentos teóricos (escrita), mesmo com o rigor da correção que me era direcionada, com nota pouco acima da mínima exigida. Entretanto, tinha que passar na prova prática oral. É aí que o russo me rebentava. Pois bem, era final de novembro e chovia torrencialmente. Chegava a formatura. Passando pela prova escrita, lá vou eu para o corredor da morte enfrentar o Dorofeef. Entrei numa das salas do segundo andar do vetusto Arthur Bernardes. O carrasco iniciou o seu trabalho e, ao final, sentenciou: rapaz, o senhor precisava tirar no mínimo cinco. Sinto muito, não deu. Suas respostas só mereceram 4 virgulo 9. Passar bem. Cabisbaixo, arrasado, saí da sala. Junto, sai comigo o recém-contratado e contemporâneo de universidade, o baiano Prof. Waldemar De Moura Filho que, conhecendo minha história, prontificou-se em interceder por mim. Agradei-lhe argumentando que não era necessário se indispor com o professor por minha causa, uma vez que ele era muito novo no grupo. Afirmei que iria retornar ao Mato Grosso. Com o que aqui aprendi, iria medir terra pra ganhar a vida e ajudar os irmãos. Então, o Waldemar, fechando a porta, pediu-me que aguardasse um pouco do lado de fora. Depois de uma meia hora, que me pareceu mais demorada que a então viagem ao Mato Grosso, o Dorofeef abriu a porta e ordenou. Senhor Bento, entre. Humilhado ante a derrota, e me sentindo minúsculo perto do físico de quase um gigante para a estatura da maioria, entrei. Sente-se, ordenou. Com a voz forte e arrastada que lhe era peculiar falou: após muita argumentação, o meu colega Waldemar convenceu-me de que seu exame mereceu no mínimo seis. Eu vou reconsiderar, e vou lhe dar cinco virgulo zero. Mas,... silêncio... mais um analfabeto em solos na agricultura brasileira.

A fatídica defesa de minha tese de mestrado

Morethson Rezende

Em março de 1971, logo após minha formatura em agronomia, consegui uma bolsa do CNPq para fazer o curso de mestrado em hidrologia aplicada, no Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH) da UFRGS. Em março desse mesmo ano, lá fui eu para o Sul, para viver uma nova experiência e aprimorar meus conhecimentos. Para concluir o curso, foi necessário fazer uma série de matérias ao longo daquele ano e, no ano seguinte, desenvolver um trabalho de tese.

No curso de hidrologia, podíamos escolher uma entre três áreas de concentração e eu escolhi irrigação. O professor Sten Stahlberg, um sueco grandalhão, torto, destrambelhado, desequilibrado, que não tinha um mínimo de bom senso, foi meu orientador, por falta de segunda opção. Essa besta humana era o único orientador dos estudantes de irrigação. Até então, nenhum estudante tinha conseguido terminar a tese com ele, inclusive meu colega de turma, Guilherme. Sabendo disto, propus e consegui, da direção do IPH, autorização para desenvolver meu trabalho de tese na Universidade Federal de Viçosa sob a coorientação de meu ex-professor Salassier Bernardo que, além de competente, era pessoa esforçada, amiga e justa. Para isto ser aprovado, o professor Sten foi a Viçosa, no início de 1972 e, juntamente com Prof. Salassier, elaborarmos detalhadamente meu plano de tese sobre eficiência da irrigação em sulco com redução da vazão inicial, que foi aprovado pela administração do IPH.

Em setembro daquele ano, eu estava com minha tese pronta, escrita, revisada pelo prof. Salassier e com quatro volumes impressos conforme requisitado pelo IPH. Assim, fui para Porto Alegre para defender minha tese. Sem falsa modéstia, esse trabalho ficou excelente. Dos quatro volumes, entreguei um ao prof. Sten Stahlberg e os outros três ficaram comigo para serem entregues oito dias antes da defesa, conforme exigido pelas normas do IPH. É claro que, se o professor Sten Stahlberg sugerisse alguma pequena mudança, eu estava disposto a fazer, uma vez que, após a defesa da tese, temos que atender as sugestões dos membros da banca examinadora, normalmente três componentes, de acordo com as normas do IPH.

Três dias após, fui procurado pelo professor Stahlberg, que alegou que a tese estava errada e não poderia ser defendida daquele jeito, pois os medidores de vazão teriam que ser instalados no início e no final dos sulcos, não a 20 m de distância, e que as taxas de infiltração da água no solo não poderiam ser obtidas através de simples plotagem dos dados originais em papel logarítmico, conforme constava na metodologia da tese. Tentei argumentar que ambos os casos estavam corretos. Embora fizesse várias tentativas, não tive nenhum êxito, pois o velho bruxo não cedia em nada.

Se os medidores foram instalados de forma errada, implicava que eu teria que fazer outro experimento de campo que, além de demorar muito tempo, o velho provavelmente não aceitaria de novo. Com isto, eu estava, de fato, em um beco sem saída, o que me custou alguns dias planejando o que fazer. Minha primeira decisão foi entrar escondido na sala do prof. Sten e pegar a cópia da minha tese de volta, para ele não encontrar mais erros. No dia seguinte, ele me pediu outra cópia, uma vez que a dele havia sumido de sua sala. Eu lamentei muito o ocorrido e disse que, no momento oportuno, eu daria outra cópia, de acordo com as normas da casa.

Enviei uma correspondência ao professor Salassier, que se encontrava nos EEUU, fazendo pós-doutorado, relatando o ocorrido. Recebi resposta dizendo que tudo na tese estava correto, mostrei ao velho e nada.

Um dos nossos professores de irrigação era o professor Pablo Pera, profissional argentino, de larga experiência e de fácil acesso. Decidi pegar um ônibus e ir a Buenos Aires para obter sua opinião sobre o que estava acontecendo com minha tese. Após meu relato e sua análise, ele me disse que eu estava totalmente certo e não tinha que fazer nenhuma mudança. Com isto, voltei mais confiante e pedi, oficialmente, uma reunião com a Diretoria do IPH, com a participação do Prof. Sten Stahlberg. Na oportunidade, fiz um relato de tudo que estava acontecendo comigo, inclusive a opinião do Prof. Salassier e do Prof. Pablo Pera e, em seguida, propus três alternativas para a diretoria escolher: Alternativa I – Eu acatava todas as sugestões do prof. Sten, fazendo novo experimento e plotando os dados segundo sua visão, desde que eu pudesse rasgar todos exemplares da tese após sua defesa, uma vez que o IPH não poderia me forçar a deixar um trabalho científico errado em meu nome. Alternativa II – Eu me propunha defender minha tese da forma como estava e o professor Stahlberg teria chance de provar que havia erros e que não deveria ser aprovada. Alternativa III – Eu encaminharia à Diretoria do IPH um pedido formal para defender minha tese e com a negativa que eu recebesse, estaria indo a Brasília para procurar as autoridades a que eu conseguisse ter acesso e relatar os absurdos que estavam ocorrendo neste Instituto e pedir o devido apoio para solucionar minha tragédia. O professor Leite de Sousa, Diretor Geral do IPH, pessoa de pouca conversa e muito senso de justiça, disse em alto e bom som:

- A alternativa II é sensata, o Sr. Morethson prova que a tese está certa e caberá ao Prof. Stahlberg provar que está errada e, com isto, caberá à banca o veredicto final, acho que não temos mais nada a discutir.

- Desculpe, Dr. Leite de Sousa, temos sim, mais dois pontos! Primeiro, após a defesa da tese, a banca se reúne para dar o veredito final, e o orientador geralmente é que defende o aluno em caso de dúvidas, e eu não vou ter esta figura. Por isto, eu queria que fosse convidado o professor Paulo Afonso, da UFV, para participar da banca, já que o Professor Salassier se encontra nos EEUU. Nisto o bruxo rosnou: - É para dar nota alta! Eu disse: - Basta aumentar o número dos participantes da banca, que a nota dele fica diluída. Neste ponto, Dr. Leite de Sousa interveio e disse: - Faz sentido e eu concordo. - O segundo ponto é que haja pelo menos cinco membros nesta banca de tese para evitar que a nota do Professor Stahlberg, sozinha, possa me reprovar, ou seja, como a média mínima das notas dos membros da banca tem que ser igual ou maior que oito, se o Professor Stahlberg der zero, os outros quatro membros poderão dar dez, o que totaliza quarenta, que dividido por cinco, posso obter o mínimo necessário, que é oito. Dr. Leite de Sousa disse: - Faz sentido também. Em seguida, acertamos a data da defesa da tese para 30 de novembro de 1972. Foram convidados os seguintes professores para compor a banca examinadora de minha tese: professor Stanhlberg do IPH, professor Paulo Afonso Ferreira da UFV, professor Delblay Galvão da Universidade de Santa Maria, RS, professor Mário Vaz Cabeda e professor Paulo Dias de Castro Ramos, da UFRGS. A expectativa para realização deste evento foi tão grande que quase todos os professores, alunos e funcionários do IPH superlotaram o auditório daquele Instituto, com várias pessoas em pé, e o Dr. Leite de Sousa, na primeira fileira.

Após compor a mesa com os cinco membros da banca, foi-me dada a palavra para eu apresentar meu trabalho. Além de ter certa facilidade de expressar, não fico constrangido por falar em público. Por isso, fiz uma boa apresentação, com bastante detalhe. Em seguida, passou-se às perguntas e sugestões dos membros da banca. Minhas respostas foram bastante coerentes, até chegar a vez do velho esclerosado, pois, como era orientador oficial, era o último a fazer perguntas e comentários. Esta figura se levantou e fez um longo pronunciamento, primeiro mostrando seus méritos ao longo de sua carreira de professor e cientista. Depois, em alto e bom tom, disse que não concordava com aquele

trabalho, pois os medidores de vazão da água não poderiam ser instalados a 20 m de distância, mas, sim, no início e no final dos sulcos e que os dados de infiltração da água no solo estavam plotados de forma errada e explicou como deveria ter sido feito. Fiquei eufórico ao final de seus comentários por não apresentar nenhum questionamento novo e, com relação àqueles dois pontos, eu estava muito bem preparado.

Naquele tempo não dispúnhamos de projetores de slides, nem de data show. Existia um retroprojetor em que colocávamos a página de um livro e ela era projetada na tela. Perguntei: “Professor Stahlberg, em quais literaturas o senhor se baseou para questionar estes dois pontos”? Ele disse: “Nas mesmas literaturas que você utilizou neste seu trabalho”! Aí ele se ferrou! Utilizando o tal retroprojetor, projetei a lista de literaturas de minha tese e, depois, fui projetando cada um destes trabalhos em que apareciam as distâncias entre os medidores. Em alguns, havia alguma diferença, como 15, 20, 25 ou 30 m, sendo isto normal! Mas, nenhum deles indicava que fosse no início e no final do sulco. Aproveitei a oportunidade e disse que não imaginava que uma pessoa com um passado tão importante, conforme foi mostrado no início de seus comentários, desconhecesse que a determinação do comprimento dos sulcos só era possível com a utilização destes dados de infiltração da água no solo. Por isso, quando fazemos estas medidas, não sabemos ainda onde será o final do sulco. Quanto à plotagem dos dados, foi baseada na metodologia do renomado professor Merrian, da Utah State University, trabalho este também projetado na tela. Naquela altura dos acontecimentos, minha tese já estava salva, com certeza, mas eu ainda tinha uma bala na agulha para aniquilar aquele velho. Eu disse: “Senhores membros da banca, Exm^o Dr. José Leite de Sousa, Diretor deste Instituto, demais autoridades, meus amigos, eu não consigo entender como um orientador pode ficar contra seu orientado e entender menos ainda quando ele afirma haver erros numa metodologia de pesquisa, que ele mesmo aprovou no início deste ano na Universidade Federal de Viçosa”. Em seguida, passei uma cópia para cada membro da banca e outra para o Dr. José Leite de Souza do plano de minha tese, assinado pelo professor Stahlberg e pelo professor Salassier e, posteriormente, aprovado pela Diretoria do IPH. No plano, constava que os medidores seriam colocados a 20 m de distância um do outro e que a determinação da velocidade de infiltração da água no solo seria baseada na metodologia do professor Merrian. O velho não se lembrava mais destes detalhes do plano! Nessa hora, ouviu-se um sussurro baixinho no auditório do tipo “óóóóóóóóóó.....” Com isto, a defesa da tese foi terminada.

Após o encerramento, fui cumprimentado por várias pessoas pela brilhante defesa, diga-se de passagem, o velho era muito antipatizado! Fiquei sabendo, posteriormente que, durante a reunião dos membros da banca para definir se aprovavam ou não a tese, o professor Stahlberg ameaçou dar nota zero e foi aconselhado pelos outros membros que aquilo seria uma atitude ridícula e que o melhor seria ele pedir para sair da condição de orientador e de membro da banca, o que de fato ocorreu. Fui convidado pelos quatro membros restantes da banca para receber a boa notícia de minha aprovação com nota média 9,5. Foi um zunzum geral no salão e várias pessoas me cumprimentaram, sendo o primeiro o Dr. Leite de Souza.

O professor Paulo Afonso ia retornar de avião naquele mesmo dia. Então, fui à sala do Dr. Leite de Souza e disse que minha esposa Elena já tinha passado da hora de ter neném e que eu não achava justo passar dois dias em um ônibus em um momento em que poderia precisar de mim. Disse também que estava, havia mais de dois meses, em Porto Alegre, por culpa daquela Instituição e, portanto, gostaria de receber uma passagem aérea para retornar junto com professor Paulo Afonso. Naquela época, poucas pessoas tinham condições de viajar de avião. O Dr. Leite de Souza disse ter gostado de minha apresentação e achava justo meu pedido. Viajamos num voo da Varig Porto Alegre/Belo

Horizonte e de BH, de carona num carro da UFV com o professor Paulo Afonso, até Viçosa, aonde chegamos de madrugada, e a Cristiane tinha acabado de nascer com 48 cm e 4,800 kg e muito linda! Ufa!!!!!!!!!!!!!!

Coincidência ou não, no início do ano de 1973, o professor Stahlberg estava de volta à Suécia.

Um porco a tupiniquim na terra do Tio San

Morethson Rezende

Em 1976, fui fazer meu curso de doutorado em Davis, na Califórnia, onde vivia um grande número de estudantes brasileiros, alguns deles nossos conhecidos, como Gilberto Sedyama, Ênio, Puschmann, Murilo (Fitopatologia), Ney Lopes (Fisiologia), José Oscar (Entomologia) e Lairson Couto (Pinguim). Éramos em torno de trinta famílias e tínhamos um bom relacionamento com todos. Talvez pelo fato de estarmos longe de nossa terra, tínhamos uma vida social bastante intensa, com reuniões nos finais de semana em nossas casas, em parques, em clubes etc. Todo ano fazíamos uma grande festa de carnaval em um clube da Universidade, com participação de convidados americanos e de outros países. Tínhamos um bom time de futebol e era o único país estrangeiro que tinha um time completo e bom, diga-se de passagem. Jogávamos contra times da África, da América do Sul, da América Central etc. Apesar do arrocho de nossos cursos, sempre sobrava um tempinho para uma descontração.

No final de 1978, após dois anos de residência nos EEUU, tive uma ideia de fazermos um leitão assado nas festas do Natal, ideia que foi prontamente aceita por nossos amigos mais próximos, como Lairson e Helena, Otávio e Rosa, Marlene e Ney, Lazeri e Lúcia, Geraldo e Marilha e o Ênio e Nilma. Eu me encarreguei de comprar a leitoa e depois armaríamos a festa.

Minha primeira dificuldade foi a completa ausência de açougues nos EEUU, onde as carnes são vendidas tão somente nos supermercados com cortes padronizados. Procurei informações com vários americanos, meus colegas de curso, e ninguém sabia informar onde eu conseguiria comprar um *baby pig* inteiro para assarmos. Muitos achavam graça de nossa procura e questionavam nosso objetivo, pois achavam muito estranho comer um *baby pig* e que seria impossível encontrar um no mercado para comprar. O tempo foi passando e começamos a pensar em utilizar aquela chatice de peru assado, prato predileto dos gringos. O pior é que tínhamos feito muitos planos para nossa ceia de Natal. Por isso, a frustração bateu geral.

Certo dia, conversando com um americano sobre o bendito porco, ele me disse que eu poderia encontrar animais vivos em um leilão que se realizava todo domingo em Dixon, cidade situada a 20 milhas (aproximadamente 30 km) de Davis, ficando às margens da *freeway* 80, autoestrada com 7 pistas para cada lado. Não deu outra, aprontamos para, no próximo domingo, partirmos para Dixon, pois era nossa única chance. É importante lembrar que é proibido abater qualquer tipo de animal (porco, galinha, cabrito, carneiro etc.) em casa. Lá o que é proibido significa proibido mesmo!

No tal domingo, eu com minha Elena, Lairson com a Helena dele e o Ênio com a Nilma, nossas respectivas esposas, fomos para o tal leilão. Como éramos 6 pessoas e pretendíamos trazer um leitão a bordo, fomos em meu carro, um antigo Oldsmobile, uma banheira, todo amassado de um lado, que passava de um para outro brasileiro por \$150. Era um carro enorme, com grande porta-malas, embora bastante baixo. É claro que levamos um saco e algumas cordinhas para amarrar a vítima, caso conseguíssemos.

Chegamos a Dixon e, após algumas tentativas, fomos informados sobre onde ficava o tal leilão. O local era uma área com várias tendas grandes em forma de circo e nos informaram que os porcos eram vendidos na tenda número 4. Fomos direto pra lá e a tenda já estava bastante cheia. Por isso, só conseguimos lugar para 6 pessoas, lá em cima, nas últimas arquibancadas, ficando, assim, bem longe de um cercadinho no centro, tipo picadeiro, onde ficavam os animais a serem leiloados.

Os leiloeiros, como em todo lugar do mundo, são preparados para falar muito rápido e embolado. Só que ali, a coisa pegava, pois era em inglês e com gírias da roça americana. Pode? Era, praticamente, impossível entender o que o cabra falava. Após algum tempo que o leilão tinha iniciado, conseguimos decifrar que os lances eram \$cents por libra peso, bastando apenas levantar a mão que o lance estava dado. Quando alguém arrematava, o leiloeiro indicava com o dedo quem arrematara e uma garota levava um papel para ele assinar. Parecido com nossos leilões. Acontece que o tempo foi passando e nunca aparecia um leitão isolado. Sempre eram grupos de 5, 10, 13, 14 leitões etc. Já estávamos cansados e de saco cheio daquela barulhada quando, de repente, entrou uma leitoa sozinha para ser leiloadada, que tinha exatamente o tamanho que estávamos procurando. Que sorte!!!!!!! Nossa festa estava garantida, pois o preço era secundário. Para dar lances, bastava levantar o braço que o leiloeiro acrescentava tantos \$cents por libra.

Os lances começaram e, com certeza, devemos ter dado lances em cima de nossos próprios lances para evitar o desastre de não arrematarmos. Finalmente, o leiloeiro apontou em nossa direção, confirmando o negócio. Nisto, chegou uma jovem bonita, de saia curtinha, trazendo um papel para colocarmos nome, endereço e telefone. Nestas alturas, já estávamos cadastrados como compradores. Recebemos, também, uma ficha com os dados do bicho e um boleto para fazermos o pagamento. Ela disse, também, que o animal estava à nossa disposição em determinado local, descrito e apontado por ela.

Não tínhamos muita noção do preço, tampouco prestamos atenção nisto, tamanha nossa excitação com tudo que tinha acontecido e lá fomos buscar a leitoinha. Meu Deus!!! Chegando lá era uma porca de 198 libras, aproximadamente 7 arrobas. Ou seja, uma monstra de uma porca. Fomos, visualmente, enganados pela distância que estávamos na arquibancada em relação ao pequeno circo do meio, onde ficavam os porcos. Ficamos brancos, pasmos e atônitos, com aquela situação insolúvel. O que fazer??? Quando alguém mal-humorado se aproximou e disse que tínhamos que tirar o animal dali. Tínhamos no carro apenas uma cordinha e um saco em que mal cabia o focinho da jamanta. Por consenso, a única solução foi colocar a porca no porta-malas e trancar. O que fazer depois seria resolvido durante nossa viagem de volta. E assim foi feito!

Quando entramos na *freeway*, sete pistas cheias de carros e nós em um velho Oldsmobile, com um porco aos berros no porta-malas, todos que passavam por nós olhavam sem entender o que estava acontecendo. O pior é que os movimentos da rapariga faziam a tampa do porta-malas se ondular totalmente. Não é difícil imaginar nosso aperto com a possibilidade de aquela tampa se abrir e a fdp pular no asfalto. Com certeza, seria um acidente com proporções gigantesca e seis brasileiros condenados à prisão perpétua, sem direito a banho de sol! Graças a Deus isto não aconteceu.

Restava-nos definir o que fazer com aquele animal trapalhão. Decidimos matar a cadela em uma área onde conduzíamos nossos experimentos no campus da Universidade, pois, além de ser local isolado da cidade e não ter nenhum movimento, era final de semana! Tínhamos acesso a um galpão com ferramentas e outras coisas que poderiam ser úteis naquela situação desesperadora. E lá fomos nós: eu, Lairson e Ênio, enquanto as mulheres foram preparar meu apartamento para nos receber, juntamente com a futura defunta.

No referido galpão, conseguimos um martelo grande, um estilete de ferro de construção, tipo punhal, e uma grande caixa de papelão. Pelos nossos cálculos, isto seria suficiente.

Dirigimo-nos para um canto da área experimental onde havia um barranco e uns arbustos, que nos protegeriam de possíveis intrusos. Chegando lá, abrimos o porta-malas e com uma martelada na cabeça, a bicha perdeu os sentidos, restando apenas sangrar com estilete e arrolhar o furo para não perder o sangue, matéria-prima preciosa para fazer um excelente chouriço. Quando estávamos colocando a vítima na caixa de papelão, pedimos ao Lairson para tirar o cinto para amarrarmos a caixa. Com isto, sua calça caiu! Ao abaixar para pegar a calça, o carro da polícia da Universidade foi passando no alto do barranco. Não se mexa, gritamos, nos obrigando, assim, a ficar imóveis para não sermos detectados! Se fôssemos presos por ter matado um porco, o Lairson, além disso, seria condenado também por mau comportamento por estar pelado, de bunda pra cima, junto a dois homens!

Finalmente, chegamos à casa sãos e salvos, carregando aquela enorme caixa, que foi colocada em cima da bancada de nossa pequena cozinha. Para evitar de sermos vistos, tivemos que fechar todas as janelas. Colocamos água para ferver em uma grande panela e a porca foi, devidamente, depilada e aberta em cima da bancada, é claro que lambuzou toda a cozinha e outras dependências. Nestas alturas, já estávamos em plena comemoração, com cervejas etc.

Elena, como chefe do cerimonial fúnebre, disse: “já que passamos tantos apertos, agora vamos curtir e fazer tudo que se pode de um porco, como sarapatel, chouriço, linguiça, feijoada, feijão tropeiro, joelho de porco etc., etc., etc. Para isto, vamos dividir as tarefas. Marlene, esposa do Ney Lopes, disse logo: “Eu nunca mexi com porco!!!”. “Então você vai lavar a barrigada”, retrucou a Elena. Diga-se de passagem, é a pior parte do porco para arrumar! Marlene foi com a bacia de barrigada para o banheiro e foi espremendo o cocô das tripas dentro do vaso, com a cabeça virada de lado e, em seguida, lavava na pia. Mas deu conta da tarefa direitinho!!!

Naquele inesquecível dia, comemos um saborosíssimo sarapatel em nossa casa, com muita bebida e curtidão de tudo que havia acontecido.

Como estávamos de férias, acertamos um feijão tropeiro na casa do Lairson e, nos dias seguintes, uma feijoada na casa do Ênio, pernil no Otávio, suã com arroz na Marlene e lombo à Califórnia no Lazeri. Os tira-gostos nestas noites também eram da porca, como torresmo, linguiça, chouriço, carne de panela e outros. Começamos a ter urticárias de tanto comer produtos suínos.

Mas como valeu a pena!!!! Ficamos famosos junto às comunidades brasileira e sul-americana.

Assim tivemos um NATAL muito FELIZ em 1978!

Carona desastrada

Morethson Rezende

Recém-chegado dos Estados Unidos, no final de 1979, eu e meu cunhado Toninho, ele inspetor do Banco Central em Brasília, compramos uma área de cerrado, em torno de 400 ha a 110 km de Brasília, no município de Luziânia, GO. Conseguimos um financiamento pelo Programa Polocentro, que nos permitiu formar pastagens, construir curral, cercas, uma modesta casa para passarmos o final de semana e comprar gado.

Era bastante comum, nos feriados e finais de semana, levar nossas famílias e fazer um churrasquinho à noite, ficando, às vezes, mais de um dia por lá. O Sr. Benedito era o caseiro, responsável pela propriedade, principalmente cuidando do gado e fazendo queijos com o leite que se tirava. Esta pequena atividade era trabalhosa, principalmente

quanto à conservação e venda desses queijos que eu e Toninho buscávamos todo final de semana.

O Toninho era um sócio da melhor qualidade pela sua integridade, moral, educação, dedicação, companheirismo etc., etc., etc. Embora se tratasse de pessoa com aparência calma, ao chegar à fazenda, já começava a ficar angustiado para voltar, principalmente naquele sábado que tinha um fla-flu, e o fluminense era seu time do coração.

Era comum, e naquele dia não foi diferente, pedirmos ao Benedito para pegar dois bons frangos para comermos no domingo. O Toninho estava agitadíssimo para voltar para casa, quando apareceu Sr. Romão, goiano sessentão, de fala mansa, um produtor rural nosso vizinho, que ainda não conhecíamos, e começamos a conversar.

Tínhamos uma caminhonete C-10 da Chevrolet, bem conservada, que usávamos para ir à fazenda. Quando já estávamos preparando para sair, o Sr. Romão perguntou se poderíamos lhe dar uma carona até Brasília. De pronto eu respondi: “Claro que podemos”! Em seguida, ele perguntou se importávamos de pegar algumas coisinhas na casa dele ali pertinho, apontando na direção do Morro do Buritizeiro. Como iríamos dizer que não, naquela altura! Toninho já mostrava total aborrecimento no olhar e no semblante. E lá fomos nós, com nosso carona ensinando um caminho cheio de buracos e portei­ras de arame e tome caminho e nada de chegar. Toninho, que tinha problemas de fígado, já sentia a bÍlis quase entornando. Demorou, mas chegamos a uma casa bastante simples, mas bem cuidada, com belo pomar nos fundos. Após a apresentação de sua família, recebemos um saco cada um para apanhar laranjas à vontade e levar para nossas casas. Até que pareceu bem legal! Lá fomos eu e meu estimado cunhado, encher nossos sacos de bonitas laranjas. Após uns 30 minutos, retornando do pomar, encontramos nossa C-10 abarrotada de móveis, sacos de milho, arroz e feijão, alguns utensÍlios domésticos e duas gaiolas de passarinhos, galinhas, papagaio etc., etc. Ainda bem que o Ibama não era tão rigoroso na época! Além de tudo isto, a mulher e uma filha, com suas respectivas malas. Toninho já começou a respirar fundo e dar um sorrisinho amarelo do tipo “estamos fudidos e não existe solução”! Eu disse que subissem no carro e partimos como retirantes em direção à capital da República. Naquelas alturas, o fla-flu já deveria ter começado, e Toninho chegava a bufar e não conseguia achar nenhuma graça nas minhas brincadeiras com relação à tragédia em curso.

A senhora do Damião, uma mulher de uns 60 anos, que ia na carroceria por pirraça nossa, despertou certa dor em nossa consciência. Por isso, paramos e a passamos para junto de nós na frente. Em seguida, ela esclareceu que eles estavam indo para a casa de seu filho na cidade do Gama, não para Brasília, conforme havia sido dito lá no começo dessa epopeia. Toninho respirou fundo e me pediu para parar e vomitou aquele caldinho verde, característico da bÍlis. Voltou para o carro desfeito, abatido, com cabelo arrepiado e não quis falar mais durante o resto da jornada, só bufava de vez em quando!

A caravana de retirantes deixou a estrada da Capital e partiu em direção à cidade do Gama. De vez em quando, o gaiato que estava na carroceria chegava a cabeça perto da janela e indicava a direção que devÍamos tomar. Ao chegarmos ao Gama, ele trocou com a mulher para nos ensinar como chegar à casa do filho. Claro que errou várias vezes, tendo que perguntar a alguém como chegar a tal rua. Chegando lá, cadê o filho? Casa fechada! Era só o que faltava! “Deve estar na casa de minha irmã”, resnou o cara de pau! Lá vamos nós, dobra à direita, virar à esquerda, contorna o quarteirão, segue em frente, perguntando mais umas duas vezes, finalmente encontramos o tal filho. Ele, juntamente com a esposa e dois filhinhos, subiram na caminhonete e retornamos para sua casa para descarregar a tralha, finalizando, assim aquela desastrada carona!

Ao chegarmos a Brasília, com umas quatro horas de atraso, não conseguimos ver, nem os comentários sobre o jogo, que já havia terminado. Foi quando perguntei ao Toninho:

“Onde estão aqueles dois frangos bonitos que o Benedito colocou na caminhonete para nosso almoço amanhã?” Isto foi mais que suficiente para ele correr para o banheiro e vomitar o caldo verde mais duas vezes.

Aquele corte de cabelo

Morethson Rezende

Em 1974, eu já era pesquisador da Embrapa e morava em uma casa no antigo IPEACO (Instituto de Pesquisa Agropecuária do Centro-Oeste) a 10 km de Sete Lagoas. Não me lembro a razão, mas tive que viajar a serviço a Brasília. Na época, eu usava barba e cabelo comprido que quase batia nos ombros, tudo isto segundo a moda da época. À noite, passeando pelo shopping do Conjunto Nacional, ao passar por um salão de beleza unisex, resolvi entrar e cortar meu cabelo, pois já estava passando da hora. É importante ressaltar que era a primeira vez que eu ia cortar cabelo em um salão de beleza, pois, como bom mineiro, sempre utilizava a tradicional barbearia. Tudo correu bem. O cabelo foi cortado, molhado e, em seguida, fez-se escova, secando com um secador manual. Quando tudo terminou, eu me senti bonito! A coisa ficou bem arrumada. Dormi com cuidado para que o pessoal lá de casa pudesse curtir um pouco daquele novo estilo.

Algum tempo depois, fomos convidados para uma grande festa de aposentadoria do Fábio, nosso amigo de Belo Horizonte. Ele, muito amigo da tia Assunta e do tio Jair, que também moravam em BH. Na véspera da festa, eu disse para Elena: “Aquele vez que eu cortei meu cabelo em Brasília, ficou legal, não ficou?” De pronto, ela concordou. Então eu disse: “Quem sabe a gente vai a um salão aqui em Sete Lagoas, eu corto o cabelo e faço uma escova. Assim vou mais chique para festa do Fábio”! Além de concordar, a Elena me deu aquela força. É claro que, para uma pessoa nascida lá no interior de Minas, não era muito simples entrar para cortar cabelo em um salão de beleza numa cidade cheia de gente conhecida. E lá fomos nós, eu com Elena a tira colo, para dar moral. Por indicação dela, entramos em um salão na rua Dr. Avelar, um pouco acima da Caixa Econômica Federal. Achei o cabeleireiro muito escandaloso e falei baixinho para Elena que ia deixar para outro dia. Fui repreendido no ato e fui informado de que se tratava do melhor cabeleireiro de Sete Lagoas. Entreguei os pontos e mandei ver! Eu disse para aquela figura estranha: “Amanhã nós vamos a uma festa em BH e eu quero melhorar meu visual, como eu fiz em Brasília” e detalhei os procedimentos ocorridos lá. O cara disse que deixasse com ele, pegou tesoura e o pente e mandou bala. As coisas corriam bem até o final da etapa de corte. Depois disso, ele molhou meu cabelo e veio com uma bacia cheia de bobs, ao que eu disse, já ameaçando me levantar: “Bobs não! Você está louco?” Elena, tentando contornar a situação, disse que não tinha nada a ver. O cara sabe o que faz, deixa de ser bobo, isto é normal! Eu dizia: “Bob, nem pensar, eu vou embora!” “Deixe de querer ser machão, isto é normal! Eu já vi homens sérios com bob na cabeça”, disse o cabelereiro. Houve muito mais discussão, até que concordei com os benditos bobs. Fiquei aquela coisa ridícula com aquilo na cabeça! Depois dessa merda, lá vem o cabeleireiro com rede para colocar em mim. “Pros diabos! Não vai colocar mais nada aqui não”! Elena interveio novamente, dizendo que colocando os bobs, tinha que colocar rede para firmá-los na cabeça. Nesse momento, eu disse para a cúmplice da Elena: “Fique na porta, porque se passar algum conhecido, eu vou embora de Sete Lagoas”. E claro que o protetor de orelha também foi enfiado goela abaixo. Quando pensei que o cara tinha ido buscar o secador manual, ele veio empurrando aquele monstrengo de secador sobre rodas para

colocar na minha cabeça. Mais meia hora de discussão, coloca não coloca etc. Acabaram colocando, com a Elena de sentinela na porta.

O tempo não passava, parecia um ano que eu estava naquela bendita cadeira com aquele forno na cabeça. Até que enfim a coisa acabou e aquela parafernália foi retirada. Eu parei de olhar para o espelho, enquanto o cabeleireiro dava os últimos retoques e disse: “Ficou lindo”! Quando eu olhei, puta que pariu! Eu estava com uma cara de puta de quinta categoria com aquele cabelão arredondado e amassado atrás. Eu me afundei na poltrona do carona do nosso fusca para não ser visto e disse: “Elena, pelo amor do santo Deus, toca pra casa bem rápido!” Ao chegar, Juliana, com três pra quatro anos, disse: “Papai, seu cabelo está engraçado”! Imediatamente Elena intercedeu dizendo-lhe que falasse outra coisa, porque seu pai estava uma fera! Fui direto para o chuveiro e lavei a cabeça com shampoo, várias vezes, até ter certeza de que tudo tinha voltado ao normal. No dia seguinte, estávamos em plena festa, quando tia Assunta disse: “Que cabelo bonito, Morethson!” Elena novamente interveio; “Tia, pelo amor de Deus, não toque neste assunto”. Depois disso, me afastei por completo do tal de cabeleireiro e voltei a utilizar o antigo salão de barbeiro até hoje.

Um socorro inesquecível

Morethson Rezende

Eu e meu cunhado Toninho éramos sócios em uma fazenda a 110 km de Brasília, situada no município de Luziânia, GO. Quase todos os finais de semana, íamos à fazenda verificar o andamento das atividades, buscar os queijos produzidos durante a semana etc. Embora ele aparentasse ser uma pessoa calma, assim que chegávamos à fazenda, ele começava a sugerir a volta para casa e cada vez com mais impaciência.

Meu cunhado, diga-se de passagem, era sócio da melhor qualidade, pessoa admirada por todos, pela sua integridade, moral, educação, dedicação e companheirismo, entre outros predicados. Contudo, não era um motorista muito prendado, principalmente em estrada de terra e, se estivesse chovendo, um desastre total! Por isso e pela pressa de voltar, nós combinamos que ele dirigiria na ida e eu na volta da fazenda.

Já era noite de um domingo chuvoso, em dezembro de 1981. Quando voltávamos da fazenda, alguém com uma Kombi parada na beira da estrada pedia ajuda. A estrada de terra era larga e com uma grande reta naquelas alturas, de pura lama, pois havia chovido com relativa intensidade o dia todo. Quando paramos, um senhor de meia idade, de aparência simples, educada e de prosa mansa, pedia ajuda, pois sua Kombi não pegava. Para complicar mais, havia uma senhora com uma criança no colo na parte da frente e muitos cabritos e galinhas na parte de trás, completando a carga. Fomos informados de que a Kombi não pegava de forma nenhuma e a bateria estava arriada. Como meu cunhado era bem barbeiro e, como de costume, eu estava dirigindo, principalmente naquela estrada com mais de um palmo de lama, portanto, muito escorregadia, a solução parecia fácil. Após amarrar a Kombi na caminhonete com uma corda grossa, mas bem curta, pedi ao senhor que entrasse na Kombi que eu ia puxá-la para que ele desse uns trancos até ela pegar. Após duas tentativas, nada, então disse ao meu cunhado: “Esse cara não está sabendo fazer o carro funcionar, então você dirige a caminhonete que eu vou passar para Kombi e fazê-la pegar”. E assim foi feito. O senhor desceu da Kombi e eu entrei. A Kombi era um caco, precisava dar duas voltas no volante para começar a virar, a alavanca de marcha era toda bamba e folgada, a porta, de vez em quando se abria. Tudo pronto para largada, o senhor, na chuva do lado de fora, a senhora com a criança do meu lado, cabritos e galinha fazendo bastante algazarra na parte de trás, dei sinal para o Toninho arrancar. Ah! Meu Deus, que

loucura! Toninho arrancou a toda velocidade. Na primeira tentativa, a Kombi pegou, joguei a alavanca da marcha em ponto morto, acelerei fundo e deixei o pau quebrar, dei sinal de farol, e Toninho nada de parar, cada vez corria mais a Kombi amarrada a pouco mais de um metro da carroceria, deslizava de um lado para outro e eu girava o volante para um lado e outro quase na mesma velocidade das rodas. Mesmo dando mais sinais de farol, nada, e lá vai Toninho fincado, a Kombi e a caminhonete dançavam na lama e lá vai Toninho a 100 por hora. Nestas alturas, mulher, criança, galinhas e cabritos, todos gritavam, e Toninho nada, quanto mais eu piscava farol, mais meu estimado cunhado disparava. A gente ia de um lado a outro da estrada e alinhava de novo no cento. A velocidade era tanta que sentia que a qualquer momento eu ia ultrapassar o Toninho. Depois de todos devidamente estressados e muito tempo de aventura, o bom Deus iluminou a cabeça do Toninho e ele parou. “Uuuuuufaaaaa, estamos salvos!”, gritei! “Você endoidou de vez, porra”! Toninho justificou dizendo que queria que a Kombi ficasse bem pega. Já deveríamos ter rodado uns cinco quilômetros e eu pensando naquele pobre homem que ficara na chuva, com certeza pensando que tinham roubado sua família, carro, cabritos e galinhas. Voltamos, devolvemos a Kombi com a família e a bicharada e, após pedir desculpas e justificar que o Toninho não batia bem da cabeça, fomos embora. Vontade de matar o Toninho!!!!

A minha UREMG/UFV

Evode José dos Santos

Comecei a trabalhar, regularmente, aos oito anos de idade, numa serraria. Ganhava um “Duque de Caxias” (dois cruzeiros) por semana. Fui engraxate, servente de pedreiro e operador de bicicleta de carga, fazendo *delivery* para um armazém atacadista. Ao me “bacharelar” no curso ginásial, aos 15 anos, já era chefe da Agência de Passagens (hoje rodoviária). A UREMG/UFV, para mim, foi uma dádiva pois, nesta Universidade pública, o ensino é gratuito. O futebol me ajudou, ao me isentar de taxas de alojamento e refeitório. Mas, com o tempo, consegui fazer também alguns “bicos”, que ajudaram na minha manutenção. Escola pública gratuita é fundamental. Mas é preciso ter pais cuidadosos como nós tivemos e bom ambiente universitário, com mestres competentes e não indivíduos doutrinadores para ideologias políticas. Os estudantes devem ser formados como técnicos e cidadãos, mas deve-se evitar que sejam precocemente militantes políticos (caso isso aconteça, que seja na vida profissional). Aí vem a pergunta incômoda: “Quem cuidará dessa cultura sadia? E eu arrisco: 1. Os pais, sendo mais próximos e responsáveis; 2. As escolas, tendo regimentos adequados e cultura apartidária para alunos e professores; 3. Os homens públicos, dando exemplos de dignidade e honradez. Assim eu entendia o mundo quando, ao final de 1963, aos 15 anos, após três dias e duas noites de viagem, recheada de contratempos, espera, sustos e deslumbramento, cheguei a Viçosa. É claro que os tempos são outros. Éramos 600 estudantes distribuídos em quatro cursos numa cidade de 6.000 habitantes. Hoje, estima-se algo como 20.000 alunos em mais de 20 cursos, fora as universidades particulares, numa cidade com cerca de 100.000 habitantes. Com todas as dificuldades, o ensino público deve continuar. Mas não basta o pretendente ser necessitado, tem que ter mérito.

Tributo aos mestres e colegas

Jarbas Yukio Shimizu

Em dezembro de 1970, celebramos nossa almejada formatura na UFV, após quatro anos de rotina acadêmica marcada por momentos de grande alegria, como também de dificuldades. Dificuldades pela distância e saudade da família, falta de dinheiro e precariedade de assistência médica na época, pois, durante o período de preparação para o vestibular, tive que ir até Ubá para um exame de vista e retornar uma semana depois para buscar os óculos. Assim como a maioria dos colegas, eu também voltava para casa somente nos finais de semestre. Durante o período letivo, o único meio de comunicação com a família era por meio de cartas que levavam mais de uma semana para chegar. Telefone, nem pensar, pois não havia linha que chegasse até a nossa casa, e internet era algo ainda desconhecido. Do lado positivo, a empolgação pelos novos aprendizados, novas amizades e exposição a culturas distintas, não só à mineira, mas, também, às das origens dos colegas vindos de todos os cantos do país.

No convívio com os mestres e colegas, principalmente com os alunos veteranos, vários personagens marcaram minha passagem por Viçosa e sou imensamente grato a todos eles. Cada um, à sua maneira, tornou a minha vida mais rica em experiência e aprendizado. Infelizmente, depois de tantos anos, não vou me lembrar dos nomes de todos eles para expressar minha gratidão. Assim, faço-os representar com a menção de apenas alguns, dos quais gostaria de destacar as razões.

Arno Brune, engenheiro florestal formado em 1967, era um dos instrutores no cursinho rápido que fiz para o exame vestibular, um grande entusiasta da engenharia florestal, que me convenceu a seguir esse ramo. Ele estava no último ano durante o meu primeiro ano na UREMG. Posteriormente, quando fui a Gainesville, Flórida, para fazer o mestrado na Universidade da Flórida, pareceu-me que a história se repetia. Por sorte, lá estava ele, terminando seu doutorado. Na breve convivência naquela universidade, seus conselhos e recomendações foram valiosos para a minha ambientação e familiarização com o funcionamento do sistema universitário naquele país.

José Silveira Rivelli, engenheiro florestal formado em 1968, dava aulas à noite no Colégio de Viçosa como meio de reforçar suas finanças para custear seus estudos. Assim que terminou o curso, ele me passou a vaga para lecionar naquele Colégio. Foi a minha salvação, pois, até então, eu não tinha uma receita regular e vivia com o pouco dinheiro trazido de casa no início de cada semestre. Herdei dele também a bicicleta que me ajudou a vencer, rapidamente, a distância entre o Colégio e o alojamento tarde da noite.

Renato Mauro Brandi, professor de silvicultura, dava suas aulas com muita segurança e humor. O que mais me marcou foi sua coragem de confiar seu precioso carro nas mãos deste recém-chegado quando precisei de um veículo para tirar a carteira de motorista e lhe disse que já dirigira até caminhão no sítio da minha família. Já tinha tentado, sem sucesso, com outros professores proprietários de carro, na época em que somente uns poucos mais abastados circulavam com Aero Willys, enquanto os modelos Belcar e Vemagete da DKW e o fusquinha da Volkswagen eram o sonho de consumo de muitos professores. Dava para entender a insegurança deles. No entanto, o professor Brandi não vacilou e colocou à minha disposição seu fusquinha marrom. Sem ter frequentado autoescola, com esse carro, percorri as ruas tortuosas e acidentadas de Viçosa, ao lado do examinador. Fiz as balizas, arrancadas na rampa e outros testes, sem qualquer problema. Muito obrigado, Prof. Brandi!

José Anibal Comastri, professor de topografia, de admirável didática na exposição teórica e um grande motivador. Nas aulas práticas, mesmo com deficiência em uma das pernas,

levava a turma pelos morros em volta do campus da universidade para mostrar o funcionamento de aparelhos como teodolito, nível, bússola, trena e outros, e fazer levantamento topográfico. Marcante e divertida era a sua explicação da importância de se tomar várias medidas de uma determinada grandeza e tirar a média, por ser esse o valor “mais ou menos exatamente quase igual” ao valor real que buscamos.

David Scofield, professor de inglês, lecionava para a turma da engenharia florestal, curso em que essa matéria era obrigatória até o segundo ano. Sua dicção não era para qualquer um, ainda mais quando falava em inglês. Ainda assim, depois desse período, matriculei-me no Centro Cultural Brasil-Estados Unidos, coordenado por esse professor, onde, efetivamente, comecei a aprender esse idioma, graças aos instrutores dedicados e de alto nível que lecionavam ali. Um deles era o nosso colega da engenharia florestal, Dárcio Calais, formado numa das turmas anteriores à nossa.

Pronunciamento do colega Evode José dos Santos quando da passagem da Caravana da Amizade por Sete Lagoas

Em se tratando de amizades, não existe tempo de validade. Recebemos os velhos colegas com imensa alegria, como se os dias distantes de outrora fossem ontem. Relembramos nossas histórias como se um filme muito atraente passasse e repassasse em nossas mentes. Agradecemos, primeiramente a Deus, por estarmos aqui neste momento e de juntos deleitarmos os prazeres deste memorável reencontro. Agradecemos aos nobres companheiros pela premiação que nos ofertaram com suas presenças inesquecíveis.

Portanto, tenham, os visitantes, a certeza de que este momento é raro, honroso e emocionante. Em nome dos colegas residentes em Sete Lagoas, agradecemos muitíssimo este grande privilégio que se traduz nas honrosas presenças de todos vocês, que partiram de seus recantos viçosense e, desprendidamente, foram até Água Boa, Diamantina, Curvelo e, por fim, Sete Lagoas, ao nosso convívio.

Agradecemos, ainda, a disposição e a alegria de minha esposa Aurelita, ao receber a todos, como se ela também fosse uma Kavanhaqueana.

Essa data ficará sempre presente em cada uma de nossas histórias. Tenham esta certeza! Com muito prazer, Evode.

Sete Lagoas, 30/09/2019

Tributo aos Cavanhaqueanos

José Alves da Silva

As vozes dos inesquecíveis mestres
Ainda, nos ouvidos ecoavam!
Na mala, conhecimento e saudade
Tudo que os recém-formados levavam
No caminho, esperança e desafios
O começo que todos arrastavam!

Enfim, desencasulados de vez
Cada um procurou seu voo alçar
Com a autonomia que Deus lhe deu
Procurando seu destino alcançar

Sem medo de aplicar o que aprendeu
Com energia moral pra começar.

Os sólidos conceitos adquiridos
Em nossa insigne Universidade
Tornaram-nos profissionais capazes
E cada um em sua especialidade
Brilhou, com distinção, em todo o país
Nas mais variadas atividades

Ajudou a elevar o ensino e a pesquisa

Agindo em atividades rurais
Incrementando a produtividade
De produtos e bens essenciais
Tornando o país mais competitivo
Via mercados internacionais
Não obstante, o período repressivo
Experenciado na juventude

O ensino bem estruturado foi
Responsável por nossas atitudes
As sementes produziram bons frutos
Que serão colhidos por gerações
Esse é o legado dos Cavanhaqueanos!

Clara é a sensação de dever cumprido!
Na modéstia e humildade dos Mineiros
Na alegria Carioca e Baiana
Na simplicidade dos Goianos!
Nos tímidos Capixabas, guerreiros!

Sensação de dever cumprido está
Presente no apressurado Paulista

No frevo alegre dos Pernambucanos
Entre os nordestinos e sulistas
No Candango, Catira e Rosqueado
Bumba-meu-boi e Rodas de Carimbo!

Aos que em nosso ansiado Jubileu
Presentes não puderam mais estar
Pois, seu voo quis Deus interromper
Resta-nos meritosamente, brindar
Com respeitosa e leal homenagem
Cônscios de que sua obra há de ficar

Pois, em base robusta foi erigida
E, assim entre nós, há de permanecer
Folha alguma cai sem a mão divina!
A essência é eterna como Deus bem
quer!
Somos energia e tudo se altera
No universo nada vai se perder!

Janeiro de 2020

Flor Amarela

Evode José dos Santos

Minha solidão agora se evidencia
Dentre as minhas irmãs
Estou bela e sozinha
Carrego em minha cor
A energia do sol.
E com amor renuncio a primavera
Por isso, sou também a alegria
A invadir o coração dos homens.
Minhas raízes são fortes
E permeiam a terra seca do sertão.
O meu nome é Ipê Cascudo,
Com muita mansidão
Coloco-me na retina dos teus olhares,
Contempla-me rápido, pois sou breve,

Rapidamente me desprendo dos galhos,
Onde nasci e me tornei flor.
Serei semente leve e alada,
Voando pelos campos,
Procurando o seio da terra.
Ora, me sucumbirei perdida.
Ora, me perpetuarei no leito da
natureza,
Milagre que se repete ano após ano,
Assim, vou e volto,
Pois minha missão é ainda
Promover para sempre a tua felicidade.

Setembro de 2014

Capítulo 5

O Clube Cavanhaque de Urubu: uma sinopse histórica





Departamento de Tecnologia de Alimentos

É tradição, desde os tempos da ESAV, UREMG e UFV, os calouros criarem um clube que tem por finalidade promover o conagraçamento e angariar fundos para a formatura, gerenciando festas e outras promoções. O clube Cavanhaque de Urubu está patrocinando a edição do presente livro e a organização dos festejos do Jubileu de Ouro.

Os nomes dos clubes remetem a uma multiplicidade de temas, enredos, situações do cotidiano da época, lideranças emergentes, entre dezenas de outros, que cabem aos sociólogos, antropólogos, psicólogos e cientistas políticos interpretarem. Durante o período 1967 a 1970, convivemos com os clubes Pinguim (1967), Berimbau (1968), Carcará (1969), Gato Preto (1971), Trabuco (1972) e Pikareta (1973), promovendo a integração vertical e horizontal. Depois da formatura, os clubes ficam ao abrigo da Associação dos Ex-Alunos da UFV, criada em 15 de dezembro de 1935.

O clube Cavanhaque de Urubu nasceu em uma reunião entre os calouros de 1967, quando então, no dia 09 de abril de 1967, foram abertas as inscrições para a apresentação de chapas, visando à administração do clube. Duas chapas foram apresentadas: uma por Humberto de Melo Carneiro e outra por Ernane de Moraes Peloso.

Quanto à escolha do nome do clube, Cavanhaque de Urubu, a sua origem se perde no tempo. Qual a razão da escolha de uma ave feia e de mau agouro? O cientista Charles Robert Darwin (1809-1882), em sua famosa viagem de circum-navegação (1831-1936) em que elaborou a teoria da evolução das espécies, considerou o urubu (*Coragyps atratus*) como “aves repugnantes, que se divertem na podridão”. Para a turma de 1970, ganhou identidade própria, remetendo a algo positivo, sorte e fama.

No dia 06 de maio de 1967, foi empossada a chapa vencedora, tendo como presidente José Flávio Correia Primo; vice-presidente, Mercial Lima de Arruda; primeira secretária, Ana Maria Siqueira Resck (1943-2018); segundo secretário, Giovanni José Carvalho (1947-?); tesoureiro geral, Renato Ladeira Costa; primeiro tesoureiro, Luiz Claudio Penedo; segunda tesoureira, Helena Yoshiko Shimizu.

O clube Cavanhaque de Urubu atravessou os quatro anos do curso com os arroubos da juventude, tendo como mascote um urubu empalhado que foi “batizado” com o nome de Romualdo, pelo saudoso colega Jaime Rezende do Valle (1943-2004). Romualdo era como um estandarte medieval, sempre exibido nos desfiles, nas olimpíadas internas da Universidade e em reuniões da turma. Na atualidade, abater e empalhar um animal de importância fundamental na natureza não seria considerado uma prática ecologicamente correta.

O Romualdo antecedeu o sucesso da Ionete da Silveira Gomes (1939), conhecida como Dona Anete pela sua música no “*No Meio do Pitiu*”, inspirada na Feira do Ver o Peso, Belém, Pará, fundado em 1625, considerada a maior feira livre da América Latina e o paraíso dos urubus. Estas aves fazem parte da peça teatral “Ver de Ver o Peso” em cartaz desde 1982, no qual mostra o cotidiano e a movimentação dos feirantes e ambulantes do mercado, com humor e crítica social, combinando comédia, teatro de revista e sátira acerca dos costumes populares paraenses. O Romualdo é a antítese do Zeca Urubu, um malandro vigarista e sempre planejando seus golpes contra o Pica Pau, ambos personagens das revistas em quadrinhos e dos desenhos animados. Romualdo era, também, o nome de um afrodescendente, servente de pedreiro, amigo do Jaime, que vivia em permanente estado etílico. Muito pobre e cheio de filhos, era humilde e comunicativo. Vivia sorrindo para todos, mostrando uma larga dentadura branca a se destacar no seu corpo negro azulado.

José Flávio Correia Primo deixou a presidência do clube em julho de 1967 e, por aclamação, Hélio Kajiwara assumiu o comando. Kajiwara conduziu o clube até dezembro

de 1970, com grande sobrecarga de trabalho e preocupações, especialmente no ano da formatura, quando os colegas estavam preocupados com as provas finais e da futura vida profissional. A Comissão da Formatura teve uma atuação destacada do Alexandre Aad Neto, com grande experiência em complexas negociações.

Depois da formatura, a participação do clube Cavanhaque de Urubu ganhou novos contornos com a consolidação profissional dos colegas, a estabilização das famílias, as aposentadorias e, agora, como avós e avôs, entre outros. Sem personalidade jurídica, movida a idealismo, vai desaparecer com o último dos graduados de 1970.

Os sinais desta mudança são perceptíveis nos logotipos dos encontros. Como um urso polar, de cinco em cinco anos, a marca cavanhaqueana acorda da hibernação, ocasiões em que destacadas lideranças se movimentam na organização dos encontros quinquenais da turma. Com foguetes, adesivos, *banners*, faixas etc., colegas tentam fazer a diferença com relação aos demais clubes, estremecendo a cidade de Viçosa. Nos primeiros quinquênios, a elaboração e multiplicação dos logotipos estiveram a cargo do colega Francisco de Paula Castro Filho (1945-2012). Já os logotipos e adereços mais recentes estiveram a cargo do colega Aloisio Teixeira Gomes. Na evolução da identidade visual do clube, a substituição do “Cavanhaque” por “Kavanhaque”, de forma abreviada chamado de K-70 pela turma, o mascote Romualdo ganhou sinais de modernidade, com um sorriso irônico representando uma sátira para a situação política do país nas últimas décadas.

A modernidade dos celulares, através do WhatsApp, levou a uma iniciativa do colega Aloisio Teixeira Gomes em começar um verdadeiro censo demográfico da turma do K-70 com a criação do grupo “Cavanhaqueanos”. Este foi completado por José Antônio Obeid, permitindo a localização da quase totalidade dos colegas. O fluxo de mensagens diárias chegou a congestionar os celulares mas, com certeza, afastou muitos colegas de um Alzheimer precoce. Cabe destacar o esforço do colega João Bosco de Carvalho, organizando a listagem dos aniversariantes, dando um sentido mais humano e familiar para o grupo.

Nesta ocasião do Jubileu de Ouro, não poderíamos deixar de expressar nossos agradecimentos aos colegas de Viçosa, os chamados “nativos”, que fazem todo o possível para bem nos receber, com seus familiares como verdadeiros anfitriões, a exemplo do Alexandre Aad Neto, José Rubens Ferreira Fontes, José Antônio Obeid, promotor da nossa reunião em Brumadinho (2019), entre outros. Também é digna de registro e agradecimento a gentileza do colega Alberto Vasconcelos Costa e de sua esposa Dalva, ao patrocinar os valiosos adereços para o engrandecimento da festa do nosso Jubileu de Ouro.

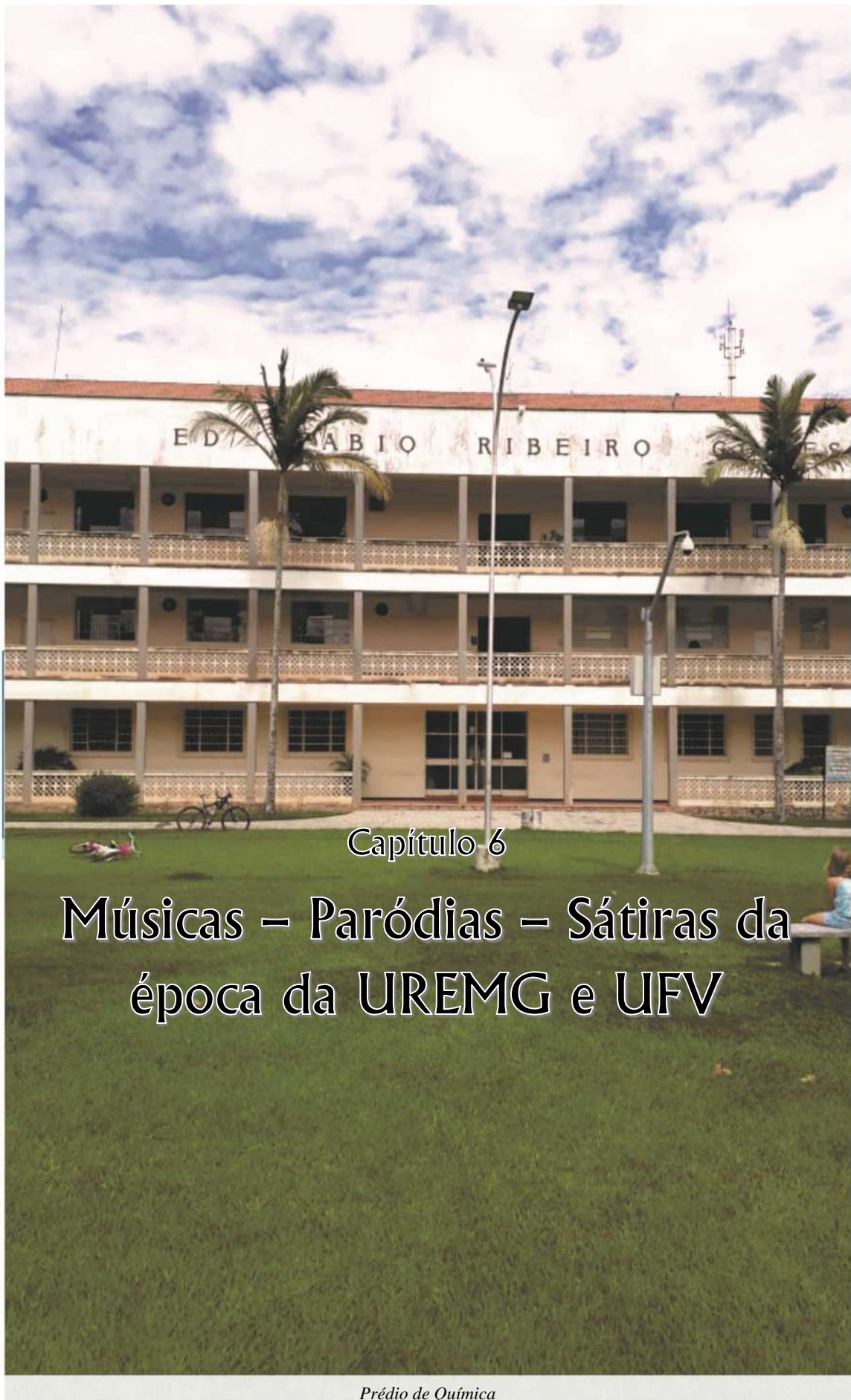
Por fim, é imperioso, agora em 2020, por ocasião das comemorações do Jubileu de Ouro da turma de 1970, deixar registrado a enorme colaboração e engajamento da Comissão Local Organizadora do Jubileu de Ouro, composta pelos colegas Alexandre Aad Neto, Aloisio Teixeira Gomes, José Antônio Obeid, José Geraldo Fernandes de Araújo e José Rubens Ferreira Fontes. À Comissão Local e a todos que ajudaram a turma 1970, a nossa eterna gratidão. Até 2025!

Os Editores.

	
1967	1990 – 20 anos
	
1995 – 25 anos	2005 – 35 anos
	
2010 – 40 anos	2015 – 45 anos
	
2018 – 48 anos	2020 – 50 anos



Centro de Ensino de Extensão



Capítulo 6

Músicas – Paródias – Sátiras da época da UREMIG e UFV

Prédio de Química



Centreinar

Hinário

Hino de despedida dos Agrobóys às Picacouves.

(Música Submarino Amarelo)

Nunca mais vou me esquecer
Dos meus tempos
De Agrobóys!
A tristeza eu canto agora!
A saudade
Que me dói!

Pica couves vão ter paz
Pois os Agrobóys
Não vão encher mais!
Óh coroas como vão viver
Sem os Agrobóys
Prá com vocês mexer !!!!!

Hino do K-70 nos jogos das Olimpíadas

Cavanhaque, Cavanhaque,
Seu sucesso é incomum...
Alegria que não para...
Clube igual não há nenhum...

Nas olimpíadas é sempre o maioral...

Cavanhaque, Cavanhaque,
Tu és mesmo sem igual... Cavanhaque,
Cavanhaque,

Durante o ano é sensacional,

Hino cantado no Dia do Soldado

(Às Pica-Couves, à passagem da “Ordem do Dia”)

Nós somos da UREMG a guarda, fiéis coroas
desesperadas,
Não temos mais esperanças, de namorar nem
de casar,
O nosso futuro é negro, ser desprezadas e
nunca amadas,
A nossa sina é triste, ser costureiras ou
cozinheiras

Pica-couve que desilusão
Ser soldado, cabo ou capitão,
E se for das mais feiosas,
Diz a turma de Viçosa
Só pra bucha de canhão
À nativada, da região,
Dou um conselho: Pica-couve,
não!

Hino do Soldado Pica-Couve

(Resposta das meninas do aloj. feminino)

Coroas tristes que em noite de lua,
Pela UREMG ocupando a rua
Mais triste ainda é o pensamento,
Desiludidas de casamento
Fiéis soldados de quepe e fuzil
Somos defesa deste Brasil
Peso pesado em plena ação
Somos até bucha de canhão

É com orgulho que pertencemos ao
batalhão
Pois é soldado quem hoje manda nesta
nação
Picamos couve, pros vagabundos da
agronomia
Eles plantam batatas, mas não dão jeito
nesta anarquia.

A Moda da Pinga
Inezita Barroso (1925-2015)

Com a marvada pinga
É que eu me atrapaio
Eu entro na venda e já dou meu taio
Eu pego no copo e dali não saio
Ali memo eu bebo
Ali memo eu caio
Só pra carregar é que eu dô trabaio, Oi
lá.

O marido me disse, ele me falô:
“largue de bebê, peço por favô”
Prosa de homem nunca dei valô
Bebo com o sor quente pra esfriar o calô
E bebo de noite é prá fazê suadô, Oi lá.

Cada vez que eu caio, caio deferente
Meaço pá trás e caio pá frente, caio
devagar,
caio de repente, vô de corrupio, vô
deretamente
Mas sendo de pinga, eu caio contente,
Oi lá.

Pego o garrafão e já balanceio
que é pá mor de vê se tá mesmo cheio
Não bebo de vez porque acho feio
No primeiro gorpe chego inté no meio
No segundo trago é que eu desvazeio,
Oi lá.

Eu bebo da pinga porque gosto dela
Eu bebo da branca, bebo da amarela
Bebo nos copo, bebo na tijela
E bebo temperada com cravo e canela
Seja quarqué tempo, vai pinga na guela,
Oi lá.

Eu bebi demais e fiquei mamada
Eu caí no chão e fiquei deitada
Ai eu fui prá casa de braço dado
Ai de braço dado, ai com dois sordado
Muito obrigado!

A Viola e o Baralho
Raul Torres (1906-1970)

Quem me vê assim cantando
Deve achá que eu não trabaio,

Quem me vê assim cantano
Deve achá que eu não trabaio,
Tenho os dedo calejado
Da viola e do baraio. (bis)

Que meu coração detesta
Tem duas coisas nesse mundo
Que meu coração detesta
Viola desafinada
E muié abestaiada, ai, ai

Uma vez joguei baraio
Por detrás da sacristia
Uma vez joguei baraio
Por detrás da sacristia
São Pedro se admirava
Das jogadas que eu fazia, ai, ai

Abeia quando trabaia
No abeiero faz zum-zum
Abeia quando trabaia
No abeiero faz zum-zum
Baraio na minha mão
Sempre bato um vinte e um, ai, ai

Eu jogo sete e meio
Parada de cem mil réis
Eu jogo sete e meio
Parada de cem mil réis
No camplê bato com as nove
Se quisé bato com as déiz, ai, ai

Ceguei na banca de jogo,
morena me dá um baraio,
Ceguei na banca de jogo,
morena me dá um baraio
Se eu perdê você me leva,

Se eu ganhá você me cai, ai ai

O marvado do barairo
Muito mal ele me fez
O marvado do barairo

muito mal ele me fez,
Por causa desta viola
sempre drumo no xadreiz, ai ai !

Vira

Vira, ô deixa virar
Nesta virada vai haver farafafá !!! ?
Subiu um rato
Pela perna da comadre
Veio o filho do compadre
Para ver o que se deu
Tiraram a roupa da comadre e
sacudiram
Mesmo assim não descobriram
Onde o rato se escondeu

Vira, ô deixa virar
Nesta virada vai haver farafafá
Subiu uma cobra
Pela perna do compadre
Veio a filha da comadre
Para ver o que se deu
Chucharam a mão
Pelo bolso do compadre
E quando agarraram a cobra
Veja o grito que ele deu: IA IA i !!!

Embriagado

Eu não passo dois minutos sem beber...
Fico louco pensando que vou morrer!...
Ai me resseca todo, todo o céu da boca
Só de pensar naquela pinguinha louca!...

Não chores não, oh! minha mãe não
chores,
Por ver seu filho embriagado...
Não chores não, oh! minha mãe não
chores!!!

Este é o prazer de um rapaz
apaixonado!...

Quando eu morrer quero em minha
sepultura
Uma garrafa da branquinha sem mistura
Eu sou do samba, sou do samba
redobrado
E o meu prazer é morrer embriagado

Ladrão de Mamão

(Música *I can't stop loving you*)

Bem cedo à tardinha
Eu fui ao pomar
Dar umas voltinhas
E frutas roubar
Mas quando eu cheguei
Vi as frutas no chão
Pois meu amigo Ronda
Havia roubado mamão
Mas quem é o Ronda
É o ladrão de mamão. (bis)

Pegaram ele na estrada
Com o roubo na mão
Mas quem viu o Ronda?
Ah, isso eu não sei
Só sei que ele rouba mamão
Das cinco pras seis, Das cinco pras seis
Mas quem é o ronda.....

Bebedeira

(Música: A Praça)

Hoje eu acordei com vontade de beber
Peguei aquele litro que você me ofertou
Sentei naquele banco do barzinho só
porque
Foi lá que a bebedeira começou

O mesmo copo, O mesmo banco
O mesmo dono, Do mesmo botequim
Tudo é igual, Mas estou triste
Porque não tenho um alambique só pra
mim.

Revolução

(Música-Barril de Chopp)

Vamos todos
Vamos todos
Vamos prá revolução
Vamo fazer do santo papa
Uma bucha de canhão

Vamo depressa, vamo depressa,
vamos agarrar o fuzil

Vamo por fogo nas igrejas,
Pra libertar o Brasil

A matar, começa no Ademar
Juscelino e Jango Goulart
Olhar pro céu, olhar pro mar
Carlos Lacerda eu vou matar.

A Cueca

(Música: Marcha da Cueca)

Eu mato, eu mato
O fdp que cagou
No meu sapato
Eu mato, eu mato
Quem pegou minha cueca
Pra fazer pano de prato
(olha o breque...) e Guardanapo!
Dita dura (Música Bandeira Branca):
Tanto tira, ó, quanto gorila
Mais de mil milicos em ação
Estudantes apanhando
Pelas ruas da cidade
Gritando por liberdade

Foi bom te ver outra vez
Tá fazendo um ano

Que o sem pescoço entrou
Eu sou aquele estudante
Que já gritou, E que apanhou, meu
amor

Na mesma máscara negra
Que esconde a verdade
Eu quero gritar liberdade

Vou gritar agora
Não me leve a mal
Fora o Marechal
Vou gritar agora...
Não me leve a mal
Fora o Marechal

Revolução

(Rítmo: Vira-português)

Lá em cima general Craveiros
Lá embaixo Oliveira Salzaire
Lá em cima...(bis)

Taparam Portugal com um pano,
Escreveram em cima: Portugal mudou-se

Se assentaram-se os dois na varanda
Fazendo propaganda pra guerra se
acabaire
Se assentaram-se os dois...(bis)

Os avião de Portugal são camuflados
pra xuxu
Os avião de Portugal, são camuflados
pra xuxu

Portugal entrou na guerra
Porém não se acovardou-se
Portugal.... (bis)

Pintaram os avião de preto,
Escreveram em cima, Isso é um airibu,
Pintaram os avião de....(bis)

O Pinico

(Música: Alfaiate de primeiro ano)

Comprei um pinico
Prá José meu mano,
Mas não deu certo
Porque houve engano.
Eu não sabia que José meu mano
Tinha a bunda grande,
Feito americano.

Olha o Cid (Música: Dominique)
Olha o Cid, Cid, Cid
Sempre alegre esperando
Alguém pra ferrar
Com sua vara envernizada
Sempre, sempre engraxada
Para as pregas rebentar

Ai, ai, ai
Que boca estreita
Que o pinico tem
Se a gente mija
A bunda fica de fora
Se a gente caga, o pirú fica também.
(bis)

Apesar da ignorância
A calourada compreendeu
Que a maior felicidade
Foi a trolada que ele deu
Olha o Cid, Cid, Cid(Bis)

Melô do Urinol

(Música: Luar do Sertão)

Não há coisa melhor
Do que cagar no urinol
Não há coisa.....(Bis)

Estufa o peito
Engrossa a veia
Do pescoço
Caga fino, caga grosso
Caga até o cu rachar.
Não há coisa melhor...(Bis)

Se a gente senta
Na beirada do pinico
Inté parece moço rico
Com vontade de cagar

Pé na Cova

(Música - Se Esta Rua Fosse Minha)

Encarquei encarquei o pé na cova,
uma voz lá de baixo respondeu
não encarque não encarque o pé na cova
aqui jaz um defunto que morreu. reu...reu..

Eu tornei a encarcar o pé na cova
uma voz lá de baixo arrepetiu... arrepetiu
desincarca, desincarca o pé da cova
Vai encarcar lá na puta que o pariu.

Hino do Cachaceiro

Óh, lua cheia
Cheia de Graça
Esse seu bojo
Está repleto de cachaça
Apague a luz
Pra ninguém ver
Abre-te ao meio
Teu recheio
Estou danado pra beber,

Tu não és mais
Que um garrafão
A quem dedico
Sacrossanta devoção

Me encontrarás
Num botequim
Fiel ao que te prometi
Que nunca mais
Eu vou beber
De hoje pra trás
Oh, flor!!!

Multiplicou o pão
Multiplicou o vinho

Trancou-se na adega
Pra tomar porre sozinho

Bebeu, bebeu, bebeu e no fim desmaiou
Mas no terceiro dia ele ressuscitou
Alkaseltzer ressuscita qualquer um
E como Alkaseltzer não pode haver
nenhum (bis)

Tomara que chova
Uma chuva bem fininha
Que molhe a sua cama
e você passe pra minha

Menina, que feio
Eu sem cueca
E você sem porta-seio

Salve, salve o Alkaseltzer,
Salve, salve o Sonrisal
Nós que somos cachaceiros
Salve, salve o Melhoral
Melhoral, Melhoral
É melhor e não faz mal

A Bunda

Belmiro Ferreira Braga (1872-1937)

Quando ela passa todo mundo espia.
Não para a cara, que não é formosa
Mas para a bunda, que é maravilhosa
Em bunda, nunca vi tanta magia.

Requebra, sobe, treme e rodopia
Dentro de uma expressão maravilhosa
Deve ser uma bunda cor-de-rosa
Da cor do céu quando desponta o dia

E ela sabe que sua bunda é boa
Vai pela rua rebolando à toa
Deixando a multidão maravilhada

Eu a contemplo, num silêncio mudo
Embora a cara não valesse nada,
Só aquela bunda me valia tudo.

Em memória

Vocês partiram para outro mundo, mas a amizade que construíram junto aos seus familiares e no convívio coletivo, sobretudo com os colegas da turma de 1970, permanecerá enquanto vivermos. Há uma cumplicidade coletiva ou particular, com cada um dos colegas que partiram, que só nós sabemos quão incríveis foram as nossas alegrias, tristezas e decepções. Aquelas conversas que duravam horas e horas, chegaram ao fim. Seus sorrisos, abraços ou molecagens dos tempos de estudante, quando profissionais ou membros de família constituída, foram traduzidas em encontros frequentes, esparsos, ou nunca mais aconteceram, são agora fantasmas do passado. Vocês partiram e levaram parte de quem fomos. Descansem em paz e até um dia. Com certeza os colegas falecidos concordariam que não seria conveniente adotarmos uma postura saudosista, voltada para o passado, ou nos limitarmos a uma postura esperançosa, pois perderíamos momentos de felicidade por estarmos voltados, apenas para o futuro. Não fiquemos tristes e apreciemos a beleza do presente.

Ana Maria Siqueira Resck
Antônio Carlos de Freitas
Antônio Cloves Fonseca Homem
Antônio de Bastos Garcia
Antônio Marcos da Silva Araújo
Antônio Pereira Armondes
Aurélio Augusto de Sousa Filho
Dansaburo Nishi
Delson Freitas de Moraes
Deonésio Moreira da Silva
Élcio de Abreu e Silva
Eliana Mortimer
Enio Fernandes da Costa
Ermiton Botelho dos Santos
Francisco de Paula Castro Filho
Gesmair Milagres
Gil Tiago de Souza
Giovani José Carvalho
Ireny Queiroz Pinto
Ivan José Ferreira
Jaime Rezende do Valle

João Álvaro Carneiro
João Moreira Ferreira da Silva
José Aloísio de Carvalho
José Carlos Cruz
Lélio de Pinho Tavares
Lúcio Louzada Cordeiro
Luiz Carlos Peixoto de Oliveira
Luiz Guilherme Barbosa
Lycia Amarin Vieira
Márcio Soyka dos Santos Silva
Maria Alice Borges
Níbio Milagres Teixeira
Nicolau Senna Neto
Nilson Milagres Teixeira
Oclécio Rodrigues Ferreira
Pedro Salgado Brandão
Rodrigo Otávio M. de Sousa Lima
Sérgio Pereira de Mello
Sinval Neves Miranda
Tarcízio de Andrade Araújo



Capítulo 7

○ discurso que “ainda” não foi proferido...

Monumento em homenagem aos Ex-Alunos e ao Prof. Antônio Secundino de São José, fundador e primeiro presidente da Associação de Ex-Alunos da UFV (AEA), inaugurado em 09/12/2017. Foto: José Antônio Obeid.



Sede da Associação dos Ex-Alunos da UFV, localizada na Vila Gianetti, cuja origem remonta a 15/12/1935. Foto: José Antônio Obeid

O discurso que “ainda” não foi proferido...

Senti-me extremamente lisonjeado com a indicação dos colegas reunidos no CEE, em dezembro de 2019, para proferir a Oração do Jubileu de Ouro da gloriosa turma do Kavanhaque de Urubu. Quis o destino que a solenidade não acontecesse em data tradicionalmente reservada para tal pela Universidade.

O advento da pandemia da Covid-19 em dezembro de 2019, em Wuhan, na China, mudou por completo o ritmo e o costume de povos de todo o mundo. Cancelou cruzeiros, congressos, cultos, casamentos e muitos outros eventos. Impediu também a reunião das turmas da UFV, um evento ininterrupto desde dezembro de 1935 que reúne, atualmente, quase quatro mil pessoas. Identificado no Brasil em 26 de fevereiro de 2020, o vírus causou e ainda causa estragos econômicos e sociais na vida de muitos brasileiros. As universidades, instituições públicas e privadas, comércio, hospitais, escolas, hotéis e transportes entraram em quarentena a partir de 18 de março de 2020, ou tiveram drásticas restrições de funcionamento e de atendimento. Os setores de bares, restaurantes, hotéis e de festas, os mais afetados pelas restrições, foram atingidos no coração. Muitos entraram em compasso de espera com demissões de parte do seu efetivo, outros faliram e fecharam definitivamente seus estabelecimentos. Imaginem os senhores as agruras por que passou e ainda passa Viçosa, uma cidade onde tudo gravita em torno do ensino! Tudo entrou em *stand by*. Máscaras, álcool, distanciamento entre pessoas, reclusão domiciliar etc. foram usados para reduzir a velocidade da contaminação viral.

A reação dos cientistas veio de pronto e, em menos de um ano, as primeiras vacinas já estavam prontas. Em 17 de janeiro de 2021, a vacinação da população já se iniciava. Entretanto, o estrago foi grande e respigou em todas as atividades e famílias. Nossa festividade, agendada para os dias 12 e 13 de dezembro de 2020, não pôde acontecer como programada. Até as Olimpíadas de Tóquio foram transferidas e realizadas sem público em julho/agosto de 2021.

Foi aventada a hipótese de comemoração conjunta com as turmas de 2021. Sinceramente, creio que este evento social também não será comemorado por ser aglutinador e pelo estado atual da pandemia. Tal situação se complicará ainda mais, ao se pensar em uma comemoração tripla com as turmas de 2020, 2021 e 2022, quando já se imagina a pandemia sob controle. Não há espaço físico e infraestrutura de suporte e apoio para viabilizar um evento para 12 mil pessoas. Assim, tudo caminha para um encontro informal, em data fora daquela estabelecida para a tradicional Festa do Ex-Aluno, oportunidade em que reuniríamos colegas e familiares para revivermos, em dois dias de convivência, nossa fraterna amizade. Isto posto, após discutir com os colegas da equipe editorial do livro comemorativo do Jubileu de Ouro, optamos por publicar, na sua versão eletrônica, o discurso jubilar alusivo ao evento, para que não se perca a nossa história em um momento ímpar vivido pela humanidade, de modo que uma pessoa que for fazer sua leitura, no futuro, possa compreender o momento histórico por que passamos.

ORAÇÃO JUBILAR - FORMANDOS DE 1970 DA UFV

Magnífico Reitor, Prof. Demétrius David da Silva, meu ex-aluno e ex-colega de magistério na UFV, ilustre homenageado com a Ordem do Mérito do Ex-Aluno; Prezado Prof. Tetuo Hara, presidente da AEA e ex-professor da maioria dos jubilandos e demais membros da Mesa Diretora; professores e servidores desta Casa, corresponsáveis por nossa formação; colegas que comemoram seus Jubileus de Prata, Esmeralda e Diamante e, também, os que comemoram seus quinquênios de formatura; caros colegas da turma do Cavanhaque, que hoje comemoram seu Jubileu de Ouro; esposas, esposos, filhos, genros, noras, netos, bisnetos, amigos e amigas que nos prestigiam nesta solenidade.

Senhores e senhoras:

É com um sentimento de emoção e orgulho que tenho o prazer de representar os graduados de 1970 da UFV em agronomia, economia doméstica e engenharia florestal. Manifesto, também, em nome dos cavanhaqueanos, nossa alegria e satisfação em comemorar esta efeméride conjuntamente com colegas de outros clubes de outrora e com os colegas de turmas mais recentes. Rendo de público nossa homenagem póstuma aos colegas cavanhaqueanos e a todos os colegas de outros clubes que partiram “antes do combinado”. A eles, a nossa eterna gratidão pela convivência fraterna e amiga, demonstrada em suas biografias escritas por familiares, amigos, colegas e eternizadas na publicação do nosso Livro de Memórias.

Num momento primeiro, gostaria de confessar-lhes que somos um grupo que teve muitos **privilégios**:

Privilégio de ingressar em uma instituição que, não só nos transmitiu os mais profundos conhecimentos técnico-científicos existentes à época, mas, também nos moldou a personalidade, transmitindo valores morais e éticos, sob a égide dos quais construímos nossa vida profissional, política e social.

Acreditem os mais jovens aqui presentes. Eram vários os professores que, ao aplicarem as provas, esclareciam as questões e diziam: "o último as recolherá e as entregará em meu gabinete, por que tenho outros afazeres". Assim era feito. E para espanto dos que não conheceram a Casa, tiravam-se notas baixas, tomavam-se segunda chamada, segunda época, bomba, repetia-se a disciplina e, se não lograsse aprovação, era sumariamente jubilado da Universidade. Para nela reingressar, só com a aprovação em novo vestibular.

Aprendemos com esses professores as noções de hombridade, confiança e honestidade: desrespeitá-las era motivo de desonra pública e expulsão da Universidade. Esse ineditismo de atitude nos mostrou, desde o início, o peso que a ética teria em nossa conduta. Seria, portanto, mais um compromisso para a vida, não apenas a acadêmica, mas, também para a vida pessoal e profissional.

Assim foi moldado o nosso caráter e, com ele, ganhamos o mundo, enfrentando os desafios encontrados fora dos muros da Instituição, sempre balizados pelos dizeres contidos nos obeliscos à entrada da Reta, as famosas Quatro Pilastras: Estudar, Saber, Agir, Vencer. E foi o que todos conseguimos fazer.

Privilégio de termos construído um convívio fraternal ao longo, para alguns, de 7 anos por terem feito aqui o agrotécnico; para outros, de 5 anos, ao levar em conta o COLUNI; e, para outros, de 4 anos a considerar um dos 3 cursos superiores à época existentes.

A pequena UREMG de então facilitou muito o nosso relacionamento. Éramos cerca de 800 estudantes nos diversos cursos de graduação e nos poucos de pós-graduação, iniciados em convênio com a Purdue University. A Instituição era ainda uma jovem em fase de crescimento. O sistema seriado, caracterizado por turmas que iniciavam e terminavam com os mesmos colegas, a frequência às aulas do ciclo básico, comuns a todos os cursos, a convivência entre os colegas do mesmo alojamento e entre alojamentos, quartos e seções, a frequência diária aos respectivos Diretórios Acadêmicos e, também, entre eles levavam, conseqüentemente, a uma grande integração entre os alunos dos vários cursos. A administração dos diretórios, da Cooperativa dos Estudantes e Professores, a Sociedade São Vicente de Paulo onde alguns ainda atuam até hoje, os Jogos Universitários em suas várias modalidades, os campeonatos de peladas e as Festas Juninas são algumas das atividades que nos propiciavam também uma convivência íntima e fraterna. Não posso me esquecer das viagens noturnas de kombi que muitos faziam para ministrar aulas nos ginásios criados nos municípios vizinhos pelo saudoso Pe. Antônio Mendes (1914-2002), capelão e professor desta casa, a quem alguns de nós devem a oportunidade de ter atingido os píncaros do conhecimento acadêmico. Grande sacerdote, grande humanista, grande educador! A ele, **nossa homenagem e admiração!**

Hoje, a Instituição agigantou-se. Chega perto de 23 mil alunos em seu *campus*. Adicionando os professores e o pessoal de apoio, beiramos 26.000 pessoas, população maior que a da maioria das cidades brasileiras. Difícil conhecer até mesmo os colegas professores, em número de 2.000. Administrá-la é como governar uma cidade, com todos os problemas de uma moderna urbe e ainda ter que administrar o ensino, a pesquisa, a extensão e a cultura que nela fervilham.

Privilégio de formar aqui grandes amizades ou, melhor dizendo, IRMANDADES, exemplificadas no comportamento de colegas, hoje compadres que, estando um acamado com pneumonia e perigando tomar bomba por falta, o outro, aula sim aula não, respondia a chamada pelo doente, arriscando os dois a tomar bomba por falta e a serem, até mesmo, expulsos da Instituição. Esta amizade perdura até hoje. Entre nós, temos compadres, comadres, afilhados e, até mesmo noras, genros e netos, frutos de casamentos entre si de filhos de alguns de nossos filhos. Amizade demonstrada nas centenas de mensagens trocadas, diariamente, via *whatsApp* ou *e-mail*, e em algumas “caravanas” que fizemos por milhares de quilômetros para visitar ou comemorar o aniversário de um colega. Digo aos senhores, com pureza d’alma que, mais que alunos de uma universidade, somos colegas, amigos por até mais de 50 anos, uma verdadeira família sim, irmãos, pertencemos à Família Cavanhaqueana.

Privilégio de sermos acolhidos pelos viçosenses, de modo a nos sentirmos em nossas próprias casas. Um dos relatos autobiográficos revela que Dona Aurora, mãe do nosso colega Marcha Lenta, em sua pensão, como uma segunda mãe, servia sem errar uma única vez o pedaço de frango de que cada um mais gostava. Nela, aproveitou para homenagear as demais donas e donos de pensão, aquelas pessoas que primeiro acolhiam aquele bando de jovens atordoados pela aventura da viagem com a natural inexperiência e a ingenuidade daqueles que, na maioria, nunca haviam saído de suas vilas, de suas cidades, de seus estados e até mesmo de seu país, e aqui vieram estudar, na longínqua e isolada Viçosa da época.

A chegada a Viçosa foi, para muitos, uma verdadeira epopeia. Enfrentaram cavalos, jipes, ônibus e trem de ferro. Muitos atolaram no trecho entre Ouro Preto e Viçosa, ainda de terra. Cansados por, às vezes, mais de três dias de jornada, alguns se conheceram pelo caminho e, ao chegarem a Viçosa, eram calorosamente recebidos por amigos, conterrâneos ou amigos de seus pais que aqui haviam estudado.

Alojados nas repúblicas, logo logo sentiam a deficiência de sua formação escolar e, a duras penas, aprendiam a virar noites e dias estudando até se converterem em CDFs e CDAIs, de traduções impróprias para tão solene momento. E nesta convivência harmoniosa, nossa amizade foi crescendo durante a luta e a ultrapassagem de cada obstáculo. Ela foi sendo amalgamada com o cimento do coleguismo, da cumplicidade e, sobretudo, da responsabilidade para com a nossa formação e para com as nossas famílias, que aqui nos mantinham a duras penas.

E chegou o temido vestibular! O cursinho pré-universitário era ministrado por Lúcio, Enezir, Zé Boquinha e outros, todos alunos da UREMG. As quase 24 horas de estudos por dia eram a certeza de aprovação no vestibular. E assim aconteceu. Alguns entraram na UREMG, outros na UFJF, na UFMG e em várias instituições federais de ensino. Dois foram para a apertadíssima AMAN. Outro foi bater às portas do ITA, militando até hoje na Embraer. E ainda houve quem, também aprovado na AMAN, optasse pela agronomia na UREMG, como fêz Tatão Bigico. E vieram os trotes, a medição do pátio entre o Bernardão e o alojamento utilizando, como trena, um palito de fósforo e muitas outras tarefas bizarras, tudo sob o olhar atento de um grupo de veteranos.

E eis que chega a data do BATISMO! Quem não se lembra? Recebíamos o diploma de CALOUROS, ou melhor, de BURROS AMESTRADOS PARA FINS ESTUDANTIS. A origem crítica do título remonta aos primórdios da ESAV. O Dr. Peter Henry Rolfs (1865-1944) importara dos Estados Unidos os modernos equipamentos de tração animal, utilizados na agricultura americana para substituir as enxadas, que eram o que aqui ainda se utilizava. E nossos peões, desistindo de treinar os burros que as tracionariam, foram ter com o Rolfs que, zangado, pronunciou a célebre frase: “NÃO É POSSÍVEL QUE OS BURROS AMERICANOS SEJAM MAIS INTELIGENTES QUE OS BURROS BRASILEIROS”. Voltando ao batismo, depois de algum tempo de observação, os veteranos iam escolhendo nossos futuros apelidos: pela elevada estatura – Inflação, Baixinho, ...; pela dificuldade de falar – Afogador, Embreagem; pela semelhança com alguns animais - Bacurau, Coruja, Corujão, Camelo, Sapo, ...; pelo tamanho do estopim - Bandidão, Maizena, Esquisito...; pelo comportamento - Doidão, Chorona, Atrasadinha, Marcha Lenta; pelo fenótipo - Bolacha, Véia, Linguíça ... Por estes codinomes, nos tratamos até hoje.

E vieram a Marcha Nico Lopes e a ocupação do Campus pela PM e pela 4ª RM. A fuga de amigos que não concluíram conosco, a prisão de colegas de ambos os sexos, a maioria solta após calorosas defesas, especialmente as defesas do Reitor Edson Potsch Magalhães (1914-2008). A ele, nossa reverência! Alguns ficaram “hospedados” sob custódia, inclusive na casa da diretora da ESCD, a professora Lygia de Oliveira Vivian (1924-2012), que Deus a tenha. “Não é mesmo, Piu Piu”? A maioria foi logo liberada pela convincente argumentação do Magnífico Reitor, não sem antes tomar um bicudo de coturno no traseiro, que o Sapo diz doer até hoje. Destes, dois amargaram prisão brava e torturas, e alguns viveram na clandestinidade até a anistia.

Iniciou-se o segundo semestre e, com ele, a esperada comemoração do “Dia do Soldado”. Na madrugada de todo 25 de agosto, aglutinávamos em frente ao alojamento feminino para homenagear os “soldados” na pessoa de nossas queridas pica-couves. Era lida a Ordem do Dia, compreendendo as promoções e os rebaixamentos, e “cantado” o hino alusivo, com direito a um hino de desagravo por parte das meninas, prosseguindo a troça até “vesprar” o horário do Café da Manhã.

O início do curso foi pesado para a grande maioria. Os cálculos I e II, a física, a química analítica, esta então, para a turma 1, era um verdadeiro martírio. Seu professor,

extremamente “exigente”, deixava descabelado até mesmo os calouros recém-escalpelados pelos augustíssimos veteranos. Difícil foi, mas, acostumados às batalhas, vencemos. Turma rebelde, o Cavanhaque expulsou um professor de sala, fez greve, a primeira na quadragenária Instituição. Ocupamos a Reitoria. Pobre Prof. Potsch, acuado em sua própria casa! Inquéritos internos, averiguações, processos aqui e alhures, comissões. No ano seguinte, ele passou a ministrar aulas só na pós-graduação para alívio dos novos calouros.

Os anos se sobrepunham. Em turnos não raros superiores a 12 horas por dia, estudávamos a não mais poder: em duplas, em grupos maiores ou menores, a sós em nossos alojamentos, ou reta abaixo e reta acima, feito zumbis a recitar no ciclo profissionalizante as práticas de fruticultura, avicultura, silvicultura, puericultura e muitas outras “URAS”. Passamos por toda a sorte de alegrias e de dificuldades, mas soubemos sorver dos nossos mestres, ainda hoje saudosamente lembrados no grupo, as noções básicas da seriedade, da ética, da cidadania, os conhecimentos técnico-científicos, principalmente aqueles necessários a diagnosticar e a dar solução aos inúmeros problemas com os quais nos confrontaríamos ao chegar ao mercado de trabalho.

E eis que, enfim, chega dezembro de 1970! Engalanados, colegas, familiares, amigos, todos a participar conosco daquele momento ímpar na vida de um estudante: a colação de grau. O baile de gala, o churrasco no Recanto das Cigarras, a despedida. Partimos para o mercado de trabalho. Cada um para uma direção, para um município, todos ávidos para aplicar os conhecimentos adquiridos tão laboriosamente nesta casa. O Brasil crescia a passos largos. Partia em busca da hegemonia na produção agropecuária e da independência da importação de alimentos de países de agropecuária mais desenvolvida.

Minas estava na frente. Um jovem professor de Lavras, de nome Alysson Paolinelli, então Secretário de Agricultura de Minas Gerais, havia criado em 1969, o PIPAEMG - Programa Integrado de Pesquisas Agropecuárias do Estado de Minas Gerais, atual EPAMIG. Seus técnicos, mestres e doutores, procuraram órgãos de pesquisas, Universidades e institutos de pesquisas em busca de tecnologias já disponíveis e esquecidas dentro das gavetas das instituições. Foram organizados e difundidos os pacotes tecnológicos para as diversas atividades da agropecuária pelos competentes colegas que ocuparam a Extensão Rural, a maioria na ACAR-MG. Foi criada uma rede de experimentação estadual para as diversas culturas agropecuárias e foram acelerados os trabalhos nas áreas de cerrado em Minas. Ernesto Geisel (1907-1996) assumiu a Presidência do Brasil e convocou Paolinelli ao Alvorada. Convidado a revolucionar a agropecuária brasileira, Paolinelli começou a estruturar a EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, criada em 1973 pelo ex-Ministro da Agricultura, o gaúcho e também professor Luís Fernando Cirne Lima. Enquanto uma equipe reestruturava a Embrapa com a criação dos Centros de Pesquisas, milhares de graduados foram contratados e enviados ao exterior para treinamento a nível de pós-graduação. Desemprego para indivíduo qualificado, nem pensar! Alguns começaram a receber até mesmo antes de colar grau. E tudo começava a dar certo. Saíamos gradativamente da posição de importadores de alimentos. Ocupamos o Cerrado, substituímos a enxada e a tração animal pelos tratores, hoje autônomos; da colheita manual fomos para as automotrizes que colhem e beneficiam cerca de 60.000 kg de soja por hora. Tenham certeza os presentes que nós fizemos parte da linha de frente e fomos protagonistas desta revolução histórica. As antes arraigadas e tradicionais técnicas empregadas foram substituídas por outras modernas, geradas nas instituições de ensino e pesquisa, criadas por muitos de nós, responsáveis pelo hoje pujante agronegócio brasileiro. Saímos dos

1.200 kg de milho/ha para 10.000 kg/ha; da soja, de 600 kg/ha para 4.000 kg/ha; de um boi de 450 kg aos 5-6 anos para um boi de 550 kg aos 2 anos e meio de idade. De importador, nos transformamos no maior exportador da maioria dos alimentos que produzimos. A agropecuária responde por 1/3 do PIB brasileiro e, nestes momentos turbulentos pelos quais passamos, tem assegurado o Brasil nestes últimos três anos, em especial neste ano de Covid-19

Distribuídos Brasil afora, os cavanhaqueanos se destacaram e ocuparam cargos de relevância na religião, na política, na administração pública, no ensino, na pesquisa, na extensão, na produção agropecuária, no comércio e na construção civil. Soubemos aproveitar as oportunidades e aplicar toda a gama de conhecimentos que aqui adquirimos, que era grande e eclética, sem nunca termos nos esquecido de que “quem trabalha só pelo dinheiro, não merece o dinheiro que recebe”.

Hoje, 50 anos depois, com a consciência de vencedores e do dever cumprido, comemoramos o nosso Jubileu de Ouro de formatura. Voltamos à nossa casa, para alguns, irreconhecível. Agigantou-se. Em 1970, éramos 148 jovens cheios de sonhos e de ânimo para realizá-los. Quis o curso natural da vida que hoje fôssemos menos, 110. Trinta e oito saudosos colegas partiram mais cedo. O primeiro deles, ainda no curso. Outros, a vida foi sorvendo na volúpia do passar dos anos. Deixaram a sua contribuição e muitas saudades. A todos eles as nossas reverências e nossa eterna saudade!

Antes de encerrar a minha fala, convido os colegas Alfredo Kingo Oyama Homma e Antônia Presciliana Guedes de Souza para entregar ao Reitor Demétrius um exemplar do nosso Livro do Jubileu de Ouro, lembrança da gratidão e do orgulho que temos para com a nossa querida Escola.

Convido, ainda, os colegas Jarbas Yukio Shimizu e Lúcia Aarão Marques para entregar ao presidente da AEA, Prof. Tetuo Hara, esta mesma publicação, doravante parte do acervo histórico de nossa associação.

Para terminar, agradeço, mais uma vez, a honra de representar a família cavanhaqueana nesta sessão solene, na certeza em Deus de revê-los daqui a cinco anos com a mesma alegria, entusiasmo e disposição com que vieram comemorar o nosso Jubileu de Ouro. Assim desejo e assim espero! Muito obrigado pela atenção e pela paciência por ouvirem a síntese de nossa história!

Viçosa, 12/12/2020.

José Antonio Obeid

Capítulo 8

Galeria de Fotos



AGRONOMIA

Aido Padoin



Alba Luci Machado da Silva Rego



Alberto de Vasconcelos Costa



Alberto Martins de Resende



Alencar de Campos Valadares



Alexandre Aad Neto



Alfredo Kingo Oyama Homma



Aloísio Geraldo Soares Osório



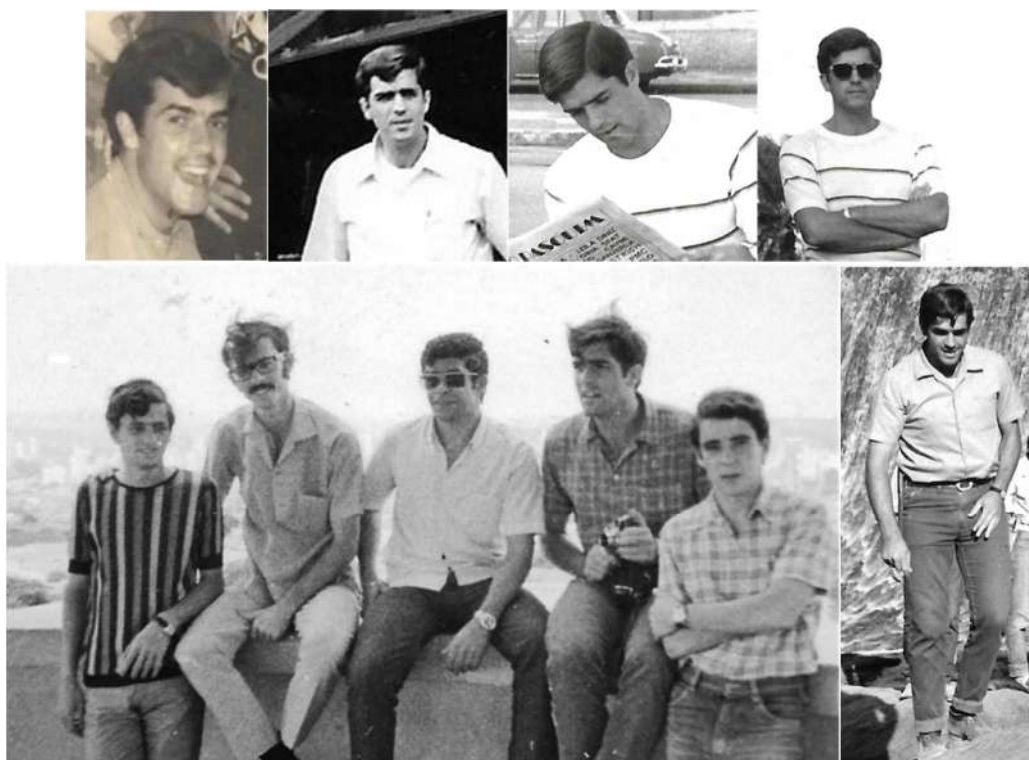
Aloísio Teixeira Gomes



Alvacir Barbosa Ribeiro



Antônio Carlos de Freitas



Antônio Cloves Fonseca Homem



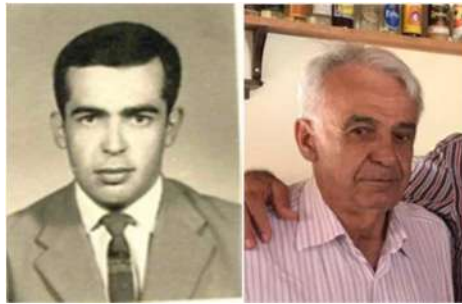
Antônio de Bastos Garcia



Antônio Pereira Armondes



Antônio Rodrigues Teixeira



Ataíde Jorge de Oliveira



Aurélio Augusto de Sousa Filho



Carlos Sigueyuki Sedyama



Cheogi Hassui



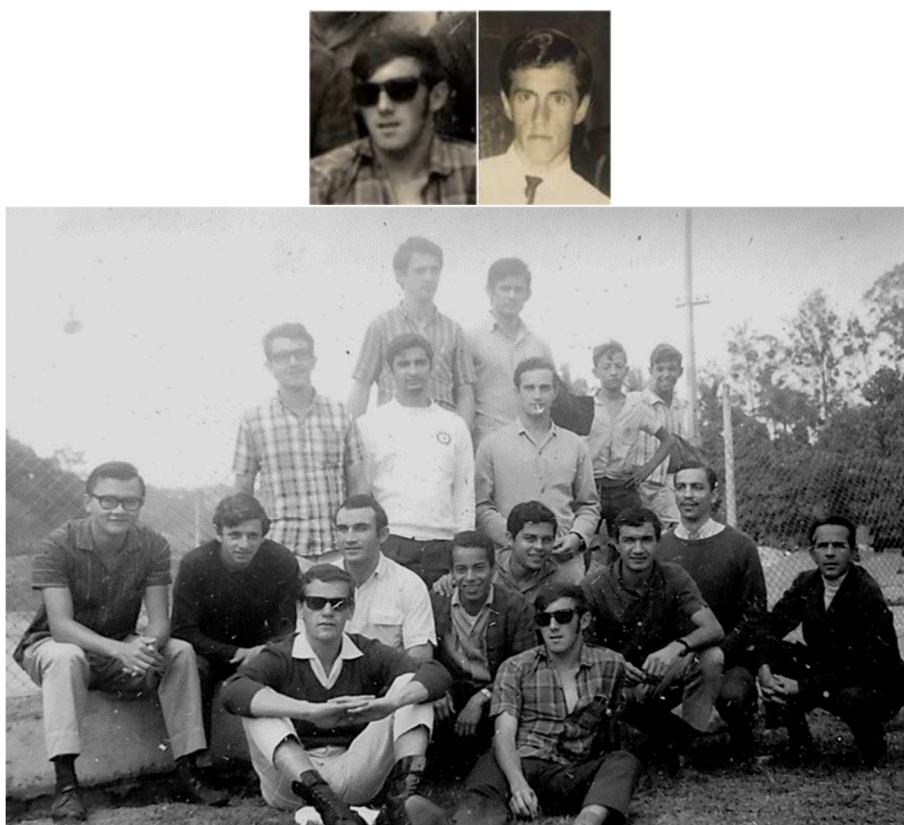
Danilo Celso Santana



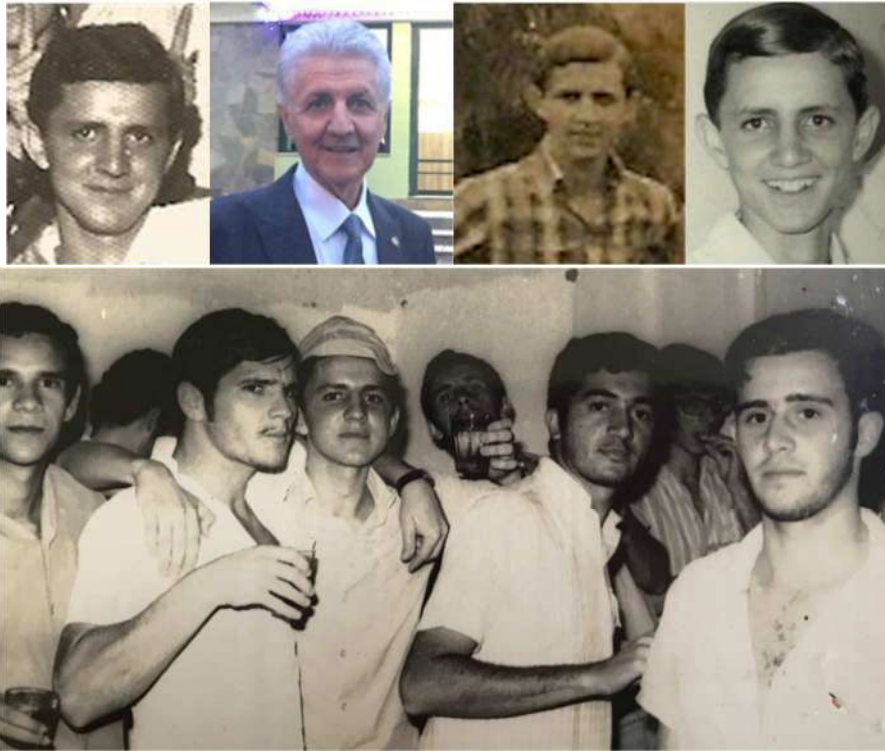
Delson Freitas de Moraes



Denis Soares de Moraes



Denis Vilela Lemos



Deonésio Moreira da Silva



Derli Prudente Santana



Edson Teixeira Filho



À esquerda, 1973 - Edson (Gerente da Cargill em Capinópolis) com o ex-Ministro da Agricultura Alison Paulinelli, então Secretário da Agricultura de Minas Gerais; à direita, 2017 – Diplomado Prefeito Municipal de Ubá, MG.

Eduardo Marciano Lopes



Élcio de Abreu e Silva



Elto Eugênio Gomes e Gama



Ênio Fernandes da Costa



Ermiton Botelho dos Santos



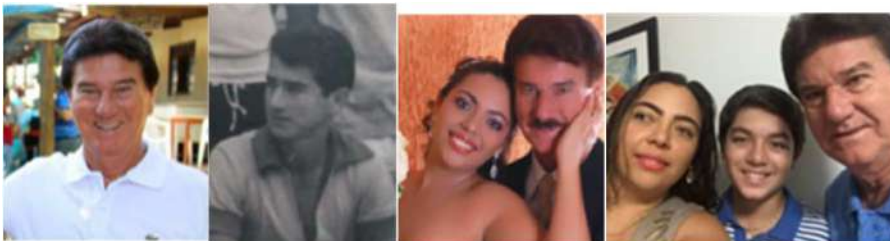
Ernani de Moraes Peloso



Eudaldo Nunes Dourado



Eurípedes Barsanulfo de Souza



Evode José dos Santos



Francisco de Paula Castro Filho



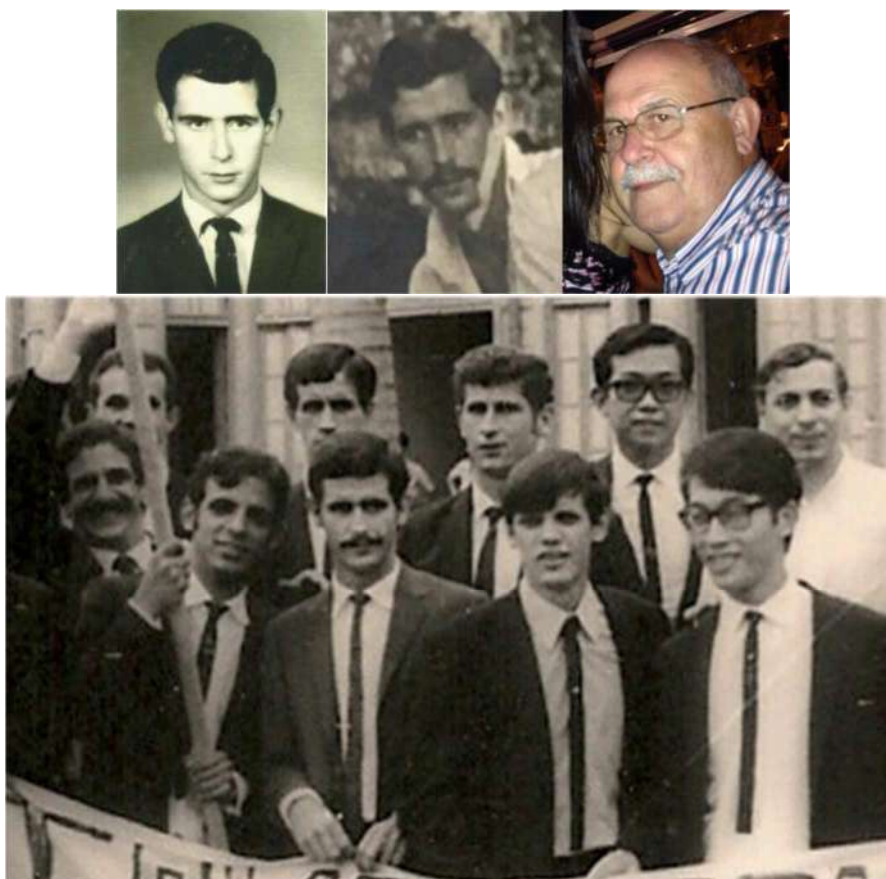
Fredolino Giacomini dos Santos



George Henrique Kling de Moraes



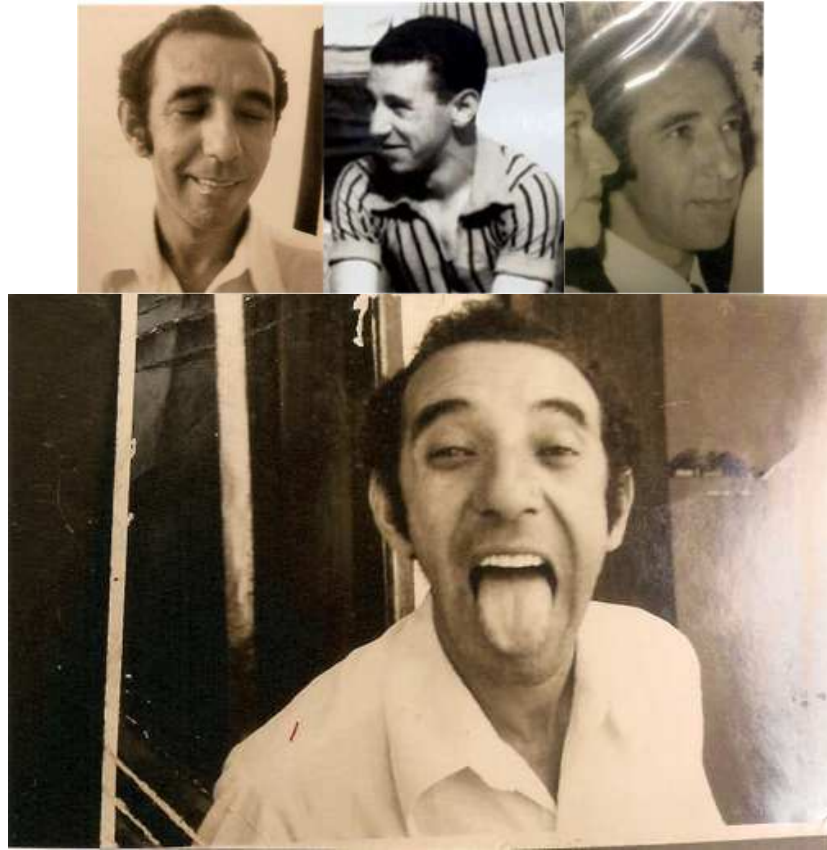
Geraldo Antônio de Andrade Araújo



Geraldo Antônio Ferreira



Gil Tiago de Souza



Gilberto Chohaku Sedyama



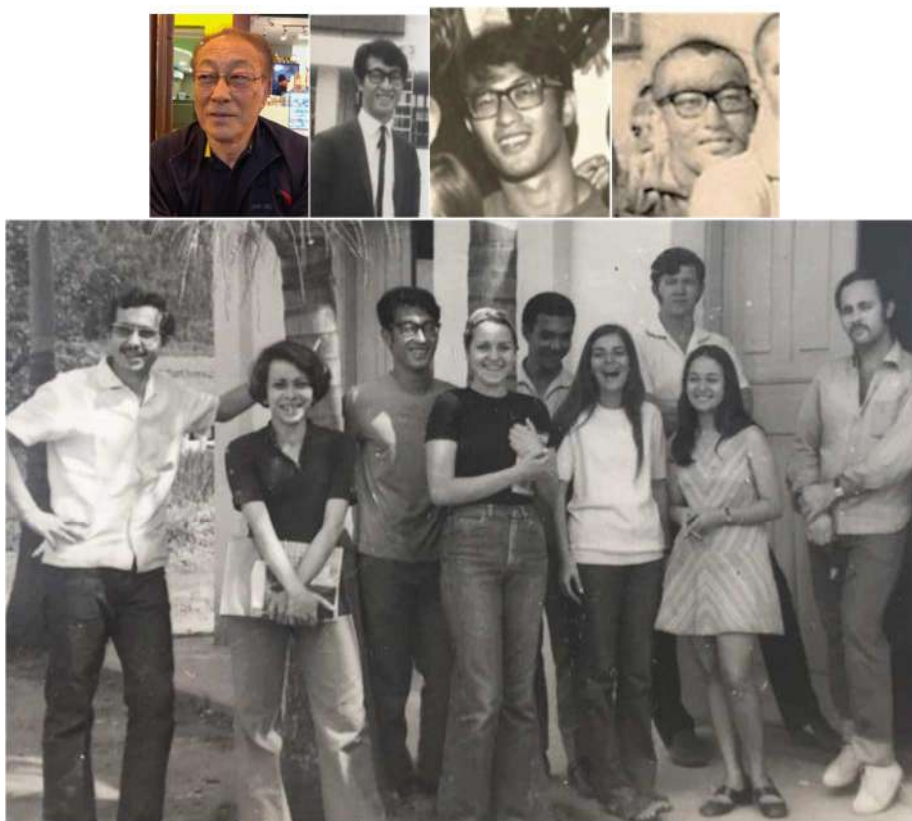
Giovani José Carvalho



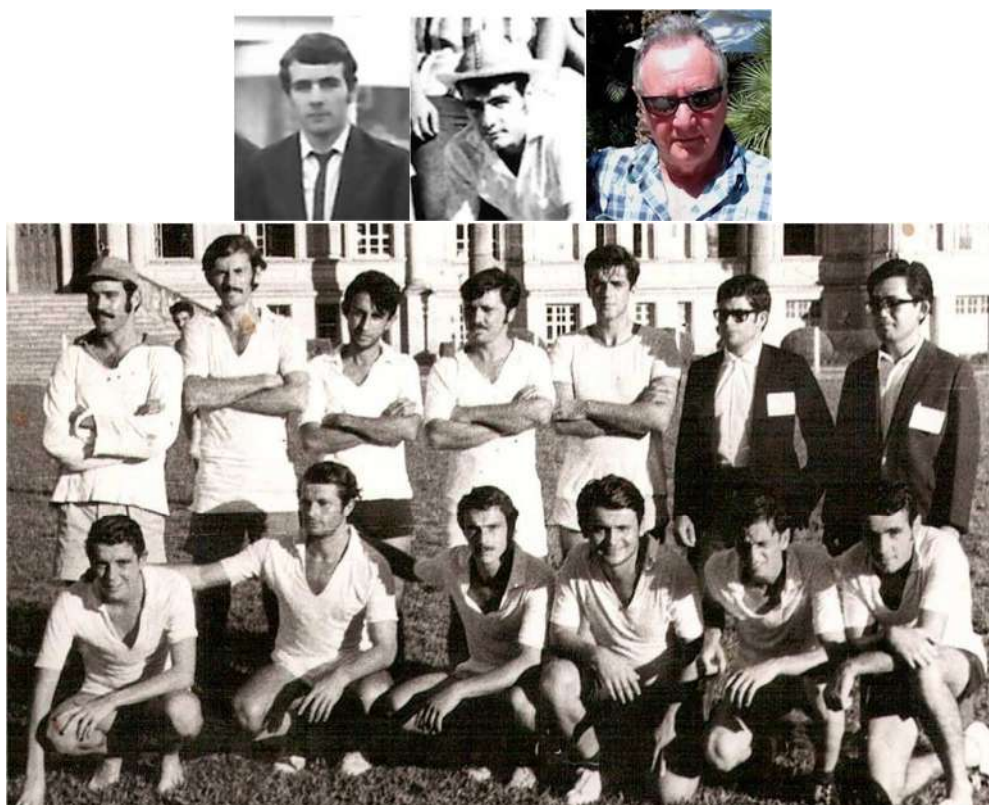
Hélio Catsumi Matsucuma



Hélio Kajiwara



Hermeval Guerini



Humberto de Melo Carneiro



Ilídio Dyrceu Almeida de Carvalho



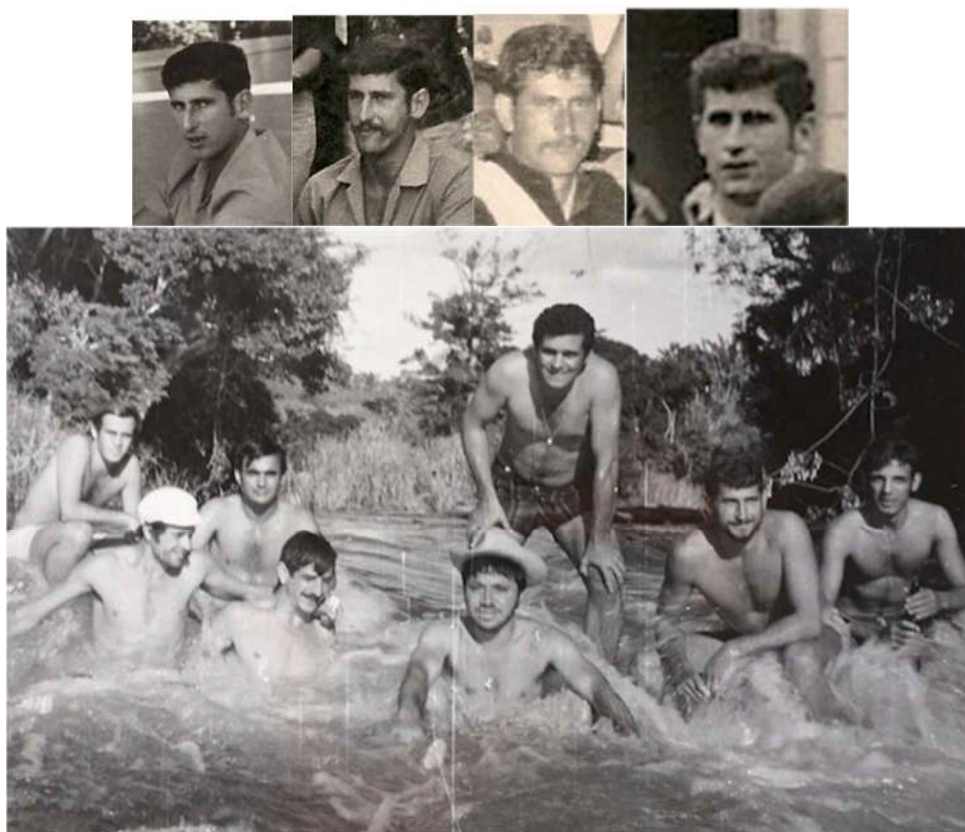
Itamar Pereira de Oliveira



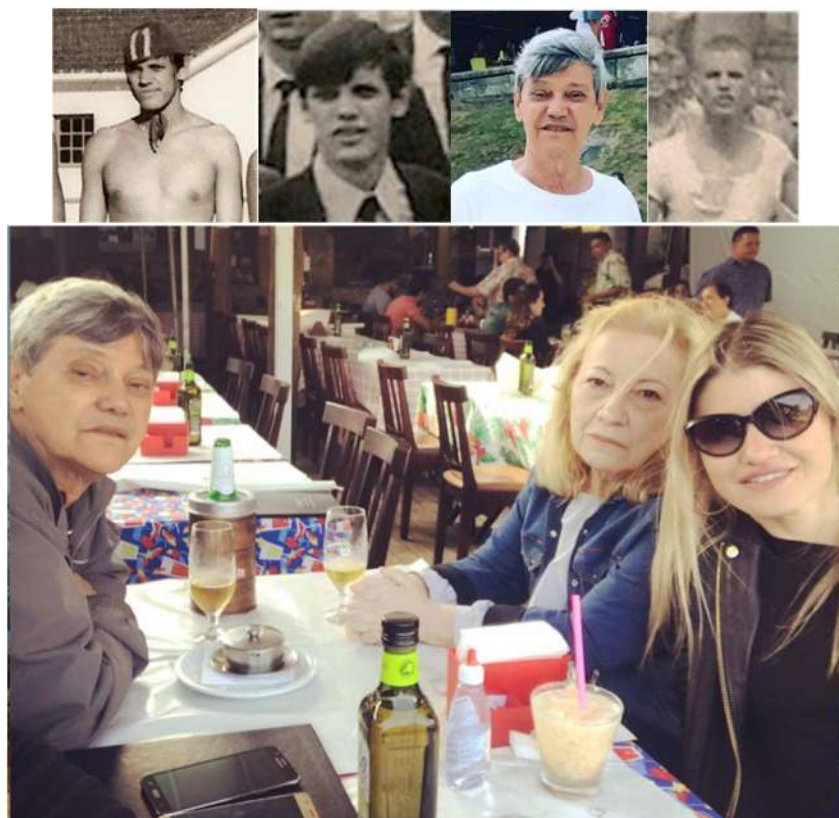
Ivan José Ferreira



Jaime Rezende do Valle



João Batista da Silva



João Bosco de Carvalho



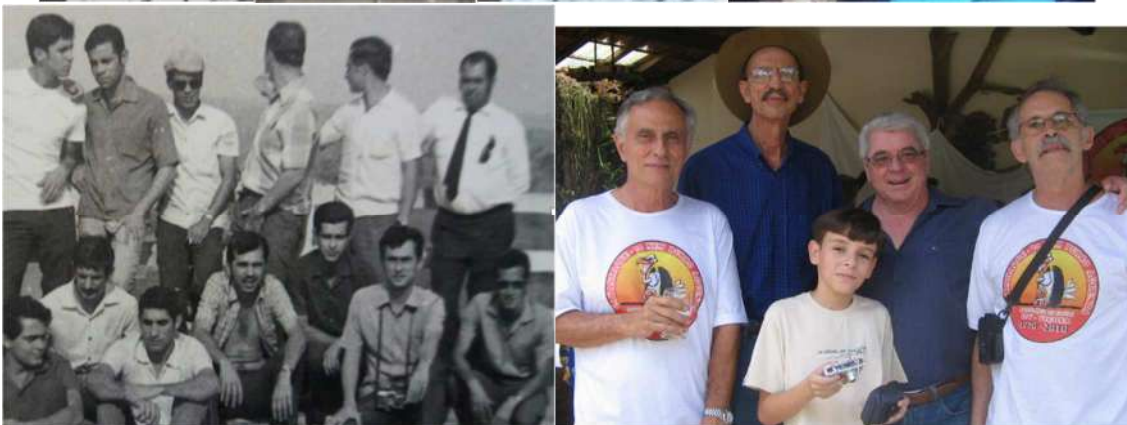
Joaquim Resende Pereira



José Aloísio de Carvalho



José Antonio Obeid



José Carlos Cruz



José Domingos Fabris



José Garibalde de O. Santos



José Geraldo Fernandes de Araújo



José Joaquim Ferreira



José Leite de Andrade



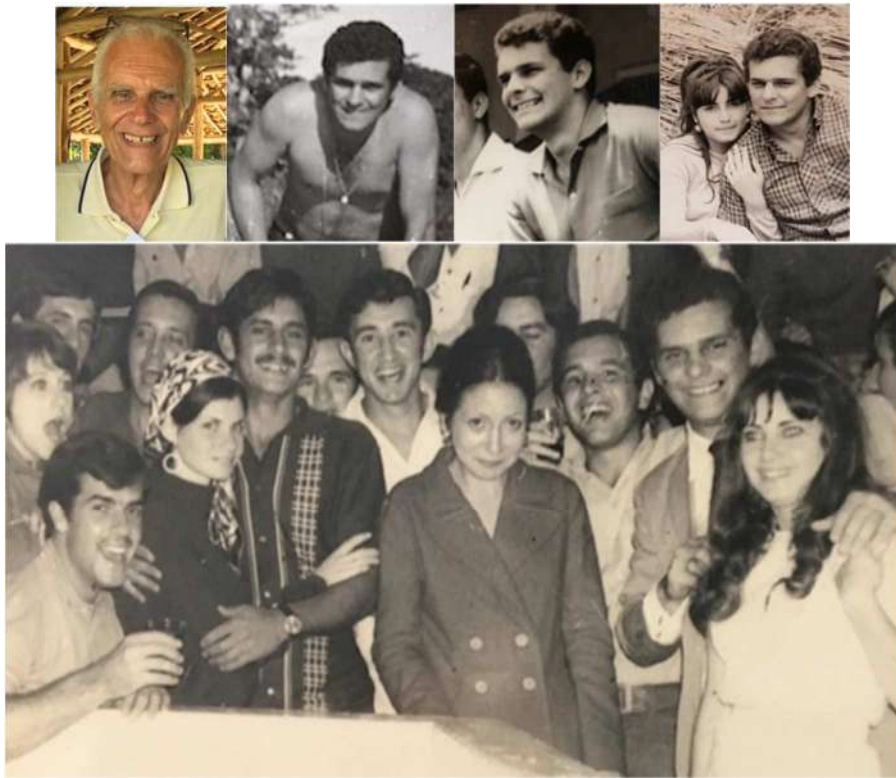
José Mauro Chagas



José Rodrigues Teixeira Filho



José Rubens Ferreira Fontes



José Tarcísio Barbosa



Júlio da Silva Rocha Júnior



Laércio Zambolim



Lélio de Pinho Tavares



Leodózio Antônio Paste



Leonardo de Britto Giordano



Leôncio Manoel de Oliveira



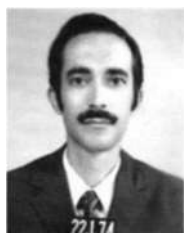
Lúcio Lívio Fróes de Castro



Lúcio Louzada Cordeiro



Luiz Carlos Peixoto de Oliveira



Luiz Cláudio Gallerani Penedo



Luiz Guilherme Barbosa



Márcio Soyka dos Santos Silva



Marcos Joaquim Matoso



Maurício Landi Pereira



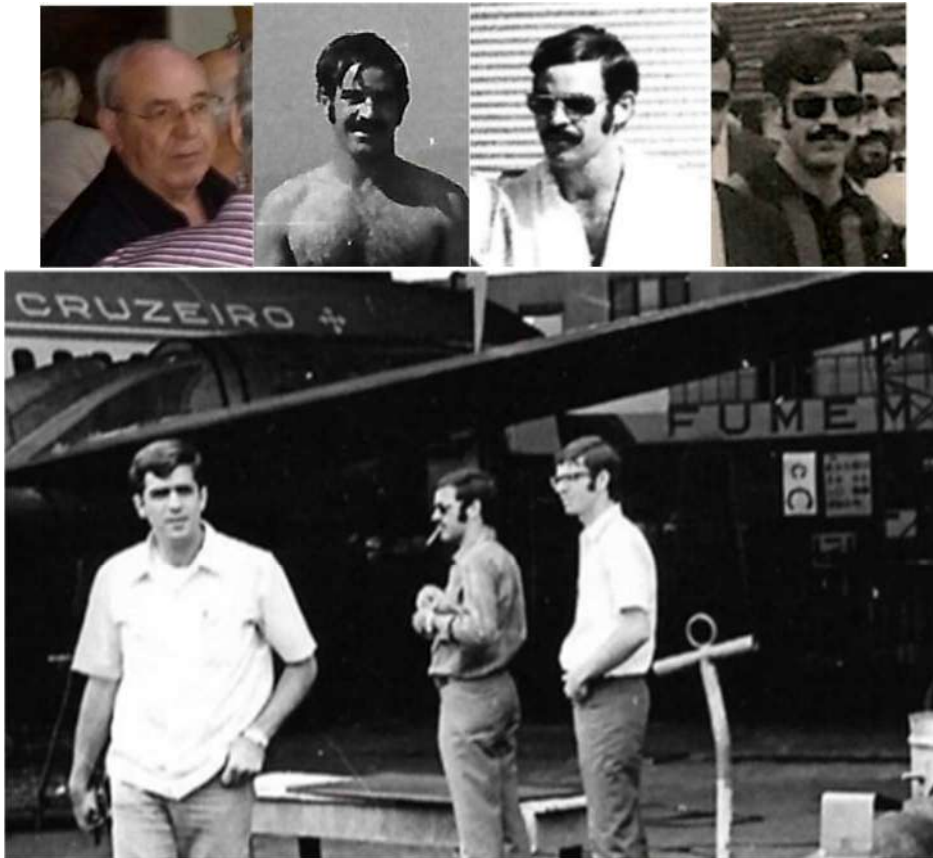
Mendel Guimarães Bernardes



Mercial Lima de Arruda



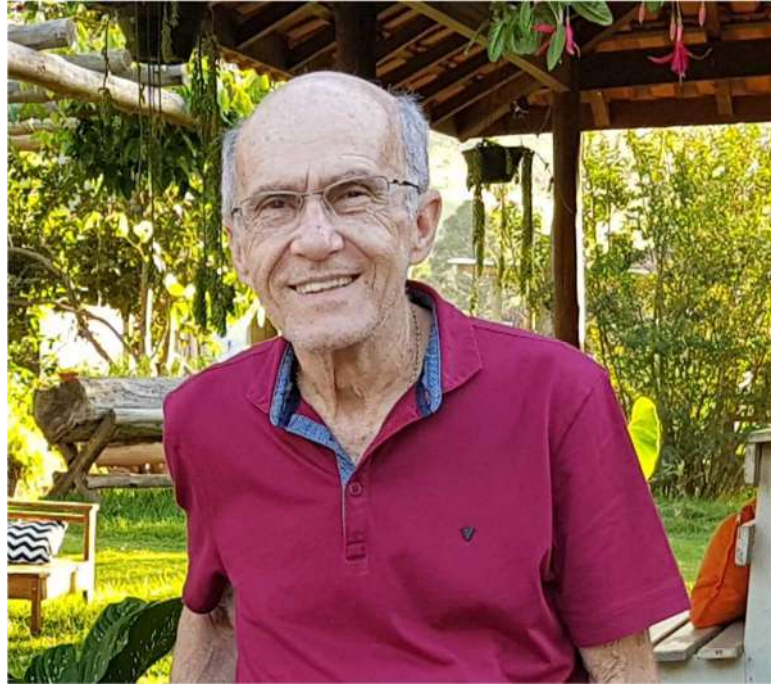
Morethson Resende



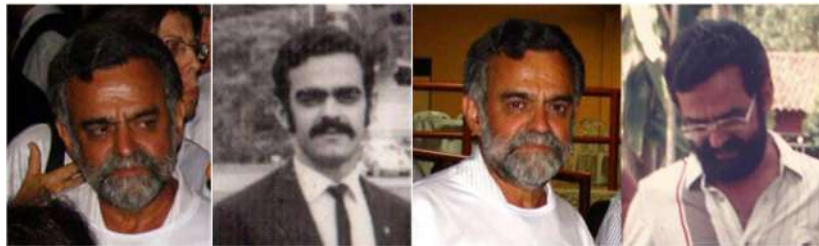
Níbio Milagres Teixeira



Nicolau Senna Neto



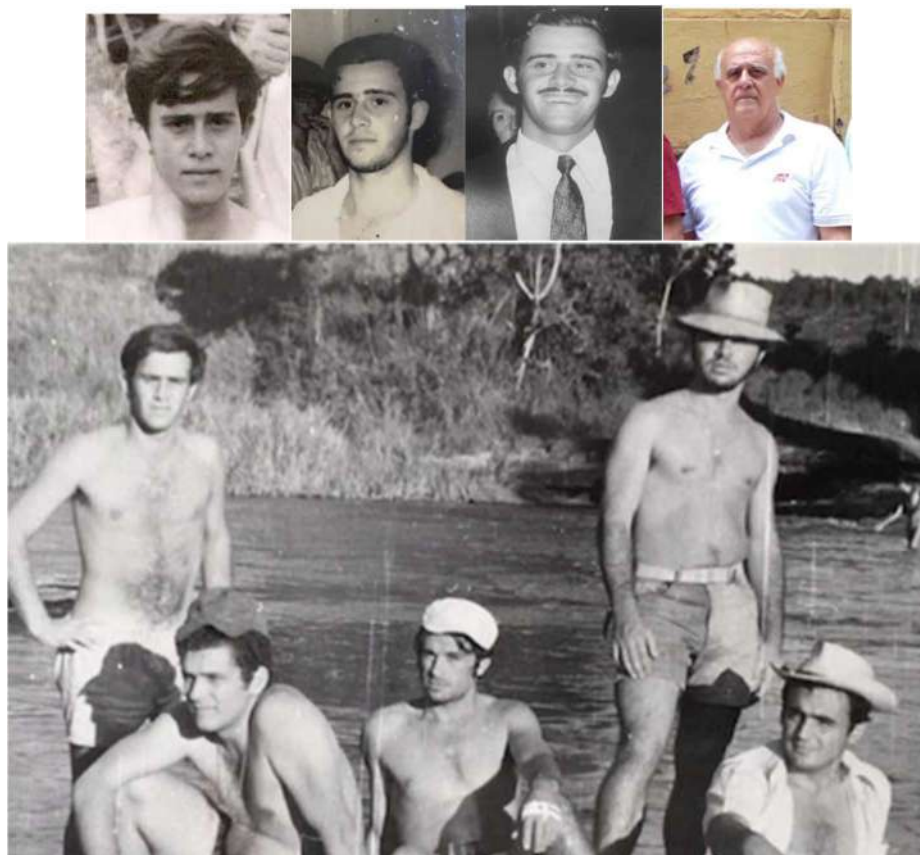
Nilson Milagres Teixeira



Oclécio Rodrigues Ferreira



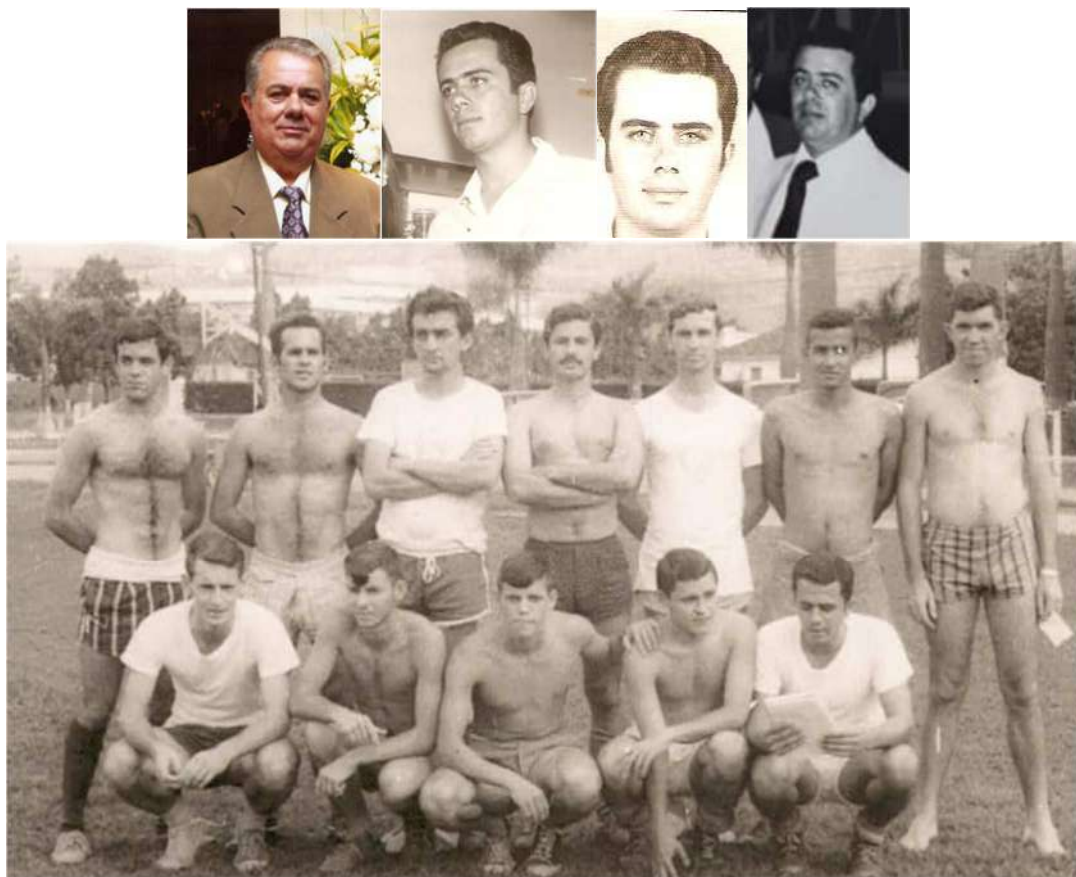
Paulo César Resende Fontes



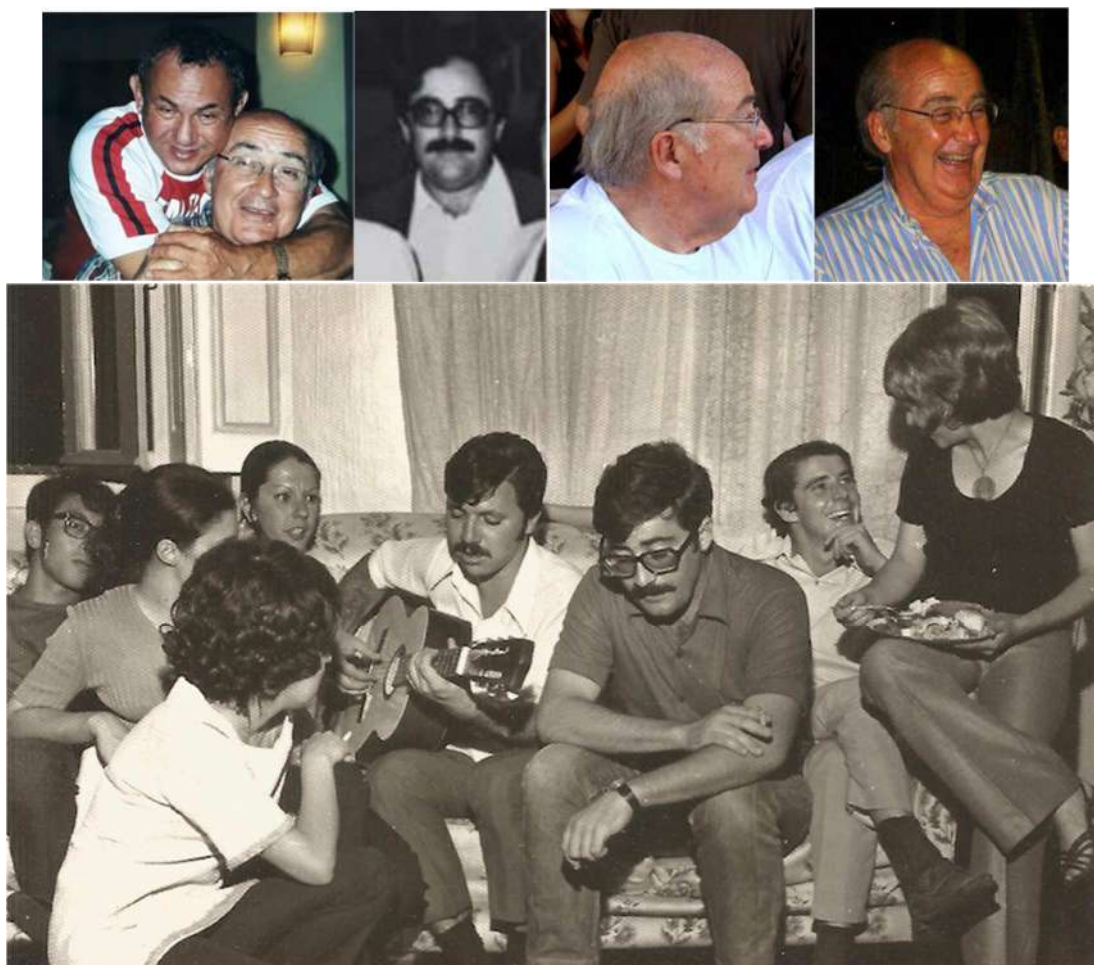
Paulo Rogério Canabrava



Renato Ribeiro de Carvalho



Rodrigo Otávio M. de Sousa Lima



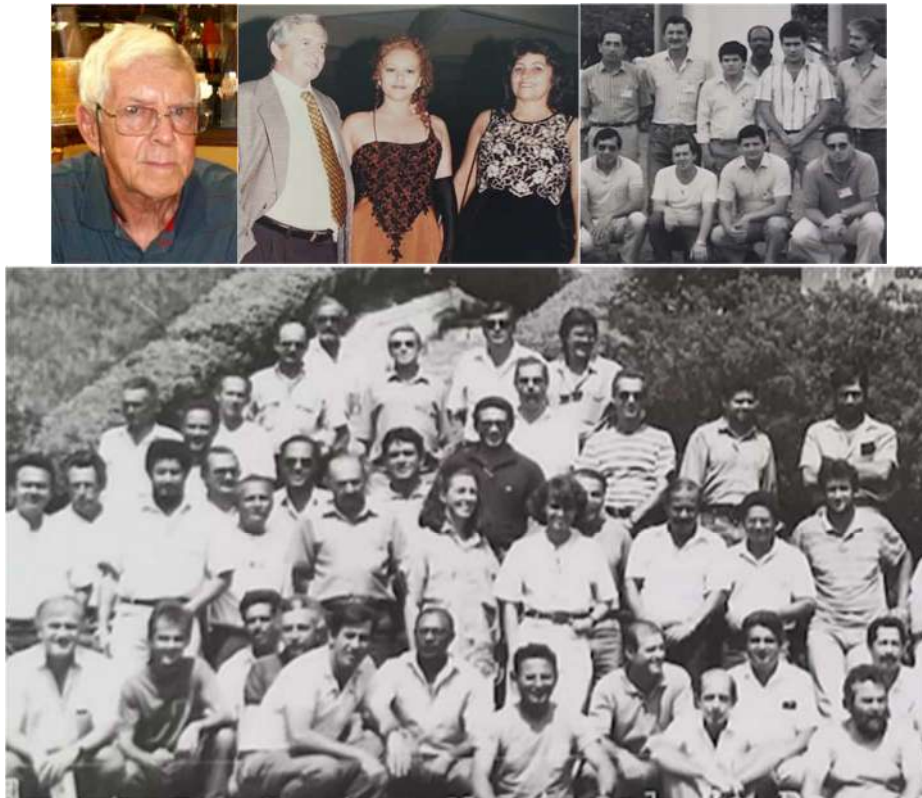
Rolf Puschmann



Ronaldo Pedrosa Gomes



Sebastião de Oliveira



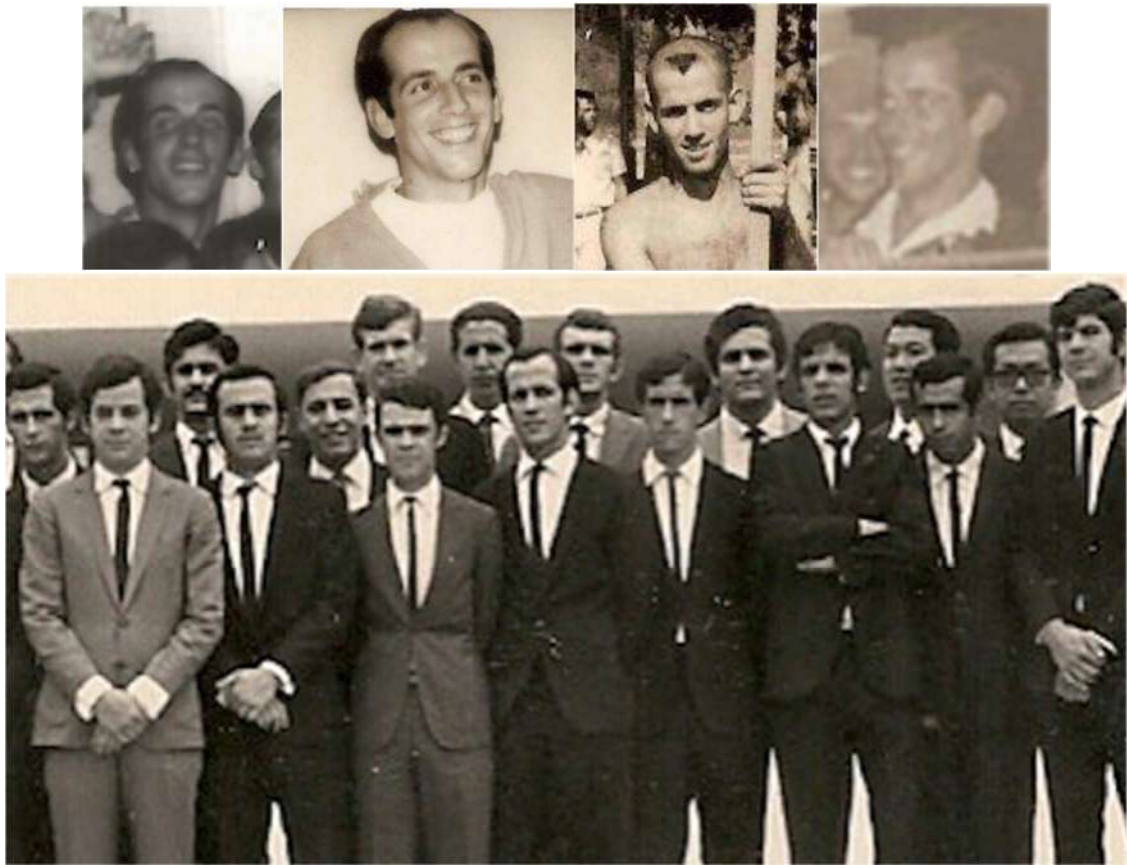
Silvio Roberto Ferequete



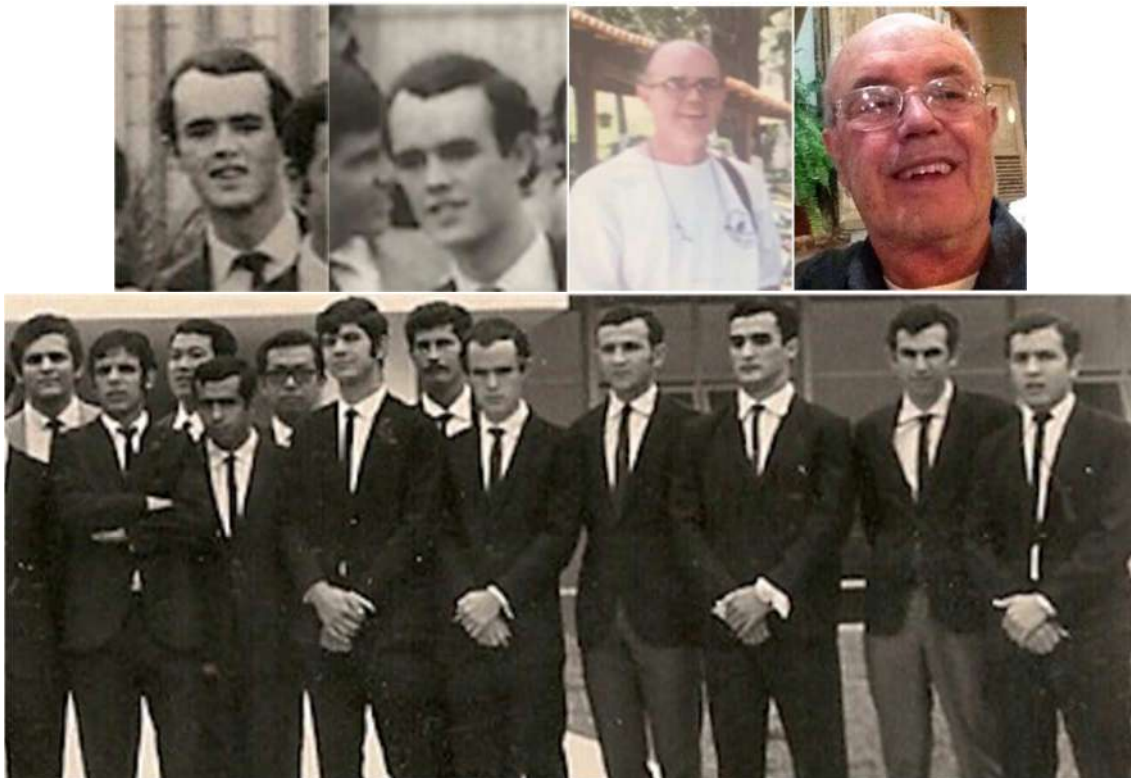
Sinval Neves Miranda



Tarcízio de Andrade Araújo



Vicente Paulo Campos



Wilson Ferreira da Fonseca



Wilson Jesus da Silva



Roberto de Moraes Miranda



ECONOMIA DOMÉSTICA

Alice Rosa de Almeida



Ana Maria Siqueira Resck



Antônia Presciliana Guedes de Sousa



Arinda Caetano Oliveira



Eliana Maria Carvalho Romeiro



Eliana Mortimer



Elza Maria Marques Vieira



Etelvina Fernandes da Rocha



Geraldina Maria Rosa



Gesmair Milagres



Heloisa Helena Batista



Ilza Maria Almeida de Sena



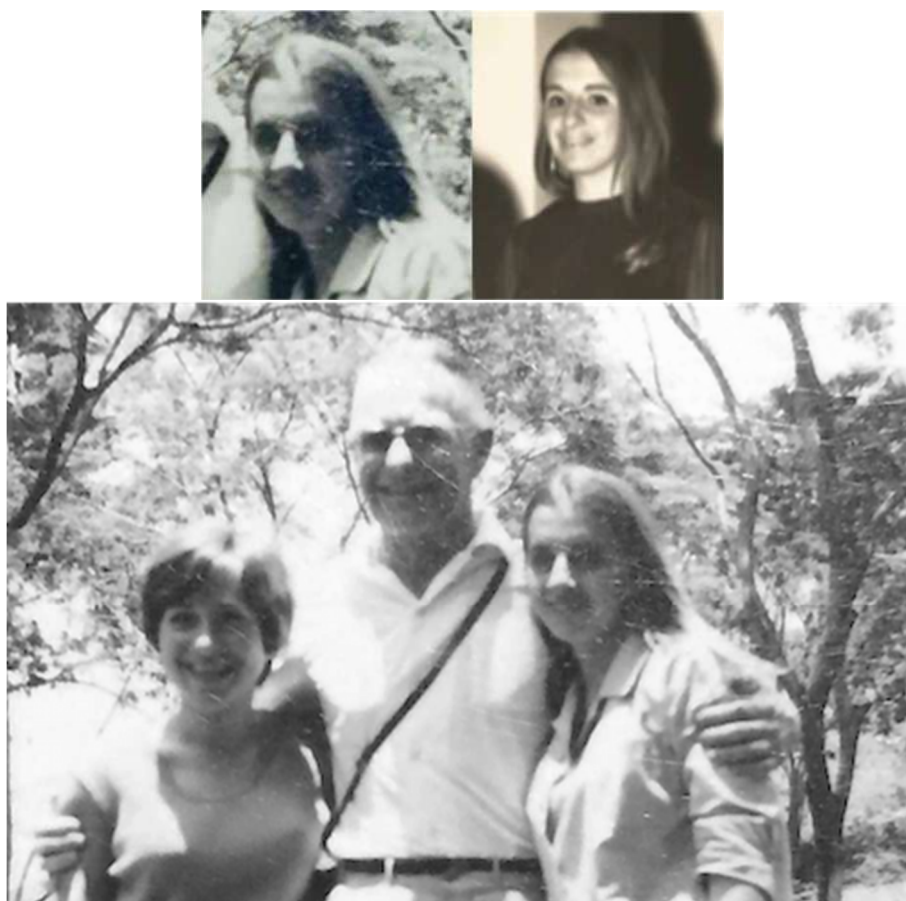
Ireny Queiroz Pinto



Ivone Cardoso Machado



Lenilce Maria Sá Fortes



Lenina Carvalho Landi Pereira



Lethy Daysy de las Mercedes Vega Orelana



Lígia Fideles de Sousa



Lúcia Aarão Marques



Lycia Amorim Vieira



Maria Alice Borges



Maria Antônia Fialho



Maria das Graças Almeida de Sena



Maria José Ferreira da Silva



Maria Nazareth de Oliveira



Marsinha Vieira



Nágila Rocha



Sônia Carvalho



ENGENHARIA FLORESTAL

Ademar de Araújo



Antônio Marcos da Silva Araújo



Carlos Antônio Saraiva de Sena



Dansaburo Nishi



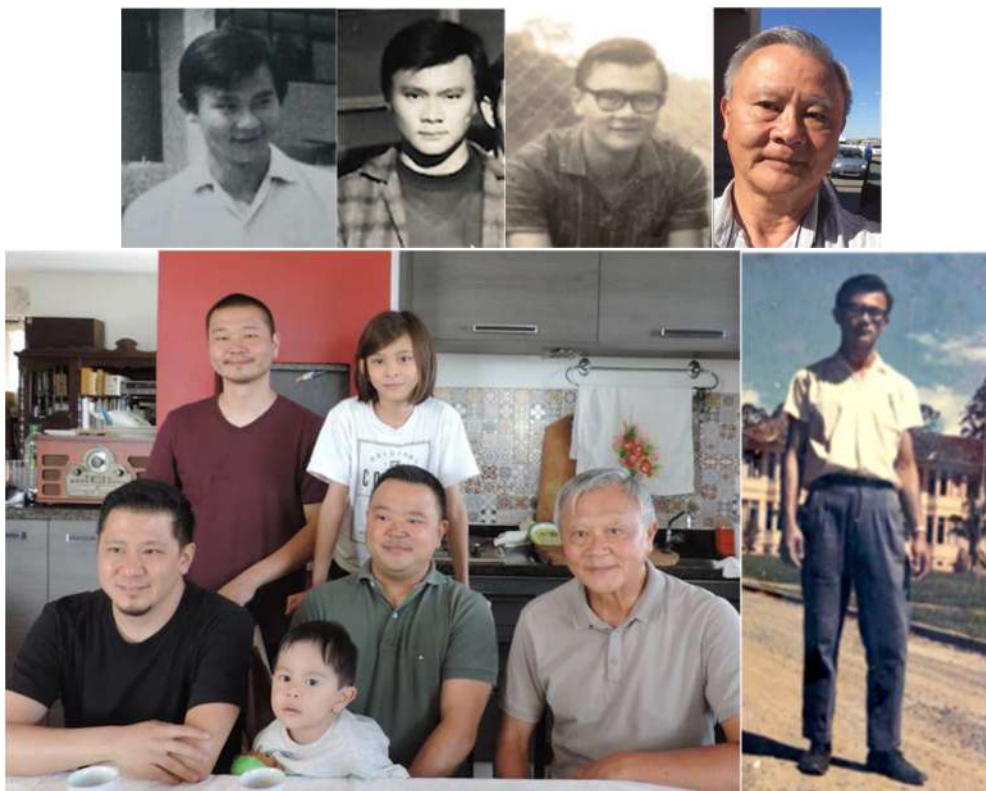
Humberto Ribon Neto



Jairo Francisco de Barros



Jarbas Yukio Shimizu



João Moreira Ferreira da Silva



José Alves da Silva



José Batuíra de Assis



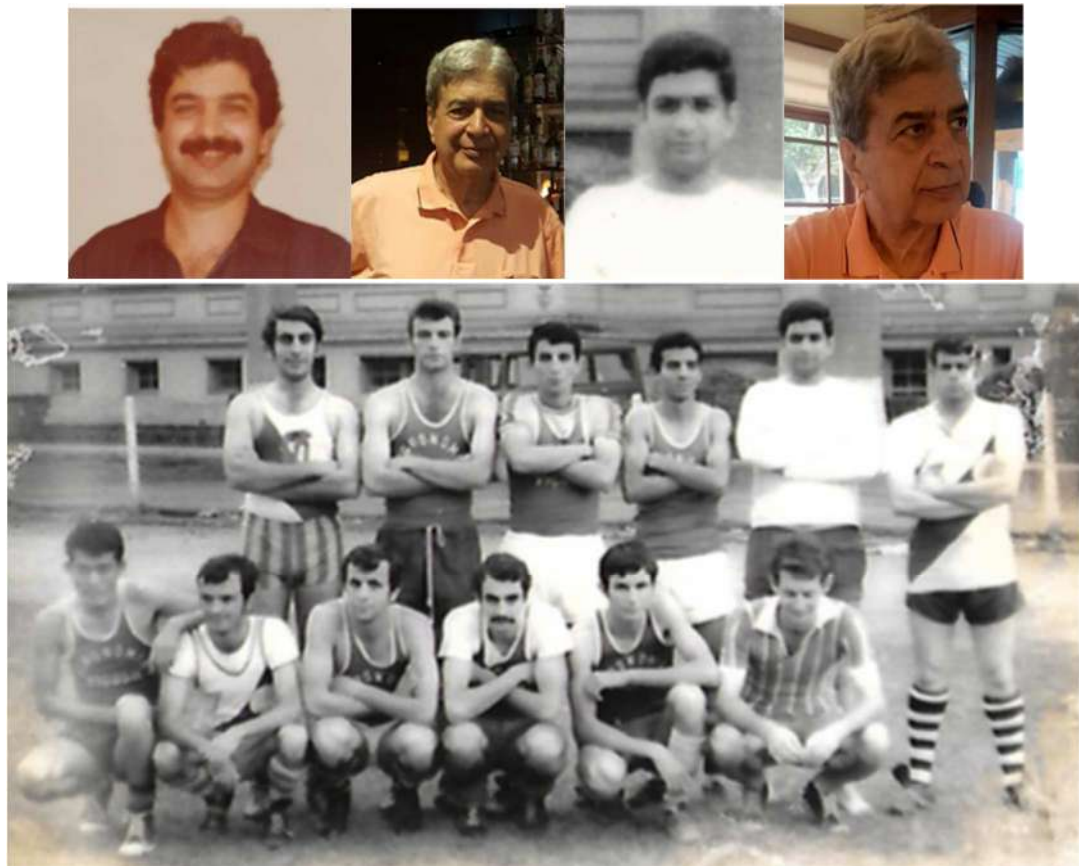
José Luiz Pereira Resende



José Reinaldo Maffia



Liésse Alexandre Said



Mauro Vaz de Melo Megale



Renato Ladeira Costa



Sérgio Pereira de Mello



Hino do Kavanhaque

OH FLOR !!

SAVE, SAVE O ALKA-SELTZER
SAVE SAVE O SONRISAL
NÓS QUE SOMOS CACHACEIROS,
SAVE SAVE O MELHORAL
MELHORAL, MELHORAL, É MELHOR E NÃO FAZ MAL.

MULTIPLICOU O PÃO, MULTIPLICOU O VINHO
TRANCOU-SE NA ADEGA
PRA TOMAR UM PORRE SOZINHO
BEBEU, BEBEU, BEBEU
ATE QUE DESMAIOU
MAS NO TERCEIRO DIA, ELE RESSUSCITOU
ALKA-SELTZER RESSUSCITA QUALQUER UM
E COMO ALKA-SELTZER, NÃO PODE HAVER NENHUM

SUBIU UM RATO PELAS PENAS DA COMADRE
VEIO O FILHO E O CUNPADRE PARA VER O QUE SE DEU
TIRARAM A ROUPA DA CUMADRE E SACUDIRAM
NEM POR ISTO DESCOBRIRAM ONDE O RATO SE METEU

REFRÃO: FOGÔ DEVA VIRAR
NESTA VIRADA VAI HAVER QUARAUQUA

SUBIU UMA COBRA PELAS PENAS DO CUNPADRE
VEIO O FILHO E A CUMADRE PARA VER O QUE SE DEU
XUXARAM A MÃO PELO BOLSO DO CUNPADRE
MAS, QUANDO AGARRARAM A COBRA, VEJAM O BERRO QUE ELE DEU

REFRÃO

SÁ MARGARIDA, QUE É MESTICA DA FAMÍLIA
FOI NA LOJA DO MATIAS PRA COMPRAR UM JAQUETAO
E SEU MATIAS, PRA TIRAR SUAS MEDIDAS
CARREGOU SÁ MARGARIDA PRA DEBAIXO DO BALCÃO

REFRÃO

TODO ASTRONALTA DEVE TRAZER PELO MENOS
UM PALETO DE MARTE E UMA CAMIÇA DE VENUS.

MAS EU NÃO PASSO DOIS MINUTOS SEM BEBER
EU FIBCO LOUCO, PENSANDO QUE VOU MORRER
AH ME RESSECA TODO O BODO CEU DA BOCA
SÓ DE PENSAR NAQUELA PINGUINHA LOUCA


NÃO CHORE NÃO, OH MINHA MÃE NÃO CHORE
AO VER SEU FILHO EMBREAGADO
NÃO CHORE NÃO, OH MINHA MÃE NÃO CHORE
ESTE É O PRAZER DE UM RAPAZ APAIXONADO

QUANDO EU MORRER, QUERO EM MINHA SEPULTURA
UM GARRAFA DA BRANQUINHA SEM MISTURA
EU SOU DO SAMBA, SOU DO SAMBA DESDOBRADO
E MEU PRAZER É MORRER EMBRIAGADO

QUANDO EU MORRER, QUERO EM MINHA SEPULTURA
UMA PIPA DE MIL METROS, SEM MISTURA
EM UM ENCANAMENTO, LA DE CIMA ATÉ A BOCA
EM POUCO TEMPO, DEIXAREI A PIPA OCA

OH LUA CHEIA, CHEIA DE GRAÇA
ESTE TEU BOJO ESTÁ REPLETO DE CACHAÇA
APAGUE A LUZ, APAGUE A LUZ
PRA NINGUÉM VER, PRA NINGUÉM VER
ABRE-TE AO MEIO, O TEU RECHEIO ESTOU SEDENTO PRA BEBER
TU NÃO ÉS MAIS, TU NÃO ÉS MAIS
QUE UM GARRAFÃO, QUE UM GARRAFÃO
A QUEM DE BICO SACRO SANTA DEVOÇÃO
ME ENCONTRÁS NUM BOTEQUIM, FIEL AO QUE TE PROMETI
DAQUI PRA TRÁZ

Informativo Cavanhaque Nº 1



ENQUANTO O TEMPO PASSA O CAVANHAQUE INTEGRA-SE.

Diretores: João Nazário Barbosa e Nicolau Senna Neto - Número: 1 - NºR\$ 0,10
Viosa, 13 de outubro de 1967

NOSSA OPINIÃO

O tempo vai passando e o CAVANHAQUE vai crescendo. Assim é que, já um pouco crescido, resolveu-se criar o INFORMATIVO DO CAVANHAQUE.

Como o próprio nome o diz, será apenas um informativo e não um jornal, cujo objetivo é fazer com que haja maior entrosamento entre os membros deste clube.

Para que seja levado avante esta iniciativa, esperamos contar com o apoio e cooperação de todos os CAVANHAQUEANOS. Para tanto devemos formular que acatamos críticas construtivas, e na vez que para quem está nascendo elas tornam-se necessárias.

Se eventualmente alguém sentir-se ofendido com alguma crítica ou fofoca lançadas as nossas escusas, pois como é do conhecimento de todos, não é este o nosso objetivo.

Nã, infelizmente, colegas nossos que não sabemos por qual motivo, parecem sentir alguma satisfação em dar o seu parecer contra todas as iniciativas tomadas pela diretoria. Devemos dar o nosso apoio a esta diretoria, por ser ela a primeira. Se não puderem estes colegas dar o seu apoio, que façam o possível para não tirar nosso estímulo.

Aproveitamos agora, quando o tema mais falado, a meta mais almejada é a integração, e por curmosos fazer também, a nossa integração, começando pelos membros do nosso Clube, o CAVANHAQUEANOS.

Teceu o genitor de nossa colega Aparecida (Hug) e também do nosso colega Chiquinho.

A eles, os nossos mais sinceros votos de pesames, extensivos aos seus familiares.

POETAS MODERNOS DO CAVANHAQUE

Discurso de candidatura do Plot's xamê's

Ginóspora e lígrose cemente, venho ascultar esta metassomatódica e calcopênica frog (lidade do estorilístico sinuaterado. Mas, se a termolítica magnética aferrir pteridoficadamente até a metamorfostização rupícola, imperforitará a conformação superterráica, de fligindo sobre os zoofitos infra-ovariados estarteatrerizando in totum.

Crossinoverando nos taurus e nos prinigepnius; sus scrofa domesticus e sus scrofa selvatius drusofilará a melanogaster.

Tenho gito!

INTANGO RUI BARBOSA

Ezã (Mestre em velhacaria)

De tanto ver crescer a falta de didática;
De tanto ver triunfar as marmetas;
De tanto ver as notas se acumularem nas mãos dos cazadores;
O CAVANHAQUEANO chega a zombar da teoria,
a rir da preocupação e a se envergonhar de consultar apostilas complexas.

E ...

Gosto de sardinha, Pedro TILAFIA
Sou grande; Néglia MIUDINHO
Sou novo; Itamar VEIA
Tenho músculos; Alexandre PELANCA
Andei só, o Roberto XACINHA
Me ensegui, a Leica SHIMOYA
Sou fraco; Marilda FORTES
Tenho medo de cobras; Geraldo de SAPO
Gosto de mûho; Garihaldi de PIMENTINHA
Sou uma potência, Ana Maria RAIZ QUADRADA
Não fui bem; o Ivo LAVÔN
Uso fofco; o Ivone MACHADO
Sou cadeira; o Ênio CAIOTE
Sou estudante; o Mercal PREFEITO
Gosto de chocolate; Mara de DROPS

FILMES DO MÊS

Tomos os Sacrificados - 10 Anos I na Zoologia
Que é que há gatinha - Com gestante
007 contra Goldfinger - 10 Anos I contra a Quêica
Aguarda a mão - Com Xaxelenta no refetório
Dois são culpados - Com Lelete e Guerini
Branca de Neve e os Sete Anões - Com Vela, Leônico, Curio, Sanfona, Buceteto, Sa po, Piu-Piu e Marzinda
Se Meu Apartamento Falasse - Com Corajão
O Ébrio - Com Chibêica
Seresetiro de Acapulco - Com Jaboti
Os Frenéticos do Ritmo - Com Cutão
O Ministro da Lagoa Negra - Com Zulú
Dr. Mabius - Com Parafista
O Aventureiro do Pacífico - Com Jaime Smeena
Quanto mais quente melhor - Com Inflação e a Quêica
Telecatê Montilla - Com Doidão e Rusquento
Entre a Louca e a Morena - Com Eganetra

COM OS PÉS NO ALTAR

GABARDO	e	MOCÉIA (CAVANHAQUEANA)
HARTIRO	e	Buri (Pica-Couve)
MISALE	e	Ana Maria (Mestre)
REGURINHA	e	Marfa (Mãe Nativa)
PLUTO	e	Valdivia (Muitos, Ciazos)
CAWILDO	e	Mary Lucia (Sete Leguas)
CHARUTO	e	Maria Elisa (Cachoeiro)
DOIDÃO	e	Marília (CAVANHAQUEANA)
CEADÊ	e	Tânia (Piau)
PIMENTINHA	e	Cleinha (Nativa)
ZENAIDE	e	Gláucia (Nativa)
ONÉIA	e	Meloisa (Nativa)
OROB	e	Carminha (Catagustes)
CHIQUINHO	e	Efigênia (Nativa)
SCRÔTO	e	PIU-PIU (CAVANHAQUEANA)
PREFEITO	e	LOURA (CAVANHAQUEANA)
CABEÇÃO	e	Adélia (Nativa)
ZÉ RUBENS	e	Leda (Nativa)
NATÁRIO	e	Serva (Nativa)
MANS	e	Nirze (Paulista)
OCCT	e	Leitra (Nativa)

RELÍQUIAS DO CAVANHAQUE

Os sapatos do ZENAIDE
A caixa de chá do CHARUTO
O relógio do GABARDO
As roupas dos FLAGELADOS
As marmetas do Bodeco (Mogala)
O colção do PRA-FRENTE
A bicicleta do XERECA
A camisa vermelha do KAMELO e PLUTO
O chapéu do INFLAÇÃO.

COM OS PÉS NO ALTAR

Os: No próximo número continuaremos com o grande número de CAVANHAQUEANOS COM OS PÉS NO ALTAR.

IMAGENS HISTÓRICAS



P. H. Rolfs (segurando a enxada) tendo à sua direita o Eng. Bello Lisboa, durante a construção do prédio principal da ESAV (Ed. Arthur Bernardes).



Eng. civil João Carlos Bello Lisboa – engenheiro-chefe, construtor dos primeiros prédios e professor da ESAV. Assumiu a direção da escola após a partida do Prof. P. H. Rolfs.

Inauguração Official

— DA —

ESCOLA SUPERIOR DE

AGRICULTURA E VETERINARIA

Programma

SABBADO, 28

A'S 6 HORAS DA MANHÃ — Recepção, na Escola, das altas autoridades federaes e estadoaes ;

A'S 6 1/4—Missa Campal, celebrada pelo Revdmo. Vigario desta freguezia, com assistencia de S. Exa. Revdma. D. Helvecio Gomes de Oliveira, Arcebispo de Marianna, e, em seguida, benção geral do estabelecimento ;

A'S 7—Visita inaugural aos laboratorios ruraes, campos experimentaes e outras dependencias da Escola ;

A'S 7 1/2—Inauguração da grande avenida da Escola e visita á cidade ;

A'S 7 e 45—Benção do edificio principal e sessão solemne inaugural, no salão nobre da Escola ;

A'S 8 e 45—«Lunch» offerecido ás altas autoridades presentes e demais pessoas gradas ;

A'S 9—Partida das altas autoridades com destino a Ponte Nova, onde será oficialmente inaugurado o ramal Marianna - Ponte Nova.

DOMINGO, 29

A'S 8 1/2 HORAS—Missa Solemne na Matriz, em acção de graças pela inauguração official da Escola, gentilmente dedicada a esse fim pelo Revdmo. Vigario Padre Alvaro Corrêa Borges ;

A'S 12 HORAS—Hasteamento solemne da Bandeira Nacional no edificio principal da Escola ;

A'S 13 HORAS—Festa desportiva no «ground» da Escola, na qual serão disputadas diversas provas de atletismo e um «match» de «foot-ball» ;

A'S 20 HORAS—Grande baile, dedicado pela Municipalidade, em signal de regosijo, aos Drs. P. H. Rolfs, director da Escola, e Bello Lisboa, engenheiro-chefe da construcção da mesma.

Abrilhanterão os actos as apreciadas bandas de musica "LYRA DOS PALADINHOS" e "ESCOLA SUP. DE AGRICULTURA e VETERINARIA".

Para maior realce do programma acima, pede-se o comparecimento do povo viçosense e dos municipios visinhos.

Convite para a inauguração da ESAV (Escola Superior de Agricultura e Veterinária), agosto de 1926.



Placa em homenagem a P. H. Rolfs em frente ao Rolfs Hall no campus da Universidade da Flórida, em Gainesville, Flórida, EUA.



Recepção à comitiva convidada para a inauguração da ESAV, agosto de 1926.



Membros do corpo docente do início dos cursos na ESAV, destacando-se:
1 Diogo Mello, 2 Bello Lisboa, 3 Humberto Bruno, 4 Hambleton, 5 Rhoad, 6 Mário Machado,
7 Menicucci, 8 Lanna, 9 Donato, 10 Dorofeff, 11 Emmerich e 12 Duque.

Primeiros professores da ESAV, 1926.



Professores e participantes da Primeira Semana do Fazendeiro, 1929.

Campus da ESAV, 1930.



Campus da ESAV, 1930.



Obra de preparação da Reta. A pista acertada usando-se dormentes arrastados com bois, vendo-se as magnólias recém-plantadas.



Assim ficou a Reta, com as magnólias crescendo nas laterais.



Aula de educação física com o instrutor Kümmel durante o Mês Feminino, 1934.



Armazém e estábulos da Agronomia, dos anos 1920.



Professores da ESAV, em 1940.

A partir da esquerda, sentados: Jurema, Vanetti, José Sant'Anna, Diogo, Carneiro, Lanna, Corrêa, Nello Rangel e Raymundo Faria. De pé, primeiro plano: Osmani, Beck, Arlindo, Sylvio Brandão, Aníbal, Herman Leonhardt, Potch, Memória, Teodorico, Amaury e Mário Machado. Segundo plano: Snipes, José Cândido, Gonçalves, Erly, Gladstone, Dorofeeff, Paulo de Moraes, Wilwerth, Jardel, Braga, Mattoso, Quintiliano e Pavageau.



Paiol construído nos anos 1920, preservado até os dias atuais.



Primeiros silos construídos no Departamento de Zootecnia.



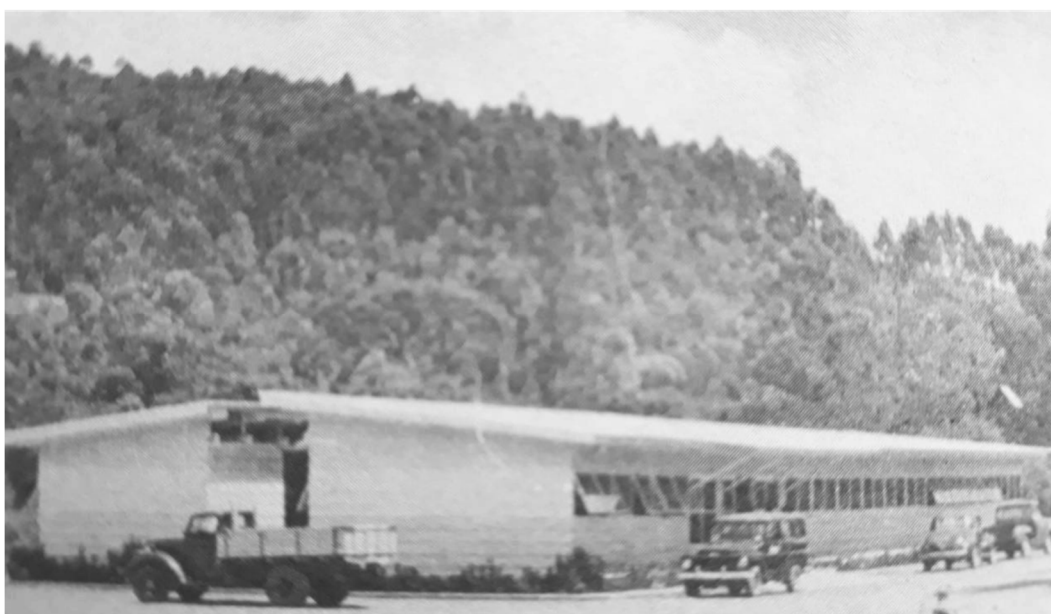
Casa de hóspedes da ESAV.



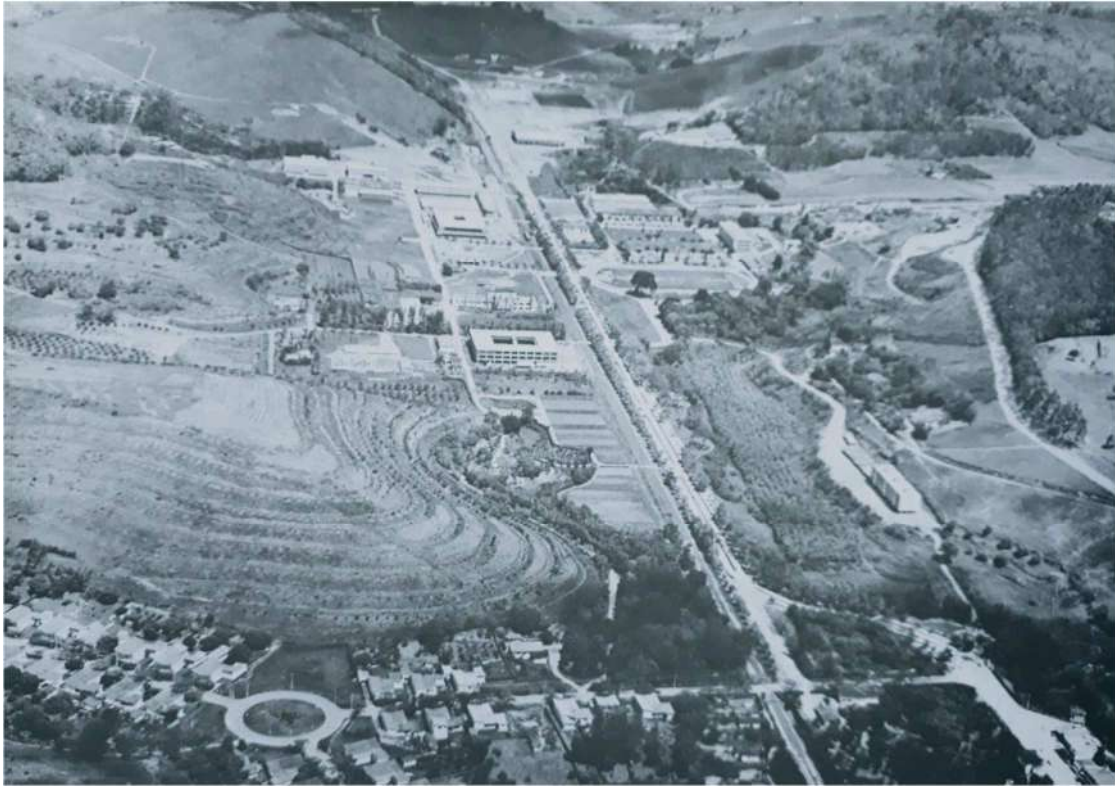
Prédio do antigo correio no campus (restaurado).



“O Gostosão” - Quando foi criada a ESCD (Escola Superior de Ciências Domésticas) na UREMG, em 1952, com a chegada das primeiras alunas, necessitavam de um meio de transporte para elas. O reitor na época conseguiu um ônibus Ford de fabricação francesa, por meio do Convênio Purdue-UREMG para o transporte das alunas. Tinha um motor muito fraco e não era usado para viagens mas, sim, para o transporte das alunas pelo campus ou para o *footing* na praça da cidade. Como era o único que pegava todas as alunas da época, foi apelidado de “O Gostosão”.



Prédio da Escola Superior de Florestas, anos 1960.



Campus da UREMGM, década de 1960.



Campus da UFV, década de 1970.



Ônibus dirigido por Seu Zé “aperta o pé”. Levava os alunos do Agrotécnico desde o alojamento no Colégio de Viçosa até a UREMG.

VIDA NO CAMPUS



Marcha Nico Lopes – discurso solene lido em rolo de papel higiênico na Praça Silviano Brandão.



Ônibus para as aulas no Fundão. Ia, mas nem sempre voltava.



Desfile de atletas do Kavanhaque. Ao fundo, alojamentos velho e novo.



Da esquerda: José Batuíra de Assis, Jarbas Yukio Shimizu e Ênio Fernandes da Costa, juntos ao Departamento de Economia Rural.



Aventura arriscada no pomar, com ou sem veneno.
Sem nomes para não comprometer ninguém.



Aula prática de preparo do solo.

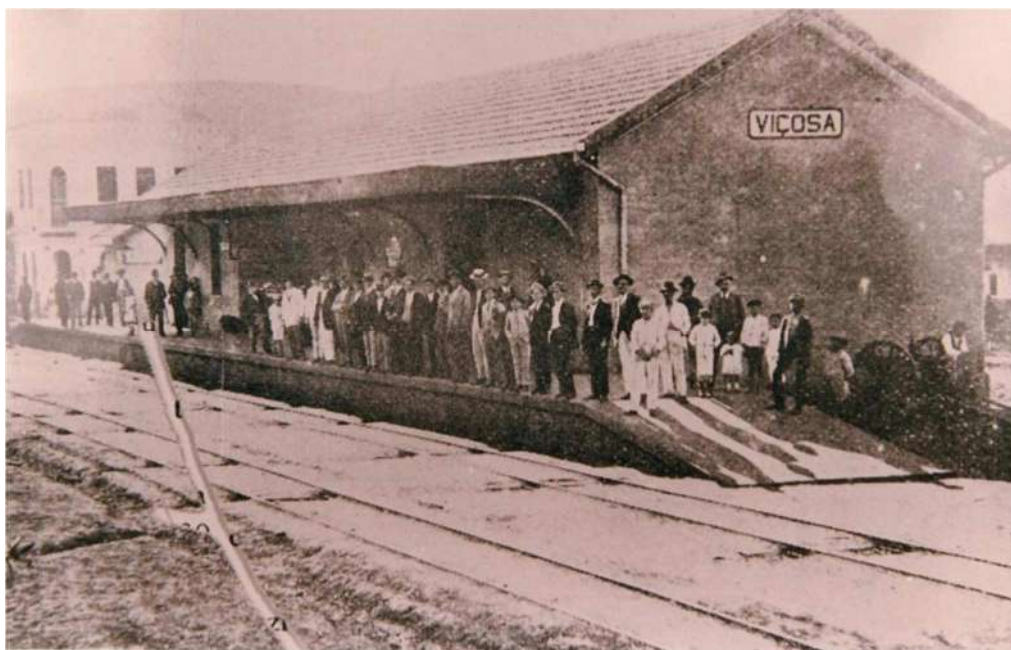


Hermeval Guerini e João Bosco de Carvalho na aula de colheita.



Intervalo na aula de mecanização agrícola – da esquerda: Antônio Carlos de Freitas, Ênio Fernandes da Costa, Luiz Cláudio Gallerani Penedo, Aloísio Geraldo Soares Osório, Eduardo Marciano Lopes, Morethson Resende e Edson Teixeira Filho.

VIÇOSA DESDE OS TEMPOS ANTIGOS



À espera do trem na Viçosa de outrora.



A “Maria-fumaça” ligava Viçosa ao mundo.



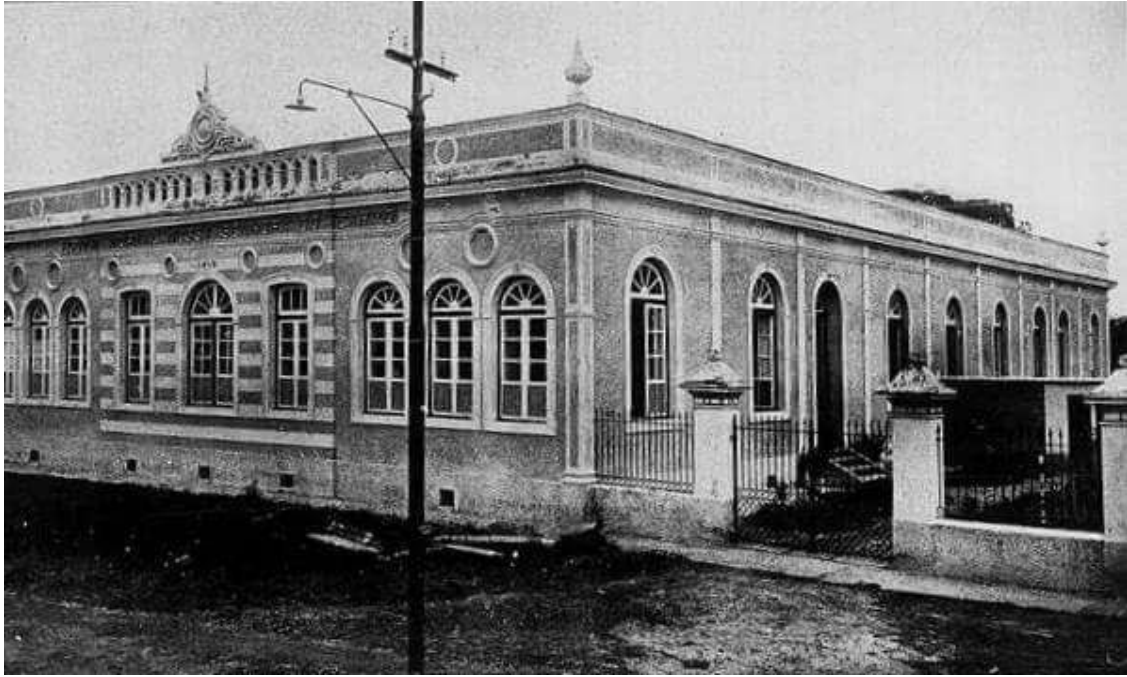
Praça Silviano Brandão, palco de muitas paqueras, em frente à Igreja Matriz.



Praça Silviano Brandão nos anos 1960.



Praça Silviano Brandão de outro ângulo.



Escola Normal N. S. do Carmo de Viçosa, onde muitas nativas estudaram.



Posto Esso – abastecimento e serviços (na rua).



Início da Av. Bueno Brandão, próximo à agência dos Correios.



Casarão na Praça da Estação, resistindo ao tempo e à modernização.



Curva no final (ou início) da Reta.



A Reta nos anos 2010.



Igreja Matriz nos anos 2010.